

TRILOGIA CORES - VOLUME 2

Sombras da **Primavera**

Maldição do mago

Keila Gon



SOMBRAS
da primavera
Maldição do mago

Keila Gon

Copyright ©2016 de Keila Gon

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica –, sem a autorização prévia do autor.

Revisão: Mundo Uno Editora

Capa: Lari Azevedo

“As mais lindas palavras de amor são ditas no silêncio de um olhar.”

Leonardo Da Vinci

Índice

[PRÓLOGO](#)

[Escolhas difíceis](#)

[Jardim Vermelho](#)

[Febre do Dragão](#)

[Déjà-vu](#)

[Ex-amigo](#)

[Renegociação](#)

[Futuro](#)

[Escolta](#)

[Coragem](#)

[Visitas noturnas](#)

[Detalhes importantes](#)

[Família](#)

[Compromissos](#)

[Terra da Luz](#)

[Conselho da Tradição](#)

[Buraco negro](#)

[Herança](#)

[O presente](#)

[Aniversários](#)

[Pacto de Futuro](#)

[Esperança](#)

[Maldição](#)

[Sombras da Primavera](#)

[Ludwig](#)

[A Busca](#)

[Dimensão das Sombras](#)

[Acerto de contas](#)

[Epílogo](#)

*“De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento*

*E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.”*

Vinicius de Moraes, Soneto de Fidelidade, 1960.

Quatro meses antes das...
“Sombras da primavera”
Vincent Dippel

“Cuide das pessoas que você ama, sinceramente, quando a vida separar seus caminhos não haverá arrependimentos.”

Admirei a letra elegante de meu pai por um breve segundo, absorvendo a intensidade daquelas palavras. Elas eram seu legado. Meu pai lutou com sua maldição, deu sua vida por quem amava... por nós, sua família. E este pequeno pedaço de papel era um lembrete de como falhei em honrá-lo. Previsivelmente, meus olhos arderam no calor violeta.

Dobrei o papel amarelado pelo tempo, enquanto a familiar onda de culpa tomava meu corpo, enrijecendo cada músculo com a saudade de minha mãe. Com cuidado, devolvi minha herança dentro do livro secular. O ritual não mudava, e isso era tudo o que tinha... Arrependimentos.

Uni as capas de couro, adornadas com veludo violeta, e guardei o *Gramaire* de meu pai na gaveta da cômoda novamente. No movimento, contemplei as nuvens escuras que roçavam a vidraça; anunciando mais um dia chuvoso. Aristela não ficaria feliz com isso. Precisava controlar meu humor, neutralizar meus sentimentos em um escudo de poder antes que a cidade nadasse em mais uma tempestade torrencial. Minha tutora dizia que o clima de Campo Alto já havia sofrido interferências suficientes da montanha... e se culpava por isso. Mas, assim como ela, eu não conseguia disfarçar a saudade de minha mãe. Ou minha culpa. Na verdade, não entendia sua preocupação com esta cidade e seus moradores mexeriqueiros. De qualquer forma, o clima não parecia relevante para este mundo apressado, que precisou incluir mais uma estação em seu calendário para justificar suas próprias mudanças. Para o outono deles, uma chuva a mais era perfeitamente aceitável.

O calor violeta pulsou em meus olhos mais uma vez. Em um breve momento de alívio, desfiz meu escudo, liberando a onda de poder que correu meu corpo. Por um minuto contemplei a chuva que começava a cair lá fora. E um minuto foi tudo o que tive.

O familiar som estridente ecoou pelos corredores de pedra, dissipando minha concentração. A voz irritante da elfo de fogo veio me lembrar de meu martírio diário. A rotina de um mundo ao qual não pertencia. Quase sorri, e o

humor era um reflexo da compaixão que senti de mim mesmo. Eu não pertencia a nenhum dos mundos. Não mais. Era um estranho vagando no que alguns chamariam de vida... Talvez a benevolência de Viviana e Alex, ao me resgatarem no bosque depois do ataque de Ludwig, fosse minha punição.

A dona da voz estridente insistiu, golpeando a porta do meu quarto com batidas ininterruptas. Rangi os dentes

– *Sombr...* Senhor Vincent?

Era óbvio que ela fazia isso de propósito.

Fechei as mãos em punho, concentrando o fluxo de poder que corria por minhas veias.

– Alex e Viviana o estão chamando na cidade! – pausa – Senhor? Mago das sombras... está aí?

A voz estridente trazia o chamado da realidade. E, nela, eu era um *mago das sombras* comportado. Ou quase.

– Senhor Vincent? – uma expiração forte se tornou audível. – Ora, mago... Tenho mais o que fazer. Está aí?

A pergunta acompanhou mais batidas impacientes, que ecoaram pela madeira. Eu, realmente, detestava aquela elfo. Os golpes persistentes incitaram o poder que formigava por meu corpo, pedindo para ser liberado. Imaginei como seria divertido descarregá-lo naquela porta e a imagem mental da elfo de fogo voando pelos ares me fez sorrir.

Uma fração decimal de poder escapou conscientemente, seu calor ardeu em minha pele enquanto erguia dois dedos para a porta. Senti a onda pulsante deixar meu corpo em um espectro violeta e, sob o meu comando, ela atravessou a madeira, atingindo seu alvo. O som oco de um corpo se chocando contra a parede do corredor levantou meus lábios com satisfação. O murmúrio agudo exasperou alguns xingamentos, entre eles uma palavra... *Sombrio*. Mas era exatamente isso o que eu era. Fechei os olhos, reunindo meu poder enquanto ouvia os passos apressados da elfo se afastando pelo corredor. Com esforço, reprimi a onda violeta que tremia em meu corpo, fechando-a em meu escudo.

Era verdade que encontrei a dor e a mentira nas sombras, mas nela era respeitado. E nunca fui tão forte. Na luz, era apenas mais um. Amaldiçoado, excluído. Neste recomeço torturante fui forçado a reaprender a magia com limitações e, depois do que vivi, aprendi a engolir minha dignidade. Agora era grato por viver em *meu* inferno, e apenas lamentava por ser um intruso em minha nova família... No fim, isso me definia perfeitamente.

O apoio incondicional deles era algo incompreensível para mim, e merecer sua confiança é o que me segura nesta montanha. Aristela e Nicolau só me receberam por amor à memória de minha mãe. E por ela lhes devo meu

máximo esforço, contendo, todos os dias, o desejo de procurar por Ludwig e vingar sua morte e a de meu pai. Tenho plena consciência do que minha presença custa aos Von Berg... Nestes anos cruzei com olhares acusadores de todo o tipo de ser mágico; sei que eles me culpam pela morte de Christine Dippel e, ironicamente, esta também é minha opinião. Se não tivesse me aprofundado na busca de poder nas Sombras, as coisas teriam um fim diferente. E esse “se” é o pesadelo que vai me torturar pelo resto dos meus dias.

O calor violeta pulsou em minhas veias, junto com meu remorso.

Com uma longa inspiração ergui o escudo de poder para controlar minhas emoções. Não poderia cometer mais nenhum deslize, já havia extrapolado a cota do dia. Deveria permanecer longe de confusões, vencer a batalha constante entre ceder e lutar para honrar minha “nova” família. E lembrei-me da principal lição neste recomeço: *o certo nunca seria fácil*. Caminhei para a porta, ao encontro de minha fatídica rotina diária, e no meio do caminho fui surpreendido pelo brilho revelador do “Espelho de Nereu”.

Parei abruptamente, e voltando para a cômoda alcancei o espelho de minha mãe antes que a imagem sumisse, curioso com mais uma revelação... Dois dias atrás, depois de décadas inerte, o espelho de minha família revelou uma visão enigmática que, pela imprecisão da imagem, julguei ser uma visão de futuro. O que me incomodava é que não consegui encontrar justificativa para a figura borrada da garota triste, e a lembrança daquele rosto havia se tornado meu mais novo mistério perturbador.

Segurei o espelho pela moldura prateada com ansiedade, esperando uma nova pista enquanto a imagem se solidificava. Mas o quadro era o mesmo de dois dias atrás. Com a diferença de que, desta vez, a representação estava nítida permitindo-me apreciar os detalhes. A garota de traços tristes parecia concentrada, estava curvada para frente e olhava fixamente um ponto distante enquanto mordiscava o lábio inferior. Algo escorreu ao seu lado. Água. E ela se assustou. Estava dirigindo, e isso pareceu um tormento. A garota levantou os olhos para o espelho retrovisor, mas não olhou a estrada, em vez disso procurou algo no banco de trás. E por um longo segundo a dor cruzou seus olhos. Incompreensivelmente, fui solidário com seu sofrimento. Ela inspirou profundamente, concentrando-se mais uma vez no caminho à sua frente... E isso foi tudo. A imagem começou a se dissolver.

Em instantes, tudo o que via era meu próprio reflexo.

Notei que meus olhos estavam claros e, apesar de isso ser uma raridade, não pareceu importante para ocupar minha atenção. Sem perder tempo, solicitei a última imagem do espelho. Um instante e o brilho reflexivo reuniu cores, compondo o quadro novamente. Minha respiração acelerou. A imagem da garota

prende meus olhos enquanto eu memorizava cada detalhe... os cabelos castanhos esparramados por seus ombros, cachos desfeitos enroscando-se em seu pescoço, tocando o queixo arredondado, contrastando com a pele e suave. Meus olhos subiram para os lábios cheios, o nariz delicado... Estudei cada curva daquele rosto angelical, a ideia era encontrar uma explicação, qualquer possibilidade que ligasse aquele reflexo a mim... Mas, ao fitar seus olhos amendoados, doces e ternos, algo inexplicável aconteceu. Um calor, ainda mais feroz que meu poder explodiu em meu peito, sufocando minha respiração acelerada, descontrolando a onda de calor violeta que pulsou em minha pele, fulgindo a aura azulada impossível de conter.

Mas... O que era aquilo?

Envolvido pela tempestade em meu peito, assisti à imagem arrebatadora se dissolver mais uma vez. Tudo o que restou no vidro reflexivo foi meu rosto atordoado. Pisquei duas vezes, contemplando meus olhos turquesa. Inspirei com dificuldade e chamei pela imagem da garota mais uma vez.

PRÓLOGO

Bati a ponta da caneta no livro de capa dura de forma ritmada, mas nada veio à minha mente. Olhei minha última anotação... A letra corrida e acalorada estava carregada de emoção, de esperança, e me lembrar daquele dia acordou meu frio polar. Como descrever meus sentimentos agora?

E, antes que a primeira lágrima caísse, a caneta pousou no papel...

“Eu não esperava por nada, além de ver o tempo da minha vida passar, quando meu coração letárgico começou a bater ferozmente. A princípio sem a minha permissão, e depois com toda minha paixão. E, por mais confuso que fosse esse amor, acreditei que podia ter tudo: um recomeço, uma vida completa, meu final feliz. E tentei. Aceitei esse mundo mágico e perigoso, acreditei no amor que aquecia meu peito, um amor tão certo quanto o destino... mas o medo destruiu minha felicidade. E agora, em meio às cores da primavera, meu coração procura as sombras. Mas a escuridão não é triste, ela me dá esperança, e é nela que procuro meu amor.”

Algumas lágrimas molharam as bordas do livro e eu o fechei.

Enxuguei meu rosto corajosamente e apaguei a luz. Tateei até a cama e me deitei. Mais uma vez encarei a escuridão esperançosa e lutei com o cansaço por horas para não fechar meus olhos.

Escolhas difíceis

Abri a porta com um sorriso agradecido, e o entregador, esbaforido, deixou a caixa na área de serviço. Encarei o embrulho com certa apreensão, mas depois da primeira olhada as coisas não pareceram tão cabeludas quanto George insinuou. Instalei a secadora em minutos, espiando o relógio da cozinha enquanto Alice se divertia com a caixa de papelão – as roupas de minha irmã não apareciam por mágica na gaveta. Infelizmente. E o clima úmido do inverno na montanha, somado às aulas extras de magia no quintal do palacete, estavam esgotando o estoque de roupas limpas de Alice. Mas meu tormento cotidiano estava perto do fim... Com um sorriso aliviado atirei as roupas que apinhavam a área de serviço dentro do tambor e liguei a secadora para sua primeira tarefa. Peguei o último casaco limpo e corri para a porta, carregando minha irmã pelo braço... Estávamos atrasadas!

Agora tínhamos uma nova rotina. Eu ainda ajudava George na revendedora enquanto Alice estava na escola, mas, depois do almoço, assim que ele voltava ao trabalho, eu e Alice corríamos para o sedã a caminho da casa dos Von Berg. E hoje, graças à entrega, estávamos muito atrasadas!

Senti o volante tremer em minhas mãos, sabia que o velho sedã não era a melhor opção para as saliências da estrada de terra, muito menos para as curvas sinuosas e, pelo barulho da lataria, acabaria se despedaçando se acelerasse mais.

Em dias normais, eu levava o dobro do tempo habitual de Vincent para chegar aos portões de ferro retorcido do palacete. E hoje, parecia ainda mais lenta. Finalmente avistei a imponente construção de pedra e contornei o chafariz de mármore com habilidade. Estacionei de qualquer jeito e pulei do carro apressada. Alice teve de correr para me acompanhar, mas quando chegamos ao Jardim Amarelo, meu galã de filme antigo já estava lá.

Soltei o ar entristecida e diminuí o passo, havia perdido meu desfile particular.

Vincent estava sentado no gramado verdejante – nosso ponto de encontro – e observava o bosque de cerejeiras de forma distraída. Alice soltou minha mão ao avistar Aristela entre as macieiras e, depois de um rápido abraço em Vincent, correu até a dedicada tutora.

Minha irmã adorava as aulas de magia e, apesar da pouca idade, estava progredindo rapidamente. Em um mês já dominava a maioria dos elementos, e hoje receberia a introdução de uma habilidade que já desenvolvia havia algum tempo: o controle da matéria. Acompanhei a ansiedade de Alice com os olhos e

me aproximei de Vincent sem pressa.

– Você demorou – ele resmungou com um sorriso que tentava parecer torturado.

– Contratempos domésticos – justifiquei, sentando-me ao seu lado. Ele esticou o braço para colocar um cálice de cristal entre nós, e analisei com surpresa as suculentas formas arredondadas de um bordô brilhante... – Cerejas?

Vincent sorriu timidamente.

– Achei que gostaria de experimentar as primeiras da temporada de Aristela.

Levantei os olhos para o bosque de cerejeiras à nossa frente, e as árvores estavam milagrosamente cheias de pequenos cachos vermelhos. Curioso... ontem mesmo elas ainda estavam em flor. Desta vez observei com suspeita as macieiras, que continuavam pintadas de vermelho. Como sempre. Claro! Isso era magia!

Voltei meus olhos surpresos para o rosto incomodado ao meu lado. Sabia que ele não me explicaria aquilo, principalmente depois de prometer me afastar de tudo o que pertencesse ao Mundo Mágico. Mordi o lábio... Quantos outros detalhes mágicos estavam ao meu lado sem que eu percebesse? Meus olhos se perderam no rosto impassível do mago das sombras, e desejei com minha alma fazer parte do seu mundo.

– Como você sabe que eu...

Vincent se curvou com rapidez e alcançou meus lábios, interrompendo-me no meio da pergunta. O beijo-surpresa acelerou meu coração, acordando um batalhão de borboletas em meu estômago. Jamais me acostumaria com isso.

Ele se afastou com um sorriso travesso, sabia que estava me distraindo, mas já havia esquecido todo o resto.

– Não foi difícil, meu paladar é aguçado – disse com os olhos faiscando... e recordei o sabor do meu lip balm. – Além disso, você disse que gostava de cerejas quando veio aqui pela primeira vez – Vincent se endireitou ao meu lado, e eu o encarei, admirada por ele se lembrar. – Você quer caminhar? – perguntou desanimado.

Sorri empática.

– Não estou com vontade.

Vincent deitou de costas na grama com um suspiro relaxado... Eu apenas admirei. Depois, levei uma suculenta cereja à boca e me deitei ao seu lado. Ele me espiou com o canto dos olhos e sorriu satisfeito. Ainda admirando o brilho nos oceanos turquesa, desejei poder parar o tempo. Poderia viver a eternidade assim, sem pressa, sem preocupações... ao lado dele.

– Você não vai provar as cerejas?

– Quero provar quando você acabar – disse com a voz ronronada. – Estou curioso para saber se vai realçar o sabor – completou provocador.

Corei, e me estiquei para encontrar seus lábios. Vincent me laçou pela cintura, puxando-me para seu peito. Ele me apertou contra seu corpo enquanto saboreava meus lábios com vontade. Seu beijo me deixou sem fôlego e, cedo demais, ele me afastou.

– É melhor do que imaginei – emendando um suspiro, ele me acomodou em seu ombro, envolvendo-me com um dos braços.

Eu o espiei com a respiração ofegante, desejando ser tão controlada.

Nas últimas semanas, Vincent estava trabalhando o controle de seus rompantes impulsivos, e isso era imprescindível depois das ameaças de Félix de expulsá-lo da montanha. – O desconfiado elfo de fogo era um dos membros do Conselho Mágico e acusou Vincent de ser o assassino de Piro, um elfo de olhos inóspitos, que morreu nas mãos de um mago das sombras. Eu sabia que Vincent não era o único mago das sombras que esteve na passagem da Terra das Sombras naquela noite, e o sorriso perverso do outro mago ainda me dava calafrios. Mas estava convencida a manter meu segredo. Não havia necessidade de criar uma nova crise com a revelação. Enquanto as coisas permanecessem diplomáticas na montanha, guardaria meu segredo – De qualquer forma, faria bem a Vincent se controlar um pouco. Só não esperava que seu autocontrole também se aplicasse a mim.

Ele contemplava o céu azul, salpicado de nuvens brancas acima de nós, e, com movimentos delicados, enroscou sua mão na minha.

– Gosto disso.

– Eu também... – murmurei distraída, sentindo o calor de seu corpo me aquecer com pequeninos choques. – As nuvens sempre formam desenhos interessantes.

Notei que ele segurava um sorriso apertado.

– Estou falando “disso” – Vincent levantou nossas mãos unidas no ar. Pelo visto, ele não estava tão distante dos meus pensamentos. Sorri encabulada. – Gosto de poder tocar em você quando tenho vontade. Houve uma época em que me torturava por não poder fazer isso. Com receio que tivesse medo de mim... do que sou. Do meu Mundo.

Ele levou minha mão aos lábios para beijá-la e no mesmo instante eu me virei de lado. Precisava ver seu rosto com clareza, e não gostei de encontrar a melancolia em sua expressão. Sabia do que ele estava falando, a linhagem mágica das sombras, sua herança. E, confesso, foi um choque ouvir em alto e bom som que o homem que eu amava descendia de “Demônios das Sombras”... O significado da palavra com “D” flutuou em minha mente. Mas, ao encontrar

os oceanos brilhantes, não pude deixar de sorrir. Sua linhagem não importava. Eu já havia aceitado quem ele era, há muito tempo.

Deslizei meus dedos por seu rosto perfeito.

– E eu me torturava por não poder fazer isso – falei tímida. Um sorriso iluminou os olhos turquesa, enquanto a brisa balançava seus cabelos cor de carvão. Contemplei a beleza hipnótica do mago à minha frente, que viu e viveu coisas inimagináveis. Acompanhei as curvas do seu corpo com os olhos e emendei um sonoro suspiro de impotência. A comparação era sempre injusta. – Mas ainda tenho o mesmo medo... – murmurei, incomodada – que me enxergue ao seu lado e perceba que não tenho nada para oferecer a alguém como você – Vincent ficou em silêncio e eu entrei em combustão. Senti o calor correr pelo meu rosto e com os olhos fixos em nossas mãos, continuei. – E não estou falando apenas de experiências, poderes, magia. Você sabe, eu... eu sou comum. Em todos os sentidos. E “aqui” isso não tem valor.

Vincent soltou minha mão, procurando meus olhos.

– Você tem todos os valores que eu poderia desejar – disse com voz ronronada, afagando meu queixo com o dorso dos dedos. – E você realmente não imagina o que me atraiu?

Corei mais uma vez, se ainda fosse possível.

– Posso afirmar que não vejo nada de atrativo em mim – falei sem jeito, querendo me chutar por ter entrado “nesse” assunto.

Mas era verdade. Eu nem sonhava com a beleza inumana de Viviana, e me comparando a Rose ou a qualquer outra mulher com o mínimo de desenvoltura, não me achava capaz de acumular atrativos ou espalhar encantos. Para mim, a atração de Vincent ainda era um mistério. Um mistério milagroso!

– Acho sua lista de atrativos bem extensa... – Vincent disse tenso, quase incomodado. E, com movimentos rápidos, sentou-se ao meu lado. Observei sua reação com cautela e tive receio de ter despertado uma realidade a qual ele não tinha se atentado antes. Mordi o lábio, esperando que continuasse. – Mas, na dúvida, podemos comparar minha lista com a do seu vizinho... o tal Arthur. Acho que ele nutre a mesma admiração por seus dotes.

Encarei Vincent, surpresa. E meu choque logo se transformou em uma careta de reprovação. Era desnecessário, para não falar inconveniente, envolver Arthur nessa conversa. Para falar a verdade, não entendi “por que” ele veio parar nela. Nas últimas semanas não mencionei Arthur, sentia-me culpada apenas por pensar nele, e tenho certeza de que fui discreta o suficiente para que Vincent não precisasse recordar da existência do meu ex-amigo. Se ter Vincent ao meu lado era uma possibilidade única, como ganhar na loteria, não queria arriscar perder meu bilhete premiado. Por “isso”, não deveria aceitar sua provocação.

Respirei fundo, controlando meu gênio.

– Se quer saber, acho que você ficou atraído pela minha impertinência – provoquei para fugir do assunto. – Admita... você estava cansado da simpatia amedrontada do resto da cidade.

Vincent levantou-se, esticando as mãos para me ajudar a levantar também. O rosto escondendo alguma preocupação.

– Realmente, as palavras que ouvi de você naquele primeiro dia fizeram suas boas maneiras ofuscarem sua aparência – ele riu com algum humor, e soltei o ar, aliviada. A lembrança do palavrão raivoso, que joguei nas costas do BMW depois do banho de lama, me constrangeu. Mas fiquei feliz por ele tentar superar seu mau humor, isso era um progresso. Vincent dançou os olhos em meu rosto. – Mas, se quer saber, me apaixonei por seu espírito audacioso... Repleto de uma certeza que nunca tive.

O calor voltou a aquecer meu rosto, graças ao elogio inesperado.

– *Realmente*, minha beleza não poderia ser motivo suficiente – murmurei disfarçando.

Surpreendendo-me com o gesto, Vincent segurou meu rosto entre as mãos, prendendo meu olhar.

– Sua beleza é pura, Melissa... encantadora. Ela enfeitiçou meu corpo e sua bondade enfeitiçou minha alma.

Estava petrificada, fitando a intensidade brilhante dos oceanos turquesa enquanto Vincent se aproximava. Seu toque quente provocou reações imediatas, levando minha pulsação aos ouvidos... Mas antes que seus lábios me tocassem, estampidos borbulharam no jardim amarelo atrás de nós. O mago das sombras me apertou em seus braços e meu instinto me colocou em alerta de perigo. Meus olhos procuraram por Alice, e soltei o ar quando encontrei minha irmã no bosque ao lado de Aristela, cercada por maçãs flutuantes.

– Você precisa ajudar, Mago. Está acontecendo... de novo. Eles estão furiosos! – a voz aguda alcançou alguns decibéis atrás de nós.

Olhei por cima do ombro e vi os cabelos cor de cenoura de Lume balançando no topo de sua cabeça em cachos mal arrumados. Ela retorcia o avental comprido entre as mãos, e a cena me pareceu muito familiar.

– E por que você insiste em provocá-los? – Vincent resmungou com má vontade, afrouxando os braços.

– Mas eu só estava usando a passagem! – ela exclamou em um tom ainda mais agudo.

– Então não use – ele retrucou sem paciência. – Todos sabem como eles são possessivos.

– Mas por lá chego bem mais rápido à plantação de cogumelos – Lume

justificou indignada.

E lembrei por que a cena era familiar. Já havia presenciado o mesmo problema, mas, daquela vez, não tinha a compreensão dos fatos. Isso não significava que agora eu tinha.

– Da próxima vez, vá pelo caminho mais longo – Vincent rosnou.

– O problema é que eles ameaçaram tirar satisfações com Félix, e não posso me envolver em confusões com o Conselho! – Lume choramingou aflita, mas Vincent continuou impassível. – Não tenho a quem recorrer, *Sombrio!* – exclamou exasperada – Nicolau está cumprindo seu turno de vigilância com Heros, percorrendo as divisas da Terra da Luz... Alex e Viviana estão fora da montanha e tenho ordens para nunca interromper as aulas de Aristela. – A elfo levantou os braços com um som irritado. – Por toda a lava do mundo, Vincent... Você é um Von Berg! E preciso de ajuda! Não chamaria “você” se tivesse outra opção.

Vincent lançou um olhar irritado para a elfo de olhos amarelos.

– Esta vai ser a primeira e última vez, Lume – disse a contragosto. – Vá na frente. Encontro você lá.

Lume girou nos calcanhares e virou uma bola de fogo no ar. Pulei nos braços de Vincent por reflexo, não conseguia me acostumar com aquilo. A bola de fogo cruzou o ar fluando sobre as flores amarelas e desapareceu dentro do arco de pedra no meio do jardim. Balancei a cabeça, incomodada com minha ingenuidade. O arco de pedra... Ele era uma passagem para o Mundo Mágico!

Sabia que os três jardins do palacete representavam três reinos distintos da Terra da Luz. O azul dos elfos de luz, o amarelo dos elfos de fogo e o vermelho dos duendes. Também sabia da existência de mais um portal, para a Terra das Sombras. E, embora suspeitasse de sua localização, não tinha certeza. O importante era que cada uma destas passagens levava ao Mundo Mágico. Sendo assim, pensei que fosse algo mais complicado. Com palavras secretas ou chaves mágicas. Pelo amor de Deus, eu passava ao lado do simplório arco de pedra todos os dias! Se soubesse “o que” ele era, provavelmente teria... Suspirei longamente. Certo. Eu não era louca para fazer isso sozinha. Ainda não. Além disso, Vincent não queria que eu me envolvesse com o Mundo Mágico e seus riscos desnecessários. Mas, neste ponto, eu já duvidava que houvesse tantos riscos assim. Considerava a luta com Piro na Terra das Sombras como um evento isolado e, depois de algumas conversas com Nicolau, descobri que até a Terra das Sombras possuía belezas. E eu me lembrava delas... Como o magnífico bistrô e suas luzes na vista da janela. No fundo, sabia que a paranoia pessimista de Vincent criava boa parte dos “riscos” que ele tanto temia.

Estava sendo compreensiva com os medos do homem que amava, mas

até os assuntos de nossas conversas eram cuidadosamente escolhidos por ele. E não sabia por quanto tempo poderia suportar essa exclusão. Encarei o rosto taciturno ao meu lado e não consegui segurar minha careta aborrecida. Ele valorizava sua palavra e seu silêncio fazia parte de nosso acordo, o que ele não entendia é que “não saber” dos detalhes desse outro mundo me fazia sentir uma desatenta idiota.

– Desculpe pela interrupção – resmungou rabugento. – Pelo visto, é minha vez de resolver problemas domésticos.

Vincent não demonstrava empatia pelos seres da montanha e a única exceção, claro, era sua família, os Von Berg.

– Tudo bem – murmurei de má vontade, incomodada por outros motivos.

– Estou cansado disso! Não vejo a hora de me mudar. Ficar o mais longe possível desses seres encraveiros – desabafou impaciente.

O fato é que Vincent não queria se envolver com os problemas do Conselho Mágico e sempre deixou isso muito claro. Para ele, quanto mais afastados, melhor. Soltei o ar com uma lufada dolorida, lembrando-me, de repente, de outro detalhe. Não havíamos voltado à sua casa desde o dia do nosso primeiro beijo, há um mês. E lembrar disso abalou minhas perspectivas. Mordi o lábio inferior ferozmente, ainda mais incomodada. Não era só o Mundo Mágico, Vincent não pretendia me envolver em nenhuma parte de sua vida. E, se fosse assim, onde isso iria nos levar? Qual seria nosso futuro?

– O que foi? – ele questionou ao ler a tristeza em meu rosto.

– Por que nunca voltamos à sua casa? – a pergunta saiu tímida.

Vincent espremeu os olhos entre as grossas sobrancelhas e desviou o rosto rapidamente.

– Porque não houve oportunidade. Afinal, as aulas de Alice são aqui.

Analisei sua expressão e sabia que havia algo escondido ali. A dúvida me golpeou sem piedade... precisava tirar isso a limpo. Girei o pescoço e lancei um longo olhar para Alice. Ela parecia muito concentrada, girando uma maçã do tamanho de uma bola de tênis no ar. Aristela estava protetoramente atrás dela, sua aula estava apenas começando. Sabia que minha irmã estava segura ao lado de sua tutora e ponderei meu plano por um rápido segundo.

– Isso vai demorar? Essa... crise doméstica. Vai ser complicado resolver isso?

Vincent me surpreendeu ao esticar um sorriso malévolo.

– Não. Na verdade, vai ser rápido. Eles têm medo de mim – disse presunçoso. Franzi a testa. – Em casos como este, ser um mago das sombras economiza muito tempo. Esses duendes não ousariam discutir comigo.

Vincent completou a frase com o olhar aniquilador que deveria ser

repreendido. Deveria. A verdade é que ninguém ousava discutir com ele. E para essa regra havia apenas uma exceção: eu. O que prova parte da minha possível insanidade ou a confiança inabalável no meu amor. Ainda assim, tinha receio desse olhar e engoli em seco.

– Fique tranquila. Não vou machucar ninguém. Prometo – disse solene. Sorri, constrangida por ser tão óbvia. – Embora seja tentador jogar um duende tagarela na parede. – Seu tom frio impressionou e eu o encarei, o sorriso indo embora. – Preciso ir. Fique aqui.

Vincent começou a se mover pelos canteiros amarelos e depois de um breve segundo, eu o segui.

– Não vou ficar aqui. Vou com você.

Ele parou; sua expressão preocupada estava direcionada ao arco de pedra ao nosso lado.

– Tem razão, este lugar não é seguro. Além disso, entre elfos de fogo e duendes... eu fico com os duendes. É melhor você ficar por perto.

Vincent tomou minha mão e voltou a caminhar com agilidade. Estava claro que ele não confiava em mim. Isso magoou.

– Você tem medo que eu me aventure pela passagem ou que encontre com Félix do outro lado?

A pergunta o fez parar novamente. Vincent procurou meus olhos, visivelmente aborrecido.

– Meu medo engloba mais que estas duas alternativas a voz grave soou ríspida.

Sem nenhuma explicação ele voltou a caminhar e, com mais dois passos, me arrastou para fora do jardim amarelo. Contornamos o palacete, cruzando a escadaria de pedra. E, em algum momento durante nossa caminhada silenciosa, a percepção aguçada de Vincent notou que meu aborrecimento havia se transformado em ressentimento. Sua mão afagou a minha, mas me desvencilhei dela, magoada demais para receber qualquer carinho.

– Estou apenas tentando proteger você bufou. No auge de “meu” mau humor, cruzei os braços, já estava cansada disso. Vincent girou os olhos, resignado. – Tudo bem, Melissa, diga-me... O que quer que eu faça?

Hora perfeita para colocar meu plano em ação. Precisava descobrir se havia algo mais sério por trás de tanta cautela.

– Quero visitar sua casa – falei decidida, e Vincent arregalou os olhos, pego de surpresa. Quando sua surpresa tornou-se um silêncio profundo compreendi que isso era pior do que imaginava. – Você não me quer lá – afirmei angustiada; minhas suspeitas ficando cada vez mais fortes.

– Não é isso – ele adiantou. Mais calmo do que deveria. – Você é bem-

vinda em minha casa e sabe disso. Mas preciso escolher o que é melhor para você... – eu o olhei feio – para nós – completou rapidamente.

Vincent abaixou a cabeça e caminhou concentrado. Seu discurso duvidoso confirmava minha teoria. Sim, havia algo mais sério. E conhecia sua determinação, o suficiente, para saber que ele poderia me excluir permanentemente de sua vida para me proteger. Mas, se queria dividir uma vida com o homem que escolhi, precisava fazer alguma coisa! Suportei seu silêncio protetor por mais alguns segundos e, desta vez, não me contive. Precisava mostrar que meus sentimentos eram verdadeiros, que era capaz de sobreviver no Mundo Mágico, ao seu lado.

– Até quando você acha que vai conseguir separar o seu mundo de mim? – exasperei a pergunta enquanto parava na calçada de pedra.

Vincent voltou dois passos, seu rosto estampava a conhecida máscara de segredos.

– Você está aqui, não está? – respondeu com outra pergunta.

O velho Vincent estava de volta. Isso me irritou ainda mais.

– Não julgue minha inteligência, Vincent. Estar nas terras do palacete me inclui na vida dos Von Berg, não na sua.

– Não esqueça que você concordou com minha decisão – lembrou aborrecido – E, por falar nisso, há magia suficiente nestas terras para... – ele se esforçou para segurar a palavra na boca – colocar sua segurança em risco.

Nesse momento, minha escassa paciência virou pó. Toda essa cautela era um exagero sem propósito!

– Chega! Concordei em ficar longe das coisas mágicas que podem ser perigosas, mas isso é demais! E, por falar nisso, sua casa não me parece perigosa – rosnei irritada.

Vincent estreitou os olhos e, com um gesto irredutível, cruzou os braços.

– Não vim de carro, Melissa – murmurou repreensivo.

– Vamos no meu – propus.

– Na velocidade em que seu carro anda nessas estradas? – perguntou ácido. – Até chegarmos lá, estaria na hora de voltar. E não quero deixar George zangado, vocês já se atrasaram duas vezes esta semana finalizou sério.

Cruzei os braços também. No movimento, notei a sombra das grandes paredes de pedra nos envolvendo, como uma névoa gelada. Inspirei longamente e decidi tomar uma atitude audaciosa para mostrar que estava falando sério.

– Tudo bem. Então vamos do seu jeito. Pela sombra – propus petulante.

Funcionou. Na verdade, funcionou bem demais. Vincent deu um passo à frente com a famosa expressão intimidadora.

– Não quero arriscar mais nada, Melissa! Sua última viagem pela Terra

das Sombras quase levou sua vida, e jurei que isso não vai se repetir – rosnou. – Não quero acreditar em maldições... Mas você não facilita! E, por via das dúvidas, não vou brincar com forças que não posso controlar. Se for preciso afastá-la da minha vida para tê-la ao meu lado, é assim que vai ser.

– Do que você está falando? – perguntei confusa, mas ele não respondeu e voltou a caminhar. Eu o segui indignada por ser deixada falando sozinha. – Como posso estar ao seu lado se não faço parte de sua vida? – questionei em suas costas.

Minha resposta foi um grunhido irritado.

– Estou sendo excluída de todas as maneiras, Vincent! E isso não é justo!

Vincent não se abalou com meu tom descontrolado e acelerou o passo, mergulhando na sombra fria das muralhas de pedra do palacete. Estava quase correndo para acompanhá-lo. Quando consegui, puxei seu braço, fazendo-o parar.

– Quero poder conversar com você sem restrições. Sem segredos! – Ele me olhou com a máscara de indiferença que escondia suas emoções, mas eu não iria desistir. – Quero saber onde você passou seu último aniversário, qual foi seu presente de Natal preferido... E nem sei se vocês comemoram o Natal! – exclamei exaltada – Quero ouvir sobre suas viagens, saber qual o lugar mais bonito que conheceu... E para cada lembrança, vai haver um detalhe mágico. Não dá para separar a magia de você, porque ela é seu mundo!

Vincent puxou o braço de minha mão, endireitou os ombros e ficou ainda mais alto. Seu rosto enfurecido deixou claro que ele discordava de cada palavra.

Respirei fundo, reunindo minha coragem, não iria me deixar intimidar.

– Sei que concordei com isso antes, mas quero renegociar – falei confiante. – Concordo em me afastar do perigo e vou lhe contar todas as minhas experiências e impressões, mas quero conhecer a Terra da Luz e a Terra das Sombras.

Seu rosto se desfigurou em um *mix* de temor e fúria. Vincent balançou a cabeça levemente, sua boca estava aberta, mas ele não pronunciava nenhum som.

– Não faça drama, Vincent... Sei que há outras coisas lá, além das sombras. Eu mesma vi essa parte no bistrô. E Nicolau me falou do “Mar de Estrelas”, do “Deserto Prateado”, do “Jardim de Fogo”. Não vejo problema em fechar meus olhos nas partes amedrontadoras se for para dividir uma *vida* com você!

Ele me olhava de forma concentrada e vi a surpresa voltar ao seu rosto. Engoli em seco, ponderando minhas palavras impulsivas.

– A não ser que você não...

– Você sabe que eu quero – adiantou. A voz grave não era mais que um rosnado.

Vincent estreitou os olhos e, com um único movimento, me puxou para o canto sombreado da muralha de pedra. Encostando-me contra a parede, ele apoiou os braços ao lado do meu corpo, prendendo-me ali. Meu coração acelerou e corri os olhos ao nosso redor, analisando se havia sombra suficiente para uma viagem.

– Então, você não tem medo do futuro ao meu lado? – perguntou sério.

– Não – respondi com um sussurro controlado.

Claro que eu tinha apreensões, mas a vontade de conhecer o homem que eu amava era maior. Tentei disfarçar minha expressão para que o medo não tomasse meu rosto, mas o sorriso convencido que levantou os lábios de Vincent mostrou que não estava tendo sucesso.

– Feche os olhos – ordenou. E obedeci, imediatamente.

Vincent me espremeu contra a parede e o calor do seu corpo me envolveu. Assombrada pelas lembranças desagradáveis da última viagem, agarrei seus braços... Não iria desistir! Estava decidida a fazer parte do seu mundo e contraí meus músculos, esperando o vento gelado varrer meu corpo e, por alguns segundos, nada aconteceu. Então, senti seus lábios nos meus. Famintos e ferozes como a saudade permitia.

Minha reação automática foi apertar seus braços, trazendo-o para mais perto. Passado o susto, escorreguei minhas mãos por seus músculos até mergulhar os dedos em seus cabelos, entregando-me ao beijo. Mas, desta vez, Vincent estava ansioso demais... suas mãos se apertavam em minha cintura de maneira possessiva, subindo pela pele por baixo da blusa, enquanto seus lábios exigiam uma reação ávida dos meus. Ele nunca havia me beijado assim e em pouco tempo, libertei-me de sua boca para procurar oxigênio. Vincent aproveitou minha fuga para explorar território, sua boca encontrou a pele do meu pescoço e, quando seus lábios chegaram à curva da minha orelha, eu não estava respirando.

– Em minha casa seria fácil perder o controle – disse ofegante em meu ouvido.

Ele afastou o rosto, ainda com a respiração descompassada, e eu não estava muito diferente. Meus olhos dançaram nos oceanos turquesa, que faiscavam um desejo contido, e, quando suas palavras finalmente fizeram sentido, corei. Sabia de que tipo de controle ele estava falando, mas nesse quesito o meu era inexistente, com boas justificativas! A verdade é que não havia pensado nestes detalhes. E fiquei surpresa por Vincent pensar. Mas não era só isso, ele também havia decidido... Por mim.

Levantei o queixo.

– Acho que tenho o direito de opinar sobre isso – falei firme, corando de novo.

Seus olhos dançaram nos meus, ponderando minha determinação. E ele afrouxou os braços.

– “Isso” não está em discussão.

– “Isso” é uma coisa que deve ser decidida em comum acordo.

– No momento, não há o que decidir.

Vincent sustentou meus olhos e algo em seu rosto pareceu quase amedrontado. Mergulhei nos oceanos turquesa, tensos, ansiosos, e entendi que o medo de me incluir em sua vida englobava muitas outras decisões. Mordi o lábio... e meu receio tornou-se certeza, havia mais nessa preocupação do que minha virtude. Ele observou meu silêncio constrangido e aproximou-se para beijar minha testa, a respiração normalizada. Vincent pegou minha mão, e voltamos a caminhar para o Jardim Vermelho enquanto meu coração se apertava dentro do peito.

Jardim Vermelho

Contornamos os muros de pedra sem trocar uma única palavra, mergulhados em nossos pensamentos. Eu o espiava furtivamente, apreensiva, confusa... esforçando-me para desvendar a causa de tanto mistério, a justificativa para ele me afastar de sua vida... mas me rendi a outras distrações que insistiam em ocupar minha mente. Corei inconscientemente enquanto avaliava o mago ao meu lado, que focava o chão com determinação. O fato é que não conseguia deixar de ficar intrigada com seu comportamento. Contrariando o gênero, Vincent ficou realmente surpreso com minha determinação de ir adiante. Mas ele não esperava que eu quisesse ir adiante? Tudo bem, essa era uma decisão séria, um passo importante no nosso relacionamento. Mordi o lábio, atenta ao perfil sisudo do homem belamente desejável ao meu lado... E se ele tivesse aceitado minha provocação? Eu iria adiante?

Vincent finalmente encontrou meus olhos curiosos e desviei o rosto rapidamente, tentando disfarçar outro rubor. E então, algo inesperado ocupou meus pensamentos, o romance de minha mãe – resultado da minha existência. Agora, o desfecho infeliz da história de Angelina piscava em todas as cores de neon, ilustrando minha perspectiva covarde. Soltei o ar num silvo indignado... *Só porque aconteceu com minha mãe, não quer dizer que vai acontecer comigo!* Vincent poderia ser confuso com sua personalidade mutante, mas jamais me abandonaria. *Não é?* Por um breve momento, imaginei o que aconteceria se voltássemos à casa de vidro e ri sem humor. *Qual era meu problema?* Como ele, concentrei-me na calçada de pedra à minha frente e rezei para que não estivéssemos dividindo os mesmos pensamentos.

Precisava de foco, e controlando meus hormônios enlouquecidos, deixei de lado os novos estágios de intimidade do nosso relacionamento, concentrando-me no “real motivo” de sua determinação ao me manter longe do seu mundo... De sua vida! E estava claro que seu plano ousado tinha um único objetivo: me distrair. Pelo visto, ele conseguiu. Droga!

Minha intuição dizia que algo sério estava acontecendo, e me concentrei nesse alerta. E partindo de Vincent, sabia que este mistério era algo que machucaria com a verdade, mas estaria seguro em sua omissão.

Ajeitei o cabelo e, disfarçadamente, procurei pelo perfil do mago das sombras, desejando que o homem ao meu lado, meu namorado, fosse só um pouquinho “menos complicado”.

Depois de contornar mais uma torre do palacete, um enorme jardim

coberto unicamente de flores vermelhas surgiu no meio do gramado perfeito. Na frente dele, a mulher de cabelos cor de cenoura ainda retorcia o avental nas mãos e ralhava com o horizonte. A certa distância, no meio das flores, coisas pequeninas se mexiam com rapidez. Pareciam bonecos de Natal, mas eu sabia que não eram tão inocentes.

Já havia visto os pequeninos outras vezes, de longe, mas não me atrevi a chegar perto. Principalmente depois do aviso de Aristela. De acordo com ela, os duendes eram seres menos simpáticos que os elfos de fogo, portanto, eu deveria manter uma distância segura deles. Isso era confuso, afinal, eles pareciam solícitos no bistrô. Tudo bem, confesso que não reparei nos duendes com atenção durante o jantar. E, na época, nem podia imaginar que os garçons pequeninos eram seres mágicos. Em minha defesa, outros detalhes intrigantes – como penetrantes olhos azuis-turquesa e uma poderosa voz grave – ocuparam minha atenção naquela noite. Mas agora os detalhes mágicos eram muito importantes, principalmente aqueles que podiam elucidar minhas dúvidas sobre esse mundo misterioso e surpreendente.

Suspirei incomodada, a ausência dos desejados “detalhes mágicos” parecia me espetar como farpas afiadas.

Pequenas explosões de fogo se repetiram no céu acima de Lume, despertando-me das memórias angustiantes. Admirei o show pirotécnico com a boca ligeiramente aberta, enquanto vozes infantis ecoavam pelo Jardim Vermelho. Vincent parou na calçada de pedra, ignorando os zumbidos zangados, e segurou minhas mãos juntas, na altura dos olhos, exigindo minha atenção.

– Volto em dois minutos – um estrondo mais alto ecoou atrás dele –, talvez três.

Se não estivesse aborrecida poderia achar graça de sua careta irritada.

Seus olhos sérios buscaram os meus:

– Espere aqui. – ordenou. – Eles parecem inofensivos, Melissa, mas não são. Nada aqui é o que parece. O Jardim Vermelho pode ser traiçoeiro e *não* quero que você entre nele. Fique do lado de fora. Entendeu?

Vincent estava usando aquele tom autoritário de novo, me tratando como criança, desviando de detalhes que não seriam explicados. Estreitei os olhos, agarrando-me à sombra de uma paciência inexistente.

– Sim, senhor – sussurrei com uma dose extra de sarcasmo.

Ele apertou os lábios, sustentando meu olhar.

– Sei que você está brava comigo e não posso mudar isso – disse irredutível, estudando as curvas aborrecidas do meu rosto. E o poder penetrante dos oceanos turquesa começou a agir... desviei o olhar. Não era hora de me deixar seduzir. Vincent soltou o ar ruidosamente – Mas – eu ouvi bem? Um

“mas”? Busquei seu rosto rapidamente, mais curiosa do que esperançosa, e encontrei um Vincent inseguro. – Estou disposto a renegociar, Melissa, desde que aceite algumas condições.

A expressão de Vincent era solene, mas a tensão tomava cada músculo do seu corpo, indicando sua apreensão com a nova negociação. Assisti seu desconforto crescente, mas não ia perder minha chance, precisava ensiná-lo a confiar. Confiar em mim.

– Que seja – murmurei com um suspiro.

Ele pareceu satisfeito. Timidamente levou os dedos até meu rosto, mas sua expressão suave durou pouco. Em uma fração de segundo Vincent girou nos calcanhares, seguindo para o jardim de magníficas flores vermelhas. Admirei-o caminhar até Lume, eles trocaram algumas palavras e houve um murmúrio apressado que vinha das pequenas cabeças ligeiras. Alguns segundos depois, todos desapareceram dentro do familiar arco de pedra. Estiquei os olhos pela entrada do jardim, mas agora não havia nenhum movimento, nem mesmo dos bonecos de Natal. Cruzei os braços no peito, incomodada. Não me agradava a ideia de ficar sozinha ali, mas, se quisesse mudar alguma coisa, precisava ser corajosa.

Uma brisa gelada me fez estremecer e levou o que restava do calor de Vincent. A sombra do palacete estava desconfortável e hesitante, caminhei na direção do jardim para encontrar a luz do sol.

O calor dos raios amarelos tomou meu corpo com uma sensação reconfortante, e parei, fechando os olhos. Meus pensamentos se perderam, envolvidos por outro calor... de braços fortes. Pulando entre beijos vorazes, toques ousados e medos disfarçados de preocupações. O modo como Vincent me segurou, seus olhos faiscando desejo... Sua demonstração de descontrole foi “muito” convincente. Suspiro. E como não perder o controle com um homem assim? Soltei o ar lentamente, controlando meus devaneios. Podia afirmar, com certeza, que não foram suas atitudes cavalheirescas ou sua alta estima por George que frearam seu desejo. Tudo bem, nosso desejo. O fato é que sua precaução exagerada provavelmente evitava algo perturbador, talvez temeroso... Hum. Palavras confusas sobre uma “maldição” flutuaram em minha mente. E não sabia o que fazer com elas. Recusava-me a acreditar que o homem que eu amava me repelia por algo impalpável, como uma superstição.

Caminhei distraída, perturbada com meu mais novo mistério, e parei perto do Jardim Vermelho. Equilibrando-me na ponta dos pés, espiei além dos vasos de pedra com curiosidade. Nossos passeios eram cuidadosamente planejados e esta era a primeira vez que eu via o Jardim Vermelho de perto. Dei dois passos tímidos, atenta a qualquer movimento, mas não havia nada além das

magníficas flores que pareciam flutuar nos canteiros. Outro meio passo, e parei cautelosa. Ao meu lado os grandes vasos de cipreste marcavam a entrada do jardim. Eu os fitei longamente, mas não ousaria entrar. Ainda mais depois do aviso de Vincent. Ou melhor, de sua ordem.

Estava claro que ele não confiava em mim. E seria esse o motivo? Ele suspeitava de algo? Um golpe de culpa atordoou minha consciência pesada. Mas era verdade, eu não merecia sua confiança, não era digna dela. Antes de exigir algo, deveria consertar meu erro, contar sobre o encontro com o outro mago das sombras, o receptor de Alice. E não estava me esforçando para isso. Relembrar aquela noite na Terra das Sombras fez um arrepio desconfortável tremer meu corpo. Lembrei-me da reação de Vincent com meus machucados, sua fúria mascarando dúvidas temerosas, e agora tinha provas irrefutáveis de que elas ainda existiam. Não parecia uma boa ideia agravá-las... E essa provavelmente era minha covardia, gritando em defesa do meu amor para justificar minha omissão. Mordi o lábio, ainda mais culpada. Se desejava sua confiança, deveria conquistá-la, mas antes de começar já estava falhando.

Inspirei longamente, alimentando a esperança de que meu amor fosse suficiente para controlar a fúria de Vincent.

Minutos depois, eu continuava ali tentando formular um *script* que justificasse minha covardia culpada. Talvez devesse voltar ao bosque de cerejeiras para ter o apoio da família durante a revelação ou, como castigo, devesse enfrentar a ira do mago das sombras, assumindo meu erro. Mas... E se isso fosse um teste? Parte de sua proposta de renegociação? Então, eu deveria esperá-lo pacientemente, ganhando pontos em sua confiança. Balancei a cabeça, mortificada com minha levandade, sentindo-me indigna do meu cavalheiro, mesmo carrancudo. Era espantosa minha capacidade infinita de arrumar confusão. Lembrei-me da teoria de atração do desastre e ri descrente, essa parecia ser a *minha* “maldição”.

Balancei nos calcanhares, controlando minha impaciência, e concentrei minha atenção em uma linda rosa vermelha que pendia para fora dos limites do jardim, bem ao meu lado. Ela me lembrou da rosa formada por fogo que Vincent me ofereceu no bistrô... e como aquela noite reveladora mudou completamente minha vida. Como a rosa, minha nova vida possuía beleza e espinhos, verdades absolutas e segredos misteriosos, certezas e dúvidas. A dualidade sempre presente em tudo a minha volta. E a delicada flor à minha frente era como um lembrete: *eu não poderia ter tudo*. Observei sua beleza hipnótica balançar com a brisa, seus espinhos nunca esconderiam sua beleza... e ali encontrei mais uma dose de esperança.

Meus olhos ficaram presos no vermelho sedutor que brilhava aveludado com a luz do sol. As pétalas sedosas formavam um desenho instigante, atraente. Estiquei a mão, duvidando que ela fosse real, e quando meus dedos tocaram a flor um leve sorriso brotou em meus lábios. Finalmente algo neste lugar era o que parecia. Deslizei meus dedos pela maciez de suas pétalas, apreciando a textura delicada e, com um reflexo automático, inclinei-me para cheirá-la. O aroma era doce, muito doce. Em nada lembrava o cheiro de rosas. O curioso é que, mesmo inspirando algo profundamente doce, um gosto amargo brotou em minha garganta. Tomando minha boca... Contrastes.

Inspirei mais uma vez.

– Não!

Ouvi o rugido alto e grave, mas não entendi sua angústia.

– Não, Melissa! Não! – A voz gritou comigo, mas não me importei com sua grosseria. Minha cabeça estava leve com o perfume doce... *cada vez mais leve.*

Duas mãos fortes me seguraram de forma restritiva e eu não entendi o porquê de tanto drama. Era só uma flor. Uma linda e perfumada rosa vermelha. Tão macia... tão suave e delicada. Simplesmente irresistível! As mesmas mãos fortes puxaram-me para longe dela e me zanguei. Procurei por minha rosa, e ela não era mais vermelha, agora cintilava branca como a neve. Enquanto me encantava com sua nova cor, aquela mão forte esmagou suas delicadas pétalas entre os dedos. Tentei impedi-lo, mas era tarde, as pétalas caíram no chão como flocos de neve. Toda aquela beleza brutalmente destruída. Queria castigar o culpado... e, antes que avançasse contra ele, mãos pequeninas me detiveram. Elas agarraram meus braços, prendendo-me ao chão. Tentei lutar, mas eram muitas...

A voz grave gritou novamente:

– Melissa! Você pode me ouvir?

O dono da voz insistia em prender meus olhos, mas eu desviava dele para procurar por outra rosa vermelha, precisava sentir aquele aroma mais uma vez. Ele ficou ainda mais irritado e voltou sua ira para os pequeninos à minha volta:

– O que vocês colocaram nelas? Qual é o veneno das flores?

Os pequeninos ainda me seguravam firmemente e falavam tão rápido que eu mal compreendia o que diziam. O som de suas vozes parecia mais um disco em rotação acelerada. Era confuso, mas eles repetiam tantas vezes as mesmas palavras que achei engraçado.

– Sangue de dragão! Sangue de dragão! Sangue de dragão!

– Quanto tempo ela tem? – *a voz grave urrou descontrolada.*

Houve um breve silêncio e, desta vez, uma única vozinha acelerada respondeu com um tom quase orgulhoso:

– Menos de um quarto de hora, se tiver sorte. Ela escolheu uma das grandes. – E finalizou com uma risadinha irritante.

Braços quentes me tomaram das mãos pequeninas. Estávamos em movimento agora, e o balanço incomodou. Encostei o rosto em um peito forte, depois fechei os olhos. Era bom, era quente. E sem saber por que, me senti segura ali. O aroma doce da rosa ainda estava fresco em meu nariz, o gosto amargo já havia se dissolvido em minha boca e um calor entorpecente chegou aos meus ossos. Aconchegada, comecei a sentir sono. Estava cansada.

Lábios macios como a rosa tocaram minha testa, uma... duas vezes.

– Vai ficar tudo bem, meu amor, não vou deixar isso acontecer – a voz grave sussurrou aflita.

Eu não sabia do que ele estava falando e, de qualquer forma, estava confortável demais para me preocupar. Sentia meu corpo todo adormecer com o prazeroso calor crescente, o sono estava me levando suavemente... Era como ser anestesiada, e não era ruim. Tive vontade de dizer ao dono da voz aflita que estava tudo bem, eu queria ir... queria dormir. Queria me deixar levar pelo torpor irresistível, ele não precisava se preocupar. A sensação era boa, era de paz. Mas murmurei outra coisa...

– Eu te amo.

Senti uma pressão em volta do meu corpo... braços. Lábios macios tocaram os meus e a escuridão me levou.

Febre do Dragão

Era como se estivesse sonhando... meus sentidos estavam lentos, mas eu ouvia zunidos, percebia o movimento, parecia estar consciente. Um calor febril correu meu corpo e parou em minha pele, incessante. A cada segundo, aquilo ficava mais aflitivo. Tentei abrir os olhos, mas não consegui. E entendi, finalmente, que não tinha o controle do meu corpo. Estava acontecendo alguma coisa comigo e não era boa.

O zumbido em meus ouvidos foi interrompido por um murmúrio distante. Aflito. E me concentrei nele, antes que a escuridão me levasse outra vez. Vozes distintas discutiam, e um rugido grave ecoou mais alto, irritado.

– O que você quer?

– Vim ajudar Vincent – a voz aguda pareceu preocupada. – Já vi isso antes. E está acontecendo rápido. Olhe a cor dela...

– Não preciso da sua ajuda, elfo. Saia da frente!

– Ela precisa estar consciente para tomar o antídoto, Vincent!

– Sei disso. E você está me fazendo perder tempo! Tenho de ir até a sala de Alex procurar o...

– “Lágrimas de Licorne”. É o vidro branco na última prateleira, no canto esquerdo. Mas ele não vai resolver se for tarde – a voz aguda fez uma breve pausa. – Você precisa colocá-la na banheira, a água fria vai ajudar a ganhar mais tempo. Quero ajudar, mago, confie em mim.

Primeiro, fez-se silêncio. Depois, estávamos em movimento mais uma vez.

Tentei me concentrar para não perder as vozes, mas era quase impossível com o calor crescente me sufocando... o ardor contínuo em minha pele. Isso lembrava uma insolação forte. Minha cabeça latejava, minha garganta estava seca e meu estômago queimava como se tivesse comido um vidro de pimentas. Meu corpo estava doente, e algo me dizia que era melhor me concentrar na dor do que mergulhar no torpor atrativo.

O murmúrio agudo voltou. Estava cada vez mais difícil compreendê-lo.

– Vamos, coloque-a na banheira.

Senti meu corpo se mover e a sensação seguinte foi extremamente desagradável, como panos quentes envolvendo minha pele ardente. Aquilo machucou. Se estivesse controlando meu corpo com certeza estaria gritando!

O murmúrio agudo continuou.

– Não, Vincent. Você precisa tirar as roupas dela, assim a água vai esfriá-

la mais rápido.

– Se quer ajudar, Lume, ajude! – o rugido aflito convocou incomodado.

Mãos ágeis viravam meu corpo, e os panos ardentes foram retirados. Sentia-me como uma boneca sendo chacoalhada no ar. Depois, uma névoa gelada envolveu meu corpo. E cresceu, até se transformar em um agudo de dor... excruciante. Cada centímetro de pele parecia estar descolando do meu corpo. Mas, aos poucos, a dor latejante cedeu, dando lugar a uma penosa onda de alívio. Ela se espalhou por meu corpo formigando, torturando-me vagarosamente enquanto o silêncio tomava meus sentidos. Sensações pulsavam por meu corpo, oscilando entre choque e conforto. Eu estava me perdendo, afundando nessa tempestade. Na superfície, muito distante, o minuto de silêncio foi interrompido pelo rugido aflito.

– Isso não está resolvendo, Lume, a cor dela não mudou!

– Tem mais uma coisa que podemos tentar. Tome. Use isso.

– Não!

– Este é o meio mais rápido de fazer isso, mago. Você precisa de tempo, e isso ela não tem. Mas, se aliviarmos a pressão que o veneno está fazendo no corpo dela e retirarmos um pouco do calor, podemos ganhar alguns minutos.

Um silêncio preocupante rodou ao meu redor e cheguei a pensar que meus ouvidos estivessem fora de controle também, mas o murmúrio agudo voltou, urgente...

– Ela não vai engolir o remédio neste estado, Vincent! Se quiser, posso fazer, mas não há tempo para dúvidas. Decida-se!

– Eu faço.

Senti algo gelado deslizar por meu braço, na dobra do cotovelo. O objeto deixou uma dor aguda no local, que logo deu lugar a uma enorme sensação de alívio. Era como tirar um sapato apertado... emergir depois de um longo mergulho. E essa sensação se espalhou por todo o meu corpo. A pressão que mantinha meus olhos fechados cedeu e, com muito esforço, espiei através da cortina de cílios. Vi um homem de olhos violeta torturados, e ele segurava um punhal manchado de vermelho. Quando a cena aterrorizante fez sentido, tentei me afastar. Mas meu corpo não respondeu ao comando de autopreservação. Senti a lâmina do punhal em meu outro braço e fechei os olhos novamente, não queria acreditar que aquilo estava acontecendo.

O calor incômodo em meu corpo começou a ceder, a pressão em minha cabeça também. E o alívio que percorria cada membro do meu corpo aumentava junto com o pânico. Um cheiro forte de ferrugem e enxofre invadiu meu nariz, e afastei o rosto para o lado surpreendendo-me por, finalmente, ter o controle do meu corpo.

Abri os olhos atordoada e Vincent me observava concentrado, analisando cada movimento. Ele se aproximou e meus olhos se arregalaram. Eu vigiava o punhal ensanguentado em sua mão e, percebendo meu horror, ele o pousou na borda da banheira. Depois, segurou meu rosto, preenchendo minha visão com os cintilantes oceanos violeta.

– Perdoe-me. Isso foi necessário – sua voz era um sopro desolado. Ele soltou meu rosto e, com movimentos ágeis, estava de pé. – Cuide dela Lume, volto o mais rápido que puder.

Vincent sumiu do meu campo de visão e a mulher de cabelos cor de cenoura veio se sentar na borda da banheira. Ela tomou o punhal nas mãos e teve medo. Lume encontrou meus olhos apavorados e enrolou a lâmina em uma toalha. Com movimentos vagarosos, a deixou no chão.

– Não se assuste Melissa, ele não estava machucando você. Estava te salvando. Você foi envenenada por uma flor do Jardim Vermelho e está com a “febre do dragão”. Foi preciso tirar seu sangue para que parte do veneno saísse com ele – ela falava com tanta naturalidade que quase me acalmei. – Vincent foi buscar o remédio de Alex que vai neutralizar o restante do veneno. Ele é rápido pela sombra, logo você vai se sentir melhor.

Ela pegou outra toalha e enxugou parte do meu rosto, afastando o cabelo dos meus olhos. Encarei seu rosto, surpreendentemente solidário, e fiquei desconfiada de sua compaixão repentina. Lume estava sendo simpática... comigo?

Balbuciei um som que parecia minha voz:

– Oo...bri...gaaada... – eu parecia embriagada.

A elfo balançou a cabeça, a expressão terna, mas sua serenidade se transformou em uma careta decepcionada.

– Não entendo o que passa na cabeça dos humanos. Primeiro, você se envolve com um mago das sombras. Depois, mesmo sem possuir poderes ou habilidades, arrisca-se em uma viagem pela Terra das Sombras. E agora... – ela estalou os lábios com um som reprovador – não sei o que você pretendia fazer, mas... por que foi cheirar aquela flor?

– Eeeeeu... Não saabi...a... que ela tin..nha... veneno.

– Vincent não avisou você? – Lume fez cara de espanto. – Ele deixou uma humana “comum” sozinha nos jardins da casa sem explicar os perigos que a cercam? – depois de vê-la frisar “comum”, como se fosse um insulto, confesso que me senti inferiorizada. E, antes que tentasse argumentar, a elfo continuou. – Este lugar pode ser uma armadilha mortal para alguém como você – ela suspirou e sua indignação me surpreendeu mais uma vez. – Isso é maldade! É como soltar um peixe vivo em uma panela de água fervendo!

Fitei a revolta nos olhos amarelos e tentei achar uma justificativa que contestasse suas palavras, mas não encontrei.

– Mas, vindo dele... – a elfo fixou os olhos nos meus com curiosidade. – Você não percebe o que ele é?

– Cuidado Lume, não ultrapasse o limite da minha tolerância! – Vincent rugiu com voz grave atrás dela.

Lume levantou-se assustada e o mago de olhos violeta passou por ela rapidamente, debruçando-se na borda da banheira. Ele tinha um frasco de vidro nas mãos, e levantou meu rosto com movimentos nada gentis.

– Vamos, Melissa, beba rápido! – ordenou nervoso.

Obedeci. E, com a ajuda dele, engoli até a última gota do líquido branco. Aquilo não tinha um gosto definido, mas lembrava muito leite desnatado. Quando teve certeza de que eu tinha engolido tudo, Vincent desabou no chão. Virando-se de costas para a banheira, ele apoiou os cotovelos nos joelhos e segurando a cabeça, soltou o ar dos pulmões com uma lufada de alívio. *Então... havia acabado?*

Eu buscava respostas no rosto inexpressivo de Lume enquanto o líquido gelado descia por minha garganta em chamas. Ele aliviou a queimação em meu estômago, mas revirou tudo o que havia lá dentro. O alívio transformou-se rapidamente em náusea. O calor em minha pele finalmente cedeu, e agora eu sentia a temperatura real da água “congelante”! Era como ser perfurada por milhares de agulhas! Meus pensamentos coerentes se alinharam rapidamente. *Precisava sair dali!* Movimentei os braços com algum esforço e percebi que eles ainda sangravam. Lume adiantou-se para me ajudar e, desviando de Vincent, me ofereceu uma toalha.

Com a ajuda dela me sentei dentro da banheira e notei que estava... *Estava apenas de lingerie!* Se não estivesse congelando, podia ter corado.

Meus sentidos estavam despertos e um cheiro repugnante de enxofre tomou meu nariz, aumentando a náusea. Notei a água rosada à minha volta e minha cabeça girou. Manchas em tom de vermelho escuro se acumulavam no canto da louça como uma espécie de óleo espesso, boiando na superfície... *Sangue? Meu sangue?!*

– Quero sair daqui. – Minha voz tremida saiu com esforço, estava tonta.

Vincent finalmente se mexeu, mas ainda parecia entorpecido. Lume me ajudou a levantar, enrolou uma toalha ao redor do meu corpo e secou meus cortes com outra, pressionando-os com firmeza até estancar o sangramento.

– Precisamos de ataduras para seus ferimentos e um pouco do emplastro cicatrizante de Alex. – Ela olhou na direção de Vincent. – Eu já volto.

A elfo me deixou em pé dentro da banheira e passou pela figura inerte do

mago das sombras a caminho da porta. Segui seus movimentos e observei a decoração sóbria do quarto de banho. O estilo vitoriano, as toalhas pretas empilhadas na pia de mármore, um grande espelho com moldura prateada... “minhas roupas” espalhadas pelo chão. E, finalmente, uma estátua vestida de preto que me fitava com olhos violeta.

Vincent não disse nada, adiantou-se até a banheira pegando-me no colo com muito cuidado, ainda assim, suas mãos pareciam brasa em minha pele gelada. Com movimentos lentos ele me colocou de pé e afastou-se um passo, observando-me com cautela. O leve balançar remexeu meu estômago e algo reclamou inquieto lá dentro. A náusea subiu por minha garganta e um gosto terrível se espalhou por minha boca, minhas pernas fraquejaram.

Ajeitei a toalha no peito, sentando-me na borda da banheira.

– Vincent... acho... Acho que eu vou... eu vou...

Não havia mais tempo. Com um impulso agoniado estiquei-me até o sanitário, e por pouco não consegui levantar a tampa. As golfadas saíam com violência, enquanto duas mãos quentes apoiavam meus ombros. Vincent se ajoelhou ao meu lado no chão de pedra e segurou meus cabelos, esperando o acesso passar, corajosamente. Vomitei tudo que “não” havia dentro de mim, talvez mais, e por um breve momento achei que ia desmaiar. Quando consegui respirar novamente, Vincent molhou uma toalha com água quente para eu me limpar.

Estava fraca, com muito frio e ele se juntou a mim no chão de pedra mais uma vez. Aconchegando-me em seus braços.

– Desculpe – murmurou em meu ouvido.

– Você precisa parar de dizer isso – resmunguei com a garganta arranhada.

Antes que procurasse seu rosto, uma luz vermelha brilhou dentro da banheira. Espiei por cima de seus braços e vi meu sangue queimar em labaredas avermelhadas, como combustível na água. O cheiro de enxofre ficou mais acentuado e meus olhos se arregalaram. Aquilo não era sangue... Era o veneno! E estava se consumindo! Ele ia me queimar de dentro para fora, literalmente!

– Foi por pouco. Que bom que não estava mais em você – disse Lume atrás de nós.

Ela depositou alguns frascos de vidro esverdeado sobre a pia de mármore e não pude deixar de notar sua expressão incomodada ao nos ver no chão de pedra. A elfo parecia mais surpresa em me ver nos braços de Vincent do que com a chama na banheira.

– Pelo visto, o antídoto fez efeito – ressaltou com a expressão perturbada. Lume piscou algumas vezes, desviando o rosto. – Tomei a liberdade de avisar

Aristela. Ela está preocupada, mas pediu que eu cuidasse das coisas aqui antes de trazer a menina maga. Ou seja, preciso limpar essa bagunça e fazer seus curativos, Melissa.

Alice! Não queria assustar minha irmã, e me endireitei com algum esforço.

– Claro! Obrigada, Lume. E desculpe pela bagunça – falei encabulada. Apoiando-me em Vincent, tentei levantar.

– Você não tem de se desculpar, Melissa – Vincent emendou em tom melancólico.

Com um movimento rápido, Lume também se curvou para me ajudar.

– Imagine. Você nem sabia que as flores eram envenenadas – afirmou em um murmúrio indignado.

Com um gesto possessivo, Vincent me abraçou, colocando-me fora do alcance da elfo. Lume se aprumou com a expressão cautelosa. Hesitante, caminhou até a banheira, abriu a água para dissolver o veneno e extinguiu as chamas. Depois, levantou os olhos amarelos para mim, e eles eram estranhamente solidários.

– Aposto que você também não sabe sobre o redemoinho asfixiante de Félix no Jardim Amarelo, sobre a brisa paralisante dos elfos de luz no Jardim Azul ou sobre “aquela” ninfa das águas no...

– Cale-se, elfo! Não se meta em assuntos que não são seus! – Vincent alertou asperamente.

Seu rugido ricocheteou nas paredes de mármore e estremeceu o corpo miúdo da elfo. Lume parecia amedrontada, mas tomou fôlego.

– Você tem razão, mago, isso não é assunto meu – retrucou com a voz fraquinha, exteriorizando seu dilema. – Mas jurei ao Conselho que não iria compactuar com a crueldade de nenhum ser das sombras... e não posso ficar calada. – Ela levantou timidamente o queixo e, secando as mãos no avental, expirou o ar lentamente. – Essa *menina* humana é apenas um brinquedo em suas mãos, e não tem a menor ideia do que *você* é ou de onde está se metendo – sua voz tremeu. – Ela vai acabar morrendo se ninguém avisá-la dos perigos que cercam a montanha – disse corajosamente. E, tomada por uma expressão ousada, completou – Mas isso vai acontecer de qualquer maneira, não é, “*sombrio*”?

– Basta, Lume!

Vincent rugiu ameaçador, e colocando-me atrás dele, avançou para a elfo de fogo. Vi a mulher ruiva se encolher e não pude ficar parada.

– Não grite com ela! – exasperei-me, irritada com sua grosseria. Vincent parou surpreso, sem entender minha ira. Com esforço, desviei do gigante ameaçador e, ajeitando a toalha, parei defensoramente à frente da elfo de fogo. –

Lume está querendo ajudar! Ela pode falar do jeito dela, mas tem razão. Você sabe que tem. Se eu soubesse dos detalhes mágicos do Jardim Vermelho, isso não teria acontecido!

Levou apenas um segundo para o rosto do mago escurecer nas sombras de sua ira. Vincent levantou sua muralha e, sustentando meus olhos, adotou a famosa expressão intimidadora. Com um lampejo violeta, seus olhos se fixaram na elfo assustada e eu nem imaginava o que ele poderia fazer... apenas não poderia permitir que fizesse.

– Não ouse – sibilei em alerta.

Vincent enrijeceu o maxilar e alinhou os ombros, montando sua pose arrogante. Naquele momento, imaginei o tamanho do seu esforço para não piorar a situação. Ele desviou seu potente olhar aniquilador da elfo assustada – *que agora tinha os olhos arregalados em mim* – e usando seu recém-adquirido autocontrole, adiantou-se para a porta.

– Vou esperar no quarto. Se precisar, chame – cuspiu entre os dentes.

Vincent saiu do quarto de banho batendo a porta ruidosamente atrás de si. Depois de alguns segundos, imóvel, Lume voltou à vida. Confesso que demorei um minuto a mais.

A elfo voltou para a banheira, enchendo-a com água quente, e com movimentos trêmulos despejou alguns sais perfumados, depois me ajudou a entrar. Meus cortes arderam na água, mas não sangravam mais. Concentrada no banho quente, esforcei-me para esquecer as imagens perturbadoras. Deixei o aroma cítrico tomar meus sentidos... ele lembrava limão, talvez verbena... Lume estendeu um frasco levemente azulado para que eu lavasse os cabelos, a mistura cremosa cheirava a lavanda, mas percebi um toque generoso de alecrim. O aroma, fresco e amadeirado, me envolveu com uma sensação revigorante muito agradável, que seria ainda mais agradável se eu estivesse sozinha.

Estava encabulada por ter de tomar banho na frente de uma estranha, mas Lume foi discreta, permaneceu em silêncio enquanto reunia minhas roupas e as toalhas do chão. Estava tudo ensopado, o banheiro alagado, e imaginei todo o pânico que meus olhos não viram. Sem demora, acabei meu banho e a elfo, silenciosa, me entregou um roupão preto. Precisei dobrar as mangas três vezes antes de ver minhas mãos e seu tamanho não deixou dúvidas a quem ele pertencia.

Lume espalhou o emplastro de Alex em meus braços, com cuidado, cobrindo os ferimentos com ataduras limpas.

– Vou providenciar algo de Viviana para você vestir – disse, finalmente, enquanto levava a braçada de roupas sujas para a porta.

– Lume – chamei timidamente.

Ela parou com a mão na maçaneta e virou para me atender.

– Obrigada por cuidar de mim e por avisar dos outros perigos.

Lume fixou os olhos amarelos em meu rosto, depois, confirmou se a porta estava realmente fechada. Com passos largos, voltou em minha direção. Observei sua aproximação com cautela, mas a elfo parou a um passo, avaliando-me com curiosidade.

– Eu que agradeço, Melissa, por me defender – sussurrou encabulada. – Mesmo depois do que meu irmão fez a você – completou empática. Isso me surpreendeu. – Você é corajosa, tem um coração bom. Por isso, preciso dizer... ele não é como você. Entende? – a elfo espremeu os olhos amarelos, se fazendo entender. – Não sei como funciona o amor para os humanos, mas gostaria que pensasse melhor no que está fazendo. Você, realmente, não sabe onde está se metendo. Não o conhece como nós, seu outro lado. Não tem ideia do que um mago como ele é capaz de fazer a alguém como você, ou eu – completou apreensiva, espiando a porta.

Abaixei meus olhos, recordando a cena do punhal que havia me esforçado para esquecer.

– Ficar ao lado dele só vai trazer coisas ruins a você.

As palavras de Lume apertaram meu coração, e estava ficando incomodada com seu julgamento. Ela inspirou longamente, como se entendesse o meu desconforto.

– Gostaria que isso fosse apenas antipatia. Mas é o que eles são – justificou. – Os magos das sombras são seres condenados à tristeza, Melissa, não podem dar felicidade a ninguém. Nem a eles mesmos – falou com desprezo. – É por isso que vivem sozinhos. Quando desafiam seu destino, o castigo é a morte.

Levantei o rosto, revoltada com seu discurso cruel... até que alguns *clicks* ecoaram por meu cérebro. Então era isso?! E passei rapidamente de enfurecida a desolada.

– Isso o que você disse tem algo a ver com uma maldição, não é?

Lume ponderou e, espiando a porta mais uma vez, retorceu os lábios com uma careta.

– Quero compensar o que meu irmão fez a Alice... E simpatizei com você. Por isso quis alertá-la. Mas já disse tudo o que podia. Agradeço pelo que fez por mim, mas não quero arrumar confusão com o *sombrio*.

Assenti vagorosamente. Lume não respondeu diretamente à minha pergunta, mas suas palavras receosas podiam ser traduzidas como um sonoro “sim”. Engoli em seco, não restavam dúvidas, essa era a tal maldição que Vincent mencionou. E tudo fez sentido. Sua hesitação, seu silêncio, sua determinação em me afastar do mundo mágico... seu medo. Balancei a cabeça,

realinhando meus pensamentos, recusando-me a acreditar que isso poderia ser verdade. Como assim alguém não podia dar felicidade? Vincent me fazia feliz. Bom, este momento não era perfeito, mas... Balancei a cabeça mais uma vez. Precisava pensar racionalmente, e isso era absurdo demais! Até mesmo para um mundo mágico e insano.

Lume cansou de esperar por uma reação verbal e voltou para a porta. Mas eu não podia deixá-la ir. Não agora que, finalmente, tinha algumas respostas.

– Espere... – eu me apressei para segurar a elfo. – Você o chamou de “*sombrio*” e já ouvi Félix chamando-o assim...

Lume espiou a porta e suspirou.

– É assim que meu povo se refere aos descendentes do demônio das sombras – murmurou baixo. E, com uma expressão pesarosa, continuou. – Imagino que você alimente esperanças, acreditando que ele possa mudar. E não posso julgá-la, eu também pensava assim sobre meu irmão. Mas veja o que aconteceu com Piro – ela encolheu os ombros. – E no caso do *Somb...* – Lume encontrou meus olhos e limpou a garganta. – No caso *dele*, é ainda pior. Ele não pode mudar o que é. Ao contrário de Piro, a sombra não é sua escolha, é sua herança. Está no coração dele.

Fitei a elfo de fogo e seus olhos amarelos eram solidários. Sabia que, mesmo indo contra o que eu acreditava, ela tinha seus motivos para ter convicção de suas palavras.

– Agradeço sua preocupação, Lume, mas ainda prefiro ter esperanças a desistir – estiquei um sorriso forçado. – Como “você”.

Ela esquadrinhou meu rosto, como se estivesse me vendo pela primeira vez. Depois, retribuiu meu sorriso.

– Então, vou torcer por você, Melissa.

Lume saiu pela porta encostando-a suavemente e fiquei surpresa por ter conquistado sua amizade.

Agora era minha vez de sair do quarto de banho e encarar o cavalheiro carrancudo. Sabia que iríamos discutir assim que eu cruzasse a porta, e estava cansada disso. Balancei a cabeça pesarosa... estava indo tudo tão bem. Ficamos um mês inteiro sem um único evento catastrófico, só havia felicidade, e agora estávamos de volta ao começo. A tal maldição voltou para me assombrar, e não queria crer que algo assim fosse possível. Mas a lógica me surpreendeu apresentando um caminho irrefutável. E, com tristeza, percebi que meus momentos de alegria eram sempre sucedidos por momentos de total desastre. *Ou seria o contrário?* De qualquer forma, esses desastres ficavam cada vez mais perigosos. E se houvesse uma maldição ao redor de Vincent? Como poderia

conviver com isso?

Controlei um tremor e endireitei os ombros, analisando a garota abatida no espelho. Inspirando o ar lentamente, comecei a escovar meus cabelos com os dedos, fugindo dos pensamentos angustiados. Ajeitei as mechas castanhas sobre os ombros e esfreguei as bochechas na esperança de trazer um pouco de cor ao meu rosto. Meus olhos amendoados estavam opacos, meus lábios... secos. O roupão preto enaltecia minha palidez, e tentei não imaginar o quanto do meu sangue ficou na banheira. Instintivamente, apertei o rosto entre as mãos, escondendo-me dos meus novos medos.

Entendi que toda aquela atrocidade foi necessária e era agradecida por Vincent ter tido coragem. Ainda assim, a lembrança do punhal ensanguentado não deixava minha mente. E as palavras de Lume voltaram como um sussurro sombrio... *“Um mago como ele”... “coisas ruins”... “condenado”... “não podem dar felicidade”... “vivem sozinhos”... “desafiam o destino”... “castigo”... “morte”*. A trágica história da família de Vincent rodou como um filme ruim em meus olhos fechados. Arquejei, apoiando-me na pia, e repeti uma única palavra em minha mente... *Não... Não... Não...*

– Melissa? – Vincent bateu austeramente na porta, assustando meu coração amedrontado.

Controlei minha respiração, que estava quase ofegante, não queria que ele me visse abalada daquela maneira. Com determinação, empurrei os pensamentos perturbadores para um canto escuro do meu cérebro, longe de toda a coerência e racionalidade.

– Um minuto – murmurei quase que para mim mesma –, só preciso de um minuto...

Fitando o espelho, voltei a esfregar as bochechas. Precisava de um milagre.

– Melissa? Você está bem? – a voz grave ecoou através da madeira, ansiosa e preocupada.

A pergunta de Vincent balançou meu controle e tive vontade de chorar.

Bem? Não. Nada estava bem. Levantei o queixo para o espelho, esforçando-me para acreditar que os acontecimentos da tarde foram um “infeliz” engano... Mais um engano.

– *Melissa!* – a voz grave chamou quase grosseira. Eu bufei. Se não bastasse toda essa pressão devastando meus nervos, ainda precisava aturar o mau humor de Vincent, que insistia em aparecer nos piores momentos. Mais batidas impacientes... – Se não responder, vou arrombar a porta!

Ignorei sua ameaça. Ele não ousaria. Empurrei as lágrimas de volta enquanto alisava meu cabelo com movimentos repetitivos, tentando controlar

seu volume e “meu” humor. Inutilmente. Um estrondo chacoalhou a madeira grossa, fazendo a fechadura estalar. Sim, ele ousaria. Vincent tinha o péssimo hábito de me tratar como uma vulnerável incapaz, só porque era o temido mago das sombras e eu uma... uma... humana comum. Droga! Reafirmei a mim mesma que todos estes terríveis acontecimentos poderiam ter sido facilmente evitados se ele partilhasse os detalhes mágicos da montanha comigo. E, depois da conversa com Lume, entendi que não era a única a pensar assim.

Com uma longa inspiração abri a porta, deparando-me com a intimidadora estátua vestida de preto. Sustentei o olhar violeta, e minha expressão aborrecida intimidou o temível mago das sombras. Vincent deu um passo para o lado, abrindo passagem. Cruzei o quarto em silêncio, sentindo meu corpo reclamar a exaustão, e sentei-me em sua cama... Por via das dúvidas, seria melhor me apoiar por alguns minutos. Ele me seguiu, pegou uma bandeja da cômoda e a colocou ao meu lado na cama. Nela havia um bule, uma xícara cheia de chá e um prato com alguns *cookies* de chocolate.

– Preparei algo para você comer – disse em tom frio.

– Obrigada – murmurei contida.

Sem olhar para ele, peguei a xícara com chá, precisava me hidratar. Tomei tudo em duas goladas, devolvi a xícara à bandeja e peguei um *cookie*. Meus olhos concentrados nas tramas do tapete. Vincent encheu minha xícara novamente, enquanto eu acabava com o segundo *cookie* de chocolate. Peguei a xícara de suas mãos, novamente sem olhar.

– Sente-se melhor?

Afirmar de olhos baixos.

– Quer alguma coisa? – continuou solícito.

Balancei a cabeça lentamente, ainda bebericando o chá. Sentia-me exausta até para falar.

– Só quero saber como você está – ele soltou o ar ruidosamente. – Custa muito responder?

E foi minha vez de expirar irritada, meus lábios ainda colados na porcelana. Precisava apenas de alguns minutos para me recuperar dos últimos acontecimentos traumáticos e ele deveria entender isso! Com meu mau gênio transbordando pelos poros, não era uma boa ideia pressionar... E, para alguém que me conhecia tão bem, Vincent não estava ajudando.

Ele grunhiu para meu silêncio, girando os enormes braços no ar.

– Você pode olhar para mim?

Levantei os olhos, encarando o lindo homem irritante à minha frente... e soube que sua perfeição não poderia salvá-lo.

– Você podia ter avisado que aquele jardim era venenoso!

– Avisei que ele era traiçoeiro e pedi a você para não entrar nele.

– Você não pediu, você mandou! – Eu me exaltei. Lá estava meu mau gênio, lutando em minha defesa. – E eu “não” entrei nele! Mesmo assim, não fiquei a salvo do perigo porque você deixou os detalhes de fora. E você sabe melhor do que eu que, na magia, a ignorância dos detalhes é o maior perigo!

Vincent balançou a cabeça em desacordo. Isso me irritou ainda mais.

– Se eu soubesse, poderia me defender, Vincent, poderia evitar... Não saber sobre o Mundo Mágico só vai nos trazer problemas. Você nunca vai entender isso?

– Estar aqui é o problema, Melissa. E já que você insiste, vamos esclarecer isso de uma vez. Saber dos detalhes não vai livrá-la dos perigos da magia. Pelo contrário! – Desta vez, *ele* se exaltou. – Sei do deslumbramento que a magia causa às pessoas comuns. Como ela evolui de uma inocente distração para uma perigosa obsessão! E você quer mesmo discutir distrações? – ironizou.

– Acho que quero.

Vincent fechou os olhos, buscando sua concentração e, quando os abriu, estava determinado.

– O excesso de confiança na magia nos deixa imprudentes, Melissa. E este ainda é o maior perigo.

Balancei a cabeça inconformada com sua falta de fé em *mim*.

– Você quer dizer “o maior perigo para alguém como eu”, não é? Não sei o que é pior, Vincent, você não confiar em mim ou achar que eu sou uma eterna distraída imprudente. Incapaz de tomar minhas próprias decisões entre certo e errado.

– Você está distorcendo minhas palavras. O que quero dizer é: “saber” só vai envolvê-la em mais detalhes, e estes detalhes vão trazer mais problemas. Sim, principalmente para você! E não estou falando da sua atração ao desastre, é mais complicado que isso – disse aborrecido. – Você acha que não me sinto culpado por ter deixado você lá? Acha que não estou arrasado por machucar você? Mesmo para lhe salvar? – ele escorregou as mãos pelos cabelos, fechando os olhos. – Se sentisse uma fração do medo que vivi hoje, talvez pudesse entender minhas razões.

– Medo – repeti amargurada, engolindo a vontade esmagadora de chorar. – É isso? Você quer que eu tenha “medo”, Vincent? Do quê? Da magia, deste lugar... ou de você?

– De tudo – sugeriu com um tom frio. – Talvez ele a proteja.

– Chega! Isso não está funcionando, e você sabe disso. O medo não vai me proteger de nada! – inspirei longamente e, ainda assim, me senti sufocada. – Você tem de decidir o que vai fazer. Se vai me incluir na sua vida ou não. Porque

não quero viver na ignorância ou com medo.

– Isso não é justo, Melissa.

Sua expressão irreduzível machucou meu coração.

– Realmente, Vincent, não é. Porque eu já me decidi. Há muito tempo.

Contemplei seu silêncio inflexível, esforçando-me para segurar as lágrimas... Se ele era teimoso, eu poderia ser mais.

– Vou para casa.

Vincent travou a expressão, entre furioso e mortificado. Uma sombra do olhar aniquilador brilhou nos oceanos violeta, suas mãos se fecharam em punho... mas ele não disse nada. Simplesmente deixou o quarto. Em dois segundos, Lume entrou carregando um vestido de seda violeta de Viviana. Era tudo o que eu precisava para completar meu dia... um “maravilhoso” e “desconfortável” vestido de seda.

Deslizei o vestido justo até os joelhos e calcei meus tênis, ainda molhados. *Pronto, o conjunto ficou completo!* Puxei os curativos com ansiedade e os cortes em meus braços eram riscos rosados. Previsível. Saí pelos corredores escuros do palacete, colérica, e Lume teve de mudar de forma para me acompanhar. Desta vez não me abalei com a bola de fogo crepitando ao meu lado e desci a grande escadaria apressada, saltitando pelos degraus. Percebi a silhueta inconfundível do mago das sombras bem no meio da sala da lareira, e senti seus olhos sobre mim, mas passei por ele sem olhar. Não queria olhar. Não era hora de me perder no poder fascinante dos olhos turquesa. Focalizei Alice e Aristela, que entravam pela porta principal. Com determinação cruzei a sala, meus passos ecoaram com breves esguichos, ensopando o piso de madeira até o hall de mármore.

– Precisamos ir embora, Alice.

– Mas eu nem vi o Heros e...

– Você pode vê-lo outro dia. “Agora” precisamos ir – repeti com voz firme.

Alice abriu a boca para retrucar, mas meu olhar furioso a calou. Aristela fixou os olhos em Vincent e Lume mudou de forma ao meu lado, procurando fazer contato visual com a maga telepata. As duas se encararam, foi breve, mas eu sabia que isso era suficiente para Aristela usar seu dom. E, pelo tamanho de seus olhos, ela estava *lendo* todos os detalhes escandalosos da briga na mente de Lume. Encarei a elfo de fogo silenciosamente tagarela com certa irritação. E o pior é que nem poderia acusá-la de fazer fofoca.

Aristela ajeitou os longos cabelos com um gesto preocupado, depois fitou Vincent por um breve momento antes de soltar o ar, frustrada.

– Você não precisa sair assim, *chérie*, podemos conversar...

Esse foi o limite do meu mau gênio.

– Desculpe, Aristela, mas se você já “viu” o que aconteceu, sabe que deveria conversar com ele, não comigo. É Vincent que precisa tomar decisões importantes. As minhas já foram tomadas, e você sabe muito bem quais são. – Desviei meus olhos mareados da bela senhora de cabelos acinzentados para a elfo de fogo. – Obrigada, Lume, por tudo.

Buscando um sopro de autocontrole, olhei para a menina maga que *ainda* tinha uma expressão esperançosa.

– Vamos, Alice! – convoquei.

Alice pegou minha mão com um bico gigantesco, mas não discutiu. Ela entendeu que a bronca não era com ela, e a sabedoria dos seus cinco... “quase seis anos” a avisou para ficar fora da confusão.

– Tchau, Aristela. Tchau, Lume. Tchau, Vincent – resmungou cabisbaixa.

Olhei por cima do ombro procurando a estátua vestida de preto e usei toda a minha determinação para não me atentar à sua perfeição. Fugindo, deliberadamente, dos poderosos olhos violeta, falei sem emoção:

– Estou aguardando. Você sabe onde me encontrar.

Não esperei por uma resposta e saí pela grande porta de madeira carregando Alice pela mão.

Segurei as lágrimas o máximo que pude, acelerando o velho sedã pela estrada de cascalho, concentrada em cada buraco. E só me permiti chorar quando atravessassei os portões de ferro retorcido do palacete.

Déjà-vu

Vincent Dippel

Assisti Melissa descer os degraus da grande escada do vitral e precisei conter minha respiração. Estava irado com sua teimosia... mas não pude deixar de contemplar aquela bela visão. Aquela garota tinha o poder de transformar minhas emoções e, antes que pudesse levantar meu escudo, lá estava a tempestade, envolvendo meu peito em uma confusão atordoante. Mas este não era o momento de me deixar levar por seus encantos. Não com a expressão transtornada em seu rosto. Venci bravamente o impulso de ir ao seu encontro enquanto sentimentos conflitantes ainda lutavam em meu peito, era minha responsabilidade cuidar de sua segurança, e meu egoísmo, no momento, era o principal inimigo.

Melissa passou por mim sem olhar, seguida pela bola de fogo tagarela. Estava apressada, irritada, o que era belamente previsível. E irresistível. Com passos ruidosos ela caminhou ao encontro de Aristela e foi como ter um péssimo déjà-vu. A cena se repetiu diante de meus olhos e, um segundo depois, havia voltado à noite da luta com Piro há pouco mais de mês. E me dei conta do porquê ela era familiar em minha memória. Não lembrava dela como a noite calamitosa banhada por fogo e sangue, mas, como a noite que deixei meu desejo vencer o bom senso.

Fechei os olhos por um breve momento e as lembranças voltaram ainda mais nítidas, enfatizando cada detalhe do meu erro...

A cada movimento de Melissa no banco do carona, eu me esforçava para manter os olhos na estrada. Ela parecia aflita e tudo o que queria era confortá-la, mas, toda vez que me aproximava, algo de ruim acontecia. E esse pensamento era meu maior aliado. Estava na hora de tomar a decisão certa.

Concentrei-me na luz dos faróis, agarrando-me ao que restava da minha determinação. Mal parei o BMW em frente à pequena casa amarela e George veio ao nosso encontro. Adiantando-se até a porta traseira do SUV, tomou a menina maga nos braços e antes que eu fechasse minha porta, Melissa estava ao lado dele. Abaixei os olhos, prendendo minhas mãos em punho junto ao corpo, controlando o impulso de acompanhá-la.

– Vocês demoraram – George reclamou. Mas, ao avaliar Melissa, sua expressão aborrecida se tornou branda. – Ah! – exclamou. Eu tinha razão, a aparência dela era nosso melhor álibi. – Tudo bem... O importante é que essa confusão acabou e Alice está em casa.

Melissa encontrou os olhos do avô e levantou os lábios no canto com uma expressão aliviada. Em seguida, esticou os olhos brilhantes para mim. Por um momento, me perdi naqueles olhos calorosos e então, entendi... Ah não. Era isso? Ela realmente esperava a aprovação do avô? Depois de tudo que passou hoje? Essa garota era inacreditável!

George entrou no meu campo de visão e eu quase lhe agradei por isso.

– Obrigado por trazer minhas meninas para casa.

As palavras agradecidas daquele homem trouxeram o peso do universo para as minhas costas. Seus olhos demonstravam a importância que aquelas garotas tinham em sua vida... e ele nem imaginava que o real perigo ainda estava ao lado delas. Sustentei o olhar do homem e me esforcei para aceitar seu agradecimento, mesmo sem merecê-lo. Ele havia confiado em mim e não fui competente para manter minha palavra. Mais uma vez.

A revolta se uniu ao peso do universo, esmagando-me contra o chão. Logo, os outros também estavam na rua. E seria impossível ignorar a expressão assombrada do casal roliço. Atrás deles, o irritante pegajoso me desafiou com o olhar. Aquele sujeito era mesmo petulante.

– Ela está bem? – perguntou a vizinha roliça. Lucila, recordei rapidamente, lembrando-me de nossa conversa ao telefone. Ela me espiou desconfiada e, prontamente, desviei de seu olhar. Não precisava me aborrecer mais.

Melissa sorriu para sua preocupação e tentou tranquilizá-la.

– Nenhum arranhão. Ela só está cansada.

A menina maga confirmou com um sorriso e pareceu reconhecer o irritante pegajoso.

– Afinal de contas, onde essa mocinha foi parar? – o pegajoso perguntou, chegando mais perto delas. Mais do que minha paciência permitia. Eu me segurei no lugar.

Sua pergunta atraiu a atenção de todos. Em segundos, olhares curiosos pararam em Melissa. Claro, além de irritante, o infeliz era inconveniente. O perfil apavorado de Melissa não deixava dúvidas, ela não conseguiria mentir para eles. Mas havia outra saída e, sem pestanejar, interfeiri:

– Ela estava nos bosques da montanha – falei seriamente, de forma sucinta e decidida.

Melissa lutou com um sorriso cordial, ela não concordava com meus meios, mas como previsto, seu silêncio confirmou o que eu já sabia, não havia alternativa. A omissão era a forma mais diplomática de resolver isso.

Não houve questionamentos, claro. E essa era uma das vantagens de saber como se impor. Lancei alguns olhares frios para o júri curioso, e o

juízo acabou. Os vizinhos, “irritantemente prestativos”, finalmente entenderam o cansaço no rosto das garotas... na verdade, pela oscilação crescente da carga energética da menina maga, ela já estava dormindo. Observei a troca de despedidas, que me excluía, evidentemente. Mas estava agradecido por isso. Palavras polidas estavam longe do meu vocabulário no momento. O que mais desejava era acabar logo com a socialização para me concentrar nos argumentos que afastariam de vez o perigo da vida de Melissa.

Para finalizar a tortura que se tornou essa noite, o irritante pegajoso puxou Melissa para um abraço... na *minha* frente. Rangi os dentes para a provocação. Com um impulso imediato, me desloquei para frente, iria arremessá-lo para a próxima galáxia! Mas ele rapidamente, ou sabiamente, se afastou. Mas o que eu estava fazendo? Apertei as mãos junto ao corpo, controlando o calor em meu peito, afirmando a mim mesmo que ele era parte da antiga vida dela. Ou melhor, ele era parte da *vida* dela. Mais um ranger de dentes. Dividi-la com eles era algo fora do meu controle.

Balancei a cabeça, lutando comigo mesmo, e minha inércia incomodava como uma adaga envenenada no peito. Seu veneno era o mais mortal dentre tantos outros que me corroíam por dentro... o arrependimento. E a julgar pela soma de decisões erradas que eu tomava, dia após dia, com certeza a mais estúpida foi usar meu inútil autocontrole na luta com Piro. Dei um passo para trás, eu era o culpado por esta noite desastrosa.

Uma onda de poder correu meu corpo, aquecendo meu sangue de maneira raivosa, e vê-la ao lado daquele homem, cheio de virtudes perfeitamente normais, não estava ajudando. Senti o formigamento de calor tentando escapar de minhas mãos, imaginando que o pegajoso seria o alvo perfeito... Mas respirei fundo. Fechando minhas mãos, contive a onda de poder. Não iria descarregar minha ira aqui, não com tantos normais ao redor. Além disso, jamais seria perdoado se machucasse alguém que Melissa amasse. E era óbvio que ela o amava. Meus olhos arderam com o calor violeta e, com muito esforço, direcionei minha energia para formar meu escudo. Não podia deixar que minhas emoções controlassem meu corpo.

Enquanto os outros se afastavam pela rua, George entrou na pequena casa amarela levando a menina maga. Melissa esboçou um breve sorriso que foi roubado rapidamente por alguma preocupação. Ela se aproximou, os olhos baixos completavam o rosto abatido. E depois do dia de hoje, não poderia ser diferente. “*Cuide das pessoas que você ama sinceramente... quando a vida separar seus caminhos, não haverá arrependimentos.*” As palavras de meu pai soaram claras em minha mente. O que eu estava fazendo a esta garota?

– Primeiro, cuide de sua família, vou esperar aqui informei.

Ela hesitou, mas assentiu.

Observei Melissa caminhar para sua pequena família... de volta à sua vida. Quando ela encostou a porta, algo roubou meu ar, sufocando-me. Levei as mãos aos cabelos com um gesto desesperado, inspirando ansiosamente o ar da noite, desejando que a escuridão alimentasse meu coração com a coragem que não possuía. Eu a amava com minha alma... cuidar dela era a coisa mais importante da minha vida. Então... por que não suportava a ideia de deixá-la ir?

Soltei o ar violentamente, minha coragem não estava na noite, estava em meu coração! E, se ele batia hoje, esperando por um novo dia, era por causa dela. Eu devia minha vida a ela. Agora, seu bem-estar, sua integridade, eram minha responsabilidade. E só havia uma forma de protegê-la, afastando-a do meu mundo. Do meu egoísmo. De mim mesmo. Meus músculos tremeram sem meu comando, pulsando em resposta à minha raiva... precisava dominar minhas vontades, meu capricho. Não poderia tê-la só para mim. Se desejava que ela tivesse o melhor, teria de encarar a verdade: “eu” não era esse melhor.

Abri a porta do carona e dei a volta no BMW para me esconder atrás do volante. Espiei a pequena casa amarela, eles, sua família, também precisavam dela. De sua coragem, perseverança, da bondade de sua alma. Melissa era como um alicerce e não se dava conta disso. De como poderia ser prejudicial para George, Alice e a ela mesma, se continuasse ao meu lado. Balancei a cabeça, surpreso comigo mesmo, mais uma vez estava pensando em outros além de mim. E se isso não fosse cruelmente irônico poderia sorrir.

Perdido na tempestade em meu peito, não percebi sua aproximação.

Melissa entrou no carro e bateu a porta sonoramente para chamar a minha atenção. Mas a culpa não permitiu que olhasse para ela. Permaneci em silêncio, fitando a noite escura, procurando uma maneira de fazê-la entender os perigos deste lado sombrio. Estava lutando para fazer o certo, e sabia muito bem que toda minha determinação iria se dissolver ao encontrar o dourado de seus olhos. Líquidos... quentes... ternos...

Isso não é justo! ela exasperou, esfarelando minha concentração. Imprudentemente, encontrei seus olhos. Por que você está agindo assim? Fale alguma coisa... Você está bravo, magoado, arrependido? Só quero saber o que está acontecendo. Por que você tem de ser tão difícil?

Ah, sua doce ira... Ela nem podia imaginar como ficava atraente quando estava irritada. Controlando o desejo de tocá-la, tentei ser sincero.

– Sei que meu humor não a agrada, mas depois do que aconteceu hoje, não consigo evitar.

– Tente. – exigiu. Seu gênio, como sempre, era meu melhor aliado.

– Não tenho motivos para agir de outra forma, Melissa – falei seriamente,

desviando o olhar para a noite escura. – Estou irado comigo por pedir a você que se envolvesse com tudo isso, e com você por encarar o desastre com tanta naturalidade a ponto de negligenciar as consequências de se envolver comigo – isso era o máximo da sinceridade que podia lhe oferecer.

Ela soltou o ar sonoramente e tocou meu queixo, levando meu rosto ao encontro do seu. Seu toque agitava meu corpo, me fazia querer tocá-la também. E me esforcei muito para permanecer em meu assento. Encontrei seu olhar suplicante e meu coração acelerou. Ela nunca facilitaria as coisas para mim? A luta interna ativou o calor violeta, que começou a girar por meu corpo... O poder se acumulava em meus braços, tensionando os músculos dolorosamente.

– O que preciso fazer para você esquecer esta noite? Acabou, Vincent! Nós estamos bem, Alice está em casa... E o que aconteceu com Piro foi escolha dele, não podemos fazer nada sobre isso – a voz doce falou firme.

Em outro momento, isso era tudo o que desejava ouvir. Mas estava determinado a não me render ao egoísmo, e voltei meus olhos para a noite, fugindo de seu rosto questionador. Neste momento, soube que estava arriscando tudo. Seu limite estava próximo e, mais uma vez, seu gênio seria meu aliado.

Um segundo foi o suficiente. Melissa inspirou profundamente e cuspiu as palavras sem pausa.

– Você sabe o que penso, Vincent. Mas, se mudou de ideia sobre o que aconteceu entre nós, não vou insistir. Só espero que esse *contratempo* não atrapalhe o aprendizado de Alice.

Seu discurso dolorido colocava um fim ao meu tormento. Ela nem podia imaginar o quanto estava errada, mas esta era sua chance. Melissa estava irada o suficiente para tomar a decisão por si mesma e, em pouco tempo, perceberia como isso foi uma aventura arriscada. Tudo se encaixava, ela me colocaria para fora de sua vida e, finalmente, estaria segura. Tudo não passaria de um... *contratempo*.

A palavra perfurou meu peito com a força de vinte punhais. E outro segundo foi o tempo necessário para eu perceber o quanto essa ideia fora estúpida!

Girei o rosto rapidamente para o banco do carona, mas a porta já estalava sonoramente. Melissa estava a poucos passos da casa amarela, e minha reação foi imediata. Fechei os olhos, deixando o calor violeta me consumir enquanto invocava o poder das sombras. Mentalizei a distância até seu quarto e senti meu corpo mergulhar na escuridão, conduzido pelo vazio até o destino estipulado. Emergi rapidamente, mirando a porta fechada mergulhada no breu, mas ela não se abriu. O tempo passou e percebi que Melissa havia se ocupado no andar de baixo. Talvez tomando banho... Idiota. Eu era um completo idiota! Essa era a

coisa errada a fazer. Deveria deixá-la ir. E a breve ideia de viver sem ela se tornou inconcebível. Um absurdo doloroso que espremeu meus ossos de forma angustiante, tomando meu corpo em uma agonia sem fim. Eu não podia deixá-la ir. Nunca a deixaria ir.

Mais alguns minutos e ouvi passos no andar de baixo. Fixei meus olhos na porta, aguardando o momento de iniciar meus argumentos, só então me dei conta que estava ali, em seu quarto, com os olhos grudados em um roupão pendurado atrás da porta. Nesse momento fui surpreendido por um pensamento prático. Melissa foi direto para o banho ao chegar. E eu enxergava muito bem no escuro. Pretendia consertar a situação e, mesmo sendo uma ideia tentadora, surpreendê-la em seu quarto desprevenida não parecia um bom começo.

Passos rangeram a escada; e mergulhei na sombra novamente, mentalizando a pequena cozinha no andar de baixo. Camuflado no corredor, estudei o compasso dos rancos de George e me movi silenciosamente pela casa. Ouvi quando a porta de seu quarto se fechou e me encostei ao pé da escada, dando-lhe algum tempo. Quando a luz que escapava pelas frestas apagou, viajei novamente. Em seu quarto, contive-me ao lado do guarda-roupa, enquanto observava a garota que amava deitada em sua cama de olhos fechados. Serena... Segura. E entendi, finalmente, que precisava encontrar um meio de deixá-la segura ao meu lado. As batidas do meu coração aceleraram, mas de forma reconfortante, prazerosa. Jamais a deixaria ir. E a ideia de que ela estava *mesmo* disposta a ir me deixou irritado.

– Que história é essa de contratempo? – falei de uma vez, assustando-a mais do que esperava. Droga, péssimo começo.

– Vincent!

Nunca fiquei tão feliz e, ao mesmo tempo, tão triste por ouvir meu nome.

Ela derrubou algumas coisas, fazendo um barulho desnecessário, conseguiu finalmente acender o abajur e levantou-se num salto. O rosto angelical foi emoldurado pelos cabelos molhados, que se acomodaram desajeitados sobre seus ombros, enquanto a luz amarelada contornava seu corpo de forma delicada, destacando detalhes reveladores da regata puída. O short folgado, cortado com a tesoura, acomodou-se provocante em seu quadril... despojado. Perfeito.

– Como... o que... faz aqui?

Vê-la tão linda e vulnerável me fez duvidar dos meus motivos puramente egoístas. Cruzei meus braços, contendo o impulso de ir ao seu encontro, e a tempestade lutou com o que restava de determinação dentro do meu peito.

– Vim terminar nossa conversa já que você não me deu chance de continuar.

Murmurei sem vontade. Se não fosse por minha maravilhosa visão, já

estaria arrependido de estar ali. O que eu estava fazendo?

– Você já deixou claro o que pensa, Vincent... Você se arrependeu.

Encarei seu rosto magoado.

– Esse é o problema, Melissa, eu não me arrependi. E isso só comprova meu egoísmo – soltei o ar e os braços, lutando contra seus encantos. Ela merecia a verdade. – Seria correto, de minha parte encerrar essa história aqui, antes que você se envolva em mais problemas... antes que se machuque de novo. Mas não posso. E isso me deixa ainda mais zangado.

Ela espremeu os olhos, unindo as sobrancelhas. Eu conhecia aquela expressão, era seu temperamento genioso, aflorando em sua defesa. E isso significava: *problema*.

– Você continua repetindo isso e não quer soar como arrependido? – ela bufou, movimentando os braços, levando seu corpo ao encontro da luz do abajur. Revelando mais do que eu sonhava ver. – Você sempre complica o que deveria ser simples, me confunde com suas mudanças de humor... E, para ser sincera, sua relutância em aceitar minhas escolhas é irritante – continuou, irritada. – Não consigo entender... Se não está arrependido, está o quê? Porque ficar zangado não é nenhuma novidade. Então, acho que o problema é comigo. Você tem alguma dúvida de que quero ficar ao seu lado? Se tem... não sei mais o que fazer! – falou, mais alto do que deveria. Os rancos de seu avô silenciaram no andar de baixo. Não queria “realmente” criar mais problemas para nós, e a inimizade de George era algo implícito por seu amor paternal. Observei a fúria crescente no rosto angelical e conhecia muito bem suas explosões intempestivas. Ela não iria parar. Apesar de dar credibilidade ao seu discurso, precisava interrompê-lo. E, nesse momento, isso não me pareceu a pior das ideias. – O que você quer de mim, Vincent? O que eu...

Com um movimento calculado, dei um passo à frente e a tomei nos braços, calando sua voz com um beijo poderoso, exultante por ceder ao meu desejo. Segurei seu rosto entre minhas mãos, prendendo sua boca a minha. Quando tive sua resposta, me rendi a esse amor que queimava meu peito. Suas mãos deslizaram por meus cabelos, trazendo-me para mais perto, e meu reflexo foi apertá-la em meus braços para aprofundar o beijo. Mas isso ainda não era suficiente. Precisava admirá-la, adorá-la. Afastei-me para contemplar os traços delicados de seu rosto, os lábios rosados... e Melissa abriu os olhos, vagorosamente. O calor daquele olhar aqueceu meu peito, fazendo o desejo borbulhar novamente.

– No momento só quero lhe calar com um beijo, antes que você acorde a casa toda!

Tomei seus lábios, mais uma vez, esmagando seu corpo frágil contra o

meu, saciando-me com seus beijos. E a necessidade de tê-la junto a mim trouxe novamente o medo de perdê-la. Eu não poderia perdê-la. Nunca. Com um arfar angustiado a devolvi ao chão. Curvei-me para encontrar seu olhar, enquanto deslizava minhas mãos por seu corpo... eu amava aquela mulher, a desejava, não poderia mais viver sem ela. E, infelizmente, esse amor era sua sentença. Conviver com isso era a maior prova de minha essência sombria.

– Apreendi a ler cada linha dourada dos seus olhos, Melissa. Sei quando você está com medo, quando está triste, preocupada, zangada... ou quando está atormentada pela dúvida – hipnotizado, deslizei os dedos por seus lábios, acariciando-os suavemente. – Sei quando você está agindo com o coração – com um suspiro entristecido, beijei-a delicadamente. – Não tenho motivos para duvidar de você.

Ela sustentou meu olhar, determinada.

– Então, pare de agir assim! – grunhiu. A sombra de uma irritação pulsando em seus olhos ternos.

Sua doação a esse amor me comovia, aumentando meu remorso por ser tão covarde.

– Desculpe se a magoei – atento a sua expressão, toquei seu rosto, escorregando os dedos até a região onde antes havia o ferimento causado por Piro. Não havia sinais físicos de dor em seus olhos, mas soube que o episódio dessa noite a perturbaria por muito tempo. – Mas, depois do que você passou por minha causa... acho que mereço coisa pior do que sua doce ira.

– Não foi sua culpa. Eu escolhi ir com você.

– E isso é muito pior. Quer dizer que, se eu sou sua escolha e você ficar ao meu lado, esse é o tipo de coisa que vai enfrentar. Já fiz essa escolha, Melissa, confiei em um ser das sombras e conheço as consequências da sua decisão. Ao me escolher, você também está aceitando esse lado sombrio. E, se eu a amo, não deveria permitir isso.

Fitando o afetuoso olhar dourado, encontrei a temida verdade... Ela queria estar aqui. Tanto quanto eu. Melissa desejava meu amor e sofreria se eu me afastasse. Nesse momento, fui vencido. Meu lado egoísta, caprichoso e sombrio falou mais alto.

Ela me queria ao seu lado e eu queria que fosse assim.

Deslizei meus dedos por seu cabelo, tentando controlá-lo. Seu perfume adocicado subiu até meu nariz, acalmando a confusão em meu peito. Minha respiração acelerou com o desejo de tocá-la e, cuidadosamente, acomodei meus dedos em seu queixo, levantando-o. Admirei sua boca abrir por reflexo e outro calor tomou meu corpo... o poder. De alguma forma, ele sempre ficava descontrolado ao lado dela. Mas isso não importava, meu coração batia veloz

agora e era bom me sentir assim, vivo. E somente ela era capaz de fazer isso.

Assisti sua ansiedade por meu beijo... E o concedi. Toquei seus lábios ternamente, admirando-a de olhos fechados. Depois, aprofundei o beijo, depositando nele toda minha paixão, para que não restasse dúvida sobre a sinceridade do meu amor. Quando a necessidade de senti-la tornou-se quase suficiente, eu me afastei. Apenas para contemplá-la mais uma vez. Melissa estava de olhos abertos, filetes dourados dançaram em meu rosto, ponderando uma certeza.

– Então... você não vai desistir – ela espremeu os olhos. – Vai?

Como era de se esperar, Melissa precisava de uma confirmação para suas certezas. Eu sorri quase pesaroso.

– Não posso desistir do meu coração.

Ela esticou um sorriso aliviado, que partiu meu coração culpado. Depois, com um suspiro, esticou-se na ponta dos pés para tocar meus lábios. Receber aquele beijo apaixonado aplacou minha culpa. Retribuir seu amor era a melhor desculpa para eu não corrigir meu erro.

Abri os olhos, despertando daquelas lembranças, que agora eram meu tormento. Mas eu tinha mais uma chance.

Com frases curtas, Melissa agarrou a menina maga pelo braço. Depois de uma breve discussão, despediu-se secamente.

Esta era a terceira vez que ela dava as costas para mim. E, em todas, culpei meu egoísmo por decisões erradas... Primeiro, ao de revelar os poderes de Alice. Depois, a pior delas, após a luta com Piro... E agora, após ser envenenada. Por mais que desejasse ir atrás dela, por mais que desejasse seu perdão, sua aceitação, era hora de fazer o certo. Por ela. E, talvez, esta fosse minha última chance. A maldição dos magos das sombras estava nos rondando como um fantasma. E não podia deixar de pensar que o episódio de hoje foi a confirmação mais próxima de sua veracidade.

Ela me espiou sobre os ombros e seu olhar magoado golpeou diretamente meu coração. Com um murmúrio seco, disse que estava aguardando... E nem imaginava que eu já havia tomado minha decisão. Não usaria esse amor como desculpa novamente.

Fechei minhas mãos em punho, lutando para permanecer imóvel enquanto ela atravessava a porta da casa dos Von Berg. Desta vez, ninguém a impediria.

Aproximei-me da vidraça, vendo o velho sedã levantar poeira a caminho da saída. Percebi Aristela rondar minha mente e concentrei-me em sua voz...

“Vá atrás dela”, ela disse. Balancei a cabeça em negativa, ignorando a

dor em meu peito.

Com um pensamento claro, respondi à voz silenciosa...

“Vou deixá-la ir. Enquanto há tempo. Antes que o dano seja irreversível. Esta é a decisão certa, Aristela, e o certo nunca será fácil.”

Aristela voltou à minha mente...

“Vincent! Não desista!”

Determinado, respondi à angústia da maga telepata...

“Não posso condená-la à minha maldição. Não posso dar a ela o fim de minha mãe.”

Aristela contornou a elfo inerte, caminhando ao meu encontro com passos vagarosos.

“Sua mãe estava destinada ao amor, meu filho. Como Melissa”... Com um gesto consolador, ela alcançou meu ombro, afagando-o firmemente, como um aviso... “Dê a ela a chance de escolher.”

Ex-amigo

Ainda estávamos no meio da tarde quando estacionei o sedã em frente à casa amarela. Limpei as lágrimas silenciosas disfarçadamente, enquanto Alice descia do carro. Ainda contrariada, minha irmã murmurou o centésimo protesto e se arrastou até a varanda. Soltei o ar dos pulmões sonoramente... Já era ruim ter sido envenenada. Cortada. Estar com o estômago sensível e a garganta doendo. Ter brigado com Vincent e, pior, carregar novas memórias perturbadoras de mais uma experiência infeliz no mundo da magia. Mas, para tornar meu dia um completo desastre, passaria um agradável fim de tarde ao lado da criança mais mal-humorada do planeta!

Fechei o carro para seguir minha irmã e notei uma silhueta camuflada pela sombra, sentada nos degraus da pequena varanda. Enrijeci e meu estômago sensível tremeu... Vincent poderia ter usado as sombras para chegar antes de mim... Apertei o passo com ansiedade e um sorriso caloroso me surpreendeu.

– Gostei da roupa. Ocasão especial?

Arthur levantou-se dos degraus, aumentando o sorriso e soltei os ombros, aliviada. Justifiquei a mim mesma que estava apreensiva com a decisão de Vincent. Mas também era verdade que, em um dia como hoje, era reconfortante encontrar um rosto amigo, familiar e comum. Bem distante de toda a loucura perigosa que borbulhava em minha cabeça.

Eu sorri com uma dose moderada de sarcasmo.

– Definitivamente... não.

Alice passou por Arthur murmurando algo parecido com um cumprimento e eu me apressei para abrir a porta. A pequena maga mal-humorada entrou chutando o chão. Arthur apenas observou.

– Algum problema?

Sua pergunta simples e, ao mesmo tempo tão complexa, desencadeou uma reação inesperada, meus lábios se esticaram sem meu consentimento. Tinha vontade de rir descontroladamente num tom lunático!

– Mau humor infantil – falei com dificuldade, controlando o surto desvairado.

Arthur analisou minha reação, enquanto Alice batia a porta do quarto sonoramente. Sabia que em alguns segundos tudo lá estaria orbitando e, com um sopro de lucidez, tomei a maçaneta nas mãos encostando a porta novamente. Já tínhamos extrapolado a dose de traumas para um dia, e seria melhor segurar Arthur na varanda... por precaução.

Voltei calmamente para os degraus da pequena varanda e sentei-me com dificuldade, graças ao vestido justo. Comecei a tirar meus tênis molhados enquanto Arthur se aproximava. Ele pegou meus tênis com uma sobancelha levantada e com um olhar questionador os colocou ao sol. Sorri para sua gentileza em sigilo velado.

– Mel... – disse cauteloso – Já faz algum tempo que nós não conversamos e... há algum problema? Você sabe... de eu estar aqui?

Encarei seu rosto preocupado, entendendo sua dúvida. Nossa *quase história* nunca ficou definitivamente resolvida e a última conversa que tivemos sobre o assunto não foi consensual. Era fato declarado a baixa tolerância de Vincent quando o assunto era Arthur, mas também era verdade que eu estava ansiosa para falar com alguém normal, sem segredos ou mistérios. Mordi o lábio, pensativa, e sua expressão vulnerável ficou evidente. Isso incomodou. Arthur era meu amigo, parte da minha família... E, sim, eu me preocupava com ele. Sua expressão lembrava mais o amigo do que o pretendente determinado e suspirei rendida, essa aproximação seria um problema “a mais” para discutir com o cavalheiro carrancudo, mas neste momento, eu pouco me importava.

Mergulhei nos olhos do meu amigo de infância, dourados como as areias de um deserto ensolarado, e menti.

– Nenhum.

Um amplo sorriso acentuou o furinho em seu queixo enquanto ele se sentava ao meu lado. Arthur escorregou os dedos pelos cabelos cor de mel e pareceu constrangido... isso não era normal. Não para Arthur.

– Sei que você anda ocupada, Mel, e não quero atrapalhar...

Suas palavras morreram no ar e me senti culpada.

Nestas últimas semanas estive tão envolvida com meu cavalheiro e a família da montanha que acabei me afastando de todos, até de Rose. E agora sabia como estas pessoas comuns – sem talentos magicamente excepcionais – eram importantes para manter meus parafusos no lugar. Eles eram o elo que me unia ao meu mundo real. E, embora estivesse em falta com meus amigos, com minha *família*, precisava desesperadamente de sua normalidade.

Sorri timidamente, envergonhada por meu egoísmo, mas definitivamente agradecida por Arthur estar ali ao meu lado.

– Você não atrapalha, Arthur – disse sincera e outro sorriso iluminou seu rosto. Eu conhecia aquele sorriso e desviei os olhos, concentrando-me na rua de terra. Estava claro que as coisas não haviam mudado para ele. Eu me encolhi, não havia muito o que fazer sobre isso. E decidi ser o melhor que podia, a melhor amiga... Devia isso a ele. – Como estão as coisas?

Não tive resposta.

Girei o rosto preocupada e encontrei o rosto tristonho do meu amigo de infância. Uma ruga franzia sua testa, sombreando os desertos dourados. Arthur estava mal. E, de alguma forma, soube que isso nada tinha a ver comigo ou com nossa *quase história*. O suspiro aliviado saiu sem meu consentimento e me surpreendi ao, finalmente, perceber que havia algo sério perturbando meu amigo.

– Arthur?

Ele se remexeu incomodado, e agora tinha toda a minha atenção.

– Corridas... como sempre – ele começou hesitante, e a expressão perturbada se tornou evidente – Mas hoje foi um dia daqueles e eu... eu precisava conversar com alguém. Espero que não se importe, mas meus pés me trouxeram para cá – Arthur franziu os lábios e sua voz se apertou na garganta – acho que tinha esperança de ainda ter uma amiga morando aqui.

Um calor antigo aqueceu meu peito.

– Ela ainda mora aqui, Arthur – falei suavemente, sinceramente, esticando minha mão para tocar seu braço. – O que está acontecendo? Por favor, conte para mim.

Ele abaixou os olhos, fitando demoradamente minha mão. Sua expressão relaxou por um breve instante, mas logo se concentrou em algo maior.

– Eu briguei feio com meu pai hoje, disse coisas que não devia e ele passou mal. E, agora, eu estou mal. – Arthur franziu o rosto, amargurado. Eu ia recolher minha mão, mas depois de ver sua expressão não tive coragem. – O pessoal do restaurante já está acostumado com essas crises... mas eu não podia ficar lá, vendo ele se entupir de remédios. O pior é que nada do que eu disser vai fazê-lo mudar. Ele não está bem, Mel... e sabe disso. Meu pai precisa largar o trabalho e cuidar da saúde, mas se recusa a deixar o restaurante em minhas mãos – Arthur bufou. – Estou com raiva, sentindo-me culpado, mas não arrependido! Ele precisa saber que não sou mais um menino. Tem de aprender a confiar em mim!

Eu ouvia com atenção e era mais empática ao seu desconforto do que ele podia imaginar. Afaguei seu braço e ele inspirou longamente.

– Isso é frustrante! Se minhas iniciativas estão dando certo, mereço alguma credibilidade. Ele me quer ao seu lado, mas da maneira dele. Sua falta de confiança me enlouquece!

Contemplei seu perfil transtornado e esperei, pacientemente, até que a raiva momentânea deixasse seu rosto. Queria ajudar, mas por onde começar? E recordei de uma conversa, em uma carona... Há muito tempo. Praticamente em outra vida.

– Sabe, um amigo me disse certa vez que precisamos cultivar a paciência para trabalhar com a família – falei com a voz suave e Arthur levantou os olhos

para encontrar os meus. – Sei que os ânimos estão alterados agora, mas acho que foi bom seu pai saber como você se sente. Talvez faltasse essa atitude decidida para ele entender que você cresceu e, finalmente, poder confiar em você. – Arthur tinha os olhos fixos nos meus, parecia relutante, e eu sorri encorajando-o. – Todos sabem que você tem talento, Arthur, isso não é segredo... Basta ver o movimento da Taberna Casella nos últimos meses.

Arthur suspirou.

– O problema é fazer meu pai reconhecer isso.

Ele colocou a mão sobre a minha e começou a brincar com meus dedos. Esse toque não tinha segundas intenções, era natural, normal... esperado. Observei a frustração tomar seu rosto novamente e permiti que ele se distraísse com minha mão.

– Acho que seu pai tem medo de reconhecer que você pode se virar muito bem sem ele. Medo de não ser mais útil. Justamente por saber que você é capaz. E ele sabe, pode ter certeza – sorri mais uma vez, acalmando-o. E lembrei-me do sucesso do leilão no jantar de inverno da cidade. – Já vi ele se gabar para George de como suas ideias são receitas de sucesso... acho impossível ele não se orgulhar. Desculpe, mas acho o senhor Antônio um controlador incurável! E tenho certeza de que ele teme a mudança porque não sabe ser diferente. – Eu ainda fitava o rosto do meu amigo, agora, quase tranquilo. – Tenha um pouco mais de paciência, Arthur, seu pai entendeu o que você quer. Agora é só esperar ele se acostumar com a ideia.

Arthur sustentou meus olhos e sorriu. Eu podia sentir o calor desse olhar, um calor amigo de que senti falta.

– Senti saudades, Mel. Obrigado por falar comigo.

– Estou aqui, se precisar.

Sorri abertamente, sinceramente, retribuindo seu calor. A perturbação havia deixado seu rosto e fiquei feliz ao perceber que realmente tinha ajudado. Com movimentos vagarosos, Arthur se levantou, mas não largou minha mão.

– Acho que vou dar um tempo em casa antes de voltar para o restaurante. Meu pai também precisa se acalmar... – ele afagou minha mão com o polegar, apertando-a levemente. Depois me puxou para cima. – Minha mãe está fazendo compras e “ele” não vai ter ajuda no processo – Arthur riu sem humor – e vai enlouquecer uns dois ou três da cozinha antes da poeira abaixar.

Tomei impulso para me levantar e soltei sua mão rapidamente. Fiquei constrangida por não poder convidá-lo a entrar, na verdade, tinha receio de fazer isso. E *nesse* momento não era só pelos poderes de Alice.

– Mande lembranças para sua mãe, estou com saudades da Lucila – eu revirei os olhos – e da comida dela, claro.

Ele abriu mais um sorriso caloroso e reluzente.

– Por que vocês não aparecem no restaurante hoje? Ela iria gostar. E com vocês lá meu pai não vai me enlouquecer. – Arthur ficou pensativo por um breve momento e continuou – ele... “seu namorado”... é bem-vindo.

Não consegui conter meu sorriso satisfeito, até comovido. Apreciei de coração o esforço de Arthur para ser amável.

– Obrigada pelo convite, mas acho que “ele” não ficaria à vontade lá.

Arthur apertou os lábios em uma linha fina e fitou meu rosto com uma expressão forçadamente compreensiva. Sabia que ele estava segurando as críticas sinceras na garganta e estava muito orgulhosa do meu amigo.

– Quando der então – ele procurou meus olhos, hesitante mais uma vez – ...acho melhor eu ir.

Arthur virou o corpo para a rua, mas com um movimento rápido, voltou para a varanda. Puxando-me para um abraço esmagador, ele me girou no ar, fui pega de surpresa, mas fiquei feliz com sua atitude. Também estava com saudades. Retribuí seu abraço de urso e percebi que a sensação era de paz, como devolver ao lugar um pedaço que faltava do meu coração.

– Senti sua falta, Mel – ele disse em meu ouvido, enquanto me devolvia ao chão.

– Eu também senti sua falta, Arthur – respondi com dificuldade, esmagada contra seu peito.

Ele afundou o rosto em meu cabelo e respirou profundamente, depois soltou o ar com uma risadinha divertida.

– Sei que faz tempo que a gente não se vê, mas... posso jurar que este não é seu cheiro. Você mudou o perfume?

Com um arfar incomodado, apoiei as mãos em sua cintura e me afastei, corando.

– Eu não... – parei aí. Arthur tinha razão. Estava tão habituada a esse aroma único que não havia percebido que a mistura do banho me deixou cheirando a... Vincent. – Ah, Arthur... desde quando você é especialista em perfume? – eu ri e Arthur enrijeceu os ombros.

Por um breve momento, tive medo de que minha atitude evasiva ressuscitasse antigos sentimentos magoados em meu amigo, mas, quando ele estreitou os olhos para a rua, puxando-me para o lado, entendi que não era a causa da tensão. Segui seus olhos e senti o sangue deixar meu rosto. Juro que não ouvi nenhum som, mas Vincent já estava fora do SUV BMW, a dois passos da pequena varanda, movendo-se com a familiar impaciência irritada.

Arthur colocou-se à minha frente e entendi que ele temia por mim, mas eu temia por ele e desviei de seus braços, adiantando-me um passo. Vincent

parou no primeiro degrau da varanda, bloqueado por meu corpo, seu lindo rosto transformado pela fúria.

– Incomodo? – a voz grave soou baixa, articulada de forma mortal.

Encarei seu rosto intimidador e o susto se transformou em irritação. Tinha consciência de que a cena o desagradava, mas Vincent poderia me dar o benefício da dúvida. Ou ser, no mínimo, um pouco amigável. Afinal, ele não conhecia meus *supostos* problemas reais. Simples, insignificantes e normais. E, acima de tudo, Vincent deveria confiar em mim!

Estava elaborando uma resposta à altura da minha irritação, mas Arthur foi mais rápido:

– Já estou de saída.

– Pensei que havíamos esclarecido as coisas mais cedo. – Vincent reforçou seu tom intimidador e, finalmente, percebi que ele não falava comigo.

Girei o rosto procurando por Arthur e ele estava sério, seus olhos eram desertos congelados.

– Sim, esclarecemos – Arthur respondeu. Abri a boca, surpresa. Eu... perdi algo aqui? Desde quando “eles” esclareciam coisas sem eu saber? Arthur levantou o queixo e continuou, ignorando meu olhar questionador. – E se cumprir com sua parte, vou cumprir com a minha.

– Não é isso que estou vendo.

– Do que você está falando, Vincent? Sobre o que vocês andaram conversando? – perguntei confusa, e Vincent me dirigiu um olhar vazio. Isso me irritou de verdade. Voltei minha pergunta para Arthur. – Do que ele está falando, Arthur?

– Não é nada importante, Mel, apenas um... acordo de cavalheiros.

– Que tipo de acordo? – minha voz saiu aguda e Arthur girou os olhos no ar. Procurei o rosto de Vincent, e ele usava sua máscara de mistérios. – Vincent?

– Se você está de saída, saia. – Vincent grunhiu impaciente, mirando o rosto atrás de mim.

– Depois de nossa conversa, poderíamos ser mais civilizados.

– Esta é a minha versão civilizada.

Arthur bufou indignado, fuzilando seu oponente com os olhos.

– Qual é o seu problema, cara?

– No momento? Você. – Vincent subiu o último degrau de forma impulsiva e me movi com ele. Levantei minhas mãos rapidamente, apoiando-as em seu peito.

– Vincent... – comecei, mas engoli em seco ao notar o tom violeta de seus olhos. Senti o calor de seu peito, fazendo pressão contra minhas mãos e empurrei com força na tentativa débil de segurá-lo no lugar. – Pare com isso... Seu

problema é comigo!

Vincent voltou o olhar violeta para mim e hesitou. O rosto indecifrável. Um segundo pareceu a eternidade e ele finalmente recuou.

– Volto quando não estiver ocupada.

Ele deu um passo para trás sustentando meus olhos e, com seu andar imponente, voltou para o SUV. Continuei imóvel, as mãos ainda no ar enquanto meus olhos se enchiam de água.

Impotente, observei a terra rodopiar atrás dos pneus do BMW e senti a mão de Arthur afagar meu ombro.

– Você está bem?

Não ousei responder, apenas afirmei com a cabeça, enxugando uma lágrima perdida.

– Desculpe se criei problemas para você – murmurou incomodado.

Esfreguei os olhos antes que mais lágrimas escapassem e me virei para encarar os calorosos desertos dourados.

– Meus problemas já existiam antes de você chegar, Arthur.

Ele me fitou em silêncio.

– Então, acho que ele também não está cumprindo sua parte do acordo.

– Que acordo? Do que se trata isso? Desde quando vocês se encontram para conversar?

Arthur soltou o ar, rendido, mas também aborrecido.

– Nós nos encontramos hoje de manhã, por acaso, na prefeitura. Tudo bem, confesso, fui eu quem puxou assunto. Eu... perguntei de você. Foi isso – Arthur ficou envergonhado, como uma criança pega com a mão no pote de doces. – Queria saber se estava bem, se estava feliz – seus olhos focaram o chão – e *ele* disse que estava se “empenhando” para isso. Eu pedi que fizesse “mais” do que apenas se empenhar – Arthur pausou, e com uma careta finalizou – então, *ele* perguntou se sua felicidade era tudo o que importava. Respondi que sim, e ele me pediu para ficar longe de *você*.

Eu quase engasguei, indignada.

– Você é meu amigo, Arthur! É da família... Vincent não tinha o direito de te pedir isso.

Arthur fixou os olhos nos meus.

– Se eu estivesse no lugar dele, faria a mesma coisa. Mas, com certeza, teria mais sucesso em fazê-la feliz.

Sua expressão decidida fez algo se apertar em meu peito. Era óbvio que as coisas não iam bem para mim, e Arthur nem imaginava o quanto complicadas elas poderiam ser. Suspirei longamente... e o pior disso é que suas palavras eram sua confissão. Seus sentimentos não haviam mudado. Mas sabia que revelar esse

detalhe, neste momento, não era uma provocação. Arthur parecia controlado, eu diria, conformado. E, como sempre, precisava lhe dar razão... Neste momento ele estava tendo mais sucesso em me fazer feliz do que Vincent.

Abaixei os olhos quando outras coisas fizeram sentido. O mau humor de Vincent no gramado dos Von Berg, suas preocupações sem propósito com Arthur... Mordi o lábio, não tão sem propósito.

Arthur afastou-se um passo.

– Desculpe. Eu não devia ter vindo.

– Está tudo bem, Arthur. Sério. Somos amigos – frisei. – E amigos ajudam amigos. Nossos problemas são mais importantes que esse ciúme bobo – amenizei. Ele tombou a cabeça, lendo meu rosto, procurando uma ponta de confiança em minhas palavras. Antes que encontrasse a verdade, continuei. – Vincent vai entender isso. Ele precisa entender. Sei que às vezes ele é mandão, um pouco grosseiro e possessivo, irritado, ciumento... E consegue ficar “muito difícil” quando quer – inspirei longamente, controlando a irritação que acompanhava o calor sufocante em meu peito –, mas no fundo, Vincent tem um bom coração.

Desta vez, Arthur riu com humor, como se eu tivesse contado uma piada ótima. Quando o contexto fez sentido, fiquei com vontade de rir também. Era difícil até para mim acreditar nessa coerência, mas o que eu tinha agora era apenas isso, a certeza do meu coração.

Arthur se aproximou novamente, ainda rindo, e alisou meu cabelo com um gesto automático de carinho e consolo.

– Você sabe que é meio maluca, não é? – perguntou com um sorriso confiante. Não pude contradizê-lo, estava mais certa disso a cada dia. Sorri, mas ele ficou subitamente sério. – Quer saber? Esse cara está precisando de uns sapatos! Ele nem imagina como é sortudo por ter o coração da garota mais legal da cidade.

Arthur abaixou a mão. E, com um gesto contido, escondeu as duas nos bolsos.

– Não vou lhe dar conselhos porque sei que não vai ouvi-los. Mas vou fazer um pedido... Cuide-se. Não deixe ninguém magoar você. – Agora ele estava ainda mais sério. – Você merece ser feliz, Mel, e se ele não for capaz de fazer isso, não a merece.

Sua sinceridade de lógica simples perfurou meu peito como a lâmina afiada do punhal, fazendo-me recordar detalhes que complicavam, cada vez mais, esse romance improvável da garota comum com o *talvez* amaldiçoado mago das sombras. Abaixei os olhos e Arthur limpou a garganta, percebendo o quanto seu pedido havia mexido com minhas perspectivas.

– E... claro, se precisar de um ajudante de cozinha, um amigo para conversar... ou punhos para te defender, estou na casa azul aqui ao lado.

Encontrei seu olhar caloroso e me esforcei para responder a sua tentativa de melhorar meu humor.

– Obrigada.

Arthur piscou um olho para mim e deixou a varanda. Depois de alguns metros, tirou as mãos dos bolsos e acenou, sumindo da minha vista.

Fiquei na varanda por um minuto, observando a rua deserta. Meus olhos vagaram até a casa verde do meu ex-vizinho logo à frente. Também deserta. Engoli em seco, jamais perdoaria Vincent se ele fizesse algo semelhante com Arthur. Com um suspiro, eu me abracei, apreciando o calor do sol que espantava os temores que assombravam meu coração. Eu só desejava o previsível, a evolução comum de um relacionamento... parei meu pensamento antes de completá-lo. Eu sabia que o que tínhamos estava longe de ser comum e precisava assumir as consequências dessa escolha. Mas não era pecado querer um pouco de paz! Principalmente depois do dia de hoje.

Eu merecia um pouco de felicidade instantânea, e sabia exatamente como consegui-la. Mas, antes – soltei os ombros, peguei meus tênis encharcados e me arrastei para dentro de casa – era hora de encarar outra maga furiosa.

Desisti de alegrar minha irmã depois de montar o quinto quebra-cabeça. Larguei a menina emburrada no quarto com sua coleção de ursos flutuantes e fui tomar um banho com “meu” sabonete de jasmim. *Comum e normal*. Guardei o vestido de seda de Viviana com cuidado no guarda-roupa e ele fez companhia para os outros dois solitários que estavam lá, o longo de corpete do baile da cidade e o *cocktel dress* azul-marinho, que usei no jantar do bistrô. Os três vestidos me traziam lembranças de uma única pessoa e, com certo desprezo, eu os empurrei para o canto do guarda-roupa, ampliando o espaço vazio.

Esparramada na cama, espiei a noite chegar pela janela e sentei-me, fadigada. Era hora da *minha* felicidade instantânea! Reunindo um pouco de coragem, me arrastei até a cozinha e George chegou quando eu despejava a massa perfumada de chocolate em um prato fundo. Ele levantou uma sobremesa para meu aperitivo, mas sua astúcia paterna logo percebeu meu momento de “poucos amigos”. Sem questionamentos, foi direto para o banho. Aproveitei para checar a pequena maga mal-humorada e, depois de ter certeza de que não restava nenhum urso flutuando no quarto, voltei para a cozinha. George logo se juntou a mim nos preparativos do jantar e até se arriscou em uma conversa qualquer, mas eu estava ocupada demais equilibrando a colher de

brigadeiro na boca. Ele me observou com seu silêncio analítico, enquanto eu tirava o assado do forno, e presenteando-me com sua empatia, não insistiu.

Durante o jantar o silêncio ainda reinava na casa dos Wels. Meu avô continuava pensativo, e Alice, ainda emburrada, batia os talheres no prato. Eu suspirava a cada tilintar, controlando meu gênio, repetindo a mim mesma que era inútil começar uma discussão que não poderia ser resolvida na mesa. No fim da refeição, a paciência diplomática de George se esgotou.

– Muito bem... Quem vai me dizer o que está acontecendo?

Houve uma rápida troca de olhares, sabíamos que ele queria justificativas para o mau humor generalizado, mas não podíamos lhe oferecer mais que o silêncio. Um último tilintar me fez ranger os dentes.

– Por que vocês brigaram?

– Ninguém brigou *Opa* – murmurei com um suspiro e senti o julgamento de quatro olhos esmeralda sobre mim.

– Não é verdade – Alice começou e suspirei mais uma vez, treinando minha paciência materna. – Eu não briguei com ninguém, mas a Mel... – ela continuou, os olhos fixos nos meus. Sabia que minha irmã estava me provocando por estar puramente contrariada, e montei uma expressão reprovadora. Como se isso fosse resolver alguma coisa. – Ela briga com todo mundo! – minha irmã apoiou as mãos ao lado do prato, inclinando-se sobre a mesa. – Você não lembra o que a mamãe dizia? – balançando os cachos ruivos, ela respondeu rapidamente à própria pergunta – Brigar com quem a gente gosta é errado. E você não está sendo legal com ninguém que gosta de você, nem com o Vincent! Vive arrumando confusão com ele, com o Arthur, na rua, na casa da Aristela... como hoje... E por sua culpa eu nem vi o Heros! Nem sei se a gente vai voltar lá... porque, pela sua cara e a do Vincent... não vai!

Sabia que Alice estava chateada, mas não podia deixá-la continuar. Intensifiquei meu olhar restritivo para a menina de olhos esmeralda e ela se calou com uma careta contrariada. George coçou o cavanhaque e soube que sua mente voava longe.

Ele estreitou os olhos, ponderando.

– Então, você e o Vincent brigaram – afirmou duvidoso.

– Quase isso... – tentei escapar.

– Vocês brigaram, sim. Eu vi. – Alice confirmou resoluta enquanto cruzava os braços.

Soltei o ar entre os dentes.

– E o que isso quer dizer? É definitivo? Vocês não vão mais precisar subir a montanha? – George perguntou com um tom esperançoso e lhe respondi com um olhar severo.

Com minha visão periférica, notei os talheres se movendo levemente na mesa e me ajeitei nervosamente na cadeira.

– Claro que vamos... Alice gosta do Heros. E pode vê-lo quando quiser – esclareci de pronto, concentrada na menina de olhos oliva. – Aristela gosta de você, Alice, e minhas discussões com Vincent não vão mudar isso. Eu só preciso conversar com ele, resolver... você sabe, nossas... ah... desavenças. Coisas de adulto – concluí, alerta ao movimento dos talheres.

– Conversar, conversar... Você e o Vincent são muito complicados. Eu não sei o que são essas “coisas” que os adultos sempre conversam, mas elas não resolvem nada. Vocês sempre precisam conversar mais. E continuam arrumando confusão! – Alice me encarou com petulância e tive de reconhecer que ela tinha razão. Perdida nos olhos oliva da menina maga, que esbanjava sabedoria infantil, suspirei, rendida. – Você é muito teimosa, Mel – minha irmã balançou a cabeça em desaprovação, mas seu tom era condescendente –, e se continuar chata assim, vamos ficar sem amigos na montanha. A Aristela não vai querer a gente na casa dela... E aí, vai ser tudo culpa sua!

– Ei... Ei, calma. Alice, olha como fala com sua irmã – George interveio.

Mas eu não estava preocupada com a criança mal-educada à minha frente e sim com a maga criança, que ficava cada vez mais aborrecida.

– Alice, meus problemas com o Vincent não vão mudar suas amizades, ou seus passeios até a casa da Aristela – falei resoluta, vigiando os talheres na mesa.

Alice fixou os olhos em meu rosto.

– Você promete?

Afirmei solene, e ela pareceu convencida.

– Que ótimo – George murmurou a contragosto, voltando os olhos para o prato vazio.

Eu e Alice compartilhamos um sorriso tímido enquanto ele se levantava.

– Essa tal Aristela e seu cachorro são *muito* especiais para você, não são, Alice? – George questionou distraído enquanto recolhia os pratos. Mas não houve resposta.

Encontrei os olhos esmeralda de minha irmã mais uma vez e dividimos nosso sigiloso segredo. Nesse momento, tive certeza de sua compreensão sobre a seriedade dos fatos e, apesar de seus “quase seis anos”, ela sabia a importância de proteger um segredo que não era só seu. Ampliei meu sorriso e murmurei um “obrigada” sem som à minha meia-irmã maga. Alice assentiu em silêncio enquanto George abria a torneira, murmurando algo sobre educação infantil. Ao contrário dele, eu estava muito satisfeita pela ausência de resposta.

As horas passaram e a casa se aquietou. Deixei Alice em seu quarto, embalada pelo sono dos anjos, e me arrastei até o meu. Parei na janela, observando, ou esperando, mas a noite do lado de fora engoliu meu coração com uma certeza: meu cavalheiro carrancudo não voltaria.

Rodei por meu quarto... E parei. Observando a imagem no espelho do meu guarda-roupa, medi o reflexo da garota de cima a baixo, constatando as mudanças notáveis neste último mês. Eu parecia mais confiante, determinada e, apesar dos acontecimentos do dia, até mais bonita! Os olhos amendoados no espelho brilhavam decididos, certos de sua escolha. Expirei o ar, frustrada. *Por que Vincent não podia ver isso?* Dei as costas para o reflexo e me joguei na cama, não queria pensar em nada. Apenas dar férias momentâneas ao meu cérebro cansado... Ao meu coração arrasado. Suspirei longamente e meus olhos pararam nas pilhas de livros que se acumulavam ao lado da cama. Lá estava minha resposta. Eu poderia ser levada pelas mãos da imaginação, observar os acontecimentos sem me preocupar com escolhas, decisões. Ser conduzida para um fim que já estava escrito, que apenas aguardava meu encontro... página após página, como o destino. Implacável e resoluto. A certeza que vi nos olhos da garota do reflexo e que desejava ver nos olhos turquesa.

Levantei da cama com um pulo e puxei um livro qualquer da pilha mais próxima, confiando no destino, e uma olhada na capa fez meu peito chacoalhar com uma risada irônica... *“Beauty and the Beast”, Jeanne Marie Le Prince de Beaumont.* – A versão em inglês do clássico francês foi um dos livros que ganhei de Vincent no último mês. Ele se desculpou por não possuir a edição original, de 1756, e até que foi convincente ao disfarçar seu desapontamento quando informei que não era fluente em francês. Isso não significava que eu era uma *expert* na língua inglesa, mas possuía alguns clássicos em edições especiais e conseguia ler sem muita dificuldade... quando vencia a preguiça.

Aceitando minha sina, coloquei o livro embaixo do braço e, com um movimento mecânico, peguei o *iPod* na mesinha cabeceira. Girei o aparelho nas mãos e uma inscrição no verso cromado trouxe a risada irônica ao meu peito mais uma vez. Precisaria de muito esforço para não me atentar aos detalhes que insistiam em me levar a Vincent. *Ele* estava por todos os lados! Conectei os fones do meu *novo iPod* e apertei *play*... o jazz suave em meus ouvidos me fez parar. Isso já era demais! Com atenção redobrada, escolhi uma das “minhas” *playlists* de rock, aumentei o som bem próximo do máximo e desci a escada para me aconchegar perto da salamandra acesa.

Minutos depois, dedilhava as páginas do livro com curiosidade, mais empática ao dilema da *Beauty* do que poderia imaginar. Quando finalmente rompi a barreira da língua, familiarizando-me com a composição das frases,

George sentou ruidosamente ao meu lado no sofá. Ele ligou a TV e depois de saltitar pelos canais, limpou a garganta, chamando minha atenção.

– Então... Você terminou com o Vincent?

Suspirei incomodada e tirando meus fones, respondi com um murmúrio sem desviar os olhos do meu livro.

– Foi apenas um desentendimento *Opa*.

Pelo canto do olho, vi meu avô balançar a cabeça, e soube que ele não deixaria um fato destes escapar sem um interrogatório.

– Desentendimento – George pronunciou a palavra vagarosamente, testando as sílabas.

Sabia que ele estava me observando e abaixei meu livro com outro suspiro incomodado, encontrei seu rosto esperançoso e não segurei a careta. Mas, antes que George formulasse sua próxima pergunta inquisitória, duas batidas firmes estremeceram a porta de entrada. Sustentei os olhos oliva em súplica, o coração acelerando no peito... Não sabia o que esperar do humor de Vincent e, definitivamente, não queria mais confusão.

George entendeu minha ansiedade e, desta vez, foi ele que retorceu o rosto com uma careta. Tombando a cabeça, sinalizou para que eu abrisse a porta. Com um sorriso nervoso pulei para o hall, escorregando as meias no assoalho. Antes de abri-la, ajeitei os cabelos, respirando pausadamente, duas vezes. Embora estivesse aliviada, não poderia deixar minha ansiedade me entregar, não antes de saber sua decisão. Mas a visão seguinte era tudo o que esperava... Lá estava o meu mago das sombras, um monumento à perfeição parado na pequena varanda do meu avô. Naquele segundo, eu já havia esquecido qualquer problema.

Corri os olhos pelo cabelo desalinhado, descendo pelos olhos turquesa, a boca assimétrica, o peito musculoso delineados pela camisa preta... Vincent usava jeans e precisei conter um suspiro. Ele também me olhou de cima a baixo e apertou os lábios, contendo um traço de satisfação, que logo se tornou misteriosamente divertido. Sabia que não estava em minhas melhores roupas e abaixei os olhos para confirmar minha péssima escolha: meias coloridas, jeans surrado e blusa de tricô cheia de bolinhas.

– Vamos – a voz grave convocou, retumbando na varanda enquanto o lindo mago dava um passo para trás, indicando o SUV preto na rua. Eu o encarei, perdida na figura fascinante. Vincent expirou o ar com um som impaciente. – Vim buscá-la, Melissa – comunicou.

Olhei dele para minhas meias... *Por que eu sempre vestia a roupa errada?*

– Não estou arrumada para sair, Vincent – indiquei minhas meias –, nem

sabia que iríamos sair.

Vincent limpou a garganta, impaciente mais uma vez. E a fascinação foi rapidamente substituída pela frustração. Ele nunca iria mudar?

– Avisei que voltaria para conversarmos mais tarde. Portanto... – ele sinalizou para o interior da casa, sugerindo que eu resolvesse o impasse.

– Não, você disse que voltaria “quando eu não estivesse ocupada” – rosnei, aborrecida pelo seu autoritarismo incurável. – E não me lembro de ter sido consultada sobre minha disponibilidade. Você podia ter usado o telefone.

Vincent cruzou os braços, enfatizando músculos tensos. Precisei conter outro suspiro.

– Você está ocupada?

– Não. Mas...

– Pode sair?

Ponderei. Sabia que precisávamos conversar, mas seu mau humor era algo que mexia involuntariamente com meus nervos, e somei à minha irritação toda a mágoa acumulada pelos acontecimentos da tarde. Eu queria contrariá-lo, de propósito. Vincent entendeu isso e soltou o ar e os braços com um único movimento.

– Eu adoraria me sentar no sofá de sua sala, Melissa, mas acho realmente que não é um bom momento para praticar a socialização. Você sabe muito bem que precisamos de privacidade para discutir certos assuntos.

Antes que respondesse, George apareceu no hall com algo nas mãos. Ele balançou a cabeça para Vincent, algo como um cumprimento desanimado, e estendeu meu mais novo aparelho celular, que eu sempre esquecia.

– Não demore. Alice tem aula logo cedo amanhã – George disse sério, sustentando meu olhar.

Não discuti. Abri um tímido sorriso e peguei o celular.

– Obrigada, *Opa*.

– Cuidarei para que ela volte no horário, senhor George.

George não respondeu à Vincent, em vez disso, murmurou um som descontente e voltou para a sala. Fuzilei o mago das sombras com os olhos... Eu poderia responder por mim mesma. Neste momento, fui simpática à implicância do meu avô. Vincent era impossível!

Guardei o celular no bolso de trás do jeans e vesti o primeiro casaco que agarrei no hall. Calcei meus tênis rapidamente e segui para o SUV, onde o cavalheiro carrancudo aguardava segurando a porta. Vincent acelerou rua abaixo e quis perguntar sobre nosso destino, mas ainda estava aborrecida e não queria quebrar nosso silêncio com uma pergunta se ainda esperava por outra resposta. Afundei no banco de couro e tentei me concentrar no jazz suave que dançava ao

nosso redor.

Renegociação

Quando o SUV BMW deixou os limites da cidade, procurei pelo rosto à frente do volante, mas Vincent permaneceu imóvel, concentrado apenas nos faróis. Mordi o lábio ferozmente, controlando minha curiosidade. Alguns minutos depois, ele diminuiu a velocidade e reconheci o acesso à beira da estrada... Meu coração pulou alto no peito. Era a entrada para o bistrô da Terra das Sombras, eu tinha certeza!

Agora o SUV deslizava suavemente pelo cascalho do acostamento e, desta vez, prestei atenção em todos os detalhes à minha volta. Com o rosto colado no vidro, vi nitidamente o espaço delimitado por duas grandes árvores alguns metros à frente, passamos justos entre elas. Os faróis, mesmo ligados, não iluminavam mais nada. Depois de rodar alguns metros pelo breu total, tochas apareceram enfileiradas no chão... como eu me lembrava.

Vincent parou o BMW ao lado do jardim iluminado, a alguns metros da charmosa construção de pedra. Ele desceu do carro sem dizer nada, e permaneci colada no banco. Meus olhos surpresos registravam detalhes da paisagem encoberta pela familiar penumbra do crepúsculo. Vincent abriu minha porta e pareceu satisfeito com meu choque. E eu estava *muito* chocada... com sua atitude e, principalmente, com seu significado.

– Gostaria de descer agora ou precisa de um minuto?

Ignorei sua ironia, fechei a boca e desci do carro, ainda mais aturdida com sua tranquilidade. Pensei que seria “muito” mais difícil convencê-lo a me levar até o Mundo Mágico novamente. E estava surpresa por a minha primeira visita ser justamente à Terra das Sombras.

– A noite está agradável aqui, acho que não vamos precisar disso. – Vincent me ajudou a tirar o casaco, deixando-o no carro. Em seguida, analisou minha postura rígida. – Pensei que era isso o que você queria. Mas, se for demais, podemos voltar.

Seu tom estava entre o brincalhão e o preocupado, mas eu não queria arriscar.

– Não. Quer dizer... é sim. Eu quero estar aqui. Quero sim. – Respirei pausadamente. – Só estou... – procurei a palavra certa e havia várias: *chocada, estupefata, extasiada, maravilhada, fascinada... apaixonada* – surpresa! – Completei com um sorriso bobo.

– Sou bom em surpreender.

– Eu sei – murmurei ainda mais abobada.

Vincent percebeu que eu precisava de algum incentivo para me mexer e tomou meu braço, depois de alguns passos, continuou... Aparentemente casual.

– É justo que você tenha mais uma chance de visitar este lugar, já que não conseguiu apreciá-lo totalmente da última vez. A propósito, gostaria de tirar sua má impressão daquela noite.

Ele procurou meus olhos e sabia que estava se referindo às labaredas de fogo que impediram minha fuga depois do nosso jantar revelador. Apertei os lábios com uma careta reprovadora.

– Este lugar é importante para mim, Melissa, e não quero que tenha lembranças ruins daqui. – Vincent ficou pensativo por um breve segundo e respirou profundamente. – Acho que nunca mencionei, mas minha mãe era a antiga proprietária do “bistrô das sombras”. – Meus pés travaram no chão e pisquei duas vezes... – É, acho que nunca mencionei – as palavras fugiram e Vincent ignorou minha surpresa. – Mas tenho certeza de que mencionei seu talento para a culinária – completou com um breve sorriso.

Sustentei os olhos turquesa, desconfiada de sua expressão controlada. Vincent estava se esforçando para parecer natural. O natural que ele podia ser. Ele apertou minha mão, fazendo-me andar novamente. Mordi o lábio, isso não era um passeio comum, ele estava fazendo revelações, disfarçando sua apreensão. Havia algo sério subentendido nesta nova visita. Algo que precisava ser recompensado. Olhei em volta, analisando o ambiente. Independentemente de seus termos, eu tinha de aproveitar minha chance, afinal, estava no Mundo Mágico!

Observei a silhueta das árvores submersas na sombra enquanto seguíamos as lanternas que iluminavam o caminho. A paisagem estava mais para “belamente instigante” do que para “musgosamente assustadora”. Na verdade, estava agradável. O ar fresco era quase doce. E o brilho das lanternas deixava uma névoa no ar... mágico! Tudo bem, a palavra era irônica demais para definir algo por aqui. Uma brisa suave varreu meu rosto e notei que realmente não estava frio deste lado. Era fim de inverno, e estava frio em Campo Alto, ainda mais frio na montanha dos Von Berg, mas aqui parecia o auge da primavera.

– Por que o clima aqui está diferente?

Vincent demorou a sair de seu transe e espremeu as sobrancelhas antes da resposta.

– As intempéries climáticas no Mundo Mágico dependem muito da energia emanada pelo lugar. É quase como um reflexo do que você pode esperar do ambiente. Frio demais e calor demais significam desconforto, portanto, problemas. Já os climas amenos podem ser considerados como lugares neutros, independentemente de onde esteja... Terra da Sombra ou da Luz. Você se lembra

do que Armand lhe disse sobre este lugar?

– Ele disse que era uma região neutra... – ponderei quase gaga, deslumbrada pela explicação paciente –, portanto, segura – completei.

– Não se deixe enganar Melissa, não há lugar seguro para “você” no Mundo Mágico.

E lá estava o tom grave e frio. Sim, este passeio “era” uma recompensa. E algo me dizia que não iria gostar dos seus termos de renegociação.

– E o que isso quer dizer? Que sou um ímã para o caos ou vulnerável demais como humana comum para estar aqui? – questionei incomodada. Vincent venceu a testa, sabia que ele estava considerando as duas alternativas, mas não ia lhe dar a chance de voltar atrás. – Quer saber? Estamos aqui. Então...

– Então, ficaremos alertas – completou tenso.

Não queria estragar um passeio que prometia ser “muito” revelador, e sorri timidamente, forçando algum humor.

– Sempre alerta, capitão.

“Bati continência”, tentando amenizar sua seriedade, mas falhei.

– Gostaria que não brincasse com sua segurança. Já me custa muito estar aqui.

Isso confirmava minha suspeita. Suspirei e Vincent me espiou brevemente, entrelaçando os dedos nos meus com a expressão tensa. Outra brisa tocou meu rosto, desta vez mais gelada. Olhei em volta com cautela e parei meus olhos no perfil do mago carrancudo.

– Está... diferente agora. E, pensando bem, da última vez que estivemos aqui lembro de estar bem mais frio que isso.

Ele inspirou lentamente, como se tentasse controlar as emoções.

– O humor de um mago pode influenciar o clima no seu mundo. E... vamos dizer que um mago das sombras pode modificar sutilmente o ambiente *aqui* também. Bom, quanto àquela noite, eu estava... apreensivo.

Estava claro que esse momento também o estava perturbando. Com minha mão livre, afaguei seu braço.

– Nada vai acontecer, Vincent. Prometo tomar cuidado.

Um sorriso forçado foi minha resposta. Ele levantou nossas mãos unidas e beijou o dorso dos meus dedos.

Seguimos vagarosamente pelo jardim impecável que contornava a construção de pedra e Vincent foi paciente com minha análise detalhada. Estudei as flores em formatos incomuns e as lanternas suspensas até o céu escurecer completamente. Sabia que deste lado não havia dia, apenas o crepúsculo e a noite escura, então um pouco de luz era fundamental. E o efeito era magnífico!

As lanternas não estavam presas a nada, elas apenas... flutuavam. Pairando acima dos canteiros forrados por flores estreladas ou pendendo das árvores, como um gigantesco candelabro. Estava encantada com os pequenos detalhes e, próximo à entrada do bistrô, lembrei-me de outros... práticos.

– Ah Vincent, desculpe, não estou vestida apropriadamente para jantar no bistrô. E, por falar nisso, eu já jantei.

– Não viemos jantar. Viemos apreciar a vista – ele parou na minha frente com um sorriso torto e segurou minhas mãos, avaliando-me com a cabeça levemente tombada. – Quanto a suas roupas, se me permitir, posso cuidar disso.

Eu o encarei, e seu olhar foi claro... Magia!

Lembrei-me do feitiço que Armand usou para me fazer dormir na noite da luta com Piro. Aquilo foi indolor, mas apavorante. Definitivamente, não gostava de ser cobaia de magos imprevisíveis. Entretanto, esta noite prometia e precisava incentivá-lo de alguma forma. Segurei a respiração e assenti uma vez, sentindo meu coração acelerar.

Vincent abriu um sorriso largo e avançou um passo, sem aviso, jogou um dos braços ao redor da minha cintura para alcançar o celular no bolso de trás do meu jeans. Aproveitando nossa proximidade, encostou os lábios em meu ouvido.

– Isso não vai caber em sua roupa nova.

Fiquei arrepiada com sua voz ronronada e Vincent notou, afastando-se com um sorriso travesso. Ele guardou meu celular no bolso da calça e puxou um pequeno pedaço de tecido violeta.

– Segure isso – disse, estendendo um quadrado de pano com a expressão séria. O retalho não era muito maior que minha mão.

Observei o tecido fino entre meus dedos sem entender seu significado.

– Para que você carrega isso?

– Não carrego. Mas, como percebeu, tenho planos para esta noite. E precisava estar preparado.

Vincent entortou os lábios brevemente, mas logo buscou sua concentração. Ele deu um passo para trás e correu os olhos por meu corpo, concentrando-se em cada curva. Eu corei.

– *Bauen* – murmurou em alemão.

Senti uma brisa morna envolver meu corpo e, por impulso, fechei os olhos. Minha roupa ajustou-se ao corpo com uma leve pressão, depois afrouxou. E, como se não houvesse costuras, o tecido deslizou por minha pele, como uma grande serpente... ganhando vida ao meu redor. Foi muito rápido e, quando olhei para baixo, não havia mais nada em minha mão. Atordoada, apreciei o tecido fluido que moldava meu corpo e entendi que, ao comando de Vincent, o pequeno pedaço de pano havia construído um levíssimo vestido violeta que substituíra o

jeans e a blusa de tricô. Era lindo! A parte de cima contornava meus ombros em um delicado decote canoa, e a cintura, ajustada, abria-se em uma saia esvoaçante que acabava acima dos joelhos.

Um sorriso extasiado esticou meus lábios, enquanto agarrava algumas camadas da saia para rodopiar. Uma... duas vezes. Procurei o rosto do *meu* mago favorito e notei que Vincent ainda estava muito concentrado. Não havia acabado. Olhei para baixo, mais uma vez, e entendi o que estava faltando.

– *Um wandeln.*

Observei meus pés por mais um segundo e meu sorriso se desmanchou. Meus tênis surrados foram convertidos em uma réplica dos lindos e desconfortáveis *scarpins* pretos. Meus dedos reclamaram, adaptando-se ao novo contorno, e esbocei uma careta.

– Você não gostou?

Levantei o rosto para o mago de olhos brilhantes e forcei um sorriso conformado.

– O vestido é maravilhoso, Vincent... Obrigada! Mas os sapatos são um exagero.

– Gosto destes sapatos – disse, levantando os lábios com um sorriso cheio de significado. Vincent analisou todo o esplendor de sua obra, subindo e descendo os olhos por cada detalhe, demorando-se em minhas pernas. – *Schön.*

Sabia que isso não era um comando de magia e corei com o elogio. Nesse momento, o desconforto de meus pés perdeu sua importância. Vincent se aproximou, tocando meu rosto em brasa, e afastou delicadamente o cabelo do meu pescoço.

– Admito que o vestido de Viviana me inspirou, mas gosto de movimento – ronronou, aproximando-se para beijar meu rosto – hum... e aproveitando que estou aqui, preciso dizer – ele roçou o nariz em minha orelha – jamais mudaria seu perfume.

Vincent deixou os lábios na região sensível abaixo da minha orelha e meus joelhos vacilaram, precisei lembrar que usava salto alto. Ele recuou com um sorriso orgulhoso e se curvou com uma reverência para pegar a minha mão.

– Gostaria de me acompanhar?

Estava abobada demais até para sorrir, e confesso, meio anestesiada das orelhas para baixo. Concentrada no rosto sedutor que ainda me fitava, esforcei-me para “apenas” respirar. Vincent entendeu meu torpor e passou minha mão por seu braço, o sorriso ainda mais exagerado. Caminhamos lentamente pela calçada de pedra e, depois de cruzar a porta do bistrô, meu cérebro mostrou sinais de recuperação.

– Pensei que iríamos ao bistrô.

– Eu disse que viemos apreciar a vista – disse misterioso. – Mas vamos voltar depois. Tenho certeza de que uma sobremesa é bem-vinda.

Seguimos pelo caminho de pedra por alguns metros e paramos ao lado de um extenso matagal, completamente camuflado na penumbra da noite. Observei o contorno das ramas no horizonte escurecido e me surpreendi com alguns pontos brilhantes, flutuando rapidamente no topo das hastes, pareciam impulsionados pela brisa. Franzi as sobrancelhas e procurei o rosto do mago ao meu lado... *Vaga-lumes? Viemos até a “Terra das Sombras” por vaga-lumes?* Abri a boca para questionar, mas Vincent me deu as costas.

– Espere aqui – disse estranhamente animado.

Com dois passos, ele entrou no meio das ramas altas girando os braços, deixando a palma das mãos esbarrar no topo das hastes. Uma luz fraca começou a cintilar no topo de cada rama, e já não sabia se era Vincent que fazia aquilo ou se a luz amarelada era uma reação da planta ao seu toque. De qualquer forma, era... lindo! Parei de respirar enquanto admirava aquele homem quase dançando à minha frente, iluminado por centenas de pontos brilhantes ao seu redor.

Vincent encontrou meu olhar admirado e sorriu.

– A luz também está presente nas sombras, mas aqui – ele girou os braços mais uma vez – você tem de procurar por ela – esclareceu.

Quando achou que era suficiente, ele estendeu a mão para mim. Hesitei.

– Venha, é seguro – ele sustentou meus olhos – Confie em mim.

Meu coração disparou com sua intensidade e inspirei profundamente, absorvendo minha visão.

– Eu co-confio – gaguejei – não é isso. É lindo, Vincent! Muito mais do que lindo... – sussurrei encabulada e abaixei os olhos para o caminho de pedra. – Mas não sei se consigo andar de salto aí. E o vestido... bem, gosto muito dele, não quero estragá-lo.

Vincent respondeu com seu melhor sorriso travesso, *muito esclarecedor*, e com dois passos me alcançou, tomando-me nos braços. Adorava quando ele fazia isso. Abracei seu pescoço, aninhando-me em sua forma musculosa com um sorriso satisfeito, enquanto era carregada com uma facilidade desconcertante até a plantação de pontos de luz.

Segura em seus braços, soltei uma das mãos para tocar as hastes espinhosas que se iluminavam ao meu toque... e notei um leve zunido. Algo quase melódico que ecoava ao nosso redor... Não segurei a risada divertida.

– Isso parece uma plantação de vaga-lumes musicais – falei intrigada, e Vincent abaixou o rosto, rindo comigo, os olhos brilhantes. – Afinal, o que é isso?

– Com certeza, não é um inseto. Mas é um pouco diferente do que você

chama de “planta”. Nós chamamos de “capim luz”, exclusividade da Terra das Sombras, infelizmente acabou se tornando raridade por aqui, justamente por ser útil na noite escura. O Bistrô das Sombras é um dos poucos lugares onde ele ainda é preservado.

Eu estava, mais uma vez, maravilhada pela magnífica raridade à minha volta, mas também pela explicação espontânea. Vincent pareceu satisfeito com minha reação e estendeu seu sorriso, apertando-me em seus braços, e por um momento nossa respiração acelerou em sincronia. Inconscientemente, aproximei-me de seu rosto, mas ele desviou os olhos.

– Infelizmente, seu efeito acaba rápido.

Olhei por cima do seu ombro e constatei que as hastes atrás de nós já haviam apagado. Mas outras ao nosso redor continuavam acendendo em contato com o corpo de Vincent.

– É fascinante!

– Espere para ver a paisagem – murmurou ansioso.

Fitei seu rosto contendo meu deslumbramento, já estava apreciando “a paisagem”.

Vincent caminhava com agilidade e, sem aviso, parou, escorregando-me por seu corpo. Meus pés tocaram o chão e eu me desequilibrei na terra fofa. Suas mãos correram rapidamente para a minha cintura, apoiando-me no lugar. E com mais um movimento inesperado ele se ajoelhou à minha frente. Quase me desequilibrei de novo. Agarrei seus ombros, sentindo músculos tensos por baixo da camisa, e encontrei os olhos turquesa intensos, admirando sua visão. Um calor cresceu em meu rosto, descendo pelo pescoço, e agradei pelas hastes estarem quase apagadas. *O pior de ruborizar contra a vontade é saber que a pessoa à sua frente vê cada segundo do seu constrangimento, como um alerta luminoso. E a intensidade daquele olhar deixava isso ainda mais constrangedor.* Ainda concentrado em meu rosto, Vincent tocou suavemente a lateral da minha perna, na altura dos joelhos. Eu congelei, criando raízes.

– Acho que estes sapatos não foram uma boa ideia. É melhor tirá-los.

Sua voz ronronada chegou aos meus ouvidos como uma melodia entorpecente. Senti o sangue pulsando em minhas orelhas enquanto seus dedos deslizavam por minha pele, empurrando o sapato até que meu pé estivesse descalço. Ele repetiu o processo no outro pé e levantou-se vagarosamente. Seu sorriso era exagerado.

Com um suspiro, Vincent se concentrou, enfatizando a expressão decidida. E apoiando as mãos em minha cintura, girou-me vagarosamente até ficar atrás de mim. Com delicadeza, ele me empurrou para frente.

– Você se lembra da vista na janela do bistrô? – disse em meu ouvido.
Depois de dois passos, finalmente entendi seu objetivo.

Camuflada por mais algumas ramas, uma faixa com milhões de agrupamentos luminosos cintilava no horizonte, iluminando a noite. Mas este brilho era diferente das hastes do “capim luz”. Sua luz era contínua, mais clara, e movia-se com agilidade. Como uma dança rente ao chão. O movimento ritmado acompanhava um som suave... água. Pisei em algo macio, morno... talvez areia... e parei, admirada.

– Este é o “Mar de Estrelas” – Vincent informou, parando ao meu lado.

Mas eu precisava continuar, estava hipnotizada pelo brilho que flutuava nas marolas como pequeninas lâmpadas bem à nossa frente. Uma brisa úmida tocou meu rosto e trouxe um perfume doce, podia sentir seu sabor em meus lábios, e aquilo pouco lembrava o oceano. No horizonte, a escuridão da água refletia pequenas luzes que brilhavam solitárias... Eu arfei, embriagada pela dimensão daquela visão.

Vincent segurou delicadamente minha mão, mas respeitou meu minuto absorto. E, bem devagar, abaixou-se para pegar algo aos meus pés. Ele estendeu a mão para mim e uma esfera translúcida rolou em sua palma.

– Vocês têm conchinhas, nós temos espuma de estrela.

Aquilo parecia uma pequena bolha de sabão, aparentemente resistente ao toque, e ele a ofereceu com um sorriso animado. Toquei a esfera com cuidado, receosa de que fosse estourar, mas sua consistência era semelhante à gelatina... um pouco viscosa. E, para aumentar minha surpresa, Vincent a jogou no chão com força. A bolha gelatinosa começou a brilhar, até se dissolver. E lembrei-me de sua explicação: “a luz está presente nas sombras, basta procurar por ela”. O que ele não disse é que aqui ela precisava de um comando para brilhar. Levantei os olhos, contemplando a paisagem.

– Você gostou?

– É... – arfei – magnífico! – abri um sorriso descontrolado, buscando seu rosto. Feliz por estar ali. Por finalmente ter sua confiança. – Obrigada – falei emocionada –, por dividir comigo.

Vincent sorriu em resposta. Um mix de alívio, orgulho e satisfação.

Voltei minha atenção para a paisagem surpreendente e dei mais um passo, respirando a brisa doce, admirando a faixa luminosa que boiava na água. Absorvendo a complexidade daquela beleza única, o significado de eu estar ali. E, sem perceber, meu sorriso se descontrolou mais uma vez.

– Confesso que estava ansioso para ver sua reação – ele disse de mais perto.

Senti seu peito encostar às minhas costas e reclinei a cabeça, inspirando

seu perfume, que flutuava ao meu redor. Vincent afastou delicadamente os cabelos dos meus ombros... sabia que ele estava me observando, mas ainda não podia desviar os olhos.

– Você fica linda quando está feliz. Adoro vê-la assim – disse com a voz suave e depositou um beijo suave em meu ombro, depois distribuiu outros até a curva do meu pescoço, disputando minha atenção. Sorri extasiada.

Estava gostando dessa versão do namorado perfeito, e era raro ver Vincent dessa maneira. Espontâneo, aberto, carinhosamente apaixonado. Suspirei satisfeita e um sorriso tremeu em minha pele, seus dedos seguiram o decote canoa e Vincent me virou em seus braços. Encontrei seu rosto intenso, seu sorriso faceiro e fui atraída para seus lábios magneticamente. O beijo foi delicado, sincero... Carregado de emoção. E expressou seu amor de uma maneira tão pura que precisei me afastar para contemplar *sua* felicidade. Naquele momento, a luz nos oceanos turquesa era ainda mais intensa que as do “Mar de estrelas”.

– Quero fazê-la feliz, Melissa – Vincent murmurou com intensidade, lendo minha expressão.

Suas palavras rogavam esperança, e fiquei ainda mais comovida com sua devoção. Já estava *quase* agradecida pelas confusões que nos trouxeram até aquele momento perfeito e precisava demonstrar que nada mais importava. Eu o abracei, apertando-o pela cintura, sentindo seu calor, seu coração acelerado...

– Serei feliz sempre que “você” estiver feliz – falei pausadamente, sinceramente. Respondendo a sua intensidade.

E levei alguns segundos para perceber o silêncio em meus ouvidos. Relutante, levantei o rosto e Vincent me fitava. O olhar amedrontado. Mas... O que eu disse de errado?

Futuro

Vincent me afastou delicadamente, suas mãos escorregaram por meus braços e seus dedos pararam na pele sensível onde antes estiveram os cortes do punhal. Com a expressão perturbada, ele abaixou as mãos.

Não entendi sua reação. O que era desta vez? Tudo bem, me ferir para retirar o veneno do sangue de dragão deve ter sido perturbador para ele, tanto quanto foi apavorante para mim. Mas foi necessário! Estava aliviada por tudo ter acabado. E, principalmente, muito feliz por isso ter resultado em algo bom. Afinal, Vincent decidiu me incluir em seu mundo... E pensei que ele também estava feliz com isso. Ou não? Observei sua expressão silenciosa por mais um segundo, o amor fazia nossos pensamentos andar em sincronia e não tinha mais dúvidas.

Afastei-me um passo, a felicidade se desmanchando em meu rosto.

– Não acredito em você... Por que me trouxe aqui se ainda não mudou de opinião?

– Estou amadurecendo a ideia, Melissa, e esse passeio é uma abertura a novas possibilidades. Há muita coisa a ser esclarecida antes que eu decida se é certo continuar.

Eu o fuzilei com os olhos, cruzando os braços, decepcionada.

– Esclareça.

Vincent analisou minha postura com cautela.

– Você disse que queria renegociar. Lembra-se? – Ele intensificou o olhar, os oceanos turquesa brilhando penetrantes... Isso não era justo! Aquele era o olhar. O que me impedia de lhe negar qualquer coisa. Soltei o ar e os braços, rendida. Seus lábios se curvaram brevemente, mas ele foi rápido ao disfarçar. – Para começar, uma de suas exigências foi visitar o Mundo Mágico. A Terra das Sombras e a Terra da Luz. Em troca, ofereceria suas sinceras impressões. Bom... você está aqui. E pelo que entendi, gostou do que viu. Sei que ainda estou lhe devendo uma parte da visita, mas nesse ponto entramos nas minhas condições.

Eu o olhei torto.

– Você sabe que não sou bem-vindo na Terra da Luz. E não quero problemas em sua primeira visita. Preciso planejar tudo com cuidado, talvez levar alguém da família... assegurar-me de que nada acontecerá fora do plano – seu tom controlador me fez suspirar tristemente. Vincent pausou, observando minha expressão e, sustentando meus olhos, continuou. – As coisas deste lado podem sair de controle muito rapidamente, Melissa. E o episódio no Jardim

Vermelho não deixa dúvidas sobre isso, não é mesmo? – Concluiu, contendo o olhar reprovador. E quase devolvi seu olhar. Nossas opiniões sobre esta tarde sempre seriam conflitantes. Mas também não poderia discordar. Tive provas suficientes de que a paz pode se transformar em caos muito rapidamente deste lado, bastava um pequeno deslize. Por fim, aquiesci, um pouco relutante... e o mago carrancudo pareceu aliviado. – Mas, acima de tudo, devemos ir devagar. Você sabe...

Com mais uma careta, completei seu pensamento:

– Doses homeopáticas – murmurei insatisfeita.

Vincent prendeu meus olhos.

– Exatamente.

Ele se aproximou, apenas um passo, testando meu humor. Minha fascinação aumentava com sua proximidade e, infelizmente, ele sabia disso.

– Eu não tenho nenhuma dúvida, Melissa. Quero você em minha vida, de todas as maneiras. Mas vou fazer isso do jeito certo.

A veemência de suas palavras dissolveu minha irritação, roubando minha voz. Estava perdida na sinceridade daquele rosto... Deslumbrante, temeroso, sincero. E diminuí o espaço entre nós. Mas Vincent me segurou, parando minha aproximação.

– Eu falo sério, Melissa. Você sabe quem sou e o que isso significa. Conhece a exclusão, talvez imagine os riscos, mas não tem ideia das consequências da sua decisão. E, por mais que a deseje ao meu lado, não posso ser egoísta... não desta vez. Está na hora de saber como “isso” começou – ele levantou o queixo, parecia ter dúvidas ao encontrar as palavras – e como pode acabar.

– Não importa. Você sabe minha resposta.

– Não – ele balançou a cabeça –, e se quer renegociar, essa também é uma das minhas condições... “Isso importa”. – Vincent fechou os olhos por um breve segundo e continuou em um murmúrio. – A elfo tem razão, não posso brincar com isso – ele abriu os olhos violeta, concentrado – e gostaria que ouvisse o que tenho a dizer... antes de chegar a uma resposta.

Franzi a testa e Vincent escorregou os dedos pelas mechas cor de carvão, a postura tensa.

– Há uma lenda que baseia toda a história da minha herança. Algo que eu acreditava ser apenas uma justificativa para insultos e perseguições. Mas agora, assombra meus pensamentos. – Ele buscou meus olhos. – E nunca tive tanto medo de que se torne real para mim.

Lembrei-me da conversa com Lume e tentei ficar longe dos *meus* medos. Sabia que seu discurso soaria fantasioso em meus ouvidos e, por isso, não

deveria me abalar. Mas meu coração desobediente já estava acelerado dentro do peito. Cruzei os braços, rejeitando os pensamentos que me desorientavam, estava longe demais para me acovardar.

– Eu sei... é a tal história sobre a maldição dos magos das sombras – falei controlada e Vincent abriu levemente os lábios, a surpresa tomando cada músculo de seu rosto. – Lume me contou – esclareci.

Sua surpresa virou irritação.

– O que aquela... – começou furioso.

– Ela não disse muita coisa – adiantei. – E, por favor, não faça com que eu me arrependa por ter lhe contado – cobrei. Vincent estreitou os olhos, buscando o ar lentamente, enquanto estabilizava seu humor. Eu o avaliei com cautela e engoli em seco. – Lume falou sobre... – gaguejei, lembrando-me das palavras da elfo. E o significado delas era indigno do meu amor. Abaixei os olhos – você não ter o direito de ser feliz.

As palavras escorregaram por minha boca em câmera lenta, enquanto silêncio de Vincent torturava minha alma. Levantei o rosto e encontrei dois oceanos de águas turbulentas. A escuridão deles reuniu meus temores em um único olhar.

– Acho que isso é *tudo* o que você precisa saber – a voz grave era amarga.

A revolta tomou meu peito, isso era um absurdo sem tamanho! Balancei a cabeça, “eu” não desistiria de sua, da minha... da nossa felicidade! Não aceitava esse “tudo” que, para mim, era muito subjetivo. Nada no Mundo Mágico era simples, e recusava-me a acreditar que essa lenda tivesse apenas uma interpretação. E, se aprendi alguma coisa nestes últimos meses, é que sempre há mais de uma versão para qualquer história. Principalmente deste lado.

– Você acredita nisso?

– Costumava ignorar, mas agora... Não posso ficar indiferente a tantas coincidências.

Seu olhar vazio me incomodou, inspirei profundamente e repeti a pergunta:

– Você acredita?

– Não quero acreditar Melissa. Mas isso não basta.

Soltei o ar, aliviada.

– Para mim, basta.

– Não é tão simples. Não posso ignorar algo que vem se repetindo e, a cada vez, coloca *você* mais perto da morte.

Eu o olhei seriamente.

– Mas a lenda não tem nada a ver comigo – avaliei. Vincent fixou os

olhos nas marolas brilhantes... e meus olhos se arregalaram. – Tem?

Mais silêncio.

Naquele momento, ficou claro que o castigo da maldição não cairia somente sobre o mago das sombras. Eu arfei, entendendo finalmente a parte sobre não receber felicidade.

– Vincent, se tem a ver comigo... – gaguejei, buscando seu rosto, e um olhar sombrio me calou.

– Acho que você entendeu muito bem, Melissa, a resposta é muito simples.

E lá estávamos nós, discutindo por detalhes improváveis de mais uma confusão causada pelo impossível. Eu me afastei, tentando me concentrar em uma saída.

– Nada aqui é simples, Vincent! Foi você quem deixou isso bem claro. – Ele ainda me fitava com o olhar sombrio, que logo se transformou em reprovação. – E se vai realmente me incluir em sua vida, precisa me contar esses detalhes. Assim podemos encontrar uma solução...

Vincent esboçou um sorriso mordaz que morreu rapidamente.

– A lenda sobre a maldição dos magos das sombras existe há séculos, desde a origem da nossa linhagem. Aterrorizou e destruiu a vida de gerações. Mas “você” vai encontrar uma solução – ele balançou a cabeça. – Não sei se fico “feliz” com seu otimismo ou ainda mais assustado.

– É um pensamento lógico, Vincent, uma maldição existe para ser quebrada. Isso se ela existir realmente, pois ainda acredito em coincidências infelizes.

– Muitas coincidências.

– Mas ainda estamos aqui. E eu estou feliz. Ou estava... O importante é que neste tempo nenhum meteoro nos atingiu. O que prova que isso é apenas uma lenda.

– Lendas são fatos, Melissa. Um pouco romanceados, mas não dá para fugir disso. Se essa maldição existe, e tenho ocorrências bem reais que comprovam isso, ela se baseia em uma história verdadeira. – Eu o olhei seriamente. – E, sim. Pensar que isso pode acontecer conosco me deixa apavorado. Satisfeita?

– Então... a parte sobre vocês viverem sozinhos... também é verdadeira?

– Os magos das sombras que conheço vivem sozinhos. Não conheço nenhum que tenha se aventurado em um relacionamento duradouro. Bom... teve um. E este eu nem conheci. Mas sua história entra nas ocorrências verídicas – sua voz morreu e soube que ele estava falando de seu pai. – E aí você entende... por que não existem muitos de nós.

Encurtei o espaço que nos separava, procurando suas mãos, e as apertei com força.

– “Você” tem a mim. E nada vai mudar isso – falei com convicção, sustentando os oceanos violeta que brilhavam como espelhos. Neles vi o medo de sua alma. E entendi que precisava ter coragem por nós dois.

Ele abaixou os olhos até nossas mãos e continuou calado. Para Vincent, revelar os detalhes significava me incluir no contexto. E, mesmo estando disposta a enfrentar qualquer coisa, também estava perturbada. Ter coragem não significava que eu não tivesse medo. Era apenas uma questão de quem controlava quem, e estava me esforçando para não deixar que eles me controlassem. Inspirei profundamente, afagando seu rosto.

– O que mais quero é estar ao seu lado e depois das mudanças em Alice... – indiquei as luzes brilhantes que flutuavam atrás de nós – este também é meu mundo.

Vincent fechou os olhos, encaixando o rosto em minha mão, depois se afastou do meu toque.

– Estar ao meu lado no Mundo Mágico é bem diferente de estar aqui por Alice – ele me fitou longamente, quase implorando. – Seria tudo mais fácil para você e definitivamente muito menos perigoso.

Eu o olhei com atenção. Era impressionante ver o medo – algo impalpável e invisível – controlar um homem daquele tamanho. E com um breve segundo de clareza entendi suas grosserias, seu egoísmo, seu silêncio... Cada atitude pessimista e cautelosa. Seu temperamento era um escudo. Vincent, apenas, não queria sofrer de novo.

Segurei seu rosto entre minhas mãos mais uma vez, prendendo sua atenção.

– Confie em mim.

– Estou me esforçando para encontrar um caminho seguro para você no meio disso, mas ainda não posso lhe dar uma... – ele se interrompeu sem conseguir continuar.

Sustentei os temerosos olhos violeta.

– Mesmo sem garantias, Vincent. E não importa o que aconteça no caminho, estarei com você. Sempre.

Um longo segundo se transformou em um lapso temporal. Naquele interminável momento perdido no tempo, os olhos de Vincent viajaram por meu rosto, brilhando intensamente. Bem devagar, o êxtase em sua expressão transformou-se em um calor brando, contínuo... aliviado. E entendi, pela primeira vez, que ele experimentou a reconfortante sensação de esperança. Seria, finalmente, seu amor enfrentando o medo? A rendição de seu lado sombrio?

Respondendo às minhas perguntas silenciosas, Vincent me abraçou, encostando o rosto em meus cabelos.

– *Ich liebe dich* – ronronou baixinho.

Fechei os olhos e derreti em seu peito. De repente, meu coração ficou pequeno para o tamanho da minha alegria. Não era só a declaração, mas a sinceridade dela. E me esforcei para ser tão verdadeira quanto seu amor merecia.

– Eu também te amo.

– Não suportaria ver meu mundo machucá-la de novo.

– Vou arrumar uma armadura – murmurei baixinho, e Vincent suspirou reprovador em meus cabelos. Eu me afastei, dissolvendo qualquer traço de humor. – Não sei o que vai acontecer, Vincent, mas sei que podemos enfrentar qualquer coisa. Juntos.

Concentrado em meu rosto, ele ficou em silêncio. Mas não estava se esquivando, parecia apenas emocionado. Quando começou a falar, sua voz arrastada era quase um murmúrio:

– Sobre a maldição... – *Com palavras curtas e da forma mais concisa possível, Vincent explicou como o herdeiro do Demônio das Sombras desafiou a ira de seu pai...* – E por se unir a uma *Deva*, o ser contrário à sua essência, ele teve seu poder imortal revogado. Foi obrigado a abandonar o Reino das Sombras e recebeu de seu pai a punição por sua traição, a maldição que o proibia de dar e receber felicidade. Tornando-se assim, o primeiro ser amaldiçoado por sua herança, um mago das sombras. O final da história foi trágico, claro – *e foi exatamente com estas palavras que Vincent terminou a história.*

Pensei nos personagens de sua narrativa por um breve momento. E como estávamos falando de demônios...

– O que é exatamente um *Deva*? Um anjo?

– Acho que seria bem próximo disso em pureza e beleza. Eles deram origem aos elfos que conhecemos hoje. São seus ancestrais. Como os demônios são os meus. A história diz que houve muitos desentendimentos entre os *Devas*, deserções que escolhiam lados diferentes... e que acabaram mudando para sempre a supremacia dos elfos originais. – Vincent se remexeu, inquieto, dando um passo para trás. – A conclusão disso é que cada coisa tem seu lugar. Quando ignoramos essa regra, pagamos o preço.

Acompanhei o movimento cauteloso do mago das sombras e meus lábios levantaram timidamente no canto. Compreendia perfeitamente suas apreensões, mas eu não era um elfo. E, de qualquer forma, “para mim” a conclusão dessa história era bem diferente.

– Às vezes, as coisas precisam mudar de lugar. Faz parte da evolução. E acho que isso funciona para qualquer mundo – falei calmamente e Vincent me

lançou um olhar confuso. Meu sorriso aumentou. – Se não fosse a coragem deles, do casal da história... para enfrentar o julgamento, o preconceito, a tal maldição... não haveria sua linhagem. E a linhagem dos elfos também.

Vincent soltou o ar ruidosamente, a expressão descrente.

– Boa tentativa, Melissa, mas isso não foi uma coisa boa para eles também. A origem dos elfos era tão poderosa quanto a dos Demônios. O mundo mágico não tinha limites para os *Devas*. Mas agora, seus descendentes possuem limitações. Físicas ou hierárquicas. Os elfos de fogo e os elfos das sombras, por exemplo, são hierarquicamente inferiores aos elfos de luz. Em compensação, os elfos de luz, mesmo poderosos na Terra da Luz, não têm poder nas sombras. Como pode ver, ninguém saiu ganhando com a discórdia gerada por esse romance. Além disso, você perdeu o foco da história – ele sinalizou para si mesmo. – O que é uma pequena limitação comparada a uma maldição?

– Justamente, Vincent, o foco depende do lado que se vê. E, pelo que entendi, o final da história não foi trágico.

Vincent balançou a cabeça, quase incrédulo.

– Acho que você não ouviu bem – ele me olhou seriamente –, mas pode desistir, não vou repetir.

– Não é preciso. Pense bem... Se isso se baseia em uma história real, e a linhagem dos magos das sombras perdurou como a dos elfos desertores, eles, o casal da lenda, provavelmente tiveram descendentes.

– Provavelmente. Afinal, estou aqui.

Ignorei seu sarcasmo.

– E sou agradecida a eles por isso – sorri brevemente. – É isso que quero dizer – meus olhos brilharam, esperando com minha alma que ele me acompanhasse. – Esperança, Vincent. Uma vida. A prova de que o sentimento deles e o desejo por um futuro eram mais fortes que o medo, que as punições... que qualquer coisa. Que a própria maldição! E não acho que para duas pessoas que se amam verdadeiramente possa existir felicidade maior do que deixar uma continuação do seu amor – respirei fundo. – Você não vê? Eles foram felizes. E essa felicidade perdurou com a chegada de um filho! Essa maldição já foi quebrada, Vincent, há muito tempo.

Contemplei seu silêncio chocado e continuei resoluta.

– Acho que o medo destacou apenas uma parte desta história. Mas sempre existem duas partes. E prefiro encaixar nosso futuro na parte que vê esperança e é feliz.

Vincent deu um passo vagaroso e tocou suavemente meu rosto.

– Quero acreditar em você. – Seus olhos começaram a brilhar mais uma vez, claros, calorosos, esperançosos. Vincent esboçou um sorriso acanhado

enquanto suas mãos afagavam cuidadosamente meu rosto... Era nossa primeira conversa sobre um futuro a dois. E ele parecia tão ansioso, ou mais apavorado, do que eu. Ele suspirou longamente. – Venha, vamos voltar ao bistrô. Acho que o começo desse futuro promissor está no cardápio de sobremesas.

Desta vez soltei os ombros e sorri abertamente, Vincent fez uma piada. E ela teve graça. Era um começo.

Ele apanhou meus sapatos enquanto eu me despedia da paisagem deslumbrante e, sem aviso, fui surpreendida por seus braços. Vincent me carregou pela plantação de “capim luz” dando-me tempo para admirar as pequeninas luzes que cintilavam ao nosso redor. A brisa doce levantou meus cabelos e seus braços me apertaram em resposta, essa foi uma boa justificativa para esquecer as luzes... Escondi o rosto em seu pescoço inspirando seu perfume, depois soltei o ar, lentamente. Era hora de esvaziar a mente e aproveitar o momento. E, nesse momento, Vincent estava me fazendo feliz. Muito feliz. Suspirei, mais uma vez, esperançosa. Ele me levantou para mais perto do seu rosto e beijou ternamente a ponta do meu nariz. Sorri de leve e soube que estávamos dividindo o mesmo pensamento... Estávamos felizes e, curiosamente, nenhum meteoro havia caído sobre nós.

Enquanto era levada pelos braços do *meu* mago das sombras, pensei sobre a evolução deste dia catastrófico... A nova visita à Terra das Sombras, a revelação de seus medos, sua declaração... Estava conquistando sua confiança e precisei conter o sorriso orgulhoso. Vincent estava mesmo disposto a fazer isso dar certo, ele queria lutar por um futuro. Nosso futuro! Desta vez mordi o lábio para não exagerar no sorriso presunçoso. E, inesperadamente, algo torceu meu estômago... Não era possível... Eu era a vilã! A bruxa malvada que ludibria criancinhas para comê-las no café da manhã. Como nos livros!

Lá estava ele, meu cavalheiro se esforçando para não ser carrancudo ao meu lado, lutando com seus medos, esforçando-se para não omitir nenhum detalhe sombrio de sua vida, buscando soluções para *me fazer feliz*... E eu, vergonhosamente, estava mentindo para ele. Engoli com dificuldade, sentindo-me desprezível. E tomei a decisão que tanto temia... contar sobre meu encontro com o outro mago das sombras durante o resgate de Alice.

Procurei seu rosto com as palavras na boca, e seu sorriso reluzente me calou. Não era justo estragar sua felicidade. Vincent não merecia isso! Justifiquei a mim mesma que aguardar o momento certo não era covardia, e sim prudência. Tudo bem, talvez uma prudência covarde. Mas a verdade é que tinha receio do seu recente “bem-sucedido” autocontrole. E decidi que seria melhor estar cercada por testemunhas para revelar meu segredo. Assim, seu ataque de fúria

seria menor. Sim, pois, conhecendo Vincent, ele teria um ataque.

Depois de me ajudar a calçar os sapatos de salto e de provocar mais uma dúzia de pensamentos desconexos com seu toque, Vincent me conduziu para o bistrô. E ele era mais elegante do que eu me lembrava.

Entramos no salão apinhado de gente – na maior parte pessoas comuns, ou seja, magos. Mas também havia elfos de fogo, inconfundíveis com seus cabelos vermelhos – e demorou quase um minuto até sermos notados por um garçom pequenino. Ou melhor, um duende. E percebi que finalmente estava me familiarizando com as sutis, embora visíveis, diferenças deste mundo. Caminhamos atrás do pequenino pelo meio do salão e cabeças começaram a se virar.

Um grupo de elfos de fogo pareceu contrariado com nossa presença e, entre eles, uma mulher prendeu minha atenção. Ela possuía a beleza peculiar dos elfos, os familiares traços perfeitos, mas não possuía cabelo vermelho, ou amarelo... ou preto. Seu cabelo era castanho, como o meu. Mas, diferentemente dos meus fios arrepiados, os dela brilhavam em cada onda, magnificamente controlados, completando sua beleza desconcertante... e isso certamente fazia dela um ser mágico. Mas minha admiração se desfez quando ela franziu o nariz ao reconhecer Vincent. A suposta elfo não escondeu o olhar de repulsa, e aquilo incomodou como um insulto pessoal.

Enfurecida, envolvi meu braço no de Vincent, tomando posse do mago ao meu lado. Encarei os olhos amendoados da mulher até ela notar minha presença. Ela relutou, parecia curiosa com a cena, mas acabou desviando o olhar.

– Ela é um elfo das sombras? – cochichei a pergunta no ouvido de Vincent.

Ele seguiu meu olhar e ficou ainda mais sério.

– Não – a resposta concisa foi um balde de água fria na evolução de sua confiança em mim. Eu sabia que a reação hostil dos elfos o incomodava, e decidi relevar... por fim, franzi as sobrancelhas.

– Mas ela definitivamente não parece com um elfo de fogo. E você disse que os elfos de luz ficam sensíveis nas Sombras. Além disso, ela não é loira – arrematei confusa.

Vincent soltou o ar de forma ruidosa, quase aborrecido.

– A linhagem dela é especial, descende dos *Devas* originais. Aqueles da lenda – murmurou didático. Eu pisquei os olhos, curiosa, e virei rapidamente o pescoço para avaliar a Deva. Vincent soltou um som de desagrado, apertando meu braço. – Seja discreta, por favor.

– Desculpe – eu me aprimei ao seu lado, mas não desisti da avaliação e

busquei a mulher com o rabo do olho.

Vincent balançou a cabeça, rendido.

– Lembra que eu falei das deserções que originaram os outros elfos? Pois bem, ela é a última dos elfos originais – informou sem emoção. – E generalizando... pela proximidade hierárquica e mágica, ela se aproxima mais dos elfos de luz. – Vincent procurou meus olhos e, desta vez, foi ele que franziu as sobrancelhas. – Mas qual o problema de ela não ser loira?

– Todos os elfos de luz são loiros.

– Quantos elfos de luz você conheceu para chegar a essa conclusão?

Fiz uma careta para sua pergunta. Eu não conhecia mais elfos de luz porque ele não havia me levado à Terra da Luz! Meus parâmetros eram beldades loiras, Alex... Viviana. E baseado nos elfos de fogo, espiei o grupo novamente pelo canto dos olhos, bom, eles eu tinha certeza de que eram todos ruivos.

Vincent ignorou minha careta reprovadora e montou sua máscara carrancuda, conduzindo-me pelas mesas. Tentei ficar indiferente aos murmurinhos, mas era óbvio que éramos a causa deles. Cruzamos com alguns olhares surpresos, que logo se desviavam ao notar o mago das sombras ao meu lado. Fui empática à carranca de Vincent e entendi que, para ele, estar aqui com tantos olhares era desconfortável como frequentar o centro turístico de Campo Alto para um jantar no restaurante italiano. No fim, Vincent tinha razão, não seria fácil termos momentos sociáveis em nenhum dos mundos.

Com um suspiro, desviei minha atenção dos magos e elfos curiosos, atentando-me à beleza elegante do salão... às vidraças, aos móveis perfeitamente alinhados, às luminárias... Procurei catalogar cada detalhe em um arquivo mental, até o garçom pequenino atravessar nossa frente. Ele abriu caminho para um corredor iluminado por arandelas e parou na porta da sala reservada, onde jantamos na noite reveladora. Disso eu me lembrava.

Vincent passou por ele com indiferença. Mas eu parei.

– Muito obrigada – falei sorridente.

Era a primeira vez que olhava o rosto anguloso de um duende com atenção. E, embora estivesse sorrindo, seu rosto sério mostrava indiferença. Seus lábios finos continuavam praticamente invisíveis no rosto rugoso e insisti no meu sorriso. Os olhos pretos do duende se estreitaram, reprovando minha reação. O pequenino levantou o nariz curvado com desprezo e indicou a mesa onde eu deveria me sentar. Passei por ele, decepcionada, não queria fazer um prejulgamento pelo incidente no Jardim Vermelho, mas a reação inóspita do duende não me deixava alternativa. E, apesar de sua aparência carregar sua animosidade, ele estava longe de ser assustador.

Deixei cair os ombros e obedeci a sua indicação. Mas, antes de sentar,

contemplei a vista da vidraça... O brilho do mar de estrelas era hipnotizador! E nosso pequenino garçom pareceu impaciente com minha distração. Ele puxou minha cadeira bruscamente, exigindo minha atenção. Sorri encabulada...

– Vocês têm uma vista linda daqui – justifiquei, mas o duende soltou um grunhido zangado.

Sentei-me ainda mais encabulada e Vincent se aproximou em tom conspiratório.

– Desista, Melissa, eles não são sociáveis.

Soltei o ar, impotente, enquanto o pequenino enchia nossas taças com a familiar habilidade dificultosa. Com mais uma careta reprovadora ele deixou o cardápio sobre a mesa e nos deixou. Era isso, estávamos sozinhos mais uma vez. Completamente invisíveis aos olhos de quem quer que fosse. E, pela atitude pouco simpática do duende, ele não seria útil para contornar uma situação delicada... Isso só piorava a decisão de revelar meu segredo.

O bolo desconfortável girou em minha garganta mais uma vez, e respirei fundo, precisava de uma oportunidade para começar.

– Você não ficou preocupado que eu reparasse na aparência dos duendes na primeira vez em que estive aqui?

– Na verdade, eu até esperava que reparasse. A ideia era revelar a verdade, lembra-se? Mas, como sempre, você pareceu... distraída.

Estreitei os olhos e, depois dessa provocação, as palavras quase escorregaram por minha boca. Imaginei como seria divertido ver o sorriso convencido deixar seu rosto ao provar que ele também era *muito distraído*. A ponto de não ver o outro “mago das sombras” a poucos metros de distância! Mas me contive... Afinal, eu ainda precisava de apoio.

– Armand está aqui hoje?

– Não – Vincent riu de leve. – Alice o deixa muito cansado, faz tempo que ele não aparece aqui. E faz muita falta. Como pôde ver, sua ausência causa muitos atrasos na cozinha. Você viu a fila de espera? – ele pareceu incomodado.

– Esse movimento está deixando os duendes enlouquecidos! – exclamou, entortando um sorriso empático. Isso foi novo. Tentei me adequar ao seu bom humor, mas saber que estava por minha conta não ajudou. Vincent continuou quase incomodado. – Sem contar as reclamações... As “admiradoras” da boa culinária não perdoam a ausência dele. – Seu olhar encontrou o meu. – Acho que é a primeira vez que Armand deixa algo se tornar mais importante que seu ego. Não sei como a pequena Alice conseguiu fazer isso. Só posso concluir que as mulheres da sua família são capazes de incitar mudanças improváveis.

Vincent esticou a mão pela mesa com um sorriso para ajeitar meu cabelo, mas meu bom humor continuava a quilômetros de distância. No contexto, apenas

uma parte de seu discurso chamou a minha atenção. Já havia notado que Vincent e Armand assemelhavam-se em muitos aspectos, sendo assim...

– Admiradoras, é? E você? Também tem uma fila de admiradoras no mundo mágico?

Ele emendou um risinho divertido, ainda sustentando meus olhos.

– Vamos dizer que você foi a única corajosa que aceitou um mago das sombras como pretendente. E antes que esqueça... Obrigado.

Seus olhos brilharam com intensidade e a palavra traidora piscou acima de minha cabeça com setas luminosas em cores gritantes de neon.

Respirei fundo, estava prestes a estragar uma noite perfeita.

– Vincent...

– Sim – ele se curvou sobre a mesa para ouvir melhor, os olhos turquesa atentos em meu rosto.

Isso não seria fácil. Comecei a suar frio nas mãos e me aqueci, apreensiva.

– Eu... Ah... eu... – comecei com um murmúrio incerto e abaixei os olhos, libertando-me de sua intensidade.

– O que foi, Melissa? Você parece nervosa – a voz grave concluiu séria.

Droga, ele me conhecia muito bem. E isso era ruim, muito ruim. Inspirei rapidamente, buscando o rosto que me avaliava. E a coragem escapuliu pelos meus dedos.

– Não. Estou.... surpresa. Isso! Apenas isso – balbuciei incerta. Martirizando-me por ser tão covarde. – Se o bistrô está lotado, por que esta sala está vazia? – completei quase ofegante e girando as mãos para as outras mesas desocupadas ao nosso redor. Esperava soar convincente.

Vincent estreitou os olhos, desconfiado, mas logo deixou escapar um riso divertido:

– Na verdade, ela é particular – disse, esfregando o queixo, parecia encabulado.

– Hum... – murmurei, tentando me concentrar. Não era justo continuar com isso. – Claro, claro... você a reservou – completei, esforçando-me para reunir alguma coragem. Vincent balançou a cabeça negando minha afirmação. E me perdi mais uma vez. – Ela é sua? – perguntei distante.

O mago escorregadio limitou-se a levantar os ombros, e minha atenção desviou-se para outro assunto... Com surpresa, concluí o óbvio.

– Ela é sua! Ele é seu! O bistrô é seu! – afirmei aturdida, entendendo, finalmente, como ele sabia tantos detalhes sobre a movimentação do bistrô.

– Na verdade, poucos sabem disso, e prefiro que continue assim – disse estreitando os olhos, sinalizando com as mãos para que eu falasse mais baixo. –

Se eles soubessem que sou o dono, o bistrô estaria às moscas. Por isso, tenho ajuda para administrar minhas propriedades. Mesmo na Terra das Sombras.

Eu pisquei. Propriedades? E, pela primeira vez, vi este mundo com detalhes reais. Dinheiro, posses, contas... trabalho. Eles não viviam de magia, precisavam trabalhar para viver. E, confesso, estava surpresa. Pelo visto, fadas que vivem de néctar só existiam nos livros.

Ele continuou, concentrado nas novas revelações:

– Acho que você se lembra dele, Lúcius, o elfo das sombras que ajudou na busca de Alice – Vincent esperou, analisando meu rosto absorto. Depois de mais um longo segundo, assenti. Lembrava claramente do belo elfo de cabelos negros e olhos felinos. – Pois bem, Lúcius gerencia os negócios da família. É meio que meu... – ele hesitou, ainda me encarando – *parente* – disse devagar. Desta vez, desencostei da cadeira. – Acho que não mencionei, mas minha mãe era um elfo das sombras – desta vez eu arfei e Vincent franziu as sobrancelhas. – É. Acho que não.

– Você disse que ela era... francesa. Pensei que ela era uma maga, como você!

– Ela tinha poderes. E era francesa. Mas o mago era meu pai... você sabe, das sombras. – Vincent levantou os ombros, inocente. – Vamos dizer que omiti apenas a parte sobre ela ser um elfo. – Seus olhos continuavam em meu rosto, contemplando minha expressão atordoada. – E fiz isso por motivos óbvios.

Fechei minha boca, apertando os lábios em uma linha fina.

– Eu sei, você quer os detalhes – ele soltou o ar, rendido. – O limite de território da casa de minha mãe ficava na França, perto da casa dos Poe, a família de Aristela. Elas eram vizinhas e logo se tornaram grandes amigas. Acho que você lembra dessa parte – divagou, desviando os olhos para a vidraça. – As dimensões e limites do Mundo Mágico são tão extensos quanto as do mundo físico, Melissa. E, de certa forma, as nacionalidades aqui acompanham as do seu mundo. Bem... acompanhavam. A diferença de tempo entre os mundos faz o mundo mágico ter alguma dificuldade de acompanhar a modernidade do seu mundo apressado. Os idiomas são um bom exemplo. A maioria continua igual, mas ainda ouvimos muitos dialetos antigos aqui. – Ele ficou pensativo, os olhos perdidos na imensidão negra além do vidro. Depois de alguns segundos, Vincent voltou o rosto para mim. – Isto que você vê é uma pequena parte do nosso mundo... Como Campo Alto é do seu. E existe muito mais. Outras dimensões, regiões inexploradas e também centros povoados que limitam territórios. Como a montanha dos Von Berg.

Meus olhos dançavam entre seu rosto sério e a vidraça escura, a imaginação flutuando com imagens, lembranças... mas não consegui conectá-las.

Quer dizer que havia uma cidade aqui? Vincent analisava o grau de confusão em minha expressão e não disfarçou o sorriso divertido. Deveria estar com a famosa careta de desenho animado... algo como olhos esbugalhados e lábios trêmulos, mas não pude evitar. Em meu cérebro racional era inconcebível unir bistrôs, cidades inteiras, bosques musgosos e montanhas... tudo espremido em uma cortina invisível bem ao lado da minha casa.

Vincent esticou a mão para um carinho compreensivo em meu rosto. Por um momento seus olhos brilhantes me fizeram esquecer o confuso turbilhão imaginário. Até que um “pequeno” detalhe saltou desse emaranhado, tornando-se prioridade.

– Mas, então, você é... digo, é meio...

– Sou. E ter ascendência ou descendência élfica é comum por aqui. Como já notou, o problema é carregar a herança do demônio das sombras.

– Hum... – minha voz sumiu e Vincent ficou sério de repente.

– Isso muda alguma coisa para você?

Estava perdida no rosto preocupado à minha frente. Admirei seus penetrantes olhos turquesa, depois, seus cabelos negros, o sorriso hipnótico... O conjunto perfeitamente fascinante. E com um gesto lúcido, fechei minha boca.

– Não. Na verdade esclarece muitas coisas.

Ele pareceu aliviado.

– Minha mãe deixou a Terra das Sombras para viver no mundo físico quando conheceu meu pai. Acho que viver entre vocês é uma curiosidade dos elfos, a maioria é fascinada por seu mundo. Como vocês são pelo “nosso”.

Enquanto ele falava, lembrei-me de Alex e sua Casa Botânica, sua paciência com os moradores da cidade. Ser excluído nunca importou para ele. Ou melhor, para “eles”. E entendi sua versão de “nosso”. Para Vincent, o maior incômodo era ser excluído por sua gente.

– Meus pais fixaram residência na Alemanha e permaneceram lá até eu nascer. Meu pai queria ficar longe das sombras e achou que estávamos seguros enquanto trabalhasse para o Conselho Mágico – ele se interrompeu, distraído com algum pensamento. E, pela expressão perturbada, eu soube qual era: a morte de seus pais. Estiquei a mão pela mesa e afaguei a dele, Vincent saiu de seu transe. – Depois que nasci, minha mãe não voltou mais para cá.

– Deve ter sido difícil para Christine abandonar a família, o... ah... “lar” dela – murmurei empática. E ponderei... – Mas por que seu pai queria ficar afastado das sombras?

– Para evitar todos os problemas que nós já enfrentamos – disse amuado.

Afirmar com a cabeça, silenciosamente. Compreendendo muitas de suas decisões. Talvez seu excesso de cautela fosse uma herança genética. E, ainda

assim, precisava reconhecer, Vincent estava se esforçando para fazer escolhas diferentes das do seu pai. E esta noite era a prova disso. Meu cavalheiro carrancudo estava ousando sair de sua zona de segurança, estava enfrentando o medo. Eu quase sorri. Mas não poderia. Ainda não.

Ajeitei-me na cadeira, decidida.

– Vincent, gostaria de contar uma coisa... – ele me olhou com curiosidade e respirei fundo. – Já deveria ter falado sobre isso, mas seu humor muda com o vento e não quero que se zangue. – Ele se aproximou com as sobrançelas unidas. – Na última visita à Terra das Sombras aconteceu uma coisa – eu pausei, procurando as palavras certas. E antes que continuasse, um alvoroço na entrada da sala reservada chamou a minha atenção. Um homem tentava driblar o pequenino garçom que esticava os braços como uma minibarreira. Desta vez, a distração não era intencional, aquilo parecia sério... e as palavras mudaram em minha boca. – Alguém veio nos encontrar.

– O quê?

– Um homem está tentando entrar... Acho que está acontecendo alguma coisa lá fora – indiquei a porta atrás dele.

Vincent girou o rosto e levantou-se imediatamente, com passos apressados, gesticulou para o pequenino, dispensando-o. Em seguida, convidou o homem a entrar. Eles trocaram algumas palavras e vi quando os ombros de Vincent enrijeceram. Ele esticou os olhos para mim por uma fração de segundo e soube que tínhamos “*mais*” problemas.

O homem acompanhou Vincent de volta à mesa e, quando eles se aproximaram, reconheci o rosto primoroso e os olhos felinos de Lúcius, o elfo das sombras.

– Boa-noite, Melissa. Desculpe interromper sua noite, mas acho melhor vocês me acompanharem. Agora – frisou com cuidado.

Eu me levantei procurando os olhos de Vincent, mas ele não perdeu tempo e me conduziu para a porta.

– O que aconteceu?

O silêncio foi minha resposta e bufei, escapando de suas mãos.

– Lúcius? Por favor, diga-me... O que aconteceu?

Desta vez, Vincent entendeu que eu não admitiria ser excluída. Ele parou na porta da sala reservada com a expressão preocupada, seus olhos correram pelo salão e pararam em mim.

– Um duende foi morto da mesma maneira que Piro. O Conselho está reunido e Lúcius acha melhor voltarmos para a montanha. – Os olhos violeta eram insondáveis. – Não é seguro aqui, Melissa. Não mais. Os Reinos da Terra da Luz entraram em frenesi e exigem a captura do mago das sombras que está

fazendo isso.

Os turbulentos oceanos violeta estavam fixos em meu rosto... e entendi, Vincent era esse mago.

– Isso tem algo a ver com o que aconteceu comigo no Jardim Vermelho? – perguntei já sabendo a resposta, e Vincent espiou Lúcius por um breve momento. Engoli em seco. – Eles estão culpando você, mas não têm provas para incriminá-lo... Certo? – Vincent não respondeu, apenas me abraçou. – Não! – eu arfei em seu peito.

– Acalme-se, Melissa, eles não têm... mas podem encontrar um meio de consegui-las. O Conselho não vai deixar o pânico se instalar nos Reinos da Luz.

Eu me afastei dele, secando as lágrimas nervosas.

– Quero ir até esse tal Conselho. Vou contar o que aconteceu, depor em seu favor... Foi minha culpa cheirar aquela rosa estúpida, ninguém me envenenou... Vamos provar que você não tem motivos para matar ninguém!

Lúcius franziu a testa e encarou Vincent, antes de voltar os olhos felinos para mim.

– Melissa, ele é um mago das sombras, não precisa de motivos.

Vincent rosnou algo pouco educado enquanto eu encarava o rosto resoluto do elfo das sombras.

– Desculpe, Vincent, só estou expondo o consenso geral – Lúcius justificou. E, contornando o assunto continuou. – De qualquer forma, o conselho acha que Vincent está enlouquecido com qualquer um que chegue perto de você... como Piro. É por isso que vim buscá-los. A notícia está se espalhando e, daqui a alguns minutos, vai tomar este salão. A presença de vocês pode iniciar um motim ou algo parecido.

Procurei pelos duendes sisudos no salão e encontrei olhares curiosos de alguns magos no caminho. A desconfiança não era exclusividade dos duendes ou dos elfos de fogo... se eu era a causa da ira de um mago das sombras, não seria bem-vista em nenhum lugar. Para provar minha teoria, murmurinhos se espalharam pelo salão em pequenos grupos. Alguns começaram a levantar a voz... uma bandeja caiu ao longe... e essa foi nossa deixa. Precisávamos sair dali!

– Por aqui. – Lúcius tomou meu braço, praticamente me arrastando pelo bistrô.

Vincent afirmou em movimento, tomou meu outro braço e fui literalmente escoltada para fora.

Escolta

Com algumas passadas estávamos no jardim.

Vincent me guiou para o SUV, mas Lúcius me puxou para o lado oposto, na direção das árvores. Eu me senti no meio de um cabo de guerra.

– Pela passagem, Vincent – Lúcius alertou. – É o caminho mais movimentado, portanto, mais seguro para sair da Terra das Sombras.

– Não é inteligente deixar vestígios de nossa presença, Lúcius... – Vincent indicou o BMW.

– Deixe o carro, Vincent. Não há tempo! – Lúcius não esperou uma resposta e continuou me puxando. – A confusão tomou conta dos jardins, não creio que seja seguro perambular pela montanha. Não há ninguém vigiando!

– Droga – Vincent rosnou –, o SUV não vai durar um minuto nas mãos deles – concluiu incomodado, mas nos seguiu.

O elfo de olhos felinos espiou meu rosto assustado.

– Vai ficar tudo bem, Melissa. Os Von Berg estão reunidos com o Conselho, os líderes elfos estão a caminho... Devo me juntar a eles, mas antes quero deixá-los em segurança na casa de Vincent. Os guardiões do Portal das Sombras estão lá para garantir a segurança até o conselho chegar a um veredicto. Eles estão esperando por nós.

– Você podia ter solicitado a proteção de um deles para escoltar Melissa – Vincent questionou, olhando sobre os ombros na direção do bistrô.

Lúcius ficou em silêncio por um breve momento, depois soltou o ar e as palavras com certa afobação.

– A ordem é que os guardiões vigiem seus portais. Uma escolta de um ou dois guardiões seria uma ótima ideia, mas, como você mesmo disse, não é inteligente deixar vestígios de nossa presença. E um guardião em sua armadura andando pela Terra das Sombras chamaria a atenção que não precisamos no momento. Podemos fazer isso quando chegarmos lá.

– Andar com ela pelas ruas da “Vila Noturna” também vai chamar a atenção! – Vincent girou as mãos para mim e praguejou em alemão.

– Isso pode ser contornado... faça uma capa! – O elfo falava sério, mas Vincent o ignorou, ainda praguejando. – Pense bem, ninguém iria procurá-los lá... é movimentado, quase caótico a esta hora. Basta andar rápido e não deixar que a olhem de muito perto. E fique tranquilo, receberemos um reforço para essa “escolta” em breve – Lúcius finalizou abaixando a voz para um murmúrio misterioso.

Vincent estava prestes a argumentar, mas o elfo das sombras apertou o passo. Tentei acompanhá-lo, mas fora da calçada de pedra era quase impossível andar sem enroscar meu salto em folhas e galhos. Quase torci o pé, duas vezes, e mesmo assim Lúcius não diminuiu o ritmo. Conforme avançávamos, uma bruma fina cobria nossos pés, alastrando-se pelo bosque. O cenário estava mudando de forma assustadora.

Tropecei de novo, desta vez de nervoso.

E, logo à frente, na penumbra do bosque, uma silhueta musculosa se moveu. Ela cruzou os troncos das árvores com agilidade, caminhando ao nosso encontro. O vulto roubou meu ar. A luz distante das lanternas suspensas brilhou em seus cabelos alaranjados, revelando o rosto familiar do elfo de fogo. A expressão séria mascarava a cólera em seus olhos. Eles passaram por mim e pararam no mago das sombras. Meu impulso foi imediato... Derrapei no chão, escapando das mãos de Lúcius e usei meu corpo como escudo para bloquear o acesso a Vincent. Não deixaria que ninguém o levasse.

– Melissa!

Vincent alertou urgente, puxando meu corpo e, antes que percebesse, já estava atrás dele. Lúcius pareceu tão surpreso quanto nós, mas permaneceu em seu lugar. E, depois de um segundo hesitante, foi ao encontro de Félix.

– Fico feliz por vir nos encontrar, amigo. Pensei, realmente, que isso não fosse acontecer – Lúcius falou admirado para a silhueta musculosa, quase apreensivo.

– Você o chamou aqui? – Vincent indagou atônito.

– Os outros líderes elfos estão reunidos no Conselho, eu e Félix éramos os únicos na montanha. – Lúcius o encarou, espremendo os olhos felinos. – E, nesse momento, toda a ajuda é bem-vinda – esclareceu, quase ríspido.

Mas a careta de Félix demonstrou seu desacordo. Ele não parecia estar ali por vontade, na verdade, comparando as expressões, estava tão contrariado quanto Vincent.

– Eu “estava” indo ao Conselho – Félix retrucou a alguns metros. – Mas um elfo me convenceu a desviar de meu caminho. Vamos dizer que aquela bola de fogo foi incisiva no pedido – falou esfregando a nuca.

O elfo de fogo parou à nossa frente. Apesar do tom diplomático que usou para falar com Lúcius, sua postura ameaçadora não deixou dúvidas quanto à sua opinião. E sabíamos que a situação deixava suas ameaças muito concretas.

Vincent avaliou a expressão do elfo, como eu, e alinhando os ombros montou sua pose intimidadora.

– Não preciso de sua ajuda, elfo.

O rosto de Félix se retorceu enfurecido.

– Não estou aqui por você, *Sombrio* – cuspiu entre os dentes. Seus olhos cintilaram como labaredas alaranjadas e pousaram em mim –, vim por ela. – Ele levantou o queixo em minha direção. – Há outros seres da montanha preocupados com ela... como sabe, não confiamos em você. – encarei os olhos em chamas de Félix, encontrando facilmente o nome dos *outros...* *Lume*. O ar saiu por minha boca em uma arfada surpresa. – Além disso, ela é moradora da montanha e está correndo perigo. Graças a você.

Vincent me puxou, mais uma vez, para o alcance de suas mãos, de forma protetora e possessiva.

– Posso cuidar disso. Dispensamos sua ajuda.

– Deixe que ela fale por si mesma – Félix revidou.

Analisei o elfo... suas roupas clássicas com linhas despojadas de alfaiataria, que se agarravam aos músculos avantajados... o cabelo colorido, que poderia ser engraçado, não fosse a expressão séria... Mas foi encarando as labaredas alaranjadas que encontrei a verdade. E, com alívio, respirei novamente. Estava confusa, um tanto temerosa, mas reconheci o olhar amigo de Félix. Sua ajuda era sincera. O elfo de fogo não nos faria mal.

Mas Vincent não confiava nele, claro, e estreitou seu aperto. Sua postura ativa entrando em alerta.

– Vincent... acalme-se – pedi. – Talvez ele possa mesmo ajudar. Ouça o que ele tem a dizer.

Segurando-me com apenas um braço, Vincent me prendeu pela cintura. Levantando a outra mão, sinalizou-a para Félix. Aquilo era um aviso ou uma posição de ataque. Engoli em seco. Sabia que neste momento o mago das sombras usaria tudo o que estivesse ao seu alcance para afastar a ameaça que Félix representava. E, depois de nossas últimas experiências com elfos de fogo, ele não cogitaria a ideia de ser tolerante. Mesmo que isso significasse ferir alguém na minha frente... Precisava fazer alguma coisa! Ao menor movimento do elfo, a noite terminaria com o desastre que pretendíamos evitar.

Com movimentos lentos, afaguei o braço de Vincent, tentando acalmar meu gigante enfurecido. Lúcius avaliava a cena e, provavelmente, concluiu o perigo do temperamento explosivo do mago das sombras. Com cautela, caminhou até nós.

– A situação é delicada, Vincent, não precisamos de um confronto. Além disso, não estamos em condições de dispensar ajuda – amenizou. – Se ele veio cuidar de Melissa, deixe que a leve. Ela estará em segurança ao lado dele. O importante é tirá-los daqui. Agora.

– Isso está fora de cogitação. E, se você não quer um confronto, Lúcius, mande-o se afastar.

Ignorando o alerta, Félix deu um passo em nossa direção. Vincent me colocou atrás dele novamente, o corpo tenso emanava um calor incomum, reagindo ao instinto de defesa. O elfo de fogo duplicava a expressão do mago, ele levantou as mãos, fechando-as em punho, e uma leve névoa de areia cobriu o ar.

– Eu já disse, vim pela garota. Portanto, não me tente.

– Ouse – Vincent cuspiu em voz mortal.

Meus olhos correram de Vincent para o rosto colérico de Félix, sabia de suas boas intenções, mas também sabia que ele adoraria ver Vincent perder o controle.

– Félix, eu quero sua proteção! – exasperei urgente. – Quero sua proteção e aceito sua ajuda... mas deve prometer não fazer nada contra Vincent. – Exigi com um agudo estridente e encontrei o olhar surpreso do elfo de fogo.

– Melissa, não... – Vincent começou, virando-se para mim.

Desviei de seu olhar reprovador e, com uma inspiração rápida, pedi:

– Eu quero sua proteção, Félix. Por favor.

Vincent apertou os olhos com uma careta e Félix vacilou por um segundo, seus lampejos alaranjados presos em meus olhos. Vi a incompreensão tomar seu rosto, mas ele logo relaxou as mãos. Um segundo depois, a nuvem de areia cedeu e o ar voltou a ficar limpo. O elfo de fogo recuou um passo, mas não pareceu contrariado. Pelo contrário, esboçava um breve sorriso nos lábios. E logo entendi o porquê.

O mago enfurecido agarrou meu braço, os olhos violeta me censurando duramente.

– Você tem ideia do que fez? – Vincent rugiu irritado. Pela visão periférica, vi Félix se aproximar com uma expressão que também parecia insatisfeita, mas antes que eu perguntasse a causa da irritação, Vincent rosnou – Você acabou de invocar a proteção dele, Melissa! Três vezes!

Eu me afastei dele, soltando-me de sua mão.

– Eu pedi ajuda. E pediria novamente – retruquei magoada pelo seu tom. – Estava tentando ajudar você!

– Mas não tem ideia do que fez, não é? – rosnou inconformado. Eu não respondi, apenas apertei os lábios e intensifiquei meu olhar enfurecido. Seja lá o que fiz, errado ou certo, fiz por ele. E por que ele esperava que eu soubesse algo, se nunca me falava nada sobre os elfos ou seus detalhes mágicos? Vincent bufou para minha careta, respondendo à acusação que não fiz verbalmente. – Você nunca ouviu histórias de humanos que vasculham o mundo atrás de seres mágicos? O que acha que eles buscam? – ele jogou as mãos para o alto, respondendo a própria pergunta – A servidão! – concluiu acusador. Eu arfei, não

era essa minha intenção e ele sabia disso. Encontrei o olhar indolente de Félix e abri a boca para me defender, mas Vincent não deixou – Ele está procurando motivos para me banir da montanha, Melissa, não podemos confiar nele... e “isso” você sabia muito bem. Agora, graças ao seu pedido, vai ter um guarda-costas que me odeia!

Sustentei os reprovadores oceanos violeta, entendendo que a repetição do meu pedido havia despertado algum tipo de magia élfica. Um segundo foi o que precisei para clarear a situação... De acordo ou não, estava feito. E me mantive firme.

– Eu nunca quis um... mas Lúcius tem razão, “no momento” precisamos de toda a ajuda de que dispusermos – levantei um dedo para o elfo de fogo, que me olhava com uma sobrancelha levantada. – E se Félix puder nos ajudar a resolver isso, sim, eu quero a ajuda dele. Ou a proteção dele, que seja!

Félix soltou uma risada afetada e Vincent rangeu os dentes com um rosnado, prestes a argumentar, mas foi interrompido por vozes alarmadas que ecoaram da porta do bistrô.

Lúcius se adiantou com impaciência.

– Estamos perdendo um tempo precioso aqui. Tempo que não temos! – Encontrei o olhar felino de Lúcius, agradecida pelo seu surto de bom senso. O elfo das sombras continuou – E controlem seus nervos... Não podemos chamar a atenção!

Apesar de ser menor que os gigantes irritados, Lúcius os contornou com desenvoltura, puxando-me pelo braço. Ele me afastou de Vincent e, desta vez, o mago das sombras não reagiu.

– Já que está aqui, Félix, seja útil e leve Melissa para casa – Lúcius convocou, girando a cabeça enquanto estudava os arredores. – Use o carro de Vincent. E, depois, deixe-o na casa dele. Eu e Vincent vamos usar a passagem da Terra das Sombras e encontramos você lá.

– O quê? – Vincent quase engasgou. – Ele não vai levá-la a lugar algum! E não vai dirigir o BMW! – exaltou-se. – Ele nem sabe...

– É claro que sei. Adoro estas máquinas. – Félix esclareceu com um meio sorriso. – Por mim, está perfeito... Levo a garota e o carro – finalizou satisfeito.

– Você não vai levá-la. – Vincent rugiu em voz mortal, dando um passo à frente. Seu olhar duro não deixava dúvida de sua seriedade.

Félix deu outro passo, os dois se encaravam e meu sangue gelou.

– Você não ouviu? Ela solicitou minha proteção, *Sombrio*.

Por um momento, pensei que Vincent iria explodir. Tentei me desvencilhar de Lúcius, sem sucesso, e com esforço, consegui chamar a atenção do elfo de fogo. Encontrei sua expressão provocadora e o censurei com o olhar,

isso era desnecessário no momento.

– Quero proteção Félix, não confusão. E, no momento, preciso de sua ajuda para isso não ficar pior! – falei severamente, ainda presa ao aperto de Lúcius. O elfo de fogo pareceu constrangido e, depois de avaliar Vincent, levantou o queixo e deu meio passo para trás. Soltei o ar, controlando meu coração alarmado. – Por favor, Félix, leve o SUV. Vê-lo dirigindo o carro de Vincent vai confundi-los. Vou com Vincent e Lúcius, não sei como funciona esse acordo de proteção, mas lhe garanto que estarei segura com os dois. Vamos nos encontrar na casa de Vincent, como Lúcius disse.

Félix escutou incomodado, mas limpou a garganta, assumindo um ar concentrado.

– Muito bem... Acho que sua ideia faz sentido. Lúcius pode cuidar de sua escolta – ele encontrou o olhar felino do amigo e Lúcius afirmou solenemente. – Eu levo o carro. Não é uma boa ideia deixar aquela *coisa* enorme para trás como um lembrete de que estiveram aqui. – Félix indicou as luzes distantes do bistrô e buscou o olhar de Vincent, desafiando-o. – Devo chegar ao topo da montanha antes de vocês, portanto, sejam rápidos ou vou ao seu encontro. – Vincent enrijeceu ainda mais o maxilar e pensei ouvir um rosnado. Félix escondeu um sorriso e continuou, provocador, claro. – Acho que é o momento perfeito para testar o “ronco” daquela máquina nas curvas.

Vincent tensionou os braços, fechando as mãos com força até seus tendões saltarem na pele, e Félix levantou os ombros, satisfeito por conseguir provocá-lo.

– Então, está decidido. Cuido da escolta, você leva o carro – a expressão de Lúcius pareceu ainda mais felina, mas, de alguma forma, satisfeita com o arranjo. Vincent estava visivelmente transtornado, mas permaneceu em silêncio. – Perfeito. Se todos concordam... Vamos, Melissa. Vincent?

Lúcius me puxou para o bosque escurecido novamente e meus pés tropeçaram atrás dele. Dobrei o pescoço, temendo o humor dos gigantes que ainda se encaravam, mas Vincent levou menos de um segundo para nos seguir, enquanto Félix caminhava na direção oposta. O mago das sombras nos alcançou rapidamente e murmurou algo inaudível para Lúcius, que me largou imediatamente. Tomando seu lugar ao meu lado, deixou escapar alguns grunhidos incompreensíveis em alemão... Eu suspirei longamente, afagando seu braço em consolo.

Com mais algumas passadas deles e muitos tropeços meus, as luzes do bistrô desapareceram entre as árvores.

Segui as mãos de Vincent com determinação e, conforme adentrávamos o

bosque escuro, a bruma ficava mais densa, encobrindo nosso rastro. Logo se acumulou pelas árvores, espalhando-se a nossa volta... até a altura dos olhos. Mais alguns metros entre a névoa e Lúcius parou, mal conseguia ver seu corpo, apenas seus olhos perturbadores eram visíveis no escuro.

Ele fez sinal para esperarmos e desapareceu completamente, como se mergulhasse na sombra. O som de passos amassando a forragem indicava que ele caminhava ao nosso redor, provavelmente checando o perímetro. Eu ainda me recuperava da cena quando notei que Vincent também estava alerta, a postura rígida confirmava sua tensão. Ele vigiava a escuridão nebulosa à nossa frente e, quando meus olhos seguiram os dele, notei o contorno de alguns troncos entre a névoa contorcendo-se em um arco. Eu me aproximei, estudando a forma suspeita, imaginando seu significado.

Cruzei os braços, aquele lugar não se parecia mais com os jardins do bistrô. E a cada espiada lembrava a passagem do Tronco Oco, a clareira musgosa onde esperamos por Alice e Piro. Estremeci. Estávamos, mais uma vez, à mercê dos perigos deste Mundo Mágico. E esse pensamento levou novamente a tal maldição.

Uma rajada de vento gelado dissipou parcialmente a bruma ao meu redor, levantando meus cabelos. Olhei sobre o ombro, alarmada, e encontrei dois olhos violeta me fitando, torturados. O vento não era uma mudança climática, disso eu tinha certeza. E, pelo visto, não fora intencional. Pelo seu olhar preocupado, concluí que dividíamos o mesmo pensamento e resolvi distraí-lo. Antes que uma súbita tempestade despertasse a atenção que não desejávamos.

– Isso é uma passagem, certo? – indaguei ao rosto escurecido do cavalheiro carrancudo. Ele afirmou lentamente, atento, analisando minha reação. Levantei o queixo, colando as mãos ao lado do corpo para esconder minha ansiedade. – Certo.

– Não vou deixá-la sozinha, Melissa. Eu prometo.

Tentei esboçar um sorriso reconfortante para o rosto apreensivo do mago das sombras e, por mais que me esforçasse, não consegui. Passos apressados ecoaram ao nosso encontro. Vincent não se mexeu, então, deveria ser Lúcius. Segundos depois, a silhueta esguia do elfo das sombras surgiu ao lado de Vincent, despontando da noite como se houvesse uma cortina negra ali.

– Ninguém nos seguiu. Por via das dúvidas, vou checar os acontecimentos no bistrô. – Lúcius se concentrou em Vincent, tentando passar um pouco de sua confiança. – Vá na frente, leve Melissa, e certifique-se de não chamar a atenção. Espere por mim na ponte estreita. Logo encontro com vocês. E, quando chegarmos ao Portal das Sombras, poderemos solicitar a proteção dos guardiões para ela.

– Seja rápido. Quero deixar Melissa em segurança antes de me entregar ao Conselho.

Arregalei os olhos com suas palavras, perdendo o ar.

– Você vai o quê? – perguntei esbaforida, procurando seu rosto na escuridão. – Não. Você não vai... Não pode! Vão levá-lo – engasguei nervosa, mas Vincent ignorou meu apelo.

Lúcius se aproximou com um passo ansioso, colocando uma mão em meu ombro, tentando me acalmar.

– Ela tem razão, Vincent, não há necessidade disso. Eles não oficializaram nenhuma acusação. E devem estar longe disso, ou Félix já o teria levado – o elfo mediu.

– Preciso esclarecer o que aconteceu no Jardim Vermelho, Lúcius. Não quero envolver Melissa ou os Von Berg nessa confusão. Isso só vai trazer mais problemas – o mago das sombras falou decidido. Eu arfei.

– Não. Você não vai até eles – Lúcius exteriorizou meu pensamento com voz firme. – A não ser que seja chamado. E são casos bem diferentes – finalizou em tom autoritário.

Vincent bufou. E, desta vez, foi Lúcius que o ignorou.

– Quanto à Melissa, não se preocupe, os líderes elfos estão unidos em favor dela. Félix não teria vindo até aqui se a decisão não fosse unânime. Além disso, nenhum ser mágico chegará até ela... Melissa é moradora da montanha, tem nossa proteção. O conselho não vai discordar disso. Na verdade, *agora*, ele não pode. E eu também não me preocuparia com os Von Berg. Afinal, a diplomacia é o grande trunfo deles. Nicolau e Aristela são excelentes negociadores e já contornaram o Conselho uma vez – Lúcius concluiu eloquente.

– Justamente, Lúcius. Os Von Berg usaram toda sua influencia da última vez. E, sejamos francos, minha presença aqui nunca foi do agrado de ninguém. Não creio que eles tenham sucesso uma segunda vez, não vou prejudicá-los.

Desta vez, Lúcius se empertigou, a voz firme, pondo fim à discussão.

– A Terra das Sombras é seu lar por herança, Vincent. Em memória a Christine não aceitaremos uma decisão radical. Você tem direito de circular pela montanha tanto quanto nós.

Meus olhos estavam focados no elfo das sombras que aconselhava sabiamente como um tio mais velho, embora parecesse tão jovem quanto Vincent. E, de certa forma, fiquei aliviada com a segurança de suas palavras.

Vincent não afirmou, mas também não contestou seu “parente”, e Lúcius pareceu satisfeito. Tomando minha mão com uma reverência, levantou os olhos felinos e mudou a expressão. Aquele olhar me arrepiou.

– Sinto muito por nos encontrarmos em situações tão atribuladas,

Melissa. Quem sabe em outra oportunidade teremos a chance de conversar.

Estiquei um sorriso compreensivo, antes que dissesse adeus. Vincent já estava me puxando para o arco retorcido de madeira.

Ele segurava meu braço com firmeza, mas isso não impediu meu tremor ansioso. Concentrei-me em seu perfil perturbado, aguardando mais uma experiência traumática. E, para minha surpresa, cruzar o arco foi algo muito simples. Como atravessar uma porta. Nada de musgo, odores horrendos, vozes espectrais... luzes brilhantes, bolhas de sabão, chuva de purpurina ou sinos. Transpor a passagem demorou, no máximo, um segundo, e do outro lado pisamos em uma calçada de pedra.

Nossos passos ecoaram em um pátio circular e olhei rapidamente para trás, procurando algum vestígio do bosque escuro. Mas só havia um arco de pedra recostado em uma parede de tijolos gastos, como um adorno da alvenaria. Vincent ainda estava alerta e continuou me puxando, sem pausa. Seus olhos esquadrihavam a construção modesta, de aparência antiga, enquanto caminhávamos para a única saída. Deste lado da Terra das Sombras, a bruma era fraca e havia alguma claridade. Intensificada por lanternas azuladas, presas às janelas do prédio de dois andares. Entramos em um corredor estreito e, do outro lado, uma espécie de viela nos aguardava. Construções seculares erguiam-se ao nosso redor... aquilo era claustrofóbico!

O mago das sombras parou para checar um beco pouco iluminado e notei que estava tudo muito calmo. Isso me incomodou. E, pela expressão apreensiva de Vincent, também o estava incomodando. Ele abaixou a cabeça e uma nuvem violeta saiu de seu corpo para nos envolver lentamente... magia! Colei em seu braço, apertando com força. Sabia que era ele quem fazia aquilo e, pela sua expressão, nem ousaria questionar. Vincent voltou a andar, e meus sapatos de salto estalavam no piso de pedra a cada passo, o som agudo ecoava no silêncio, levando meu coração ao galope.

Mais alguns passos e, finalmente, vislumbramos algum movimento. Vultos cruzavam a saída da viela e, junto com eles, o aperto de Vincent exigiu minha atenção:

– Não se afaste de mim. Nem mesmo por um segundo. Entendeu?

Sustentei os oceanos violeta, turbulentos, e de olhos arregalados afirmei com veemência. A nuvem violeta cedeu e não estava mais lá quando entramos na rua agitada pelo vai e vem de pessoas... ou magos – e com um pouco mais de atenção soube que haviam elfos também. – Misturamo-nos à multidão, seguindo o fluxo, e tentei me concentrar. Procurar sinais de perigo... Mas isso era impossível!

Ouvi todo o tipo de murmúrio ao nosso redor, de conversas animadas em línguas estranhas a resmungos em uma língua quase conhecida. Figurinos curiosos prenderam meus olhos e, comparado a eles, Aristela não era nada exótica. Lanternas antigas também chamaram a minha atenção, flamejando multicoloridas. Elas iluminavam portas seculares à nossa direita e, do outro lado da rua, um tipo de comércio concentrava mais movimento. Na entrada, pessoas elegantes trocavam cumprimentos animados, no mesmo ritmo, luzes coloridas fulgiam acima de seus rostos... fascinante! Meus olhos se perderam no vai e vem mais uma vez, até encontrar os postes de ferro da rua. Suas cúpulas de vidro em forma espiralada brilhavam com uma intensidade diferente, alternando sua cor, ora azul, ora lilás... intrigante. Girei a cabeça de um lado para o outro, depois sobre o ombro. Eram tantas coisas ao mesmo tempo, e não queria perder nenhum detalhe! E me assustei quando Vincent parou com um solavanco. Desviando de algumas pessoas, ele me encostou ao lado de uma vitrine *old fashion*, que expunha um longo vestido de organza do século 19. Ainda admirava seus detalhes quando duas mãos apoiaram meu rosto, trazendo meus olhos para outra direção. A direção de reprovadores oceanos violeta.

– Eu sei... tudo aqui é muito diferente. Mas preciso de sua concentração, Melissa. Certo? – afirmei duvidosa, e ele continuou. – Vamos atravessar esta rua e seguir por mais uma viela antes de chegar ao local onde devemos esperar por Lúcius. Por favor, preciso que aja com naturalidade. Não pareça alarmada. Não encare as pessoas. E não... – eu o olhei torto, já havia entendido. Mas era muito difícil segurar meu olhar curioso quando acabava de descobrir uma cidade perdida no tempo. Dentro de um “Mundo Mágico”! Ele afagou meu rosto, intensificando o olhar reprovador. – Seja boazinha – exigiu com os olhos brilhantes. Suspirei, afirmando mais uma vez. – Ótimo.

Vincent levantou o rosto para a multidão e observou por um instante. Suas mãos escorregaram para as minhas e ele as segurou com firmeza. Com movimentos rápidos, cruzamos a multidão mais uma vez. Carruagens adornadas com veludo cruzaram nosso caminho, desviamos delas, mas quase trombamos com um Ford anos 30. Uma senhora de curiosos olhos felinos saiu dele, apressada. Ela carregava alguns livros dourados com dificuldade e esbarrou em mim... seus livros encontraram o chão, tilintando com um som metálico. Em um reflexo automático, curvei-me para ajudá-la, mas duas mãos me impediram. Evitando o dono delas, abaixei meus olhos, afirmando em silêncio. Ele me endireitou e segui seus passos com determinação, enquanto uma voz desaforada reclamava às nossas costas.

Entramos em mais uma viela escura, espremida entre prédios baixos. Não demorou muito e a nuvem violeta estava lá novamente, envolvendo nossos

corpos. Levantei meus olhos para o perfil taciturno do mago das sombras... mas, em vez de questionar, tentei ser mais ágil. A certa distância, distinguimos duas cabeças vermelhas compartilhando beijos entusiasmados. O casal de elfos de fogo notou a aproximação e, com risadas baixas, moveu-se ao nosso encontro. Imediatamente, Vincent adotou uma postura altiva. Colocando o braço sobre meus ombros, ele me apertou... isso era um aviso. Desviei o rosto rapidamente, concentrando-me no mago carrancudo, mas, pela visão periférica, vi quando o elfo de fogo abraçou sua parceira torcendo o rosto. O asco em sua expressão acompanhou um murmúrio ofensivo para Vincent em nossa língua. Virei o rosto sobre o ombro, franzindo as sobrancelhas, sem conseguir conter minha revolta.

– Mas que...

Vincent usou sua mão livre para trazer meu rosto de volta.

– Não se importe com isso, Melissa. Vamos. Não podemos perder tempo.

– Você o conhece?

– Não.

– Mas... Não fizemos nada! Por que ele o ofendeu?

Vincent suspirou longamente, afagando meu ombro.

– Eles acreditam que um mago das sombras traz má sorte. Cruzar comigo, provavelmente, acabou com a noite dele – disse friamente.

– Mas como eles sabem que você é um mago das sombras?

– Eles podem ver e sentir minha energia. E eu a deles.

Contemplei seu perfil apático. A nuvem violeta ainda flutuava ao nosso redor... e entendi que, se eu a via, todos a viam. E ela não estava ali para nos esconder, mas para nos proteger. Mas isso não ajudava em nossa camuflagem. Soltei o ar, completamente revoltada. Sabia que ele não era bem-visto no Mundo Mágico, por causa de sua herança, mas isso era demais! Imaginei o tipo de desaforos e injustiças que ele teve de aturar durante toda a vida... de graça! Tudo motivado por uma lenda! E, o pior... como alguém poderia se acostumar a isso? Nesse momento, entendi parte de sua revolta ao se juntar a Ludwig. Bufei, desacreditada da minha conclusão, mas não era hora de analisar minha empatia. Vincent apertou seu abraço mais uma vez, levantando brevemente o queixo, e montou sua pose arrogante. Espiei a viela, mais pessoas se aproximavam, talvez magos ou elfos... não importava. Desta vez, não olhei para eles. Não poderia. Rangi os dentes enquanto era levada pelo abraço protetor do “meu” mago das sombras.

Mais grupos cruzaram conosco. Alguns resmungaram indelicadezas, outros apenas nos ignoraram. Com outro longo suspiro, Vincent escorregou o braço por minhas costas e, tomando minha mão, levou-a até os lábios. Entendi o gesto como um consolo. Agora estávamos sozinhos.

O longo corredor de pedra nos levou até um canal. À nossa frente, uma ponte de pedra estreita ligava dois acessos da rua deserta. Vincent diminuiu o passo, vasculhando os arredores com os olhos... Então, era aqui que esperaríamos por Lúcius? Provavelmente. Ele me levou até o parapeito de pedra e aproveitei para apoiar meu corpo, a tensão estava estraçalhando meus nervos. O mago parou no meio da ponte, abaixou a cabeça e respirou profundamente. Eu conhecia aquela expressão. Em instantes, outro espectro violeta deixou seu corpo, flutuando em um círculo largo, a onda brilhante passou por mim e correu ao nosso redor até desaparecer... Mais magia.

Observei em silêncio. O que era ou como funcionava, eu não fazia ideia, mas tinha certeza de que mais uma vez isso era para nossa proteção. Fechei minha boca, apreensiva demais para começar um interrogatório sobre magia. Afinal, precisava apenas me acostumar.

Vincent inspirou profundamente, ainda alerta, afastando-se alguns passos para espiar o outro lado do canal. Disfarcei minha expressão atordoada girando o pescoço para o outro lado, checando as redondezas... e encontrei mais luminárias espiraladas, brilhando em azul e lilás. Elas contornavam a ponte de pedra, iluminando degraus curvos que acompanhavam a margem e desapareciam na água negra. Um acesso para barcos? Levantei os olhos para a extensão do canal. Nenhum barco. O barulho suave da correnteza ecoava na noite, quebrando o silêncio perturbador... Sim, estávamos sozinhos. E minha imaginação não era capaz de calcular as possibilidades desastrosas desse lado.

Senti meu coração acelerar novamente e, com um espasmo, comecei a tremer. Estava abalada, assustada, confusa... e me abracei para disfarçar o nervoso. Não queria alarmar Vincent, mas o ultraje pelo preconceito, a incredulidade desta nova realidade, perdida no tempo, misturavam-se ao temor por nosso futuro. Um futuro que nem havíamos começado a planejar. Estava prestes a ter um ataque de ansiedade... Nunca teríamos paz? No meu mundo? No seu mundo? Fechei os olhos, procurando minha chama de esperança que estava quase se apagando. Sabia que precisava ser forte, apoiar Vincent no caminho que “eu” também escolhi. Mas minha coragem nunca parecia suficiente para tantos acontecimentos perturbadores. Estava tentando, mas... era humana! E, como tal, podia me conceder um breve momento de pânico. Mesmo que passageiro.

Inspirei lentamente, abrindo os olhos, e encontrei os oceanos violeta fitando-me, torturados. Lá estava minha dose extra de coragem, no desejo de cuidar do homem que eu amava. Soltei meu abraço e dei um passo confiante pela ponte ao seu encontro.

– Vai ficar tudo bem, Vincent. Os elfos estão do nosso lado. E Lúcius disse que vai pedir proteção ao... para o... ah... no tal portal – gaguejei. – Ele vai

cuidar de sua proteção.

O olhar de Vincent tornou-se frio, ele recuou um passo pela ponte, afastando-se de mim. Nada bom.

– O Portal das Sombras é a passagem do mundo físico para a Terra das Sombras. Aquela que fica próxima a minha casa. – Quase girei os olhos no ar, já suspeitava disso. Mas a seriedade de seu rosto me impediu. – E os guardiões do portal são como um exército de elfos das sombras. Para invocar a proteção deles, precisamos da intercessão do líder deles... Neste caso, Lúcius. – Vincent lançou um olhar impaciente para a viela escura, depois franziu os olhos para mim. – Mas não se iluda, Melissa, os líderes elfos estão do seu lado, não do meu. Ainda assim, ter a simpatia deles não quer dizer a simpatia de seus súditos. Os duendes são seres irritadiços, primitivos... não burros. Eles não vão me desafiar, mas, com certeza, vão se vingar. E a forma óbvia de fazer isso é descontando sua raiva em você. – Ele voltou o olhar aniquilador para meu rosto, engoli em seco. – E não é só isso. Você lembra o que eu disse sobre minha mãe ser uma elfo das sombras? – afirmei uma vez, abraçando-me novamente. – Pois bem, some isso ao discurso de Lúcius. Como notou, ser metade elfo me favorece com a simpatia do Reino das Sombras... O que não é nada ruim neste contexto, mas significa que pode haver um confronto, se o Conselho decidir me punir. As divisas estão em paz há muito tempo, e não quero ser o responsável por uma guerra no Mundo Mágico. – Ele soltou o ar sonoramente. – A situação é muito mais complexa, Melissa.

Por mais que me esforçasse, não consegui segurar o espasmo que estremeceu meu corpo, até os pés. *Droga de acontecimentos incessantes!* Eu me encolhi. Sabia que Vincent queria expor os fatos, me incluir no contexto... como pedi. Mas as coisas pareciam muito piores depois de ter um panorama pelo seu prisma. Minha brasa de coragem estava se transformando em uma fagulha prestes a apagar.

– Vincent... eu... preciso voltar para casa... George. – Minha voz entrecortada saiu com o fluxo de ar.

Escorregando os dedos pelos cabelos cor de carvão, ele percebeu o quanto havia me assustado. Vincent xingou baixo.

– Tente se controlar, Melissa, não temos tempo para uma crise – disse quase rudemente. Eu não sabia se retrucava ou se concordava com ele. Vincent fixou os olhos em meu rosto. – Estou pensando nisso. Não quero alarmar seu avô com explicações que não podemos dar... Mas não vou deixá-la sozinha – falou determinado. – Não é seguro. Vamos esperar Lúcius chegar e levamos você até os guardiões. Depois de invocar a proteção da guarda, levo você para casa. Mas só para George vê-la em segurança. Vou voltar pela sombra para buscá-la, você

vai ficar ao meu lado hoje. Portanto, dê a desculpa que precisar... mas esteja pronta.

Eu pisquei atordoada.

– Você vai me levar pela sombra?

– Situações extremas pedem medidas extremas. Não quero dar chances para o desas... – ele apertou os lábios, interrompendo a palavra. – Em minha casa não há o risco de acontecer um ataque. Eles não ousariam. E você estará segura. Lúcius tem razão, é o melhor lugar para esperarmos esta confusão se acalmar.

– Mas... e quanto a Alice e George? Se os duendes podem atacar minha casa, então...

– Por isso você precisa da proteção dos guardiões, e isto pode se estender à sua família. Vocês moram nas terras da montanha, lembra-se? Não haverá questionamentos.

Afirmei uma vez e apenas uma exigência surgiu.

– Preciso estar em casa logo pela manhã, não quero que Alice desconfie de nada. Não quero assustá-la... Não quero que... Eu não posso – minha voz desceu um tom até ficar presa na garganta.

Vincent aproximou-se um passo, visivelmente perturbado com minha reação.

– Levarei você de volta assim que o sol raiar. Acompanharei você e Alice até a escola, até a revendedora... a qualquer lugar que precisar ir. Vou ficar ao seu lado – ele levou a mão até meu rosto para um carinho cuidadoso. – É uma promessa.

Sabia que a situação era séria, mas a notícia não foi de todo ruim. Vincent encontrou meus olhos e os oceanos violeta cintilavam em um mix de preocupação, revolta e pesar.

– Desculpe. Quando planejei esta noite... levei você para o bistrô... – ele balançou a cabeça. – Não era esse o desfecho que tinha em mente.

Eu tentei sorrir.

– E qual desfecho você tinha em mente?

Vincent levantou os lábios no canto, hesitando por um breve momento. Depois, procurou por algo no bolso e se aproximou segurando algo pequenino entre os dedos.

– Eu...

Ele parou com a palavra nos lábios. Levantando a cabeça, espremeu os olhos, concentrado... como se uma coisa urgente disputasse sua atenção. Vincent enrijeceu os ombros e sua boca entreaberta deixou escapar um arfar tenso. Seus olhos correram as paredes de tijolos seculares atrás de mim e, com um movimento rápido de suas mãos, eu estava atrás dele. Segurei seus braços, quase

que para me apoiar, e através da camisa senti um calor pulsante correr em sua pele. Meu sexto sentido emitiu um alerta muito claro: algo muito ruim estava acontecendo.

– O que foi? – perguntei ofegante em suas costas, mas não houve resposta.

Vincent recuou um passo, fazendo-me recuar com ele. Suas mãos estavam abertas, os braços estendidos... isso parecia uma postura de defesa ou luta. E significava que ele estava pronto para um confronto. O que quer que fosse estava próximo de nós. Tentei espiar por trás de seus braços, mas vi apenas paredes de tijolos. Segui seu olhar até a rua deserta... e, com mais atenção, percebi que ele estava focalizando a viela escura por onde chegamos.

Aguardei dois segundos angustiantes, meu coração disparado no peito, mas não surgiu ninguém. E isso não significava que estávamos seguros.

– Tem alguém aqui, não é? – murmurei em um sopro apavorado.

– Espero que esteja enganado, mas sinto a presença de...

O som crescente da correnteza se sobrepôs às palavras de Vincent, e o barulho vinha do canal atrás de mim. Virei o rosto além da proteção de pedra e a água negra subia rapidamente pela margem. Arregalei os olhos, puxando os braços de Vincent, alertando-o. Precisávamos sair da ponte! Mas não consegui tirá-lo de sua postura rígida. Ele nem sequer notou meu esforço.

Girei a cabeça mais uma vez, medindo a subida acelerada da água... O que era isso? Um dilúvio repentino? E, mesmo que fosse, não parecia “perigo” suficiente para afligir o mago das sombras. Vincent continuava concentrado enquanto eu me virava de um lado para o outro, ora vigiando a rua deserta, ora checando a aproximação das ondas negras que já tocavam a superfície da ponte. Acompanhei o movimento inquietante chegar rapidamente aos nossos pés... Não sabia o que era aquilo, e *isso* bastava para tornar a coisa um perigo para mim! Usando de muita força, puxei o corpo do mago mais uma vez.

– Vincent! A água! Está subindo! – alertei esbaforida, mas ele parecia preso ao chão. Enfiei minhas unhas em seu braço, colocando o peso do meu corpo como contraponto. Meus sapatos escorregaram nas pedras molhadas e arfei quando senti o toque gelado subir até meu tornozelo. – Vincent!

Nesse momento, um corpo emergiu da água negra. A figura subiu calmamente os degraus de pedra na margem do canal, enquanto a água baixava na mesma velocidade assustadora. As luzes tremulantes em azul e lilás refletiram em seu rosto, revelando um brilho furta-cor... Eu larguei Vincent.

Era uma garota, muito mais nova do que eu. Seu rosto cintilava, ora prateado, ora azulado, assumindo, em segundos, várias tonalidades do espectro. Esse brilho lembrava o de uma escama de peixe. Ela contornou o parapeito de

pedra, caminhando pela ponte ao nosso encontro. Seus longos cabelos balançaram com o movimento, enroscando-se em sua cintura como serpentes negras. E o movimento revelou algo curioso... eles estavam secos. Mas como era possível? Ela saiu da água!

– Mago das sombras... Que bom encontrá-lo. A “Soberana das águas” está muito preocupada com o senhor – aquela voz era algo mais sublime que a pura música dos anjos. Olhos negros e profundos, como as águas do canal, avaliaram-me com curiosidade. Ela sorriu. E eu segurei o ar. – Oh, Olá!

A garota parou a dois passos, mas sua roupa fluida de contornos simples ainda se movia rente às pedras do chão. Ela tinha as mãos unidas à frente do corpo e, com um gesto delicado, começou a alisar uma mecha de cabelo, alongando-a até a altura dos quadris. Fios solitários reluziram tímidos... ela tinha luz própria... fascinante! Seus olhos profundos sustentaram os meus, e soltei o ar. Aturdida pela visão, cedi ao desejo incontável, e dei um passo para encontrá-la.

Senti uma mão puxar meu braço, tentando me frear. Mas algo ainda mais forte me atraía para a garota. Um magnetismo por aquele olhar profundamente negro que me fez esquecer qualquer outra urgência.

– Melissa... Melissa!

Ouvi Vincent, mas, por algum motivo impossível de explicar, esperava ouvir o comando da garota para me virar. Senti ele me sacudir, aquilo estava machucando, mas nada me faria libertar os olhos dela.

– Néri! Desencante a Melissa. Agora! – o rugido de Vincent estremeceu em meus ouvidos.

– Perdoe-me, senhor. Foi sem querer. Ela é... muito bonita – o sorriso irresistível da garota se desfez.

– E espero que a beleza dela continue com ela.

– Claro... senhor. Eu... eu nem pensaria em fazer isso. A “Soberana” proibiu essa prática.

– Pretendia, ou nem teria começado.

– Ah, mago das sombras, sei que é ousadia abusar de sua bondade... Mas, senhor... poderíamos manter meu deslize em segredo?

Percebi Vincent sinalizar com as mãos e ouvi uma lufada impaciente em meus ouvidos.

– Liberte-a Néri, agora! – exigiu ríspido.

A garota se aproximou com agilidade, tocando gentilmente meu rosto. Suas mãos estavam molhadas e meu impulso imediato foi respirar fundo, piscando os olhos. Ela se afastou com a cabeça baixa, encabulada, e sequei o rosto com as costas das mãos, reavaliando a garota com cautela. Curiosamente,

ela continuava seca. Desviei meus olhos desconfiados para as águas escuras do canal, que corriam calmas novamente... calmas demais. Procurei o rosto de Vincent e suas mãos afagaram meus ombros.

– Você está bem?

– Eu... eu... – pisquei duas vezes, uma sensação letárgica ainda tomava meu corpo. Estava claro, fora enfeitiçada! Foquei meu olhar, me recompondo, e assenti duvidosa. – Senti um impulso incontrollável... – gaguejei. – Precisava ir com ela e... obedecer – respirei fundo. – Ela tem seu dom? A persuasão?

– Não. No caso das ninfas é mais uma atração. O bom é que agora você está imune ao encanto de qualquer uma delas.

Ninfa? Abri a boca para questionar, mas engoli minhas palavras. Avaliei o rosto da garota que emergiu das águas... Olhos profundos, pele brilhante, sorriso magnético, voz angelical... tinha outro nome para descrevê-la. Mas ele era mítico demais para ser pronunciado em voz alta. Não por uma pessoa que lutava por um pouco de racionalidade. Vincent me trouxe para perto, colocando-me sob a proteção de seus braços. Mas continuávamos ali, então... Olhei por cima de seus ombros, procurando a viela escura.

– Qual era o perigo, Vincent? O que havia lá?

Ele abaixou o rosto, o olhar cauteloso, e engoliu em seco, visivelmente abalado.

– Quem quer que fosse, desistiu de se aproximar. Acho que a presença de Néri o desmotivou.

– Mas quem...

Vincent me apertou ainda mais forte.

– Depois, Melissa. Eu prometo. – Interrompeu, beijando brevemente minha testa.

A garota “sereia” observou a cena com a boca ligeiramente aberta. *Puxa vida! O relacionamento com um “mago das sombras” devia ser mesmo muito ruim, havíamos chocado uma sereia! O ser mais fantástico do meu dicionário! Bom... até agora.* Ao contrário de mim, Vincent não pareceu se importar com o julgamento da garota.

– Néri, o que você disse, antes?

A sereia controlou sua surpresa, jogando seu peso de um lado para o outro sobre as pernas para responder a pergunta do mago.

– A “Soberana” ouviu os rumores da revolta dos duendes e está muito preocupada com sua segurança, senhor – sua voz tinha um tom tenso. – Ela está consultando o “Espelho” e me enviou para escoltá-lo. Mandou avisar que estará seguro ao lado dela.

Levantei o rosto para Vincent... “ao lado dela?”. Quem, por Deus, era

chamada de “Soberana”? E por que Vincent ficaria “seguro” ao lado “dela”? As perguntas explodiram por meus olhos e tinha certeza de que Vincent compreendeu cada uma delas.

– Agora, não. Depois vou ao encontro dela – disse firme.

Meus olhos continuavam nele e meus ouvidos ecoaram suas palavras... “Agora, não. Depois vou ao encontro dela.” Como assim “depois”? Estreitei meus olhos para seu perfil indecifrável. Vincent sabia que eu o estava encarando, mas fixou os olhos na ninfa.

– Tenho de tirar Melissa daqui. Estamos expostos! – Vincent apertou seu abraço, levando-me com ele pela ponte de pedra. – Diga a “ela” que estarei em minha casa. Não vou correr mais riscos na Terra das Sombras. – Ele travou o maxilar, espiando a sereia sobre o ombro. – Se encontrar Lúcius, diga-lhe que isso foi uma péssima ideia.

– Mas senhor...

– Não é um pedido, Néri – disse em movimento.

A garota pareceu inquieta, mas abaixou a cabeça.

– Sim, senhor.

Submissão? Isso queria dizer que Vincent tinha algum poder sobre ela. Ou... elas? Cruzei meu olhar com o da ninfa de olhos profundos. Mesmo tendo sido enfeitiçada, não consegui guardar rancor. Ela não era o problema. Mas apostaria todas minhas fichas na outra “ela”. Sorri brevemente, mas não houve tempo para despedidas. Mais uma vez.

Do outro lado da ponte, perguntas coçaram minha garganta.

– Quem é “ela”?

– Néri.

Estreitei os olhos para o mago das sombras, tendo certeza de que ele havia entendido muito bem a minha pergunta.

– Não – murmurei com uma calma dissimulada –, a outra “ela”. A “Soberana”. – Não consegui conter o deboche na voz.

Vincent me lançou um olhar duro que acompanhou um suspiro descontente.

– Ayla.

– A-Y-L-A – repeti cada letra, pausadamente. – E essa Ayla é “Soberana” do que, exatamente.

Vincent bufou, rebocando-me pela rua, até o prédio de tijolos mais próximo.

– Do Reino das Águas.

– E você pode dar ordens aos súditos dela?

– Ela me deu autonomia para isso.

Desta vez fiquei sem voz.

Meu cérebro girou... Reino, súditos, uma “soberana” e um “*cara*” que tem autonomia para controlá-los. Papel de um... *soberano*. Algo queimou minha garganta, meus olhos estavam fixos no rosto do mago das sombras, que nem se abalou com a iminência de outra crise. Entramos no alpendre de mármore do edifício secular e, com um movimento de suas mãos, a arandela multicolorida apagou. A escuridão da noite nos envolveu e seus braços restridentes me apertaram, sufocantes. Esmagada contra seu peito, entendi suas ações e meu coração acelerou... afastando a urgência de minha *crise*.

– Segure firme e não solte. Por nada. Ouviu, Melissa? Por nada!

Assenti no escuro, agarrando seus braços sem emitir nenhum som. Meus olhos estavam arregalados, mas eu mal via seu perfil, e algo me dizia que ele podia me ver... claramente. Como previsto, o brilho dos oceanos violeta cintilaram acima de mim. Suas mãos apertaram-me com força, mais uma vez, e o chão sumiu embaixo dos meus pés.

A sensação foi exatamente a mesma da última viagem... O frio de ansiedade e medo correndo por minha coluna enquanto o vento varria nossos corpos. Não estávamos descontrolados, nossos corpos não apresentavam resistência, mas meu vestido voava em todas as direções. As luzes familiares surgiram distantes... borradas... rápidas. Como janelas de respiração de um elevador antigo. Desta vez, o cheiro era melhor. Algo como terra molhada, e não era ruim. Outra coisa estava diferente... não havia som. Apenas estalos espaçados, o que lembrava portas se fechando. E, em alguns segundos, tudo acabou. O chão encontrou meus pés e pisquei algumas vezes, adaptando meus olhos à claridade azulada das lanternas. À nossa volta um beco cercado por construções baixas.

Com um longo suspiro, Vincent afrouxou o abraço. Puxando-me pela mão caminhou ao encontro de um adorno na parede em forma de arco. Ao seu lado, um vulto ameaçador saiu das sombras empunhando algo... uma arma! Assustada, tentei recuar. E Vincent esmagou minha mão, forçando-me a continuar.

– Ele é um dos guardiões, Melissa. O chefe deles.

A sombra ameaçadora pareceu reconhecer Vincent e abaixou sua lança.

– Mago das Sombras – a figura musculosa cumprimentou em tom formal dentro de sua armadura negra.

– Anasor. – Vincent devolveu o cumprimento, respeitosamente. – Lúcius está a caminho – avisou em movimento, cruzando com o guardião sem mais explicações.

Encontrei os olhos felinos do elfo em sua armadura e meu olhar parou na

lâmina afiada de sua lança. Por instinto, me encolhi. O mago das sombras continuou, adentrando o arco na parede em dois passos. A travessia não levou mais que uma batida de coração. E o meu estava batendo muito rápido! Do outro lado, um cenário que eu finalmente reconhecia... a casa de vidro estava iluminada pela Lua e esbocei um sorriso, que morreu rapidamente ao notar a movimentação ao nosso redor.

Figuras igualmente ameaçadoras em suas armaduras negras nos esperavam do outro lado, rapidamente contei quatro. Eles nos cercaram com agilidade, e Vincent parou com um solavanco. Medindo cada rosto, ele fez uma reverência... Eu deveria fazer algo parecido, mas estava ocupada controlando minha respiração ofegante.

– Obrigado por atenderem ao chamado de Lúcius, agradecemos sua proteção.

– Estamos aqui para proteger a passagem, senhor Vincent, a ordem veio do Conselho – a voz encorpada ecoou de uma das armaduras em resposta.

Vincent meneou a cabeça, pensativo.

– Sim, claro – disse segundos depois, sem demonstrar nenhum sinal de contrariedade. Com gestos calculados, ele colocou o braço sobre meus ombros. – Gostaria de apresentar Melissa Wels, moradora da montanha e minha *escolhida*. Ela ficará comigo na casa e usará a passagem, se assim for necessário.

Quatro rostos sisudos encontraram o meu. E algo me dizia que eles estavam surpresos com a parte do *escolhida*. Para falar a verdade, eu também. Levantei os olhos para o rosto do mago das sombras, incerta sobre minha apresentação, imaginando se o termo *namorada* não existia no Mundo Mágico. Em resposta, murmúrios secos se repetiam ao nosso redor, e os traduzi como cumprimentos educados. Corri os olhos pelas figuras intimidadoras, mas não respondi, mais uma vez, estava ocupada... me apertando ainda mais a Vincent. Os elfos levantaram suas lanças afiadas ao encontro do peito em movimentos orquestrados, olhos felinos brilhavam com aquela intensidade apavorante e fiquei instantaneamente sem ar.

Vincent me desgrudou alguns centímetros para encontrar meu rosto.

– Precisamos de Lúcius para autorizar seu pedido de proteção. A guarda, por enquanto, não pode deixar seu posto.

– Tudo... bem... – gaguejei. – Podemos esperar por ele em sua casa? – perguntei trêmula, avaliando as figuras com um olhar de esguelha. Já não sabia se era uma boa ideia ter esse tipo de proteção rondando minha casa.

Vincent afirmou brevemente, acariciando meus cabelos. Ele voltou o rosto para os guardiões e acenou com a cabeça.

– Peço que fiquem atentos. Pode haver “outro” lá – informou, tombado a

cabeça para o portal que tínhamos acabado de atravessar.

Olhos felinos se cruzaram e, com mais um gesto formal, eles nos deram passagem. Desta vez, eu tomei a dianteira e quase arrastei Vincent. Sem olhar para trás.

Coragem

Silhuetas de árvores solitárias se destacavam com a luz da Lua, assim como o contorno da casa de vidro. Suspiro. Depois de uma noite na montanha-russa, percorrendo lugares inacreditáveis, tendo encontros surpreendentes e experimentando mais emoções perturbadoras... era reconfortante chegar a algo familiar. Mais um suspiro. A brisa noturna do inverno na montanha nos envolveu e esbocei uma careta, abraçando-me. Vincent pareceu incomodado com meu desconforto e, com a expressão culpada, colocou o braço sobre meus ombros, esfregando-os suavemente. Ele andava com passos firmes, levando-me com ele. E, por mim, estaríamos correndo.

Quando entramos no pátio de cascalho, uma silhueta musculosa se desencostou do SUV preto.

– Vocês demoraram – Félix rosnou. – Já estava indo ao seu encontro.

Vincent travou os pés no cascalho, correndo os olhos atentamente pelo BMW. Com um rosnado aborrecido, levantou o rosto para o elfo de fogo.

– Dispensando sua preocupação.

– Não estou falando com você, *Sombrio*.

Senti Vincent se mover e segurei seu braço. Respirando profundamente, busquei seu olhar... não poderia permitir que eles comessem outra discussão. Não suportaria. Balancei a cabeça suavemente, desmotivando-o. E, com outra “longa” respiração, respondi ao elfo impertinente.

– Estamos aqui, Félix. Mas, se quiser, pode ir ao encontro de Lúcius... Ele ainda está lá.

– O quê?

O elfo se agitou e, caminhando rapidamente, parou ao meu lado. Previsivelmente, Vincent me colocou atrás dele. E, montando sua pose arrogante, completou por mim:

– Ele voltou ao bistrô para checar os acontecimentos. Não podemos esperar.

Percebi que Vincent omitiu o encontro com a ninfa e o “quase” encontro com o... *outro*. Mordi o lábio, isso deveria ser ruim ou não seria excluído do contexto.

Félix encarou Vincent, unindo as sobrancelhas, e os lampejos alaranjados faiscaram duvidosos.

– Lúcius abandonou a escolta?

– Sim, e espero que tenha uma boa explicação para isso – Vincent rosnou

quase que para si mesmo.

– Isso não faz sentido. Tem certeza de que ele o deixou? Ou foi o contrário?

– Está duvidando de nós, elfo?

– Não. Estou duvidando de você.

Estava no meu limite, não aguentaria mais uma carga de testosterona pairando no ar.

– Por favor! Chega disso! – Eu bufei, para os dois. Contornei os gigantes que se encaravam e, abraçando-me novamente, caminhei para a escada curva. – Se querem discutir... brigar, se matar.... fiquem à vontade. Mas resolvam logo isso! Só não esperem que eu fique aqui para assistir a isso!

Ouvi um murmúrio grave atrás de mim e outro ácido se distanciando. Não olhei para trás, apenas tentei me equilibrar no salto enquanto subia os degraus vazados de pedra. Estiquei o braço e, antes que tocasse a porta da casa de vidro, ela se abriu... obedecendo ao comando do mago atrás de mim. Um cavaleiro, mesmo no caos.

O cômodo amplo estava iluminado pela luz da Lua, e o cenário fez um sorriso tímido acalmar parcialmente meus nervos. Sentia-me segura ali. Parei logo depois da porta com lembranças aquecendo meu peito... E uma delas me fez corar. A conversa sobre controle foi superficial, mas muito significativa. E, embora estivéssemos no meio de uma chuva de meteoros, não havia possibilidade de esquecê-la. Procurei meu mago na penumbra, e ele estava ao meu lado, admirando o espaço vazio, tão estrangido quanto eu.

– Vou providenciar um pouco de luz – disse, indicando a cozinha.

Vincent remexeu em um armário, procurando por algo. Logo depois colocou dois objetos sobre o balcão e trabalhou rapidamente. Em instantes, labaredas encorpadas iluminaram a sala. Vincent levou uma das luminárias até a escada curva de madeira e a colocou alguns degraus acima. Em silêncio, voltou-se para mim.

Observei seus movimentos concentrados, sua expressão de esfinge...

– Está tudo bem? – perguntei por impulso, e ele parou a dois passos, olhando-me seriamente... Eu quis me chutar. Pergunta errada. Vincent ergueu sua muralha e soltei os ombros, desanimada, esperando a nova crise de mau humor. – Sei que temos muitos problemas, Vincent, mas estou falando da coisa que o está incomodando aqui – estiquei a mão para tocar a ruga entre suas sobrancelhas, desfazendo a carranca de mau humor que me perturbava.

Ele segurou minha mão, afagando-a por um breve momento silencioso. Depois, finalmente respondeu.

– Não fazem sentido – o murmúrio grave soou pensativo – as mortes.

Quero entender o motivo do assassino. Primeiro um elfo de fogo, agora um duende. Estes seres não têm uma relação direta. A não ser por estarem envolvidos com... – Ele parou e eu continuei.

– Nós.

Vincent afirmou lentamente. O olhar se perdendo na profundidade de sua dúvida.

– É como se alguém estivesse tentando me culpar de propósito. Incitando a montanha contra nós... contra mim. Para que eu seja expulso.

– Isso está claro – arrematei. – Mas quem? A troco de quê?

Vincent esboçou um sorriso cínico.

– Muitos nessa montanha ficariam radiantes se eu fosse banido ou confinado pelo Conselho. Mas não acho que matariam sua própria gente por esse objetivo. Existem outras formas de conspiração que, provavelmente, alcançariam o sucesso.

– Talvez este mentor ardiloso goste dos detalhes do caos – divaguei.

– *Detalhes* – ele repetiu vagarosamente –, *caos* – murmurou friamente. Seu olhar violeta tornou-se profundo e foi preenchido pelas sombras. – A forma como estes seres foram mortos... o fato de eles estarem diretamente envolvidos comigo... está claro que houve um planejamento ardiloso. Um cuidado paciente ao uni-los. – Vincent se afastou, esfregando o pescoço. – Quem arquitetou isso está por perto, nos observando, acompanhando os acontecimentos. Usando os fatos que acontecem ao nosso redor. Criando oportunidades. E seu plano parece englobar algo maior – ele encontrou meus olhos –, afastar-me da montanha é apenas uma parte, não o fim.

Vinquei a testa... *Um inimigo? Ou um traidor?*

– Fim de quê?

– De algo que começou há muito tempo. E quase acreditei que tivesse acabado.

Vincent fez uma breve pausa pensativa.

– Você tem um suspeito. – Era uma afirmação, mas ele confirmou com a cabeça, quase que para si mesmo, lentamente. O olhar sombrio solidificando-se com alguma lembrança diabólica. – Vincent?

– A presença que meu escudo detectou... lá na ponte. *Um mago das sombras.*

Eu conhecia aquele olhar violeta, que dançava na escuridão, ele expressava uma única coisa... Vingança. Arregalei os olhos.

– Você acha que *Ludwig* voltou?

Com um gesto impensado, toquei minha cicatriz atrás da orelha esquerda, e Vincent notou. Ele tentou esconder o pesar das lembranças sob sua máscara,

mas falhou.

– Não posso afirmar com segurança, ele sabe se camuflar quando quer. Mas a energia que meu escudo captou era muito familiar – ele espremeu os olhos, lutando com as sombras que dominavam seu rosto. – Como disse, não tenho certeza. Mas Ludwig se encaixa perfeitamente. Em tudo.

– Eu não entendo, depois de tanto tempo... Por que ele ainda se daria ao trabalho?

– A ira está além do tempo. É algo que consome a alma, lentamente. E uma pequena brasa pode avivá-la em um incêndio. – Vincent fechou os olhos, balançando a cabeça. – Talvez Ludwig sinta o desejo mórbido de terminar o que começou... A absorção de poder que liquidou meus pais, mas que não conseguiu finalizar comigo. – Quando levantou os olhos para mim, não era ele, não mais. Engoli em seco. – Ainda assim, deve haver mais. Passei anos com aquele mago dissimulado... posso garantir, há algo maior. Ele não perderia seu tempo com detalhes por uma simples recarga de poder. – A voz de Vincent era dura, fria, irreconhecível. – Ludwig dedicou-se por anos a perseguir minha família, concentrou-se *em mim* – sua voz parou, o rosto devastado. A inquietude em seus olhos me fez querer acalenta-lo. Mas com um movimento meu, Vincent recuou. – E só vai parar quando alcançar seu objetivo.

Ouvir a certeza de suas palavras me fez tremer.

– Que objetivo... o que ele quer de você? – perguntei agoniada.

– Eu achava que sabia, mas vou ter de começar do zero. Algo tão complexo, depois de tanto tempo, não pode ser *apenas* vingança.

– Vingança de quê?

Vincent soltou o ar.

– Há muitos anos, antes de eu nascer... meu pai descobriu algumas atrocidades de Ludwig e o denunciou ao Conselho. E, como sempre, não havia nada de muito concreto que comprovasse sua culpa. Não houve sequer punição para Ludwig, mas meu pai foi acusado de conspiração... e ganhou um “grande” inimigo. – Vincent baixou os olhos – Descobri isso quando era seu discípulo, por isso o abandonei. Sempre achei que esse era o motivo de ele ter matado meus pais. Mas agora...

O terror que tomava seus olhos trouxe lágrimas aos meus.

Pensar no passado não estava ajudando, precisávamos enxergar adiante, encontrar um caminho para sair desse caos! Mas me sentia encurralada por uma lenda, uma história que a cada segundo se aproximava da minha vida, como o único desfecho para meu infortúnio. E, para aumentar minha angústia, vi no rosto do mago das sombras que ele chegou à mesma conclusão que eu. Balancei a cabeça, secando meus olhos, fugindo dos pensamentos sombrios. Precisava

encontrar minha esperança, acreditar que o futuro que escolhi não estava condenado pelo folclore do seu povo.

– Mas poderia ser outro mago das sombras na ponte. Não poderia? Alguém vagando sozinho?

– Não há tantos magos das sombras assim, Melissa.

– Sim, mas você disse não ter certeza... Imagino tudo o que Ludwig fez, e tenho a marca que comprova como ele pode ser perigoso, mas você e ele não são os únicos magos das sombras. Ou são?

– Não. Deve haver uns dois ou três espalhados por aí... mais velhos, com certeza. Não há um clube de associados, Melissa, os magos das sombras são solitários, normalmente vivem isolados.

Tomei fôlego, mais uma vez, concentrando-me na solução, e não no problema.

– Então, pode ser que haja mesmo outro mago das sombras rondando a montanha. E ele pode estar cansado da solidão. Talvez tenha dúvidas, e queira mudar isso... Como você. Mas, ao ver nossa reação com sua aproximação, foi embora – eu parei, lembrando-me da revelação interrompida no bistrô. Sim, poderia ser o mesmo mago na noite da luta com Piro. E, nas duas vezes, ele pareceu ter dúvidas ao se aproximar.

Vincent riu sarcástico.

– Mesmo que não seja Ludwig, com certeza, não vai ser muito diferente dele. Ou de mim.

– Você mudou. Outro mago das sombras também pode escolher mudar. Todos podem.

– Pare de sonhar, Melissa! Você sempre tenta encontrar um caminho colorido para justificar minha essência. Mas não é assim que funciona, as sombras não têm cor.

– Mas elas têm luz! – eu o desafiei, cansada do seu pessimismo. – Estou tentando lhe ensinar o que é esperança, Vincent. Por que você não pode ver isso?

– Vejo apenas a realidade, e ela nunca vai mudar. Não sou diferente de nenhum outro mago das sombras, Melissa. É você que precisa parar de fantasiar! O mundo que tenho para lhe oferecer não tem cor, beleza ou paz. Estou tentando lhe mostrar como é viver aqui – Vincent girou os braços para a casa de vidro e sabia que estava falando de sua vida no Mundo Mágico –, mas nunca consigo!

A indignação em sua voz esquentou o sangue em minhas veias e levantei o rosto para encarar o olhar violeta.

– Eu vi e vivi muito mais do que você imagina – as palavras raspavam em minha garganta, afiadas. – E já encarei esse outro mago das sombras antes, na noite da luta com Piro. Naquela noite, ele também vacilou, desistiu de se

aproximar e desapareceu... como hoje. E posso lhe garantir, fiquei mais assustada vendo Piro machucar você do que com a visão do homem na capa preta!

As palavras jorraram num rompante e, quando tive noção do que tinha acabado de dizer, era tarde demais. Vincent me ouvia com assombro, seu rosto estampava desespero... revolta. Mas, apesar do seu choque, estava aliviada. E achei até que estava preparada para as consequências da minha revelação, mas não estava.

Seu peito subia e descia em uma respiração ruidosa, os olhos escureceram ainda mais, absorvendo a luz, e seu rosto se desfigurou na fúria. Um estrondo alto ecoou fora da casa um segundo antes de Vincent levantar os braços, depois disso, os acontecimentos pareciam seguir em câmera lenta. Com um movimento brusco de suas mãos, os vidros das paredes do deck ^[KGRM1] chacoalharam até o chão, rangendo e estalando em vários pontos. Queria olhar em volta, entender se era mesmo Vincent que estava fazendo aquilo, mas algo me prendeu naquele olhar perturbado. Com mais um comando de suas mãos, todo o andar debaixo estava vibrando, até que a pressão se tornou insuportável. Uma a uma, as paredes de vidro começaram a explodir, cacos se espatifavam no ar, no chão, por todos os lados. Meu cérebro mandou correr, mas meu coração dizia que, apesar de estar bravo, Vincent não poderia me ferir. Eu congelei.

Pedaços de vidro voavam ao meu redor, mas nenhum me atingiu. Meus olhos ainda estavam arregalados, hipnotizados pela força do olhar aniquilador, quando um som mais agudo de vidro se partindo ecoou atrás de mim. Ele incitou meu instinto e apertei os olhos com força, sentindo o frio polar na base da coluna. Eu conhecia essa sensação... Medo.

De olhos fechados, pulei no lugar quando o vidro em minhas costas voou pelos ares. O susto me fez levar as mãos sobre o rosto... E tudo acabou. Dois segundos se passaram, e pareceram uma eternidade. Como a onda de silêncio depois da catástrofe. Eu entendi o recado. Vincent estava irado e quis me mostrar o quanto eu ignorava o perigo que um mago das sombras representava. Ele também era perigoso e, como o mago da capa preta, também poderia me machucar. O curioso é que eu já sabia disso, mas não tinha medo. Até agora.

Ainda apertava os olhos com as mãos quando dois braços quentes se fecharam ao meu redor, apertando-me com força. Ouvi um chiado alto e percebi que era eu quem estava fazendo aquilo... meu peito subia e descia em agonia, algo estava me engasgando, eu arquejava e não conseguia respirar.

– Melissa – Vincent chamou em meus cabelos, a voz grave era atormentada. – Eu não queria que você ficasse com...

Nesse momento, algo explodiu em meu peito com uma dor lacerante, e

essa dor parecia esmagar meu coração.

– Queria sim! – minha voz saiu descontrolada e percebi que eu estava aos prantos. – Você queria que eu tivesse medo de um “mago das sombras”? Muito bem, você conseguiu! – tentei me livrar de seu abraço, mas ele não entendeu minha luta e me apertou ainda mais. – Me solte, Vincent! Me solte agora!

Ele me soltou e sequei minhas lágrimas, encarando o rosto do “mago das sombras” que ele queria tanto me mostrar. E um longo olhar violeta disse tudo, sua raiva, seu tormento, sua frustração... seu arrependimento. Não pude responder a isso.

Quando virei para a porta, Félix estava lá. Seguido de Lúcius e dos guardiões. Eles estavam em alerta, armas em punho... olhando em volta, procurando a ameaça causadora do caos. E demoraram mais um segundo para entender que o “caos” estava parado atrás de mim. Caminhei apressada, derrapando nos cacos de vidro, e uma espiada no cenário comprovou a dimensão de seu descontrole. Parei diante de sete homens que se enfileiravam na porta do que restava da casa de vidro, olhares estupefatos encaravam meu rosto e mirei naquele que não me negaria proteção.

– Por favor, me leve para casa – murmurei trêmula, contendo o choro insistente.

Félix não respondeu, apenas se virou, abrindo caminho entre os guardiões pela escada curva enquanto raios ruidosos cortavam o céu.

Na BMW, o elfo de fogo sentou-se ao volante, tensionando músculos enquanto se ajustava com dificuldade. Ele espiou as nuvens baixas da tempestade que se formava acima de nós e, como um aviso, um trovão chacoalhou o SUV. Eu me encolhi. Sabia muito bem que aquilo não era uma manifestação meteorológica, e sim o mau humor de um mago das sombras descontrolado. O elfo de fogo virou o rosto para mim, pensativo...

– Algo muito sério aconteceu lá dentro.

Aquilo não era uma pergunta, estava mais para uma constatação. E, mesmo que quisesse, as lágrimas que começavam a cair me impediram de responder. Um raio clareou o interior do SUV mais uma vez, e Félix acelerou. Ele se remexia ao volante a cada fungada, mas permaneceu em silêncio. Os trovões pareciam nos perseguir e, depois da segunda curva, água e galhos começaram a se chocar com violência no vidro dianteiro da BMW. Eu admirava o caos fora do carro, e o poder da tempestade era hipnótico... Mais uma curva e as lágrimas secaram. Sentia-me esgotada, magoada, zangada. Entorpecida.

Os lampejos alaranjados do elfo buscaram meu rosto, ele parecia preocupado com a ausência das lágrimas, mas sabia que Félix não era o tipo que

ofereceria um ombro amigo. Principalmente para esse caso.

– Eu poderia bani-lo por mais este descontrole – Félix disse finalmente.

– Mas você não vai fazer isso – murmurei com uma voz que não era a minha.

– Não. Não vou. Apenas porque você pediu.

Eu suspirei, controlando a dor esmagadora em meu peito.

– E você faz tudo o que eu pedir?

Ele ficou em silêncio por um breve momento, mas respondeu.

– Faz parte do pacto de proteção acatar sua vontade. Mas ainda tenho meu livre-arbítrio. Não sou seu escravo.

Isso dava o que pensar. Félix esboçou um sorriso, que se desfez instantaneamente. Seus lampejos alaranjados brilharam dentro do SUV, pareciam chamas de um isqueiro, e mirando meu rosto ele falou concentrado:

– Sei que está sofrendo, mas é por coisas assim – ele gesticulou para a força torrencial que assolava o SUV – que seria melhor para você ficar longe dele.

Outro raio ensurdecador clareou o interior do BMW. Era como se Vincent respondesse pessoalmente ao elfo. Desta vez, fui eu que esbocei um sorriso. Melancólico. Odiando “meu” mago das sombras e seu temperamento mal-humorado.

– Estou sofrendo porque estou longe dele.

Félix balançou a cabeça e voltou os olhos para o que, provavelmente, era a estrada. O SUV diminuiu de velocidade metros antes da casa amarela e estacionou suavemente na lama. A chuva caía menos catastrófica fora da montanha, mas ainda era forte. Félix agarrou meu casaco, esquecido no banco de trás, e o ofereceu sem dizer nada. Demorei alguns segundos para entender o gesto. Estava muito longe em meus pensamentos. Peguei meu casaco e me perdi em um longo minuto emotivo... despertei com sua mão tocando de leve meu ombro.

– Imagino que você não queira voltar à montanha e sei que não fez a invocação para ter a proteção dos guardiões do Portal das Sombras. Mas preciso ter certeza de que vai ficar em segurança antes de ir ao encontro do Conselho. Por isso, ofereço a Guarda do Reino de Fogo. Posso autorizar a invocação – ele parou, avaliando meu rosto, o olhar urgente. – Alguém de confiança deve ficar aqui, por garantia.

– Pensei que sendo uma moradora da montanha, bastava gritar por socorro – falei com um humor forçado.

– E basta. Se tiver alguém vigiando. Mas os jardins foram fechados, os representantes dos reinos estão com o Conselho da Tradição na Terra da Luz...

Vamos dizer que durante essa confusão, se alguém gritar na montanha, o socorro não vai chegar a tempo.

O humor passou rapidamente e espiei a casa amarela, imaginando as pessoas que amava dentro dela. E como desejava sua segurança. Voltei o olhar para Félix, prestes a aceitar sua oferta... quando percebi o mesmo tipo de urgência em seu rosto.

– Mas... se os jardins estão fechados... e não há ninguém vigiando – estreitei os olhos – todos estão em perigo, não é? Inclusive seu povo. – O elfo abaixou os olhos. – Félix, eu... não posso monopolizar a guarda do seu povo. Não é certo.

Félix levantou os olhos e o fogo crepitante neles nunca parecera tão frio.

– Não posso deixá-la desprotegida.

Ele me fitou longamente, e sabia que se referia ao pedido de proteção. Mordi o lábio, analisando minhas próprias alternativas, tentando me convencer de que qualquer ameaça se restringia à montanha. Suspirei longamente.

– Por mais que deseje a segurança da minha família, sei que você precisa se preocupar com um problema maior. Há um assassino à solta! E, pelo que sei, a montanha já teve vítimas suficientes – lembrei.

O elfo franziu as labaredas de fogo, concentrado, como se descobrisse algo surpreendente em meu rosto. Mas não me ocupei analisando isso. Sabia que ele ia começar seus argumentos, afinal, estava preso a um contrato, e isso me tornava prioridade. Mas minha consciência já sabia o que fazer.

– Eu agradeço o que fez por mim, Félix – falei seriamente, realmente agradecida. – Mas, se puder, quero revogar meu pedido de proteção – completei. Desta vez a surpresa do elfo virou choque, e eu insisti. – Não é justo monopolizar sua atenção quando há coisas sérias para resolver em seu reino... com o Conselho... na montanha... enfim... – levantei o queixo. Colocando uma carga a mais de seriedade na voz – Revogo meu pedido de proteção. Não precisa mais se preocupar comigo, Félix.

Félix piscou duas vezes, visivelmente atordado.

– Acho que nunca vi isso acontecer... Um humano abdicar de seu pedido de proteção. Normalmente, ele só se encerra na morte!

– Bom, então funcionou – concluí animada e senti um peso descer de meus ombros. Eu sorri para o elfo. – Espero viver bons anos, Félix... mas como sua amiga, se isso for possível. – Medi a figura musculosa ocupando o lugar de Vincent à frente do BMW e abaixei os olhos. – Desculpe, mas não quero você preso a mim. E, pelo que entendi, é isso que esse tipo de invocação faz, não é?

– Mais ou menos – ele cerrou os olhos.

– Então... nada de ficar me seguindo por aí. Certo?

– Se é sua vontade. Mas acho realmente que precisa ter cautela... um pedido temporário à Guarda não afetaria a segurança do Reino de Fogo – disse sério. Eu pisquei, procurando alguma falha na execução do meu plano. Félix captou a dúvida rapidamente. – Um guardião vigiando sua família seria suficiente para alguns dormirem em paz na montanha. E posso garantir, vocês têm muitos amigos nela – ele tombou a cabeça, largando os ombros largos com um gesto rendido –, inclusive eu.

Desta vez precisei sorrir. E resolvi renegociar sua oferta. Não por mim, mas por George e Alice.

– Por que não volta para a montanha, resolve seus problemas, deixa a guarda cuidando de seu povo e depois checa, você mesmo, se estamos bem? Garanto que vamos sobreviver até lá.

– Combinado.

Um raio clareou o céu, estremecendo nossos corpos dentro do SUV. Sua ira lembrou-me de mais uma pessoa... ou melhor, um mago, que também corria riscos. Apesar da minha mágoa, do meu aborrecimento por seu temperamento mal-humorado, ainda precisava encontrar uma solução que detivesse a chuva de meteoros que nos atingia sem piedade.

– Ah... tem mais uma coisa, Félix – ele se endireitou, ouvindo com atenção. – Gostaria de saber se posso ir ao Conselho com você.

Félix me avaliou, a curiosidade percorrendo sua expressão.

– Para que você quer ir ao Conselho?

– Preciso esclarecer algumas coisas – disse incerta. – Sou a única testemunha que vocês têm... Não dos assassinatos, mas das confusões que os causaram. Se essa foi mesmo a causa das mortes, porque sei que Vincent é inocente. – Mordi o lábio, lembrando-me das desconfianças de Vincent quando o assunto era o elfo de olhos alaranjados. Mas, por algum motivo ilógico, meu instinto mandava confiar nele. E, neste ponto, precisava de um aliado para resolver o impasse. Respirei fundo. – Eu vi *outro* mago das sombras na noite em que Piro morreu – falei devagar, vendo a surpresa se misturar à tensão na expressão do elfo.

– Isso é muito sério Melissa. Tem certeza disso?

– Sim – abaixei os olhos, incapaz de encarar seu julgamento. – Não queria mencionar o fato por medo de enfurecer Vincent, e achei realmente que não era necessário. Até que aconteceu de novo – minha voz parou, atormentada pela culpa. A respiração de Félix acelerou e apertei o casaco em minhas mãos, certa de que Vincent teria outro ataque. – Vincent sentiu a presença de outro mago das sombras esta noite. Não sei se é o mesmo mago de antes, mas esse segundo encontro prova que há outro mago das sombras nesta montanha –

levantei os olhos para encarar a revolta no rosto do elfo. – Vincent é inocente, Félix, não tenho dúvidas disso.

Félix ajustou os músculos tensos atrás do volante, incomodado com o espaço restritivo.

– Foi por esconder esse primeiro encontro que o *Sombrio* ficou furioso a ponto de destruir a casa de vidro?

Afirmar timidamente, ainda mais envergonhada.

– Quero reparar meu erro, Félix. Todos precisam saber, antes que aconteçam mais mortes. E então? Você pode me levar?

Félix pensou por um momento, e seu silêncio me preocupou.

– Não tenho motivos para duvidar de você, Melissa, mas o Conselho vai duvidar. É a função deles. Principalmente ao saber que você é a escolhida de um mago das sombras – ele desviou os olhos para a chuva que diminuía gradativamente no para-brisa, depois de um momento analítico, procurou meu rosto. – Mas acho que está certa, precisamos avisá-los deste novo visitante. Antes, você precisa saber... Seu depoimento no Conselho não será tão simples nem tão rápido quanto imagina.

Engoli em seco, o receio do incerto assombrando minha determinação.

– Está tudo... b-em – gaguejei. – Quero esclarecer isso – respirei fundo mais uma vez. – Você vai me levar?

– Sim. Vou acompanhá-la, e serei seu mediador. Como não possuo dons mágicos, você não é legitimamente reconhecida no Mundo Mágico, sendo assim, não pode se pronunciar perante o Conselho da Tradição. Precisa de alguém que interceda por você. Mas não se preocupe, afinal, para todos, ainda sou seu protetor. Certo?

Afirmar, de certa forma aliviada por não enfrentar isso sozinha.

– Obrigada.

Ele ligou o carro, manobrando habilmente o BMW na rua.

– Espere! Aonde vai? – exasperei aflita.

– Ao Conselho. – disse confuso. – Não foi isso que acabamos de combinar?

– Sim, mas preciso ver meu avô antes. Já é tarde aqui. Não quero deixá-lo preocupado. – Félix estreitou os olhos, parando as mãos no volante. Lembrei que *agora* ele não estava mais inclinado a acatar minha decisão, e gaguejei. – Vai levar apenas um minuto... vou inventar uma desculpa qualquer e volto em seguida. Prometo.

O elfo de fogo soltou o ar, impaciente, mas afirmou em seguida.

– Seja rápida. Eles estão me esperando há bastante tempo. E, quanto antes resolvermos isso, melhor.

Desci do carro rapidamente, pulando para o caminho de pedras do jardim, mas antes que cruzasse a pequena varanda, George abriu a porta. Estava pálido, a expressão assustada, agitada.

– Melissa... – George não continuou, ele correu os olhos para meu vestido e franziu a testa.

– Foi um presente de Vincent – adiantei, mas meu avô não pareceu interessado.

– Liguei várias vezes, Mel... Por que você não atendeu o celular?

Lembrei que meu celular havia ficado com Vincent e, pelo seu humor, nesse momento deveria estar aos cacos, como tudo o mais na casa de vidro.

– Desculpe, estávamos em um lugar com péssima recepção – rezei aos céus para que George não pedisse o aparelho. – Mas nós nem demoramos... tanto – amenizei, esticando os olhos à procura do relógio cuco no pequeno hall. Queria ter a certeza dos meus argumentos e, para variar, estava perdida com a diferença de tempo entre os mundos.

– Não importa. Você está aqui agora – murmurou elusivo.

Eu quase engasguei de alívio e respirei fundo, rezando mais uma vez para que sua paciência pudesse ser estendida para mais uma escapadela. Espiei o SUV de vidros escurecidos, determinada a seguir o plano.

– Na verdade, *Opa*, vim apenas trocar de roupa. Preciso ir a...

– Preciso de você aqui, Mel... – suas palavras morreram no ar.

E, então, notei o luminoso escrito “problema” acima do semblante abatido de George. Ele não estava só preocupado. Estava apavorado. Avaliei a expressão impotente com mais atenção, e encontrei a tristeza brilhando nos olhos oliva. Aquele rosto mortificado lembrava uma sensação que eu achava ter esquecido... Algo muito ruim estava acontecendo. Franzi os olhos, esticando o corpo para o interior da casa. *Alice!*

– Espere, Mel – George me segurou na porta.

– Fale, *Opa*... O que aconteceu?

– Antônio teve um infarto e está no hospital – disse pálido.

O choque congelou meu rosto. Pela primeira vez, em semanas, a realidade do meu mundo físico, frágil e normal atropelou a importância do perigoso Mundo Mágico e de tudo que havia nele.

– *Opa*... – não consegui falar. Apenas me estiquei para abraçar meu avô com um gesto silencioso de solidariedade. Imaginava o tamanho de sua perturbação e só queria acalenta-lo.

Depois me afastei lentamente, a confusão e o desolamento tomando minha expressão. Havia deixado muitos problemas na montanha, mas George precisava de mim! E agora estava sinceramente preocupada com o senhor

Antônio... Lucila... Arthur. *Ah Arthur!* Lembrei brevemente de nossa conversa na varanda e o pesar apertou meu coração ao imaginar a dor do meu amigo.

George espiou o SUV preta parada na rua, ainda de motor ligado. Depois, voltou os olhos para mim.

– Fique aqui com Alice. Vou até lá. Lucila e Arthur estão precisando do nosso apoio. Eu mando notícias.

Ele esperava minha confirmação, e eu ainda buscava uma reação. Meus dois mundos precisavam de mim e eu só consegui ficar ali... piscando. Estática. Perdida no rosto atordoado diante de mim, respirei fundo, não poderia deixar meu avô desamparado. Alice sozinha... Minha família precisava de mim! Da minha proteção! E cuidar dela com minhas próprias mãos *era* a decisão certa. Uma troca de olhares foi suficiente para informá-lo que estava pronta para assumir minhas responsabilidades. George afirmou com a cabeça, encerrando nossa conversa silenciosa.

Enquanto meu avô vestia o casaco de chuva e procurava as chaves nos bolsos, girei o rosto para a rua, procurando o vigilante ruivo. Os planos da noite seriam alterados, e sabia que o elfo não ficaria feliz com isso. Era hora de consertar meus erros e estava decidida a fazer isso. Iria honrar minha promessa e, acima de tudo, queria ajudar Vincent. Mas o que fazer com a necessidade do meu mundo real, minha família? George deixou um beijo em meu rosto, despertando-me do conflito, e atravessou a pequena varanda até a garagem. Fiquei parada na varanda, aguardando a Ford robusta manobrar na rua. Assim que ela desapareceu na escuridão, uma silhueta musculosa de cabelos alaranjados veio ao meu encontro. Enquanto Félix caminhava a passos largos, um raio cruzou o céu, lembrando-me de quem eu estava deixando de lado.

– Precisamos ir, Melissa.

Ele sinalizou o carro, indicando sua urgência. Apertei as mãos, contendo meu nervosismo... Já era difícil controlar meu coração dividido, imagine argumentar com um elfo determinado.

– Eu... não posso agora.

– O quê?

– Minha família precisa de mim aqui, Félix. Não posso ir.

– Mas foi você que pediu...

– Eu sei... – Como dizer que minhas prioridades estavam disputando espaço em grau de urgência dentro do meu coração? – Mas é uma emergência. – Tentei explicar em um olhar todo o conflito que sentia e ele pareceu relutante. – Ainda posso falar com eles pela manhã? Não posso?

O elfo colocou as mãos na cintura, a expressão irritada e confusa gritava pelos olhos: *Mulheres!*

– Pode – disse, me avaliando. – Talvez seja melhor assim. – mediu. Com um suspiro, Félix pareceu convencido e completou – Isso me dá algum tempo... para checar as consequências dos últimos acontecimentos. É melhor termos um discurso pronto antes de enfrentar a bateria de perguntas dos conselheiros.

Sorri timidamente, parcialmente aliviada e profundamente agradecida por meu ex-protetor estar dotado de alguma paciência élfica. Era bom saber que ele tinha um conhecimento amplo do protocolo... e, neste ponto, estava feliz comigo mesma por pedir sua ajuda.

– Muito Obrigada – disse solenemente. – E, Félix, só para deixar claro, não mudei de ideia. Mas preciso escolher qual incêndio apagar primeiro. – Imaginei que isso soaria como um trocadilho, mas Félix não pareceu se importar. – Minha família precisa de mim *agora*.

Ele afirmou uma vez e parou, cruzando os braços.

– E nosso outro acordo?

Levei alguns segundos para me lembrar de sua visita noturna, e o elfo já me olhava impaciente.

– Está mantido! – disse apressada.

Félix concordou novamente, soltando os ombros.

– Vou colocar magia élfica ao redor da casa. Não é um escudo, mas serve para repelir seres mágicos. Eles vão saber que há alguém vigiando. Mesmo assim, quero que me faça um favor... *cuide-se*. Vou voltar assim que puder para checar se vocês estão bem.

– Vou ficar atenta, prometo. Trancarei a casa e vou checar as janelas duas vezes. Meu avô logo estará de volta... ficaremos seguras.

Lampejos alaranjados sustentaram meus olhos, seriamente. Mas um breve sorriso suavizou a expressão do elfo. Em segundos, um traço de fogo cruzou o céu, iluminando a rua deserta... ele circulou a casa algumas vezes, e enfraqueceu, até desaparecer completamente. Félix observou seu feito e voltou para o BMW, fazendo o motor do SUV urrar enquanto mergulhava na escuridão da noite.

E, então, eu estava sozinha. A noite silenciosa reinava à minha volta e nunca pareceu tão assustadora. Ela me lembrou de outras coisas... pequeninas... mas que poderiam ser igualmente assustadoras. Girei nos calcanhares e entrei rapidamente.

Visitas noturnas

Tranquei todas as portas e janelas, chequei Alice em seu quarto e aproveitei para recolher alguns ursos que teimavam em orbitar acima de sua cama. Eu os tranquei no baú de brinquedos e subi para meu quarto. Guardei meu novo vestido no guarda-roupa com os outros três e o alisei uma última vez. Com um suspiro entristecido, recordei as lembranças agradáveis de mais uma noite desastrosa.

Minha cabeça parecia uma avenida congestionada, e concluí que precisava de mais um banho quente para acalmar meus nervos. Desci novamente, espiando cada canto e, no processo mecânico de lavar e enxaguar, avaliei os problemas por grau de urgência... Sobre a explosão na casa de vidro, já havia assumido minha culpa. Ainda assim, era difícil justificar o descontrole de Vincent. E, mesmo lutando pelo contrário, realmente senti medo. Um medo que desejei nunca sentir. Apertei os olhos com força, espantando a imagem assustadora do homem que amava da minha mente. Somado a esse medo, havia outro, muito pior... perdê-lo de vez. E para esse eu tinha a solução: meu depoimento ao Conselho, que precisaria esperar inevitavelmente até o dia seguinte.

Suspirei longamente, deixando o aroma de jasmim acalmar a ansiedade em meu peito. E afirmei a mim mesma que nada poderia ser pior do que ver Vincent obrigado a se afastar de mim. Outro problema que me incomodava mais que assustava era a possibilidade de um ataque dos duendes. Zangados ou não, eles não pareciam tão intimidadores. E um ataque dos pequeninos era apenas uma hipótese pessimista. Sendo assim, o estado de saúde precário de Antônio retomou seu lugar no topo da minha lista.

Lembrei-me da conversa com Arthur e meu coração se apertou, solidário. Comecei a rezar mentalmente para que sua discussão com o pai não fosse o motivo do infarto. Se fosse, ele nunca iria se perdoar. Vesti meu moletom cortado à tesoura e uma regata puída, desejando poder fazer algo por meu amigo.

Meu sono estava em outra galáxia e precisava me ocupar. Perambulando pela casa, tentei desembaraçar os nós do meu cabelo molhado. Depois de alguns minutos, meu instinto – e as lembranças dos olhos flamejantes – mandou checar as janelas e portas mais uma vez. Caminhei pelos cômodos, levantando minha escova de madeira como arma, e completei minha ronda com os pensamentos em Arthur. Com um longo suspiro pesaroso, espiei a janela da sala, procurando uma silhueta musculosa, mas só encontrei a chuva fina. Deixei-me cair no sofá, irritada com a sensação de impotência... e senti meu livro embaixo de mim.

Puxei o exemplar de *Beauty and the Beast* com cuidado, parando meus olhos em suas páginas abertas...

"Yes, yes," said the Beast, "my heart is good, but still I am a monster."

"Among mankind," says Beauty, "there are many that deserve that name more than you, and I prefer you, just as you are, to those, who, under a human form, hide a treacherous, corrupt, and ungrateful heart."

"Sim, sim", disse a Fera, "meu coração é bom, mas eu ainda sou um monstro."

"Entre os homens", diz Bela, "há muitos que merecem esse nome mais do que você, e eu prefiro você, assim como você é, àqueles que, sob forma humana, escondem um coração traiçoeiro, corrupto e ingrato."

Fechei o livro apertando-o contra o peito quando aquelas palavras revelaram a verdade ao meu coração.

Com uma umidade escapulindo do canto dos olhos, saltei do sofá. Apaguei a última luz e, encostando-me atrás das cortinas, banquei a sentinela. No escuro, observando a chuva, minha imaginação flutuou até o rosto do cavalheiro carrancudo... e qual seria sua reação ao saber sobre meu acordo com Félix. Os minutos passavam e minha dor ao recordar as reações explosivas de Vincent só piorava. Quando meu cabelo já estava quase seco, concluí que havia esgotado a cota de neuroses. Tinha certeza de que passaria a noite em claro – por vários motivos –, mas resolvi transferir meu posto de vigilância para debaixo do edredom.

Caminhei pela casa, usando a memória para desviar dos móveis e, ao pé da escada, trombei com algo na altura dos quadris. Desviei do obstáculo com uma arfada, e meu corpo congelou. Apertando a escova em uma das mãos, procurei o interruptor de luz e toquei em algo áspero. Couro. Ou talvez... pele. O que quer que fosse, com certeza, estava molhado. Um objeto cortante atingiu meu braço superficialmente e despertou-me do choque. Recolhi minha mão, girando o corpo para um único golpe. Ouvi o gemido, mas não procurei meu alvo. Larguei a escova e derrapei minhas meias no pequeno corredor, deslizando para dentro do quarto de Alice.

Em pânico, tentei fechar a porta, mas uma força se interpôs do outro lado. Na penumbra do quarto, vi uma mão agarrada entre o batente e a fechadura, nós protuberantes saltavam de dedos curvados e unhas salientes perfuravam a madeira... – Uma por um! – grunhiu uma voz irritante do outro lado da porta.

Eu gemi.

– Não!

Continuei empurrando, forçando a porta a se fechar, mas a pequena mão

calosa parecia muito forte. Estalos de fogo romperam pela fresta como fogos de artifício e explodiram dentro do quarto. Uma das explosões queimou minha mão, rangi os dentes, mas continuei firme. Vozes irritantes ecoaram pela casa em rotação acelerada... Meu coração saltou no peito, o pequenino não estava sozinho.

Eles queriam vingança! Espiei Alice se remexendo na cama, atordoada, e exasperei-me aflita:

– Alice! *Urrr...* Acorda! Alice! – gritei entre meu esforço.

A força do outro lado aumentou e o pânico tomou conta do meu corpo... o pequenino tinha ajuda. Dobrei meus braços, apoiando o corpo contra a porta com outro gemido.

– Alice! – gritei em supremo desespero.

– *Tata?* – a voz sonolenta de Alice murmurou na cama atrás de mim.

– Alice... *urrr...* Preciso que você *saia...* pela janela!

– O quê?

– *Janela!* Vamos, Alice... janela!

– Mel... O que você está fazendo?

– Os duendes... eles estão... *urrrr...* zangados. Invadiram a casa... *urrrr...* Estamos sendo atacadas! Alice... me obedeça!

Mais vozes aceleradas ecoaram no corredor em tom zangado... três, quatro... reforços! Eu sabia que não poderia aguentar por mais tempo.

Com minha visão periférica, vi Alice se levantar e quis que ela fosse mais ágil.

– Vai *logo...* saia pela janela!

– Solta a porta, Mel. Eu cuido deles – a voz infantil de minha irmã soou decidida.

– Não, Alice! Fuja!

Mais explosões de fogo se repetiram dentro do quarto. Desviei o rosto a tempo de não ser atingida, e tinha quase certeza que essa tinha chamuscado meu cabelo. Uma breve luz alaranjada brilhou nas paredes ao meu lado e temi por um incêndio. Apoiada na porta, alcancei o trinco, preparando-me para uma tentativa desesperada. Pretendia empurrar a porta e trancá-la e, para isso, reuni o que restava do meu fôlego, sentindo o calor da adrenalina queimar meu peito. Ele correu por meus braços e usei todo o vigor dos meus músculos. Mas o golpe voltou com o dobro da força. Eu caí no chão, aos pés de Alice. A porta estava aberta.

Três figuras enrugadas pararam ofegantes à minha frente, suas expressões eram assustadoramente raivosas. Nos rostos deformados, olhos vermelhos me focalizaram... Um deles esticou um sorriso maligno, salientando dentes

pontiagudos. O outro massageava as mãos calosas e o terceiro levou a mão que segurava um punhal até o nariz, limpando um filete de sangue que ainda escorria... Lembrei-me da escovada e gritei, aflita:

– Corra Alice! Corra!

Mas minha irmã continuou em pé ao meu lado. Alice estendeu as mãos e berrou com todo o ar dos pulmões.

– *Escudo*.

Não entendi o que ela estava fazendo, e não havia tempo para perguntar, rastejei para trás e tentei arrastá-la comigo. Mas Alice parecia uma bigorna presa ao chão. Com os olhos fixos nas pequenas figuras grotescas, puxei minha irmã com mais força, buscando aquela força, o calor em meu peito... e concluí que havia gastado toda a minha energia com a porta. Os pequenos avançaram e arquejei, encolhendo-me contra o corpo de Alice. E, então, algo aconteceu. Os pequenos não se moviam mais. As três formas rugosas pareciam comprimidas contra uma parede de vidro e tinham expressões tão surpresas quanto a minha.

Meu cérebro demorou um segundo para entender o que estava acontecendo... e olhei para Alice com admiração.

– Você... fez isso?

A pergunta atordoada não teve resposta. A pequena maga ainda estava concentrada e, depois de me recuperar do choque, entendi que precisava incentivá-la.

– Alice, você conseguiu! Não sei o que está fazendo, mas, seja lá o que for, continue!

Levantei rapidamente, patinando no assoalho até a janela. Estava atrapalhada com o trinco quando ouvi um rugido grave ecoar pela casa... as palavras, jogadas com violência, eram pronunciadas em alemão.

Girei o rosto rapidamente e Alice estava abaixada no chão, um duende estava suspenso no ar, à frente da porta, e uma aura violeta o envolvia. Sua expressão de dor contraía olhos e boca, formando uma careta horrenda. Ele segurava o punhal à frente do corpo, que tremia em suas mãos, era como se o duende o estivesse contendo... E com um grito exasperado, ele golpeou a si mesmo. O pequenino emitiu vários sons guturais e foi arremessado para longe dos meus olhos. O baque oco ainda ecoava em meus ouvidos, quando a nuvem violeta se espalhou por todo o corredor, junto com outro rugido em alemão, que repetia a palavra “*Strafe*”... algo que poderia ser traduzido como... “punição”.

Depois disso, foi tudo muito rápido. Luzes explodiram no corredor e gritos se misturaram a gemidos. Vi outro pequenino ser comprimido contra a parede do corredor. Ele caiu no chão como uma pedra, e meus olhos ficaram grudados em seu corpo imóvel. Flashes da luta se transformaram em uma dança

de sombras... e eu ainda estava congelada na janela. Com um estalo, meus olhos esquadrinharam a penumbra do quarto à procura de Alice. Antes que conseguisse me mover à sua procura, senti minha irmã se agarrar às minhas pernas. Um grito raivoso me fez levantar os olhos e acompanhei a forma ligeira invadir o quarto. O pequenino esbravejava ofensas zangadas e levantou as garras no ar.

O rosto ensanguentado, tomado pelo ódio, deixou claro seu objetivo. Abracei minha irmã, curvando-me para protegê-la, e apertei os olhos... esperando.

– “*Statisch*” – o rugido grave estremeceu as paredes dentro do quarto, ordenando, em alemão, que o pequeno furioso ficasse imóvel. Em seguida, algo se arrastava, raspando o assoalho. Eu queria olhar, mas os ruídos agonizantes que tomaram meus ouvidos mantiveram meus olhos fechados. Apelei Alice em meus braços, enquanto sons secos se repetiram... e pareciam vir do corredor. Mais um berro ensurdecedor, em alemão, e tudo silenciou.

Naquele momento, um segundo ou um minuto não fariam diferença para o pavor que congelava meu coração.

– Melissa? Alice? Vocês estão bem?

A voz grave com um leve sotaque era inconfundível e retumbou dentro do quarto mais uma vez, aflita. Mas só levantei os olhos quando senti mãos quentes em meus ombros. A imagem seguinte trouxe alívio... e pavor. Pisquei uma vez e não consegui me mexer. Vendo meu choque, Vincent recuou.

– Acabou. Vocês estão seguras – falou seco.

Meus olhos estavam vidrados na figura de preto. A respiração vinha rápida, enquanto absorvia suas palavras, mas não me mexi um milímetro. Meu coração gritava ao cérebro que aquele mago das sombras, assustador e raivoso, veio nos salvar. Que ele lutou por nós... para nos proteger! E insistia no comando para que eu me atirasse em seus braços, mas travei. Presa no poder aniquilador dos oceanos violeta, não sabia como reagir. Não depois de seus rompantes violentos. E não era medo que me segurava no lugar, era a mágoa, por ele ter usado esse tipo de reação explosiva comigo.

Desviei de seu olhar e, usando o que restava da minha força, levantei Alice nos braços. Precisava checar sua integridade física.

– Estou bem, *Tata*... Estou bem.

Mas eu só relaxaria depois de uma análise detalhada. Coloquei minha irmã na cama e acendi o abajur. Vincent me seguiu, observando com cautela. Quando minha análise constatou o óbvio, me virei para ele... e entendi que sua cautela se referia a outra coisa.

Corpos pequeninos se acumulavam no corredor, atrás de Vincent. Um

deles sangrava.

– Você... você os... – Não consegui completar e, para meu desespero, Vincent hesitou.

– Acho que não. Mas vou repensar o assunto daqui a alguns minutos – disse mordaz.

Notei uma mancha vermelha na parede à frente da porta e meus olhos se encheram de lágrimas... Este era o Vincent que eu não queria enxergar. Afastei-me dele, desviando os olhos para o chão. Com um passo rápido, fechei a porta.

– Mel... Eles morreram?

Olhei para Alice e quis me entregar ao pranto. Mas, ao invés disso, sequei minhas lágrimas e fui ao seu encontro, não poderia mostrar o tamanho do meu desolamento. Passei os olhos por Vincent, jamais iria perdoá-lo por fazer minha irmã ver isso.

– Não, meu amor, Vincent só os fez dormir – falei com a voz controlada, deslizando um afago em seus cabelos como consolo.

Alice me fitou por um breve momento.

– Acho que morreram, sim – insistiu objetiva. E, finalmente, notei que ela não estava abalada, apreensiva ou culpada. Eu estava. Alice estreitou os olhos analíticos. – Aquele do canto parecia morto.

Ouvi Vincent disfarçar o riso. Poderia repreendê-lo, mas estava atordoada demais com a naturalidade de minha irmã. O que ela estava aprendendo nas aulas de magia? Lembrei-me do escudo invisível... Pelo visto, mais do que só orbitar maçãs.

– Não, Alice, não morreram – Vincent esclareceu. – Estão seriamente machucados, mas não estão mortos.

Levantei meus olhos para ele, ainda mais transtornada. Não havia necessidade de uma resposta tão completa. Minha irmã nem tinha seis anos, não precisava desse tipo de sinceridade. Vincent encontrou meu olhar reprovador e continuou com seu tom arrogante.

– Eu tinha razão sobre as lições de defesa. São essenciais, não importa a idade.

Mais uma vez, minhas emoções oscilavam entre a gratidão e a inconformidade. Meus olhos se voltaram para a menina maga.

– Preciso lhe agradecer, Alice. O que você fez foi... incrível! Estou muito orgulhosa.

A pequena maga sorriu encabulada. Estiquei-me para abraçá-la e apertei forte. Prendendo-a em meus braços, cruzei o olhar de Vincent. Ele se aproximou com um sorriso tímido e, vagorosamente, afagou os cabelos de minha irmã.

– Você usou o feitiço de bloqueio com perfeição, Alice. Acho que

Aristela também vai ficar orgulhosa de sua aluna.

– Obrigada, *Tata*. Obrigada, Vincent – Alice disse espremida. – Mas... tá... machucando!

Soltei minha irmã e Vincent deu um passo para trás, respeitando meu desconforto. Alice se esticou como se estivesse com torcicolo e quase sorri. Quase. Procurei o rosto do mago das sombras, ainda incomodada.

– Sei que também deveria lhe agradecer – soltei o ar com dificuldade, a mágoa esmagando meu peito. – Mas não posso. Não depois de ver aquilo – falei firme, indicando a porta.

O olhar reprovador que recebi foi dolorosamente severo.

– E o que você queria que eu fizesse? Usasse meu corpo como escudo novamente? – disse rude. – Eles estavam armados, Melissa. São rápidos. Não sobraria muito de mim desta vez.

Abri a boca... sabia que ele estava falando da luta com Piro... e não pude argumentar. Toquei o corte em meu braço inconscientemente e Vincent finalmente o notou.

– Eles machucaram você? – disse já ao meu lado.

Esquecendo-se de qualquer reserva, Vincent deslizou cuidadosamente os dedos por minha pele, avaliando o minúsculo ferimento. E, desconfiado dos meus argumentos de integridade, lutou com minhas mãos, procurando outros. Seu toque preocupado era mais leve que asas de borboleta, ainda assim, soltavam faíscas elétricas por minha pele. Quando sua mão chegou ao meu pescoço, pulei para trás.

– Pare! Estou bem... – gaguejei nervosa.

Vincent aproximou-se novamente, a expressão aborrecida.

– Não seja teimosa, precisamos cuidar disso – disse, puxando-me pela mão até a luz do abajur. – Um ferimento causado pelos duendes pode parecer inocente, mas eles adoram armadilhas. E já tivemos provas suficientes hoje de que não devemos subestimá-los.

Ele colocou um joelho no chão, apoiando uma das mãos em minha cintura, trazendo-me para mais perto. Com o rosto curvado, colocou meu braço embaixo da luz, estudando o corte. Seus dedos corriam pela pele, procurando reações venenosas... estremeci, nervosa. E não era o tipo de nervoso causado pelo medo, mas do tipo que congela o estômago. Vincent levantou o rosto, o olhar penetrante... e esse foi meu limite.

– Já disse que não é nada. Só preciso de um *band-aid* – grunhi irritada por ser tão fraca. Puxando o braço, afastei-me rapidamente, antes que ele notasse minha respiração afetada.

Sentei-me na cama ao lado de Alice e ela, como a boa enfermeira

ajudante que *era*, também avaliou o ferimento. Mais objetiva que o mago aborrecido, correu para o guarda-roupa. Quando voltou, tinha uma caixa de *band-aid* da *Barbie* nas mãos. *Ótimo!*

Vincent colocou um sobre o ferimento, mesmo sob meus protestos, o rosto furioso, como se aquilo fosse uma fratura exposta.

– Se estiverem vivos, vou matá-los – murmurou baixo.

O tom sério era firme, e soube que ele estava realmente avaliando a possibilidade. Soltei o ar indignada e espiei Alice, que havia voltado para o guarda-roupa. Para meu alívio, parecia alheia ao tópico da conversa.

– Você não vai... – comecei e Vincent me lançou um olhar sombrio.

– É a segunda vez, Melissa, não vou esperar uma terceira.

Sua imprudência e falta de compaixão me irritou. Se não pela vida dos duendes... pela inocência de minha irmã, que poderia ouvir aquilo.

– Não aqui – retruquei baixo. Vincent intensificou sua expressão intimidadora, ainda mais determinada. Agora, sabia que ele era “mesmo” capaz disso e engoli em seco. – Como pode pensar em... – eu me interrompi, um olhar para minha irmã e desviei da palavra. – Eles tinham motivos para estar zangados, Vincent, apenas não pararam para...

Vincent bufou.

– Guarde sua compaixão para quem a mereça. Você os viu. Acha que iriam parar? – rugiu revoltado.

Imagens perturbadoras rodaram em minha memória enquanto espiava Alice. Ela voltou para a cama e sentou-se ao meu lado, os olhos bem atentos agora. Eu a abracei, abafando o medo de perdê-la. Vincent olhou dela para mim, escorregando uma das mãos pelo cabelo. Com uma longa inspiração, endureceu o olhar. Não queria admitir, mas ele tinha razão. E eu não podia arriscar.

– Deve existir outro meio de pará-los – sussurrei trêmula. Vincent vincou a testa, esticando uma mão, mas desistiu, recolhendo-a rapidamente. Abaixei os olhos. – Não entendo... eles não pareciam tão assustadores no bistrô. Mas estes tinham a pele, os dentes... e aqueles olhos...

– Os duendes refletem os sentimentos para o exterior. O que você viu aqui pode ser a versão mais fiel da vingança em pessoa. Já no bistrô... acho eles *gostavam* de trabalhar lá. – Notei o verbo no passado, mas Vincent achou melhor esclarecer. – Não os quero trabalhando para mim. Eles não são confiáveis.

Não iria discutir, minha compaixão estava por um fio. Apertei os olhos, espantando a imagem do rosto rugoso sangrando no corredor.

– Eu os quero fora da minha casa.

Senti um toque hesitante em meu rosto, quando abri os olhos. Vincent estava girando nos calcanhares. Ele saiu pela porta rapidamente, fechando-a ao

passar.

Alguns minutos depois, espiei por uma fresta... tudo limpo. Ou não.

A mancha de sangue ainda estava na parede e, com relutância, assumi que precisava limpar aquilo. Não poderia explicar sangue seco de duende para um avô assombrado pela morte. Coloquei o corpo para fora e Alice tentou me seguir, mas eu a impedi. Antes, precisava checar se havia mais vestígios de luta pela casa. Uma parede ensanguentada já era traumático o suficiente, não queria que minha irmã caçula carregasse na memória algo parecido com um cenário de guerra. Para meu alívio, a mancha no corredor era o único sinal da invasão.

Procurei por luvas, alvejante e carreguei um balde com água. E rapidamente me liberei daquilo. Abri a porta para Alice e ela saiu do quarto com passos curtos, avaliando a casa. Observei sua cautela imaginando o tamanho do estrago psicológico em minha irmã caçula.

– Por que os duendes estavam bravos com a gente, *Tata*?

Franzi os olhos sem saber o que responder.

– Ah... Eles... – respirei fundo, ela merecia minha sinceridade ou a parte dela que eu poderia oferecer. – Você entendeu a confusão no Jardim Vermelho, não é? – comecei, sem saber como continuar. Alice afirmou com a cabeça. – Pois bem, um duende se machucou depois disso. E eles acham que foi o Vincent que o machucou. Mas isso não é verdade. – Abaixei à sua altura, avaliando sua reação. – Bom... ele machucou alguns duendes agora, mas jamais faria isso sem motivos. Ele estava nos defendendo – esclareci ansiosa, lutando com meus próprios tormentos. Concentrada no rosto de Alice, espantei-me com sua serenidade. Era como se eu contasse algo monótono, parte de seu cotidiano. E entendi que era isso mesmo. Isso era mais familiar a ela do que a mim. – E... acho que eles ficaram irritados comigo por eu ter cheirado aquela flor do jardim deles.

Alice me fitou por um segundo, e sua expressão circunspecta chegou a assustar.

– Não foi culpa sua, Mel – disse com precisão. – Os duendes estão sempre irritados. Por isso não devemos provocá-los. Aristela diz que eles são como vespas... rápidas, barulhentas, carregam muito veneno e machucam os outros sempre que ficam zangados.

Admirei a sabedoria nos olhos esmeralda e percebi que Alice estava muito diferente da criança tímida que chegou comigo à cidade havia quatro meses. Estive ao seu lado neste último mês, acompanhei seu desenvolvimento mágico, mas não percebi como esse poder havia transformado minha irmã caçula. Ela ainda era criança, mas estava amadurecendo a uma velocidade

assombrosa! Meus olhos ficaram mareados.

– Vou tomar cuidado. Prometo – murmurei firme.

Alice sorriu, mas era diferente, como se eu a visse pela primeira vez em muito tempo. Afaguei seus cabelos em silêncio e ela permaneceu ao meu lado, observando-me, como se me visse pela primeira vez também.

Depois de um minuto no corredor, quase que para provar que nada iria nos atacar de novo, voltamos ao quarto. A chuva havia parado e o silêncio envolvia a casa como uma bolha. Espiei a janela e confirmei se estava trancada, acomodei minha irmã na cama e deitei ao seu lado, rezando aos céus para que seu sono voltasse. Fixei meus olhos na porta do quarto, atenta a qualquer som ou movimento, mas os minutos de calmaria se repetiam... um após o outro. O som do cansaço após a tempestade. Pisquei os olhos lentamente, sentindo o mesmo cansaço me alcançar.

– Resolvido. – A voz grave retumbou dentro do quarto e quase caí da cama.

Encontrei uma figura conhecida parada na porta e assenti entre meu fôlego, podia jurar que ele não estava ali no segundo anterior. Vincent me olhava atentamente, o rosto estampava a expressão da esfinge... indecifrável. Ele cortou a conexão entre nós e indicou a porta no fim do corredor.

– Foi sorte não ter George em casa.

Tentei me sentar, desajeitada.

– Nosso vizinho, Antônio... está no hospital. O pai de Arthur – falei entre a respiração oscilante, recuperando-me do susto. – George está lá com eles.

Vincent afirmou uma vez, indiferente. Avaliei sua postura intimidadora e engoli em seco.

– Você... – parei, espiando Alice ao meu lado. – Você sabe.

Vincent levantou uma sobrancelha, provocando-me. Minha boca abriu, mas não consegui falar. Ele girou os olhos, cruzando os braços.

– Não, Melissa.

Soltei o ar, mas não de alívio pelos duendes. A sensação era de contentamento, orgulho por outra pessoa. Sorri por dentro, enquanto admirava o mago das sombras, e algo urgente ocupou minha mente... *Eu não podia arriscar.*

– Eles podem voltar?

– Me diga *você!* Achei que aquele elfo de fogo estava cuidando de sua proteção.

– Ele deixou uma proteção, ou algo assim... um rastro de fogo... Mas precisava se juntar aos outros líderes elfos no Conselho. Não seria justo monopolizar seu tempo com... – ia mencionar a presença do outro mago das sombras, mas mudei as palavras rapidamente – tantas coisas sérias acontecendo

na montanha.

Vincent soltou os braços com um movimento brusco, mas logo os deteve ao lado do corpo, fechando as mãos em um nó.

– *Mais sérias que um ataque?*

Sustentando seu olhar violeta, levantei o queixo.

– Eu sei me cuidar. É que... fui surpreendida.

– Um ataque normalmente acontece de surpresa, Melissa. Por isso usamos os meios disponíveis para nos precaver. No seu caso, um elfo! – disse ácido. – Se você tivesse pedido, Félix teria ficado. Faz parte do vínculo de proteção acatar seu pedido. Um simples aviso de proteção élfica não é suficiente... – ele grunhiu um som irritado –, gostaria de saber o que aconteceu com seu discurso sobre aceitar ajuda!

– Precisei eleger prioridades – resmunguei ofendida.

– Sua segurança é prioridade! Sua e de *Alice*! – disse ríspido. Isso foi golpe baixo. – Pensei ter deixado claro o quanto esses seres podem ser vingativos, perigosos. Que possivelmente viriam por *você*! *Como vieram*! – ele fechou os olhos. – E se fosse Ludwig?

– Não *era* – falei decidida.

Vincent bufou, alterado mais uma vez.

– Mas poderia *ser*!

Desviei os olhos e, instintivamente, apertei Alice em meus braços.

– Primeiro... Eu entendi essa coisa de proteção dos elfos. E não vou prender ninguém a mim. Segundo, você não pode ter certeza de que o outro mago que eu vi ou que apareceu na ponte é Ludwig. E terceiro... *Eu tranquei tudo*! Não sou irresponsável! Além da proteção de Félix, eu chequei tudo, várias vezes. Não entendo como eles... – meus olhos se arregalaram. – Você entrou... É possível que eles tenham feito como você!

Vincent rosnou, irritado com meu discurso.

– *Primeiro*, você *deveria*! Por sua segurança, mesmo contra a minha vontade, você deveria acorrentar aquele elfo ao seu pé, se necessário! – exclamou num rugido, dando um passo à frente. Eu me encolhi, puxando Alice comigo. Vincent pareceu entender o gesto e parou de supetão, afastando-se enquanto buscava seu controle. Depois de escorregar as mãos pelos cabelos, continuou. – *Segundo*... Posso não ter certeza sobre Ludwig, mas não imagino outro mago das sombras que perderia seu tempo nesta montanha – disse em um único fôlego. – *E terceiro*... – ele pausou, inspirando longamente – Não. Não é possível. A viagem pela sombra faz parte da herança dos Demônios das Sombras – finalizou um pouco mais calmo.

Acaricieei os cabelos da menina maga enquanto ela media as reações do

mago das sombras, ouvindo tudo com mais naturalidade do que eu gostaria. Já o mago carrancudo massageava o pescoço, metodicamente, e a frustração em seu rosto estava me perturbando. Comecei a pensar com mais vontade no ataque, avaliando cada detalhe com uma lupa, como nos contos de Sherlock Holmes. E, talvez, encontrasse a porta de entrada. O ponto fraco que nos deixou vulneráveis.

– Eles, os duendes, pareciam... molhados – murmurei pensativa.

– Sim – Vincent respondeu seco. – Porque está chovendo – completou.

– Eles não usaram portas, Vincent. Ou janelas. Se vieram de fora, usaram outros meios para entrar. *Eu garanto!* – exclamei aborrecida, lembrando-me que o mau humor dele era a causa da tempestade.

– O fato é que eles burlaram a magia élfica, Melissa, e entraram – completou ríspido, como se eu fosse uma criança insolente.

Inspirei longamente, ignorando seu humor. Com esforço, concentrei-me no ponto-chave da discussão. Eu teria de provar que não estava mentindo. Precisava lutar por sua confiança e, com uma lufada, argumentei da melhor forma que podia.

– Se eles burlaram a proteção de Félix, podem ter usado a chaminé de ferro da *salamandra*... é o único acesso aberto para fora. Mas, para isso, precisariam ter o tamanho de um esquilo e... – Vincent me olhou severamente e sustentei seu olhar, até usar minha “lupa”. Logo percebi o detalhe óbvio que colocava minha teoria por terra – E, mesmo assim, estariam queimados pelas chamas, não molhados – avaliei frustrada.

– Os duendes não podem se meta-mo... metaroror... metamomor... fo... metamorfosear. – Alice disse sorridente, feliz por pronunciar a palavra corretamente.

Seu esclarecimento extinguiu completamente minha teoria. Olhei da menina prestativa para o mago carrancudo.

– Eles não vieram de fora. Por que você não acredita em mim? – perguntei indignada. E o olhar duro de Vincent esmagou meu coração. – Posso ter omitido o encontro com o outro mago, mas tinha meus motivos e... – meus olhos ficaram úmidos. – Não estou mentindo, Vincent! Droga! Além da proteção que Félix deixou, eu chequei tudo. “Várias” vezes! Você precisa confiar em mim! Deve haver outro caminho, talvez uma *droga* de magia ou coisa assim que os colocou aqui!

Abaixei a cabeça, culpada. E, segurando as lágrimas, espiei Alice, esforçando-me para controlar os palavrões na boca. Minha irmã acariciou meu rosto.

– Eu sei que não está mentindo, *Tata*.

Desta vez não consegui segurar e uma lágrima silenciosa escapou.

Esfreguei os olhos rapidamente, me recompondo, e o mago deu um passo duvidoso. Levantei o rosto e ele parou, os olhos turquesa correram meu rosto, e neles passavam vários sentimentos... preocupação, mágoa, culpa, fracasso, irritação, vingança... e tudo foi consolidado em um *insight*. Vincent piscou e seus olhos violeta saíram de foco.

– O “espelho” – disse distante. – Eles podem ter usado o “espelho das águas”.

Franzi a testa, essa era novidade.

– O que é isso?

– Um portal.

– Como o elevado de pedra na casa dos Von Berg?

Alice se remexeu ao meu lado, o rosto ansioso para esclarecer mais uma vez.

– Não, *Tata*. Esse é um espelho de verdade... e transporta as pessoas através do mundo das águas – finalizou com propriedade.

Preso nos olhos esmeralda, eu entendi... *águas*. E sorri, mesmo que brevemente. Finalmente, minhas palavras foram levadas a sério. Vincent levou as mãos aos cabelos e continuou em tom didático.

– Este portal usa qualquer outro espelho como passagem, desde que possua tamanho suficiente para transpor seu usuário.

Lembrei-me de ter topado com o pequenino rugoso perto da escada e logo imaginei o local por onde eles entraram: o espelho na porta do meu guarda-roupa! Estremeci involuntariamente.

– O espelho no meu quarto... ele é grande o suficiente para um pequenino – concluí e Vincent afirmou uma vez, o olhar concentrado em outro detalhe. – Outros podem voltar por ele?

– Duvido. O “espelho das águas” pertence a... Ayla – a voz de Vincent desceu um tom. Estreitei os olhos, de novo a tal “*Soberana*”. – E ela não compactuaria com isso – disse firme. Bom, ele sabia, mas eu não conhecia essa tal ninfa e não colocaria minha mão no fogo. – O mais provável é que ele foi usado sem permissão. E isso vai deixá-la irada – ele esticou os lábios enigmaticamente, e suspirei, lá vinha mais uma mudança súbita de humor. – Ayla não deixará uma ousadia como essa passar em branco. Além disso, o reino dela pertence à Terra das Sombras, temos a simpatia das “Águas Profundas”.

Bom, pelo que entendi, *ele* tinha a simpatia *dela*. Observei sua expressão animada por um momento e meus olhos foram atraídos por um movimento ritmado... Alice balançava a cabeça, concordando com a explicação. Estava claro que os magos partilhavam de algum detalhe mágico, e me aborreci ao perceber que fui excluída mais uma vez.

– Reino das Águas, “Senhora das águas”... Essa tal Ayla é um tipo de...

– Sereia. – Vincent completou ampliando seu sorriso. – Mas nunca a chame assim. Ela odeia. O termo é ninfa das águas, como uma fada, mas sem asas – ele encarava meu rosto e algo nele levou seu sorriso, o mago abaixou os olhos. – Ela é a protetora do portal para as “Águas Profundas”... Você se lembra do nosso primeiro passeio na montanha? – afirmei duvidando de minha conclusão, temendo o que iria ouvir. – Pois bem – Vincent rolou as palavras na boca –, aquela queda-d’água no bosque da montanha é o portal para o Reino das Águas. Eu – ele hesitou – precisava de apoio para lhe contar sobre o mirante e... *ela* queria conhecer você. .

Meu primeiro impulso foi levantar da cama, mas no meio do movimento me sentei novamente, cruzando os braços.

– Que ótimo! Ela me conhece – ironizei inconformada e Vincent afirmou, analisando minha postura rígida. Inacreditável... *Eu precisei passar pelo crivo de uma sereia?* Soltei o ar irritada, muito irritada. – Mas eu não a conheço. Por isso, se me permite, reservo-me o direito de não confiar nela. A propósito, por que nunca soube *dela*?

Vincent vinçou a testa para minha expressão irritada.

– Esse tipo de informação não fazia parte do nosso acordo anterior, Melissa. Mas agora faz. Por isso estou lhe contando.

Travei o maxilar, sustentando o olhar turquesa que escurecia vagorosamente, perdendo-se em algo maior. Se essa tal Ayla, *ninfa* ou *fada*, tanto faz, fosse, de alguma forma, parecida com uma *sereia* dos livros, já imaginava o tipo de encanto que exercia sobre os homens.

– Preciso ir. Tenho de falar com Ayla.

O rosto ansioso do mago analisava outro assunto omitido da conversa, que, obviamente, não seria explicado.

– Agora? – rosnei furiosa.

Ele iria sair no meio de uma discussão por *ela*? *Sério?*

– Muita coisa pode acontecer até amanhã – justificou.

Vincent levantou os lábios, e algo que lembrava contentamento pintou sua expressão. Desviei o rosto. Por algum motivo, não queria demonstrar o quanto estava aborrecida com sua partida. Com movimentos mecânicos, comecei a ajeitar Alice embaixo do edredom.

– Tudo bem, pode ir. – falei com desdém. – Vou ficar com Alice até que ela durma novamente.

– Não preciso que fique aqui. – Alice retrucou de mansinho, observando os adultos com cuidado. – Eu durmo sozinha, Mel... há bastante tempo. Você sabe disso.

Estreitei os olhos, ignorando os argumentos de minha irmã. Pela visão periférica, vi a figura de preto se aproximar.

– Deixei um feitiço de bloqueio ao redor da casa, por segurança. Ninguém vai entrar aqui enquanto...

– Você não disse que a tal Ayla é de confiança? Que não compactuaria com os duendes? Por que está preocupado?

– Minha preocupação agora não são os duendes – disse com um tom indelicado. – É Ludwig. E Ayla não poderia impedi-lo.

Levantei os ombros com descaso.

– Que seja.

Vincent soltou o ar, inconformado.

– Que seja?

E uma urgência me fez esquecer a disputa acirrada na discussão... eu pulei da cama ao seu encontro.

– Mas e se George voltar?

Minha proximidade dissolveu sua irritação.

– O bloqueio só funciona para magos e seres mágicos – disse sério, descendo o olhar por meu rosto ele se concentrou em meus lábios. – Não se preocupe.

Depois de um segundo demorado, os olhos turquesa subiram vagarosamente... e me perdi em sua intensidade.

– Ótimo – gaguejei, sentindo a respiração acelerar.

Com um passo bambo para trás, encostei-me na cama, desabando sentada. E com uma longa inspiração, deliberadamente, fugi dos olhos turquesa. Lutando para reorganizar minha expressão e parecer indiferente a sua presença mais uma vez, voltei minha atenção para a menina envolta em seu casulo de edredom. Afofei o travesseiro de Alice repetidas vezes, até Vincent se curvar sobre mim. Seu rosto parou ao lado do meu e congelei meus movimentos, sentindo a respiração vacilar mais uma vez.

– Durma, minha pequena maga corajosa. Vou cuidar de vocês – a voz suave do mago tremeu em meus ouvidos.

Depois de um carinho nos cabelos de minha irmã, Vincent me espiou brevemente, afastando-se com um movimento lento e provocativo. Balancei a cabeça dissipando seu perfume dos meus pulmões. A capacidade mutável de seu humor era algo impressionante e, não importava quanto tempo passasse, nunca me acostumaria. Mas, desta vez, não iria reclamar. Fixei meus olhos no sorriso de Alice e senti um toque suave em *meus* cabelos, contendo um suspiro, esforcei-me para não olhar para o lado. Ainda assim podia imaginar a figura de preto caminhar até o corredor e desaparecer no escuro.

Apertei os olhos. *Sim*, eu ainda estava magoada e também... com *ciúmes*! Pronto, era isso. Mas *quem* não ficaria? Uma *amiga sereia* era demais para qualquer garota aguentar. E estávamos falando de Vincent! O mago misterioso, o homem sedutor, com seus penetrantes olhos turquesa. *O cavalheiro perfeito*! Neste contexto, comparar uma sereia a mim era covardia. E, para ser sincera, a não ser que essa tal *Ayla* tivesse a aparência de um *baiacu*, não haveria forma de eu simpatizar com a criatura.

Abri os olhos e Alice me observava com esmeraldas perspicazes. Ajeitei nervosamente o edredom ao seu redor.

– *Tata...* não consigo respirar... – ela gemeu, praticamente encoberta.

– Desculpe – murmurei, libertando seu nariz.

– *Tata...* Quem é *Ludin...* *Wi... ing?* – Alice enrolou e estalou a língua tentando imitar o som. Eu poderia rir, se o nome não fosse tão perturbador.

Inconscientemente, peguei-me esfregando a cicatriz atrás da orelha.

– Ninguém com que deva se preocupar, meu amor.

Alice fez uma careta e entendi, eu estava fazendo o mesmo que Vincent. Protegendo-a da verdade. Mordi o lábio, ajeitando os cabelos da menina maga para dentro de seu casulo. A convivência com o mago carrancudo estava me tornando omissa! E minha péssima experiência com a omissão só confirmou minha teoria... Para ter segurança nesse mundo, precisávamos do conhecimento. Suspirei, rendendo-me ao olhar questionador da pequena maga.

– *Ludwig* é um mago das sombras. Mas ele não é como *Vincent*. Ele é mau. E gosta de ser. Entendeu?

Alice assentiu seriamente.

– Por isso *Vincent* o quer longe de nós – concluiu sabiamente.

Sorri orgulhosa, estava certa sobre o amadurecimento precoce de minha irmã.

– *Sim*.

Afirmei a mim mesma que poderia confiar nela... para qualquer coisa. E tinha esperança de que minha confiança abrisse uma porta recíproca.

– Alice, você conhece essa tal sereia?

– *Ayla?* – perguntou inocente. Eu afirmei, sem conseguir esconder o descontentamento. Acho que estava desenvolvendo alguma fobia ao nome. – *Sim*. Já a vi duas vezes. Ela foi legal comigo – adiantou, emendando um sorriso lento. Não segurei outra careta. – Ela é muito bonita... E pode aparecer em qualquer fonte de água. *Córregos...* rios... Ser ninfa deve ser legal – Alice se esforçou para abrir os olhos, levantando-se ligeiramente, apoiou um braço no colchão. – Lembra o que *Vincent* disse sobre o Reino das Ninfas pertencer à Terra das Sombras? – afirmei com interesse, atenta ao seu entusiasmo. – Então...

há uma história sobre elas lá. Dizem que as ninfas são bonitas porque usam seus poderes para encantar e roubar a beleza das moças. E dos rapazes também. Depois os levam para as águas negras... e eles se afogam. – Minha irmã sorria e eu pisquei uma vez. Tinha consciência de que minha boca estava aberta e não sabia se estava chocada com a lembrança do encantamento de Néri ou com a vivacidade de Alice para contar a história. – A Ayla proibiu isso, mas dizem que na Terra das Sombras ainda vivem ninfas que fazem essas coisas. Por isso muita gente foge delas.

– Hã...

– Mas não é por isso que não gostam dela.

– Não? E... tem mais?

Alice levantou os ombros deitando-se novamente. Ela se aconchegou no edredom, sozinha... e permaneci em choque, esperando.

– Muita gente do Mundo Mágico desconfia da Ayla porque ela tem aquele espelho que o Vincent falou. Ela pode ir a qualquer lugar sem permissão. Entendeu? – franzi o cenho em dúvida e minha irmã girou os olhos no ar, como se dissesse... *Dã*. Não pude repreendê-la, estava perdida nas possibilidades míticas. – Lembra... ela é *muito* bonita. E, se pode entrar na casa das pessoas, pode continuar roubando a beleza de quem quiser.

Tinha motivos suficientes para não gostar da sereia. E os detalhes só encorpavam a lista que comprovava minha opinião: Ayla não era confiável.

Curvando-me brevemente, encarei minha irmã caçula.

– Alice, preste atenção. Quero que tenha cuidado com...

Alice estalou os lábios.

– Ah Mel... O que as pessoas falam nem sempre é verdade. Sei que a Ayla não faz isso.

– Como você pode saber, Alice?

– Ela me disse.

Eu me afastei, entendendo a repreensão em seu olhar. Tudo bem, boa parte da minha implicância era causada pelo ciúme. E já havia cometido injustiças com meus julgamentos no passado. Mas não estávamos falando de Vincent, estávamos falando de Ayla! Senti novamente a queimação na garganta, lá vinha outra careta involuntária. Lembrei-me do primeiro passeio com Vincent na montanha, e a queimação piorou. Eu não estava paranoica, essa garota estava me cercando... Sorrateiramente! Além de ter a simpatia de *minha* irmã e a amizade devotada do *meu* namorado, a *sereia* tinha detalhes da minha vida que eu mesma não sabia... *Droga!*

– Alice, você viu essa tal sereia no dia do nosso passeio na montanha?

Alice afirmou acanhada.

– Vi, sim. Na água do córrego. Mas não podia falar com você sobre ela... Você se assustava com tudo. Lembra? E o Vincent tinha me pedido para não te assustar – ela girou os olhos mais uma vez, como se estivesse treinando sua paciência infantil. – Depois foi a Aristela que pediu, e até o Heros disse que...

Apertei os olhos com o indicador e o polegar, pelo visto minha fama me precedia.

– Está bem, Alice, entendi. Mas agora não temos mais nenhum segredo. Não é mesmo? – soltei o ar, observando sua reação com atenção... não custava confirmar. – Inclusive sobre a tal sereia. Sobre o Vincent. – estreitei os olhos. – Ou sobre a sereia e o Vincent. Ou...

Alice bocejou, emendando um sorriso.

– Pode ficar calma, Mel, ela gosta do Vincent – disse à meia-voz. Torci os lábios, isso eu já havia percebido. E este era justamente o problema. Alice bocejou mais uma vez, falando com dificuldade enquanto se ajeitava no travesseiro. – Ao contrário dos outros, ela é legal com ele. Confia nele... como Aristela, Viviana e eu.

Pronto. Sem dificuldades, minha irmã me deu todas as informações de que eu precisava. Era um complô! Todas sabiam dessa amizade, menos eu! De repente, minha garganta parecia estar em chamas, apertei os olhos com o indicador e o polegar mais uma vez. Com tantos problemas reais, eu estava me remoendo por *ciúmes*! Ridículo. Respirei profundamente.

– É bom saber que você confia nele – falei controlando minha amargura.

– Eu confio. Sei que ele fez aquilo com os duendes para nos ajudar. E também gostei de ajudar – Alice completou meio mole.

Seu sono havia voltado e, agora, eu é que estava atrapalhando.

– Eu sei, Alice. Mas estamos seguras agora – forcei um sorriso quase confiante. – Quero que feche os olhos. E descanse. Eu te amo.

Os olhos esmeralda brilharam com um sorriso que virou um enorme bocejo. Alice fechou os olhos e eu me encostei à cabeceira de sua cama, fiquei com ela por mais alguns minutos, até que sua respiração pesada confirmou o sono profundo.

A casa estava muito quieta quando deixei o quarto de minha irmã. Completamente sem sono, com a cabeça fervilhando de problemas e o coração esmagado por diferentes emoções... resolvi fazer uma ronda.

Parei na cozinha para um copo de água e pulei quando algo se espatifou contra a porta de entrada. A água voou para todos os lados e o som oco se repetiu, tirando-me do chão mais uma vez... Depois de um segundo atordoado, lembrei-me do bloqueio de Vincent e voltei a respirar. Eu confiava em sua magia

e, fosse lá quem fosse, o intruso não poderia passar por ele. Afirmei repetidamente para meu subconsciente que estávamos seguras e, com o corpo tremendo pela tensão, dei alguns passos até a sala para espiar pela janela. Por uma fresta entre as cortinas avistei uma silhueta musculosa caminhando impaciente no pequeno jardim... Félix! Ele agarrou algo no chão, talvez um dos vasos de flores, e preparava-se para arremessar quando acendi as luzes, alertando-o. Félix me encontrou entre as cortinas, a expressão alarmada, e sinalizei para que esperasse.

Ainda abalada pelo susto, abri a porta da sala e recebi uma rajada de vento frio. Com um tremor, coloquei apenas metade do corpo para fora. O elfo tentou me encontrar, mas parou dois passos depois, impedido por uma névoa violeta. O rosto estampando a mesma expressão alarmada.

– Há magia das sombras ao redor da casa... Um escudo! E ele anulou minha magia. Não consigo me aproximar. O que está acontecendo, Melissa?

– É para a nossa proteção. Estamos bem – tentei sorrir para acalmá-lo, mas o frio me impedia. Ele franziu a testa, confuso. – Os duendes estiveram aqui. E Vincent também – os olhos do elfo se arregalaram e mordeu o lábio, sabia que ele estava avaliando qual das duas visitas era a pior. – Mesmo com seu bloqueio, os duendes invadiram a casa... e Vincent os expulsou. Mas está tudo calmo agora, Félix. Eu garanto. Estamos seguras. Como pode ver, antes de ir, Vincent deixou o... escudo. Por garantia.

– Mas Vincent estava descontrolado... e veio até você... e os duendes – sua voz falhou – invadiram sua casa. – Já não sabia se isso era uma pergunta ou uma afirmação.

– Vincent estava – mordeu o lábio – um pouco mais calmo. E cuidou dos duendes – de repente, a dúvida no olhar do elfo me afligiu. – Ele veio nos proteger, Félix, e, até onde sei, os duendes ainda estão vivos... em algum lugar – informei, forçando a expressão confiante.

O elfo me fitou por mais um segundo e abaixou os olhos, apoiando as mãos nos quadris, pareceu constrangido.

– Melissa, eu... – a voz do elfo se interrompeu – falhei com você. – Ele balançou a cabeça levemente, tensionando os ombros. – Desculpe, devia ter ficado. Sua proteção e a de sua família estavam sob minha responsabilidade.

– Não. Não devia. E você não falhou em nada – falei firme, pondo fim aos lamentos. – Você tinha responsabilidades importantes na montanha e, cuidando delas, também está cuidando de nós. E, por falar na montanha... Como foi com o Conselho?

Félix soltou o ar, consternado.

– Fiz o comunicado sobre o outro mago das sombras... mas, como

esperado, eles ficaram desconfiados da minha fonte – ele gesticulou para mim. – Espero que essa desconfiança seja superada agora. Acho que você vai mudar de status, Melissa, de cúmplice para vítima.

Félix tinha uma expressão pensativa, e fiquei confusa.

– E isso é bom – deduzi. Mas o elfo não acompanhou meu otimismo. Ele ainda me olhava como se tivesse me perdido.

– Sinceramente, nenhum dos lados é bom para você.

Mais uma vez seu comentário deixava clara sua opinião sobre Vincent, mas não esclareceu muito sobre o que esperar da minha recepção no Conselho. Estava prestes a questionar, mas outra rajada de vento gelado tornou o calor da casa convidativo e a exaustão me alcançou.

– Se não se importa, Félix, gostaria de terminar essa conversa amanhã. Estou cansada e vou entrar. Você pode voltar pela manhã? E irei com você resolver isso de uma vez.

– Sim. Mas não vou embora – disse incandescendo os olhos. Franzi a testa, cansada demais para entender as charadas do elfo de cabelos vermelhos. – Vou ficar e fazer a guarda esta noite. Mesmo com o escudo. – Abri a boca e ele levantou uma das mãos, impedindo meu argumento antes que ele fosse exteriorizado. – É o mínimo que posso fazer.

Estudei sua expressão decidida, quase culpada, e não discuti. Não adiantaria.

– Se prefere assim. Obrigada. Ah... Félix? Por favor, seja discreto, meu avô pode voltar a qualquer momento.

O que subentendia um pedido para que uma bola de fogo não flutuasse pela vizinhança. O elfo afirmou compreensivo e partiu para sua primeira ronda, contornando a casa, *andando*. O que ele não sabia é que o perigo poderia vir de dentro dela.

Detalhes importantes

Apaguei as luzes e caminhei pelo corredor... cautelosa. Sabia que não havia o que temer, o pior já havia passado, ainda assim, tive dificuldade de controlar o tremor que insistia em chacoalhar meu corpo, esgotando minhas energias.

Subi os degraus até meu quarto convencendo-me de que o bloqueio mágico e um guardião elfo eram suficientes para garantir algumas horas de sono e, quando cheguei à porta, estava quase controlada. Entrei no cômodo escuro bem devagar, tentando lembrar mentalmente a localização do meu guarda-roupa... e, antes que chegasse ao interruptor de luz, o abajur acendeu ao lado da cama. Pulei com um grito. Meu coração disparou no peito e precisei me apoiar na parede. Vincent estava estirado em minha cama, os pés cruzados para fora do colchão e um braço apoiando a cabeça no *meu* travesseiro.

– Ahh... Vincent! Que susto! O que faz aqui?

Ele sentou vagarosamente, incomodado com minha surpresa.

– Achei que era fluente em português. Meu sotaque está tão ruim assim? – ele balançou a cabeça, intensificando o olhar turquesa. – Vou. Cuidar. De. Vocês – falou palavra por palavra, pausadamente. – Não vou deixar você sozinha esta noite, Melissa. Não importa o que aconteça. Quando vai começar a me entender?

Espremi os olhos. O que ele quis dizer com *não me deixar sozinha*? Vincent pretendia passar a noite em minha casa? Soltei o ar com um sopro nervoso e meu coração voltou a ficar frenético. Uma coisa era esperar por meu cavaleiro, trocar beijos de boa-noite e vê-lo desaparecer nas sombras novamente... E fizemos isso muitas vezes neste último mês. Outra era passar a noite inteira ao lado do monumento à perfeição! Avaliei o rosto decidido, impulsivo, que nunca me consultava em suas decisões... e logo lembrei da minha irritação. O instinto de defesa me fez mudar de postura, controlando minha ansiedade, cruzei os braços.

– Pensei que você estava conversando com sua *amiga*.

– Eu já conversei. – Vincent avaliou minha postura e sinalizou para o espaço ao seu lado, para que eu me sentasse também, mas fiz de conta que não entendi o gesto. – Ayla confirmou o que imaginávamos, os pequeninos usaram o “espelho das águas” sem o conhecimento dela.

Estreitei os olhos.

– E isso não parece suspeito para você?

– Confio em Ayla.

Essa doe. Eu lutava para ter a confiança desse homem desde o dia em que o conheci e invejei a certeza que ele usou para dizer essa frase tão curta. Vincent continuou, sem se dar conta do meu desapontamento.

– ...E tinha razão, isso a irritou. Ayla está a caminho do Conselho e tem uma boa justificativa para interceder por mim. Agora temos o apoio dos elfos de luz, dos elfos das sombras e do Reino das Águas, contra os elfos de fogo e os duendes. Três a dois. Não gostaria de ser a discórdia que separa os Reinos da Luz, mas a opinião deles nos favorece diante do julgamento do Conselho.

– Acho que seu time de defesa foi elevado para quatro – falei sem emoção. Vincent franziu as sobrancelhas e soltei o ar, ainda magoada. Sabia que ele iria odiar isso, mas também não estava feliz com suas atitudes, e isso empatava nosso jogo. – Acabei de falar com Félix, ele está do lado de fora... fazendo a ronda. Conte sobre o outro mago das sombras que vimos e ele já comunicou o fato ao Conselho. Ele vai me levar até lá amanhã... Vou depor a seu favor.

– O quê? – Vincent se levantou num rompante. – Você contou... Você vai... – ele engasgou com as palavras, o rosto se contorcendo, feroz. – Não! Você não vai. Nem pensar. Não. Está decidido – arrematou, cortando o ar com as mãos.

– Infelizmente, ou felizmente, sou eu que decido – levantei o queixo. – Já acertei os detalhes com Félix, ele vai interceder por mim. Porque acredita em mim – informei, ignorando o olhar violeta fulminante na meia-luz do abajur. – Vou esclarecer essa confusão de uma vez, Vincent. Sou a única testemunha que pode comprovar a presença do outro mago das sombras na montanha, e você sabe disso.

– Você quer dizer que *agora* eu sei disso – falou ácido, deixando clara a revolta na voz. Com gestos nervosos, Vincent balançou os braços... e apertei os meus no peito, lutando para não me intimidar com seu tamanho. – E, por saber, tenho a consciência de que não deve se envolver. Há outras formas de fazer isso, Melissa! Por que acha que fui falar com Ayla? Ela sabe o que fazer e já está cuidando disso neste momento. Você não precisa fazer nada! – exaltou com um rugido grave.

A dor queimante subiu por minha garganta.

– Então... *ela* pode defender você no Conselho. E eu *não* – murmurei à meia-voz, lutando com a mágoa que fazia meus olhos arder. – Muito bem. – Soltei meus braços, voltando para a porta do quarto. – E já que está tudo *bem*, você não precisa ficar aqui. É melhor voltar para o que resta da *sua* casa. – Sinalizei para a escada além da porta, conseqüentemente para a saída, cruzando

os braços mais uma vez. – Félix está cuidando das coisas aqui e Lúcius deve estar preocupado lá. Além disso, você deve ter muitos cacos de vidro para limpar, não é mesmo?

Vincent direcionou um potente olhar de reprovação para minha postura rígida, que, aos poucos, transformou-se em um olhar especulativo. Agora ele me avaliava, no rosto a expressão indecifrável da esfinge. Apertei-me em meu abraço, incomodada com sua atenção, a cabeça voando longe... e me peguei desejando vestir um pijama de verdade.

Ele deu um passo em minha direção, ainda avaliando.

– Sei que o dia foi um completo caos – falou cauteloso –, a começar pelo envenenamento, a fuga, o ataque dos duendes... E sei que sou o culpado por essa expressão em seu rosto – ele expirou sonoramente, soltando os ombros. – Desculpe se a assustei, Melissa. Mas quero que entenda o motivo do meu descontrole. – Vincent deu mais um passo, estudando minha reação. Eu me remexi, incomodada por outros motivos. Levantando o queixo, ele assumiu uma postura séria. – Fiquei irado por não ver a proximidade do perigo. Pela possibilidade de ter Ludwig nos rondando. E ainda mais furioso por você ter escondido algo tão importante de mim.

Seu olhar pesava em meu rosto, e não consegui encará-lo. Desviando os olhos, falei baixo:

– Se escondi algo de você, foi por temer sua reação. E acho que estava certa – minha voz soou firme. Levantei os olhos, estava tentando mostrar a ele o outro lado, dividir minha culpa, mas Vincent via apenas um culpado para seu descontrole. E ele focalizava esse culpado. Friamente. Eu bufei – Aquele homem da capa preta foi apenas uma visão, Vincent! – tentei justificar.

– Ele não foi, Melissa, ele é – rosnou. – Uma visão muito perigosa. Que quase levou sua irmã, matou um elfo, um duende, e ainda está nos espreitando.

O olhar sombrio do mago invadiu minha alma, eu me encolhi. Sabia que ele estava me julgando imprudente mais uma vez e já havia concordado com ele. Mesmo assim, suas justificativas ou minha culpa não diminuía a lembrança de sua fúria ao destruir a casa de vidro. Eu me encolhi ainda mais e ele vacilou, incomodado.

– Mas você tem razão... Mesmo compartilhando seu conhecimento, não sou como ele. Nunca, jamais, irei machucá-la. Eu juro.

Vincent começou um último passo bambo ao meu encontro.

– Mas você já machucou – murmurei.

E ele parou.

Levantei o rosto para encarar o mago das sombras e meus olhos arderam com lágrimas ao encontrar o rosto do homem que havia me assustado.

– Nunca. Nunca mais faça isso – exige. – Isso dói, aqui – aponteí meu coração.

Os olhos turquesa acompanharam o gesto, mortificados. E a dor neles se tornou um espelho da minha dor. Ele, finalmente, entendeu... não era medo, era mágoa.

– Perdoe-me. Gostaria que entendesse o tamanho do meu arrependimento – disse devagar, a expressão solene.

Os oceanos turquesa sondaram meu rosto, e me perdi em sua profundidade. Vincent esticou a mão para tocar meu braço, deslizando os dedos lentamente, como um sussurro, até meu ombro... Deixando um rastro de faíscas que queimavam a pele de forma nada dolorosa. Estremeci, sentindo um aperto gelado no estômago, e recuei, apertando os braços em volta do corpo.

Vincent abaixou a mão, alinhando os ombros com sua postura intimidadora.

– Você está com medo de mim agora?

Sua voz ecoou em meus ouvidos, suave como veludo, mas seu tom duvidoso era aflito. Pisquei uma vez... Estava constrangida, afetada com sua presença e um pouco nervosa com a possibilidade de ficar ao seu lado a noite toda, mas precisava perguntar a mim mesma se ainda estava assustada.

A lembrança dos cacos voando no que restava da casa de vidro poderia enfraquecer em minha memória. Mas a dor, por ser o motivo de sua ira, teria de ser superada. Com a promessa de que aquilo não iria se repetir. E eu precisava acreditar nele. Abaixei os olhos... outras lembranças violentas, de gemidos, socos e sangue nas paredes da *minha* casa também eram perturbadoras... Mas precisava ser sincera, estava feliz por Vincent não hesitar desta vez. Ele agiu como o mago das sombras que *era*, com o lado sombrio que eu precisava aceitar. E, se não fosse por esse mago, talvez Alice e eu não estivéssemos aqui. Suspirei longamente, levantando os olhos para o rosto tenso acima de mim.

– Não. Está tudo bem, Vincent.

Ele soltou o ar, como se estivesse prendendo a respiração. Com um gesto decidido, levantou a mão mais uma vez, para colocar meus cabelos atrás da orelha. Desta vez não recuei. Em vez disso, me remexi, arrepiada com o toque quente que deslizava por minha nuca. Olhei para baixo rapidamente e notei os minúsculos furos na minha regata, uma mancha horrorosa no meu moletom cortado a tesoura... e, para completar, minhas meias coloridas. *Péssima escolha! Péssima escolha!* Eu me remexi mais uma vez, trocando o peso do corpo sobre as pernas.

– Mas ainda acho que... A questão é... você não precisa passar a noite aqui. – Eu limpei a garganta, disfarçando o nervoso evidente. – Félix está de

guarda lá fora e o bloqueio mágico está funcionando. Eu mesma vi.

Vincent recolheu a mão, tombando a cabeça olhou-me com curiosidade.

–Viu?

– Sim... – gaguejei, recuando até encostar-me à parede, abrindo algum espaço entre nós. – Quando fui falar com Félix, ele... ele não conseguiu se aproximar da casa.

O mago de olhos penetrantes relaxou a expressão, encontrando algo mais importante. Ele esticou o braço alcançando minha mão, entrelaçando os dedos nos meus, estudando minha reação ao seu toque.

– Isso é bom – ronronou. E não sabia ao que ele se referia, porque o calor de sua mão ocupou toda a minha atenção. – Mas eu preciso, sim. Depois dos inúmeros imprevistos de hoje, preciso ter meus olhos em você para ficar tranquilo. Sabe-se lá o que pode acontecer dentro destas quatro paredes.

Refleti sobre suas palavras e algo se agitou em meu estômago... algo como milhares de borboletas, batendo asas, enlouquecidas. Engoli em seco. Se Vincent notou minha agitação, não a interpretou corretamente. Ele apertou minha mão, puxando-me na direção da cama.

– Por favor, tente dormir. Vou ficar ao seu lado até resolvermos isso.

Eu parei ao seu lado, fitando a cama de viúvo à nossa frente. Eu não tinha poltronas no quarto, e ele não iria ficar em pé a noite toda para ter os olhos em mim. Em algum momento iria sentar-se na cama. E imaginá-lo velando meu sono, a noite toda, já fez minha respiração acelerar. Mas... e se Vincent resolvesse se esticar? Teríamos problemas para acomodar uma pessoa média e outra de tamanho extragrande! Mordi o lábio, observando seus movimentos. Ele se curvou, levantando o edredom para que eu me deitasse e, depois de me cobrir, deu a volta na cama. Do outro lado, tirou meu celular do bolso, deixando-o sobre o baú e sentou-se à cama calmamente. De costas para mim, começou a tirar os sapatos. Segurei a respiração acelerada... *Ele iria se esticar!*

Sabia que não era o momento para pensar em coisas assim, não com amigos no hospital, ameaças de inimigos, invasões, duendes sangrando em minha casa... e supostas acusações que poderiam nos separar. Mas, olhando seu movimento tensionar músculos poderosos, não consegui controlar meus pensamentos. Vincent endireitou os ombros e, depois, com uma rápida espiada para trás, começou a tirar a camisa. Um calafrio correu por meu corpo, alojando-se em meu estômago. Eu soltei o ar dos pulmões exasperada, sentando-me imediatamente.

– O que está fazendo? – a pergunta saiu nervosa.

Vincent curvou o rosto para trás por um instante e a expressão indiferente tornou-se curiosa; com habilidade ele dobrou a camisa, colocando-a aos pés da

cama.

– Não consigo dormir de camisa, ela prende meus movimentos.

– Que movimentos? – essa pergunta não deveria ter sido exteriorizada, mas quando percebi, era tarde. Corei e agradei pela meia-luz do abajur.

Vincent esticou-se por cima do edredom com um sorriso apertado nos lábios e afofou o segundo travesseiro embaixo da cabeça. Seus movimentos tensionaram músculos expostos, levando meus olhos a passear pelas curvas de seu peito. Por um momento insano, imaginei como seria tocá-lo.

O mago notou minha nova inquietação e adotou uma expressão séria.

– Por que está nervosa? – ele esperava uma resposta, mas eu ainda estava fora de foco. – Por favor, Melissa, sei que exagerarei hoje, mas gostaria muito que confiasse em mim. Não vou perder o controle novamente.

Senti minha mão se movendo fora de controle, e rapidamente a fechei em um nó. Ele nem imaginava como eu ansiava pela falta de controle agora. Engolindo em seco, escorreguei as duas mãos para baixo do meu corpo, prendendo-as para ter certeza de que não iriam me trair.

– Não... eu – gaguejei – eu – e concentrando-me, pisquei duas vezes, desviando os olhos. – Não concordo com o que fez, mas... confio em você.

Vincent avaliou minha postura e espremeu os olhos, chegando às suas próprias conclusões.

– Mas... pelo visto, não confia em você. – Ele levantou os lábios no canto com um sorriso pretensioso e provocador. – Não quero decepcioná-la, mas precisamos dormir. Não que isso vá ser fácil, mas alguém aqui precisa ter um pouco de autocontrole.

Observei o sorriso em seu rosto se esticar, ele fechou os olhos, satisfeito, e trincou os dentes. Como assim? Então... *eu* era a descontrolada? A impulsiva? Depois de tudo o que ele fez? Vincent precisava urgentemente de uma dose cavalgar de humildade! Soltei o ar, irritada... Tudo bem, ele era mesmo um monumento à perfeição. E era arrogante o suficiente para usar isso em seu favor. E eu não era a única a ficar afetada com sua inegável beleza sedutora... deveria haver muitas elfos, fadas e sereias com o mesmo problema de autocontrole ao lado dele. Desta vez eu bufei, espiando o corpo esculpido em músculos estirado ao meu lado. E com raiva de mim mesma, percebi que não tinha mais o domínio dos meus olhos. Contra a minha vontade eles contornaram os bíceps de seus braços, seguindo as curvas de seu peito, descendo pelas ondas em seu abdômen e pularam por cada cicatriz, acompanhando o ritmo de sua respiração. Desta vez soltei um silvo indignado e cobri meus olhos com as mãos.

Em um único movimento, deitei-me novamente e, virando de lado, fiquei de costas para ele. O colchão de molas sacudiu embaixo de mim e senti a forma

ao meu lado se deslocar levemente com o balanço. A lateral do corpo de Vincent encostou-se a minhas costas... e minha respiração acelerou. Com extrema força de vontade, puxei o edredom até as orelhas, como se meu casulo protegesse meus pensamentos do calor que sentia ao meu lado. Vincent deixou escapar uma risada rouca e agarrei-me ao travesseiro, segurando a vontade de virar e... Bem, imaginava o que aconteceria se virasse.

Apertei os olhos com força, inspirando pausadamente, buscando uma forma de manter o foco.

– Gosto de silêncio... Se você começar a roncar vai perder seu espaço aqui – alertei aborrecida.

– Não se preocupe, vou esperar você dormir primeiro – ronronou suavemente.

– Como assim? Você vai ficar me vigiando?

– Bom... *esse* é o propósito de eu estar aqui.

– Se você não pretende dormir, por que tirou a camisa? Para se exhibir? – murmurei ácida.

– Hum... Imagino que esse seja o motivo do descontrole – murmurou divertido. – Mas eu *vou* dormir, Melissa, preciso descansar... o escudo demanda muita energia e temos muitas coisas para resolver amanhã – justificou com um tom provocador que me fez ranger os dentes. – Só quero ter certeza de que não teremos mais surpresas – completou, a voz voltando à seriedade. Determinada a não ceder a suas provocações, agarrei o edredom, apertando meu casulo repetidas vezes. – E, por favor, ajeite-se logo. Se não posso roncar, você não pode se mexer.

Isso foi demais. Descobri o rosto e me virei ligeiramente de barriga para cima. O movimento intempestivo sacolejou as molas, nos aproximando mais uma vez.

– Você se acha irresistível, não é... mago das sombras? Mas guarde seus *encantos* para suas *sereias*. Por mim, você pode entrar em coma do *seu* lado – eu me virei de lado novamente, ficando de costas para ele. – E vamos deixar uma coisa bem clara aqui... Foi *você* que me beijou primeiro! – disse irritada, puxando o edredom. – Portanto, seu autocontrole não é tão grande assim. Mago convencido – murmurei baixinho.

Depois de alguns segundos, uma marola se espalhou pelas molas e seu corpo se encostou ao meu por cima do edredom. Eu podia sentir seu calor cobrir minhas costas, mas permaneci rígida como uma pedra. Estava com raiva e daria uma lição de autocontrole ao mago das sombras.

Vincent soltou o ar demoradamente, enquanto ajeitava o edredom em meus ombros. E deslizando os dedos por meu pescoço, colocou meus cabelos

para trás.

– É bom saber que você sente ciúmes. Pensei que eu era o único, e isso me deixava em desvantagem.

– Não estou com ciúmes – sibilei impassível.

– Você fica linda quando está com ciúmes.

– Já disse que... aiirrr.

– Tudo bem. Mesmo assim, quero deixar claro que Ayla é mesmo uma amiga. Por seu controle atrativo, as ninfas não são bem-vistas no Mundo Mágico. Ela também é excluída pelos seres da montanha e vive isolada. Você sabe... os iguais sempre se apoiam – ele suspirou em meu pescoço. – Ela é confiável, Melissa. É nossa aliada.

Expulsei o ar ruidosamente, dificilmente concordaria com ele. Em meio a minha irritação, senti seu nariz roçar minha orelha. Sua respiração provocou uma sequência de arrepios em minha nuca, mas eu me mantive firme. Vincent não desistiu e beijou a curva atrás da minha orelha, demoradamente... Segurei a respiração.

– Tem mais uma coisa... Sim, *eu* beijei você. E me esforcei muito para não fazer isso antes. Pois sempre que você fica brava desse jeito, sinto uma vontade incontrolável de beijá-la. – ele pressionou os lábios em meu pescoço, roçando-os de um lado para o outro. – E você ficou brava tantas vezes... Hum... precisei descobrir um domínio da vontade que eu nem sabia que possuía. Mas havia jurado para mim mesmo que só a beijaria quando soubesse o que você sentia. E foi uma tortura esperar – ele continuou *me torturando*, deslizando beijos demorados em minha nuca.

Seu calor, seu toque e a voz ronronada em minha pele estavam me deixando tonta. Eu soltei o ar, ofegante.

– Não me lembro de... ter declarado... meus sentimentos antes... de... de você me beijar. – murmurei gaga e definitivamente aborrecida por ser tão fraca. – Portanto, você teve sorte por *concluir* o que eu sentia.

Uma risada grave tremeu em minha pele. Vincent voltou a beijar a curva atrás da minha orelha, e isso já era maldade.

– Acho que sou um bom leitor, aprendi a interpretar suas reações muito bem.

– Não. Você é convencido. Boa-noite, Vincent.

Ele levantou o rosto e ficou em silêncio por alguns segundos.

– Você não vai me dar um beijo de boa-noite? – perguntou com a voz dolorida.

– Não. Acho que esta é uma boa oportunidade de treinar o “*domínio da vontade que você nem sabia que possuía*”.

Ele soltou uma risada baixa, aconchegando-se ao meu lado.

– Tudo bem. Posso cobrá-lo amanhã... *Stur.*

– O que você disse?

– Nada. Agora durma – Vincent soprou em meu ouvido, ajeitando a cabeça no *meu* travesseiro.

Ele me apertou em conchinha, esticando o braço musculoso sobre meus ombros. Eu mal conseguia respirar.

– Não vou conseguir dormir assim. Você não pode chegar um pouco para lá?

– Desculpe, mas não consigo dormir sem apoio para o braço.

– Você disse que não ia dormir agora... Lembra-se?

Vincent apertou o braço ao meu redor.

– Boa-noite, Melissa.

Seu calor e seu perfume estavam por todos os lados, sua respiração ressoava suave em meu ouvido... Eu bufei, apertando os olhos. Jamais conseguiria me concentrar para dormir desse jeito! Mas, aos poucos, as batidas do meu coração se acalmaram. As borboletas pousaram em meu estômago e, para meu total espanto, depois de alguns minutos, senti-me completamente relaxada. Não sabia se era seu calor, seu perfume, o ritmo de sua respiração, sua presença protetora ao meu lado... ou a soma destes fatores. O fato é que eu estava sonolenta e o inimaginável aconteceu, eu dormi.

“...E agora, eu estava sozinha. Uma bruma cinza pairava ao meu redor enquanto chamava desesperadamente por Vincent. Uma dor dilacerava meu corpo, eu não sabia se estava machucada, mas doía... muito. Eu me encolhi para tentar me proteger e um vulto rompeu a fumaça, pairando ao meu lado. A capa preta balançou e uma mão se estendeu... seu gesto parecia uma oferta de ajuda. Contemplei a mão estendida e procurei pelo rosto encoberto pelo capuz, não consegui ver nada além dos olhos perversos. A agonia era intensa... e, antes que aceitasse sua oferta, alguém me puxou com determinação. Assustada eu olhei para cima e me perdi no abraço amigo de Arthur...”

Eu me remexi para fugir de meu sonho e esfreguei o rosto em algo firme, liso e quente. Meu braço apertou o apoio e senti a mesma sensação lisa e quente em minha mão. Pisquei sonolenta e reconheci meu novo travesseiro. Estava aninhada no peito forte de Vincent, envolvida por seus braços extremamente aconchegantes, enquanto ele dormia tranquilamente. Surpresa, fiquei com medo de me mexer.

Notei que o quarto estava mais claro, mas, com certeza, não havia amanhecido, o edredom estava todo embolado aos meus pés e uma de minhas pernas estava apoiada sobre as dele. Seus braços começaram a pesar em minhas

costas e seu calor estava me fazendo suar. Como conseguimos dormir assim? Girei a cabeça vagorosamente para checar se ele estava mesmo dormindo e me peguei admirando seu rosto... sereno, pacífico. Perfeito. O cabelo bagunçado em sua testa fazia o conjunto perfeito com as sobrancelhas grossas que emolduravam fileiras espessas de cílios negros. O nariz reto alinhava-se ao contorno da boca assimétrica, levemente aberta... Não contive o suspiro, Vincent ficava ainda mais lindo inconsciente.

Sorri sem perceber e ele se encolheu, reagindo ao toque involuntário de meus lábios em sua pele.

– Huuummm... – murmurou com um som grave que ecoava de seu peito. Vincent me apertou em seus braços e fiquei imóvel, por vários motivos, mas o principal deles é que eu queria que esse momento durasse para sempre.

Controlei um sorriso para não lhe causar mais cócegas e tentei imaginar o que me fez parar ali. Lembrei-me de um motivo que sempre agitava meu sono e *flashes* do pesadelo pulsaram em minha mente. Nele, um rosto me surpreendeu. Mas, isso estava certo? Eu sonhei com... *Arthur*? Como era possível que eu sonhasse com Arthur dormindo nos braços de Vincent? E a resposta veio clara... porque ele estava precisando de mim. O pensamento me inquietou e, sem querer, movi meus dedos pelas costelas de Vincent.

– Você... realmente, não consegue ficar quieta... não é? – murmurou sonolento.

Eu me encolhi. A ideia era ficar imóvel, mas acabei roçando os lábios em seu peito mais uma vez. Vincent repetiu o mesmo gemido grave, apertando-me contra seu peito.

– Desculpe – sussurrei em sua pele, sentindo ela se arrepiar abaixo do meu rosto. – Não queria acordá-lo.

– Hum... Não se desculpe por isso, *meine lieben*. Esta foi a melhor noite da minha vida.

Senti seus lábios em meu cabelo e levantei o rosto vagorosamente para contemplar dois perfeitos oceanos cristalinos.

– Eu também dormi muito bem – admiti tímida.

– Tem certeza? Você se agitou tanto. Por um momento pensei que estávamos no meio de um terremoto.

Ele soltou uma risada rouca e estreitei os olhos enquanto tentava me afastar. Não iria revelar o motivo do terremoto, mas comparar meu sono agitado com um foi bem indelicado para nossa primeira noite juntos. Vincent me segurou e, com destreza, girou meu corpo, apoiando-me no travesseiro. Ele sustentou seu peso nos braços e pairou sobre mim com um sorriso. Meu aborrecimento passou em um segundo... minha respiração acelerou e eu só

conseguia pensar que, provavelmente, estava com mau hálito matinal.

– Bom-dia, Melissa – sussurrou em meu rosto. Ele, com certeza, não tinha mau hálito.

Borboletas tentavam escapulir por minha garganta enquanto eu admirava aquele monumento de músculos pairando acima de mim... E, por via das dúvidas, queria escovar meus dentes.

– O sol ainda não nasceu – murmurei. Presa por seus braços; indiquei a janela com os olhos. – É muito cedo ainda... Você pode voltar a dormir, se quiser.

– Prefiro ficar na cama com você até o sol nascer. O que acha?

Seu sorriso provocador se estendeu desconcertante e minha respiração oscilou.

– Acho... Acho... Que está na hora de levantar – balbuciei, estranhamente nervosa.

– Ainda não. Você está me devendo o beijo de boa-noite e resolvi cobrar com juros.

Vi a certeza em seus olhos, brilhando com uma nova vontade e parei de respirar. Antes que pudesse racionalizar a situação ou formular um novo argumento, seus lábios tomaram os meus com um calor irresistível. Seu peso desceu sobre mim e senti meu corpo afundar no colchão. Sua mão segurou meu rosto com firmeza enquanto seu beijo sugava minhas forças. Vincent parecia determinado a cobrar todas as multas e juros pelo atraso... e não me importei em pagar sua exigência.

Preso em seu abraço, eu o puxei para mais perto, sentindo músculos firmes e pele macia por todos os lados. Uma de suas mãos escorregou perigosamente por minhas costelas, espalmado-se em minha cintura, procurando caminho por minha blusa... Eu tentava respirar, mas não podia me afastar daquele beijo. Lembrei de um beijo tão intenso quanto este nos jardins do palacete, de uma conversa sobre controle e decisões tomadas em comum acordo. Estávamos sozinhos agora e o momento parecia muito propício para “isso”... Eu arfei, uma mistura de prazer e nervosismo. Seu autocontrole estava definitivamente vencido. E eu, *incompreensivelmente*, o empurrei.

Vincent hesitou em me libertar, mas não pareceu aborrecido. Seus olhos brilhantes e intrépidos acompanhavam um sorriso torto, era como se estivesse... *Esperando* minha reação? Ainda segurando seus braços, escapuli de lado, corando em roxo.

– Eu sabia – murmurou sorridente enquanto eu me sentava.

– Sabia o quê?

– Nada... era apenas uma dúvida.

Bufei, irritada, ajeitando a regata na cintura.

– Você estava me testando?

– Acho que estava testando nós dois.

– Está certo. Sou covarde. Satisfeito?

– Não, você é outra coisa – ele riu. – E não vou ser hipócrita, gostei de saber disso.

Abaixei o rosto, dizer que eu estava roxa de vergonha era pouco. Meu rosto latejava, pulsando sangue para minhas orelhas e cheguei a achar que iria explodir! Sim, tinha vinte e um anos e era *virgem*! Nos dias de hoje, sabia que isso era chocante. E como podia ser diferente? Nunca tive um “namorado”! Bom... tive namoricos, alguns encontros ruins e beijos medianos, isso talvez fosse suficiente para muita gente, mas não para mim. Acho que esperava por algo... completo. Verdadeiro. Importante. E por que não dizer... exclusivo. Não saberia dizer quando esse pensamento se tornou subentendido, mas, para mim, era o mais lógico. E eu estava certa. Meus desejos mais profundos foram despertados pelo amor e isso parecia perfeito. Até agora.

Percebi o movimento de Vincent, ele se sentou também e soube que seus olhos estavam em meu rosto. Mas, literalmente, fugi de seu olhar. Lutando com as lágrimas envergonhadas que ardiam em meus olhos... empurradas pelo calor que continuava a crescer em meu rosto.

– Melissa?

Vincent ronronou meu nome sem humor, mas continuei de olhos baixos. Estava zangada, acanhada... confusa. Enrolei meus dedos na mão, mirando sua camisa aos pés da cama. Ele soltou o ar, incomodado com minha evasiva.

– Desculpe. Não era minha intenção deixá-la constrangida – murmurou em um sopro de voz, mais suave que uma simples respiração. – Você não é covarde, Melissa. Pelo contrário, é muito corajosa por valorizar um momento tão especial.

Eu queria me jogar da janela! Não me achava corajosa, me achava *idiota*! Principalmente por rejeitar *aquele* homem! Tudo bem, não havia pensado em todos os detalhes... como aconteceria, onde aconteceria. E nem tive tempo para isso! Mas sabia que ele estava certo. Eu queria que fosse *especial*. Não aqui. Escondida, apressada, com dezenas de problemas borbulhando ao meu lado.

Inspirei profundamente.

– A verdade é que... eu... eu ainda não fiz planos para esse “momento” – sussurrei, minha voz praticamente inaudível. Ouvi um suspiro e senti a mão de Vincent arrumar meu cabelo, delicada como asas de borboleta. Espiei seu rosto de soslaio só para confirmar a expressão paciente –, mas quero que saiba... não

imagino outra pessoa com quem queira dividi-lo.

Ainda pelo canto dos olhos, vi Vincent abrir um sorriso convencido, que tomou todo seu rosto. Ele se aproximou lentamente e beijou minha testa. Soltei o ar, extinguindo parte da tensão, e ele intensificou o carinho em meus cabelos.

– É uma honra fazer parte dos seus planos. – Os olhos azuis-turquesa eram sinceros, ternos. Carinhosos... apaixonados. – E, só para esclarecer, jamais desperdiçaria “nosso momento” dessa forma – falou devagar. Soltei os ombros, rendida. Vincent aguardou, o rosto ainda muito próximo. Ele correu os dedos por meu queixo, levantando-o gentilmente. Concentrei-me em seus olhos, e soube que ele estava falando a verdade. – Posso pedir um beijo de bom-dia? – perguntou com a voz cadenciosa.

Mergulhei nos oceanos turquesa, amorosos... compreensivos, e percebi que estava aliviada. Agora sabia o que *eu* queria. Confesso que a expectativa ainda existia, mas, de certa forma, era mais fácil apreciar o momento. Sem timidez, avancei para beijá-lo. Cruzei os braços em seu pescoço e mergulhei os dedos em seus cabelos, escorregando-os pela nuca para trazê-lo mais perto... desta vez queria apreciar todos os detalhes do *momento*. Deslizando uma das mãos por seu pescoço, contornei os músculos de seu peito e, antecipando sua reação, desviei de sua boca para distribuir uma linha de beijos pela curva de seu maxilar... até a orelha. Vincent arfou surpreso e retomou o controle, puxando-me para seus braços. Suas mãos possessivas apertaram-me pela cintura, deixando claro o tamanho de seu desejo. Depois de um beijo *esclarecedor*, segurei seu rosto entre minhas mãos para morder seu lábio inferior. Afastando-me com a respiração oscilante, sustentei os olhos injetados e sorri.

– Bom-dia!

Ele sorriu em resposta, atordoado. Ainda sem fôlego, pousou brevemente os lábios nos meus.

– Pode ter certeza... *isso* vai motivar muitos *planos*.

Eu sorri, satisfeita por atordoar o poderoso mago das sombras. Com um longo suspiro, Vincent controlou a respiração, afastando-me vagarosamente de seus braços. Ele me olhou de frente, o rosto sério. E aquilo me pegou desprevenida... Franzi a testa para sua mudança súbita de humor.

– Eu quero você... *Meine lieben* – o olhar turquesa penetrante estava fixo em meu rosto e seu poder espalhou uma onda anestésica por meu corpo. Meus ouvidos zuniam, ecoando seu pedido, e por um momento achei que meus ossos haviam se tornado gelatina. – Preciso. De. Você. – a poderosa voz grave estava carregada de intensidade, e a emoção que senti não atordoou apenas meu corpo, mas meu coração, minha alma. – Você merece o melhor, e quero que tenha esse *melhor* – disse concentrado. Recuperando-me de sua intensidade, eu tentava

raciocinar, buscando encontrar seu objetivo. – Estou me esforçando para planejar as coisas ao seu lado, fazer a coisa certa. Mantê-la em segurança. Mas, depois do que aconteceu na noite passada, percebi que nenhum plano está livre de falhas. Algo pode nos surpreender a qualquer momento e... – Vincent abaixou os olhos. Imediatamente, levei minhas mãos até seus cabelos para um afago. A noite passada foi uma sequência de eventos catastróficos, mas havia passado, e não precisávamos reviver isso. Deslizei uma de minhas mãos por seu braço, até encontrar sua mão, e a apertei firmemente. Ele fitou nossas mãos unidas e continuou com um sopro de voz. – Não posso mais me imaginar longe de você, Melissa. Nem mesmo um único dia. Queria muito que as coisas tivessem saído como planejei na noite passada e, acredite, meu único desejo era tornar tudo perfeito... Mas isso não importa agora, porque nosso tempo juntos é precioso, e entender isso faz qualquer minuto ao seu lado ser especial. – Vincent inspirou lentamente, apertando minha mão, como se reunisse sua determinação. – Esta é a hora de lutar com meus medos, *meine liebe*.

Desta vez, escorreguei a outra mão por seu rosto, levantando seu queixo até que seus olhos encontraram os meus..

– Estou com você. E vou continuar ao seu lado, Vincent. Sempre. Não precisa ter medo.

Ele fitava meu rosto, deliciando-se com a certeza em minha voz. Depois piscou os oceanos turquesa, bem devagar, e vi a apreensão deles se dissolvendo no conforto. Quando falou, a voz grave era suave, centrada, e dividia seus temores.

– Não quero estragar tudo para nós.

– Nada é perfeito, Vincent. Ninguém pode garantir que não vamos ter problemas. E já que estamos sendo sinceros... na maior parte do tempo, também luto com o medo de estragar tudo. – Suspirei, contornando seu rosto com a ponta dos dedos, memorizando cada traço que eu amava. – Mas... olhando para trás, acho que estamos no caminho certo – sorri timidamente. – Ter seu amor, sua amizade, sua proteção... é mais do que um dia desejei. E, por falar nisso, obrigada por cuidar de mim.

Ele entortou os lábios, perdido em meu rosto. Vincent devolveu meu carinho, finalizando-o com um beijo delicado no canto de minha boca. Depois se endireitou e, juntando minhas mãos nas dele, buscou meu olhar.

– *Ich liebe dich* – falou tão docemente que sua declaração tornou-se uma oração.

Eu sorri, esforçando-me para pronunciar a resposta corretamente:

– *Ich liebe dich auch*.

Vincent ampliou seu sorriso, que tomou todo seu rosto. Nos olhos

turquesa vi uma nova emoção crescer... era mais que júbilo, quase um êxtase.

– No meu mundo é costume dizer que precisamos de um passado para ter um futuro. Mas não concordo com isso. Depois do que vivemos neste último mês, acredito que basta um presente. – Ele parou, os olhos fixos. – Este momento é o nosso presente, Melissa. Nele podemos construir nosso futuro. Você quer este futuro?

Sua voz era um sussurro grave, envolvente, que dominou meus ouvidos... hipnotizando-me. Estava perdida naquele rosto e, apesar de notar a repentina tensão que ocupava os olhos turquesa, foquei-me apenas na emoção de suas palavras. Confesso que ainda estava atordoada pelo beijo, arrebatada pela declaração em alemão... e a confusão de seu discurso não importou. Adorava esse outro lado de Vincent... romântico. Sorri abobada. E, mergulhando nos faiscantes olhos turquesa, quase não encontrei minha voz.

– Mal posso esperar por ele.

Ele sorriu timidamente, ainda concentrado. Segurando minhas mãos com apenas uma das suas, Vincent levantou a outra, fazendo um círculo cuidadoso no ar. Percebi o movimento, a névoa violeta nos circulando... ela brilhava em alguns pontos, lindo... mas algo ainda mais lindo estava prendendo meus olhos. E não podia desviar de sua intensidade.

– Então... Você gostaria de viver este futuro, Melissa? Ao meu lado?

Afirmei novamente, expandindo meu sorriso. Mas Vincent intensificou o olhar, exigindo uma resposta. Suspirei... fascinada.

– Você sabe que sim, Vincent.

Ele sorriu tão gloriosamente que até me esqueci de respirar. Vincent não disse mais nada, apenas me abraçou. Em seus braços vi a névoa ao nosso redor clarear até desaparecer. Mas algo muito mais fascinante acontecia no rosto do meu mago das sombras. A satisfação por minha resposta o havia transformado, e sua expressão de alegria era indescritivelmente radiante. Vincent se inclinou para um beijo delicado, devotado, demorado e perfeito. Depois de um minuto apreciando o sabor de sua felicidade, ele sorriu em meus lábios.

– O que foi? – perguntei influenciada por seu humor repentino.

– Lembrei-me de uma coisa.

Ele se contorceu e, com um rápido movimento, segurava algo entre os dedos. Era pequeno como um botão, negro como a noite e brilhante como a explosão de uma *supernova*.

– Queria ter lhe dado isto ontem, mas... – suas palavras morreram com um suspiro.

– Então o vestido não era a única surpresa – falei encantada.

Vincent balançou a cabeça com um sorriso de derreter.

– Vamos dizer que orquestrei “muitos” detalhes... Mas, como percebeu, meu plano teve “muitas” falhas. Foi uma pena não chegarmos à sobremesa – disse pesaroso.

Também estava desapontada, agora só me restava imaginar o que perdi.

– Talvez você precise aperfeiçoar suas habilidades como estrategista.

– Ou... nunca consigo controlar as coisas ao seu lado.

Franzi o cenho para seu comentário, mas Vincent sorriu mais uma vez, girando a pedra brilhante entre o indicador e o polegar. Notei um fino aro prateado preso abaixo dela e admirei o anel com interesse. Era lindo... exótico e perfeito. Como Vincent!

– E então... o que acha?

– Ele é... – eu não consegui completar e sorri, abobadamente, sem palavras.

– Fico feliz que tenha gostado – disse, expandindo o sorriso que iluminou seu rosto enquanto ele desfrutava de um prazer palpável.

Vincent ofereceu o aro e estendi a mão. Mas, antes que o tocasse, um barulho ecoou no andar de baixo. Uma porta bateu e passos se arrastaram pelo hall. Recolhi minha mão, levantando meus olhos alarmados para o rosto de Vincent... sua expressão eufórica também havia sumido. Ele soltou o ar com um silvo aborrecido.

– Acalme-se. O bloqueio mágico ainda está vigorando, então, deve ser seu avô – murmurou baixo, visivelmente decepcionado.

Afirmar uma vez, levantando-me num pulo enquanto ajeitava a roupa. Vincent fez uma careta insatisfeita, ainda segurando meu presente. Levantei os ombros, também estava triste por encerrar seu momento romântico, mas a realidade literalmente batia à minha porta. E estava ansiosa por notícias desta frágil realidade.

– É melhor eu descer. Quero saber como estão as coisas no hospital. Você fica aqui – sinalizei para a cama, depois pensei melhor. – Ou pode se esconder no guarda-roupa.

Mordi o lábio, ponderando a ideia, mas Vincent não gostou. Tive de rir de sua expressão aborrecida.

– Não vou me esconder de George. Na verdade, preciso muito falar com ele. Esclarecer nosso...

– Esclarecer o quê? Que é um mago? Que passou a noite na minha cama debaixo do teto dele? Ou que não precisa de carona porque pode ir para casa pela sombra?

Vincent tinha um ar pensativo. Eu arfei.

– Nem pense nisso, Vincent! Também não quero que se esconda, mas

acho que teria mais chances de agradar-lhe se entrasse pela porta da frente, como ele. Não é hora de causar mais aborrecimentos para George – sussurrei esbaforida.

Ele bufou resignado, levantando-se sem vontade. Vincent girou o rosto uma vez e logo adotou uma expressão preocupada.

– Não há sombra suficiente para uma viagem – disse seco. Eu indiquei o guarda-roupa com o dedo... Só estava querendo ajudar, mas Vincent fechou a cara. – Vou dar um jeito. Mas quero deixar claro que pretendo falar com seu avô. Ainda hoje.

Assenti mecanicamente, seja lá qual fosse o surto cavalheiresco, não era o momento de discutir isso. Entreguei-lhe a camisa e Vincent segurou minha mão durante o movimento, enfiando o anel no meu dedo anular e murmurou algo descontente em alemão, que soou como... *“nada é perfeito”*.

Parei por um segundo, admirando a pedra negra como a noite contrastar com minha pele, até que o anel deu uma volta completa em meu dedo... era *muito* grande. Não contive o som decepcionado. Um milésimo de segundo não havia passado e o metal brilhou levemente, como se tivesse luz própria, ajustando-se, tornando a circunferência de seu aro perfeita. Surpresa, levantei a mão em um gesto contemplativo. Vincent beijou minha testa brevemente e encontrei seu olhar apaixonado... Era uma pena, mas não tínhamos tempo para isso. Sorri agradecida, murmurando um “obrigada” pelo presente. Com um passo largo, alcancei a maçaneta e, antes que abrisse a porta, um sussurro subiu a escada.

– Mel?

A voz chamou meu nome de forma carinhosa, conhecida... e vinha do andar de baixo. Sabia que aquela voz não era de George, e girei o rosto sobre o ombro para encontrar a expressão atônita de Vincent. Em um segundo, seu olhar doce mudou, o choque se transformou em cólera e ele avançou.

Corri em sua direção.

– Vincent... Não! – sussurrei urgente, apoiando minhas mãos em seu peito para segurá-lo. – Você não pode aparecer assim. Não quero que ele o veja aqui.

Vincent abaixou os olhos, irritado, mas também, magoado. Ele colocou as mãos sobre as minhas em seu peito, para me afastar... mas algo o fez mudar de ideia. Ele levantou minhas mãos nas dele, fitando-as, depois as beijou com um sorriso enigmático. Com um passo para trás, voltou a fechar os botões da camisa. Recuei até a porta, vigiando seus movimentos. E nos degraus da escada, a voz de Arthur insistiu:

– Mel? Você está acordada?

Seus passos rangeram na madeira... ele continuava subindo! Estreitei os olhos para Vincent, como um aviso, e abri uma fresta da porta, pulando para fora do quarto.

Família

Arthur parou no terceiro degrau assim que me viu.

– Oi – sussurrou com um sorriso tímido.

Desci os degraus rapidamente ao seu encontro.

– Oi... – parei encabulada, espiando a porta mal encostada atrás de mim.

Depois, com um suspiro, me concentrei no rosto entristecido à minha frente. – Como ele está?

– Mal – sua voz morreu. O rosto devastado, o olhar suplicante.

Meus olhos arderam, solidários.

– Ah Arthur... – estiquei minha mão até seu ombro. Na verdade, queria abraçá-lo, mas provavelmente estava sendo vigiada da porta do quarto.

Arthur abaixou a cabeça com uma arfada dolorida ao sentir meu toque. Antes que eu pudesse reagir, ele me puxou para um abraço. E o que eu poderia fazer? Ele precisava disso. Confortá-lo era o mínimo que eu podia fazer... e Vincent teria de entender. Arthur também era minha família. E, nesse momento, senti sua dor. Respondi a seu abraço, apertando-o com força e sua cabeça tombou em meu ombro. Um breve soluço rompeu seu peito e uma umidade rolou por meu braço.

Meu reflexo foi imediato e, carinhosamente, deslizei minhas mãos por suas costas, subindo e descendo enquanto repetia baixinho... – Vai ficar tudo bem, Arthur.

Ele me apertou mais, cruzando os braços em minha cintura, como se quisesse agarrar minha esperança. Ouvi um som oco ecoar do quarto no topo da escada e Arthur também ouviu. Ele se afastou um pouco, mas não me soltou. Olhou para o quarto no topo da escada, depois para mim, e notei uma lágrima perdida.

– Sua irmã já acordou?

– Ah... Não – respondi evasiva.

Arthur deslizou as mãos, subindo-as por minhas costas enquanto examinava meu figurino.

– Desculpe vir tão cedo... não queria acordá-la. Mas não consegui ir para casa. Precisava... – ele não continuou. Assenti uma vez, podia entender suas angústias, e ele sabia disso. Depois de alguns segundos, ele continuou – Tive de contar para minha mãe sobre a discussão com meu pai. Ela não falou nada e seu silêncio foi pior que qualquer sentença de culpa.

Toquei seu braço, afastando-o brevemente.

– Não é assim, Arthur... Todos sabem que seu pai não estava bem de saúde. Há muito tempo – tentei mediar, e ele abaixou os olhos, limpando rosto. Meu coração se despedaçou por vê-lo sofrendo. – O que aconteceu foi uma...

Ele levantou o rosto e, desta vez, fui eu quem não continuou. Entendi que a palavra “coincidência” era a justificativa que ele não queria ouvir. Endireitei os ombros, buscando um tom firme.

– Seu pai vai melhorar, como das outras vezes.

Seus olhos brilharam úmidos. A verdade é que eu não tinha certeza das minhas palavras e Arthur sabia disso.

– Espero que sim.

Sua dor tomou meu coração e não pude me conter, estiquei-me na ponta dos pés para abraçá-lo mais uma vez e, imediatamente, outro som ecoou do meu quarto. Ainda mais alto. Esse foi meu limite.

– Venha, Arthur, vamos nos sentar... – um ruído arrastado ecoou pela escada, vindo do quarto acima de nós. Arthur levantou os olhos e desviei seu rosto curioso com uma das mãos, chamando-o para mim. – Quer saber? Acho que vou fazer alguns cookies... “só para você”.

Arrastei Arthur pelo braço, precisava tirá-lo da vista do meu cavalheiro furioso. De qualquer maneira, estava na hora de Vincent deixar minha casa para resolver nosso novo problema: *o outro mago das sombras*.

Acomodei Arthur em uma das cadeiras na cozinha, avaliando a fadiga em seu rosto. Ele obedeceu a meu comando como um espantalho e ficou ali, em silêncio, o olhar perdido.

– Você deveria dormir um pouco – falei preocupada.

Silêncio. Espiei a figura largada na cadeira e comecei a reunir os ingredientes... Um minuto depois, resolvi insistir.

– Você quer café, leite ou prefere um suco? – Silêncio novamente.

Virei na pia, por um momento, só para checar se ele ainda estava ali... Bom, o corpo estava. Com um suspiro, continuei mexendo minha tigela, observando Arthur e seu olhar perdido. Mais alguns minutos se passaram e coloquei os cookies no forno.

– Vou passar no hospital assim que deixar Alice na escola... Sua mãe está precisando de alguma coisa?

Desta vez, o silêncio persistente incomodou. Cheguei perto do espantalho, cautelosa, mas Arthur não notou minha aproximação. A expressão em seu rosto era devastadora. E eu a conhecia muito bem, fiquei meses olhando para ela no espelho. Sem dizer nada, afaguei seu ombro. Sabia, por experiência, que nada que eu dissesse poderia aliviar aquilo.

Ele piscou longamente, como se acordasse de um sonho ruim.

– Mel?

Arthur finalmente levantou o rosto, seu olhar era suplicante.

– Sim?

– E se ele...

Lágrimas arder em meus olhos.

– Não pense nisso – interrompi. Não poderia deixar que continuasse.

– A culpa vai ser minha.

Segurei seu rosto em minhas mãos.

– Pare de falar assim... Seu pai estava doente. Você não tem culpa disso.

– Mas foi minha culpa agravar o quadro. E você sabe disso. Todos sabem... mas ninguém vai falar. – Seus olhos se encheram de água. – E isso não faz diferença porque eu sei a verdade.

– Essa não é a verdade e você também sabe disso – falei firme. Arthur demorou os olhos em meu rosto. – Você sabe, Arthur. Sei que sabe.

– Sei que você está tentando ajudar. E sou agradecido.

– Se não acreditasse nisso, não estaria insistindo.

Arthur colocou as mãos sobre as minhas e fechou os olhos. Nesse momento uma lágrima escorreu dos meus. Ficamos assim por alguns minutos, até batidas firmes ecoarem na porta da sala. Elas se repetiram ainda mais vigorosas, despertando-nos do momento emotivo. Eu conhecia aquelas batidas, mesmo assim, limpei os olhos vagorosamente. Fitei longamente os desertos dourados, apertando seu ombro mais uma vez... Só depois caminhei ao encontro do meu cavalheiro impaciente.

Abri a porta para o dia nublado e já sabia o que ia encontrar do outro lado. Um rosto aborrecido, mas calado. Por mais que estivesse contrariado, Vincent não ousaria reclamar da presença de Arthur em minha casa. Não hoje.

– Olá – eu disse séria.

– Oi.

Fiquei parada, esperando que ele dissesse o motivo que o fez voltar à minha casa – pela porta –, com tantas coisas urgentes acontecendo na montanha. Mas Vincent só ficou ali me olhando com seu habitual olhar reprovador.

Cruzei os braços.

– O que foi?

– Você não vai trocar de roupa? – perguntou incomodado.

Dei uma olhada rápida para baixo e apertei meu abraço.

– Você voltou para me perguntar isso?

Vincent espiou o interior da casa por cima do meu ombro.

– Você não me ouve mesmo, não é? Avisei que não a deixaria sozinha

hoje – disse sisudo. Deixei meu queixo cair enquanto Vincent me criticava com o penetrante olhar turquesa. Ele se remexeu na pequena varanda. – O bloqueio demanda muita energia, Melissa, precisava desfazê-lo. E também avisar que dispensei Félix e, por isso, preciso ficar.

A surpresa cedeu, dando lugar à preocupação. Fixei meu olhar no mago, soltando os braços.

– Félix se foi? Mas... – estreitei os olhos. – Ele foi um bom amigo ontem, Vincent, espero que tenha sido educado com ele.

Ele desceu o olhar mais uma vez, tensionando o maxilar.

– Retribuí o que recebi – disse seco. Pelo visto, ele não foi nada educado. Incomodada com seu olhar, voltei a cruzar os braços. O mago das sombras soltou os ombros, escorregando a mão pelo cabelo, como se tentasse controlar sua irritação. – Mas não precisa colocá-lo na sua lista de “preocupações”... nada de mais aconteceu. Ele me perguntou detalhes da invasão, para reportar aos outros líderes elfos, depois saiu em direção à montanha.

– Hum... – ouvi desconfiada. – Mas ele vai voltar. Não vai? Combinamos que ele iria me acompanhar no depoimento ao Conselho. Só preciso deixar Alice na escola e... – mordi o lábio, lembrando que também precisava passar no hospital.

– *Eu* vou levá-la ao Conselho. Lúcius e Félix nos encontrarão lá – a voz grave era séria. Minha boca abriu, mas não consegui dizer nada. – Ouvi sua conversa na escada... – disse frio, e isso eu já suspeitava – e imaginei que teria outras coisas para resolver aqui antes de ir. Talvez Félix não entendesse seus motivos, por isso, pedi a ele para ficar em seu lugar na vigilância.

Se minha boca estava aberta antes, agora meu queixo estava no chão. Isso queria dizer que *ele* entendia? Eu fitava os olhos turquesa, extremamente... – Procurei por outra palavra, mas era isso mesmo, os olhos turquesa eram... – *solidários*. Vincent estava preocupado com meu mundo?

– Como conseguiu convencer Félix disso?

– Nós conversamos – disse frio, nada explicativo. Fiz uma careta para a resposta evasiva, provavelmente não foi tão simples, mas ele nunca me diria isso. E, surpreendendo-me, Vincent continuou. – Nunca tive motivos para atacá-lo, Melissa, apenas devolvia o que recebia. E, acredite ou não, ele pareceu mais compreensivo hoje – o mago das sombras estreitou os olhos turquesa – ou conformado. Quer ele queira, quer não, sou um Von Berg. E nossa função é proteger as famílias da montanha. No *meu* caso, sua família. E isso ele não pôde questionar.

Ouvir sua voz grave explicar isso com todas as letras fez algo se agitar em meu peito... Não poderia desejar outro protetor. Mas não podia negar, foi

bom saber da cooperação de Félix. Lembrei-me da expressão do elfo de fogo na noite anterior ao saber do outro mago das sombras... Talvez ele estivesse repensando sua implicância. Talvez. De qualquer forma, isso era animador, e sorri abertamente.

– Acho que ele teve tempo para pensar em algumas coisas que eu disse ontem – falei, perdida no rosto do mago desconfiado. Vincent cruzou os braços e abriu a boca... provavelmente ia perguntar o que conversamos para que o elfo tivesse essa mudança súbita de julgamento, mas literalmente tinha mais com o que me preocupar no momento. – Bom, como você mesmo disse, preciso fazer algumas coisas... – mordi o lábio. – Você vai ter de esperar.

– Posso esperar. Se você me convidar para entrar.

Fixei meus olhos em seu rosto, demoradamente, tentando avaliar seu humor.

– Você tem certeza? Porque, tenho visita... você sabe. E não vou...

– Posso aturá-lo. – Vincent me interrompeu, descruzando os braços. Sustentando um sorriso torto nos lábios, ele deslizou um dedo por meu queixo, até a curva da orelha. Parei de respirar. Ele expandiu seu sorriso. – Mas também quero cookies... O cheiro está ótimo.

– Os cookies! – exclamei, correndo para o interior da casa. Vincent me seguiu prontamente e, derrapando as meias no hall, voltei-me para ele, segurando seu braço com urgência. – O momento é delicado, por favor... e quero mesmo dizer *por favor*... comporte-se! – O mago das sombras montou sua pose arrogante, esticando os lábios quase que imperceptivelmente. Soltei o ar. – É, não custa sonhar.

Entrei na cozinha sem jeito, seguida pela figura intimidadora. Arthur continuava em sua posição de espantalho e Vincent contornou a mesa, sentando-se à sua frente.

– Vamos ter companhia para o café, Arthur. Espero que não se importe.

Arthur nem se mexeu.

– Olá – Vincent cumprimentou educadamente.

Sorri, orgulhosa. Mas não houve resposta.

Voltei meus olhos decepcionados para Arthur. Tudo bem, a situação era difícil, eu podia entender. Mas Vincent entenderia? Busquei o rosto do mago e ele avaliava Arthur... Algo como solidariedade brilhou em seu rosto. Era isso mesmo? Eu estava lendo suas expressões corretamente? Pisquei uma vez, ainda avaliando, depois de alguns meses esperava ter adquirido alguma prática em interpretar as reações do mago das sombras.

Ele encontrou meus olhos.

– Melissa... os cookies vão queimar – alertou com a voz branda.

Fechei minha boca e pulei para a pia, tirei os cookies do forno a tempo e adiantei a segunda fornada. Separei-os em dois pratos e os deixei sobre a mesa.

Murmúrios de contentamento me fizeram sorrir enquanto preparava o café.

– Hum... muito bom – Vincent falou de boca cheia.

Quando voltei à mesa, meu sorriso sumiu. Vincent já havia acabado com os cookies em seu prato, mas os de Arthur continuavam intactos.

– Arthur... – falei incomodada, enquanto servia café aos visitantes – você nem tocou neles.

– Não estou com fome.

Tudo bem, isso era sério... eu entendia. Mas ele adorava meus cookies! E, pela sua cor, precisava se alimentar. Sem perguntar, enchi um copo com leite e o coloquei na frente do meu amigo.

– Então beba alguma coisa.

Arthur olhou do copo para mim e voltou o olhar para algum ponto no meio da mesa. Eu já ia ralhar com ele, quando senti um toque quente em meu braço. Olhei para Vincent, e ele balançou a cabeça em silêncio, como um aviso para eu não insistir. Confesso que meu choque aumentou, sobrepondo-se à preocupação. A inesperada onda de empatia do cavalheiro carrancudo era desconcertante. Sentei-me atordoada, agarrada a minha xícara de café. Depois de duas goladas, o constrangimento da cena tornou-se insuportável. Dancei meus olhos pelos dois rostos à minha frente e levantei desajeitada.

– Preciso trocar de roupa. Vocês podem me esperar?

Arthur balançou a cabeça, os olhos ainda perdidos, e Vincent esboçou um sorriso que pareceu aliviado.

Deixei a cozinha rumo ao banheiro e não resisti a espiar a cena sobre o ombro... Ver os dois sentados na mesma mesa era algo além da minha imaginação. Minutos depois, desliguei o chuveiro e, enquanto vestia meu roupão, notei que a cozinha continuava em absoluto silêncio. Com mais uma espiada, pulei pelos degraus até meu quarto. Concluí que as chances de eles se matarem haviam diminuído consideravelmente e, de qualquer forma, Arthur não parecia disposto a uma discussão. Não hoje.

No quarto, olhei em volta, observando a bagunça... a cama desarrumada, o edredom no chão... e senti um calor no rosto enquanto afagava o anel em minha mão. Eu, normalmente, não usava joias e era impossível não notá-lo a cada movimento, mas nem cogitava a ideia de ficar sem ele. Concluí que precisava me adaptar. Tentei trocá-lo de dedo, mas o aro prateado voltava ao seu tamanho original, sempre largo demais. Com um suspiro, voltei o anel ao meu

dedo anular e ele se ajustou como antes. Curioso... era como se tivesse *escolhido* esse dedo. Levantei a mão para admirá-lo, em um justificado momento contemplativo, e pelo canto dos olhos reparei em meus vestidos esticados cuidadosamente ao pé da cama. Eu me aproximei, curiosa, e trombei com algumas caixas de sapato. Meus sapatos? Fui até o guarda-roupa e, ao abrir as portas, averigui o espaço vazio. Instantaneamente, um sorriso divertido tomou meu rosto.

Devolvi minhas coisas ao guarda-roupa e a imagem mental de Vincent se espremendo dentro dele me fez gargalhar. Ainda rindo, arrumei minha cama, recordando doces memórias... mas o riso foi rapidamente roubado por algumas delas, dando lugar à inquietação. Mordendo o lábio, vasculhei minhas gavetas, procurando o que vestir. Visitaria o “Conselho” em algumas horas e, seja lá o que fosse, parecia importante. Com uma lufada, me rendi... precisava urgentemente fazer compras! E incluir nelas roupas decentes para dormir!

Com outra lufada, agarrei o óbvio, minhas roupas especiais. Escorreguei a blusa branca de decote canoa pelos braços, a que me dava sorte... – *tudo bem, meu carro quebrou e quase fui assaltada na última vez que a usei. Mas também encontrei com Vincent, e sua carona, com certeza, foi um presente do acaso* – e vesti meu melhor jeans. Calcei minhas sapatilhas e preendi os cabelos em um rabo-de-cavalo perfeito. Depois de caprichar no *lip balm*, procurei pelo celular novo, esquecido sobre o baú. Eu o guardei no bolso e saltitei escada abaixo. A cena na cozinha era a mesma de minutos atrás, nem um único músculo fora do lugar. Vincent me recebeu com um olhar contemplativo, que me fez corar, e Arthur esboçou algo que lembrava um sorriso triste.

Eu não tinha dado um passo na direção deles, e fui surpreendida por arranhados na porta. Meus olhos voaram para Vincent, e ele já estava de pé. Dei um passo para trás, procurando alguma tranquilidade enquanto falava com o espantalho:

– Por favor, coma um cookie, Arthur... vou ver o que há lá fora.

Arthur não pareceu se importar com minha ansiedade. Na verdade, sua atenção estava um fiasco, mas com a ameaça de uma nova invasão, não iria reclamar. O nervoso amoleceu meus joelhos e, antes que sinalizasse para Vincent, ele estava ao meu lado. Caminhei cautelosa até a porta, com meu mago protetor logo atrás, e parei com a mão na fechadura, quando mais arranhados se repetiram do outro lado. Um rosnado impaciente rompeu a madeira, fazendo-me procurar o rosto do mago das sombras... e ele exibia um sorriso. Vincent adiantou-se, abrindo a porta para um cão gigante que ocupava boa parte da pequena varanda. Uma senhora de longos cabelos acinzentados chegava logo atrás dele, segurando a saia do seu vestido verde. Pelas bochechas vermelhas e a

respiração ofegante, parecia ter corrido por alguns quilômetros.

– Olá, *chérie* – disse com dificuldade enquanto subia o primeiro degrau –, desculpe vir sem avisar... Mas Heros correu pelo Portal do Bosque – Aristela respirou fundo, sinalizando para o monstro peludo à minha frente. – Ele estava impaciente por notícias... Ninguém conseguiu segurá-lo depois que Félix contou sobre o ataque dos duendes – esclareceu, ajeitando os cabelos nos ombros enquanto normalizava a respiração.

Abri um sorriso exagerado.

– Sejam bem-vindos! – exaltei com sinceridade, desviando do monstro canino para abraçar a tutora de minha irmã. Estava muito contente com sua visita, era a primeira desde que conheci os Von Berg. – Por favor, fiquem para o café! – falei rapidamente, voltando para a porta. E um rosnado me fez lembrar que a visita não tinha um propósito festivo. Soltei o ar, encarando o cão cinzento. – Está tudo bem aqui, Heros. Alice ainda está dormindo e logo mais vamos para a escola. Tudo voltou ao normal.

Heros bufou uma vez, talvez por alívio... ou para me lembrar que nada aqui era muito normal. Ele focou sua atenção em Vincent e, pelos caninos expostos, não parecia feliz com o amigo.

– Desculpe, Armand, sei que deveria ter avisado... Mas não havia tempo. Da próxima vez, deixo alguns traseiros para você morder. O importante é que elas estão seguras. Fique tranquilo.

Um latido e um rosnado estremeceram a pequena varanda e pareceram um palavrão. Eu já não sabia se aquilo significava uma repreensão, por ser chamado por seu nome humano ou uma represália por ser excluído da batalha. Mas logo depois, Heros bufou e concluí que o assunto estava encerrado. O cão desviou os olhos para o interior da casa, farejando... Segui seu olhar, espiando por cima dos ombros de Vincent, e voltei meus olhos urgentes para Aristela.

– Ah Aristela... Temos outra visita. Meu vizinho Arthur.

Eu levantei as sobancelhas, tentando avisá-la das entrelinhas e, desta vez, desejei seu poder telepático. Quase que imediatamente, senti uma presença em minha mente, como um pensamento insistente, pedindo para eu me acalmar. Por via das dúvidas, fiquei repetindo um filminho em minha mente... O senhor Antônio, a discussão dele com Arthur, a conversa na varanda, o infarto... e finalizei com o rosto abatido do meu amigo esta manhã na escada do meu quarto.

– Ah, entendo – ela murmurou com o sotaque carregado. – Que coisa triste, *ma chère*.

Funcionou! Esbocei um sorriso melancólico e afirmei uma vez... sim, era triste.

Com um suspiro, eu me afastei, dando passagem para o intimidador gigante cinzento e a maga telepata. Seria difícil explicar a aparência monstruosa de Heros, mas ele não admitiria ser deixado para fora. Vincent caminhou à frente e parou na sala ao notar Arthur se aproximando. Meu vizinho, abatido, deixou escapar um arfar surpreso ao notar a fera à minha frente, movendo-se cuidadosamente no hall. Contornei o monstro cinzento com dificuldade para encontrar Arthur, precisava formalizar as apresentações antes de qualquer ataque de pânico.

– Arthur... Este é Heros – indiquei o cão gigante que se sentou no corredor. Heros levantou o focinho enquanto farejava o ar e logo esticou os olhos para o quarto de Alice.

– Uau. Ele é...

– Grande. Eu sei. Heros é um cachorro grande – adiantei, espremendo os olhos. E só então percebi o espanto em minha própria voz. Arthur franziu a testa.

– Eu diria MUITO grande. Tem certeza de que é um cachorro?

Sua careta momentânea de deboche trouxe um sorriso reconfortante ao meu rosto. Quando seus olhos pararam em Aristela, soube que ele segurou o comentário atrevido na boca. Este era *meu* Arthur. Ele contornou Vincent, correndo os olhos pelo figurino extravagante da bela senhora de longos cabelos acinzentados.

– Esta é Aristela Poe, a dona da casa na montanha – apresentei animada.

Com um sorriso tímido, ele estendeu a mão para a vizinha excêntrica.

– Arthur Casella. Acho que nunca nos vimos na cidade, é um prazer conhecê-la.

– Igualmente, *ma cher* – Aristela disse, apertando a mão do rapaz enquanto analisava a figura à sua frente. E sabia que sua análise era um pouco mais profunda. Esperava apenas que Arthur estivesse se comportando nos pensamentos também.

Ele desviou os olhos para mim e qualquer sinal de contentamento se dissipou, lá estavam os olhos tristes do espantalho.

– Bom... Não quero atrapalhar. Vou voltar para o hospital.

Eu me adiantei um passo.

– Você não está atrapalhando... – espiei a mesa da cozinha – e nem comeu! Você precisa comer alguma coisa, Arthur, está pálido. E precisa descansar.

– Não... – ele parou, fitando meu rosto – consigo.

– Então vá para casa. Logo mais irei até o hospital e lhe trago notícias.

Arthur esticou algo torturante nos lábios, aquilo deveria ser um sorriso.

– Agradeço, Mel. Acho que minha mãe vai gostar da visita. Mas não

posso descansar. Mesmo que quisesse – a dor voltou a seus olhos. – Eu... não posso.

Avaliei o rosto cansado do meu amigo, sabia que não adiantaria discutir sobre sua culpa ou sua teimosia, mas precisava fazer alguma coisa por seu bem-estar... e uma ideia brilhou em meus olhos. Cruzei o olhar com Vincent, desejando que ele também lesse mentes, afinal, não custava nada uma ajudinha mágica nesta hora. Vincent sustentou meu olhar, mas continuou com a mesma máscara, educada, porém inerte. Soltei o ar, aflita, voltando minha atenção para Arthur, que se movia em direção à porta.

– Eu que não posso deixá-lo ir desse jeito. Você nem comeu... – falei angustiada, olhando dele para Vincent. Mas meu mago continuava indiferente –, e deveria descansar!

Senti uma pressão em minha cabeça, o mesmo pensamento insistente, pedindo para me acalmar. Aristela tocou meu ombro, passando por mim. Ela se aproximou de Arthur, bloqueando seu caminho com um sorriso tímido.

– Sinto muito pelo que está acontecendo com sua família, meu querido, e me ofereço para ajudar no que precisar.

Arthur tombou a cabeça rapidamente, entre o incrédulo e o admirado.

– Ah... Obrigado.

– Sabe, acho que Melissa tem razão. Nestas horas, precisamos saber a hora de ajudar e a hora de recarregar as energias para continuar ajudando. – Aristela tomou o braço de Arthur gentilmente e o conduziu para o sofá. Ele cambaleou, olhando em minha direção com as sobrancelhas unidas, mas a seguiu educadamente. – No estado que está não vai ser útil, nem para sua mãe, nem para seu pai. Duas ou três horas de sono vão recuperar suas forças para dar o apoio que eles precisam.

Arthur chegou a sentar, mas levantou-se rapidamente.

– Obrigado pela preocupação, senhora, mas...

Aristela colocou a mão em seu rosto, o olhar fixo.

– *Remis à la nuit noire* – disse pausadamente em francês.

Arregalei meus olhos, lembrava muito bem destas palavras. Olhei da maga de cabelos acinzentados para Heros no corredor... foi o mesmo feitiço para dormir que Armand usou em mim na Terra das Sombras! Voltei meu olhar apreensivo para Aristela, e ela já acomodava Arthur no sofá, apoiando sua cabeça confortavelmente sobre uma almofada.

– Está melhor assim, *ma chère*? – Aristela perguntou enquanto eu corria até eles.

– Ele vai ficar bem?

– Ele só está dormindo, *chérie*. – Ela franziu o cenho – Pensei que era

isso o que queria. Que ele descansasse um pouco – falou confusa.

Meus olhos deixaram o rosto inconsciente de Arthur para encontrar o rosto prestativo da maga telepata.

– Sim, era – sorri timidamente. – Desculpe. É que eu fico um pouco nervosa com feitiços e magia.

Aristela sorriu compreensiva, mas Vincent balançou a cabeça, adiantando-se até o meu amigo adormecido.

– Mesmo assim, pediu para *eu* fazer alguma coisa – disse aborrecido.

– Então você entendeu. Por que não fez alguma coisa?

Com uma lufada, Vincent se curvou para puxar meu livro, esquecido na noite anterior, das costas de Arthur. Ele acariciou o exemplar de *A Bela e a Fera* algumas vezes, como se o estivesse limpando, depois o acomodou na mesinha lateral. O mago carrancudo prendeu meus olhos e cruzou os braços, tensionando músculos escondidos enquanto me fitava, como se estivesse com... *Ciúme*.

– Por que você me fez prometer nunca usar minha magia nele. Lembre-se? – esclareceu com o indiscutível olhar reprovador.

Assenti timidamente, em meu olhar um pedido de desculpas velado, seria melhor não alongar isso. Com um suspiro, voltei minha atenção para o rosto inconsciente de Arthur.

– Aristela... Quanto tempo ele vai dormir?

– Coloquei magia suficiente para duas horas. Ele se sentiria ainda mais culpado se dormisse mais do que isso. – Ela se aproximou de Arthur com um olhar afetuoso. – Estive por um breve momento em seus pensamentos, mas posso afirmar, ele é raro... transparente como um cristal – ela sorriu espiando-me de soslaio. – Seu amigo gosta muito de você – completou. Abaixei os olhos e ouvi um murmúrio indignado atrás de mim. Ignorando o mago ciumento, Aristela continuou –, e ama muito o pai. Sente-se culpado por ele estar no hospital. – Ela suspirou. – Espero que ele realmente melhore.

Suspirei também, vigiando o rosto tranquilo do meu amigo. Com um gesto indeciso, arrumei uma mecha de cabelo liso e teimoso para longe de seu rosto.

– Eu também espero – murmurei com fé.

Vincent trocou o peso do corpo de uma perna para outra, duas vezes, todo incomodado. Mas minha atenção estava concentrada em uma nova ideia.

– Aristela... Você acha que Alex poderia fazer algo? Um remédio ou algo do tipo... para ajudar o pai de Arthur?

Aristela tocou meu ombro com o olhar triste, desestimulando meu entusiasmo.

– Podemos tentar, *ma chère*, mas os remédios de Alex só cuidam de

enfermidades reversíveis. Ferimentos do corpo. Quando o corpo todo pede descanso, não há muito o que fazer.

Assenti, de qualquer forma, era uma chance. E não iria desperdiçá-la. Por Arthur, por Lucila, por George... por mim. Levantei o queixo.

– Gostaria de tentar.

Aristela concordou com um sorriso.

– Vou cuidar disso, fique tranquila – ela voltou sua atenção para Arthur. – Gostei dele.

– Obrigada.

Desta vez, Vincent emitia um zunido rouco, que foi acompanhado por um grunhido de Heros no corredor.

– Está bem... Está bem, já estamos indo – falei em movimento. – Vou acordar Alice, já está quase na hora da escola – sinalizei para a cozinha. – Por favor, Aristela, acompanhe-nos no café, há cookies frescos para todos... e posso fazer uns sanduíches também.

Ela assentiu. Ansioso para deixar a sala, Vincent a conduzia até a mesa da cozinha. Heros me acompanhou até o quarto de Alice e esperou paciente ao lado da cama. Minha irmã relutou ao meu chamado, resmungando sonolenta, até que ele lhe deu uma lambida pegajosa. Ignorando minha careta de nojo, Heros fixou sua atenção na menina maga, que abriu um sorriso reluzente, atirando-se no pescoço peludo.

– Heros! Heros! Eu não acredito!

A alegria de minha irmã era contagiante, e sorri também, feliz pelo merecido incentivo à sua inocência de criança. Depois da noite passada, ela merecia algo que a fizesse simplesmente feliz. Como o afago a um cachorro gigante. O monstro cinzento distribuiu mais algumas lambidas no rosto de Alice e, nesse momento, decidi que ela precisaria de um banho.

– Venha, Heros, quero lhe mostrar meu quarto... meus ursos... meus livros... meus desenhos! Fiz muitos seus!

Minha irmã pulou da cama agitada, e rodava pelo quarto deixando Heros quase tonto. Ele tentou acompanhá-la nos rodopios, mas nada gracioso, derrubou o abajur e o relógio de ursinhos.

– Calma, Armand, por favor, não destrua o quarto! – exclamei com um sorriso, mas o monstro canino parou imediatamente, olhando-me com uma expressão zangada, e apenas por educação segurou os dentes na boca. Alice virou curiosa... e entendi o olhar do cachorro encantado. – Ops – murmurei, dando-me conta da gafe. – Ah... quer dizer, Heros. Ora, Heros, cuidado! – continuei, franzindo a sobrancelha, tentando mostrar alguma zanga.

Alice não pareceu interessada na troca de nomes, mais um segundo e os

dois me ignoraram. Fiquei ali observando, com o uniforme de minha irmã nas mãos enquanto fazia careta para a bagunça... e desisti.

– Tudo bem. Vocês têm quinze minutos. Apenas isso. Depois a brincadeira acaba e aí é banho, café, escola. Certo?

Alice afirmou obediente e Armand, ou melhor, Heros, grunhiu o que achei ser um sim.

Deixei os dois e voltei para meu café da manhã, adiado por muito tempo. Espiei Arthur dormindo tranquilamente no sofá da sala e me sentei à mesa com Aristela e Vincent. O mago das sombras devorava mais alguns cookies, e observei seu apetite com empatia, também estava com fome. Depois de preparar ovos estalados, bananas com mel e muitas torradas com queijo, servi pratos generosos. Vincent ajudou-me sempre que possível e, como o perfeito cavalheiro que era, reabasteceu minha xícara com café puro... duas vezes, sem que eu falasse nada. Depois de alguns elogios dos dois aos meus modestos dotes culinários, finalmente nos atentamos aos acontecimentos do dia.

– O Conselho reuniu informações dos quatro reinos ontem, mas Félix interveio com um pedido para o depoimento de Melissa. – Aristela informou finalizando seu copo de suco. – Por isso eles não concluíram o veredicto. Mas, pelo que Vincent me contou, seu testemunho sobre a presença do outro mago das sombras na montanha vai favorecer, ainda mais, a decisão para o caso. Vincent não é mais o único suspeito, e eles não podem ignorar isso – afirmou com propriedade. – Além disso, Ayla denunciou o mau uso do “espelho das águas” pelos duendes. Ela estava irada ontem... e exigiu reparação. Também informou aos conselheiros que uma de suas ninfas detectou a presença de outro mago das sombras nos limites da Terra das Sombras. O que reforça seu depoimento, Melissa. Para completar, quando saímos de lá, Félix estava chegando para detalhar as consequências do outro ataque... o dos duendes. – Aristela mediu meu rosto, ajeitando-se na cadeira. – Eu sinto muito por isso, Melissa – disse quase culpada. Afirmei, só queria esquecer aquilo. Ela balançou a cabeça, provavelmente lendo meu pensamento. Desviando o rosto, concentrou-se em Vincent. – É melhor esperarmos uma ou duas horas no tempo daqui antes de levar Melissa, isso vai dar tempo para que o Conselho discuta o assunto. – Ela encheu sua xícara com café e olhou de Vincent para mim, levando a xícara aos lábios, e espremeu um sorriso. – Sim, depois de tudo o que vi e ouvi, acho que as coisas vão se acertar, fique tranquilo.

Vincent encostou-se à cadeira com um sonoro suspiro, o rosto procurando o meu, e sorriu alegremente... lindo de ver. Também suspirei, contemplativa, e só depois tomei conhecimento de nossa plateia. Ele procurou minha mão na mesa e a levantou ao encontro dos lábios para um beijo

demorado. Corei com sua intensidade. Aristela acompanhou a cena, claro... os olhos fixos. Ela engasgou com o café enquanto encarava Vincent, seu rosto estampava um mix de repreensão e surpresa que logo se transformou em alegria. Tossindo algumas vezes, ela se aprumou, consolidado um sorriso misterioso. Corei, imaginando os pensamentos de Vincent nesse momento.

Busquei os olhos do mago das sombras, tentando alertá-lo da indiscrição, mas ele continuava distraído, brincando com meu anel. E temi pela profundidade de seus pensamentos, ainda mais envergonhada por dividir a intimidade das lembranças em minha própria mente. Para meu alívio, Alice correu para a cozinha, acompanhada do barulhento amigo peludo, e a agitação da dupla dissipou instantaneamente meu constrangimento. Minha irmã abriu a gaiola do coelho para mostrá-lo a Heros, mas o bicho, temeroso, nem ousou sair.

– Fica tranquilo, *Fofinho*, ele não vai machucar você – abrandou. – O coelho mediu Heros e permaneceu em seu lugar. Embora entendesse as palavras de minha irmã, confiava mais em seus instintos. – Ahhh *Fofinho*! – Alice exultou decepcionada. Mas não tirou o coelho da gaiola.

Em meio às risadas, eu me levantei.

– Muito bem, Alice, o tempo acabou... banho, café, escola. Vamos?

– Eu quero cookies!

Alice e Heros se aproximaram da mesa com olhos brilhantes, e emendei uma lufada à minha impaciência.

– Muito bem... *café*, banho, escola. Última chance.

Ela assentiu e correu para lavar as mãos. Sorri orgulhosa. Enquanto Alice se ajeitava à mesa, com seu cookie e um copo de leite, a porta estalou na sala. Passos arrastados e o barulho metálico no porta-chave da mesa aparadora do hall não deixavam dúvidas... George! Logo a figura cansada apareceu em meu campo de visão. Ele espiou a sala com uma careta duvidosa e parou na entrada da cozinha de supetão, observando a mesa cheia.

Com a expressão surpresa, engasgou:

– Oh... Olá. Bom dia!

Aristela e Vincent se levantaram com cortesia.

– Bom-dia, senhor George. – Vincent cumprimentou com formalidade. George assentiu, parando os olhos na exótica senhora de vestido verde. – Acho que o senhor conhece minha tutora, Aristela Poe – finalizou as apresentações.

– É um prazer tê-la em nossa casa, senhora Poe. – George respirou profundamente e estendeu um cumprimento encabulado, beijando a mão de Aristela respeitosamente. Mais formal do que o momento merecia.

Desajeitado, começou a arrumar a camisa na calça. Isso poderia significar duas coisas... George estava incomodado com a presença da matriarca

dos Von Berg ou estava constrangido por não ter se preparado melhor para o encontro. Bom... talvez fossem as duas coisas.

– *Merçi*. Sou agradecida pela hospitalidade. – Aristela tombou a cabeça com uma reverência, depois sorriu abertamente. – Mas... com os últimos acontecimentos entre nossas famílias – ela indicou a mim e a Vincent com os olhos –, acho que a formalidade é desnecessária. Se não se importa, “George”, me chame de Aristela – ela sorriu mais uma vez, amável e, por algum motivo, George pareceu relutante. – *S’il vous plaît* – pediu.

George, finalmente, esboçou concordância, esticando o cavanhaque em um sorriso ruivo.

– Claro... “Aristela”.

Enquanto todos sorriam constrangidos, meu coração acelerou. Estávamos mergulhados na crise, mas este momento de apresentações era muito importante para mim. Um passo sério para o futuro da vida que escolhi. Com quem escolhi. Procurei o rosto de Vincent, apertando os lábios com ansiedade, e ele expandiu um sorriso reluzente, provavelmente entendendo o momento como eu. Interrompendo nossa troca de olhares, Heros levantou, movendo-se com dificuldade no espaço limitado... e arrastou uma cadeira com a cauda por acidente. O sorriso simpático sumiu do rosto de George. Ele deu meio passo para trás, mas se conteve, estudando a ameaça. Alice pulou logo atrás de Heros, abraçando o amigo pelo pescoço. O gigante cinza se endireitou, levando Alice com ele... os pés de minha irmã saíram do chão e ela soltou uma gargalhada divertida. O cão começou a balançar a cauda, que batia nas cadeiras com um barulho oco, enquanto encarava George. Entendi que Armand, ou melhor, Heros, também queria se apresentar, mas... sinceramente? Ele poderia ser menos expansivo.

– Este é o Heros, vovô. Ele não é lindo? – Alice disse animada, praticamente pendurada no pescoço do cachorro gigante.

George se deslocou para a frente, sua expressão demonstrava claramente seu início de pânico, e lembrei de minha primeira reação ao ver Alice com Heros. Para não estragar o significativo momento de apresentações entre as famílias, resolvi ajudar.

– Ele é “muito” grande *Opa*, mas inofensivo – falei com tranquilidade. George me espiou rapidamente, o rosto duvidoso. – Eu garanto – insisti.

Meu avô parou a mão no ar, ainda procurando palavras, e sabia que seu choque ia demorar a passar. Suspirei longamente, tomando a dianteira.

– Vamos chegar atrasadas à escola, Alice, hora do banho. Eu coloco alguns cookies a mais em sua mochila.

– Ah, queria brincar mais... Ele pode ficar aqui me esperando enquanto

vou à escola?

Contornei a mesa, procurando o melhor meio de explicar meu argumento.

– Alice... Preciso visitar o senhor Antônio no hospital, ele ficou doente. Provavelmente, vamos voltar lá à tarde com o vovô... e Heros não pode ficar sozinho aqui. Além disso, preciso ir ao... – eu me interrompi, fitando os olhos esmeralda. Poderia falar à minha irmã sobre a visita ao Conselho, mas uma olhada no rosto atordoado de George me impediu. – Bom... temos outros compromissos hoje. E acho que não vamos subir a montanha também. Sinto muito.

Alice soltou um som magoado, e a tristeza se misturou com a decepção em seu rosto.

– Mas eu nem brinquei com ele ontem...

Com um afago nos cabelos ruivos, suspirei, impotente. Tentei levar a menina maga pelo braço, mas ela escapuliu de mim para abraçar o amigo peludo mais uma vez. E me senti culpada por privá-la de seu momento com o amigo no dia anterior.

Aristela adiantou-se, estendendo a mão em meu ombro, sorriu compreensiva.

– Se não houver problemas para vocês, posso buscar Alice na escola e levá-la até a montanha para se distrair com Heros. Acho que você e seu avô têm muitas coisas para resolver aqui – Aristela mediu com um olhar esclarecedor.

Alice soltou Heros, para se agarrar à saia de Aristela, e George finalmente desviou os olhos do cachorro. Meu avô observou a intimidade afetuosa entre as duas e limpou a garganta duas vezes.

– Ah... Aristela, não vai incomodar?

– De forma alguma, George – a maga de cabelos acinzentados abaixou-se até Alice. – Além disso, eu e Heros adorávamos ter uma ajudante na cozinha. Acho que hoje vamos fazer aqueles bolinhos de chocolate com geleia que você gosta... Algo me diz que são os preferidos dele também. O que acha, chérie? – finalizou com um sorriso cheio de significado.

Alice abriu um sorriso escandaloso, procurando a autorização do avô.

– Acho que a proposta é muito boa. Não é, Alice? – meu avô sorriu para a menina ruiva e levantou os olhos duvidosos para Aristela. George coçou o cavanhaque, dando mais uma espiada no monstro canino. – Ela adora ficar com você e com o... Puxa, mas ele é grande mesmo, não é?

– Heros é especial, George – Aristela disse com carinho, afagando os cabelos de minha irmã, desviou do assunto que não podia ser aprofundado. – Sei que vocês estão passando por problemas e estou aqui para oferecer ajuda. No

que precisar. – A sábia matriarca dos Von Berg encontrou meus olhos. – Afinal, consideramos Melissa e Alice como membros de nossa família.

George assentiu sem rodeios.

– Agradeço, Aristela, pelo carinho com minhas meninas e pela atenção... Lucila e Antônio são grandes amigos. E Arthur é como um filho – meu avô pausou as palavras, buscando meu rosto. – Hum... Por falar nisso, Mel – ele levantou uma sobrancelha, indicando a sala com o polegar –, vi que Arthur está dormindo na sala... Ele está bem?

– Está, *Opa* – respondi à pergunta subentendida, depois, com um suspiro, respondi a pergunta exteriorizada. – Na verdade, continua mal pela discussão com o pai. Mas, finalmente, está descansando.

George estreitou os olhos, distribuindo olhares duvidosos para todos os lados.

– Hum. Estou surpreso. Lucila precisou ameaçar chamar os seguranças do hospital se ele não viesse para casa. Nem acredito que conseguiu fazê-lo descansar – meu avô soltou os ombros, balançando a cabeça. – O estado de Antônio é grave, mas está estável desde o começo da madrugada. Lucila e eu ficamos de plantão por notícias, mas o médico disse que nada deve mudar... eu a deixei descansando lá no hospital. Ela se recusa a sair de lá. Sei como é isso... e não posso julgá-la.

George abaixou o olhar com um suspiro cansado.

– Acho que deveria descansar também, *Opa*.

– É... duas horinhas de olhos fechados não fariam mal – George esfregou o rosto, concentrando-se na mesa –, mas vou comer algo antes.

– Isso. Coma... Descanse. Vou passar pelo hospital assim que deixar Alice na escola – estiquei um olhar para Aristela, lembrando-a mentalmente de meu pedido. *O remédio de Alex... O remédio de Alex...* repeti em meu pensamento. Ela sorriu brevemente e soltei o ar, afirmando uma vez. – Se tiver alguma novidade, lhe aviso.

Sem demora, arrastei Alice para o banheiro, enquanto George aproveitava o café da manhã com nossos convidados. Com tudo pronto, agarrei a mochila de minha irmã e, quando voltei para a cozinha, eles finalizavam as despedidas... e devo dizer que nunca vi George tão atencioso com Vincent.

– ...vou aguardar, meu rapaz. Até mais tarde. – George apertou a mão de Vincent vigorosamente, que acenou em resposta.

Busquei o rosto do meu mago das sombras, curiosa com o tópico da conversa durante minha ausência, mas Vincent desviou o olhar de propósito. Soltei o ar, quase aflita, sua insistência em conversar com meu avô sobre magia era apenas mais um assunto a ser resolvido antes de o dia acabar. Aristela

caminhou para a porta, agradecendo a hospitalidade, e no caminho assisti Heros tentar um último contato com George... em vão. Com cuidado, ele se desviou do cão para acompanhar Aristela. Na porta, abracei meu atencioso avô, dando-lhe um beijo extra por ser gentil com a família do homem que eu amava. Antes de deixar a casa, espiei o sono tranquilo de meu amigo no sofá, e encontrei o rosto tristonho de George no caminho... Sorri confiante, confortando-o... neste momento estava depositando toda a minha esperança em um milagroso elixir de Alex.

Caminhamos até o SUV BMW e entendi por que Vincent precisava de um carro tão grande. Enquanto acomodava a maga, a criança, a mochila e a cauda no banco de trás, ignorei as reclamações do irritado mago das sombras pela posição do banco... os ajustes desnecessários nos controles do painel e todos os outros imperceptíveis detalhes deixados por Félix ao dirigir o SUV na noite anterior. Com satisfação, preferi concentrar minha atenção na alegria de minha irmã. E era impossível não notar seu sorriso.

Alice estava radiante, espremida entre Heros e Aristela no banco de trás, ansiosa para mostrar sua escola comum aos amigos especiais. Ela não parava de tagarelar... E, mesmo contrariada por deixar o *querido* gigante felpudo no carro, despediu-se dos amigos magos no portão da escola alegremente. Não queríamos gerar nenhum tipo de pânico com a presença do monstro cinzento mas, mesmo assim, atraímos muitos olhares. E me esforcei para ignorá-los. Esta era *minha* nova família. E me orgulhava dela.

Depois de abraços e frases de encorajamento, Alice foi para sua aula. E nós, os bípedes não encantados, voltamos para o BMW... para encontrar o irritado cão gigante felpudo.

Compromissos

Com a primeira etapa de responsabilidades cumprida, nos preparamos para a segunda fase: a ajuda a Antônio. E, a caminho da Casa Botânica, já me preparava para a terceira etapa de compromissos... o depoimento ao Conselho.

Questionei como era e o que aconteceria lá... e o silêncio preocupado do cavaleiro carrancudo deixava claro que, mesmo concordando em me acompanhar, Vincent não estava de acordo com a visita. Cruzei os braços, afundando no banco da frente, e Aristela, muito paciente, tentou ajudar. Da melhor maneira que pôde, ela tentou explicar o funcionamento do protocolo... Mas era interrompida a cada frase pela cautela do mago das sombras. A indecisão de Vincent estava me aborrecendo. Suspirei algumas vezes e, na quarta interrupção, virei no banco para encarar o motorista mal-humorado.

– Vincent, se não vai me explicar, por favor, deixe Aristela continuar.

– Suas perguntas deixam clara sua apreensão, Melissa. E, se está com medo, não precisa fazer isso.

– Quero esclarecer essa confusão, Vincent, ajudar você – falei precisa e recebi um olhar duro. – Além disso, prometi a Félix.

– Ninguém vai obrigá-la a fazer uma coisa que não quer. Muito menos aquele elfo.

Balancei a cabeça. Como poderia convencê-lo de que estava curiosa, muito ansiosa, mas não com medo. Só queria me preparar!

Soltei as palavras entre os dentes:

– Eu Quero Ajudar.

Vincent me espiou com os olhos violeta e se calou. Enquanto formulava outra pergunta, o mago das sombras bufou, interrompendo-me mais uma vez.

– O Conselho vai constrangê-la por minha causa – ele apertou o volante, os olhos fixos nas lombadas redutoras. – Eles não vão pensar duas vezes antes de pressioná-la, principalmente agora. Não quero expor você. Não quero que se arrependa de suas decisões.

– Não vou – falei firme, procurando os olhos violeta. – E também, não vou constrangê-lo com um ataque histérico, se é essa a sua preocupação.

– Estou preocupado com um ataque de pânico. Eles não vão ser gentis quando descobrirem os detalhes sobre nós, principalmente que...

Esta foi minha vez de interromper.

– Defender você é um direito meu. Tanto quanto amá-lo. E enfrentarei qualquer coisa para manter esse direito.

Isso calou meu cavalheiro carrancudo de vez e, pelo espelho retrovisor, percebi Aristela sorrindo para Heros no banco de trás.

Vincent estacionou o SUV em um pátio interno da Casa Botânica, e entendi como o BMW preto sempre aparecia e sumia do nada. Entramos na grande estufa de vidro por uma porta nos fundos... E, como de costume, estava “tudo” vazio.

Com alguns passos, fui tomada pelo aroma familiar que pairava no ar. Era como mergulhar em um buquê. Cruzamos canteiros floridos, vasos gigantescos, fontes, estátuas... sempre seguindo a cauda do gigante cinza que se agitava à frente. Entre sons e luzes, notei detalhes possivelmente mágicos aos quais nunca havia me atentado. Como as agora familiares lanternas coloridas, tremulantes em azul e lilás, o som natural de correnteza que vinha da fonte de água negra no meio da estufa... Demorei meus olhos nas ondas tímidas que faziam muito barulho e, com relutância, segui os passos de Vincent atrás de Heros e Aristela.

Do outro lado da construção, na conhecida botica *old style*, vozes angelicais ecoavam quase alteradas, ainda assim, eram mais doces que o sopro do vento. Com a pouca distância foi impossível não captar frases da discussão perdida no ar...

“Ele vai levá-la até lá.”

“Ele vai o quê? Como? Juntos? Mas eu já resolvi isso! Ele não deve acompanhá-la... É arriscado. A presença dela só vai complicar as coisas. Ele não vê isso?”

Mais dois passos, e as belas vozes pararam. Vincent recuou um passo para caminhar ao meu lado e, tomando minha mão, cruzou os dedos nos meus... seu calor dispersou minha atenção das palavras perdidas.

Na porta da sala repleta de frascos coloridos, duas figuras conhecidas vieram nos encontrar. Ver seus sorrisos me trouxe uma paz familiar muito desejada.

– É um prazer vê-los aqui! – Alex exultou alegremente.

Não segurei o suspiro sorridente, sua presença era algo indiscutivelmente benéfico ao meu coração. Viviana estava logo atrás dele, e também veio nos receber com um sorriso acolhedor. Contemplar sua beleza era algo cotidiano, ainda assim, atordoante.

– Olá, Alex... Viviana – cumprimentei-os sem formalidade.

Viviana parou a um passo.

– Melissa! – ela pronunciou meu nome expandindo o sorriso. Seus cachos se acomodaram em sua cintura e, só depois de fechar minha boca, notei

um pequeno vidro em suas mãos. – Aristela avisou que você está com pressa – disse com um sopro compreensivo. Olhei da estonteante elfo de luz para a maga telepata atrás de mim... Como assim *avisou*? Ela não usou o telefone nem saiu do nosso lado. E, então, percebi o óbvio... Magia telepata era melhor que celular. A elfo de luz continuou. – Preparamos isso. Espero que ajude seu amigo. Mas preciso avisar... se for a hora dele, o elixir não será útil para curar o cansaço do corpo.

Assenti uma vez, preocupada com suas palavras. Minhas esperanças se reduzindo à metade. Peguei o vidro nas mãos cuidadosamente.

– Obrigada, Viviana... Alex. Nem sei como agradecer – girei o vidro nos dedos, observando o líquido transparente, e uma dúvida simples me fez morder os lábios. – Mas... e se Antônio estiver incapacitado a ponto de não conseguir beber isso?

Alex sorriu compreensivo.

– Desculpe, esqueci de dizer... Não é para beber.

Vincent pediu o vidrinho com um gesto e, tomando-o cuidadosamente, colocou no bolso da calça.

– Fique tranquila, vou ajudá-la com isso – disse sério. Mas seu olhar era brando e sorri para sua gentileza.

Percebi que os outros também pareciam tensos, com expressões variadas, entre cautela e apreensão. Soltei o ar com um sorriso inocente, comovida pelo cuidado e compaixão da minha nova família... Até perceber outra silhueta se movendo no fundo da sala.

Ela vinha ao nosso encontro, vagarosamente, deslocando-se em uma dança sinuosa. Levantei os olhos, contemplando seu movimento... Eu achava Viviana a personificação da beleza, mas aquela mulher tinha algo hipnotizante, capaz de congelar meu olhar admirado. Seu corpo oscilava em ondas atrativas e suas roupas finas revelavam “muito” a olhos atentos. Analisando o conjunto, parei em seu rosto. Os traços suaves e a pele translúcida eram, de alguma forma... familiares. Longas ondas de cabelo negro flutuavam ao redor de seu corpo, como se ela estivesse boiando na água, e admirá-la era algo incontrolável. Com mais um passo, suas mãos foram para os fios que se enroscavam em sua cintura, eles brilharam pelo comprimento ao seu toque... fascinante! Pisquei uma vez, já havia visto aquilo. A bela mulher passou por um feixe de claridade externa e sua pele brilhou furta-cor, olhos negros e profundos encontraram os meus e não sobraram dúvidas, eu sabia quem ela era.

Adiantei-me ao seu encontro, contornando Viviana, e minha garganta queimou ao contemplar minha visão de cima a baixo.

– É um prazer conhecê-la, Ayla.

A sereia parou com surpresa, interrompendo seu rebolado. Ela me olhou com curiosidade, avaliando sua oponente de cima a baixo. Como eu. Mas... *como poderia concorrer com algo assim?*

– Olá, Melissa – a voz doce cantarolou meu nome de forma irritante. Tentei, a todo custo, segurar a careta e esticar um sorriso de cordialidade, mas isso já era algo impossível. A sereia analisou minha postura e, com um olhar indiferente, continuou. – Se sabe meu nome, sabe o que sou... e, pelo visto, está imune ao encanto das ninfas.

Seu tom petulante fez o sangue ferver em minhas veias. Fechei as mãos em punho e falei em tom frio:

– Pensei que a prática desses encantamentos estava proibida.

Ela levantou um olhar duro para alguém atrás de mim, provavelmente, Vincent.

– Está. Mas preciso encantá-la para torná-la imune. E alguém já fez isso por mim – disse, sem me olhar, e apoiando as mãos nos quadris evidenciou suas curvas. – Isso quer dizer que alguém desobedeceu às minhas ordens... Ou que você pediu ajuda de outra ninfa e desconfia de mim. De qualquer forma, isso é traição. E gostaria muito de saber *quem* a deixou imune – a sereia levantou o queixo em minha direção, ainda encarando Vincent. O silêncio tomou o ambiente, e seu olhar negro tornou-se ainda mais profundo. – O silêncio significa que realmente não confia em mim – murmurou ácida. Trocando o peso do corpo nas pernas, Ayla largou os braços no ar. – Tudo bem! Imagino quem seja. E cuidarei disso em outro momento. – a sereia jogou algumas mechas flutuantes para trás, empinando o farto volume em seu peito sem nenhum constrangimento. – De qualquer forma, está feito. E agora posso falar diretamente com ela sem ser acusada de usar subterfúgios.

Levantei o rosto para cruzar o olhar negro da sereia e travei meu maxilar. Eu sabia do que ela estava falando, do preconceito que sofria, mas não consegui expressar solidariedade.

– Sou toda ouvidos, Ayla.

– Que bom, pois gostaria muito que entendesse o quanto é *estúpida* a ideia de encontrar o Conselho – disse rudemente, enquanto seus cabelos se agitavam no ar. – Principalmente agora, ao convencer Vincent a acompanhá-la!

Em um piscar de olhos, Vincent estava ao meu lado, enquanto um rosnado canino ecoava pela botica. Uma cauda roçou minhas pernas, e Heros veio se sentar entre nós. Eu me movi por reflexo, e Vincent segurou meu braço, como se tentasse me afastar da sereia. Olhei de Heros para ele, gritando ironicamente pelos olhos... *Ora, qual é o problema? Ela não é de “confiança”?*

– Ela está tentando ajudar, Ayla – a voz de Vincent soou dura. O olhar

reprorador preso no rosto translúcido da *amiga* sereia.

– Isso não vai ajudar, Vincent. Você sabe disso, mas não vai admitir – a sereia revidou. – Você vai se expor em um lugar nada favorável, depois do trabalho que tive para deixá-lo de fora. Justamente agora que não é mais um suspeito! A *Deva* odeia os magos das sombras, você sabe disso... e qualquer palavra dela pode complicá-lo. Ir até o Conselho é *tolice*! – finalizou indignada, agitando as mãos no ar.

Vincent procurou minha mão, cruzando nossos dedos.

– Agradeço o que fez. Sei que se esforçou para atender ao meu pedido, e isso só comprova sua amizade. Obrigado. Mas não vou deixar Melissa sozinha com eles.

A sereia apertou os lábios, esforçando-se para segurar as palavras na boca... e, por algum motivo, isso me lembrou Arthur. Com uma lufada impaciente, Ayla continuou.

– E voltamos ao ponto-chave do problema – ela deixou os lábios abertos, esticando o olhar negro para mim.

Meu nome poderia ser encaixado facilmente no fim de sua frase, e sua opinião sobre mim ficou clara. Esse foi o limite. Afastei a mão de Vincent e dei um passo à frente, contornando Heros para encarar a sereia atrevida. Ela levantou o queixo, e sua ousadia fez meu sangue borbulhar, tomando meu peito com um calor crescente... que irradiou por meus braços, queimando... Lá estava meu mau gênio manifestando-se em minha defesa.

– Sou testemunha da presença do outro mago das sombras na montanha e vou usar meu depoimento para mudar a imagem que o Mundo Mágico tem de Vincent. Quero provar que ele é de confiança. Para que ele não corra mais riscos e seja respeitado pelo que é.

A sereia balançou a cabeça com um sorriso que parecia de deboche. Precisei me segurar no lugar... apertando minhas mãos em nós, senti o calor se acumulando em minhas palmas fechadas. Vincent me seguiu, segurando meu braço novamente com alguma força. Girei a cabeça com rapidez para encarar os olhos turquesa, dando um aviso claro para que não continuasse. O mago franziu os olhos com surpresa, em seu rosto confuso estava clara a preocupação que, aos poucos, se transformou em temor. Vincent abaixou o olhar para sua mão, apertando-a ainda mais em meu braço. Soltei o ar com assombro... Ele estava temendo *meu* ataque? Vincent estava preocupado com *ela*? Com um movimento brusco, soltei meu braço de sua mão, voltando minha ira para Ayla.

– E, *para esclarecer*, não pedi a ele que me acompanhasse – murmurei ácida, indicando Vincent com os olhos. – Não preciso de guarda-costas.

– Não é o que parece – Ayla sinalizou para Heros e Vincent, um de cada

lado, com ambas as mãos, emendando uma risada afetada que mais lembrava o tilintar de sinos. *Ela estava rindo de mim?* Estreitei os olhos, contornando Heros. A sereia engoliu seu sorriso, assumindo um tom sério. – Você vai perder seu tempo, garota... Ele não corre mais riscos porque *eu* já cuidei do assunto. Acha que estaríamos *aqui* se Vincent corresse algum perigo? – ironizou, endireitando-se. Eu parei, rangendo os dentes e ela pareceu satisfeita. – E você precisa entender que ele *é* um mago das sombras, o Mundo Mágico o vê assim. Isso nunca vai mudar!

Cheguei a me deslocar para a frente, mas parei com um toque delicado em meu ombro. Aristela encostou em mim pelo outro lado... provavelmente lendo a obstinação em meu pensamento. E ela estava certa, mais uma palavra e eu voaria no pescoço da sereia. Com um olhar duro, a maga de cabelos acinzentados foi direta.

– O respeito é direito de todos, Ayla. Além disso, Vincent pode não correr mais perigo, mas ainda temos outro mago das sombras circulando pela montanha. Não sabemos suas intenções e, pelos últimos acontecimentos, muitos ainda correm perigo. Dentro e fora dela. Se Melissa pode nos ajudar a identificá-lo, temos de falar com o Conselho. – Aristela alertou com propriedade, sabia que agora ela falava como a representante da montanha. Um Von Berg.

O olhar da sereia abaixou trinta graus, *eu* quase sorri.

– Que seja – a sereia nos contornou com movimentos oscilantes, parando ao lado de Vincent. Com um gesto provocativo, deslizou a mão por seu ombro... Virei uma estátua ao lado de Aristela. Emendando um suspiro, Ayla retomou a voz doce. – Você sabe minha opinião, Vincent. E sabe, também, que só quero ajudar. Mas, se continuar, as chances aumentam... – ela balançou a cabeça, repetindo o afago – e isso pode não acabar bem.

Vincent abaixou a cabeça por um segundo, mas logo procurou o olhar negro da sereia.

– Eu não tenho mais medo – disse firme.

A sereia sustentou seus olhos, surpresa, preocupada e, por fim, levantou o canto dos lábios com um breve sorriso... orgulhoso? Ayla recolheu a mão e seu olhar negro pousou em mim.

– Boa sorte, Melissa. Vai precisar.

A sereia nos deu as costas e, no segundo passo da beldade exótica, Vincent se virou.

– Ayla... – ele chamou e ela girou calmamente. – Eu confio em você. Obrigado mais uma vez. Por tudo.

A sereia sorriu triunfante. Com um breve balançar de cabeça, desviou de Alex e Viviana, percorrendo rapidamente a distância até a fonte de água negra.

Ela subiu na mureta de pedra e pisou dentro da fonte, afundando suavemente, como se descesse por um elevador. Quando a figura desapareceu completamente, o barulho de água corrente diminuiu até cessar. Eu ainda olhava a fonte, atordoada pelo encontro inesperado, e senti o sangue esfriar em minhas veias como reflexo do conflito em minhas emoções... Algo entre uma próspera simpatia e a aversão dominadora. Acordei de minha reflexão com um toque quente em meu rosto.

– Sei que sua primeira impressão dela não foi agradável. E concordo, Ayla é temperamental, incorrigível, mas também é sincera e...

Eu o interrompi, afastando sua mão.

– Leal aos amigos – completei. Vincent fez uma careta, reprovando minha rejeição, mas pareceu aliviado com minha conclusão. Rapidamente, esclareci. – Isso não quer dizer que gosto dela.

Ele entortou os lábios, repetindo o afago e, desta vez, fechei os olhos, apreciando o carinho. Com uma longa inspiração, voltei para minha outra realidade... que me esperava longe dali. Frágil, comum e nada exótica. Busquei os rostos ao meu redor e abri um sorriso amarelo.

– Desculpe por todo esse... – gaguejei timidamente, envergonhada pela “cena”. Viviana e Alex retribuíram meu sorriso e Aristela assentiu uma vez, unindo-se a Heros. – Bom – continuei encabulada – eu adoraria ficar, mas tenho de ir agora. Ainda temos muito a fazer.

– Não se preocupe com o tempo que isso pode levar, *chérie* – Aristela adiantou. – Vou cuidar de Alice, e você pode buscá-la na montanha quando tudo acabar – balancei a cabeça. Então, o tal Conselho não ficava na montanha... hum... meus olhos saíram do foco enquanto eu estudava o emaranhado de possibilidades. Aristela continuou em tom condescendente. – Sei que vai se sair bem, Melissa, lembre-se apenas de ser firme – a maga alinhou os ombros, deixando claro seu conhecimento sobre o assunto. – Responda às perguntas que lhe fizerem com exatidão e propriedade. Não demonstre dúvida ou medo. Você não tem nada a temer – articulou. – E boa sorte no hospital, espero que a fórmula de Alex cumpra seu propósito.

Afirmei mais uma vez, absorvendo seu conselho com a seriedade que ele merecia. Depois, soltei os ombros, girando os olhos pelos elfos.

– Eu... nem sei como agradecer – falei com sinceridade, levando as mãos ao peito. – De verdade. Obrigada. A ajuda de vocês é muito importante para minha família.

Viviana e Alex expandiram sorrisos, mas o elfo de sorriso amigável ficou sério de repente.

– Acredito que o *remédio* tenha o efeito esperado, Melissa, mas a magia

não opera milagres. Um corpo cansado pede apenas a...

Interrompi o discurso preocupado de Alex.

– Eu entendi, Alex, fique tranquilo – dancei o olhar entre os elfos. – Mas preciso tentar tudo o que estiver ao meu alcance para evitar que isso aconteça. Se funcionar, vou ajudar muitas pessoas, não só Antônio.

Os elfos concordaram, e Vincent adiantou-se.

– Aristela, vou deixar o BMW. Se quiser, Alex pode levá-los de volta à montanha – ele colocou o braço ao redor de minha cintura. – Precisamos economizar tempo.

Procurei o rosto do mago das sombras... surpresa. Entendendo o significado por trás de seu discurso prestativo. Com um sorriso, concluí que ele estava encarando as mudanças mais naturalmente do que esperava. Despedimo-nos rapidamente, e fui arrastada pelas mãos do meu mago impaciente.

Vincent atravessou a construção de vidro entrando no escritório escuro do outro lado... e eu me lembrava dele. Embora estas lembranças distantes parecessem pertencer a outra pessoa. O mago das sombras foi até a vidraça, puxando as cortinas com movimentos bruscos. Sem dificuldade, ele me encontrou no escuro e, aproximando-me de seu corpo, falou em meu ouvido:

– Segure-se. E não solte.

Eu sorri. Estremecendo com a voz ronronada, completei:

– Por nada.

Uma risada rouca tremeu em meu pescoço e me arrepiei novamente. Senti seus braços ao meu redor, apertando-me com vontade, e agarrei-me a eles, firmemente. No curto tempo de uma respiração, o chão sumiu embaixo de meus pés. O vento gelado corria veloz ao nosso redor e sons distantes tornaram-se murmúrios concentrados... Um cheiro peculiar ocupou o ar ao nosso redor, lembrava éter e material esterilizado. Todas as impressões da viagem ainda rodavam ao meu redor quando emergimos no escuro. Senti o chão pousar em meus pés e levantei o rosto... mas não vi nada na escuridão. Nada além de brilhantes olhos violeta.

– Acabou? – perguntei tímida.

– Quer mais?

A retórica em forma de pergunta me fez estreitar os olhos. E sabia que ele poderia ver isso.

– Sim, acabou. – Respondeu bem-humorado e estalou um beijo em minha testa.

– E onde estamos exatamente?

– Em algum armário do hospital – dedos escorregaram por meu rosto – nunca estive aqui, Melissa, foi o melhor que pude improvisar – sussurrou em

meus lábios.

O calor de sua respiração roçava minha pele e seu perfume ocupou cada mínimo espaço dentro dos meus pulmões... Sorri atordoada.

– Obrigada.

Seu corpo se espremeu contra o meu e soube que ele iria aproveitar o “momento”. Tateei no escuro, deslizando minhas mãos por seu peito de propósito e cruzei os braços ao redor do seu pescoço... entendendo perfeitamente seus motivos. Talvez não tivéssemos muitos momentos a sós como este, com tantos compromissos durante o dia, e precisávamos valorizá-los.

Minha respiração vacilou quando suas mãos desceram por minhas costas, apertando-me possessivas. Vincent curvou-me para trás, levemente, enquanto lábios quentes encontravam meu pescoço, passeando demoradamente pelo decote canoa. O rastro de calor que eles deixaram pareceu amplificado no escuro, acendendo um calor avassalador que rodava entre nós... parei de respirar. Inesperadamente, seus lábios me deixaram, mas foi por um breve segundo, apenas para tomar minha boca com um arfar apaixonado. O beijo demorado e profundo acalmou meu coração, que ainda pulsava abalado pelo encontro com a sereia. E sua intensidade não deixava dúvidas sobre a escolha do seu coração. Descontrolada, sorri em seus lábios. Vincent deslizou o rosto no meu, talvez entendendo minha reação, ou apenas reagindo à minha felicidade. Ele mordiscou minha orelha, depois a afagou com o nariz... e a respiração ofegante foi interrompida por um murmúrio:

– Eu. Te. Amo – disse palavra por palavra, como se estivesse lendo meus pensamentos.

– Eu sei.

Mais um beijo estalou em minha testa, e Vincent apertou-me em um abraço. Desta vez, o ar me foi roubado pela força de seus braços... e jamais me preocuparia em respirar de novo. Aquele tipo de abraço não precisava de motivos, era apenas uma necessidade que parava o tempo ao nosso redor. Infelizmente, o calor de seu corpo deixou o meu... vagorosamente. E, como sempre, relutei em soltá-lo. Mas um feixe de claridade cegou meus olhos, retirando-me de nossa bolha.

Vincent saiu pela porta, conduzindo-me pelos corredores verdes. Seu olhar atento espiava as janelas das salas e suas placas de identificação. Segui suas mãos, o coração ficando apertado com minha próxima missão... e uma parte dele antecipou preocupações de futuros acontecimentos.

– Vincent?

– Sim – murmurou, espiando outra sala com leitos vazios.

– O que Ayla quis dizer com... *“isso pode não acabar bem”*?

Vincent parou no corredor verde, trazendo-me com cuidado ao encontro de uma parede. Seu olhar buscou o meu, avaliando a angústia em minha pergunta.

– Ela falava sobre a maldição dos magos das sombras, Melissa – disse calmo – só queria me alertar. – Suas palavras eram suaves, mas perfuraram lentamente meu coração. Era difícil admitir que *ela* soubesse mais sobre Vincent do que eu. Afirmei uma vez, abaixando os olhos. Vincent tocou meu queixo, levantando meu rosto. – Mas eu não vou deixar uma lenda controlar minha vida – olhos turquesa brilharam nos meus. – Não mais. E nada vai tirar você da minha vida agora. Você é meu destino... Lembra-se?

Eu sorri, saboreando a certeza em suas palavras. Levantei a mão para um carinho em seu rosto e o trouxe para um beijo delicado. Vincent obedeceu ao meu comando, respondendo ao beijo, mas rapidamente levantou a cabeça... acompanhei seu movimento e meus olhos ultrapassaram uma vidraça. Do outro lado, reconheci um corpo robusto, aconchegado em uma poltrona reclinável.

– Lucila! – exclamei aliviada – É aqui.

Contornei Vincent para atravessar o corredor, entrando no quarto asséptico com cautela. Lucila dormia tranquilamente em uma poltrona larga à frente da porta, embalada pelo bip do monitor cardíaco que ecoava nas paredes... rítmico e aflitivo. Ao seu lado, uma cama hospitalar acomodava um corpo inconsciente, coberto por fios e sondas. A imagem era desoladora. Passei por Lucila com cuidado para não acordá-la e fui ao encontro de Antônio. Mal me encostei na cama e uma figura rígida estava ao meu lado. O rosto de Vincent observava a inconsciência do homem fragilizado com um incômodo penoso. E me dei conta que talvez fosse sua primeira vez em um hospital, ao lado de um enfermo. Um sentimento solidário apertou meu coração e voltei meus olhos para Antônio, relembrando a imagem perturbadora de minha mãe nas mesmas condições, depois do acidente.

Um gesto cauteloso do mago chamou a minha atenção. Em silêncio, Vincent retirou o vidrinho com o remédio de Alex do bolso, posicionando-o acima da cama. Com outro movimento cuidadoso, apontou para seu alvo e abriu a tampa. O líquido transparente se espalhou no ar, como se fosse derramado por uma superfície. Depois oscilou em ondas borbulhantes, transformando-se em um pó esbranquiçado. A chuva quase transparente acomodou-se sobre a pele exposta no braço de Antônio, penetrando lentamente. Um espasmo correu seu corpo e eu me sobressaltei. Vincent segurou meu braço, firmando-me no lugar. Meus olhos correram para o monitor cardíaco, mas ele continuava inalterado... rítmico e constante.

Com delicadeza, o mago procurou minha mão, curvando-se até meu

ouvido.

– Está feito. Agora depende dele.

Seu olhar esperançoso acalmou meu coração. Eu assenti, levantando os lábios no canto.

Silenciosamente, deixamos o quarto. Estiquei um último olhar carinhoso para o rosto adormecido de Lucila e saímos para o corredor. Vincent buscou minha mão quando percebeu a aproximação de uma enfermeira, mas eu me desvencilhei dele para segui-la. Com alguns passos apressados, alcancei a senhora de branco, oferecendo-lhe um sorriso tímido, porém simpático.

– Oi... enfermeira... – Chamei e ela parou, virando-se com uma expressão pouco convidativa. Insisti no sorriso. – Você pode fazer a gentileza de avisar à senhora Casella, daquele quarto ali, que Melissa Wels esteve aqui?

Apontei o quarto verde, desviando de Vincent. Quando voltei o olhar para a enfermeira, ela parecia horrorizada. Mas seu choque durou pouco. A mulher desviou o olhar de Vincent contendo a careta, fechou a boca e, medindo-me com os olhos, foi muito objetiva:

– Vocês estão sem crachá de identificação. Como entraram aqui?

Despreparada para seu interrogatório burocrático, gaguejei:

– Ah... Nós... ah...

Eu encarava a enfermeira mal-humorada procurando um argumento. Impaciente, ela puxou um telefone sem fio do jaleco e começou a discar. Meus olhos se arregalaram... *Ops, problemas*. Vincent bufou atrás de mim e, puxando-me pelo braço, colocou-me atrás dele. Buscando o olhar reprovador da enfermeira, disse concentrado:

– Isso não é importante – a voz grave era firme. Imediatamente os dedos da mulher pararam no teclado numérico. – Avise à senhora Casella da visita de Melissa Wels. Apenas isso.

A enfermeira afirmou uma vez, no rosto o familiar olhar perdido.

Balancei a cabeça, entre a gratidão, por Vincent ter usado seu poder de persuasão para nos livrar do imprevisto, e o desacordo, ao vê-lo usar interferência mágica em um inocente. O mago das sombras encontrou meu olhar duvidoso e montou sua pose arrogante.

– Não me diga que você realmente iria perder nosso tempo explicando o inexplicável – ralhou, arrastando-me pelo corredor.

Com um dos incompreensíveis murmúrios em alemão, ele marchou até uma porta. O mago avaliou a placa torta pendurada acima dela e entrou no cômodo apertado... levando-me com ele. A porta fechou às minhas costas, escurecendo tudo ao nosso redor. Desta vez, sabia o que ia acontecer e me antecipei, espremendo-me contra seu corpo enquanto agarrava seu pescoço.

Vincent soltou o ar, quase surpreso, mas levou menos de um segundo para apertar os braços fortes ao meu redor.

– Sabe... Estou gostando muito de viajar pela sombra com você – disse próximo ao meu ouvido, a respiração levemente acelerada.

Seus braços escorregaram até minha cintura, e ele me levantou ao seu encontro. Antes que eu respondesse à sua ironia, seus lábios ocuparam os meus. O beijo inesperado retomou toda a intensidade do último, como se ele nunca tivesse sido interrompido. Em pouco tempo, eu estava sem ar em seus lábios. Rendida e com o coração acelerado, fechei os olhos e mergulhei meus dedos em seus cabelos, entregando-me ao seu calor. Vincent recebeu minha resposta com um arfar divertido, mas não parou os beijos ávidos, que agora exploravam meu pescoço. Nem mesmo quando falou entre eles.

– Não vejo a hora de tudo isso acabar... para começarmos *nossos* planos.

A urgência de sua voz grave deixou-me sem ar. De verdade. E foi minha vez de arfar em seus braços. Fui surpreendida, mais uma vez, pelo vento que corria ao nosso redor... a viagem já havia começado. Por reflexo, apertei as unhas em sua nuca, e isso fez Vincent aprofundar o beijo. Ele não desgrudou os lábios dos meus e sentimentos se multiplicavam, ambíguos; descoordenados. Entre a euforia que o prazer de seu beijo causava em meu corpo e a ansiedade que se misturava ao temor pelo novo destino.

De olhos fechados, senti as emoções conflitantes se misturarem ao calor do meu amor, seu sabor, seu perfume... e tudo foi substituído por algo novo... fresco, quente e levemente adocicado. Essa sensação trouxe um cheiro reconfortante, familiar, que se espalhou, aconchegante, e cresceu em meu peito com outro tipo de prazer... Felicidade.

O som do vento ao nosso redor aumentava e diminuía em uma dança constante, ressoando entre a brisa na folhagem e a ventania em uma tarde de tempestade. Ecos de gargalhadas misturavam-se ao suave canto de pássaros, mas, aos poucos, tudo ficou distante. Os sons se perderam e algo doce se intensificou em minha boca, como se estivesse dentro de mim. Eu podia sentir seu gosto doce tomar o beijo... lembrava jasmim... Mergulhada nessa tempestade sensorial, quase não percebi o vento parar ao nosso redor. O aroma também mudou, rapidamente, tornando-se acre, como resina de árvore.

Agora, o calor aconchegante em meu peito era quase sufocante. E esse epicentro borbulhante espalhou-se em ondas, queimando todo meu corpo, misturando-se ao abraço de Vincent. Era como enrubescer de dentro para fora. À medida que o calor se concentrava em meus braços, uma sensação vívida de força e jovialidade dominou minha mente. E essa força parecia fora de controle... Apertei os braços no pescoço de Vincent, e ele retribuiu o gesto com todo seu

ardor. O prazer do seu calor correu em minhas veias e a sensação extasiante era indescritível, poderosa, suprema. A necessidade de tê-lo, de absorver o poder de seu amor tornou-se insaciável. E senti esse calor correr para meu peito mais uma vez, mas era diferente agora, ainda mais forte. O gosto do beijo também mudou e, durante o êxtase sensitivo, Vincent arfou, abaixando-me enquanto nos separava.

O chão estava abaixo de meus pés e abri os olhos... ainda estava escuro e o pouco espaço deixava claro que estávamos em outro depósito ou algo menor, muito menor. Vincent balançou, apoiando-se em meus braços, e rapidamente moveu-se novamente, escapando de mim. O gosto amadeirado em minha boca misturou-se ao cheiro acre que estava por todos os lados, eu franzi o nariz, agradecendo quando Vincent abriu passagem para a claridade.

Quando saímos, fui golpeada por aquele outro cheiro... fresco, quente e levemente adocicado. Inspirei profundamente, *muito melhor*. Uma breve espiada ao redor foi suficiente... não estávamos em meu mundo. Meus olhos correram do céu rosado ao prado florido de branco e pararam nas construções de pedra da vila medieval. Girei o rosto para o grande tronco oco da árvore que serviu de passagem... e notei o mago das sombras apoiado nela.

– O que foi, Vincent? – segurei seu corpo pela cintura com dificuldade, ainda afetada pela intensidade sensorial do beijo. – O que está sentindo?

Ele olhou para mim com um misto de espanto e curiosidade.

– Você... – ele arfou mais uma vez, buscando o ar. – Você sentiu algo de estranho dentro do tronco? – perguntou tentando se endireitar.

Analisei a ansiedade em seu rosto, tentando entender o que poderia tê-lo afetado. E corei. Ainda sentia o calor tremular em meu peito, mas ele se acomodava, como minha respiração.

– Eu não sei... Senti a viagem. E estava concentrada, você sabe... no beijo. Acho que senti muita coisa, para falar a verdade – falei encabulada.

Vincent ainda me olhava com atenção, e não pareceu se importar com meu embaraço. Ele estudou o tronco oco e correu os olhos ao nosso redor.

– Deve haver alguma armadilha dos duendes aqui. Só pode ser – ele respirou profundamente. – Eles não gostam de dividir suas passagens, por isso colocaram uma armadilha. Droga! Eu devia ter desconfiado, mas realmente não tinha opções – murmurou apoiando-se mais uma vez. – Este era um dos únicos pontos escuros antes da cidade. Os outros são molhados demais, sujos demais ou povoados demais... não me pareceu educado invadir a casa de alguém em sua primeira visita. Eu só queria algum tempo, para que pudesse se familiarizar com o lugar, mas agora preciso do dobro do tempo para me recuperar.

Olhei da árvore para o cenário ao nosso redor e parei no rosto abatido de

Vincent.

– Como está se sentindo?

Afaguei seu rosto, preocupada, e um calor dormiente correu por meu braço, aquecendo minha mão. Vincent segurou minha mão em seu rosto, arregalando os olhos.

– O que foi isso? – perguntou. E afastei minha mão.

– Isso o quê?

Vincent pegou minha mão novamente, girando-a de um lado para o outro, e a apertou firmemente entre as dele. Concentrou-se em meu rosto e pareceu ainda mais preocupado.

– Seus olhos estão... Como *you* está se sentindo, Melissa?

– Não sei. Quente, talvez. Mas sempre fico assim quando nós estamos... – encontrei seus olhos e limpei a garganta. – Enfim, você entendeu. – Pelo seu olhar, ele estava muito longe de entender. Não estávamos falando da mesma coisa. – Exatamente o que eu deveria sentir? – perguntei cautelosa.

– Calor? – Vincent tocou meu peito, acima do coração. Estremeci. – Aqui – disse suavemente. Seus dedos deslizaram por minha blusa, contornando meu ombro, passando por meu braço até minha mão – e ele corre para cá. – Ele cruzou os dedos nos meus, os olhos turquesa fixos em meu rosto, avaliando minha reação. Afirmei, timidamente, e ele arfou. Chocado. – Isso não pode estar acontecendo! Você não é uma... – ele balançou a cabeça em negativa. – Não, nunca foi! Como os duendes fizeram isso eu não sei, mas algo dentro do tronco sugou boa parte do meu poder e – ele piscou, sacudindo a cabeça, muito perturbado – de alguma forma, parte dele está em você.

Eu pulei para trás, assustada.

– O quê? Como... Como você... – abri e fechei minha mão, depois esfreguei meu braço. – Como você pode ter certeza de que... que ele está... que eu estou com ele?

Vincent encostou-se na árvore, os olhos ainda em meu rosto.

– Seus olhos.

– O que têm eles?

– Estão violeta.

Desta vez fui eu quem precisou de apoio, meu corpo estava pesado demais para minhas pernas. Apoiei uma mão no tronco e pisquei duas vezes. Esfregando a testa com a outra mão, avaliei a mim mesma. Estava me sentindo como? Bem? Mal? Normal? Diferente? Em uma avaliação geral, eu me sentia bem. Muito bem, na verdade. Ainda assim, não consegui segurar a taquicardia no peito. Encarei fixamente o mago à minha frente, sentindo o nervoso tremer por todo meu corpo.

– Não se preocupe, Melissa, se for um feitiço de transferência, é temporário.

Eu arfei mais uma vez. Dizer que eu estava alarmada era pouco, meus olhos deveriam estar esbugalhados...

– *Se?*

Vincent me observava com curiosidade e falou distante, como se analisasse outros pensamentos mais importantes.

– Você tem razão. Não há *se*. É um feitiço. A não ser que você seja maga e possua o dom de absorver poder – ele balançou a cabeça, convicto. – Não.

De repente, minha boca ficou seca... lembrava desse dom, era um dos perigosos, os tentadores... o dom de Ludwig. Vendo meu choque, Vincent piscou, concentrando-se.

– Acalme-se... Isso não é possível. Você não está brilhando e, mesmo tendo uma maga na família, está um pouco velha para uma transformação genética. Se fosse uma maga, seu poder já teria aflorado. Ou, pelo menos, dado algum sinal de evolução. Isso não pode acontecer assim, de uma hora para outra – ele fechou os olhos brevemente, parecia mesmo muito cansado. – Portanto, a não ser que você seja algum tipo de ser mágico, o que é ainda mais improvável, foi um feitiço.

Abaixei os olhos, acalmando minha respiração enquanto conferia a mim mesma... eu não estava brilhando. Com certeza. Embora tivesse meus momentos *alien*, sabia que a definição não me incluía no catálogo mítico desse mundo. Toquei minha cicatriz... e nunca queimei ninguém!

– O que isso vai fazer comigo?

– Nada. Apenas deixá-la mais forte. Ou muito agitada, como uma superdosagem de energético. Como não pode armazenar, seu corpo deve consumir essa energia extra em pouco tempo. Isso não vai lhe fazer mal. Mas *eu* fui pego de surpresa, não estava controlando o fluxo... e agora, estou fraco – ele balançou a cabeça. – O feitiço de transferência deve ter nos conectado pelo beijo. Não sei o que os duendes colocaram ali, mas isso realmente não teve graça.

Eu me aproximei devagar, com medo de lhe causar algum mal. Vincent escorregou para o chão, apoiando as costas no tronco.

– E não posso devolvê-lo a você?

Ele levantou o rosto com dificuldade e suspirou uma vez. Percebi que seu rosto estava cada vez mais abatido, pálido, como se estivesse doente.

– Se fosse uma maga... e soubesse como... Mas você não é. E não estou em condições de sustentar sozinho um feitiço desse porte.

Vincent apoiou a cabeça na árvore, respirando fundo, enquanto fechava

os olhos. Sentei-me ao seu lado e, com um gesto calculado, acomodei seus cabelos para longe do rosto.

– Posso fazer alguma coisa?

– Concentre-se com vontade e, nas próximas horas, pode até fazer chover – disse com um sorriso no canto da boca. E abriu os olhos brevemente para confirmar minha careta.

– Muito engraçado – reprovei seu sorriso. – Quero saber se posso fazer alguma coisa por você – completei, afagando seu rosto, da têmpora ao queixo.

– Isto está ótimo.

Ficamos assim, sentados um do lado do outro por alguns minutos. Com mais um suspiro, Vincent abriu os olhos, os oceanos turquesa brilhavam claros, fixos em meu rosto.

– Bem-vinda à Terra da Luz – disse seriamente.

Olhei em volta, mais uma vez, admirando a paisagem surreal. Depois, voltei os olhos para minha paisagem preferida.

– Obrigada.

Terra da Luz

Vincent havia deitado em meu colo, estava de olhos fechados havia alguns minutos e tinha quase certeza de que estava dormindo. Ele segurava uma de minhas mãos em seu peito, com a outra eu acariciava seus cabelos, vagarosamente. Sabia que ele precisava recuperar as energias, descansar... e, por mim, ficaria o resto da vida nesse prado. Sentindo o toque da brisa fresca, ouvindo o canto dos pássaros, acariciando os cabelos do homem que amava enquanto velava por seu sono. Suspiro. Mas sabia que em algum momento precisaríamos acordar do sonho. Levantei o rosto, fitando o céu rosado... isso parecia um sonho. Não porque eu estava na esperada Terra da Luz, mas porque a paisagem ao meu redor era digna daqueles sonhos onde não queremos acordar.

Embora a recepção tenha sido cheia de surpresas, neste momento não parecia tão traumática... nada que pudesse reclamar. Distraída, encostei minha cabeça em uma saliência da árvore e comecei a enrolar meus dedos no cabelo de Vincent. Eu admirava o prado florido à nossa frente, os muros de pedra da vila medieval além dele... *o que nos esperava lá?* Meus batimentos cardíacos aceleraram, mas logo foram controlados pela carícia da brisa em meu rosto. Seu aroma familiar confortou meu coração, levando minha ansiedade. Ela soprou mais uma vez, levantando meus cabelos, um convite irrecusável para eu fechar os olhos. Era sereno, aconchegante... Acordei com um toque em meu rosto.

Abri os olhos lentamente, piscando algumas vezes, até entender onde estava. Dois oceanos cristalinos me fitavam e, mesmo sendo a visão de um anjo, ainda tinha consciência de que aquilo não era um sonho.

– Oi.

– Oi – sorri abobada. Escondendo um bocejo, concentrei-me. – Sente-se melhor?

– Sim, o sono ajudou um pouco. Mas gostaria, mesmo, é de uma barra de chocolate. Isso iria ajudar.

Ponderei por um segundo.

– Eu também gostaria.

Vincent sorriu divertido, balançando a cabeça levemente enquanto se espreguiçava. Tudo bem, eu não precisava me recuperar, pelo contrário, segundo ele, estava com uma dose extra de energia. Mas não sentia *nada* de diferente e, por isso mesmo, *nunca* negaria chocolate.

– Infelizmente, não trouxe nenhum comigo, então, acho melhor nos mexermos. O Conselho nos espera, e este imprevisto nos atrasou mais do que

imaginei. – Vincent repetiu o afago em meu rosto. – Não que esteja reclamando, *meine lieben*, é um prazer acordar ao seu lado.

Sorri, corando.

– Digo o mesmo. E, por mim, continuaríamos aqui por horas... – eu me espreguicei também, esfregando os olhos para dissipar a moleza. – Quanto tempo dormimos?

– Quase uma hora – Vincent parou os olhos em meu rosto, entortando os lábios.

Percebi sua atenção analítica e me remexi incomodada.

– O que foi agora?

– É que... com a dose extra de energia, você não deveria sentir sono. Na verdade, estaria ansiosa para correr uma maratona.

Fiz uma careta, levantando-me. E, ignorando seu olhar curioso, comecei a ajeitar a roupa.

– Talvez já tenha passado.

Ele balançou a cabeça enquanto se levantava também, depois, segurou meu rosto entre as mãos.

– Seus olhos voltaram à cor normal – murmurou para si mesmo. – Curioso.

– E isso não é bom?

– Sim, é – ele afagou meu rosto, deslizando as mãos. – Mas tão rápido assim – e parou, procurando minha mão, e a apertou concentrado. – É, acho mesmo que se foi, não consigo senti-lo pulsar. Ou – ele voltou os olhos para meu rosto, estudando-o com as sobrancelhas unidas – você o absorveu. – Vincent piscou, rindo com certo humor. – Não. Isso é impossível.

Depois de alguns segundos duvidosos, ele deu um tapinha em minha mão, afastando-se um passo. Apoiando as mãos na cintura, o mago observou o território ao nosso redor atentamente. Voltei a ajeitar minha roupa amassada, avaliando-me mais uma vez. Não entendi sua dúvida, eu me sentia... normal. Um pouco melhor que o meu normal, é verdade, mas era agradecida à soneca por isso. E estava ainda mais agradecida por ela ter levado o que quer fosse que estivesse comigo. Eu ri. Na verdade, sendo *eu* e *meu normal*, era de se esperar que o feitiço dos duendes não funcionasse como previsto para outras pessoas.

Vincent estendeu a mão como um convite, e eu a tomei. Ele começou a caminhar, virando o rosto sobre o ombro a todo instante e, antes que percebesse, estava agitada também.

– Por que está tão preocupado? – olhei em volta, mas não vi nada ameaçador e, com um sorriso, voltei meus olhos para o rosto circunspecto ao meu lado. – As coisas aqui são tão... tranquilas. Bonitas. E coloridas!

Aumentei meu sorriso, indicando o céu, e Vincent fechou a cara.

– É. “*La vie en rose*” poderia ser o tema deste lugar, mas acho tudo rosa demais – falou rabugento, espiando sobre o ombro mais uma vez. – As coisas aqui podem ser muito mais perigosas do que na Terra das Sombras, Melissa. Quando o perigo está camuflado, fica mais difícil encontrá-lo, isso nos torna vulneráveis. E acabamos de ter a prova disso.

Eu sabia que boa parte de seu desconforto era por estar fora de seu ambiente. E não podia negar, ele ficava à vontade nas sombras. Olhei em volta, mais uma vez, mas me sentia muito bem aqui. Com exceção da purpurina e das bolhas de sabão, era quase tudo como imaginei.

Perto do muro da vila, Vincent parou. Ele tomou minhas mãos junto às dele, procurando meu rosto.

– Quando eu disse que queria tempo para que se familiarizasse com o lugar, tinha um propósito – ele pareceu constrangido, quase preocupado. Mas sua expressão deixava claro que a preocupação era comigo. – Estar aqui “comigo” vai tornar sua recepção bastante desagradável. E a reação deles pode ser pior que a da “Vila Noturna”, na Terra das Sombras. Portanto, não encare as pessoas, não pareça muito distraída e, principalmente, não dê importância ao que ouvir – frisou.

Preso na expressão sôfrega do mago das sombras, compartilhei de seu desconforto. Não poderia prometer que o preconceito não mexeria comigo. Sabia que qualquer ofensa ao homem que eu amava seria uma ofensa direta a mim, mas não queria piorar seu desconforto. Assenti solenemente, apertando sua mão, pronta para enfrentar o que quer que fosse ao seu lado. Vincent afirmou com um sorriso tímido. Afastando-se brevemente, ele olhou em volta, e puxou algo do bolso. Um pedaço de tecido preto. Eu o olhava com curiosidade quando, finalmente, entendi o que estava prestes a fazer.

– *Bauen* – murmurou em alemão.

O tecido em sua mão começou a se esticar, desenrolando-se como um rolo de papel, e caiu no ar, girando ao redor de Vincent. Em menos de cinco segundos, uma longa capa preta o cobria completamente. A visão me fez dar um passo para trás.

– Você está... Você se parece... com *ele*.

Vincent prendeu meus olhos, mas não disse nada, a máscara das sombras estava em seu rosto quando ele murmurou mais uma vez: – *Schutz*.

Uma névoa violeta cresceu ao seu redor e rapidamente ficou transparente. Eu pisquei uma vez... ia questionar, mas Vincent balançou à minha frente, pálido, e me adiantei para apoiá-lo.

– Você não está em condições de fazer magia.

– Eu preciso. A proteção da capa vai ajudar a me camuflar. Ela disfarça meu poder – disse entre o fôlego. Franzi os olhos... Então, foi assim que o outro mago conseguiu passar despercebido por Vincent na noite da luta com Piro.

Vincent endireitou-se, e a visão tirou *meu* fôlego. Era poderosa, imperiosa... sedutora. Engoli em seco. Estava hipnotizada pela figura na capa, quando o mago se moveu. Ele acomodou o tecido pesado ao redor do corpo e, com uma longa inspiração, estendeu-me a mão. Há um mês, a visão de um mago em sua capa preta me aterrorizou, mas agora, a imagem à minha frente era fascinante e fez meu coração disparar. Pisquei uma vez, tomando sua mão. Aceitando o convite do meu príncipe negro.

Cruzamos os grandes portões de madeira da Vila e entramos na cidade com passos firmes. Vincent andava calado e eu o segui, tentando não parecer surpresa com os detalhes que fervilhavam ao meu redor.

A Vila era cercada por um imenso muro de pedra, como um feudo medieval. Dentro dele, casas de dois andares e pequenas construções se espremiavam uma ao lado da outra, separadas em alguns pontos por córregos cristalinos e vielas floridas. Flores. Havia muitas, em todos os lugares. De todas as cores e formas. E entendi de onde vinha o cheiro suave que senti no prado. Ri sozinha ao entender certa familiaridade com a casa Botânica de Alex na cidade.

Vincent apertou minha mão, chamando a minha atenção, segundos antes de um grupo cruzar nossa frente. Meu coração acelerou, mas eles pareceram ocupados demais para nos notar. Os homens e mulheres... magos ou elfos – não consegui distinguir –, conversavam em uma língua pouco familiar, que lembrava o latim. E uma espiada em suas roupas não deixou dúvida, o gosto excêntrico para vestuário era uma característica do Mundo Mágico. Desviei os olhos das saias longas e das calças de veludo, focando com determinação o calçamento de pedra. E reparei em seus desenhos... que reuniam símbolos, como brasões, alinhando-se um após o outro, como um tapete indicando o caminho.

Caminho que, na maior parte do tempo, estava vazio.

O movimento aqui, com certeza, era muito menor que na Terra das Sombras, o que deixava Vincent mais confortável. Como eu sabia? Ele já não esmagava minha mão.

Fiquei confiante com sua atitude, o suficiente para levantar o rosto até uma das casas de dois andares. A grande janela no andar de cima estava aberta, uma manta azul-celeste descansava no parapeito e, debruçado nela, um lindo menininho de cabelos e olhos amendoados soltava bolhas de sabão. Ele encontrou meu olhar curioso e sorriu, empenhando-se em fazer uma cortina de bolhas para nós. Estiquei meus lábios, satisfeita, finalmente minhas bolhas! Agora só faltava a purpurina. Ri com humor ao ver as bolhas estourando no

nariz do mago das sombras e levantei minhas mãos para agarrar algumas, o que arrancou gargalhadas do garotinho acima de nós. O menininho acenou satisfeito e acenei de volta, feliz por fazê-lo feliz. Mas minha felicidade desapareceu, como as bolhas, depois de receber o olhar severo de Vincent.

– Relaxe, Vincent, sua capa está funcionando muito bem.

– Isso não quer dizer que precisamos chamar a atenção, Melissa.

Afirmar com uma lufada desanimada e olhei por cima do ombro, espiando o menininho sorridente na janela que tinha ficado para trás. Voltei meus olhos para o mago das sombras e ele fitava os desenhos do caminho de pedra. Avaliei o perfil carrancudo... cauteloso, apreensivo. Por mais que afirmasse o contrário, Vincent ainda tinha medo. Medo da felicidade.

Suspirei pensativa, e minha atenção foi reivindicada por uma agitação mais à frente.

Um tipo de feira concentrava algumas pessoas, e pareceu importante para alarmar o mago, que logo procurou minha mão. Vozes animadas se misturavam com gargalhadas, anúncios e cantorias... Sim, aquilo era uma feira. O caminho de pedra passava no meio dela, e Vincent me trouxe para mais perto, colocando o braço sobre meus ombros. Seu gesto indicava que iríamos atravessá-la.

Entre uma espiada e outra, admirei bancas de frutas exóticas, mas também reconheci formas suculentas bem tradicionais. Ao nosso lado, tendas de tecidos esvoaçantes se misturavam com balcões recheados de frascos coloridos. No chão, espelhos antigos de todos os tamanhos se enfileiravam sobre um tapete aveludado. E, do outro lado, uma longa estande reunia livros de todos os tipos, grandes, pequenos, coloridos... Tentei me mover na direção deles, só queria espiar, mas Vincent esticou o braço, me laçando pelas costelas. Seu aperto quase esmagou meus pulmões. Voltei à proteção do mago das sombras com uma careta que nem foi notada.

Contrariada, desviei meus olhos para a fileira de vasos floridos que coloriam o chão... depois, para os arranjos suspensos acima de nossas cabeças, pendurados nas portas... Distraída com o colorido primaveril, sobressaltei-me quando algumas borboletas cruzaram nosso caminho, passando muito perto. Mas o susto foi rapidamente substituído pela contemplação. Reparei no tamanho exagerado, o formato alongado... eram grandes demais para ser borboletas. Com a desejada compreensão deste mundo, concluí que não eram borboletas. Elas voaram até uma barraca de bolos e doces e, como previsto, se metamorfosearam rapidamente. O grupo de elfos se enfileirou à espera de atendimento... desviando de três meninas barulhentas que pulavam para ver os bolinhos apetitosos. O cheiro convidativo tomou o ar à nossa volta, atraindo mais crianças, como abelhas para o mel. Cabeças loiras, ruivas e castanhas se amontoavam, pulando e

rodopiando... as bochechas cada vez mais rosadas pelo esforço das gargalhadas. Parei meus olhos nelas, diminuí o passo, freando o andar do mago.

– Há muitas crianças aqui. Não me lembro de ter visto crianças na Terra das Sombras – murmurei baixo.

Vincent levantou os olhos até a algazarra à nossa frente e a admirou por um breve momento. Depois, afagou meu ombro.

– Elas não têm permissão para sair da segurança de suas casas lá. Os passeios externos são raros.

– Elas não brincam nas ruas lá?

– Não.

Perdida em seu rosto pensativo, entendi a escolha de seus pais por criá-lo no mundo físico, embora também houvesse perigo nele. Como mãe – e vivi algumas experiências para entender as motivações de uma –, não gostaria que meu filho vivesse preso. Demorei meus olhos no mago da capa preta... *e, principalmente, não suportaria a ideia de que fosse perseguido por ser ele mesmo.* Suspirei com tristeza, não havia mundo seguro para essa herança. Vincent afagou meu ombro, mais uma vez, e algo implícito em seu conforto me fez desviar os olhos. Estávamos tendo o mesmo pensamento e a dor cruzou meu peito ao compreender como *nosso futuro* sofreria com as consequências de uma lenda.

Levantei o queixo para o caminho de pedra, focando os braços metros à frente, mais determinada do que nunca a defender o homem que amava. Iria provar que ele merecia respeito e credibilidade, como qualquer um à nossa volta. Lutaria para que ele recebesse a aceitação deste mundo, garantindo seu direito de viver *nossa* felicidade. E agora não pensava apenas em *nós...* mas nos *outros pequeninos e inocentes magos* que estavam por vir.

Compenetrada em minha resolução, não notei a correria das crianças à nossa volta. Uma delas se espremeu entre Vincent e eu, depois disparou, correndo mais uma vez... e levou a capa de Vincent consigo. Eu me atrapalhei com o tecido pesado e tropecei, levando o mago das sombras comigo. Ele tentou retomar o equilíbrio, mas era tarde... Caímos juntos, e do chão, enrolada em seus braços, vi uma nuvem violeta fulgir ao redor do mago. Vincent se levantou rápido, puxando-me com ele, e ajeitou a capa nos ombros. Abaixei os olhos, tentando não chamar atenção, mas era tarde demais. Nossa sutil descrição tinha ido para o ralo. E precisava admitir, a cena merecia alguma atenção... Um lindo mago de olhos turquesa, com mais de um metro e noventa, ajeitava sua capa preta, que ainda flutuava em uma onda violeta, depois de se estatelar no chão com uma humana desajeitada, que agora tinha o jeans sujo e um rabo-de-cavalo quase desfeito e ficava cada vez mais ruborizada... Isso parecia atrativo aos *meus*

olhos.

Rostos começaram a se virar na multidão e murmurinhos transformaram expressões curiosas em alarmadas. Vincent começou a se mover novamente. O rosto estampava a máscara que o separava do mundo e a postura imponente, que bloqueava qualquer aproximação, se misturava com a nuvem violeta que agora parecia mais forte. De propósito. Isso definitivamente não ajudava.

– Pelo que me lembro, o objetivo era esconder seu poder, e não fulgir essa nuvem... Pare com isso, todos estão olhando – murmurei repreendendo-o. Esforçando-me para acompanhá-lo.

Vincent se defendeu com rispidez, retrucando algo ofensivo ao meu equilíbrio... mas interrompeu abruptamente. Ele desviou o rosto para o meu com um movimento rápido, e sua expressão atordoada definitivamente havia dissipado a máscara de indiferença para bem longe. O mago das sombras se curvou exigente, balançando sua capa ameaçadora enquanto agarrava meu braço. O solavanco quase me derrubou de novo.

– Você viu meu poder?

Franzi os olhos, confusa. Eu via a manifestação do seu poder... isso porque ele fazia magia na minha frente o tempo todo. Qual era a novidade? Assenti uma vez e ele arregalou os olhos.

– Você vê a cor? Qual a cor? Qual a cor, Melissa?

– Co... cor? – gaguejei, e seus dedos apertaram meu braço com ansiedade. E entendi, por sua reação, que não deveria vê-la. Mas eu via. Havia algum tempo. Mordi o lábio, tentando lembrar há quanto tempo eu via... Vincent apertou ainda mais os dedos em meu braço, exigindo sua resposta, e me concentrei com uma careta, tentando me soltar de seu aperto. – Eu acho que, no começo, em variações de azul. Agora, violeta – falei rapidamente.

Seus dedos me soltaram e massageei meu braço. Vincent recuou com um pavor súbito nos olhos e trombou com uma senhora, mas nem pareceu perceber. Sua perturbação confirmava o tamanho do choque. Encarando seu rosto abalado, senti uma onda gelada escorregar por meus ossos... Isso parecia ruim, muito ruim. A senhora atrás de Vincent se endireitou, buscando detalhes de seu obstáculo. Quando tomou ciência dele, o encarou com repulsa. – *Um Mago das Sombras!* – As palavras pularam de sua boca de forma indignada, atraindo a atenção de mais pessoas. Logo, todos se afastaram, e um círculo largo abriu-se ao nosso redor. Rostos antes indiferentes agora estampavam desprezo. Mães corriam para alcançar seus filhos, e as crianças barulhentas se calaram, esticando olhares curiosos ao mago na capa preta como se ele fosse um espécime exótico do zoo.

Apesar da reação nada receptiva, Vincent ainda me olhava atônito, como

se estivéssemos sozinhos. Meus olhos corriam de um lado para o outro, acompanhando o murmurinho que só aumentava, voltei minha atenção para o mago inerte e, nesse momento, *eu* entrei em pânico. Temendo uma represália ou algo parecido, dei um passo à frente, agarrando o braço de Vincent para arrastá-lo dali. Ele nem percebeu meu gesto. Usando de força, finalmente tive algum resultado e tentei apressar o passo, seguindo as pedras familiares no chão. Mesmo sem olhar em volta, soube, pelos sons, que a agitação estava aumentando. O mago das sombras obedeceu ao meu comando e, depois de alguns passos, pareceu acordar de seu transe. Com mais algumas passadas, deixamos a multidão para trás.

Vincent agora ia à frente e nos conduziu até uma gigantesca construção de pedra que se destacava em relação a suas vizinhas. A edificação antiga centralizava uma grande torre... lembrava uma igreja, e não seria ruim procurar auxílio divino nesse momento. Entramos pela porta dupla, forjada em madeira e ferro, depois de dois degraus, estávamos em uma sala vazia. Nem tão vazia... No centro dela havia um imenso sino de ferro, apoiado vigorosamente sobre vigas de madeira. Vincent largou minha mão e agitou a corda do sino uma vez. O som metálico ecoou agudo ao nosso redor, refletindo nas paredes de pedra até tremer em meus ossos.

Percebi que o mago ainda me olhava com a expressão chocada, mas agora a sombra da dúvida pairava sobre ela.

– Diga qual é o problema, Vincent.

– Há algo errado – ele disse devagar, recuperando o fôlego. Eu quase girei os olhos no ar, neste momento muita coisa estava errada. Principalmente com a multidão que ficou lá fora. Preparei-me para responder com ironia, mas a sobriedade em seu rosto me calou. Com cautela, ele continuou. – Melissa... mesmo com o feitiço de transferência, você não deveria ver meu poder.

Vincent apoiou um braço na viga do sino, cansado pelo esforço da corrida, mas não desviou os olhos e continuou seu estudo, avaliando cada centímetro do meu rosto com cuidado. Meu corpo reagiu a sua dúvida tensionando cada músculo e embolei as palavras para formular a pergunta que não queria fazer.

– Isso quer dizer... que posso ser uma...

Antes que eu terminasse, uma voz poderosa e muito conhecida tremeu nas paredes de pedra.

– Que bom que chegaram!

A conhecida figura robusta apareceu por uma porta na parede de pedra. Porta que não estava ali antes, eu tinha certeza. Nicolau foi ao encontro de Vincent para um abraço, mas o mago das sombras ainda estava cansado ou

abalado para entender o gesto. Vincent fixou os olhos vidrados nos meus e balançou a cabeça sutilmente, indicando que esse assunto não seria compartilhado. Nicolau balançou os olhos do mago para mim e sorriu compreensivo, interpretando a atitude de Vincent como seu mau humor tradicional.

– Sei que não foi fácil chegar aqui, mas acho que, finalmente, temos a chance de provar que essa reserva à presença de Vincent é infundada.

Afirmar, controlando minha taquicardia, mas as novas apreensões aumentaram o nervoso... Com determinação, enfiei as mãos no bolso, escondendo meu tremor, e forcei um sorriso.

– Espero poder ajudar, Nicolau.

– E vai, minha cara. Pode ter certeza de que sua presença aqui já prova muita coisa.

Assenti novamente, e Nicolau colocou a mão em meu ombro, conduzindo-me para a porta misteriosa. Busquei o mago na capa preta, que me olhava de longe. Ele se afastou do sino com o rosto fatigado, depois nos seguiu. Do outro lado, entramos em um salão oval. Girei os olhos admirando a altura do teto e entendi a torre que vi do lado de fora... Não havia janelas, mas vitrais altos, enfileirados, circulando a construção. Com um pouco de atenção, reconheci os brasões da calçada em seus desenhos... A *luz* descia por eles em feixes brilhantes, até o chão cinzento de pedra, e a *cor* enfatizava as *sombras* à nossa volta. De boca aberta, parei os olhos em um gigantesco arco de pedra, recheado de fogo. Ele lembrava os arcos nos jardins do palacete, mas este era muito maior, com adereços em relevo construindo padrões florais. Dentro dele, chamas altas ardiam frenéticas e ameaçadoras, ocupando sua altura, do chão ao contorno da ombreira. A porta de fogo dividia a sala, separando duas filas de ornamentos de ferro, fixos nas paredes de pedra. Eles lembravam portões, como o da casa dos Von Berg. Mas eram muitos... e, com mais um girar de cabeça, contei dez.

Ainda admirando as novidades, percebi a figura de preto logo atrás de mim, mas ele não usava mais sua capa. Espiei Vincent sobre o ombro brevemente, e ele usava a máscara de indiferença novamente... Já não sabia se a causa da mudança era nossa conversa interrompida ou o fato de estarmos prestes a encontrar o tal “Conselho”. Também estava abalada e, no meu caso, era pela soma das duas opções. Suspirei, controlando meu nervoso, e preparei meu primeiro questionamento...

– Que lugar é este, Nicolau?

Como previsto, Nicolau parou, sorrindo satisfeito por minha pergunta. Ele ajustou a postura e tomou fôlego antes de começar as explicações.

– Esta é a Torre dos Portais da Terra. Cada portão que você vê leva a um centro da Tradição Mágica no mundo – ele girou os braços para o portão de ferro ao nosso lado. – Este você conhece, é o de nossa casa na montanha, que concentra a entrada dos principais reinos da região... o Reino de Fogo ou *Jardim Amarelo*; o Reino da Luz ou *Jardim Azul*; o Reino da Terra ou *Jardim Vermelho*; e os portais para o *Reino das Sombras* e o *Reino das Águas Profundas*. Todos ficam nos domínios da montanha e, como sabe, eu e Aristela somos seus guardiões. Ou representantes, se assim preferir. – Ele girou os braços, mais uma vez, indicando os outros ornamentos de ferro, ou portões, ao longo da parede de pedra. – Cada portão tem seus próprios reinos e representantes... e todos se reportam ao Conselho da Tradição. – Nicolau finalizou, indicando o grande arco de pedra recheado de chamas.

Olhei para o fogo no interior dele e perdi meu olhar por um segundo, engolindo em seco, imaginando se aquela era a porta até meu próximo destino. Nicolau entendeu minha apreensão e chacoalhou uma risada profunda.

– Fique tranquila, Melissa, o fogo funciona como uma tranca. Depois da chave, ele não vai estar ali quando passar.

Desviei os olhos do portal para o rosto risonho do mago experiente, sim, era minha porta. Continuei séria... para não dizer preocupada. Muito preocupada.

– E o que são estes desenhos? – aponte os brasões nos vitrais acima dos portões.

– Eles representam os Portais da Terra de que falei. São como bandeiras... se assim podemos chamar. Existe um para cada portão. Vê? – ele apontou a sequência que agora fazia sentido.

Entre representações variadas de luas e estrelas, símbolos alquímicos e aves mitológicas, um me pareceu muito familiar e localizava-se acima do portal dos Von Berg. Era o vitral da escada do palacete, a grande árvore. Florida de um lado, verde com alguns frutos ao meio e com galhos secos na outra ponta. Eu sorri com a compreensão.

– Começo, meio e fim, a transformação em um ciclo. Primavera, verão e inverno, a mudança em continuidade – falei, apontado o vitral conhecido. Lembrando-me das palavras de Vincent, ditas em minha primeira visita ao palacete.

Nicolau não escondeu seu contentamento.

– Isso mesmo, minha cara. Este vitral representa nossa vida na montanha, os *VON BERG*, como fomos batizados há muito tempo. As sementes que plantamos, os frutos que colhemos e nossa partida, para que outros comecem sua jornada. – Voltei minha atenção para o mago robusto... entendendo a verdade por trás do laço que unia aquela família. Eles eram integrantes de um mesmo clã.

Nicolau esticou um sorriso largo. – Acho que seu entendimento sobre o Mundo Mágico se amplia a cada dia, não é mesmo? – A afirmação soou satisfeita e sorri em resposta, mais satisfeita que ele, por finalmente me sentir parte disso.

Nicolau juntou as mãos atrás das costas e, pela postura investigativa de professor, sabia que iria começar seus questionamentos sobre meu último aprendizado.

– E então, Melissa, o que achou da Terra da Luz?

Pisquei duas vezes, concentrando-me na voz vibrante.

– Muito... sensorial – disse com um sorriso amarelo. O mago robusto virou o pescoço para me olhar, limpei a garganta e recomecei. – É tudo muito bonito, colorido, aconchegante... Não que não tenha gostado da Terra das Sombras, o passeio lá também foi muito interessante. Os detalhes do tempo são mais visíveis lá, seus moradores se esforçam para seguir nosso mundo... Mas aqui as coisas parecem antigas de propósito. Como se o tempo realmente não tivesse importância, como se viver o simples fosse suficiente – eu sorri, relaxando com as lembranças. – Os cheiros flutuam pelo ar e a sensação é ótima! Estou gostando muito daqui e me sinto muito bem, na verdade.

Percebi Vincent fazer uma careta, que logo se transformou em algo maior. Ele ficou sério, distante, estava claro que estava estudando possibilidades para nosso assunto interrompido e meu nervoso voltou galopante. Indiferente ao drama, Nicolau aprovou meu comentário com uma risada rápida, mas silenciou rapidamente, fitando os pés. Quando levantou os olhos, eles brilhavam com algo que lembrava gratidão.

– Você possui qualidades valorosas, Melissa. E, acima de tudo, é muito gentil. Imagino que a recepção na vila foi pouco convidativa, tanto ou mais que na Terra das Sombras. E fico feliz que, mesmo no meio dessa confusão, sua experiência no Mundo Mágico não deixou más impressões. Sou agradecido por sua disposição. E, principalmente, por nos ajudar a mudar a receptividade que o Mundo Mágico oferece a Vincent. – Nicolau dançou os olhos entre nós. – Estamos muito felizes por Vincent ter escolhido alguém tão especial. É uma honra tê-la em nossa família.

Não consegui segurar o rubor.

– Também estou muito feliz.

Procurei o rosto de Vincent, sabia que ele não aprovaria, mas precisava esclarecer *minhas* dúvidas de uma vez, e não entendia o motivo de escondermos isso da família. Principalmente, porque a suspeita de esquisitice estava em mim!

– Ah... Aproveitando o assunto, Nicolau.... bem, na verdade, nossa recepção aqui foi um pouco mais complicada. Mas isso não tem nada a ver com a vila.

O mago robusto endireitou-se, atento, e mais que depressa Vincent estava ao meu lado com seu olhar reprovador. Depois de uma longa inspiração, ele voltou sua atenção para Nicolau.

– Eu usei uma das passagens dos duendes para vir pela sombra com Melissa... e havia uma armadilha nela. Nada grave, apenas um feitiço que capturou parte de meu poder. Só estou fraco. Mas isso se resolve com descanso... Um pouco de elixir revigorante de Alex e *muito* chocolate – Vincent concluiu esfregando a nuca.

Nicolau se remexeu, agitado, avaliando Vincent, que dispensou sua preocupação com gestos evasivos. O mago robusto se afastou, esfregando o queixo.

– Armadilha? – Nicolau irrompeu duvidoso. – As armadilhas dos duendes foram desativadas desde o incidente no Jardim Vermelho. Eu mesmo dei a ordem. E, depois do ataque à casa de Melissa, o domínio deles na Terra da Luz está em suspensão. O *Reino da Terra* está em quarentena, os duendes estão proibidos de usar magia até segunda ordem.

Eu observava tudo, congelada dos olhos para baixo. Vincent também absorvia as informações e me devolveu o mesmo olhar aturdido, mas a expressão criteriosa logo tomou seu lugar. Entendi que ele queria reunir mais informações, chegar a sua própria conclusão antes de dividir o fato, mas eu estava nervosa demais para cultivar minha paciência. Não conseguia imaginar as chances que me fariam carregar poderes mágicos e, de qualquer forma, eu não os queria! Era como se meu corpo se deslocasse para outra dimensão... bom, eu havia feito isso... e sabia que aqui as possibilidades desastrosas brincavam sadicamente com meu coração.

Adiantei-me um passo e falei rapidamente, o pânico me deixando alerta:

– Mas os duendes podem ter desobedecido às ordens, não podem? Eles podem ter deixado uma armadilha?

– Podem. Eles podem. Possivelmente. Isso é típico. Mas que... – Nicolau segurou o xingamento e voltou os olhos para mim, desconcertado. Ele tomou minha mão, segurando-a firmemente. – Desculpe, minha cara – e espiou Vincent. – Fiquem aqui. Vou avisar o Conselho que vocês chegaram. Preciso tomar algumas providências.

Nicolau bateu uma mão no ombro de Vincent. O mago das sombras ia falar algo, mas Nicolau lhe deu as costas. Ele caminhou até o Portal de Fogo, murmurou algo rápido e, antes que as chamas se extinguissem, ele já estava caminhando. Nicolau desapareceu e as chamas voltaram vigorosas. Meus olhos ainda estavam fixos, revivendo a cena, quando uma voz grave falou atrás de mim.

– Precisamos conversar.

Eu me virei lentamente, com medo do que iria ver. E, para meu desespero, lá estava o luminoso escrito “problema” brilhando acima da cabeça do mago. Eu me encolhi, cruzando os braços.

– Você não está achando que eu sou... que eu tenho algum... – eu parei, procurando a palavra que não veio.

Vincent deu um passo tímido, balançando a cabeça suavemente, como se não quisesse ver algo diante de seus olhos.

– Não posso afirmar nem descartar a possibilidade. Afinal, você tem magos na família e não temos pistas da origem da linhagem de Alice... Ou – ele segurou a palavra por um breve momento e articulou com cuidado – da sua. Ao contrário dela, que se desenvolveu antes, algum fator pode ser o responsável pelo atraso no seu desenvolvimento.

Ele estreitou os olhos, avaliando a opção, concluindo algo. Eu não estava respirando desde o começo de seu discurso e explodi.

– Vincent, isso é loucura! – exasperei-me, soltando os braços. – Eu não me sinto diferente. Além disso, ouviu o que Nicolau disse? Os duendes podem ter desobedecido às ordens.

Vincent respirou profundamente e percebi que ainda estava cansado.

– Por isso precisamos investigar. Não vou criar alarde sem antes ter uma resposta concreta. Principalmente aqui. Este não é um bom lugar para falar coisas das quais não temos certeza. Precisamos descobrir por que isso só surgiu agora. Portanto, se puder segurar sua ansiedade... – ele prendeu meus olhos. – Isso é muito sério, Melissa.

– Acha que não sei que isso é sério, Vincent? – retruquei apavorada. – Está acontecendo comigo!

– Eu sei, desculpe. Mas quero que confie em mim, estou aqui com você – ele esticou um afago carinhoso em meu rosto. A segurança de seu toque acalmou a apreensão que me roubava o ar. – Estarei ao seu lado, Melissa, sempre. Não importa o que aconteça, eu prometo, vamos resolver isso. Juntos.

Coloquei minha mão sobre a dele em meu rosto e inspirei longamente, mergulhando na profundidade brilhante dos oceanos turquesa. Vincent levantou um sorriso tímido nos lábios e, antes que percebesse, estava sorrindo também.

– Algo me diz que você está ficando feliz com essa possibilidade.

Vincent levantou os ombros, apertando o sorriso.

– Um homem pode sonhar, não pode? – Ele girou o polegar de um lado para o outro em minha bochecha e, desta vez, ampliou o sorriso. – Isso resolveria muitos problemas. – Ele pensou por um segundo e um *insight* escureceu seus olhos. Vincent ficou sério, e o temor tomou seu rosto. – Mas,

dependendo de sua origem, poderia criar muitos outros. Unir opostos seria um desastre.

Franzi os olhos para sua conclusão.

– Opostos? O que você quer... – minha palavra foi contida por sua outra mão, que apertou vigorosamente meus lábios.

Ele girou o rosto pela sala, depois se aproximou em tom conspiratório.

– Não estamos sozinhos, depois continuamos esta conversa. – Vincent beijou brevemente minha testa e levantou os olhos para a parede atrás de mim. – Você está atrasado – falou com seriedade. Seu rosto girou para o lado, acompanhando algo que eu não via. – Pensei que já estaria aqui nos esperando. Agora que chegou, podemos...

Com um gesto inesperado, Vincent curvou-se para a frente, buscando apoio. Os lábios abertos perderam a palavra e deixaram escapar um som agudo... surpresa, inconformidade... *dor*? Eu mal conseguia segurá-lo sem tombar para trás. Ele arfou com um gemido e, desta vez, tinha certeza de que era dor. Vincent jogou seu peso em meus ombros, os olhos arregalados, eu o segurei pela cintura e senti uma umidade em minha mão. Com dificuldade, apoiei minhas mãos em seus braços e ele arfou novamente, contorcendo-se... ele era muito pesado. Vincent olhou para minha mão em seu braço e a segurou. Quando a trouxe para nossas vistas, notei que ela brilhava, vermelho vivo. Aquilo dizia algo claro e um segundo conectada com os olhos turquesa mostrou que a incredulidade neles era muito maior que a minha.

– Vincent... você está ferido – a afirmação precisava ser exteriorizada para fazer meu cérebro acreditar no que via.

Mais um arfar dele e não consegui manter seu peso, meus joelhos dobraram e fomos juntos ao chão. Vincent caiu de lado e eu me joguei contra ele, colocando os braços ao seu redor, tentando protegê-lo enquanto girava o rosto para a sala vazia... procurando o atacante entre as luzes coloridas e as sombras das paredes de pedra. Mas não havia nada. Ninguém. Pisquei algumas vezes, focando os olhos, tentando entender o que o estava machucando.

– Melissa, ele... – o murmúrio foi engolido, Vincent dobrou o corpo e tentei ajudá-lo, mas não sabia o que fazer para parar sua agonia. Mais um gemido e o temor nos olhos turquesa foi eclipsado por uma careta. Vincent se contorceu no chão de pedra, escapando de mim.

– O que está acontecendo? Fale comigo!

– *Schild*... – o mago sussurrou o comando em alemão com dificuldade.

– Vincent... Não faça magia, você está fraco. Isso só vai piorar!

Ele me ignorou, fechou os olhos com força e inspirou longamente, concentrando-se.

– *Schützen, was ich liebe.*

Uma névoa violeta cresceu ao meu redor e levantei as costas brevemente, inconformada com o mago que se arrastava no chão. Ele estava sendo atacado por uma força invisível e fez um escudo de magia para *mim*?

Vincent parou embaixo de um feixe de luz do vitral, levantando a cabeça com um movimento aflito, tentava enxergar seu ferimento. Suas mãos percorreram a cintura, e seus olhos se fechavam cada vez que ele passava por um ponto de dor. Eu bufei descrente... não poderiam ser tantos. Rastejei até ele, lutando com seus braços, afastei sua camisa e encontrei vários rasgos em sua pele, nas laterais de seu tronco, todos sangravam muito. Soltei um grito desesperado, sentindo o medo tomar meu corpo com uma força anestésica. Suas mãos foram ao encontro dos meus ombros, afastando-os, e encarei o rosto pálido, os olhos congelados... *Ele estava com medo de mim? Mas eu não estava fazendo aquilo. Estava?* Ajoelhei-me ao seu lado, tremendo, meus olhos ardiam com lágrimas de pavor. Afastei suas mãos com cuidado, avaliando a mim mesma. Senti o calor crescer no peito, alerta... apavorada por ver o homem que amava desfalecendo no chão. E seja lá o que isso era, tinha a mais absoluta certeza de que estava ali para protegê-lo, não machucá-lo.

Enquanto Vincent murmurava algo incompreensível, eu girei o pescoço para todas as direções, vasculhando o salão vazio mais uma vez. *Droga!* Não havia nada aqui! Nada além de cor, sombras e luz. Com olhos atentos, estudei os cantos escuros, procurando qualquer forma suspeita, talvez fosse um mago das sombras... Ludwig. O instinto me fez levantar as mãos. Não sabia por que estava fazendo aquilo, e parecia mais uma reação espontânea ao calor que corria por meus braços, oscilando junto com minha respiração.

Vincent contorceu-se, deixando escapar lufadas agonizantes. Ele corria as mãos pela lateral do corpo até as costas, mais uma vez, apalpando a camisa rasgada e gemeu ao encontrar algo. Suas mãos se fecharam e, com uma careta, girou o corpo na luz. Os raios do vitral contornaram um objeto, Vincent moveu-se mais alguns centímetros e o contorno tomou forma, revelando um punhal cravado em seu corpo. Vincent o puxou lentamente, jogando-o de lado. O som metálico da lâmina escorregando pelo chão de pedra deixava claro que aquilo não era uma ilusão mágica... era muito real. Alguns segundos na sombra, e o punhal desapareceu novamente. Arfando com movimentos extenuantes, Vincent tentou alcançar meu rosto e eu me apressei em segurar sua mão, aproximando-me.

– Sombra – ele falou com um sopro fraco.

– *Shiii...* eu sei, há um mago das sombras aqui – falei entre lágrimas. – Ele está fazendo isso.

– Não. – Vincent tombou a cabeça levemente, indicando o chão com os olhos. Segui seu olhar e não vi nada além de sua própria sombra nas pedras. – Na sombra – repetiu quase inaudível. Ele ia continuar, mas apertou os olhos, engasgando violentamente.

Sabia que ele queria me alertar sobre alguma coisa, mas não tínhamos tempo para charadas... não com seu sangue escorrendo no chão. Vincent tentou falar mais uma vez, e engasgou com as palavras, tossindo e respirando com dificuldade. Coloquei a mão em sua boca, pedindo baixinho que se acalmasse. A nuvem violeta de proteção começou a oscilar ao meu redor, evaporando lentamente... e entendi o que isso significava. O poder que a sustentava estava enfraquecendo, Vincent ia ficar inconsciente, suas forças o estavam deixando.

Segurei seu rosto em minhas mãos, tentando trazer foco ao olhar turquesa.

– Vincent! Por favor, olhe para mim... isso. Fique olhando para mim. Eu vou até a outra sala, preciso tocar aquele sino. Chamar alguém – falei aos prantos.

– Não – o som curto saiu com um sopro, sem o movimento de seus lábios.

– Volto em um segundo. Não vou abandoná-lo, eu juro. Mas preciso buscar ajuda – falei engolindo a dor em minhas palavras, enquanto apertava meu rosto no seu.

Com um soluço, eu me levantei, correndo para a saída. Na sala menor minhas mãos voaram para a corda do pêndulo, e eu o agitei vigorosamente. O som ensurdecedor do sino de ferro tremia dentro do meu corpo, estrangulando meu coração. Repeti o movimento várias vezes, com toda a força que possuía. Quando ouvi um grito se misturar aos agudos metálicos, soltei o sino, e corri de volta ao salão oval dos vitrais.

Uma figura de cabelos negros esvoaçantes estava junto de Vincent no chão, a sereia chamava seu nome com agonia e, entendendo seu desespero, joguei-me sobre o corpo inconsciente, tentando acordá-lo.

– Vincent! Sou eu. Voltei. Abra os olhos! Abra os olhos!

Puxei seu corpo para o meu, apoiando sua cabeça. Os oceanos turquesa tremeram.

– O que aconteceu? – a sereia perguntou aflita.

– Um ataque... eu não sei como, talvez um mago das sombras ou outra coisa. Não temos tempo. Chame alguém! Ele precisa de ajuda! Chame alguém para ajudar!

A sereia se moveu, mas passos apressados já ecoavam pelo salão ao nosso encontro. Levantei os olhos para o Portal de Pedra e interrompi a

aproximação de Nicolau com um grito.

– Ele está ferido, Nicolau. Precisa de Alex! Agora!

Nicolau freou sua corrida, os olhos arregalados miravam o corpo desfalecido em meus braços. Girando os calcanhares em noventa graus, ele alcançou o portão de ferro dos Von Berg e o abriu com dois gestos esforçados, depois, mergulhou em uma densa nuvem verde. Não havia tempo para admirar feitos mágicos e, com ansiedade, eu apertei minhas mãos na camisa de Vincent, trazendo-o para mais perto.

– Fique comigo... fique comigo – repeti baixinho, e senti um toque em meu braço. Abaixei o rosto, procurando os olhos turquesa do meu mago das sombras, e ele piscou uma vez, buscando foco.

Para meu desespero, Vincent levantou o canto dos lábios com um sorriso sereno.

– Sempre – a palavra inaudível tremeu sua respiração e ele fechou os olhos, havia desistido.

– Não, Vincent! Fique comigo!

Passos ecoaram correndo pelo salão. Levantei o rosto procurando ajuda, e Ayla voltava com duas figuras indistintas. Elas pararam ao meu lado, mas eu me concentrei no rosto congelado da sereia.

– Faça alguma coisa. Qualquer coisa! – gritei com força.

Ela espiou o sangue no chão e encontrou meus olhos. Na profundidade negra, eu vi a verdade... Não havia o que fazer. Ayla ajoelhou-se no chão do outro lado, fitando demoradamente o rosto de Vincent.

– Eu sinto muito – murmurou fria. E soube que ela não estava falando comigo, mas com o mago inconsciente no chão.

Balancei a cabeça, procurando meus oceanos turquesa, mas eles continuavam fechados. O sorriso suave se desfez em seus lábios, e agora o rosto sereno estava imóvel. Fechei os olhos com força, curvando-me sobre o meu amor. Um soluço parou meu coração e tudo o que senti foi dor... ele havia me deixado.

Conselho da Tradição

Vozes falavam comigo, mas eu só ouvia meus soluços, meus lamentos, minha voz desesperada pedindo para ele voltar.

Alguém chamou meu nome com voz firme, mas eu não tinha mais nome... eu não tinha mais corpo... minha vida estava suspensa no vácuo da inexistência. O dono da voz segurou meus ombros, afastando-me do corpo de Vincent, mas lutei com ele. Nada iria nos separar, nem mesmo a... Levantei o rosto, transtornada. O mundo se dissolvendo ao meu redor. Não podia acreditar que ele estava... *morto*. A palavra definitiva foi repetida, outra vez, pela voz, tomando meus ouvidos, espalhando o torpor por todo meu corpo. As mãos insistentes perceberam minha hesitação e me afastaram de Vincent. Envolvida por braços rígidos, levantei meus olhos para identificar meu acolhedor e entreguei-me aos soluços novamente. Lúcius me apertou com gentileza, tentando abrandar minha dor. E, como se não fosse suficiente, ele repetiu a palavra cruel mais uma vez.

– Vincent está *morto*. Acabou, Melissa. Vamos... eu a levo daqui.

A agonia que essa palavra formava em meu coração era insuportável, mais torturante que a pior das maldições, mais intensa que qualquer dor sobre a terra. Ela queimava por meu corpo, misturando-se ao calor borbulhante que agitava meu peito, crescendo, concentrando-se... eu estava prestes a explodir.

– Não! Não acabou! – gritei descontrolada.

Com um impulso, tentei me afastar de Lúcius para me juntar a Vincent mais uma vez, mas o elfo me segurou, apertando meus braços, afastando-me do meu amor. Eu não pensei duas vezes, deixei o calor correr por meus braços e percebi algo crescente formigar em minha mão. Senti quando o calor rompeu minha pele, não foi uma sensação agradável, mas o alívio abrasador acompanhou um sentimento grandioso de força... poder. E aquilo era difícil de conter. O que quer que fosse foi descarregado em meu carcereiro e Lúcius caiu para trás, atordoado. O elfo das sombras foi amparado por Félix, que me olhava confuso, mas não tão confuso quanto Lúcius. A expressão atordoada deles foi a chave para clarear minha mente.

Cravei os olhos em minhas mãos ardentes com a confiança indiscutível de que não havia acabado. Curvei-me novamente sobre o corpo do mago das sombras, acariciando seu rosto inconsciente, lembrando-me de suas palavras... *Transferência de poder. Concentre-se com vontade*. Era isso! Se parte de seu poder estava comigo, e acabei de ter a prova que ainda estava, eu precisava

devolver à ele. O problema era... como? Um segundo bastou para chegar a resposta. Como tudo começou. *Um beijo.*

Aproximei-me com cuidado, fitando seus lábios e fechei os olhos antes de tocá-los com os meus. Senti sua boca macia sob a minha, imóvel, e me concentrei... tentando reviver a sensação do calor em meu peito. E, como uma lembrança, ele apareceu lá no fundo, crescente, borbulhante e logo estava correndo por meu corpo. Apertei os olhos com força, tentando manter a concentração em seu fluxo, que pulsava com minha respiração... Instintivamente, tentei conduzi-lo pela conexão com o corpo de Vincent. E senti. Eu senti ele me deixar. A energia me escapava como o fôlego depois de uma corrida, o sono vencendo meus olhos com o cansaço, o arrepio de frio que levava o calor depois do vento... E era essa a sensação agora: frio. Ele ficou em meu corpo quando a última corrente passou e o espasmo foi exaustivo. Neste último segundo, meus lábios aqueceram sutilmente e rezei com fé para que esse calor não fosse meu.

Abri os olhos, afastando-me, estudando o rosto do homem no chão enquanto meu coração acelerado estremecia no peito. Enxuguei minhas lágrimas, domadas pela expectativa. Ainda sentia minha boca formigando a respiração descompassada... e o cansaço, de repente, ficou grande demais, eu vacilei. Ayla me amparou, seu olhar negro estava mergulhado na tristeza e entendi que ela não tinha ideia do que eu estava fazendo.

– Ele vai melhorar – falei com toda a minha esperança.

Ayla me soltou, abaixou a cabeça e soluçou uma vez. Olhei a sereia curvada e, desta vez, fui eu que a confortei... Nem sabia por que estava fazendo isso, mas neste momento não consegui vê-la como uma ameaça. Ela levantou o rosto e seus olhos negros diziam o contrário sobre mim. Ela se livrou de minha mão com um gesto ríspido.

– Eu avisei. Mas ele não quis ouvir. E agora é tarde demais – seus olhos me perfuraram com a força do punhal que havia ferido Vincent. – Espero que esteja satisfeita.

– Como pode dizer isso? Acha que eu desejei que algo assim acontecesse?

Encarei o rosto furta-cor, mortificada com sua insensibilidade. Sim, ele estava aqui por mim, como eu sempre estaria por ele, e não esperava que ela entendesse isso. Outras mãos apertaram meus ombros, elas acompanharam uma silhueta musculosa e não precisei olhar para trás para ter certeza da presença protetora de Félix.

– Chega, Ayla. Isso não vai ajudar. Nada vai. – Félix disse com a voz dura atrás de mim.

Olhei da sereia para o rosto no chão. Afaguei o rosto de Vincent,

esperando uma reação, qualquer reação, mas ele continuava inerte. Meus olhos arderam enquanto o medo me golpeava com força... ecoando as palavras de Félix. E os segundos seguintes levaram minha certeza. Talvez, a ajuda tenha chegado tarde. Lágrimas voltaram aos meus olhos enquanto tentava iludir a mim mesma com uma última chama de esperança, um milagre.

Félix apertou meu ombro, chegando mais perto.

– Melissa... Sei que está sofrendo, mas precisamos reunir forças para descobrir quem fez isso. Você precisa contar o que aconteceu.

Eu não conseguia falar, as lágrimas tomavam o controle e a dor delas me consumia por dentro, crescendo a cada segundo, se sobrepondo à minha esperança... como a maré que levava a terra firme. Não me lembro de ter assentido. Não me lembro de ter levantado. A dormência estava voltando, mas eu sabia que estava caminhando agora. Olhando para trás, vi o corpo de Vincent do alto enquanto era conduzida para longe dele. A luz do vitral o cobria como um holofote e, ao seu lado, vi duas figuras... uma sereia ajoelhada, de cabeça baixa, e um elfo das sombras com o olhar vazio. A cena ficou distante, assim como meus sentidos. Chamas baixas crepitavam à minha volta, eu pisava nelas, mas elas não queimavam. Dentro de mim, outras chamas me consumiam, alimentadas pela impotência. Eu falhei. Minha ajuda chegou tarde.

Abri os olhos, estava apoiada nos braços do elfo de olhos alaranjados, que me observava cuidadosamente. As labaredas flamejantes em seu olhar me lembraram de alguma coisa... e a dor não demorou a chegar. Ela me tomou como uma onda gigantesca, afogando meus sentidos... Eu me encolhi, desejando que ela me levasse. Que acabasse com a agonia que tomava meu peito e me fazia ansiar pela inconsciência.

– Ei. Ei... Abra os olhos. Não desmaie de novo, por favor. – Félix pediu. E a aflição em sua voz trouxe minha consciência ao plano externo. – Isso, fique acordada. Sei que é difícil agora, mas precisa falar sobre o que aconteceu, precisamos encontrar o culpado, Melissa. Concentre-se.

Assenti atordoada. Como em um sonho ruim, eu queria acordar, mas quanto mais me concentrava, mais rejeitava a realidade fora do torpor.

– Félix... ele... Não acredito que ele se foi – eu me curvei, apoiando a cabeça em seu ombro, sentindo as lágrimas compulsivas rolar. Sabia que o elfo de fogo não simpatizava com Vincent, muito menos estava oferecendo seu ombro, mas eu precisava de apoio... Estava prestes a desmoronar. – Não consigo... não posso... acreditar – falei com dificuldade, certa de que aquela não era a minha voz.

Senti as mãos do elfo em minhas costas, deslizando um afago

desajeitado. Levantei os olhos surpresa e, quando me viu de cabeça erguida, Félix limpou a garganta.

– Eu não gostava dele, mas nunca desejei isso – disse solene. – Não podemos mudar o que aconteceu, Melissa, mas podemos fazer justiça.

Assenti, limpando os olhos. Félix me endireitou com cuidado e levei alguns segundos para notar que não estávamos sozinhos. Uma mulher de cabelos castanhos estava mais próxima e um senhor franzino, de barba branca e traços asiáticos, observava a cena de longe.

– Você está ferida? – a mulher perguntou com voz suave.

Eu pisquei, focando a dona da voz. O rosto angelical era familiar e tinha certeza de ter encarado seus olhos amendoados antes... Eu a reconheci. Ela era a elfo original, descendente dos *Devas* da lenda que encontramos no bistrô. Sequei o restante das lágrimas e mergulhei em seus olhos curiosos para responder à pergunta com sinceridade.

– Não fisicamente – respondi dura, lembrando-me de sua expressão de repulsa ao olhar para Vincent.

Ela assentiu uma vez e caminhou para longe. Suas roupas fluidas acompanhavam seu movimento, que lembrou a elegância de Viviana. Acompanhei-a com os olhos até que a distância me permitiu notar o ambiente ao nosso redor. Estávamos em uma sala pouco mobiliada, coberta por tapeçaria. Não havia janelas, apenas uma porta em arco com chamas atrás de nós. Notei Félix se ajeitar ao meu lado, alinhando a postura, e entendi que a conversa seria formal.

– Esta é Melissa Wels, a escolhida do mago das sombras, protegida dos Von Berg e moradora da montanha – Félix listou em tom firme. A descrição chegou aos meus ouvidos com um som abafado... eu estava longe, interpretando suas palavras, principalmente a primeira parte. E lembranças me arrastaram para águas profundas... – Melissa, esses são Lorelei e Alleb – o elfo de fogo indicou a mulher e o senhor franzino respectivamente –, integrantes do Conselho da Tradição. Eles vão receber seu depoimento. Entretanto, como intercessor, gostaria de sugerir um ajuste... O propósito de sua visita era contar sobre a presença de outro mago das sombras nos domínios da montanha, mas, depois deste último ataque, não resta dúvida da presença dele. Portanto, solicito seu relato oficial dos últimos acontecimentos para esclarecermos como ocorreu a morte de Vincent. E, assim, nos esforçaremos para encontrar o culpado.

Félix olhava fixamente para os conselheiros e, depois de receber sua aceitação, voltou-se para mim. Suas palavras me empurravam para a escuridão, mas sua promessa me trouxe à superfície, e a dor aqui era insuportável. Encarando as labaredas nos olhos do elfo, lutei com o torpor que tentava me

dominar mais uma vez e, de volta ao meu corpo, movimente a cabeça, aceitando seus termos... sem acreditar que *aquela* era eu.

Félix sustentou meus olhos e caminhou até a única mesa aparadora da sala, voltando rapidamente com um alfinete gigante nas mãos. Ele pediu minha mão e imaginei o que ele ia fazer... mas não vacilei.

– Preciso do seu juramento, Melissa. Isso é apenas uma garantia, nada acontecerá se suas palavras forem verdadeiras. Mas se forem levianas, deve estar preparada para a punição – Félix explicou didático.

Olhei para o alfinete nas mãos do elfo de fogo... isso era um juramento de sangue, um pacto de verdade, não parecia que pudesse escolher. Estiquei um longo olhar para o senhor de aparência asiática e ele sorriu encorajador. De qualquer forma, parecia impossível que algo me causasse mais sofrimento. Balancei a cabeça para a frente, confirmando minha compreensão. Voltei minha atenção para o alfinete, medindo-o de uma ponta a outra, depois, dei minha mão à Félix e fechei meus olhos. A estocada foi rápida e abri os olhos a tempo de ver uma gota de sangue flutuar na minha frente. Ela percorreu a sala, até o senhor franzino. Com movimentos calculados, Alleb puxou um frasco de vidro da casaca amarela e o abriu, com outro gesto preciso golpeou o ar, aprisionando a gota vermelho brilhante. Depois levantou o vidrinho na altura dos olhos e os espremeu com curiosidade.

– Pela vibração de sua essência, Alleb poderá confirmar a sinceridade de suas palavras – Félix disse a meia-voz. Esfreguei minha mão afirmando mais uma vez... tudo o que tinha era minha sinceridade. Com um balançar de cabeça, Félix levantou a voz, assumindo o tom formal. – Agora, preciso que relate como ocorreu o ataque a Vincent. Farei perguntas e você deve respondê-las com precisão para que eu relate ao Conselho.

Olhei do elfo para as figuras distintas a poucos metros... Por que precisaria de um interlocutor se estava ali, na frente deles? E lembrei-me das palavras de Aristela, “*seja firme. Não tenha medo*”. Eu não tinha medo. Estava vazia, anestesiada, dominada pela tristeza. Não tinha motivos para temer. Tinha motivos para sentir raiva... ódio, revolta e muitas outras coisas que mascaravam minha dor. Talvez este não fosse um caminho claro, mas Félix tinha razão, era hora de fazer justiça ao meu amor. Depois poderia me entregar ao que não tinha volta.

Levantei o queixo, procurando os olhos do elfo.

– Se for possível, gostaria de assumir daqui.

Félix parou com a boca aberta, o olhar reprovador queimando meu rosto. Firmei a expressão decidida e ele fechou a cara, contrariado. O elfo musculoso devolveu o alfinete gigante ao seu lugar e voltou para o meu lado, com um gesto

insinuou que eu deveria continuar. Passei meus olhos pelo senhor franzino e foquei o rosto da elfo original.

– Gostaria de falar por mim.

– Se assim deseja – ela respondeu, a voz suave tremeu, indicando incômodo. – Talvez deva começar acrescentando algo a sua apresentação.

Espremi os olhos em dúvida, e ela devolveu meu olhar questionador, apontando o dedo para a minha mão. Segui seu gesto, ainda sem entender, e vi apenas um resquício da gota de sangue em meu dedo anular. Félix também seguiu a indicação de Lorelei e pediu minha mão com um gesto novamente, desta vez, para tocar meu anel. Ele deixou escapar um som surpreso, como se o notasse ali pela primeira vez.

– Você não era apenas a escolhida do mago das sombras, ele a nomeou *consorte*. – a mulher esclareceu.

Arregalei os olhos... O quê? Analisei a palavra por um segundo e perdi o ar quando lembrei seu significado... *quem divide a mesma sorte, o destino, o futuro. Um companheiro*. Balancei a cabeça suavemente, não, eu não... podia ser. Isso era um engano. Vincent não fez um pedido. Ou fez? Parei meu pensamento aí e foquei a elfo original. Ela parecia muito certa de suas palavras. A seriedade de seu rosto angelical mostrava que isso não era uma provocação, muito menos brincadeira. Eu arfei... Detalhes da conversa sobre um futuro na noite anterior e uma declaração confusa esta manhã esclareceram algumas dúvidas, mas ainda não queria acreditar. Aquilo foi um... pedido? Se foi, era, no mínimo, muito *diferente do normal*. E lá estavam as duas palavrinhas, mais uma vez, buscando comparações que não existiam nesse mundo.

Puxei minha mão da de Félix para contemplar o presente de Vincent, surpreendendo-me com meu próprio sorriso. Mas a gigantesca onda de dor em meu peito o levou, na mesma velocidade em que as lágrimas transbordavam dos meus olhos. Por um breve momento, deixei-me levar pelas doces lembranças, que machucavam como mil alfinetes em meu coração. Girei o anel em meu dedo, contemplando sua pedra brilhante, torturando-me com as possibilidades... Pedido ou não, agora o anel era apenas uma lembrança de um momento especial.

– Isso foi um presente... Quando fazíamos planos para nosso futuro. – Levantei o rosto para a elfo original e seu olhar curioso era perturbador. Senti o toque de Félix em meu braço e entendi que não deveria me distrair com os detalhes agora. Eles queriam respostas diretas, objetivas. Respirei fundo, fechando a mão do anel em punho, prendendo aquele símbolo como a lembrança que teria de Vincent, para sempre. – Sim, fui sua escolha. E ele ainda é a minha. – falei com toda a sinceridade do meu coração.

A Deusa juntou as mãos, em um gesto apreensivo, antes de me dirigir sua

primeira pergunta.

– E você conhece as implicações de sua escolha?

– Sim. E não me importo. Eu o amo.

A mulher transformou sua expressão. O olhar curioso passando pela surpresa e parando no choque. O senhor de traços asiáticos ao seu lado não pareceu tão alarmado e assentiu uma vez, depois sorriu para a expressão aflita de Lorelei.

– Ela fez esta escolha em seu coração, não há dúvidas – a voz baixa do senhor franzino soou pela primeira vez.

– Alleb, sei o que está pensando... Mas concordamos que esse tipo de arranjo só causa sofrimento. Ele sabia disso. E ela, pelo visto, também – a elfo original me fitou reprovadora e levantei o queixo em resposta. Ela bufou antes de continuar. – O mago das sombras não nos comunicou da decisão porque sabia que iríamos negar qualquer pedido de união. Principalmente depois do que aconteceu a seus pais.

Alleb cruzou o olhar aturdido de Lorelei e levantou os ombros.

– E, como eles, o mago Vincent iria selar seu compromisso no mundo físico – ele levantou as mãos em minha direção. – Como vê, não podemos impedir uma decisão do coração.

Lorelei bufou e Alleb sorriu.

– Sei que esse assunto é pessoal para você e entendo as apreensões que carrega, mas faz muito tempo que não vemos um caso assim. Ah minha amiga... esta jovem é livre para fazer suas próprias escolhas, inclusive aquelas que não estão de acordo com a vontade de outros. Ela é responsável por seus próprios atos, deve decidir entre o bem e o mal... para si mesma. *Liberum arbitrium* – disse no mesmo tom baixo, sereno e sábio. Com um breve sorriso, Alleb voltou os olhos para mim. – Não podemos alterar as escolhas dele, muito menos as suas, minha criança. A lei do livre-arbítrio é a mais poderosa de todas. – O senhor franzino cruzou as mãos no peito curvando-se ligeiramente e Lorelei se moveu, como se tentasse impedi-lo e, depois de um último olhar, voltou a seu lugar. Alleb continuou. – E que assim seja, o título *consorte* é seu. E continua sendo seu mesmo depois da morte dele.

Ouvir aquilo doeu em minha alma. Coloquei as mãos no peito, segurando minha dor e murmurei, fechando os olhos:

– Meu coração pertence a Vincent, mesmo que ele não esteja aqui.

Um longo silêncio tomou a sala. Pisquei, procurando as figuras incomuns ao meu redor... Félix parecia um boneco de cera, Lorelei estava com os olhos mareados, apenas Alleb tinha algo como um sorriso escondido na barba branca. Com um gesto vagaroso, ele assentiu, vendo a verdade em meus olhos mais uma

vez.

– Por favor, criança, continue seu depoimento para que façamos justiça ao seu *consorte*. – pediu calmamente.

Sequei meus olhos, respirando profundamente.

– Vincent me acompanhou até aqui para meu depoimento sobre a presença do outro mago das sombras na montanha. E reafirmo: ele existe. Eu o vi na noite em que o elfo Piro foi morto. E Vincent sentiu sua presença ontem na Terra das Sombras, eu sou a testemunha. Mas... pensando bem, suas atitudes... as palavras de Vincent... não foi esse mago que o atacou há pouco.

Félix se remexeu ao meu lado, inquieto por não poder se pronunciar. Entendi sua agonia e, apertando o anel em minha mão, fechei os olhos, relembrando as cenas angustiantes.

– Enquanto aguardávamos, Vincent disse que não estávamos mais sozinhos. Mas não havia ninguém, pelo menos, visível aos meus olhos. Mesmo assim, ele pareceu calmo e não foi essa a reação que teve com a possibilidade de um encontro com outro mago das sombras ontem. Vincent falou com a presença, esperava que ele estivesse aqui para nos recepcionar. Um segundo depois, os ataques começaram. Não entendi o que estava acontecendo até Vincent levar seu corpo para a luz e, quando o punhal ficou visível, ele o arrancou. Depois eu... eu chamei ajuda e... e...

Não conseguia mais falar, minha voz sumiu e senti meus olhos úmidos de novo. Félix me apoiou e a voz baixa do senhor franzino soou de bem perto.

– Punhal? Você viu o punhal, criança?

– Sim, ele apareceu sob a luz e desapareceu na sombra. E ainda está lá, em algum lugar.

Desta vez foi Lorelei que se aproximou.

– Você disse que ele aguardava essa pessoa.

– Sim. Ele a conhecia, a esperava, e pelo que entendi, ela chegou depois de nós.

Lorelei girou para o senhor franzino ao seu lado.

– Então, também é nossa conhecida. Alleb, ele ainda pode estar aqui!

– Sim. E, inacreditavelmente, três coisas sugerem uma pessoa: o atraso, a camuflagem e o punhal das sombras.

Ainda olhava para o senhor à minha frente, juntando os itens de sua conclusão, quando Félix disparou para as chamas do portal. O elfo de fogo moveu-se com rapidez, deixando claro que o protocolo não seria necessário naquele momento. Sem duvidar, eu o segui. Pisei um segundo depois dele dentro das chamas e elas diminuíram ao comando de sua voz, mas tenho certeza de que chamuscaram sua roupa. Uma espiada sobre o ombro indicou que os integrantes

do Conselho nos seguiam.

Do outro lado, Félix parou bruscamente, apenas por um rápido momento, e antes que eu trombasse em suas costas, ele disparou outra vez. Seus passos eram largos e rápidos, logo ele estava à frente, abrindo minha visão para o novo cenário... que não fazia nenhum sentido.

Eu parei.

Alex, Viviana e Nicolau tentavam reanimar um corpo no chão de pedra que não era o de Vincent. Félix correu para o corpo e agarrou seus braços, sacudindo-o.

– Ayla... Ayla, onde eles estão?

Os outros se afastaram e pude ver a sereia piscar os olhos algumas vezes com um gemido.

– Eu não sei... eu não sei...

Eu estava atordoada, vi a mancha de sangue no chão, onde antes estava o corpo de Vincent, e continuei procurando sem acreditar que ele não estava mais lá. Lorelei e Alleb passaram por mim, ao encontro da sereia. A elfo original parecia irritada, suas roupas se agitavam com movimentos bruscos, e ela se dirigiu a Ayla com firmeza.

– Você ainda está sob o juramento do Conselho, ninfa das águas, seja precisa em sua resposta.

Ayla se apoiou no chão de pedra com dificuldade, com um gemido, tentou tocar o pescoço, mas desistiu no caminho. Ele estava ferido, e reconheci aquela marca. Toquei minha cicatriz abaixo da orelha por reflexo e me aproximei, ajoelhando-me à sua frente.

– Quem levou Vincent?

– Eu não tenho certeza. Fui pega de surpresa – a sereia levantou os olhos até Lorelei. – Lúcius estava comigo, ele tentou me convencer a acompanhar o depoimento de Melissa, mas eu queria guardar o corpo de Vincent. Durante nossa discussão eu... por um momento eu... Achei que Vincent pudesse estar respirando e... me curvei para checar, quando fui atacada. Minhas forças me deixaram logo depois e acordei com Alex me reanimando.

As atenções foram para o elfo de luz, que ainda cuidava da sereia, mas eu pulei na direção de Ayla. O coração disparado no peito.

– Vincent estava respirando? Tem certeza?

Ela suspirou com outro gemido, desviando de minhas mãos.

– Não. Eu não tenho. Foi muito rápido, Melissa. Talvez tenha sido apenas um reflexo do que eu gostaria que acontecesse.

Fitei a sereia longamente, buscando uma fagulha de esperança em seus olhos negros, mas ela se recusou a me dar este presente. Senti meu peito subir e

descer, a agonia me dominado... as mãos suaves de Viviana pousaram em meus ombros e, antes que percebesse, estava agarrada à elfo de luz soluçando copiosamente. O choro desesperado misturava a expectativa frustrada, a dor por perdê-lo e a esmagadora insignificância por não saber seu paradeiro.

Mais uma vez, Viviana tentou me acalmar, enquanto os esclarecimentos se concluíam ao nosso redor...

– Quando retornamos, Ayla estava sozinha, inconsciente no chão. – A voz de Nicolau tomou a sala e soou seca, concentrada, como se ele segurasse as emoções. – Quem a atacou, provavelmente, atacou Lúcius também. E o levou, junto com o corpo de Vincent.

Félix se agitou ao nosso redor, as mãos impacientes subiam e desciam incomodadas com a própria ineficácia.

– Não, Nicolau. Lúcius não está aqui porque foi ele quem levou o corpo de Vincent. Segundo o depoimento de Melissa, ele se encaixa perfeitamente no papel do atacante. Lúcius foi o último a chegar, encontrou comigo e com Ayla na sala do Conselho um instante antes do segundo chamado do sino. Como elfo das sombras, ele pôde usar as sombras da sala como camuflagem e, provavelmente, foi assim que se aproximou o suficiente para ferir Vincent mortalmente. Para completar, usando um punhal das sombras. Depois, deixou Ayla inconsciente e levou o corpo de Vincent para encobrir as provas.

Um arfar que não era o meu me fez perceber o golpe que a revelação causou em Viviana. E foi surpreendente até para conter meu pranto. Confesso que a conexão dos fatos ainda não fazia sentido para mim... até o momento. E ouvir a sequência, metodicamente perfeita de Félix, me fez arregalar os olhos. Limpei o rosto... tentando entender por que Lúcius faria algo assim para machucar alguém de sua família.

Nicolau levou alguns segundos para falar e, quando conseguiu, tropeçou nas palavras.

– Mas... se Lúcius quisesse esconder provas... não teria deixado Ayla para trás.

– Nem o punhal – falei trêmula, afetada pelo fim do choro compulsivo. – Ele deve estar por aqui, em algum lugar na sombra.

Indiquei a sombra que cobria o chão de pedra aos nossos pés e Viviana me afastou. Estendendo os braços brevemente, ela fulgiu sua aura prateada, e precisei cobrir os olhos. Quando a claridade diminuiu, Félix já segurava algo nas mãos e o girava de um lado para o outro embaixo de um dos feixes de luz do vitral.

– Sim, um punhal das sombras – murmurou confuso.

Um gemido no chão fez a atenção de todos voltar para Ayla. Alex ainda

a examinava e acomodou a sereia no chão com cuidado, antes de levantar. Ele se aproximou de Viviana e a olhou concentrado.

– O ferimento de Ayla não é de punhal. É um ferimento de absorção. E já vi algo assim antes. – Os olhos de Alex correram para mim, e eu sabia de quem ele estava falando, *Ludwig*. Toquei, mais uma vez, minha cicatriz e tremi. – Mas a magia usada está fraca, não posso afirmar que é das sombras. Quem a atacou foi cuidadoso para fazer um escudo de poder... ou não é um mago das sombras.

Eu balancei, procurando apoio. E se não fosse por Nicolau, com certeza, estaria no chão ao lado da sereia.

– Ludwig – murmurei sem ar –, ele voltou para cumprir sua vingança. E levou Vincent para esconder seu crime.

Os conselheiros se aproximaram e Lorelei chegou bem perto, exigindo minha atenção.

– Você ainda está sob juramento, Melissa. Não fale sobre o que não tem certeza, isso pode ser punitivo.

A elfo original focava meu rosto, mas seu aviso não pareceu repreensivo, soou mais como um lembrete do protocolo. O curioso foi o silêncio dos outros... ele confirmou que, apesar de eu ter afirmado algo sem provas, todos concordavam comigo. E entendi que o consenso geral não poderia ser punido. Mas, pelas regras, não poderíamos acusar Ludwig, principalmente porque as provas não levavam a ele. E lembrei-me do que Vincent disse sobre a capacidade de manipulação do seu antigo mestre. Para mim, estava claro: de alguma forma, Ludwig persuadiu Lúcius a fazer aquilo por ele. Mas precisou intervir no fim, provavelmente, para apagar todas as provas. Por isso levou Lúcius também. Corri os olhos ao meu redor, indignada. Se todos chegaram à mesma conclusão, por que continuar ignorando a verdade? E entendi a grande lição que Vincent aprendeu com seu antigo mestre, algo que ele usava com efeito... intimidação. E, pelo visto, funcionava ainda melhor com Ludwig, porque ninguém ali se envolveria com ele sem provas definitivas.

Parei meu olhar na elfo original e travei os dentes, controlando minha revolta, a contragosto assenti. Lorelei afastou-se para tocar os ombros da sereia, depois voltou para o lado de Alleb. O senhor frágil apenas observou. Ao sinal da *Deva*, ele juntou as mãos e, endireitando o corpo franzino, falou baixo, mas seu tom era cerimonial.

– As provas aqui indicam que Lúcius, líder dos elfos das sombras, causou a morte do mago Vincent Dippel. Depois, atacou Ayla, regente do Reino das Águas, e levou o corpo do mago para encobrir seu crime. A partir deste momento, o elfo das sombras será procurado como assassino. E o corpo do mago das sombras será dado como desaparecido.

Agora, foi a vez de Lorelei. Depois juntar as mãos à frente do corpo, ela girou o olhar pelos rostos presentes e suspirou antes de falar.

– Agradeço o esclarecimento de todos e convoco os líderes elfos presentes para iniciar o plano de captura.

Sem perder tempo, os conselheiros giraram para o portal flamejante em movimentos orquestrados. Félix e Viviana os seguiram. E eu me remexi, escapando das mãos de Nicolau. Com um gesto aflito, agarrei a manga da casaca de Alleb, parando o senhor franzino com um solavanco.

– Espere... Vocês não vão procurar por Vincent?

Alleb assustou-se com meu gesto, mas se recuperou rapidamente. Com o olhar sereno, segurou minha mão, dando um tapinha de leve.

– Imagino como está sofrendo, criança, mas a prioridade será encontrar o assassino de seu *consorte*. Por um meio ou outro, ele nos dirá onde ocultou o corpo. E, então, você poderá cuidar de sua despedida.

Sem nenhuma outra explicação, ele se virou, seguindo para a porta em forma de arco preenchida por fogo. Meus olhos cruzaram com os de Viviana, depois com os de Félix, e em ambos vi, sucessivamente, surpresa e pesar. Quando um último par de olhos entrou em meu campo de visão, entendi que havia acabado.

Lorelei tinha uma expressão séria, resoluta, mas no fundo dos olhos amendoados encontrei a esperada compaixão.

– Sinto muito – disse com empatia. – Eu teria feito tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudá-lo, como faria a qualquer ser mágico... Mas entenda, ele cumpriu seu destino ao desafiar a própria maldição.

– Eu não acredito na maldição dos magos das sombras – falei trêmula. – O que aconteceu aqui não foi causado por uma lenda. Foi real.

A Deva mergulhou em meus olhos e encontrou a dúvida que brotava devagar.

– Mas eu acredito, como toda minha linhagem. E foi por causa dela que chegamos ao fim. Esta lenda é mais real do que imagina, Melissa. E estou feliz que a maldição dele não a tenha levado. – A voz suave acompanhou um toque em meu rosto. Não demorou mais que dois segundos, mas foi como um choque, irradiando alguns quilowatts de energia por meu corpo. Uma explosão tremeu meu peito e pisquei, focando a dona da voz. O rosto familiar ainda era suave, angelical... os olhos amendoados brilhavam solícitos, generosos. Ela se endireitou, olhando-me com cautela. – Como se sente?

Pisquei mais uma vez, avaliando sua pergunta, ainda sentindo a energia girar veloz por meu corpo. Mas não era como o “calor”... era algo revigorante. Uma sensação de bem-estar amplificada que se concentrou em meu peito, onde

antes senti o poder de Vincent. Devolvi seu olhar cauteloso, estudando a mulher à minha frente com cuidado.

– Vou ficar bem.

Ela sorriu brevemente, afirmando, e esticou a mão para afagar meu braço. Esse toque foi diferente, trouxe conforto, aconchego... uma sensação calmante. Mas não era mágica. Era algo conhecido, familiar... um carinho de quem quer bem.

Continuei piscando para a elfo, que me observava criteriosamente. Por um segundo, algo em seus olhos despertou uma dúvida antiga, que logo se perdeu na confusão do presente. Ela também piscou longamente, como se despertasse da mesma dúvida. Com um sorriso fraco e mais um olhar terno, Lorelei se afastou, seguindo o grupo que desaparecia nas chamas fracas do Portal de Pedra. Quando as labaredas ressurgiram, vigorosas e protetoras, senti alguém tomar meu braço.

– Vamos, Melissa – Nicolau chamou –, Aristela e Armand precisam saber o que aconteceu aqui. – Girei para o mago, mas não senti o movimento... algo maior estava controlando minha sensibilidade. – Alex, você acha que Melissa está bem para cruzar o portal?

Alex se aproximou e, atendendo ao chamado de Nicolau, avaliou-me com cuidado.

– Lorelei cuidou dela também. Mas a energia dos *Devas* cura o corpo e vai apenas anestesiar o que ela sente. Sabemos que algo assim ainda demorar a cicatrizar – ele tocou meu braço, e o “calor”, aquele crescente, brotou em meu peito, espalhando-se por minha pele. Alex se assustou, espremeu os olhos prateados fechando a mão em meu braço. – Mas que... – ele piscou, concentrando-se – curioso. – O elfo de luz balançou a cabeça, ganhando minha atenção. – Eu sinto... Mas como pode ser isso? – disse quase atordoado. Puxei o braço de sua mão lembrando-me da transferência de poder, percebendo que, de alguma forma, ele podia sentir isso. – Melissa... Você carrega poder mágico!

Suspirei uma vez.

– Eu sei... ou melhor, não sei – falei apática, sentindo um conflito agitar meu peito. Como se algo em mim lutasse para absorver o escudo anestésico da Deva. – De alguma forma, no tronco que Vincent usou como passagem para a viagem das sombras, havia uma armadilha dos duendes. Um tipo de feitiço de transferência de poder. E nós estávamos... estávamos – minha voz embargou – nos beijando. Ele achou que isso foi suficiente para nos conectar. Parte de seu poder ficou em mim. Acharmos que tinha me deixado, mas, pelo visto, ainda está aí. Eu tentei devolvê-lo a Vincent quando ele desfaleceu... mas, além de não saber o que estava fazendo, acho que tentei tarde demais. Foi por deixar seu

poder comigo que ele estava fraco. Fraco o bastante para não se recuperar dos golpes do punhal.

Eu funguei, espantada por falar tudo tão detalhadamente. Enquanto recuperava o fôlego, quatro olhos me fitavam, atônitos. Dois prateados e dois escuros como avelãs. Alex desviou o rosto para Nicolau.

– Isso é possível? Quer dizer... A armadilha e o feitiço? Porque, com certeza, há poder nela, mas ele não parece ser das sombras, pelo contrário.

– Pode ser... Os duendes são mestres em armadilhas mágicas. Vincent relatou o fato há pouco, só não acrescentou o detalhe da transferência pelo beijo. Eu estava solicitando a verificação de armadilhas nas passagens quando tudo aconteceu. Ainda preciso confirmar. E... quanto ao poder – Nicolau coçou o pescoço uma vez, visivelmente cansado pelo desgaste emocional. Ele me espiou brevemente e voltou os olhos pesados para o elfo –, se, de alguma forma, ela estava com parte dos poderes das sombras de Vincent, o *compartilhamento* da Deva deve tê-lo modificado – argumentou duvidoso.

Alex balançou a cabeça, os olhos em mim.

– Isso é... é possível – completou confuso. – Mas... – O elfo parou, interrompido por um gemido atrás de nós. Alex balançou a cabeça mais uma vez, depois espiou sobre o ombro, checando a sereia desacordada no chão. – Vou ficar com Ayla. Mesmo recebendo energia extra de Lorelei, ela precisa se recuperar da absorção e não deve deixar a Terra da Luz agora. Se for removida para o mundo físico, pode levar muito tempo até que recupere seus poderes. – Ele me espiou com cuidado e colocou a mão no ombro de Nicolau. – Sinto muito pelo que aconteceu. Sei que Viviana também está arrasada e, acredite, estamos todos inconformados... Não consigo compreender o que levou Lúcius a fazer algo assim. – Alex se afastou com a expressão solene. – Prometo fazer o que estiver ao meu alcance para encontrá-lo.

Nicolau fechou os olhos com um longo suspiro e Alex recuou, espelhando sua expressão abalada.

– Voltaremos assim que possível para confortar Aristela – o elfo finalizou solidário.

Fechei meus olhos... *Aristela*.

Como contaríamos isso para Aristela? Como contar a uma mãe sobre a morte de seu filho? E sabia que ela amava Vincent como a um filho. Senti Nicolau me conduzindo e, mesmo depois de alguns passos, relutei em abrir os olhos. O mago abatido parou. Com esforço, abriu as duas partes de um grande portão de ferro, acima dele, uma árvore majestosa brilhava nas cores do vitral... exatamente como antes. Abaixei o rosto, travando os pés no chão. Atravessar essa passagem mágica significava deixar o ocorrido para trás... Deixar Vincent

no passado. E ainda não podia fazer isso.

– *Melissa?*

Nicolau chamou da bruma verde, mas eu ainda fitava meus pés. A razão me dizendo para continuar e meu amor me mandando ficar. Eu não conseguia escolher... precisava sentir, queria sentir... e lutei com a onda de conforto que tomava meu corpo. Pensar nisso como algo terminado era inconcebível para o meu coração. Fechei os olhos e o calor em meu peito queimou forte, tomando para ele qualquer energia da *Deva*. E lá estavam todos os sentimentos de volta... perda, revolta, raiva, impotência... Dizer que aquilo doía era pouco. Era tão forte, tão avassalador que estava me anestesiando mais uma vez. Abri os olhos com dificuldade... atordoada. Pensei em todos aqueles com quem dividiria os mesmos sentimentos... E segui. Mas aquela não era eu. Porque a Melissa que tinha um coração vivo ficou para sempre na sala de pedra dos portais. Agora eu era um zumbi, lembranças presas em um corpo sem vida.

Antes de entrar na bruma verde atrás de Nicolau, espiei o elfo de luz e a sereia no chão de pedra. Olhos negros e profundos me espreitavam. E soube que eles entendiam o tamanho da minha dor.

Buraco negro

Um passo. Dois passos. Três passos. A bruma verde ao meu redor exteriorizava o que eu sentia por dentro... uma massa densa, sem calor, cheiro, som, sabor. Um longo hiato. No quarto passo, a noite tomou tudo à nossa volta. Estávamos na ponte do riacho sinuoso, à nossa frente o chafariz de mármore, atrás dele o intimidador palacete de pedra. Ao nosso lado, um BMW preto. Mais dois passos e as gárgulas grotescas engoliram qualquer sombra de uma vida que um dia pulsou em meu coração.

Nicolau andava pelo pátio com passos duros, carregando sua amargura com determinação. E eu me arrastava atrás dele... não sabia como estava andando. Contornamos o chafariz de mármore e a porta do palacete se abriu. A cena familiar me levou no tempo... a uma visita cheia de esperança e descoberta. A um tempo que eu daria *tudo* para reviver... O vestido verde de Aristela balançou levemente para fora, e Nicolau parou. A troca de olhares não durou três segundos, e a maga de longos cabelos acinzentados caiu no chão. Armand apareceu atrás dela em um segundo, amparando a mãe. Nicolau se juntou a ele em uma corrida e eu fiquei ali, congelada ao pé da escada, observando a cena como se a dor nela não me pertencesse.

Nicolau relatava, à meia-voz, cada detalhe da tragédia e, a cada palavra, eu mergulhava em meu próprio buraco negro. Vi a dor cruzar os olhos de Nicolau; vi o desespero levar Aristela ao pranto; vi a inconformidade pintar o rosto de Armand com ira. E os sentimentos deles também eram absorvidos, um a um, por meu coração gelado. Parada, sozinha, em silêncio, fechei os olhos, levada por essa força atrativa até o vácuo. Mas, então, eu senti. Braços pequenos se fecharam ao meu redor, e meu coração reconheceu aquele aconchego. Sem hesitar, caí de joelhos, agarrando o corpo pequenino... E não conseguiria voltar à superfície sem sua ajuda. Eu me sustentei em seu consolo, sua compaixão, seu carinho, até que uma sensação calmante dominou meu corpo. Amor. Alice chorava em meus braços e eu me permiti chorar nos seus. Ela era minha família, minha compreensão, meu apoio. E seu amor era o bálsamo que fez meu coração machucado voltar a bater em um sopro de vida.

– Eu tentei salvá-lo, Alice... eu tentei – murmurei apertando minha irmã, justificando minha derrota a mim mesma.

A pequena maga fungou, depois apoiou as mãos em meu ombro para se afastar. Ela enxugou os olhos esmeralda, fitando-me com seriedade. Uma seriedade que jamais imaginei encontrar em seu rosto.

– Eu acredito em você.

– Mas não consegui. Eu falhei, Alice. E ele não vai voltar.

Desta vez, a pequena maga não disse nada, apenas me abraçou de novo. Não sabia se ela estava chorando, mas eu estava.

Algum tempo depois, levantei minha cabeça ao ouvir meu nome. Estava sentada na escada de pedra com minha irmã ao meu lado. Ela acariciava meu rosto, limpando as gotas de chuva que começavam a cair. Os pingos se intensificaram e, vindo do nada, uma neblina baixa ocupou o ar ao nosso redor. Minha mente estava vacilando, apagando e voltando... eu estava exausta e a água, de alguma forma, ajudou a despertar. Vi Aristela ser levada para dentro do palacete pelos braços de Nicolau e, de algum modo, Armand me colocou no BMW. Quando dei por mim, estava a caminho de casa.

Encostada no vidro, senti minha cabeça balançar com as saliências da estrada... eu dormi? Eu desmaiei? Ou estava entorpecida mais uma vez? Endireitei-me para procurar minha irmã e não pude deixar de reparar no motorista... que não era Vincent. Fechei os olhos, encostando-me ao banco novamente. Quando os abri de novo, o SUV estava parado. Pela janela vi Armand levar Alice nos braços até a porta de casa. Estava tudo apagado. Ele esperou por um breve instante e logo a porta se abriu, mas não havia ninguém nela. A imagem lembrou-me de outra carona, de outro mago... Eu me encolhi. Notei a música suave ao meu redor, ela embalou meu coração dolorido e as lembranças tornaram-se insuportáveis. Cambaleante, pulei para fora do BMW.

Encontrei com Armand no hall, ele vinha do quarto de Alice e quase trombou comigo. O mago de olhos azuis acinzentados foi iluminado pela luz fraca que chegava de fora, seu rosto devastado encontrou o meu e ficou ainda pior depois de me avaliar. Armand levantou uma mão, mas a abaixou em seguida. Levantando os ombros, assumiu uma postura muito familiar. E soube que, nesse momento, ele estava fechando suas emoções em um escudo. Como Vincent costumava fazer. Levei a mão ao peito, em um gesto débil que tentava segurar a dor que voltava... sufocante.

– Seu avô não está. Acho que vou ficar com vocês – a voz rouca se arrastou na penumbra.

– Não – arfei e a palavra saiu em um sopro agoniado. – Volte para Aristela... Ela e Nicolau precisam de você. Meu avô não está, mas pode chegar a qualquer minuto – inspirei com dificuldade. – Desculpe, Armand, mas não é um bom momento para apresentações.

Armand concordou relutante.

– Alice dormiu no carro, ela está triste, mas sei que ficará bem. Estou

preocupado com você. Se tiver algo que eu possa...

Mais lembranças e mais uma inspiração difícil.

– O BMW. Não gostaria de vê-lo outra vez.

Ouvi minha voz, mas não falei conscientemente, o som estava se perdendo. Armand balançou a cabeça sem argumentar e, depois de um minuto de silêncio, a voz rouca deixou escapar sua dor.

– Vou me empenhar na caçada a Lúcius. Não vamos deixá-lo impune. – Armand levantou o queixo, travando o maxilar. – Dou minha palavra, Melissa.

Sua postura imponente completou a expressão mortal, e a semelhança com *outro* mago zangado perfurou meu peito. Assenti, sem forças para falar. Armand caminhou para a porta e girou o corpo antes de cruzá-la.

– Volto pela manhã. Não vou deixar vocês sozinhas.

Mais uma vez, suas palavras lembraram as de outro mago e, desta vez, não consegui nem mesmo assentir... trêmula e abalada demais até mesmo para me manter em pé, eu me encostei na mesa aparadora do hall. Armand fechou a porta atrás de si e murmurou algo em francês do outro lado. Seguindo seu comando, o trinco deslizou dentro da fechadura enquanto uma névoa prateada escapava pelas frestas... e soube que ele estava deixando um escudo de proteção.

Minutos se passaram e eu continuava escorada, paralisada no tempo. Até que algo tremeu em meu bolso, o som estridente se espalhou ao meu redor repetidas vezes... como um grito da realidade tentando me acordar. E, finalmente, entendi o que deveria fazer. Puxei o celular do bolso, identifiquei o número e o coloquei na orelha.

– *Opa?*

– Melissa... Antônio morreu.

Meu coração anestesiado bateu fraco, só para ser esmagado mais uma vez por aquele sopro de voz arrasada.

– *Opa...* eu...

– Preciso tomar algumas providências agora, Melissa. A Lucila e o Arthur não estão em condições. – A voz de George parou. – Vejo você mais tarde.

– Sim, *Opa*.

Desliguei o telefone e senti uma lágrima solitária escorrer. Eu não consegui salvar Antônio também.

Um raio cortou o céu do lado de fora, estremecendo a janela da sala. Respondendo a sua força, algo enraivecido cresceu em meu peito, me chacoalhando. Indignação... fracasso. O “calor” descontrolado cresceu em meu peito, espalhando-se por meu corpo com a ira. Eu estava queimando. Tropecei até o banheiro enquanto os trovões nervosos chacoalhavam a casa, abri a torneira

para lavar o rosto e, no movimento, encontrei a imagem no espelho... Ela foi o gatilho para iniciar um surto descontrolado.

Arranquei minha blusa manchada com o sangue de Vincent e a arremessei dentro do box de vidro. Com outro movimento impensado, levantei minha mão, liberando o calor que disparou por ela. A onda dourada atingiu o tecido no chão, reduzindo-o a um pó fino em poucos segundos. Depois de ver aquilo, escorreguei para o chão, arfando, consumida pelo cansaço. Meu braço ainda formigava, minha mão ardia, como se eu tivesse dado um tapa em alguém... E meus olhos continuavam fixos, mirando o monte de pó no canto do azulejo.

Minutos depois, ainda não acreditava que tinha feito aquilo. Estiquei as mãos na frente do rosto, girando-as de um lado para o outro, a respiração normalizada, os pensamentos coerentes voltando vagarosamente. Aquilo me lembrou o surto enraivecido de Vincent ao destruir a casa de vidro... Girei minha mão mais uma vez, *minha mão*... Eu ainda era a Melissa. E, com certeza, isso *ainda* era efeito da transferência de poder com Vincent.

Apoiei a cabeça nas mãos... *Se não fosse pela transferência, ele teria poder suficiente para manter-se vivo.* E algo ilógico pulsou lá no fundo da minha mente... *O quanto seria suficiente?* Levantei a cabeça, procurando o anel em minha mão, perfeitamente ajustado ao meu dedo. Isso era uma magia de Vincent ou apenas um objeto mágico? Eu o tirei do anular e, colocando-o em outro dedo, o anel voltou à sua forma original, dando uma volta completa pela circunferência. Recoloquei-o no dedo anular; e ele se ajustou. Fechei a mão em punho, analisando a viabilidade da minha conclusão. Meu cérebro racional achava loucura, principalmente porque eu não entendia nada sobre poder e magia, mas meu coração galopava no peito, agarrado a essa possibilidade. E eu queria acreditar em qualquer possibilidade.

Mais um minuto no chão, e minha mão já estava dormente com a força que fazia para mantê-la fechada, convencendo-me que o sentimento enervante que ocupava meu peito era a solução. E ele, com certeza, doía menos que a dor definitiva. Recordei a cena sem volta... o corpo de Vincent no chão. O punhal. Seu rosto sem expressão, seu significado. Senti meu coração ser esmagado e procurei o anel. Depois de contemplá-lo, fechei os olhos, concentrando-me na fagulha de esperança... Deleitando-me com o alívio.

A esperança de vê-lo novamente iria me fazer sofrer muito. Talvez mais que a dor definitiva. Mas qualquer coisa era melhor do que acreditar que Vincent estava morto. Levantei-me calmamente, entrei no chuveiro e deixei a água quente levar o que restava da minha blusa branca de decote canoa. Não havia volta para ela.

Quase uma hora depois, arrastei-me para meu quarto enrolada em uma toalha, a tempestade havia passado. Uma chuva fraca dedilhava a janela e fiquei ali, no escuro, por mais de um minuto, esperando. Relutante, acendi a luz, coloquei meu moletom e deitei na cama. O perfume no travesseiro, amadeirado com um leve toque cítrico, rodou ao meu redor... trazendo lembranças de toques, palavras... machucando mais do que eu podia suportar. Com um salto, eu estava descendo a escada. Iludida pela esperança, ou não, estar longe dele era insuportável.

Acomodei-me no sofá com uma manta, tentando me proteger da escuridão fria do meu coração. Lutei com a exaustão para ficar de olhos abertos, certa de que esta esperança de reencontrá-lo me faria muito mal. E quando a dor física se aproximou da dor em minha alma, fechei os olhos.

Ainda era noite quando acordei. Afastei a manta, limpando o rosto molhado... Estava quente... Uma chama fraca tremulava na *salamandra* de ferro, e sua luz contornou uma figura envolta na noite.

Sentei-me, sobressaltada, encarando o homem que me olhava do outro sofá. Meu coração disparou no peito e, sem pensar, eu me atirei contra ele. Dois braços me apertaram tão angustiados quanto os meus. Seu calor tomou meu corpo e fui envolvida por seu perfume... Então eu soube. Algo doeu ainda mais fundo em meu coração, mas não consegui chorar. Era como se já tivesse chorado todas as minhas lágrimas naquela noite. Sua cabeça pousou em meu ombro e um soluço rompeu seu peito... Levantei minha mão vagorosamente e acariciei os cabelos de Arthur.

Aos poucos, ele me soltou e escorreguei para longe de seus braços. Fui até a cozinha, enchi um copo com água e levei para ele. Arthur o pegou de minhas mãos apenas para colocá-lo na mesinha de centro. Eu me sentei no outro sofá abraçando os joelhos, e ele ficou ali me olhando no escuro, por um longo momento silencioso. Eu podia sentir seu olhar suplicante, entendia o tamanho da sua dor, seu pedido por conforto... mas estava vazia. Não podia oferecer mais que minha presença no momento.

– Desculpe – murmurei. – Queria poder fazer mais. – Minha voz parou e uma lágrima se perdeu. Eu a enxuguei, mas nenhuma outra seguiu seu caminho.

Arthur veio para meu sofá, sentando-se ao meu lado.

– Não há nada que se possa fazer agora – a voz fraca se arrastou pela tristeza.

Aquela voz não parecia dele, era algo distante e perturbado. Arthur encostou a cabeça no sofá e mergulhamos no silêncio mais uma vez. Minutos ou horas depois, ele falou.

– Algo aconteceu com você – a afirmação foi precisa, mas fiquei em silêncio. A voz triste continuou. – Você estava chorando enquanto dormia.

Eu me encolhi, apertando os joelhos. E me esforcei muito para que a dor definitiva não tomasse posse do meu corpo.

– Vincent me deixou. Eu não sei onde ele está.

Arthur virou o rosto para me olhar, ele levantou a mão para um carinho, mas parou a poucos centímetros, deixando-a cair ao lado do corpo. Nesse momento, ele entendeu meu pedido de desculpas. O silêncio reinou entre nós mais uma vez, até que se tornou parte de minha inconsciência.

Abri os olhos para a claridade.

E precisei fechá-los de novo.

A cabeça e o corpo doíam, reclamando a sobrecarga emocional da noite anterior. E acreditar que essa noite foi real seria um desafio todas as manhãs.

Tentei me levantar, e uma tontura balançou meu corpo, era como se o buraco negro tivesse tomando para si todas as minhas energias. Notei Arthur encolhido do outro lado do sofá e, com cuidado, coloquei minha manta sobre ele. Com passos bambos, fui até o banheiro e no espelho encontrei o zumbi-alienígena. Fazia muito tempo que eu não o via. Minutos depois, eu estava na cozinha, procurando inconscientemente algo nos armários... Meus olhos pararam em uma barra de chocolate esquecida e a agarrei sem duvidar. Duas mordidas depois e comecei a me sentir viva. Ou quase. Precisava de uma grande xícara de café... Ou iria enlouquecer.

Comecei a juntar os itens necessários, sem muito barulho, mas logo um espantalho apareceu atrás de mim. Ele ficou ali, parado, os olhos fundos, vagos, pedindo desesperadamente algum consolo... e reunindo o pouco que tinha, me adiantei para abraçá-lo. Antes que o espantalho reagisse, minha fonte esgotou. Sem jeito, eu me afastei. Arthur deixou-se cair em uma cadeira. Antes que dissesse qualquer coisa para melhorar minha culpa, ouvi algo pesado deslizar na porta da frente. Parei com a boca aberta e o som se repetiu ecoando pelo hall. Apressei-me, tentando controlar a expectativa. Ao abrir a porta, a decepção pareceu-me mais familiar.

Um imenso cão cinza se chacoalhou à minha frente, livrando-se do excesso de água... depois, avaliou minha surpresa. Seu olhar preocupado acompanhou um grunhido. Eu pisquei.

– Heros? O que faz aqui?

O cão girou a cabeça com um rosnado, visivelmente incomodado com minha falta de atenção. Levantei os olhos para o jardim, procurando alguém que o estivesse acompanhando.

– Você está sozinho?

Uma lufada. O cão abaixou a cabeça, fitando minhas meias.

Ora... *eu não era telepata... E não falava com animais!* Mais uma prova de que não havia nenhum gene mágico em mim.

– Eu não entendo, Heros...

Mais uma girada de cabeça, mais uma rosnada e ele levantou o corpo volumoso, forçando passagem pela porta. E, então, lembrei-me da promessa do mago de olhos azuis acinzentados... “*Volto pela manhã. Não vou deixar vocês sozinhas*”.

Heros quase me derrubou, e tive de correr atrás dele. O cão parou no corredor, olhando o quarto de Alice, quando girou a cabeça para a cozinha, soltou outra lufada. Eu me aproximei, sentindo os olhos arregalados de Arthur sobre mim. Quando me agachei ao lado do gigante cinza, a porta do quarto de George se abriu. Meu avô deu um passo para fora, ainda em suas roupas da noite anterior, e fechou os olhos para finalizar um bocejo de leão-marinho.

– *Opa?* Não o vi chegar.

– Deixei Lucila em casa muito tarde. Vocês estavam dormindo e não quis acordá-los – explicou sonolento. Mas, ao notar o volume ao meu lado, esforçou-se para esfregar os olhos com vontade. – Uoooo... Esse não é o cachorro da Aristela? O que ele está fazendo aqui?

– É sim. Ele está aqui porque... – olhei para Heros sentindo meus olhos arder. Explicar sua presença implicava esclarecer outras coisas, muito dolorosas. E, mais uma vez, lutei contra a dor definitiva, iludindo-me com a esperança. – Heros veio nos fazer companhia – falei controlando a voz, e George espremeu os olhos. – Eu não vou subir a montanha por um tempo, e acho que ele entendeu isso. Heros gosta de Alice e ela sentiria muito a falta dele. Então, Aristela o deixou ficar – justifiquei. Bom, se ele estava aqui, ela *provavelmente* tinha concordado com isso. George soltou um som descontente, enquanto Heros abanava o rabo, limpando o primeiro degrau da escada como uma vassoura. Percebendo a relutância de meu avô, o cão encostou o focinho em meu braço e deixou escapar um gemido baixo. Resolvi interceder por ele. – Alice gosta muito dele, *Opa*, não quero que ela fique triste com mais uma separação.

– Sei disso, Mel, mas ele é *um pouco* grande demais e... Ah... Espere um pouco. Separação? Melissa, por que você não vai subir a montanha? – pela primeira vez, a voz de George não pareceu animada com a ideia.

Senti uma lágrima escorrer e George adiantou-se imediatamente. Ignorando o monstro cinzento, levantou-me do chão para me envolver em um abraço protetor. Com o coração aos pedaços, retribuí seu abraço, agradecendo pelo conforto do seu amor. Ele trouxe a coragem para continuar.

– Eu não sei onde Vincent está – falei com um sopro fraco.

– Ele a abandonou?

O tom de George era irritado, e não consegui responder. Apenas afundei o rosto em sua camisa, escondendo-me de seu julgamento. Não queria que meu avô pensasse mal de Vincent, não era sua culpa... *eu* é que preferia ser deixada. Assim havia uma chance, a esperança do retorno. E não encontraria esse consolo na morte. Mas não era justo que esse alívio egoísta manchasse a imagem do meu amor. Funguei, inconformada com a dúvida que crescia dentro de mim.

George me afastou cauteloso.

– Melissa... ele a machucou? – perguntou concentrado, e neguei com a cabeça, várias vezes. Ainda mais incomodada com seu julgamento. Meu avô assentiu e suspirou antes de continuar. – Há quanto tempo está grávida?

Eu pulei para trás, ouvi uma cadeira se arrastar na cozinha e até um cachorro esguichou abaixo de nós. Recuperei o fôlego e sequei o rosto.

– Eu não estou, *Opa*. Vincent e eu não... – eu parei, não precisava dar esse tipo de detalhe. – Ele se foi. Apenas isso. E sua partida... Não foi culpa dele.

George escorregou a mão pelo pescoço, analisando minha certeza. Um segundo depois, não escondeu a expressão de alívio.

– Desculpe, Mel, mas por um momento vi a história de sua mãe se repetir na minha frente. Já estava imaginando um bisneto correndo por aí.

Abaixei os olhos, encabulada por dividir algo tão pessoal com a plateia. Esfreguei meus braços, sem jeito, e George se aproximou.

– Não entendi muito bem o que aconteceu entre vocês... e sei que não vai querer explicar para mim. Mas, se ele a deixou ou você o mandou ir, não importa. O que importa é... Estou do seu lado. Sempre estarei. Para o que precisar.

Levantei os olhos e o amor incondicional que recebi aqueceu meu peito.

– Eu sei. Obrigada, *Opa*.

George apertou meu ombro em um afago desajeitado. Abaixando os olhos, mexeu os pés para o lado, desviando de Heros com um murmúrio incompreensível... como se só agora o notasse tão perto.

– Então, esse aí vai ficar de hóspede – a declaração soou descontente. George franziu os olhos. – Será que daremos conta do bicho? Parece que ele come bastante – divagou.

– É... – pelo que já havia presenciado, sim, ele comia. – Talvez. Mas sei que Heros é educado. Um cavalheiro. E está aqui para ajudar.

O cão gigante soltou uma lufada, que, para mim, pareceu uma confirmação. Uma cadeira se arrastou na cozinha novamente e me lembrei de outra pessoa que precisava de uma dose de amor incondicional. Entendendo meu

olhar, George foi ao encontro de Arthur e o puxou para um abraço demorado. A cena acalmou meu coração.

Sentamos à mesa, e meu avô tentou explicar como seriam os preparativos do funeral. Ele já havia cuidado de tudo e, obedecendo ao desejo de Lucila, providenciou tudo para o mesmo dia. Arthur ouviu ausente e sua apatia neste momento era irreversível. Eu me calei, o coração longe. Tentei ser útil em pequenos gestos, e nada que fizesse poderia preencher seu vazio. Ou o meu. No fim, ninguém ali poderia estar mais solidária a Arthur. E encontrei nesse caminho a justificativa para continuar com minha farsa.

Alice ficou surpresa por acordar com Heros ao seu lado mais uma vez e não escondeu sua alegria ao saber que ele ficaria em nossa casa. Mas seu sorriso foi roubado logo em seguida. E em muitos outros momentos. O pior deles, ao encontrar Lucila e Arthur. Receber a notícia de mais uma morte abalou minha irmã de uma forma incomum. Ela se fechou e fiquei preocupada com o acúmulo de tristeza em seus olhos.

Sentada em seu quarto, ela afagava o enorme cachorro cinza, estirado aos seus pés. Alice estava pensativa... serena, e parecia mais velha. Seu rosto estava mudado. Talvez pelo amadurecimento forçado, o conhecimento mágico ou simplesmente pelo aniversário que se aproximava. Mas quando encontrou meus olhos, nada disso fez diferença... porque eu vi apenas minha irmã caçula. Alguém que eu faria de tudo para proteger.

– Você está bem, Alice?

Ela soltou o ar bem devagar, enrolando os dedos no pelo de Heros.

– Não quero que mais ninguém morra.

Eu me sentei ao seu lado e alisei seus cachos avermelhados. Concentrando-me nas duas esmeraldas brilhantes, falei com toda a força do meu coração.

– Eu também não.

A casa azul dos Casella ficou vazia boa parte do dia, porque todos, de alguma forma, pareciam concordar que a casa de George era o lugar mais acolhedor da cidade. Eu não estava em condições de bancar a anfitriã, mas em razão das circunstâncias, ninguém reclamaria da falta de sorrisos. O importante é que pude ajudar Lucila de alguma forma. Rose chegou no meio da manhã e ajudou com a recepção dos desconhecidos. Eu *tentei*... por várias vezes *tentei* me aproximar de Arthur. Queria oferecer algo que ele estivesse precisando, mas não podia dar o que não tinha. Depois de encarar mais um olhar suplicante, me escondi em meu quarto. Eu precisava ficar sozinha. Longe dos rostos curiosos,

longe da solidariedade alheia que desconhecia minha outra dor.

– Melissa? – A voz suave cresceu nos degraus da escada. – Quero saber onde encontro os copos descartáveis e...

Rose empurrou a porta do meu quarto e levantou uma sobrancelha quando me viu sentada no chão, ao lado do baú, a cabeça entre os joelhos... encolhida como uma bola.

Enxuguei o rosto para responder:

– No armário. Embaixo da pia. Canto direito. – Minha voz, tremida pelo choro, ficou irreconhecível.

Rose assentiu, mas continuou ali. Ela me observou com olhos cuidadosos, depois encostou a porta sem fazer barulho, sentando-se no chão ao meu lado. Dois longos minutos se passaram e ela apenas me observou. Nesse tempo, minha respiração se normalizou, meus olhos secaram e, com um longo suspiro, expliquei o que estava claro.

– Estou passando por um momento difícil, e ficar naquela sala cheia de gente não está ajudando. – Encontrei os olhos compreensivos de minha amiga e continuei. – Eu não sei onde Vincent está. Mas quero ter esperanças de que ele vai voltar. E, antes que pergunte, não estou grávida.

Rose abaixou os olhos, contendo sua opinião. Aguardou mais um minuto e afagou meu ombro. Com a voz suave, perguntou:

– Quando aconteceu?

– Ontem à noite. Foi tudo muito rápido... e as coisas aqui... tudo acontecendo ao mesmo tempo. – Soltei o ar, desejando que ele levasse o aperto em meu peito. – É muita coisa, Rose. Estou sentindo tantos tipos de dor, de tantas formas, que às vezes fico entorpecida. Outras vezes tudo explode, fora de controle. E, no fim, fica o vazio – funguei e o afago em meu ombro se repetiu silenciosamente. – Sei que Arthur precisa do meu apoio, e Lucila, George, Alice... Puxa vida, me mata ver minha irmã deprimida. Sei que tudo isso lembra a morte de nossa mãe, de seu pai... Estou mesmo muito preocupada com ela. Triste por eles... Mas não posso deixar de lado minha outra dor. Eu só queria ficar... – eu parei. Sentindo-me ainda mais culpada por pensar isso nesse momento.

Rose completou, a voz serena, complacente.

– Sozinha. – Ela se curvou para me olhar de frente. – E acho que precisa, Melissa. Para se recuperar. Para se curar. Lição de sobrevivência: se não suporta o peso de dois, vá buscar ajuda! Não tente fazer o que não pode. Vai ser pior para você e para os outros.

– Mas não é justo com eles.

– Nem com você.

Eu suspirei longamente, olhando para o chão.

– Você pode me fazer um favor? – Ela assentiu prontamente. – Cuide de Arthur. Ele e o pai brigaram antes do infarto, e ele está se sentindo culpado. Ele precisa de compreensão... carinho.

Rose se remexeu nervosa.

– Todos na cidade sabem que o senhor Antônio tinha problemas no coração. O que aconteceu não foi culpa de Arthur.

– A cidade sabe, mas Arthur não. E sei que ele não consegue ficar um minuto sem se lembrar da briga com o pai.

Rose assentiu, remexendo-se mais uma vez. Ela hesitou por um momento, mas tomou fôlego, como se preparasse um discurso muito complicado.

– Sei que você não está em condições de consolar ninguém, mas não sei se sou uma boa alternativa. Talvez seja melhor esperar Helena chegar. Como irmã, ela vai saber o que fazer. – Sua negativa me surpreendeu. Estava de boca aberta, e Rose espremeu os olhos, tentando se justificar. – Nessas horas, os sentimentos ficam à flor da pele, e minha proximidade vai reviver coisas do passado. Arthur está fragilizado e não quero que ele... eu não... Somos amigos. Isso. E acho que... – Rose respirou fundo – não quero mudar isso.

Sua dúvida deixou claro que ela queria. Esfreguei meu rosto, focando-me no assunto. Relembrando antigas impressões.

– Eu sabia – afirmei. – No baile de inverno da cidade, estava claro que aqueles olhares significavam algo. – Rose desviou os olhos para a janela, corando. Pelo visto, estava mais claro do que ela gostaria. – Quando vocês namoraram? – Isso era fato, só queria confirmar o tempo.

– Na escola... no último ano. E terminou antes de entrarmos na faculdade. Você sabe... ele foi, eu fiquei. Enfim, não era o momento. Depois voltamos à zona segura da amizade. E quando você voltou, achei que estavam... Bom, todos acharam. Até ele. Por isso não acho justo confundi-lo agora.

Algo enroscou em minha garganta. E um pensamento antigo voltou muito claro. Eu realmente apareci para desviar Arthur de seu caminho. Se não fosse por meu retorno e as famosas coisas que ficaram em nosso passado, talvez eles já estivessem juntos. Rose voltou o rosto para mim, estava ainda mais vermelha, e meu desconforto ficou ainda maior.

– Rose... Eu nunca estive com Arthur dessa maneira – falei sem jeito. – Meu coração pertence a Vincent. Sempre pertenceu e assim vai continuar. Não há nada para ser confundido aqui.

Rose viu a verdade em meus olhos e, com serenidade, esclareceu.

– A confusão está nele, Melissa. Arthur precisa descobrir o que realmente

quer. Mas este não é o momento, ele está fragilizado... nada está claro, por isso não é certo interferir em sua escolha. Se eu for até ele, ele não vai me olhar porque quer, mas porque sou sua única opção.

Contemplei a aceitação nos olhos amendoados e me peguei invejando seu autocontrole.

– Rose... Como pode encarar isso tudo tão... tão... Você precisa falar sobre os seus sentimentos! E não negue, por favor, está claro que você ainda gosta dele. Por que não luta pelo que quer?

– Porque cada coisa tem o tempo certo para acontecer. E algumas precisam amadurecer para funcionar. Eu não quero ser uma escolha cega, muito menos uma escolha cômoda. Se eu tiver de ficar com Arthur, vai ser porque ele assumiu que é isso o que seu coração quer.

– Rose, ele não pode escolher o que nem sabe que é uma opção.

– Justamente, Melissa. Arthur é determinado, você sabe disso... no momento ele só vê uma opção – ela esperou e afirmei timidamente, ainda mais encabulada. – E não vai desistir até tirar suas próprias conclusões. – Rose desviou os olhos para a luz fraca que se misturava com a garoa fina na janela. – O amor é complicado, muitas vezes, está tão perto que a gente não vê. Por isso, ficar longe pode ajudar. E, então, se tiver que acontecer... simplesmente vai. *Nada* vai mudar isso.

Ela levantou os ombros enquanto eu balançava a cabeça, incrédula, ao perceber que, de certa forma, seu discurso fazia muito sentido. O destino. A força que comandava minha vida. Que me fez escolher o amor sombrio e, ainda assim, ter certeza da minha escolha. E essa certeza alimentava minha esperança... para que eu lutasse com a morte.

Suspirei profundamente.

– Estou torcendo por você.

Rose me espiou com um sorriso sincero.

– Eu sei.

Ficamos ali, sentadas no chão, olhando a água escorrer preguiçosa pela janela. Era bom ter com quem conversar sobre destino, esperança, dor, amor... sobre a solidez destes sentimentos que me torturavam a cada segundo. Mais um minuto ao lado de minha amiga e os pensamentos flutuaram para longe, buscando justificativas para as complicações deste destino. E machucaram com saudade dos olhos turquesa. Depois ficaram inquietos com a lembrança de poderes descontrolados e ataques violentos. Os mesmos pensamentos voltaram a doer, e se acalmaram mais uma vez... confusos... com depoimentos, linhagens, herança, maldições, lendas, demônios, Devas, semelhanças... bisnetos. Tudo isso girava em minha cabeça como um quebra-cabeça, procurando seu par de

encaixe. E havia um encaixe, agora sabia disso.

Acordei de minha abstração com o grito exasperado de Rose. Ela praticamente pulou em cima de mim, e só entendi o que estava acontecendo quando fixei os olhos na porta. Heros estava parado nela, com Alice ao seu lado. Os dois olhavam para Rose com expressões indiferentes, como se não entendessem seu pânico. Mas eu estava no chão, ao lado de Rose, e vendo a cena por seu prisma, quase gritei em solidariedade.

– Estamos com fome, *Tata*.

O pedido no plural de minha irmã foi acompanhado por uma lufada de Heros. Rose gemeu ao meu lado e, mais que depressa, adiantei as apresentações. O que não resolveu muito. Rose continuou com a expressão apavorada que gritava pelos olhos: “*Você não vai colocar o monstro para fora?*” Soltei os ombros enquanto descíamos até a cozinha... algumas coisas continuavam impossíveis de explicar.

Tive de convencer Heros e Alice a ficar em seu quarto a maior parte do tempo, pois sempre que o gigante cinza aparecia, alguma louça se quebrava na casa. Ou porque um visitante a derrubava de susto, ou porque Heros estava procurando algo para comer na cozinha. Sim, George tinha razão, ele tinha um apetite voraz. Enquanto eu distraía minha irmã e seu cão gigante no quarto, Lucila tentou se ocupar na cozinha, esperando a hora do velório. Mas, além de colocar fogo em um guardanapo, cozinhou algo indigerível... muito pior que as famosas “gororobas” de George. Devastada por não poder servir aquilo, precisou ser amparada até o sofá.

Helena, a irmã gêmea de Arthur, chegou no começo da tarde e, com a presença dela, Lucila se acalmou. Arthur, entretanto, continuava com a versão espantalho. Ele passou a manhã inteira na mesma cadeira e, no horário marcado, ficou sob minha responsabilidade levá-lo ao velório. Lancei vários olhares indignados para Rose, mas ela se manteve firme, apoiando-se em Lucila e Helena, que já haviam desistido de qualquer reação. Inconformada, coloquei Alice na caminhonete de George e respirei fundo antes de voltar à casa amarela.

Depois de meia hora e muita insistência, consegui um movimento de cabeça. E o olhar naquele rosto era tudo o que eu não queria presenciar no momento. Lutando com meus fantasmas, reuni forças, e continuei:

– Você precisa trocar de roupa, Arthur. Todos já foram. Estão esperando por nós. – Os olhos vazios do espantalho desceram até minhas mãos, que seguravam uma camisa preta. Acompanhei seu olhar e gaguejei. – Sua mãe deixou comigo, é para o velório. Tome, precisa se trocar.

Arthur se levantou e estendi a camisa mais uma vez, segurando o suspiro dolorido.

– Acabou – murmurou baixo, ecoando meu pensamento. Eu não tinha o que dizer, apenas sustentei os olhos vazios. – Nada vai ser como antes.

Com um movimento hesitante, aproximei-me, colocando a camisa em sua mão. Mais uma vez eu tentei... e um minuto depois ainda estávamos ali, ambos olhando a camisa preta, agora em suas mãos. Arthur levantou o rosto e seu olhar apavorado foi ainda pior que o do espantalho.

– Eu não sei o que fazer.

Coloquei as mãos em seu rosto, uma de cada lado, focando sua atenção.

– Você vai continuar – falei firme. – Vai fazer o seu melhor. Não vai desistir. E seu pai vai continuar se orgulhando de você. Como sempre se orgulhou.

Os olhos dourados tremeram. Já era difícil controlar minhas lágrimas, e ver Arthur chorando não ajudou. Antes que percebesse, estava esmagada em um abraço aflito. A força de seus braços ao meu redor era esmagadora, Arthur tentava agarrar minhas palavras, e eu deveria retribuir o abraço, dar-lhe algum alívio... mas ele ainda era inexistente em meu coração. Eu me afastei com cuidado. Relutante, ele me soltou, segurando um som esmagado na garganta. Meu coração doeu duas vezes. Arrasada, levantei uma mão até seus cabelos, mas recolhi rapidamente. Virei para a porta e senti um par de olhos azuis acinzentados me avaliando, criteriosamente. Desviei de Heros, incomodada com seu julgamento, e fui esperar Arthur no carro. Olhando a chuva além do vidro, deixei que meus sentimentos fossem absorvidos pelo- *meu* buraco negro.

Era sábado, e o fim de semana deixou o serviço funerário desfalcado, por isso, não chegamos atrasados para o enterro. Acompanhei tudo de longe, o mais distante que pude, pensando em Vincent a cada segundo. Lutando com a ideia de sua morte. Com esforço, tentei seguir o exemplo de Armand, e estruturei um escudo em volta do meu coração, selando-o com minhas esperanças. Alice permaneceu ao meu lado, calada. Dividíamos muitas lembranças doloridas. Antigas e novas. E soube, neste momento, que ela desejava o mesmo que eu, apenas voltar para *casa*.

Quando a noite chegou, nosso desejo foi concedido. De volta à casa amarela, notei a ausência de um cão peludo... Alice ainda não tinha conhecimento da maldição que confinou Armand em sua dupla identidade, e não cabia a *mim* mudar isso. Por desejo dele, ela só teria conhecimento disso quando sua presença humana não fosse intimidadora. E, para contrariar expectativas, Alice mantinha muita reserva perto de Armand. O oposto do que era com Heros. Mas as noites eram reservadas para sua forma humana, sendo assim, o cão peludo não retornaria até o sol nascer. Encontrar uma explicação para sua

ausência seria um problema... Não só para Alice. No fim, George não questionou. Achou os passeios noturnos do cachorro muito normais e murmurou algo sobre uma coleira antipulgas. Mas minha irmã ficou decepcionada por não ter o ombro peludo de seu amigo depois de um dia tão difícil.

Em seu quarto, na descrição das quatro paredes, justifiquei que ele talvez preferisse dormir no palacete, por sentir saudades de Aristela. Isso também não soou convincente e não posso afirmar que minha irmã acreditou nessa versão. De qualquer forma, ela não me contradisse. E algo lá no fundo me fez suspeitar que a sagacidade de Alice já havia matado essa charada havia muito tempo.

Naquela noite, ela demorou mais que o normal para dormir. E não poderia culpá-la. George também perambulava pela casa, como se sentisse falta de alguma coisa. E eu sabia o que era... *seu amigo*. Mas não ousaria dar nome ao seu sofrimento. Infelizmente, ao chegar em meu quarto, tudo lembrava o nome do meu. Esperei George ir para seu quarto e peguei minha manta. Não sabia se isso iria se tornar uma rotina, mas não estava preparada para enfrentar tantos detalhes que me levariam aos penetrantes olhos turquesa. Ainda não.

Desci a escada e me acomodei no sofá. Tentei fechar os olhos, mas eles teimavam em ficar abertos, esperando algo... Até que o *algo* aconteceu. Uma luz prateada brilhou na janela e eu, literalmente, caí do sofá. Levantei-me desajeitada e levei alguns segundos para concluir seu significado. Quando cheguei à porta da frente, uma nuvem de areia penetrava nas frestas e rapidamente se materializou no hall. Recuei um passo, derrapando as meias no piso de madeira, até que uma voz conhecida me fez parar.

– Desculpe, não queria assustá-la, mas precisamos conversar com você. – Félix virou para a porta e abriu a tranca, dando passagem para três figuras encobertas pela noite.

Quando os rostos conhecidos dos elfos passaram pela luz da arandela, voltei a respirar.

– Olá, Melissa. Sei que é fora de hora, mas o assunto não podia esperar – Alex disse sem muita emoção. Ele conduziu Viviana, que entrou no pequeno hall com um meio sorriso nos lábios, sinalizando para a terceira figura. Quando o gigante musculoso se espremeu pela porta, ajeitando a armadura negra, o ar em meus pulmões se foi mais uma vez. Alex avaliou minha reação e pareceu confuso. – Pensei que conhecesse Anasor.

O elfo das sombras parou ao lado de Félix, a dupla intimidadora ocupava boa parte do hall e, por instinto, afastei-me mais um passo. Anasor desceu o olhar sobre mim, avaliando-me como um oficial da guarda faria, com um gesto rápido, tombou a cabeça em um breve cumprimento.

– Na verdade, não fomos apresentados – disse a voz poderosa.

Os olhos felinos do elfo brilharam na meia-luz de forma conhecida... meu corpo tremeu. Primeiro, apreensivo, depois, revoltado com a lembrança. Endireitei-me decidida, levantando o queixo.

– Eu... me lembro de você. No Portal das Sombras. Você é o chefe dos Guardiões das Sombras.

– Ele não é mais – Viviana disse concentrada. – o Conselho o nomeou líder dos elfos das sombras esta tarde. E este é um dos assuntos de que viemos falar. – Dancei meus olhos entre os rostos dos elfos... e a diferença entre eles era distinta. Suavidade, força, vigor... transparência, escuridão, tenacidade. Voltei meus olhos para a elfo de luz e Viviana aproximou-se um passo, respirando fundo. – Melissa... o corpo de Lúcius foi encontrado na Terra das Sombras, perto da casa de Vincent. E, desta vez, havia sinais claros de magia das sombras.

Meu coração disparou. Primeiro chocado, depois esperançoso. Enquanto estudava as possibilidades, vacilei e, apoiando-me na mesa aparadora do hall, derrubei o porta-chaves. O som agudo foi acompanhado por uma chuva metálica, que se espalhou pela casa... interrompendo os roncos de George. Imediatamente, Alex se moveu à minha frente. Ele parou no corredor e procurou algo nos bolsos, puxou um saquinho de veludo vermelho e o chacoalhou no ar, liberando um pó cintilante. A nuvem brilhante correu na direção dos quartos, enquanto todos prendiam a respiração no hall. Segundos depois, os roncos voltaram; rítmicos e profundos.

Alex soltou os ombros e voltou até nós, encarando-me, cauteloso.

– Sei que não gosta que usem magia em sua família, mas Armand contou que o dia aqui também foi complicado. E imagino que o descanso para eles seja tão necessário quanto é essencial neste momento.

Assenti, não iria questionar nenhuma de suas justificativas, e ele sabia disso. Engoli em seco, procurando o rosto de porcelana da elfo de luz.

– Mas... Viviana... O que isso quer dizer? Que Vincent pode ter feito isso?

Viviana esticou os braços envolvendo-me em um cuidadoso abraço. Depois, afastou-se o necessário para prender meus olhos, esforçando-se para manter o olhar terno, esclareceu:

– Isso quer dizer que o “outro” mago das sombras ainda está agindo na montanha. Apenas isso. O corpo de Vincent continua desaparecido – a voz da elfo era seca, mas continuou controlada – e, com a morte de Lúcius, as chances de achá-lo são nulas. Mas, de alguma forma, o culpado pagou por seu crime, e isso foi suficiente para o Conselho encerrar o caso. Sinto muito, Melissa.

Viviana afagou meus cabelos e baixei a cabeça, sem conseguir segurar as lágrimas. Era inútil... nenhum deles concordaria com minhas minúsculas

expectativas de ver Vincent vivo.

Um breve murmúrio tomou forma, conduzido pela voz poderosa.

– Mas a ameaça deste outro mago das sombras ainda ronda a montanha. E, como havia um pedido anterior do mago Vincent... – Anasor se interrompeu, desviando o olhar. – Bom, eu autorizei a solicitação. Agora, a guarda do Portal das Sombras está responsável pela vigilância de sua família – informou solene. E soube que ele queria restaurar a imagem de integridade que Lúcius manchou.

Levantei o rosto até encontrar o olhar felino.

– Obrigada. Agradeço em meu nome e de minha família – funguei, voltando os olhos para Viviana. – Eu não entendo por que Lúcius fez isso? Por que trair Vincent? Se ele era seu parente... ou algo assim, por que matá-lo?

Rostos enrijeceram ao meu redor, e entendi que o assunto não revoltava só a mim. Desta vez, Viviana pareceu mais colérica do que os outros, o olhar prateado transformou-se em algo enfurecido.

– Ambição – grunhiu.

Ela disse apenas uma palavra que explicou tudo.

Lembrei-me do que Vincent havia contado... de “como” confiava no elfo das sombras, seu “parente”, para tomar conta de seus bens na Terra das Sombras. Balancei a cabeça, incrédula, imaginando como era injusta mais esta traição.

– Ele fez isso por... dinheiro? – questionei, tentando entender como algo tão pequeno podia valer mais que uma vida. – Não pensei que isso era tão importante no mundo mágico.

Rostos indignados compartilhavam da minha decepção. Percebi as vestes de Viviana flutuarem e ela cresceu, ou levitou... Desta vez foi Alex que se aproximou. Percebendo a raiva tomar conta de sua companheira, colocou a mão em seu braço, contendo-a. O gesto me pareceu familiar agora e me dei conta de que já vira Vincent fazer a mesma coisa, duas vezes. Uma no baile da cidade e a outra na casa dos Von Berg. Era curioso... como a convivência com a magia fazia estes pequenos detalhes muito claros agora. Viviana e Alex trocaram um olhar de cumplicidade palpável e ela suspirou longamente, abaixando o rosto.

E foi ele quem respondeu:

– Ao que parece, sim. Infelizmente, sim. O dinheiro pode ser um caminho rápido para o poder. Em qualquer lugar. E Lúcius estava investindo nisso. Armand verificou alguns documentos e disse que muitos foram alterados – Alex fez uma breve pausa, avaliando-me com cuidado, depois, esticou um dedo para minha mão. – Vincent a nomeou *consorte* e concluímos que isso pode ter assustado Lúcius. Ele pode ter concluído que Vincent queria o controle de seus bens ou pode tê-lo mesmo os reivindicado. Ainda não sabemos. De qualquer forma, ver seus planos ameaçados o motivou a agir.

Balancei a cabeça e Félix assumiu as explicações:

– Eu vi quando Lúcius tentou levá-la da sala do portal e concluímos que ele também pretendia eliminá-la. Mas, antes, cuidou de quem poderia impor maior resistência. Assim, tudo seria legitimamente dele – Félix estreitou os olhos. – Nicolau e Alex falaram da transferência temporária de poder... e acho que Lúcius estava observado vocês de longe. É óbvio que não poderia enfrentar um mago das sombras com facilidade, e usou o enfraquecimento temporário de Vincent como oportunidade para derrotá-lo – Félix fez uma pausa e abaixei os olhos, tudo fazia sentido agora e me encolhi, culpada. O elfo concluiu: – Estamos estudando a possibilidade de ele mesmo ter colocado essa armadilha para Vincent na passagem.

Alex deu um passo à frente, chamando a minha atenção.

– Armand disse que pode reorganizar os negócios de Vincent. E este é o outro assunto que nos trouxe aqui... Precisamos que faça um pedido para a autorização, Melissa – completou. Franzi os olhos, sem entender. – O Conselho sancionou seu título. E ele continua seu depois da morte de Vincent. Portanto, como *consorte*, você responde pelos bens dele agora. Todos eles.

Desta vez eu arfei, encostando-me na parede, e busquei o anel em minha mão. Olhando a pedra brilhante, tentei entender como Vincent pôde deixar de mencionar tantos detalhes subentendidos em um presente... ou pedido... nomeação... seja lá como eles chamavam! Eu queria dividir meu futuro com ele, meus planos. E tinha ideia da seriedade dos seus. Mas não custava nada explicar o que o pacote englobava! Soltei o ar... Tudo bem, não tivemos tempo para isso. E não faria diferença, porque eu aceitaria sem pestanejar! Fechei minha mão com força. Agora, de qualquer forma, todo o resto apenas somava detalhes à pilha de lembranças que me torturava. E imaginar quantos detalhes ele pensou para nós no futuro era o pior de todos os meus tormentos.

Ainda olhando o anel confirmei, para mim mesma, que ele era o símbolo do seu amor. E o guardaria para lembrar do meu, sempre. Isso era tudo o que tinha, tudo o que queria. Nada mais me interessava. Levantei o rosto para o elfo de olhos prateados, sentindo o coração latejar. *Eu queria Vincent* e qualquer esperança *desse* futuro prometido... Eu queria *Vincent*, mais *nada*.

– Acho que vocês podem cuidar melhor das coisas dele. De seus pertences. Eu não... – parei, controlando a dor no peito. – Eu nem sabia o que esse anel significava, para falar a verdade. Não tivemos tempo de conversar. Para mim, foi um presente especial – suspirei, girando o anel em meu dedo –, o melhor presente. Seu amor. Para comemorar nosso futuro. E agora ele não está mais... – engoli as palavras mais uma vez, com medo de pronunciá-las, com receio de que o som delas matasse minha fagulha de esperança. – Esse anel é o

meu pedaço de Vincent. E, para mim, basta.

Um breve momento de silêncio me fez entender que muitos ali compartilhavam minha emoção. Depois de limpar a garganta, Viviana falou firme.

– Nós entendemos, Melissa. Como disse, é por isso que estamos aqui. Sabemos que você não poderia cuidar de tudo sozinha... Ainda mais no Mundo Mágico. Mas, quero que entenda, justamente por isso, se não nomear Armand o curador dos pertences de Vincent, eles serão dissolvidos pelo Conselho. Todos eles. A decisão é sua.

Avaliei a seriedade no rosto da elfo de luz... e cruzei os braços, indecisa. Eu, realmente, não me importava... Mas, então, a insanidade da ilusão falou mais alto. E se minha esperança de revê-lo se concretizasse? Suas coisas deveriam estar como ele havia deixado.

Ergui a cabeça, afirmando uma vez: – Eu... faço o que precisarem – disse, por fim.

Viviana concordou com a cabeça e Alex girou o rosto pelos outros no hall, aproximando-se de mim.

– Muito bem... Como não possui dons mágicos, você não pode se pronunciar sozinha. Por isso estou aqui. – Alex se virou para os elfos, assumindo um tom formal. – Como representante da *consorte*, faço sua solicitação, e preciso da aprovação de três representantes do Conselho. – Ele indicou Viviana, Félix e Anasor, que afirmaram em sequência. Alex levantou as mãos no ar e uma aura prateada iluminou o hall, nos circulando... já havia visto algo parecido, mas de outra cor... O elfo de luz continuou. – O círculo de luz é nossa ligação com o Conselho Mágico, e a decisão de vocês será levada diretamente a eles. Sendo assim, pedimos aos conselheiros autorização para que Armand Poe seja o curador dos bens de Vincent Dippel e defenda os interesses de sua *consorte* no Mundo Mágico. Estão de acordo?

Félix limpou a garganta:

– Em nome do Reino de Fogo, estou de acordo.

Anasor foi o segundo a falar:

– Pelo Reino das Sombras, sim.

– Como representante do Reino da Luz, concedo a solicitação – Viviana finalizou com voz doce e firme.

Alex concluiu:

– E que assim seja – disse, girando as mãos no ar. Primeiro o círculo de luz brilhou mais forte, depois se desfez. Virando-se para mim, o elfo de luz inspirou lentamente, parecia aliviado. – Está feito.

– Obrigada.

Eu me abracei, entorpecida. Sentindo-me estranha por atestar que outra pessoa assumisse o lugar de Vincent... Porque, para mim, ele sempre estaria aqui. Alex viu meu rosto esmaecer e limpou a garganta.

– Você fez a coisa certa, Melissa. Segundo Nicolau, esta é a melhor maneira de resguardar seu futuro e garantir seu reconhecimento perante o Conselho.

Eu pisquei, enquanto as palavras do elfo afundaram em minha mente... *meu futuro?* Com esforço, contive a emoção que embaçava meus olhos.

– Nicolau está bem? Pensei que ele cuidasse desses assuntos do Conselho.

– Sim... – o elfo procurou apoio no rosto de Viviana. – Mas não pôde vir... ele está com Aristela. – Alex estudou as palavras. – Eles estão bem, mas ainda preferem ficar na casa dos Von Berg para não correr o risco de influenciar ainda mais o clima da cidade com seu humor. Não seria adequado ter neve em um país tropical.

Confesso que precisei de um minuto para encaixar todos os pensamentos.

– Claro. Eu entendo. Por favor, diga a eles que eu... eu sinto muito.

Alex assentiu, trocando olhares entre os elfos.

– Muito bem, acho que já terminamos. – Félix disse com seu jeito inabalável, mas em sua expressão estava claro o desconforto com a sobrecarga emocional. – Desculpe, mais uma vez, por chegar repentinamente.

– Está tudo... bem. – meu olhar de esguelha para Anasor garantia que não estava, mas Félix disfarçou bem. Resolvi suavizar as coisas. – Mas acho que um telefone celular não seria má ideia. Sabe? Aquele aparelho com números... posso arrumar um, se quiserem.

Félix esboçou um sorriso, entendendo minha condescendência. Anasor permaneceu impassível. Viviana suspirou e Alex pareceu mesmo interessado. Ela o repreendeu com uma careta. Os elfos caminharam para a porta, mas Viviana voltou, envolvendo-me em seus braços mais uma vez.

– Este abraço é de Aristela – disse com um sorriso sincero. – Ela também sente muito e está com saudades. Pediu para vocês terem paciência com Heros, ele pode ser muito exigente quando quer. E disse, também, que está à sua disposição para retomar as aulas de Alice tão logo estejam prontas.

– Diga a ela para não se preocupar com Heros, estamos agradecidas pela presença dele. Quanto ao resto, logo avisaremos.

Viviana concordou e saiu pela porta, atrás de Félix e Anasor. Alex estava um passo atrás dela e, de repente, lembrei-me de algo importante.

– Alex? – adiantei-me atrás dele, e o elfo virou calmamente. – Esse pó do sono que você usou... quanto tempo eles vão...

Alex esboçou um sorriso para minha afobação.

– Será um sono normal, Melissa. Apenas mais pesado e revigorante. Eles vão acordar melhor amanhã. Deveria aproveitar... assim que adormecer, vai fazer efeito sobre você também.

Afirmiei soltando o ar.

– Alex? Só mais uma coisa... Como está Ayla?

Agora o elfo pareceu concentrado.

– Ela ainda está se recuperando na Terra da Luz, pela diferença de tempo os poderes curativos podem ser ampliados lá. Em alguns dias deve voltar à montanha.

Afirmiei com alívio por saber que a sereia estava fora de perigo... tinha minhas desavenças com Ayla, mas era reconfortante saber que ela não seria mais uma vítima deste outro mago das sombras... *Ludwig*... Ou quem quer que fosse. Alex esticou um braço até meu ombro em um gesto de conforto e, como um gatilho, senti o calor esquecido borbulhar em meu peito. Ele franziu os olhos e pulei para trás. O elfo reorganizou a expressão rapidamente, mas o olhar de viés deixava claro que ele o notou mais uma vez. Cruzei os braços, voltando para a porta... tentando imaginar *por que* essa *coisa* ainda estava comigo.

– Fique bem, Melissa. Se precisar de algo, ou quiser conversar... sabe onde nos encontrar – Alex disse de forma encorajadora, afastando-se pelo jardim.

Na verdade, eu não queria conversar, queria esquecer. Fitei o elfo de cabelos espetados se misturar à noite... sabendo que sempre havia a alternativa de um “elixir do vento”. E cogitar a alternativa covarde me fez abaixar os olhos.

Da porta, assisti o elfo de luz perder sua forma em uma aura prateada, Viviana se metamorfoseou em seguida e admirei as duas borboletas de tamanhos consideráveis pairando acima do jardim. Um gigantesco elfo de olhar felino ajeitou sua armadura negra e, com uma reverência, pulou na sombra da casa, como se ela fosse uma piscina. Por último, os olhos flamejantes de Félix piscaram para mim, e ele desapareceu em meio a um rodadoiro de areia. As quatro formas contornaram a casa na direção do bosque, e forcei meus pés para trás... jamais me acostumaria com esse tipo de coisa.

Enquanto balançava a cabeça, segui para a escada do meu quarto, mas parei no primeiro degrau. Girando nos calcanhares, voltei para o sofá da sala. Demorei para me acomodar, esticando e encolhendo a manta, esperando o tal pó cintilante do sono fazer efeito. Inquieta, virei para confirmar se as chamas da salamandra eram suficientes... e meus olhos pararam em um livro fino, esquecido na mesa lateral. Como uma arma, ele perfurou meu coração. Por mais que tentasse fugir, as lembranças vinham para me assombrar, não importa onde

estivesse.

Estiquei-me para pegar o volume em inglês de *A Bela e a Fera* e, apertando-o junto ao peito, me encolhi mais uma vez, desejando com toda força rever minha fera com coração bondoso. Cerrei os olhos, deixando o silêncio me dominar. E, desta vez, desejei sem culpa que a escuridão da noite apagasse todo o resto.

Herança

Um som arrastado se repetiu... uma, duas vezes, penetrando minha inconsciência. Mas acordar estava ficando cada dia mais difícil. E toda vez que abria os olhos, desejava voltar para minha escuridão. As sombras da minha alma, onde a dúvida e a ilusão mantinham meu coração protegido.

Mais um longo arranhado deslizou pela porta da frente e sentei-me no sofá, sentindo o corpo reclamar as muitas noites de desconforto. Olhei à minha volta e pulei no lugar, passado o susto, recolhi dois livros que flutuavam ao meu lado. Não importava quanto tempo passasse, era difícil me acostumar com os poderes descontrolados de Alice. E eles andavam muito descontrolados nas últimas semanas.

Quase todos os dias eu acordava com coisas flutuando pela sala e já estava preocupada... enquanto eram ursos de pelúcia em seu quarto, tudo bem, mas o medo de que George encontrasse algo flutuando na sala no meio da noite, ou pela manhã, me afligia cada vez mais. Minha irmã dizia que estava se controlando, que não sabia como isso estava acontecendo sem que ela percebesse... Mas eu sabia. Ela precisava voltar às aulas de magia! Por isso, havia enviado um recado à Aristela para que retomássemos as aulas com urgência. Mas, desta vez, elas seriam no bosque atrás de casa... Mesmo depois de tanto tempo, visitar o palacete era algo impensável.

Coloquei meus livros na mesa lateral, aliviada pela decisão, e outro grunhido ecoou pelo hall... Claro, meu mensageiro estava de volta.

Esfreguei os olhos, arrastando-me pela casa.

– Já estou indo! – exclamei de mau humor.

Abri a porta e deparei-me com o impaciente gigante peludo. Os olhos acinzentados do cão criticavam minha demora. Bufei, indicando os arranhados na madeira. Depois de quatro semanas, nossa casa parecia ter sido atacada por um urso!

– George não está gostando disso. Se está com pressa, por que não entra enquanto é humano? E aproveita para adiantar o café!

Heros rosnou uma vez. Ignorando minha crítica, adiantou-se pela porta, praticamente me empurrando. Pelo visto, a noite no bistrô das sombras não foi agradável. Mais uma vez. Fechei a porta e segui o cão até a cozinha, tentando compreender seu impulso temperamental. Afinal, apesar de ter vivido tanto quanto Vincent, Armand ainda era um rapaz de dezoito anos... congelado no tempo, tentando amadurecer.

Sua personalidade impulsiva e orgulhosa já havia lhe causado grandes problemas, e agora ele tentava corrigi-la com determinação e devoção. Por isso, jamais admitiria estar carregando um fardo grande demais. O fiel amigo de Vincent havia acumulado seus antigos turnos de vigília com Nicolau e os novos estabelecidos pelo Conselho. Além da administração do bistrô das Sombras e dos outros negócios de Vincent. E, mesmo com sua vivência, tantas responsabilidades para alguém tão novo era um fato notável. Para completar, Armand não abria mão de passar os dias em nossa casa como Heros. E, a despeito do mau humor matinal, essa deveria ser a parte feliz de seu dia.

Era verdade que sua revolta com a maldição estava melhorando, depois de conviver com Alice. Simplesmente porque minha irmã o tratava como igual... Um amigo, não como um animal de estimação. Eu suspirei, culpada. E, adiando meu banho, segui para a cozinha.

– Desculpe – murmurei sem graça, abrindo a geladeira para reunir os ingredientes do seu café da manhã. – Sei que está cansado... e agradeço o que está fazendo por nós, por ele – minha resposta foi uma lufada canina, que logo se tornou um choramingo. O monstro canino tocou meu braço com o focinho e lhe devolvi um carinho... entendendo, perfeitamente, o gesto. – Também sinto a falta dele Armand.

Antes que lágrimas se acumulassem em meus olhos, girei para o fogão. O cão gigante se aproximou, como de costume, avaliando os ingredientes que eu expunha na pia. Depois de algumas semanas, a pressão de agradar a um *chef* havia diminuído, mas ainda o olhava apreensiva quando sua escolha incluía ingredientes que, para mim, não compunham uma receita... comum. Na última semana, George havia comprado um saco enorme de ração de cachorro e tentou convencer o cão a comer... E, confesso, o olhar de nojo que Heros fazia para a ração com formato de ossinhos era cômico.

Para minha alegria, hoje ele escolheu o básico: pão, queijo, ovos. Depois de tocar os ingredientes com o focinho, o monstro canino recuou, dando-me espaço. Heros sentou-se ao lado da mesa, avaliando minha habilidade com as panelas... a sonolência da alvorada não ajudava minha coordenação e logo deixei cair um ovo no chão. O cão bufou, emendando um gemido desanimado, como se desejasse mais do que nunca ter braços e polegares opositores. Desenrolei metros de papel toalha para limpar a bagunça, enquanto praguejava comigo mesma. Heros rosnou duas vezes, talvez dando conselhos culinários... como se eu pudesse entendê-los... e com outra lufada canina desistiu. Girando a cabeça, espiou languidamente o quarto de Alice e, mais uma vez, me senti culpada.

– Tudo bem, você prefere ficar com Alice enquanto está como cão. E não o culpo. Ela não brinca de mímica e realmente *entende* o que você quer... fala

com você, com respostas, e o idolatra – ironizei. O cão parecia estar engasgando, o som incomodado foi claro, e não precisava ter o dom de falar com animais para entender o “*não é isso*”. – Sei que não sou boa nisso como ela, mas reconheço o cansaço em sua cara peluda – soltei o ar. – Armand... acho que deveria descansar um pouco. Aturar uma criança cheia de energia, com tantas coisas ocupando sua noite, vai acabar com você. Sei que quer fazer o melhor em nome de Vincent e se preocupa conosco... com Alice, e sou agradecida, mas... – encarei longamente a montanha de pelos cinza ao lado da mesa – estamos bem. As aulas de magia vão recomeçar hoje no bosque, e você pode vir com Aristela todos os dias, se quiser. Não precisa mais ficar aqui de babá.

Heros rosnou guturalmente e sabia que, desta vez, era de revolta. Levantando-se bruscamente, deu-me as costas e foi para o corredor, o olhar fixo no quarto de Alice. Observei a cena girando os olhos no ar, a teimosia dele era muito parecida com a de... Soltei o ar mais uma vez.

– E depois diz que gosta de conversar comigo – murmurei para mim mesma. Espiando o corredor, falei alto. – Hoje é sábado, não vou deixar você acordá-la.

Voltei para a pia, quebrei alguns ovos na frigideira e coloquei o queijo para derreter em outra. Acomodei algumas fatias de pão por cima e, depois de um minuto, reuni tudo em um prato fundo.

– Seu café está pronto.

O cão gigante aproximou-se acabrunhado e engoliu tudo em duas bocadas. Um minuto depois, já estava roncando ao lado da geladeira.

Recolhi o prato balançando a cabeça...

– Belo cão de guarda! – George exaltou, exteriorizando meu pensamento. Ele se aproximou, olhando as frigideiras na pia e, arrumando a calça na cintura, girou para a área de serviço. – Esse cachorro precisa comer ração... ou vai virar um monstro – George voltou com o pacote rejeitado e encheu a tigela de alumínio ao lado da gaiola do coelho. Depois observou o cão adormecido e apoiou as mãos na cintura. – Bom... monstro ele já é. Um grande monstro que só dorme! Não é à toa que Aristela o despachou para cá. E, pelo visto, o hóspede vai ficar eternamente.

George não tinha ideia do quanto estava certo. Fiquei com vontade de sorrir e me senti estranha quando isso não doeu. Voltei para a pia, adiando mais uma vez meu banho, e comecei a preparar a segunda rodada de café da manhã para os humanos não encantados.

Indo e vindo entre a geladeira e o fogão, me dei conta, o tempo estava passando... E a cada dia a dormência parecia crescer mais um pouco dentro de mim. Apertei meu anel no dedo... Algum dia estaria pronta para continuar

sozinha?

O vazio gelado ecoou dentro do meu peito em resposta. Não.

No começo da tarde, Helena e Rose chegaram juntas. A visita das amigas – a antiga e a nova – aconteceu muitas vezes nos últimos dias. E conversar com elas me ajudou a não enlouquecer.

Era bom ter Helena novamente ao meu lado, embora as circunstâncias não fossem perfeitas para comemorações. Para nenhuma de nós. Mas relembrar nossos bons momentos confortava o coração. As visitas de Rose, entretanto, tinham um significado a mais. Ela nunca dizia, mas sabia que estava tentando me ajudar a superar a falta de Vincent, e era agradecida por sua descrição. Nesse ponto, os detalhes dolorosos eram tudo o que eu tentava evitar. Alice também ficava feliz com a visita delas... Para minha irmã, *minhas amigas* eram “tias” dotadas de paciência infinita; sempre dispostas a brincar de *Barbie*. E, claro, sempre que minha irmã estava em casa, minhas amigas *dispostas* aproveitavam a oportunidade.

Depois de quase uma hora sentada no chão do meu quarto assistindo a um desfile de moda com magricelas louras, diálogos com vizinhas afuniladas e um festival de penteados horríveis... estava a ponto de sair gritando! Eu me levantei, endireitando as costas.

– Tudo bem, meninas... para mim, chega. Alice, hora de recolher a bagunça e acordar Heros. Daqui a pouco vamos encontrar Aristela para sua aula de... – segurei a palavra na boca, correndo os olhos ao meu redor – piano. Isso, piano.

Alice entortou a cabeça, confusa, e intensifiquei meu olhar até que ela se lembrou. *Aulas de magia!* Nosso compromisso mágico! Minha irmã levantou um sorriso triste, correndo os olhos pelas “tias”... e o curioso é que o coro de lamentação não veio de minha irmã. Helena e Rose devolveram as *Barbies* de Alice com caretas decepcionadas e eu sorri com humor, mais uma vez, agradecida pela presença delas.

Rose aproveitou a distração de Helena, que ajudava minha irmã a recolher os zilhões de acessórios, e se aproximou disfarçadamente.

– Você acha que está pronta para ir até a casa deles na montanha, Melissa? – perguntou à meia-voz, os olhos castanhos focando meu rosto com atenção.

Olhei para minha amiga, consequentemente para suas tranças cheias de lacinhos, e estiquei outro sorriso, agradecida por sua preocupação.

– Não vamos até lá. Aristela sabe que eu não conseguiria. Por isso, ela vai vir aqui. – Isso poderia ser revelado. Eu sorri, feliz por usar o mínimo da

omissão. Vi o olhar de Rose se estreitar e lembrei que não tínhamos um *piano* para a aula de *piano*! Sustentei meu sorriso amarelo, era péssima com mentiras. Mas... as aulas de magia seriam nos bosques da montanha, perto do portal para a Terra da Luz, sendo assim, poderia estender a verdade até seu limite. – Na verdade, vamos nos encontrar no meio do caminho. – Expliquei e Rose soltou os ombros, balançando as tranças em compreensão.

Suspirei uma vez, fazendo uma nota mental para tomar mais cuidado com minhas palavras. Não poderia expor Alice. Observei minha irmã descer a escada com os braços carregados, enquanto Rose voltava à postura adulta. Tirando seus lacinhos rosa, ela desmanchou as tranças e, girando por meu quarto, começou a vasculhar minhas pilhas de livros atrás de títulos desconhecidos. Helena, entretanto, continuava com seu penteado mirabolante, fitando a porta...

– Como é, Melissa? – Helena divagou, o olhar perdido na menina ruiva que descia os degraus cuidadosamente.

– Como é o quê?

– Ser mãe – seu rosto perdido encontrou o meu. Os olhos dourados, muito familiares, brilhavam com suas próprias possibilidades. – Sabe... estes dias aqui me fizeram pensar muito sobre isso. Como é ser mãe de alguém?

– Eu não sou... – parei de boca aberta e pensei por um breve momento. Esse discurso era velho e havia mudado um pouco desde que Arthur fez esta mesma comparação há alguns meses. – A verdade é que eu acumulo funções. Sou uma irmã muito dedicada, que tem preocupações maternas. E posso dizer... é enlouquecedor, assustador... mas maravilhoso. Vê-la crescer, aprender coisas novas, sentir esse orgulho no peito sempre que ela faz coisas além da minha expectativa – suspirei. – É *muito bom*, Helena. E me faz imaginar como vai ser quando tiver os meus com... – minha voz falhou.

Em um segundo, Rose estava ao meu lado.

– Você ainda espera reencontrá-lo, não é? – Helena falou com certa dúvida, ela sabia muito pouco sobre Vincent. E as informações que teve vieram por Rose, já que eu nunca conseguia me aprofundar nesse assunto. Como esperado, minha boca travou. Helena trocou um longo olhar com Rose e soltou o ar. – Desculpe, sei que é difícil para ela... Mas... quer saber? Tudo o que sei é que ele a deixou. – Helena voltou o olhar dourado para mim, sua aparência lembrava muito seu irmão, e os anos fizeram as personalidades se aproximarem também. Ela suspirou, e como Arthur, sabia que estava na hora da sua verdade. – Melissa, você tem duas alternativas... ir atrás dele ou esquecê-lo de vez. Mas, por favor, faça alguma coisa! Já passou muito tempo! – exasperou-se indignada. Rose se remexeu ao meu lado, não vi, mas tinha certeza de que estava

repreendendo a amiga com uma careta ou algo assim. Helena franziu os olhos. – Eu sei... eu sei, Rose. Mas só quero vê-la feliz. E ela não está nada feliz agora.

Helena se aproximou, abraçando-me pelo outro lado. E foi a vez Rose inspirar longamente.

– Sabe, Melissa... de um modo diferente... acho que Helena pode ter razão. Sei que vocês viveram uma grande paixão e tudo o mais, mas, pelo pouco que conheço do senhor Dippel, não acho que ele vai voltar. Na verdade, nunca entendi o que ele fazia nesta cidade.

Não podia discordar de Rose e, por outras maneiras, concordava com seu ponto de vista. Helena curvou-se diante de mim para encarar Rose.

– Senhor Dippel? Não estávamos falando desse tal de Vincent?

Soltei o ar, mas continuei calada.

– É ele. Vincent é o primeiro nome, Dippel o sobrenome. As pessoas da cidade o conhecem pelo sobrenome, porque ele gosta de ser formal. Ele é meio sério. Não. Ele é todo sério. Não gosta de se misturar. É como se fosse de outra época – Rose explicou à meia-voz, enquanto as lembranças inundavam minha mente, cada uma delas me afligindo de uma forma diferente.

Helena me fitou longamente, depois franziu os olhos. Sabia que ela não fazia por mal, depois de uma descrição destas, até meu subconsciente estava me julgando.

– Com esse nome... Ele é velho – concluiu.

– Não. A Melissa disse que ele tem vinte e quatro – Rose se curvou para me olhar e fechei os olhos, afirmando discretamente.

– Então é feio – Helena murmurou baixo. Abri os olhos... a afirmação provocou-me uma careta indignada.

– Não. Pelo contrário. Mas... – Rose parou os esclarecimentos, olhando-me de soslaio – desculpe, Melissa, mas preciso dizer, ele dá medo.

Helena franziu os olhos.

– Não entendi.

Rose limpou a garganta com um forte hum... hum.

– Tá bom, Rose, parei. Mas só para registrar, eu tentei encontrar os defeitos dele para facilitar as coisas. Mas o amor não vê defeitos, não é? – Helena estreitou seu lado do abraço. – Quer saber... Se ele vale a pena ou não, é você que deve saber, Melissa. Como deve saber, também, que o tempo está passando. E ele não está aqui. Portanto... *tic tac*... É hora de seguir adiante.

Eu me desvencilhei das duas.

– Mesmo que eu quisesse, não saberia por onde começar. Não sei onde ele está para ir ao seu encontro... e lutar por ele. E esquecer... eu... simplesmente não posso. Mesmo que arrancasse Vincent do meu coração, ainda sobriariam os

detalhes que me fazem lembrar dele a cada segundo – girei as mãos para o quarto. – Livros, vestidos, sapatos, música... Eu nem consigo mais dormir na minha cama!

As duas se entreolharam rapidamente, disfarçando os pensamentos conclusivos. Não me dei ao trabalho de explicar. Não adiantaria.

– E por que não começar desfazendo-se dos detalhes. Pode ajudar – Rose falou com cuidado e Helena concordou prontamente.

Eu olhei em volta, mordendo o lábio. Minha esperança de revê-lo ainda lutava bravamente com a ideia da morte... Mas ela tinha razão, a ilusão que ajudou a superar sua ausência no começo havia se tornado minha pior agonia, marcando o tempo que não parava de correr ao meu lado. Girei os olhos pelo quarto mais uma vez, não sabia se estava pronta para me desfazer das lembranças... E isso adiantaria? Ou só me faria sofrer ainda mais com a certeza de que o estava apagando de propósito?

– Eu não sei se consigo.

– Estamos aqui para ajudar – Helena se prontificou.

Confusa, respirei fundo, não sei dizer como... mas *acho* que assenti. E, antes que percebesse, Rose estava recolhendo livros enquanto Helena partia para o guarda-roupa. Vi meus vestidos sendo dobrados, os livros empilhados... e fechei os olhos. Isso era definitivo, como ver Vincent morrer mais uma vez. Eu me abracei concentrando-me em meu estado dormiente, em meu frio polar, mas algo estava mudando, desesperado... crescente. Era ele, o calor esquecido ocupando meu peito. Ele ficou dormiente por semanas e havia mesmo acreditado que havia finalmente me deixado, mas agora borbulhava destruidor. Girando e crescendo em meu peito, me deixando sem ar. A agonia se misturava com a tempestade dentro de mim, e irradiava sua força por meus braços, formigando, levando-me ao limite... Soltei meus braços com um único movimento.

– Parem! Eu não posso. Ainda não!

Junto com minhas palavras, uma ventania correu dentro do quarto. As portas do guarda-roupa se fecharam violentamente, empurrando Helena para a cama. Os livros foram retirados das mãos de Rose, espalhando-se no chão. Meus vestidos flutuaram no ar por um breve segundo antes de se acomodarem na cabeceira da cama... Eu arfei, recolhendo as mãos às costas, tendo a certeza de que, de alguma forma, era responsável por aquilo.

– Desculpe – murmurei sem graça.

Helena ajeitou os cabelos dourados nos ombros, retirando alguns lacinhos de boneca que se soltaram dos fios, depois levantou-se balançando a cabeça em reprovação.

– Não acredito que ainda faz isso.

Apertei as mãos às costas.

– Faz... o quê? – gaguejei.

– Desculpar-se pelas rajadas de vento. – Helena passou por mim em direção à janela e a fechou, depois, parou ao meu lado com um sorriso torto. – Pensei que era coisa de criança com imaginação, mas, pelo visto, virou um tipo de transtorno compulsivo.

Pisquei duas vezes.

– Eu... fazia isso? As ventanias?

– Você não fazia as ventanias, Melissa – ela riu. – Ninguém pode “fazer” ventanias. Mas você achava que fazia... Ou ainda acha. Desculpe, sei que você odiava quando Arthur tirava uma onda com sua mania de bruxa, e sempre fiquei ao seu lado, mas relembrando agora... acho que ele tinha razão. É hilário.

Helena espremeu um sorriso e continuei piscando, sentindo o formigamento em meu braço, a mão ardendo levemente, o calor ainda em meu peito. Respirei profundamente, uma, duas vezes. Lembrando-me tristemente do “elixir do vento” de Alex... E desejei, mais do que nunca, ter minhas memórias de infância esquecidas. Tentei, de todas as formas, encontrar outra explicação para a conclusão que se firmava em minha mente... mas nenhum outro caminho parecia convincente. Observei Helena devolver as caixas com meus *scarpins* ao guarda-roupa enquanto Rose colocava alguns livros na cama com um longo suspiro... E nenhuma delas pareceu se atentar ao real motivo do meu choque.

Percebendo, finalmente, meu estado catatônico, Rose sorriu encorajadora.

– Melissa... Você não precisa se desfazer destas coisas – esclareceu. – Basta tirar da vista. Longe dos olhos, longe do coração. Afinal, o objetivo é ter lembranças a menos. Que tal? – ela indicou o baú de minha avó aos pés da cama.

Com movimentos mecânicos, assenti mais uma vez, apertando as mãos às costas. Guardando meu novo tormento para análise futura. Esforçando-me para ajudar, ajoelhei-me na frente do baú de minha avó e retirei meus livros preferidos de cima dele... Separando com cuidado o primeiro livro que ganhei de Vincent, um exemplar da primeira edição de *Cinco Minutos*. Com movimentos hesitantes, coloquei-o dentro do baú. Rose e Helena se aproximaram com as mãos carregadas e resolvi retirar algumas coisas de dentro dele para abrir mais espaço.

Coloquei o pequeno espelho com armação dourada sobre a escrivaninha e duas mantas sobre a cama. Segurando a respiração, apenas assisti, enquanto minhas amigas guardavam meus tesouros, minhas lembranças, mas detive Helena quando foi a vez do iPod entrar no limbo. Peguei o aparelho e, girando-o nas mãos, parei os olhos na inscrição... “*Melissa, faça o certo. Não o fácil.*” Eu

entendia perfeitamente a metáfora e ela se encaixava perfeitamente àquele momento. No entanto, preferia ser covarde. Enfiei o aparelho no bolso do jeans e ajudei Rose com o restante dos livros. No fim, olhando em volta, as coisas pareciam mais leves.

Desci a escada agradecendo às minhas amigas e a fila parou no hall. Quase trombei com Rose e, seguindo seu olhar atordoado, entendi a perturbação. Arthur já estava do lado de dentro, jogando a chave extra na mesa aparadora do hall. Apesar da familiar expressão do espantalho, continuava com seu jeito sem cerimônia na casa de George.

– Mamãe mandou chamá-la, Helena, seu marido chegou para buscá-la – ele parou, olhando a irmã, e adiantou-se um passo para retirar um lacinho de boneca esquecido. O antigo Arthur faria uma piada irônica sobre o acessório extravagante, mas o Arthur atual apenas o entregou a Helena sem mudar uma linha sequer de sua expressão. As coisas dentro dele estavam iguais... como há um mês. Atormentadas e tristes. Arthur levantou os olhos para Rose por um longo momento, depois, os pousou em mim. – Desculpe não ficar, mas tenho de abrir o restaurante – disse com a voz arrastada.

O rosto cansado do espantalho comovia até um coração feito de pedra. O rosto de Rose transpareceu seu desolamento por vê-lo dessa maneira, e uma troca de olhares com Helena foi o suficiente para esclarecer que ela também torcia pelos dois. Assenti para minha velha amiga e, juntas, empurramos Rose na direção de Arthur.

– Então, aproveitando o caminho, dê uma carona para Rose – eu disse segurando o sorriso. Arthur encontrou meus olhos e afirmou sem duvidar.

– E eu vou para casa. Tenho de começar a arrumar minhas coisas... depois volto para me despedir. – A voz de Helena parou emocionada e meus olhos acompanharam sua emoção.

Foi bom ter sua amizade mais uma vez... Sentiria saudade. Minha voz ficou presa na garganta e acenei com a cabeça, abraçando minha amiga com vontade, matando a saudade que ainda estava por vir.

– Volte logo.

– Assim que puder – ela sorriu, saindo pela porta.

As outras despedidas foram rápidas. Arthur apenas acenou com a cabeça, e saiu rapidamente. Sabia que depois de tanto tempo ele estava magoado com minha distância... mas não queria vê-lo sofrer ainda mais. Isso já estava me fazendo mal, mesmo assim, não poderia voltar atrás. Rose me lançou um olhar atormentado, como se eu fosse o ser humano mais ingrato do mundo... mas sua zanga não importava. Esperava que em um futuro próximo ela agradecesse o gesto. Como eu esperava, antes de entrar na caminhonete prata, algo como um

sorriso brotou no rosto vermelho de minha amiga. Rose acenou de longe e sorri aliviada, rezando para que o coração de Arthur enxergasse a garota incrível que estava ao seu lado, pronta para amá-lo.

Girei nos calcanhares, passando pelo quarto de Alice, e confirmei sua dificuldade em acordar o gigante felpudo. Lembrei minha irmã do horário marcado e ameacei o monstro canino com a possibilidade de um banho gelado, isso bastou. Heros levantou-se com um enorme bocejo e, preciso admitir, isso intimidou. Recuei alguns passos enquanto ele chacoalhava a capa de pelos... e isso me lembrou do básico. Apesar de estarmos na primavera, as últimas semanas foram atípicas para a estação e os bosques da montanha poderiam sofrer ainda mais com a influência do humor mágico de Aristela. E se a maga ainda estivesse com metade da minha tristeza, teríamos granizo. Com minhas preocupações maternas afloradas, vesti um agasalho em minha irmã e mandei a menina maga e o cão peludo me esperar no quintal. Subi os degraus da escada em quatro pulos para buscar o meu, e no quarto me movi com agilidade... até notar algo brilhante atrás de mim.

Virei do guarda-roupa para a escrivaninha com o olhar atento, e precisei me aproximar mais um passo antes de acreditar em meus olhos.

O pequeno espelho com armação dourada estava refletindo uma luz brilhante, que diminuía gradativamente, reunindo cores... até começar a compor uma imagem. Pisquei atordoada com o significado daquilo. Ele era um... “Espelho de Nereu”? Parei de frente para a escrivaninha com a boca aberta, os olhos vidrados, assistindo à revelação espontânea. Rapidamente, uma imagem se consolidou e refletia Helena caminhando pelo bosque. Mais à frente, duas figuras. Conforme ela se aproximava, as figuras ficavam mais nítidas... Helena parou a alguns passos de Alice e Aristela, o rosto chocado por ver minha irmã manusear uma bola de fogo nas mãos. Helena correu para minha irmã e Alice se assustou, espalhando as chamas aos seus pés. As labaredas cresceram rápidas e a imagem se desfez. Em um segundo tudo o que vi foi meu reflexo. Eu arfei... Ele era mesmo um “Espelho de Nereu”!

Em meio ao choque, uma explicação de Vincent acertou-me como um tapa... *“O espelho é uma espécie de oráculo familiar. Ele mostra imagens e acontecimentos relacionados à família à qual pertence. É um tipo de herança, e a maioria das famílias do meu mundo possui um.”* Balancei mais uma vez, o ar me escapando, e cambaleei alguns passos para trás, sem acreditar no que vi... até me encostar no baú.

Olhei para baixo, avaliando o móvel antigo de madeira... os entalhes em marchetaria da tampa lembravam flores, tochas e arcos... Um jardim! Seria possível que essa *herança* era da nossa família? Como uma memória borrada,

lembrei-me de palavras confusas, lidas há algum tempo... “*Abandonei minha essência pela herança do meu amor.*” As palavras de minha mãe rodaram em minha mente, como um aviso. Em um piscar de olhos, agarrei o livro de couro laranja sobre o baú, puxei a fita verde e, abrindo as capas, perdi meus dedos em suas páginas. Indo e vindo pelas receitas e anotações, eu procurava as palavras perturbadoras em minha mente... Até que meus dedos tropeçaram em outras. E estas três palavras me hipnotizaram: “*Portais da Terra*”.

O livro despencou de minhas mãos. Alguns segundos dormentes e peguei o livro do chão, folheando suas páginas, encontrei outras palavras muito familiares agora... “*Conselho da Tradição*”... “*representantes do conselho*”... “*elfos originais*”. O texto todo parecia um relato... e muitos trechos poderiam ser a descrição da minha visita à Terra da Luz. Fechei o livro, tremendo, e o coloquei com cuidado ao lado do espelho na escrivaninha. Olhando os dois objetos tentei entender como minha mãe pôde esconder algo tão grandioso de mim.

Levei as mãos ao rosto, esfregando os olhos, acordando para a realidade. E esta era minha realidade... Como minha mãe, eu estava fazendo a mesma coisa agora. Escondendo de George e de meus amigos meus verdadeiros conhecimentos sobre a montanha. Meus segredos. Balancei a cabeça e, nesta hora, minhas pernas fraquejaram, eu escorreguei para o chão. Então... a linhagem vinha da minha família! De minha mãe. *Minha* mãe? Mas quem antes dela? George não tinha o perfil de um mago e nunca demonstrou interesse pela montanha... ou conhecimento. E isso não queria dizer muito, porque, até então, minha mãe também não. Mas minha avó... esta, com certeza, tinha atitudes suspeitas, que sempre instigavam minha imaginação, mesmo quando eu nem suspeitava que poderia haver magia na montanha.

Coloquei a cabeça entre as mãos, ela era um grande emaranhado de pensamentos... e pontas soltas começaram a se encontrar. As ventanias mencionadas por Helena, o fato de termos nos mudado logo após o ataque de Ludwig... eu toquei minha cicatriz. *O ataque de Ludwig! Seu dom, a absorção! A cicatriz!* Era isso. Ele absorveu meus poderes antes que eles se desenvolvessem por completo! Soltei o ar, aturdida, e precisei fechar os olhos para acreditar em minha conclusão. Então, foi por isso que eu nunca... parei esse pensamento aí. Mas ele emendou outro. Se eu era parte dessa linhagem, também era... Eu também era? De repente, ficou difícil respirar. O nervoso fez o calor em meu peito crescer. Borbulhante. Ele era minha resposta.

Apertei os olhos com força, controlando a onda de calor, inspirando e expirando... concentrada. Abri os olhos vagorosamente, mirando o espelho na escrivaninha. Pelo que lembrava, as revelações do “espelho de Nereu” eram

espontâneas... isso! Sendo assim, talvez eu não fosse... Eu não poderia. Bufeí. Eu não queria!

Ainda balançava a cabeça, de um lado para o outro, tentando acreditar em minhas justificativas, quando Alice entrou no quarto, acompanhada da sua escolta peluda particular. Os dois avaliaram minha expressão atordoada com curiosidade. Só depois de um minuto notei que Alice falava comigo.

– *Tata? Tata?* Você tá me ouvindo?

Alice chegou perto e suas mãos foram para meu rosto. Eu a olhei com atenção, ela era a solução! Como maga, poderia me dar a resposta. Inspirei profundamente e, tomando coragem, foquei os olhos esmeralda.

– Alice... Você... você pode fulgir sua... aura de poder para mim?

Minha irmã abaixou as mãos, o rosto confuso.

– Para quê? Você não pode ver meu poder. A Aristela já me explicou isso.

– Só uma vez, Alice... por favor.

A expressão preocupada da menina maga espelhava a de Heros. Os olhos prateados do monstro canino me avaliavam tão duvidosos e mais especulativos que os de Alice.

– Tudo bem.

Alice deu um passo para trás e uma nuvem alaranjada irradiou dela, contornando seu corpo com ondas irregulares. Ela parecia ter um Sol nas costas. E, então, percebi que já havia visto isso antes... Sim, eu vi minha irmã brilhar colorido, algumas vezes, e em todas elas julguei ser o reflexo do sol. Minha cabeça caiu nas mãos. Lembranças brotavam velozes agora... a aura de Vincent, eu a via... primeiro azulada, e depois mais nítida, violeta. E tudo começou depois que cheguei à cidade. À montanha.

– Mel? Mel? Você tá bem?

O calor rodava em meu peito, misturando-se ao nervoso amedrontado, e começou a se espalhar por meu braço... respirei fundo, uma, duas vezes, tentando controlá-lo. Mas a ansiedade estava se tornando pânico... A coisa toda estava descontrolada. Senti minha mão esquentar e a fechei rapidamente, encolhendo meus braços, e os dobrei na frente da barriga, temendo que algo escapasse deles... Não queria machucar minha irmã!

– Não, Alice. Não estou. Você pode me dar um minuto?

Alice esperou, mas um gemido canino fez minha irmã se aproximar novamente.

– Mas... Mel... Não queremos chegar atrasados. Aristela já deve estar esperando.

Eu não respondi, estava concentrada em minha respiração, tentando

controlar o vulcão dentro de mim para não torrar a menina ruiva, como fiz com a blusa branca. E, para aumentar minha agonia, aquilo sufocava... pedindo para ser liberado. Abafada por meu calor interno, a voz de Alice continuou, distante...

– Mel? O Heros quer saber se pode me levar para encontrar Aristela. Ele sabe o caminho até o Portal do Bosque e disse que não tem perigo. Não vamos nos perder – ela pausou – e concordo com ele, você precisa descansar. Acho que deveria dormir na sua cama, para variar.

Balancei a cabeça e senti o carinho de uma mão pequenina, que acompanhou uma corrente de calor. Alice retirou a mão do meu rosto com um gritinho surpreso.

– Engraçado, você ficou quente como se estivesse... fulgindo poder mágico – disse divertida, e logo espremeu os olhos. – Será que você ficou doente? Pode estar com febre.

Olhei para minha irmã arregalando os olhos, entendendo, enfim, como Vincent e Alex conseguiram *sentir* meu... o... *poder*. Eu estava, de alguma forma, deixando isso aflorar. O curioso é que eles sentiam, mas não podiam ver. Balancei a cabeça uma vez... Claro, eu não tinha cor. E, sendo eu, tudo tinha de vir com defeito. Primeiro, eu não me lembro de ter poderes, se é que sabia que os tinha; depois eles são retirados de mim. E voltam anos depois... Cheios de falhas! Junto com a revelação bombástica de que venho de uma família mágica! Típico. Ou trágico. Fechei os olhos brevemente, ouvindo o som das risadas sádicas do universo ecoar em minha mente... Ele *nunca* me esquecia.

O murmúrio afetuoso continuou, ainda preocupado:

– Você quer que eu ligue para o vovô? Ele pode levar você ao médico.

– Eu preciso de um transplante de cérebro, Alice, e duvido que o médico vá ter um para me dar.

Alice franziu os olhos com uma careta e Heros grunhiu algo ao seu lado, minha irmã simplesmente concordou com a cabeça. Bom, pelo visto, eu continuava sem falar com animais.

– Então... eu vou com Heros. Se precisar de alguma coisa, estamos na passagem do bosque. O Heros disse que vamos voltar antes de escurecer.

– Hum hum – murmurei abaixando a cabeça entre os joelhos.

Fiquei ali por alguns minutos, enquanto milhões de pensamentos tentavam se alinhar... Não vi Alice sair, mas quando levantei o rosto já estava sozinha. Concentrei-me no espelho mais uma vez, reunindo coragem para sair do chão e pegá-lo. Eu sabia o que estava temendo... mais uma confirmação do que eu poderia ser. Balancei a cabeça, respirando fundo. Buscando a lógica racional. Eu já o havia visto antes no baú, porque ele não havia se manifestado? E o *calor* em meu peito me trouxe a resposta mais uma vez... Porque antes ele não estava

ali. E, com isso, mais uma peça se encaixou... a visita à Terra da Luz. Tudo começou naquela visita! Lembrei de Alex falando algo sobre Ayla precisar se recuperar do ataque, e não foi só ela, Vincent precisou ficar muito tempo na Terra da Luz para se recuperar da absorção de Ludwig. Mas eu fui levada para o mundo físico. Era isso! Por isso meu poder demorou a... voltar.

Levantei-me com cuidado e cheguei bem perto da escrivaninha. O espelho se revelou a mim e, pelo que entendi, as revelações eram espontâneas. Mas poderiam ser solicitadas por um membro da família à qual pertencia. Respirei fundo, duas vezes, preparando-me para outra prova. E, olhando a moldura dourada com atenção, estiquei meu dedo para tocar o vidro reflexivo. Nada. Soltei o ar, mas o alívio foi embora com a lembrança de uma explicação de Aristela... *“O Espelho de Nereu mostra imagens relacionadas às pessoas à qual pertence. Algumas delas no presente e, na maioria das vezes, possibilidades de futuro.”* Eu arfei, Alice! Segurei o espelho com as duas mãos, tentando me lembrar das imagens que vi... Alice, Helena, fogo... Chacoalhei o espelho, esfreguei... Droga! Se ele era da minha família, deveria haver uma forma de rever aquilo! Eu precisava de calma, inspirei profundamente, tentando me lembrar de todas as palavras de Aristela na noite do rapto de Alice... *“Posso chamar por qualquer imagem que o espelho tenha me mostrado quantas vezes precisar.”*

Essa era a resposta, *chamar!* Eu tinha de solicitar a imagem desejada! Olhei fixamente para meu reflexo e disse em voz alta:

– Quero ver a última imagem de Alice.

Imediatamente, o espelho brilhou em minhas mãos e quase o derrubei no chão. Segurei a respiração enquanto a imagem compunha cores, e quando a cena se repetiu diante dos meus olhos... congelei. Meu Deus, Helena iria ver os poderes de Alice, e minha irmã ia perder o controle! Mas eu não podia deixar isso acontecer. Larguei o espelho na escrivaninha e voei escada abaixo. Disparando pelo quintal saí pelos fundos, a caminho do bosque. Precisava trazer Alice de volta. Corri pelas árvores, tropeçando em raízes e galhos, tentando lembrar o caminho que não percorria havia anos... e alguns metros à frente, uma silhueta com cabelos dourados moveu-se entre os troncos

Eu a chamei com toda a potência de meus pulmões:

– Helena! Helena!

Minha amiga de infância parou, o rosto preocupado, reconheceu minha voz.

Eu me esforcei para chegar até ela. E, de alguma forma, a ansiedade ou o pânico me tornaram mais ágil. Eu não sentia mais o terreno irregular abaixo dos meus pés, sentia apenas meu coração galopando no peito, desesperado, era como

se ele levasse meu corpo. Mais alguns passos e desviei de outro tronco... o movimento foi preciso, suave, e me surpreendi por mover as pernas com tamanha eficiência. Um reflexo admirado me fez baixar os olhos e soltei um grito alto... Eu não estava no chão, estava a mais de meio metro dele. Despenquei imediatamente, chocando-me contra o solo com força. O movimento me fez deslizar por quase dois metros, entre galhos secos e folhas... até que um tronco de árvore me parou. O ar em meus pulmões se esvaiu com a pancada, e rolei de lado. Mas o tombo doloroso foi esquecido assim que lembrei o objetivo da corrida. Tentei me levantar, desajeitada e, para o meu alívio, Helena estava a apenas três metros, correndo ao meu encontro.

– Melissa! Você está bem?

Eu gemi... o alívio por tê-la longe de Alice trouxe a dor aos pontos de impacto.

– Não – mais um gemido. Olhei para meu braço sangrando, dobrei a perna e meus ossos reclamaram. Bati as mãos para retirar a sujeira e descobri mais alguns arranhões ardidados. – Definitivamente não.

– Ah... Melissa... Você sabe que não é boa para correr pelas árvores, nunca foi. Quer ganhar mais uma cicatriz? – perguntou com reprovação. – Ainda bem que está consciente! – exaltou com alegria e sabia do que ela estava falando... nossa última aventura no bosque, anos atrás, que, na verdade, foi o ataque de Ludwig. Ela estalou os lábios com uma careta. – Você está sangrando... Vá para casa. Pode deixar que eu vou buscar sua irmã.

– Alice? Não... eu...

– Sim. Eu também vi sua irmã indo para o bosque com aquele cachorro. E, depois do que minha mãe contou sobre a fuga dela, resolvi ir atrás para buscá-la. Na verdade, já estava a caminho. Acha que consegue voltar para casa andando?

Balancei a cabeça... buscando argumentos eficientes:

– Alice... estava... comigo. Fui levá-la até o encontro de Aristela.

– Com você? Mas eu não te vi – Helena disse duvidosa, e espremeu os olhos perspicazes. – O que essa tal de Aristela vai fazer com sua irmã no meio do bosque? Ela não ia ter aula de piano?

Encarei os olhos dourados de minha amiga e minha boca ficou seca, eu era péssima com mentiras. Abaixei a cabeça, segurando meu braço ensangüentado, e inspirei profundamente, rezando para soar convincente.

– Elas mudaram os planos. E... resolveram fazer um piquenique. Aristela quer distrair minha irmã. Mas eu não estava com espírito para distrações... Você sabe. – Soltei o ar, e toda a aflição acumulada em meu peito. – Quero que minha irmã seja feliz, não quero envolvê-la com minhas tristezas. Logo mais Aristela

vai trazê-la para casa.

– Ah.

O som conformato me fez levantar a cabeça... meu discurso fora convincente, pelo menos o fim dele. Helena me ajudou a levantar e, com cuidado, manquei até o quintal de casa. Ela me ajudou a entrar e despediu-se com um olhar impotente. Agradei com um sorriso sincero, mas só respirei aliviada quando vi minha velha amiga subir a rua na direção da casa azul. Arrastando-me até o banheiro, entendi a importância do espelho... Minha interferência nas ações reveladas aconteceu a tempo. E, alterando decisões, mudei o futuro. Sorri timidamente, desta vez agradecida pelos acessórios mágicos.

No processo mecânico de lavar e enxaguar, me peguei imaginando quais seriam as outras imagens guardadas no Espelho de nossa família... e as possibilidades tentavam se encaixar no meu confuso quebra-cabeça. O perfume de jasmim do sabonete tomou meus sentidos como um aviso... e apertei os olhos, buscando algo perdido... Voltei aos movimentos mecânicos, e limpando a terra do corte em meu braço, revivi uma cena semelhante, o banho confuso após a queda do mirante. E a peça perdida se encaixou. O golpe mortal da lembrança me fez bater as costas no azulejo gelado... Agora eu sabia como havia escapado ilesa da queda. Nunca houve um salvador. Fui eu. Eu flutuei. Eu me salvei! Com um gemido, eu estava no chão molhado, sentindo ossos possivelmente luxados e hematomas doloridos durante o movimento que eu nem vi acontecer.

A água quente batia em minhas costas, me acalmando, o perfume de jasmim tentava me consolar... mas o vazio dentro do meu peito só aumentava, e tudo o que eu queria nesse momento eram respostas. Conselhos. O abraço de minha mãe.

Com os cabelos pingando, subi mancando os degraus até meu quarto. Pendurei o roupão com os olhos fixos no livro de couro laranja... mas, antes de esclarecer minhas dúvidas, precisava cuidar de assuntos práticos. E uma breve análise constatou a causa do desconforto. Meus joelhos estavam vermelhos e soltavam um tipo de água misturada com sangue, resultado do ralado sob o jeans... Meu ombro tinha um enorme hematoma, que começava a inchar, e um longo corte corria meu braço até a curva do cotovelo, nele ainda havia sangue fresco. Com cuidado, vesti uma regata e procurei por minha única saia, esquecida no armário. Uma olhada no espelho e esbocei duas caretas, uma por minhas pernas brancas, e a outra pelos enormes ralados que cobriam meus joelhos. Algumas coisas não mudavam, com ou sem herança mágica.

Sem me preocupar com o excesso de água nos cabelos, apanhei o livro de

minha mãe e procurei pela última anotação... *“Abandonei minha essência pela herança do meu amor. Não nego minha origem, mas não posso mais ser fiel a ela.”*

Parei meus olhos no começo da anotação, e ela já esclarecia boa parte dos questionamentos. Ela deixou a magia por mim, provavelmente assustada depois do ataque de Ludwig. Mas... se ela conhecia a magia, a Terra da Luz, e entendia a seriedade do ataque, também sabia dos Von Berg e os outros segredos da montanha. Então, por que Aristela e Nicolau nunca me disseram nada?

Antes que o próximo pensamento respondesse à pergunta – com outra pergunta –, a porta de entrada bateu sonoramente. Passos ecoaram no hall e fechei o livro de couro laranja às pressas, levantando-me com outra careta... ansiosa para esclarecer minhas dúvidas diretamente com Aristela.

Mas, na porta do quarto, meu corpo congelou ao identificar o visitante.

– Você está bem? Helena disse que se machucou no bosque.

Arthur jogou a chave reserva no porta-chaves e subiu os degraus ao meu encontro, sua expressão preocupada me incomodou profundamente.

– Eu... eu... O que faz aqui? Pensei que estava no restaurante.

Enquanto eu tropeçava nas palavras, a mágoa se misturou com o incômodo nos olhos dourados.

– Eu estava... esqueci algumas coisas em casa.

Arthur me avaliou de perto e a preocupação voltou ao seu rosto, misturando-se com algum tipo de irritação. Rapidamente, ele me conduziu de volta ao quarto, praticamente me empurrando para a cama. Subindo o olhar, ele avaliou meus machucados e estendeu a mão para meu braço.

– Que droga, Mel, o que você estava fazendo?

Puxei meu braço de sua mão, irritada com sua irritação.

– Eu caí, oras. Isso não é novidade. E guarde as piadas para você.

Ele soltou o ar, abaixando a cabeça, depois escorregou os dedos pelos cabelos levantando o olhar amargurado.

– Eu não ia fazer piada. Só fiquei preocupado.

Vi a seriedade nos olhos do espantalho e me encolhi, culpada. Ele simplesmente não suportaria ver mais alguém machucado. E entendia muito bem sua agonia.

– Desculpe, mas não quero que se preocupe – afaguei meu braço, encabulada, e senti o hematoma no ombro reclamar o movimento. Com uma careta continuei – está tudo bem.

– Não parece. – Arthur se aproximou pegando meu braço novamente. – Precisamos passar alguma coisa aqui. – Ele levantou meu braço em um ângulo incômodo e não segurei o gemido. – Você precisa fazer um raio-X nesse ombro,

pode ter...

– Eu não vou ao hospital – minha voz saiu fraca, mas firme. E a sombra de uma lembrança me torturou mais que o ombro. Arthur não discutiu. Abaixou o olhar e avaliou o corte mais uma vez. – Por favor, você pode pegar alguns curativos na cozinha? Acho que tenho um remédio aqui.

Sem questionar, Arthur deixou o quarto e eu me estiquei até a mesinha de cabeceira, procurando um vidrinho com líquido verde na gaveta... algo que não usava havia muito tempo. Girei o frasco nos dedos e suspirei, esperava que a magia de Alex ainda funcionasse no emplastro. Em um piscar de olhos, Arthur estava de volta. Em silêncio, abriu a caixa de remédios sobre a cama e, sem pestanejar, retirou o vidro de minhas mãos. Espalhando o líquido espesso no algodão, franziu o nariz.

– Nossa... é forte. O que é isso?

Franzi os olhos enrolando a explicação na boca.

– Um tipo de remédio caseiro, mas funciona.

– Espero que sim, ou esse corte vai virar mais uma cicatriz.

Vi a concentração cuidadosa de Arthur, seu olhar compenetrado no movimento dos dedos que mal tocavam a pele ferida. Seu silêncio calmante aqueceu meu peito... E isso não tinha nada a ver com o *calor* do poder. Era apenas carinho de quem a gente quer bem. Suspirei mais uma vez, com um tipo de alívio que preenchia o vazio do meu coração. Depois de um mês de absoluta tristeza, da solidão que estava sentindo por ter sido abandonada no meio de uma herança indesejada... era bom ser o objeto de cuidado de alguém. Meus olhos pararam nos traços abatidos de seu rosto e percebi como estava sendo injusta. Arthur também precisou de cuidado, de conforto para curar sua ferida... uma ferida que eu conhecia muito bem, na alma... E eu o abandonei.

– Preciso lhe pedir desculpas mais uma vez – falei suavemente.

Arthur levantou os olhos dourados, franzindo a sobrancelha.

– Pelo quê?

– Por não ficar ao seu lado quando precisou.

Arthur abaixou os olhos. Não sorriu. Não respondeu. E não me desculpou. Isso doeu fundo em meu coração. Ele estava muito magoado comigo e, ainda assim, estava aqui. Eu me senti ainda pior.

Depois de um minuto torturante, ele suspirou, emendando as palavras.

– Eu sei que foi difícil para você também. Por causa dele.

Desta vez fui eu quem não respondeu. Fiquei calada. Grata e triste pelas lembranças que voltaram para roubar o calor calmante em meu peito. Arthur sentou ao meu lado para cuidar do hematoma no ombro, e só me atentei a sua proximidade quando ele afastou o cabelo molhado do meu pescoço com um som

de reprovação.

O primeiro toque do algodão com emplastro doeu na pele sensível, e me afastei com um gemido. Arthur parou a mão no ar, esperando. Voltei à posição anterior, encarando seu rosto concentrado e os olhos dourados prenderam os meus.

– Tem de confiar em mim. Não vou machucar você. Eu juro.

Segundos se passaram e continuava presa nos desertos dourados... lá no fundo, sabia que ele não estava falando do meu machucado. Pisquei quando sua outra mão segurou a base do meu pescoço para que eu não me afastasse... e ele, finalmente, desviou o olhar, voltando sua atenção para o curativo. Seu toque ainda era cuidadoso, mas agora incomodava, justamente pelo carinho. Tentei ficar parada, mas aquilo não parecia certo... não o curativo, o cuidado. Arthur terminou com o ombro, ajeitando meus cabelos de lado, e ajoelhou-se no chão. Vendo-o de frente para mim, não entendi seu objetivo. Inesperadamente, ele se inclinou para pegar mais algodão na caixa de remédios e minha pulsação acelerou. Eu recuei na cama.

– Espere, preciso terminar aqui.

Ele segurou minha perna, acima da curva dos joelhos, e algo gritou dentro de mim em alerta. Coloquei minha mão sobre a dele, afastando seus dedos.

– Posso cuidar destes sozinha. Obrigada.

Escapei de lado, levantando-me rapidamente, e Arthur fechou a cara, insatisfeito com minha reação. Cruzei os braços e parei ao lado da porta. Com um gesto incômodo, ele escorregou uma mão pelos cabelos, que voltaram teimosos para a testa, os olhos atentos, avaliando-me. Seus lábios se abriram, mas a voz não saiu. Arthur abaixou o rosto e passou por mim descendo os degraus, eu o segui.

No hall, ele virou, e era o espantalho mais uma vez.

– Cuide-se.

– Você também – murmurei sem jeito.

Ele deu um passo para a porta, depois a abriu e, então, voltou alguns centímetros. Esticando a mão, desceu os dedos por meu cabelo molhado, roçando de leve a ponta deles em meu pescoço.

– Fique aqui dentro. Seu cabelo está encharcado... não quero vê-la doente. E, pelo que entendi, não vai querer ninguém cuidando de você – a voz dura deixou claro o tamanho de sua mágoa.

Abaixei os olhos enquanto feridas antigas eram abertas e outras, novas, romperem por meu coração. Arthur se foi e, antes que eu chegasse até a porta, uma lágrima escapou... solitária, culpada, magoada, irritada... indecisa. Encostei

as mãos na madeira e ainda sentia a umidade nos olhos quando um arranhado conhecido raspou do outro lado. Sequei os vestígios da minha confusão e abri a porta para o gigante cinzento.

Aristela já subia os degraus da pequena varanda com Alice, e o sorriso das duas era reconfortante.

– *Chérie!* – ela exclamou feliz e chegou a abrir os braços, mas um olhar atento fez com que os recolhesse rapidamente... o sorriso indo embora. – *Oh, mon Dieu*, o que aconteceu?

– Aristela! – ela poderia ter receio pela minha aparência, mas minha saudade era maior que qualquer desconforto. Com um sorriso satisfeito, desviei do gigante cinza e abracei a maga de longos cabelos acinzentados. – Ah... Aristela, que saudade.

Ela retribuiu o carinho com a mesma intensidade.

– Eu também, *chérie*. Eu também – a maga estreitou o abraço e meu ombro reclamou. Desta vez, eu gemi. Aristela me afastou cuidadosamente, olhando-me com atenção. – O que aconteceu com você, Melissa?

Senti sua presença em minha mente, forçando a pergunta... e quando flashes inconscientes pulsaram em resposta, a maga arregalou os olhos. Eu tomei fôlego.

– Venha, é melhor conversarmos lá dentro.

Seguimos em fila. Acomodei todos na sala e permaneci em pé, agitada demais para me sentar. As dúvidas se multiplicavam, e muitas de minhas conclusões precisavam de detalhes para se tornar viáveis... A prova disso era o olhar estreito da maga telepata, que não conseguia entender minha mente confusa. Mas primeiro achei necessário esclarecer que, apesar da aparência, estava me recuperando graças ao emplastro de Alex. Alice me avaliou do sofá, inconformada por ter perdido a chance de usar seus dotes de enfermeira. Heros estava inquieto e duas lufadas indicavam sua curiosidade sobre o caminho que isso ia levar. Aristela assentiu ao seu lado, tranquilizando-se ao ver as cenas em minha mente... e notei certa dúvida em sua expressão, que julguei ser pela presença de Arthur em minha memória. Controlei meus pensamentos, focando-me em outros detalhes, e um grunhido de Heros lembrou-me que nem todos liam mentes.

– Está certo – eu inspirei longamente. – Aristela... eu sei que vai parecer estranho, mas também estou tendo problemas para acreditar, portanto, preciso de sua ajuda para completar algumas lacunas e... – Um rosnado no chão completou o olhar ansioso da maga à minha frente. Eu respirei fundo mais uma vez, fechando os olhos. – Acho... eu acho que posso ter o gene mágico da minha irmã.

O silêncio que caiu sobre a sala me fez abrir os olhos.

Alice tinha os olhos arregalados, a boca aberta pela surpresa e, se um cachorro pudesse ter uma síncope, com certeza essa foi a reação de Heros. Apenas Aristela continuava imóvel, e sabia, pela repetição em minha mente, que ela vasculhava os detalhes. Vendo a reação incrédula da plateia, eu me senti marginalizada... Pela primeira vez desejei a aceitação que um dia neguei a Vincent e Alice.

Nervosa com o choque nos rostos à minha frente, resolvi detalhar a informação.

– Eu sinto o calor dentro do peito, aquele que corre para as mãos. E já o descarreguei... duas vezes. Eu vejo a cor do poder de alguns de vocês há algum tempo, e agora sei “o quê” estou vendo. Acabei de levitar na floresta... me assustei e caí, por isso me machuquei. Mas isso explica como me salvei da queda do Mirante... – corri os olhos pelas feições petrificadas – e não é só isso... Acabei de descobrir que temos um *Espelho de Nereu*.

Queixos despencaram até o assoalho e o silêncio perdurou mais uma vez. Eu me remexi, apertando as mãos.

– Sabe... se alguém falar alguma coisa, acho que vou me sentir melhor.

Alice levantou-se imediatamente, jogando os braços ao redor da minha cintura.

– Isso é muito legal, *Tata*! Muito legal! – Alice saltitou abraçada a mim, sua euforia relaxou minha tensão. Retribuí seu abraço em agradecimento, ignorando a dor do hematoma no ombro, aliviada por ter a compreensão de quem eu amava. Ela se afastou para me olhar de frente. – Você sabe fazer magia... E também temos um espelho? – concordei, respondendo às perguntas afobadas. – LEGAL! – gritou, entusiasmada e me esmagou em outro abraço.

A alegria de Alice mudava minha expressão, que congelou ao encontrar o rosto de Aristela. Ela segurava um sorriso fraco, compartilhando nossa emoção, mas seus olhos deixavam clara sua preocupação.

– Melissa... isso é surpreendente, com certeza. E não deixa de ser uma boa notícia, *mas*... – ela falou com cuidado e não segurei a careta, lá estava o “mas” – precisamos esclarecer muitos detalhes. A começar pelo desenvolvimento tardio do seu poder.

Afastei minha irmã com carinho, alisando seus cabelos. Com um suspiro profundo, afirmei:

– Para este detalhe acho que encontrei a resposta. O ataque de Ludwig no bosque, que coincidiu com minha saída da cidade. – Falei precisa e Aristela tombou a cabeça, indicando que acompanhava meus pensamentos com clareza. Mas um cão peludo rosnou na minha frente. Encontrei os olhos acinzentados de

Heros e levantei meus cabelos para esclarecer. – Tenho a cicatriz da absorção de poder, portanto, Ludwig usou seu dom em mim. Não sei se aconteceu antes de ele aflorar ou depois... Alex me deu o “elixir do vento”, e lembro pouca coisa daquele dia. E, pelo que Alex falou sobre o ataque a Ayla, os poderes podem demorar a voltar fora do Mundo Mágico.

Os olhos acinzentados do monstro canino continuavam arregalados, ele emitiu um som espremido pela garganta, que achei ser uma confirmação. Ou outra síncope.

– Sim. Você tem razão, Melissa. Se isso aconteceu antes ou durante o desenvolvimento de seu poder, pode ter afetado seriamente o desenvolvimento mágico. Nem mesmo Alex poderia identificá-lo. – Com um movimento ansioso, Aristela chegou mais perto da beirada do sofá. – Então, você descobriu a linhagem de vocês? Sua e de Alice?

Soltei o ar lentamente, sentando-me ao lado de Aristela.

– É aqui que preciso de sua ajuda para preencher as lacunas. Eu encontrei um livro de anotações nas coisas de minha avó, e ele tem a letra de minha mãe... – pensei em como começar as explicações e resolvi ser prática. – Vou pegá-lo, fica mais fácil mostrar.

Eu me levantei, mas Aristela me impediu.

– Não, Melissa. Espere. É um livro com capa de couro? Fechado por chave, corda ou fita?

– Sim, de couro laranja, a fita é verde.

Aristela assentiu com um sorriso, vendo as imagens em minha mente.

– Ele é o *Gramaire* de sua família. Contém relatos, feitiços, poções... Não deve ser compartilhado com outros magos. Apenas com sua família. É parte de sua herança, como o espelho. – Mais um movimento de cabeça e soube que ela estava vendo detalhes em minha memória. Ela não poderia ver o livro, mas não havia como desligar meus pensamentos. Aristela parou, piscando. – Mas, então, sua mãe era mesmo uma maga.

Ela afirmou, não perguntou, mas a surpresa em seu tom respondeu a outra pergunta que nem havia feito. Pelo visto, Aristela não sabia nada sobre os dons mágicos na casa dos Wels.

Soltei os ombros.

– Pelo que eu li, ela tinha muito conhecimento sobre o assunto. E viu muita coisa, inclusive a Terra da Luz. Sabia sobre o Conselho e sobre os elfos originais... os *Devas*. Deve haver outros detalhes mágicos no livro, mas não me aprofundei ainda. O curioso é que não vi nada sobre vocês. – Ajeitei-me ao seu lado, incomodada, precisava verbalizar minha dúvida. – Vocês a conheceram? Minha mãe... Angelina? Sabiam de suas visitas ao Mundo Mágico?

Aristela meneou a cabeça em negativa, e isso era frustrante. Não contive a expressão aborrecida.

– Desculpe, Melissa, mas nunca recebemos nenhum relato sobre herança mágica na sua família. Mesmo anterior à nossa chegada. Por isso, tratamos o caso de Alice com tanto cuidado. – Aristela esticou um longo olhar para Heros e continuou. – Viemos para cá como “os Von Berg”, algum tempo depois que Vincent se foi com Ludwig. Armand havia desaparecido no Mundo Mágico e, perto do Conselho, teríamos meios para procurá-lo. Recebemos dos antigos emissários Von Berg os relatórios das famílias mais antigas da cidade e, pelo que sei, os Wels são uma delas. Sua família sempre teve moradia nas terras da montanha, mas não há registro de ordem mágica. Nem deles, nem de outras famílias da cidade. Não que eu me lembre. E não temos o costume de interagir ou investigar detalhes irrelevantes. Nossa interferência na vida da cidade deve ser mínima. A reclusão é uma ferramenta de camuflagem. Como sabe, o tempo passa de forma diferente para nós, e nossa aparência, ao longo dos anos, poderia levantar suspeitas indesejadas para nossa discrição. Alex, Viviana e o próprio Vincent estavam livres para ir e vir porque podem se ausentar da cidade a qualquer momento. Mas nós, eu e Nicolau, temos de permanecer até que o Conselho ou uma causa maior exija nossa saída.

Assenti, avaliando sua aparência jovial, depois abaixei os olhos confusa, intrigada... e, por fim, aborrecida.

– Bom, minha avó não era da cidade. A família dela era pequena... e todos os seus parentes estão mortos. Se ela era a chave para essa herança mágica, não há como saber os detalhes.

– Se sua avó ocultava seus poderes, foi por opção. E deve ter se esforçado muito para isso, além de ensinar sua mãe a fazer o mesmo. De qualquer forma, o livre-arbítrio delas não pode ser questionado. A magia é uma escolha pessoal – Aristela estreitou os olhos, e senti sua presença em minha mente mais uma vez, procurando detalhes. – Mas, pelo que entendi, sua mãe tinha algumas dúvidas. Ou, pelo menos, curiosidade. E, no fim, acabou fazendo sua escolha... ocultando seu poder para ter uma vida afastada da magia.

Olhei para minha irmã com incerteza e imaginei se estaríamos desenvolvendo seus poderes se minha mãe estivesse aqui. Esta seria a vontade dela?

Aristela alcançou rapidamente meus pensamentos e tocou meu ombro, chamando meu olhar.

– Melissa... Você tomou a decisão certa. Como responsável por Alice, não poderia deixá-la desamparada na magia, ainda mais tão jovem. O caso dela ainda é atípico, como o seu.

– Eu sei. Ensinar Alice a controlar seus poderes é muito importante. E tenho consciência de que meu caso também é complicado, mas... sobre mim... Eu... não tomei uma decisão sobre isso até o momento. Só gostaria de entender – balancei a cabeça, sentindo-me traída – por que minha mãe escondeu isso de mim.

– Pelo mesmo motivo que fez você levar Alice para as aulas de magia. Cuidado, proteção, amor. Sua mãe tomou a decisão que achou certa, a mais segura para quem amava. Talvez, se estivesse aqui, as coisas fossem diferentes. – Aristela suspirou. – E você sabe, viver na magia não é uma decisão fácil... e agora tem ideia dos riscos. Na verdade, acho que você é uma das únicas pessoas que podem entender realmente seus motivos. – Aristela viu a mágoa tomar meus olhos e esticou um carinho até meus cabelos. – Quero que entenda, Melissa, esse tipo de decisão não é um caso isolado. Existem muitas linhagens perdidas, sua família não é a única a esconder a magia.

Pensei por alguns segundos.

– Estou tentando, mas não tenho certeza se era isso o que minha mãe queria. Sabe... se esconder. Angelina era determinada, corajosa. E deixou vestígios claros de seu interesse na magia. Ela esteve no Mundo Mágico. Isso é fato! – exclamei incrédula. – O que me intriga é como ninguém ficou sabendo que ela esteve lá. Tudo na magia é tão... formal. Deve haver algum relato, algum registro.

Aristela ficou pensativa por um momento, entendendo minha dúvida. Quando estava certa da resposta, falou devagar.

– A casa dos Von Berg não é o único lugar que reúne passagens para o Mundo Mágico. Há uma passagem para a Terra da Luz bem aqui, nos bosques atrás de sua casa. Se sua mãe tinha o conhecimento disso, ficou fácil se aventurar. Mas... você tem razão. Do outro lado, ela provavelmente recebeu proteção. Auxílio. – Aristela estreitou os olhos, buscando alternativas para dar uma resposta concreta. – Esse “amigo” era influente, o suficiente, e também muito competente para encobrir *muitos* detalhes.

Balancei minha cabeça, tentando entender suas suposições. E outras estavam dando um nó em meus pensamentos.

Angelina tinha o gene mágico, conhecia a magia, tinha interesse por ela, e esteve no Mundo Mágico... Mas abandonou tudo, seu conhecimento e a própria herança para viver uma vida comum. Por quê? Mordi o lábio, pensativa, e perdi meus olhos, até que eles encontraram Alice. Observei a menina maga afagando as orelhas de Heros, distraída, praticamente alheia à enxurrada de charadas ao seu redor. Mais uma vez fiquei irritada com o silêncio de minha mãe. Ela queria que eu cuidasse de Alice, que ficasse ao seu lado, me fez prometer isso no leito

do hospital... mas como achava que isso iria funcionar sem explicar detalhes tão essenciais? Tudo bem, na época, Alice não mostrava sinais de evolução mágica. Nem eu. Mas por que não confiar em mim? E lembrei-me que a herança mágica não foi a única coisa que Angelina escondeu de mim. Ela omitiu muitos detalhes da própria vida, como a identidade do meu pai.

Bufei e encontrei os olhos esmeralda de minha irmã, na admiração daquele olhar estava minha resposta. Aristela tinha razão... e um aperto doloroso me fez encolher os ombros. Angelina desistiu de tudo por mim, por amor a sua família, para nos proteger.

Ignorando minha perturbação, Alice levantou-se com os olhos brilhando e veio ao meu encontro.

– Você viu nosso espelho funcionar, Mel?

Afirmiei, controlando a emoção. Limpei a garganta e me concentrei para a resposta.

– Sim. Ele se revelou com uma imagem sua – minha irmã sorriu surpresa. – E precisei intervir antes que Helena visse seus poderes no bosque. Por isso eu caí... eu estava correndo ao encontro dela.

Alice fez questão de não ouvir as partes preocupantes da notícia e, como toda criança ansiosa, concentrou-se na novidade.

– Posso me ver no espelho, *Tata*?

Concordei com um sorriso espremido, afagando os cabelos ruivos de minha irmã. Teríamos muitas coisas para dividir, muitas coisas para descobrir... Juntas. E estaria ao seu lado. Sempre. Levantei-me para buscar o espelho e, com o auxílio de Aristela, chamei pela última imagem. Depois foi a vez de Alice. Minha irmã ficou muito animada por ver a si mesma nas cenas... um tanto perturbadoras para mim. Depois, começamos a explorar.

Seguindo as orientações da tutora de minha irmã, solicitei imagens anteriores, somando palavras-chaves de lugares e pessoas. Vimos o aviso do rapto de Alice por Piro e, embora fosse uma imagem um pouco diferente daquela no espelho de Aristela, da mesma forma, mostrava minha irmã caminhando no bosque com seu amigo camundongo, antes de ser levada pelo elfo de olhos inóspitos. Depois, somando meu nome e algumas tentativas, vi a cena do assédio na revendedora, aquele que teve a intervenção de Vincent. E, usando o nome de minha mãe, para nossa tristeza, vimos o acidente que causou sua morte. Não terminamos de ver essa cena.

Apoiei o espelho na mesa de centro, com o vidro reflexivo voltado para baixo e puxei minha irmã para meus braços. Ela ficou em silêncio e eu também. Era melhor não procurar por mais imagens, elas poderiam ser muito dolorosas. Principalmente aquelas que não conseguimos modificar com nossas decisões. E

a revolta assolou meu coração... Se minha mãe estivesse com o espelho, poderia ter evitado o acidente, poderia estar conosco agora, respondendo às nossas perguntas. Poderia estar neste abraço.

Senti os dedos de Aristela em meus cabelos mais uma vez, ciente de que ela estava dentro da minha mente, dividindo minha mágoa.

– Melissa... o espelho nem sempre soluciona nossos problemas. Ele fornece avisos, mas, muitas vezes, alterar nossas decisões não muda algo predestinado – ela desviou o rosto para Heros e seu olhar compassivo explicou muita coisa. Nem mesmo ela, que tinha o domínio sobre os objetos mágicos, tinha o controle de tudo. E entendi o que ela quis dizer... Todos nós estávamos à mercê do destino. Com ou sem intervenção mágica. Aristela voltou os olhos para mim com um sorriso, concordando com a conclusão em minha mente. – Não sinta raiva, Melissa. Use os instrumentos mágicos como ferramentas, mas não se torne escrava deles. Você deve controlar a magia, mas ela não deve controlar você.

Balancei a cabeça, apertando minha irmã nos braços fortemente. E retomei um antigo pensamento... *As coisas mágicas não eram muitos úteis, afinal.* Sempre havia um empecilho, uma barreira que deixava a magia seguramente incompleta. Que aproximava esse mundo poderoso da fragilidade humana. No fim, magos ou homens comuns, éramos todos iguais. E isso me fez entender um pouco mais a escolha de minha mãe.

Aristela insistiu para que eu acompanhasse Alice nas aulas de magia, queria que eu também recebesse a introdução de como utilizar meu poder. Mas estava incerta se queria me aprofundar nisso. E, sinceramente, qual era o objetivo? Tudo na magia era doloroso demais para ser vivido ou lembrado agora... e não tinha a menor vontade de aprender sobre algo que me trazia tantas memórias tristes. No momento, precisava apenas me conformar com a ideia. Aristela não aceitou bem meu descaso, por isso, resolvi pedir um tempo para pensar no assunto. E acho que fui convincente, o suficiente, para acalmar a maga telepata.

Por fim... tinha muitas coisas a ponderar.

O Sol já estava se pondo e Aristela se foi acompanhada por Heros. O olhar tristonho de minha irmã partiu meu coração. Resolvi distraí-la e fomos até meu quarto para ver o então titulado *Gramarie* de nossa família. Alice ainda estava sendo alfabetizada e, mesmo se esforçando, não conseguiu ler muita coisa... Mas tinha certeza de que este livro seria um incentivo e tanto para que ela acordasse disposta, todos os dias, para ir à escola. Com um gesto que me emocionou, Alice abraçou o livro de capa laranja, beijando-o rapidamente antes

de colocá-lo sobre minha escrivaninha. Eu entendi o gesto. Aquele era nosso mais precioso tesouro, que, de alguma forma, trazia nossa mãe para perto de nós mais uma vez.

A rotina da realidade, no entanto, seguia seu curso normal. Estando em uma casa de magas ou não. Depois de lavar a louça, colocar as roupas para lavar e deixar minha irmã na cama, despedi-me de meu avô... que roncava na frente do telejornal, e subi para meu quarto. Cuidadosamente, cobri o *Espelho de Nereu* com um lenço improvisado e acariciei o *Gramaire*, abrindo suas páginas amareladas. Correndo meus dedos pelas anotações, li mais uma vez as últimas palavras escritas por minha mãe...

“Não sei se o que fiz é certo, mas nunca fui tão feliz com as pequenas coisas e estou completa. Hoje minha vida é proteger o que mais amo, honrar meu amor da maneira que for possível. Parece injusto, mas estritamente necessário.”

Elas faziam muito sentido agora. Se, em algum momento, senti raiva, ela se tornou admiração. Angelina desistiu de tudo para ter uma vida simples e comum. Para cuidar de mim. E esse também era meu desejo. Uma vida sem complicações, onde pudesse cuidar de minha irmã. Depois que Vincent se foi, não havia mais nada que me interessasse na magia, pelo contrário, cada lembrança era dolorosa demais.... Então, era isso que eu deveria fazer? Esquecer o calor em meu peito, esquecer meu amor perdido? E simplesmente... viver? Um dia após o outro? Respirei fundo. E uma pergunta final martelou em meu coração. Como? Como Angelina encontrou coragem para fazer isso?

Apertei os olhos, fechando as mãos em punho. E senti o anel se espremer entre meus dedos. Levantei a mão para admirá-lo, imaginando o poder que um símbolo como aquele escondia... e foi inevitável lembrar do meu amor. Avaliei o quanto me restava de esperança para reencontrá-lo e sentei-me à escrivaninha, puxando o livro de capa dura, pronta para mais uma anotação. Demorei muito tempo para entender meus sentimentos e, quando os encontrei, corri a caneta pelo papel. Com os olhos ardendo e o corpo dolorido, apaguei a luz. Tateei no escuro com cuidado e me deitei.

Mais uma vez, lutei com a dor física para ficar de olhos abertos e, quando o cansaço me venceu, afundei na escuridão.

O presente

Algumas flores flutuavam até o chão na frente do carro, levadas pela brisa suave da primavera... E me senti como uma delas, condenadas às sombras do esquecimento após uma vida de cores e felicidade. À espera do tempo, implacável, que teimava em passar por mim. Até que um dia me tornaria uma semente adormecida do inverno.

A caminho da prefeitura, eu imaginava se este seria meu futuro. Se fosse, como sobreviveria a ele sem enlouquecer? Há uma semana reafirmava que a magia não mudaria a sombra dessa nova vida. Mas confesso, tinha vontade de saber alguns truques, principalmente para me defender dos olhares especulativos da cidade.

Estacionei na frente da construção centenária e precisei respirar fundo, duas vezes, ao notar duas senhoras que literalmente pararam para me observar. O pior é que elas nem procuraram disfarçar. Fiz questão de não ouvir os murmúrios especulativos sobre minha vida amorosa e, controlando o calor crescente em meu peito, desci do sedã, ignorando os olhares curiosos que avaliavam o tamanho do meu ventre. Era óbvio que as fofocas haviam voltado com todo o vigor. Todos esperavam a história de minha mãe se repetir... E ainda demoraria alguns meses até os moradores mexeriqueiros se convencerem de que eu não aumentaria a população da cidade.

Subindo a escadaria da prefeitura, desviei dos rostos analíticos e apaguei palavras perdidas que chegaram aos meus ouvidos com uma dose desnecessária de solidariedade. Suspiro.

Chutei o chão até a sala de Rose, e ela veio me receber com um abraço.

– Pela sua cara, as apostas entre rosa e azul estão aumentando.

Devolvi seu abraço e contornei sua mesa para me jogar em sua cadeira com outro suspiro cansado.

– Quando eles vão se cansar de fofocar sobre minha vida?

Rose levantou os ombros.

– Quando surgir algo mais interessante – ela sentou na borda da mesa, ajeitando os óculos de leitura nos olhos amendoados, – E, talvez, eu possa ajudar... – Eu me ajeitei na cadeira, dando-lhe minha atenção e Rose limpou a garganta. – Há algum tempo me inscrevi em um curso de planejamento estratégico voltado para o turismo. Estava tentando convencer a prefeitura a patrociná-lo... E, finalmente, aconteceu. Eu vou para a *Inholland University*, em Amsterdã. Embarco em uma semana.

Eu me levantei com um grito animado, empurrando a cadeira para trás e envolvi minha amiga em um abraço apertado.

– Você merece, Rose! Você merece!

– Que bom que ficou animada – disse soltando o ar.

Espremi os olhos, afastando-me para observar a garota de olhar preocupado.

– E por que não ficaria? Você é a pessoa mais esforçada e talentosa que conheço, merece todas as oportunidades!

– Bom... diga isso para as carolas do Departamento de Finanças que estão falando em favorecimento pessoal.

– Sei por experiência que isso incomoda, mas você sabe que não deve dar ouvido – levantei as mãos ao alto, com uma risada. – Onde estava enquanto *eu* ouvia *seus* sermões sobre “não dar bolas para fofocas”?

– Em algum lugar – ela riu.

– Além disso, estou feliz por outro motivo... Você sabe, estava na hora de eles falarem de outra coisa.

Rose balançou uma careta, reprovando minha justificativa, mas seu olhar era carinhoso... e logo se tornou preocupado novamente.

– Estava apreensiva em lhe dar essa notícia – Rose abaixou os olhos. – Principalmente agora que Helena foi embora – falou com cuidado. E, então, eu entendi. Eu ficaria sozinha, sem o apoio de minhas amigas. E teria de encontrar o caminho para sair das sombras, sozinha. Isso não era animador, mas me esforcei para segurar o sorriso encorajador no rosto. Rose merecia isso, estava feliz, e só isso importava agora. – O curso vai demorar algumas semanas... mas vamos nos falar por e-mail. Sempre! Vou mandar muitas fotos. Da comida... Das praças... De tudo! Até dos meus sapatos! E, mesmo longe, estarei à sua disposição para ouvir, ou melhor, ler e-mails quilométricos, se precisar.

Inspirei longamente.

– Vou querer seus e-mails, sim – abri um sorriso sincero – e as fotos... principalmente a dos sapatos! Mas só para saber os detalhes dessa sua aventura.

Rose devolveu meu sorriso encorajador, ainda mais exagerado, mostrando, pela primeira vez, o tamanho de sua empolgação com a viagem.

Uma semana depois, eu estava dentro do velho sedã, aguardando Rose se despedir de sua família. Saímos de Campo Alto com horas de antecedência, e este foi um pedido meu. As curvas da serra exigiam cautela, e não queria que minha amiga perdesse o traslado para o aeroporto. Rose agradeceu a carona, mas só compreendeu meus motivos na estrada. E, mesmo tentando disfarçar, notei que ela prendia a respiração a cada ultrapassagem... Isso era até injusto, eu

estava mais hábil no volante. Bom, eu achava que estava.

Rose desceu do sedã no Posto Rodoviário como quem desce da montanha-russa, trançando as pernas. Eu balancei a cabeça, incomodada, e desisti de defender minha habilidade ao volante. Afinal, teria de subir a serra de volta, e isso era desanimador para mim. Ajudei minha amiga com as malas e aguardamos, pacientemente, a bagagem ser etiquetada. Depois que tudo estava acomodado no compartimento de cargas, Rose me abraçou com um sorriso entristecido.

– Obrigada, Melissa.

– Eu que agradeço, Rose. Sem você, não teria sobrevivido a este último mês.

– Fico feliz por você estar... – sabia que ela ia dizer “melhor”. E a verdade é que nunca ficaria. O buraco em meu peito jamais se fecharia. Não queria preocupá-la, então, resolvi interrompê-la.

– Boa viagem. Aproveite. Você merece – minha voz embargou. – Sei que o curso vai ser puxado, mas quero muitos e-mails contando cada detalhe de Amsterdã. Vou sentir saudades – funguei.

Abracei-a novamente, sinceramente. Ela nem imaginava como faria falta.

Rose me afastou, esfregando o rosto.

– Sem choro! – ela disse com os olhos mareados.

– Esgotei minhas lágrimas. Juro! – mentira.

Ela sorriu condescendente e o motorista do fretado anunciou a partida para o aeroporto. Rose procurou meus olhos, a expressão doce ficando séria, decidida.

– Melissa. Vai fazer dois meses... Sei que ele foi importante para você, mas está na hora de superar. Ele não vai voltar. Desculpe por ser sincera, mas não vou estar aqui pelas próximas semanas e sei que vai ficar trancada em casa, com os livros e as lembranças. Por isso gostaria de pedir que, pelo menos... tente. Tente viver. Sem culpa, sem ele. Acho que já chega de sofrer por alguém que nem deu sinal de vida! – aconselhou quase revoltada.

Abaixei os olhos, estava quase concordando com ela. Minha esperança estava a um nível crítico depois de tanto tempo. As buscas de Armand pelo corpo de Vincent não surtiram resultado, não havia pistas, nada ajudava. Nos últimos dias, estava tentando me acostumar com a ideia de que ele não ia voltar. O pior é que lutei por meses para acreditar que Vincent havia me deixado, imaginando que a dor do abandono ou do desprezo seria melhor que a dor definitiva da morte. E agora isso parecia um grande engano. A ilusão me cegou. Ela estava me levando para um precipício e tinha medo de não sobreviver à queda. Suspirei longamente... ainda assim, por mais definitivo que fosse, jamais

deixaria de amá-lo. A lembrança desse amor seria para sempre uma sombra em meu coração. E dela eu jamais me afastaria.

Rose analisou minha expressão e, sabiamente, encontrou a verdade. Impaciente, continuou:

– Sabe o que eu acho? Acho que você poderia dar uma chance para o destino de novo. Procurar a felicidade – falou duvidosa e eu a encarei, paciente.
– Desculpe dizer, mas gosto de você e, no fim, acho que foi melhor assim. Você merece um cara legal, Melissa. Não a encarnação do *Darth Vader*.

O apelido bem-humorado quase me fez sorrir. Ela, provavelmente, ouviu isso da boca de Arthur, e a opinião do meu amigo era irrelevante agora. Rose partilhava dos mesmos conhecimentos da cidade sobre Vincent, sendo assim, não poderia criticar seu julgamento. Embora estivesse certa sobre a parte sombria, ela não o conhecia.

– Ele não é perfeito, Rose, mas ninguém é. Não posso dizer que sonhava com algo assim, mas eu o amo. – Notei que não conseguia me referir a Vincent no passado. Para mim, ele sempre estaria aqui, mesmo que apenas em meu coração. – Foi Vincent que escolhi para fazer parte do meu futuro. E não vou me esquecer disso. Não posso. Pretendo guardar esse amor. O tempo que meu coração mandar – disse convicta.

Rose balançou a cabeça, inconformada com meu discurso.

– Sabe, às vezes, você é muito teimosa. – Eu ri, já estava certa sobre isso. Rose balançou a cabeça mais uma vez, reprovando minha reação. – Acho que nunca vou entender. Você prefere esperar o *Darth Vader* a procurar o príncipe encantado – ela pausou, desfazendo o tom brincalhão e assumiu um tom sério. – E acho que ele está te esperando... há algum tempo.

Eu entendi sua indireta. Arthur. Troquei o peso do corpo nas pernas, incomodada.

– Rose... – desta vez, *eu* a olhei com reprovação – estou longe de ser a Cinderela. E, de qualquer forma, nunca acreditei em príncipes de cavalo branco – principalmente porque o meu era um príncipe negro. – E você deveria parar de sonhar com ele também, porque o Arthur nunca será um príncipe. Ele está mais para um bobo da corte.

– Príncipe ou bobo, ele não está interessado em mim, Melissa. E você sabe disso.

Abaixei os olhos, encabulada... Arthur não era um assunto fácil.

– Eu sei, e sinto muito por isso. Já deixei as coisas bem claras com Arthur. Não sei mais o que posso fazer para que ele esqueça essa fantasia de criança. De qualquer forma, agora ele parece mais distante dessa obsessão. – Eu a olhei com seriedade. – Ainda acho que deveria ter falado alguma coisa antes de

viajar... O Arthur precisa de direção, Rose! Saber que ainda tem sentimentos por ele pode ajudá-lo a encontrar o caminho até suas emoções. E sei que ele sente algo por você. Já o vi com aquele olhar. Você sabe... “o olhar”. Ele só está confuso.

– Não quero que Arthur tenha pena de mim. Além disso, vou ficar fora por poucas semanas. Imaginou o desconforto quando eu voltar? – franzi a testa e Rose girou os olhos no ar. – Pode ser covardia, mas também seria injusto deixá-lo constrangido dessa maneira.

– Arthur não é um príncipe encantado, Rose, mas jamais sentiria pena de você. O problema aqui é omitir possibilidades. Acredite, a omissão é uma péssima escolha. E, sim, você precisa mudar isso. Tem de demonstrar esse sentimento, torná-lo real. Mesmo de longe – meus olhos brilharam e os de Rose se estreitaram. – Você poderia escrever uma carta – completei animada.

– Amor a distância? – ela sorriu debochada – Jura?

– Você acabou de dizer que não vai ficar lá a vida toda – retruquei. – Nesse tempo, ele vai poder pensar no que sente. E quando voltar...

– Quando eu voltar, terei perdido um amigo. – Rose soltou o ar com uma lufada e não conteve a careta. – Arthur não vai encarar isso como uma possibilidade, Melissa, e sim como um problema. Ele vai se afastar. Admito... pode ser covardia, mas não quero arriscar.

– Espero que a distância ajude com sua coragem, pois esta é a única forma de acabar com esse triângulo de sofrimento em que vivemos. Eu sofrendo pelo Vincent, você sofrendo pelo Artur e o Arthur sofrendo por mim... É loucura!

– Mesmo que eu e o Arthur nos entendêssemos, você ainda estaria sofrendo, Melissa.

– Eu sei – sussurrei, incomodada com a inércia –, mas isso não depende de nenhum de nós. Minha felicidade estava nas mãos de Vincent. E não posso resolver nossa situação.

– Você pode, Melissa. É a sua felicidade. Sua decisão. Você sempre pode ir atrás dele. – Balancei a cabeça apertando os olhos. O pior é que eu daria tudo para ter uma esperança, uma pista, e seria a primeira a correr ao encontro de Vincent. Mas não havia esperança, não mais. Rose segurou minha mão entre as suas, buscando meu olhar, depois engoliu em seco. – Mas, se decidir ficar, pode resolver o sofrimento desse triângulo também. Pode dar uma chance a Arthur... Fazê-lo feliz. E se seu coração se abrir, ser feliz com ele. – Rose sorriu com uma condescendência assustadora, depois levantou os ombros com naturalidade, eu arfei. – Ou não. Mas a dúvida ficará para trás e outros caminhos podem surgir... Para você e para ele. – Minha boca estava escancarada pela surpresa. Ela estava

propondo que eu provasse a Arthur que não havia amor entre nós? – Não me olhe assim, Melissa, se esse for o futuro de vocês, não quero ser um empecilho. Vocês são bons amigos... Gosto muito dos dois. E sabe que falo a verdade quando digo que ficaria feliz com a felicidade de vocês.

Fixei meus olhos nos dela... Sim, eu sabia.

– Rose... Isso é... – gaguejei, atordoada. Não poderia colocar à prova a benevolência do rosto à minha frente... mas meu lado menos nobre dizia que ela era duvidosa para qualquer ser humano. Tombei a cabeça levemente, avaliando sua expressão decidida... E só consegui admirar a aceitação nos olhos amendoados. Era quase impossível argumentar com aquele rosto. E não poderia. De repente, me senti responsável por sua felicidade. Respirei fundo, decidida – Eu já escolhi meu futuro, Rose, e ele não é Arthur.

Rose soltou o ar e, de certo modo, pareceu aliviada.

O ônibus buzinou, e pisquei, estava na hora. Rose me deu um longo abraço e retribuí sua sinceridade. Nunca encontrei alguém assim em toda a minha vida. Ela era uma pessoa rara, havia conquistado minha admiração e sentiria sua falta.

Conforme o ônibus se afastava, algo diminuía dentro de mim. Coloquei as mãos no peito, apoiando o que não estava lá. O alento da amizade também havia me deixado e foi substituído por mais algumas sombras, aumentando o vazio. Eu me abracei instintivamente. Não suportava mais me despedir das pessoas que amava.

As duas semanas seguintes foram entorpecidas pela rotina. Meus dias eram separados pelos ponteiros do relógio e se repetiam, previsivelmente. Como meu único conforto.

Todas as manhãs eu acordava com alguns livros acima de mim... flutuando pelo quarto, e agora sabia que eu fazia aquilo. Depois de cair da cama algumas vezes, já não me assustava mais. Pacientemente, eu os recolhia, ajeitando as pilhas no chão. Depois, abria a porta para Heros. Levava Alice para a escola e passava o restante da manhã aos serviços da revendedora Wels, onde aproveitava para ver as fotos da viagem e responder aos e-mails de Rose. No restante dos intermináveis minutos livre, ficava em meu quarto... lendo meus livros e, principalmente, o *Gramarie* de minha mãe.

Além das receitas mirabolantes, que pela letra julgava ser de minha avó, havia pouca descrição sobre as visitas de minha mãe à Terra da Luz. Ela era cuidadosamente concisa em suas palavras, contornando detalhes que poderiam explicar muita coisa... como a identidade do seu *anjo conselheiro*. Forma como ela se referia ao seu “amigo” do outro lado. Li e reli tudo várias vezes e até

decorei algumas partes, mas nada fez diferença em relação ao que eu já sabia. Ou ao que não sabia. Suspiro.

Minha única alegria nessa enfadonha rotina era encontrar com Aristela no fim do dia. Ela sempre ficava alguns minutos depois de trazer Alice de suas aulas de magia e me interava das novidades da montanha. Que não eram muitas... mas sabia que era sua forma de dizer: *nem sinal do corpo de Vincent*. Meu mago das sombras foi dado como morto depois do ataque na sala dos portais, mas, sem um corpo, eu poderia alimentar minhas enfraquecidas esperanças... Como telepata, Aristela sabia disso. Outro suspiro.

A tutora de minha irmã ficava incomodada por me ver negar a magia, parecia querer explorar meus poderes mais do que eu. E, embora insistisse, quase diariamente, pela minha inclusão nas aulas de magia, esforçava-se para respeitar minha decisão. E reafirmava a mim mesma... De que adiantaria? Esperar pela rotina não era animador, mas foi a forma que encontrei de continuar. E, apesar de ter ressuscitado o zumbi alienígena, não esperava que ninguém entendesse a dimensão do buraco em meu coração.

Em casa, a coisa se estendia a outro nível... repreensão. Vincent havia desaparecido havia dois meses, e George julgava minha amargura algo incurável. Não podia discordar dele. Meu avô me olhava de viés todas as noites, reprovando minha tristeza, mas não falava nada. Nem poderia... afinal, a ausência de Antônio também o machucava e ele ainda lutava com suas próprias lembranças. Nestas últimas semanas, lendo e relendo o *Gramarie*, ensaiei um discurso com algumas perguntas que poderiam desvendar as prováveis habilidades extracurriculares de minha avó... mas ficava na dúvida se George sabia algo sobre esse lado mágico de sua falecida esposa. Falar sobre isso implicaria revelar outro lado mágico... das netas. E tinha muito medo da sua reação. Embora me empenhasse na coragem, girava nos calcanhares no primeiro olhar oliva entristecido.

Mas meu avô já estava desconfiado. Sua astúcia paterna percebeu que eu guardava um grande segredo e, sem que percebesse, o jogo virou a mesa... Percebi que havia alguns dias George estava me abordando com suas perguntas investigativas, principalmente quando me via calada. Elas, normalmente, circulavam sobre alguma *grande* novidade, e seu acanhamento, ou cuidado, me fez pensar nas apostas da cidade entre rosa e azul. Encabulada, eu sempre escapava pela tangente, o que aumentava seu olhar questionador. Embora tivesse afirmado que não estava grávida, sabia que ele ainda pensava na hipótese, como o restante dos moradores de Campo Alto. Por fim, resolvi fugir do impasse. Não conseguiria fazer *minhas* perguntas, mas também não conseguiria responder às *dele*... E, depois de colocar Alice para dormir, eu escapulia para meu quarto.

Para ler, chorar ou reler o mesmo trecho do *Gramaire* de minha mãe. Convencendo-me que negar a magia iria me afastar da dor, que teimava em voltar sempre que apagava as luzes.

Mas esta noite, foi diferente. A solidão era insuportável e fiz algo que havia jurado não fazer...

Inspirando corajosamente, chamei por uma imagem no *Espelho de Nereu*, somando o nome de Vincent à montanha dos Von Berg. Sabia que o espelho poderia mostrar coisas indesejadas... e tinha muito medo de rever as cenas na sala dos portais. Mas a angústia pulsante era dolorosa demais para qualquer ser vivo suportar. Eu precisava vê-lo. Alimentar minha memória. E resolvi assumir o risco. Nada poderia ser pior que o medo de esquecer seu rosto.

Em segundos, o vidro reflexivo reuniu cores e compôs uma imagem... prendi a respiração. E, para minha surpresa, ela foi muito curta. Mostrou o rosto tão desejado olhando para um espelho, apenas isso... e acabou. Foi rápido, mas doeu com a intensidade da eternidade. Ainda pior do que imaginava. Muito pior. Deitei-me com o espelho nas mãos, encolhendo-me como uma bola, desejando jamais ter visto aquele rosto. Depois de chorar compulsivamente, tornei a jurar que nunca mais faria aquilo.

Acordei com o espelho nas mãos. Olhando-o com cuidado, lembrei-me da noite anterior e entendi como esta ferramenta mágica poderia me enlouquecer.

Mais uma vez, lembrei de minha mãe... talvez o *Espelho* também guardasse suas memórias e, se elas fossem tão tentadoras ou dolorosas como as minhas, entendi seus motivos ao deixá-lo para trás.

Suspirei longamente, era engraçado como me sentia mais próxima dela, a cada dia... e olhando o espelho de soslaio, caí em minha última tentação. Chamei o nome de Angelina e, atormentada pelas imagens do acidente, acrescentei as palavras: “feliz na montanha”. Em segundos, a imagem de minha mãe se consolidou... e vendo o cenário coberto por árvores, soltei um longo suspiro.

O rosto dentro da moldura dourada era mais jovem, alegre, como eu me lembrava. E, no reflexo, Angelina conversava com um homem. Um homem desconhecido. Mas, ao mesmo tempo, algo nele pareceu familiar. Franzi os olhos quando a imagem acabou. Lutando com meus desejos, fiquei tentada a chamá-la mais uma vez... e fui salva do dilema por batidas na porta da frente que ecoavam pelo hall.

A não ser que Heros tivesse quebrado sua maldição, as batidas firmes significavam uma visita humana, muito, mas muito matinal. Desci a escada às pressas, antes que mais alguém da casa acordasse, e não pude deixar de sorrir ao ver Lucila na pequena varanda. Ela esticou um sorriso forçado e eu a abracei

sem pestanejar, precisando mais daquele abraço materno do que ela podia imaginar.

Lucila pediu desculpas pela visita da alvorada, mas eu dispensei sua preocupação. Estava com saudades demais para me preocupar com convenções sociais. Levei minha vizinha para a cozinha, fazia muito tempo que ela não vinha até nossa casa... desde a noite de terror e mortes. Soltei o ar, não queria me lembrar dela, por meus próprios motivos.

Depois de um minuto no banheiro, preparei um café e coloquei alguns pedaços de bolo de cenoura em um prato sobre a mesa... dividindo esse momento, antes tão corriqueiro, é que percebi como sentia falta dele. Culpada, avalei minha vizinha com cuidado, percebendo quanto a tristeza havia modificado seu rosto. E sabia que não era apenas a falta de Antônio. Segundo George, as novas preocupações de Lucila tinham outro nome: Arthur. Meu amigo espantalho acumulava reações depressivas e, pelo visto, estavam se tornando realmente problemáticas. Eu me aproximei em silêncio entregando-lhe a xícara de café e Lucila expirou o ar demoradamente e, com um sorriso, segurou minha mão.

– Senti muitas saudades suas, meu bem.

– Eu também – um sorriso sincero acendeu algo em meu peito. Carinho, amizade. – Como está Arthur? – perguntei com cuidado, ainda assim, Lucila levantou os olhos tristes. Neste ponto, nem precisava de uma resposta. Ela mordeu o lábio, ponderando e, com surpresa, entendi que seu silêncio havia se tornado reserva. Abaixei os olhos. – Sei que estamos afastados, mas me preocupo com ele. – Eu me sentei, desajeitada, evitando seu olhar analítico. – E também sei que ele precisou de apoio. Mas eu estava... e não podia... Desculpe.

– Eu entendo, Melissa. George me contou sobre o fim do seu namoro. Eu sinto muito – ela suspirou. – Acho que esses meses foram terríveis para todos nós.

Concordei, soltando os ombros... ela não tinha ideia. Determinada, insisti.

– Como está Arthur?

– Acho que ele virou um tipo de fantasma rabugento... só lhe faltam as correntes. – Lucila encostou-se na cadeira, soltando os ombros, como se deixasse de lado algo muito pesado. – Arthur não dorme, mal come e, nos últimos tempos, não faz nem a barba. Fica flutuando pela casa... pelo restaurante... e está enlouquecendo os funcionários! Para piorar, ainda tem a proximidade do seu aniversário. – Lucila se concentrou, a voz ficando tremida. – Helena não vai voltar, a viagem é longa demais, então, ficaremos sozinhos. Eu e ele. E as recordações estão acabando com Arthur. – Lucila se ajeitou na cadeira, girando a

xícara, lutando com as próprias recordações. – O aniversário era o dia deles. Dos garotos. Ele e Antônio passavam o dia em pescarias, acampamentos e só voltavam de noite. Vai ser difícil fazê-lo esquecer.

Eu me curvei em silêncio, lembrando-me das festas que Antônio dava aos gêmeos quando eram crianças, com muito bolo e refrigerante... ele gostava mesmo daquelas comemorações. E, se eu tinha lembranças felizes daqueles dias, imaginei as da família Casella. Estiquei-me pela mesa para afagar a mão de Lucila. E lembrei-me de outro aniversário que precisaria de bolo e refrigerante... o de Alice. Suspirei solidária. Seria seu primeiro aniversário sem nossa mãe e precisaria reunir muita determinação para fazê-la esquecer disso também.

Lucila encontrou meus olhos e algo estalou dentro de mim... Isso não era justo! Momentos felizes não deveriam ser ofuscados pela tristeza. Eu desejava nada menos que o melhor à minha irmã e me esforçaria por esse melhor. Também para Arthur. Mas, no caso dele, não tinha ideia de como poderia ajudar.

– Você tem alguma ideia do que fazer?

Lucila suspirou longamente.

– Não falei nada por receio de aumentar a depressão dele, mas me mata deixar a data passar em branco... era especial para ele. – Lucila travou, e sei que estava falando do falecido marido, não do filho. – Adiei o assunto “aniversário” por semanas, mas é daqui a alguns dias... E quero muito fazer algo especial. Principalmente para mostrar a Arthur que precisamos seguir adiante.

Lucila estava certa mais uma vez... o “*day after*” amanhece para quem fica. Impiedoso e implacável. A vida continua independentemente de nossas tragédias, e eu era testemunha disso. Por mais que doesse, a cada semana, as lembranças ficavam mais distantes. E, depois da experiência com o espelho, meu instinto de autopreservação soube que não deveria correr atrás delas.

Bebericando sua xícara, Lucila desabafou por mais alguns minutos. E, depois de algumas lágrimas, comeu um pedaço de bolo. Eu me senti um pouco melhor por confortá-la. Mais uma vez, meu mundo pareceu se dividir em dois... Apesar da minha tristeza eterna, da frustração por minha nova herança que insistia em me amarrar a um mundo secreto e perigoso, eu estava deste lado. Físico e frágil. Onde tudo era real demais, delicado demais. Meu coração morria um pouco todas as noites, esperando o que não voltaria mais e, ainda assim, o que restava dele batia pelas pessoas que estavam aqui. Eu também as amava, estava triste por elas, e faria qualquer coisa para não vê-las sofrer.

Depois de dois meses, todos pareciam caminhar para o estágio “quase conformado”. E já estava me incluindo nesse grupo. Ainda assim, ao pensar em Arthur, era como se voltasse à noite na varanda... suspirei tristemente, por outros motivos. E comecei a sentir parte dessa responsabilidade. Eu não o ajudei na

situação, rejeitei-o, me afastei quando ele mais precisou e sabia que poderia ter feito mais. Deveria ter retribuído o que eles fizeram por meu avô e por mim quando precisamos. Isso não estava certo. Era hora de sair do meu casulo, precisava agir. Por eles. Por mim.

– E se você fizesse uma festa para ele? – perguntei de repente.

Lucila me olhou surpresa, mas seus olhos brilharam na velocidade da luz.

– Você me ajudaria?

Um alerta vermelho brilhou lá no fundo, mas eu virei as costas para ele.

– Contanto que me ajude com o aniversário de Alice. Será uma troca.

Minha vizinha abriu um sorriso reluzente, de orelha a orelha. Meu peito aqueceu... a sensação era boa, muito boa.

Um arranhado na porta me fez saltar da cadeira, com uma desculpa e alguns sorrisos, corri até o hall. Abri a porta, ainda sorrindo, e estiquei um cafuné doloroso na cabeça do monstro canino... ele entortou a cabeça para me observar melhor.

– Bom-dia, Heros. Como se sente hoje? Melhor?

O monstro canino entortou a cabeça para o outro lado, duvidando do que via, focando os intensos olhos acinzentados em meu sorriso.

– Que tal um dia sem tristezas?

Heros abaixou a cabeça, e um gemido ecoou de seu peito antes que ele levantasse os olhos novamente. Eu entendi, ele iria tentar, como eu.

– Vou me esforçar se você se esforçar – prometi, e o cão tocou meu braço com o focinho, fechando nosso acordo. – Ótimo, temos algumas coisas para planejar... Ah... temos visita, comporte-se.

Heros me seguiu curioso e, pela expressão de Lucila, ela não tinha se atentado muito ao movimento em nossa casa no dia do velório.

– Lucila, este é Heros, amigo de minha irmã. É nosso hospede – falei segurando uma risada divertida.

Heros entortou a cabeça para me avaliar mais uma vez. O curioso é que Lucila duplicava sua expressão, sem entender como a informação poderia ser satisfatória. Com visitas em casa, Heros não poderia ser exigente com o *menu* do café da manhã, por isso, precisou se contentar com uma omelete de salsichas... escolha minha.

– Você não acha melhor dar ração ao cão? – Lucila questionou vendo o monstro devorar a omelete em duas bocadas.

– Se convencê-lo a comer... com certeza – levantei os ombros, olhando o monstro se ajeitar no corredor, à frente da porta de Alice.

Lucila acomodou-se na cadeira, desistindo de outro comentário. E, entretida com o assunto “aniversário”, esqueceu-se rapidamente de Heros. Ela

lançou a ideia de uma festa-surpresa para comemorar o aniversário de Arthur e, vendo a proporção da sua ambição, já estava quase arrependida por ter instigado a ideia. Tentei persuadi-la a fazer algo consensual, mas Lucila descartou prontamente a ideia. Imaginei que uma festa a contragosto de um aniversariante depressivo era uma péssima escolha... mas, sem alternativa, empenhei-me em convencê-la de que algo pequeno seria mais seguro. Para meu alívio, ela concordou, relutante. E isso não diminuiu seu entusiasmo para organizar a comemoração. A animação de Lucila ao falar do assunto era contagiante, na verdade, esperançosa... e entendi como isso faria bem a “ela”. Era uma forma de reverenciar a memória de Antônio, de seguir adiante, e com um longo suspiro deixei minhas angústias de lado, aliando-me a ela na empreitada.

Quando George acordou, o café da manhã se tornou ainda mais animado. Ele abraçou a causa sem pestanejar e confesso, mesmo imaginando as implicações e riscos de uma festa-surpresa, era gratificante ver os sorrisos da minha família ao redor da mesa.

O plano foi rapidamente esquematizado. Meu avô e Alice se encarregariam dos preparativos com Lucila e eu fui incumbida de distrair Arthur. O jantar de aniversário de Arthur seria na casa azul, no fim da tarde, assim, Lucila poderia voltar ao restaurante no fim da noite. Com tudo esquematizado... foi a vez de planejar a festa de Alice. Enquanto discutíamos a cor dos balões e o sabor do bolo, um gigante acinzentado se aproximou curioso. E, da melhor forma que pude, tentei deixar os tópicos dos preparativos claros para Heros também. A cada grunhido, George olhava o cão com cautela e apenas eu entendia que, em se tratando de Alice, ele gostaria de participar. Quando minha irmã acordou, o assunto foi silenciado e voltamos ao planejamento da festa de Arthur. Alice também pareceu animada, todos eles, na verdade, como há muito não ficavam... e isso esticou mais um sorriso em meus lábios.

Dois dias depois, eu estava parada na porta da casa azul e bati algumas vezes. Mas ninguém atendeu. Olhei o relógio do celular com ansiedade... era hora do almoço, George estava a caminho da escola para buscar Alice e Lucila chegaria em pouco tempo com os enfeites e as compras para preparar o jantar de aniversário. Segundo o combinado, eu tinha uma hora para tirar Arthur de casa, não poderia perder tempo. Sabia que a porta de Lucila nunca ficava trancada e, silenciosamente, entrei na sala revestida de madeira. Girei o pescoço para todos os lados, mas não avistei sinais de movimento. Fazia tempo que não entrava na casa azul e, definitivamente, não possuía o espírito sem cerimônia de... do *antigo* Arthur.

Sem muitas opções, suspirei decidida, e caminhei até seu quarto. Espiei

para dentro e, apesar do adiantado da hora, as janelas estavam fechadas. Arthur estava estirado na cama, o edredom embolado no chão... ele não usava camisa e agradeceu aos céus por dormir de calças.

Um passo para dentro do quarto e parei, observando a cena com mais atenção. Arthur ainda estava dormindo... E sabia que isso era raro. Além de tudo, era o dia do seu aniversário, nada mais justo que dormir até mais tarde. Puxei o celular do bolso para consultar as horas, mais uma vez, e fiquei na dúvida se deveria acordá-lo. Dei um passo para trás, pretendia ligar para Lucila para saber o que fazer, mas algo estalou agudo embaixo dos meus pés. Pulei por reflexo e pisei em mais alguma coisa. Busquei apoio na mesinha ao lado da porta, mas sua superfície parecia equilibrar uma *torre de pizza*... uma sequência de sons agudos ecoou ao meu redor e parei congelada, apertando as mãos no rosto enquanto o vidro se espatifava no chão. *Que droga! O que era isso? Um campo minado?*

Arthur sentou na cama num salto... o rosto atordoado.

– Desculpe, não queria acordar você – sussurrei envergonhada. – Mas ajudaria se você colocasse a louça suja na cozinha. Este lugar está um lixo!

– O que você quer, Mel? – Arthur perguntou de má vontade, enquanto esfregava o rosto. O tom de desprezo em sua voz gerou uma sensação incômoda no fundo do meu estômago.

Ele se levantou pelo outro lado da cama e abriu a janela fazendo uma careta para a claridade. O Sol inundou o quarto, iluminando músculos majestosos... Desviei os olhos rapidamente, focando a louça quebrada no chão.

– E então?

Estava perdida em algum lugar do assoalho, os olhos fixos, e demorei mais que o necessário para responder.

– Sua mãe pediu para eu vir aqui... – meu cérebro buscou concordância. E percebi que acabara de esquecer minha desculpa programada. – Ela precisou fazer umas... compras. Coisa de última hora... Para o restaurante – inventei. Tentei me lembrar da minha justificativa e percebi que não tinha nada a ver com isso. Agora era tarde, teria de improvisar. Buscando agilidade para não ser pega na mentira, continuei com um sopro apressado. – Parece que houve algum problema com o estoque de carne, acho que ela precisou jogar tudo fora – apertei os lábios, contendo a evasão da mentira. Eu era péssima nisso.

Arthur soltou um som descontente e voltei os olhos para ele, atentando-me aos sinais do cansaço acumulados seu rosto, a barba por fazer... Ele se contorceu com uma careta, levando as mãos aos cabelos e, avaliando sua reação, me senti culpada. Já não sabia se arrastá-lo nisso era uma boa ideia.

– Deixe-me adivinhar... E eu preciso ir para o restaurante mais cedo esperar a entrega de bebidas – antecipou aborrecido.

Eu deveria sentir remorso por sua zanga, mas ele havia facilitado minha vida.

– Ela disse que vai demorar – finalizei convincente.

Ele bufou, ainda mais aborrecido.

– Claro. Por que não? Eu não tenho mais nada para fazer... Vivo para o restaurante e vou enfartar aos 50, como meu pai! – exclamou irritado. Nunca tinha visto Arthur assim. Mordi o lábio, isso ficava cada vez pior. – Minha mãe podia ter me ligado em vez de mandar “você” aqui.

Confesso que o tom de desprezo magoou. Abaixei os olhos e uma chama do velho Arthur ressuscitou à minha frente.

– Você teve problemas com o carro? Precisa de uma carona para a revendedora ou algo assim?

Suspirei incomodada. Não havia preparado tantas mentiras.

– Ah... Na verdade, hoje é meu dia de folga. E pensei em sair um pouco para me distrair. E, como faz tempo... pensei em ter companhia – falei duvidosa. Arthur espremeu os olhos, desconfiado. E estava claro que não acreditou em uma palavra que eu disse. Precisava melhorar isso! Limpei a garganta antes de continuar, precisava ser convincente. – Mas, se eu for atrapalhar você – levantei os ombros demonstrando descaso –, melhor deixar para lá.

– Deixa disso, Mel... não vai atrapalhar – Arthur resmungou, espreguiçando-se longamente. Enquanto ele se esticava, músculos se alinharam entre peito e braços, o movimento deixou pender, perigosamente, a calça do pijama e desviei os olhos com determinação mais uma vez. – Só estou achando estranho seu interesse por companhia. Você está escondida há tanto tempo, esperando “ele” voltar – concluiu ácido.

Abaixei a cabeça mais uma vez, sabia que Arthur estava me provocando e não deveria aceitar suas provocações... Não hoje. Além do mais, seria pega em minha mentira e acabaria com a alegria de muita gente. Mas o comentário doeu. Principalmente por trazer lembranças que estava me esforçando para esquecer. Chutei um caco no chão, ainda de olhos baixos, e Arthur expirou o ar sonoramente.

– Desculpe. Eu ando mal-humorado. Não queria...

– Tudo bem. Acho que está na hora de mudar. De fazer alguma coisa – murmurei baixo e levantei o queixo para olhá-lo de frente. Arthur concentrou-se em meu rosto e algo nele o fez desviar os olhos.

– Já vou avisando que vai ser muito chato no restaurante. Tenho de organizar umas coisas, conferir estoque, esperar a entrega... Além disso, o pessoal da Taberna ainda está num clima horrível.

Fitei seu rosto aborrecido e imaginei por quê.

– Posso ajudar. Também sei conferir estoque e atender telefone, sabia? E, se tiver companhia, não vai ser chato – completei com um sorriso, depois suspirei longamente. – Acho que você está certo... cansei de me esconder – falei seriamente e percebi que era verdade.

Arthur ficou pensativo por um breve momento, mas logo se virou para arrumar a cama. Eu me uni a ele e logo estávamos trabalhando em equipe para reunir os cacos do chão. Havia louça suja se acumulando por todos os lados e, cuidadosamente, levei tudo para a cozinha. Arthur pediu cinco minutos para um banho e tentei persuadi-lo a se barbear. Depois de alguma discussão, e mais meia hora, entrei na caminhonete prata com um sorriso nos lábios, admirando seu rosto barbeado. Via isso como um sinal de esperança... Arthur podia ser influenciado por mim!

Mas nada seria tão fácil. As coisas continuavam a quilômetros da normalidade. Arthur continuava apático, mal-humorado e isso piorou quando entramos na Taberna Casella. Depois de uma rápida explicação, mergulhamos no trabalho. E o trabalho naquele lugar se acumulava com uma velocidade astronômica! Almoçamos sobre notas e pedidos, entre uma garfada e outra, Arthur conferiu o faturamento da noite anterior e brigou com o atraso de alguns fornecedores. Confesso... depois do terceiro telefonema, estava atordoada. O trabalho na Revendedora Wels parecia muito fácil se comparado a isso. Os empregados do restaurante não paravam de chegar com problemas, e nós pulávamos de um lado para o outro do escritório como pipoca. Depois de convencer o encanador a agendar uma visita de urgência, desliguei o quinto telefonema com uma lufada, encostando-me na cadeira. Notei o olhar observador de Arthur e sorri... mais solidária do que ele poderia imaginar.

Inesperadamente, seu rosto apático se transformou.

– Você não duraria uma semana aqui – ele disse com humor.

Sua conclusão acompanhou um sorriso torto que levantou seus lábios no canto, ressaltando o furinho no queixo. Ampliei meu sorriso com uma gargalhada curta, feliz por vê-lo sorrindo.

Mas nosso intervalo animado não durou muito. Um dos cozinheiros veio comunicar um problema no fornecimento de gás e voltei para o telefone, enquanto Arthur saía apressado para conferir a entrega de bebidas. Uma espiada no relógio e fiquei preocupada... Precisava acabar com isso e arrumar uma desculpa para voltarmos para casa. Estava quase na hora da festa! Quando Arthur voltou, alistei-me prontamente como sua ajudante oficial. Reuni planilhas de controle do estoque e o segui até o subsolo, determinada a adiantar seu trabalho e tirá-lo dali! Focando a eficiência, dividimos os setores e nos separamos.

Estava na adega, concentrada em minha tarefa... e pulei para a frente quando uma voz baixa, extremamente séria, falou próxima ao meu ouvido:

– Vocês estão armando alguma coisa para o dia de hoje, não estão?

Virei para a voz e encontrei os desertos dourados.

– Você é uma péssima mentirosa, Melissa – Arthur acusou, prendendo meu olhar. Eu ia argumentar, mas ele foi mais rápido. – Acabei de sair da câmara fria. Não há nada de errado com o estoque de carne.

Minhas pernas bambearam, havia estragado tudo!

– Eu... Eu...

– Tenho certeza de que minha mãe está armando alguma para o meu aniversário, mesmo sabendo que eu sou contra. Mesmo sabendo que isso me chateia. O que espanta é ver você fazer parte disso.

Ele tinha razão, não podia continuar.

– Desculpe, Arthur. – falei desolada e ele balançou a cabeça com uma careta reprovadora. – Mas não fiz isso para chatear você... Só queremos te animar, deixar a tristeza para trás. – Ele abaixou os olhos, balançando a cabeça mais uma vez. – E não é só por você, faço por Lucila. Ela estava tão animada... Animada como não ficava há meses! Eu não poderia falar *não* para ela. – Arthur bufou, afastando-se pela adega. Eu o segui – Ela e George estão preparando tudo com muito carinho. Sei que você está bravo agora e não gosto de vê-lo assim, mas também não gostaria de vê-los magoados. Eles estão felizes, Arthur... por favor, ouça. – Ele parou e procurei seus olhos, tentando convencê-lo. – Você até que gostou da minha companhia aqui hoje, não foi? – Arthur abaixou o rosto mais uma vez e eu coloquei a mão em seu braço, chamando sua atenção. – Por favor, não seja difícil. Dê uma chance a eles – resolvi usar minha influência de amiga. – Por mim.

Arthur levantou os olhos para encontrar os meus, que imploravam com o coração. E depois de uma careta, inspirou lentamente.

– Você fica me devendo essa.

Soltei o ar, aliviada.

– Na verdade, estou lhe devendo mesmo... Ainda não lhe dei meus parabéns, não comprei um presente e acabei de estragar o efeito *surpresa* da sua festa-*surpresa* de aniversário – falei culpada.

– Não gosto de surpresas. E... a não ser que você controle o tempo, o que eu quero está fora de alcance – disse amargurado, seu rosto estampava a revolta da impotência e eu compreendia perfeitamente esse sentimento. Afaguei seu braço por reflexo e ele se concentrou em minha mão, depois, fechou os olhos por alguns segundos. – Tem outra coisa que quero, e isso está ao meu alcance, mas prometi que não vou mais tomar sem permissão.

Arthur levantou o rosto e um nó se apertou em minha garganta.

Uma culpa antiga tomou meu peito, esmagando meu coração, e meus olhos ficaram instantaneamente mareados... sabia, muito bem, do que estava falando. Eu me concentrei na tristeza dos olhos dourados e imaginei as consequências de ceder à vontade de vê-lo feliz. E, mesmo tendo consciência disso, só queria poder consolar meu amigo. Fazer algo que parasse sua dor. Qualquer dor. Queria sair da minha inércia... Fazer, mesmo que momentaneamente, a agonia que o torturava parar. Minha agonia. Algo lá no fundo avisou que estava espelhando meu sofrimento, mas ver aqueles olhos suplicantes destruiu qualquer cautela. Eu poderia lhe oferecer o alívio tão desejado, mas, para isso, precisava enfrentar uma verdade que não queria aceitar. Que escondi há muito tempo. Engoli em seco.

– Por que você não tenta pedir o que quer? – perguntei em um murmúrio inaudível.

Arthur fixou os olhos em meu rosto, estudando minha proposta, e o que encontrou o deixou atônito.

– Você sabe o que eu quero – seu rosto ganhou luz própria. Quente, ensolarada. Aquele era o rosto que eu conhecia. O rosto do meu vizinho sumido, do amigo determinado que eu... *amava*. Arthur dançou os olhos nos meus e levantou a mão até meu cabelo, ajeitando uma mecha atrás da minha orelha. – Posso beijar você?

Um alerta claro soou dentro de mim. Eu iria me arrepender em alguns segundos, mas fitando os olhos dourados, não tive coragem de recuar. Não poderia. Presa em seu olhar sincero afirmei lentamente, concedendo seu desejo.

Arthur se aproximou com um sorriso esticado nos lábios e, nesse breve momento, o calor acolhedor se espalhou por meu peito, trazendo o alívio tão desejado. E me senti feliz por ter algo que pudesse fazê-lo feliz. Não havia mais barreiras. Queria conceder esse beijo ao meu amigo. Alegria seu coração. Meu coração. Concentrei-me em sua boca... cada vez mais perto. Seu perfume, fresco como o sol. Senti o calor de sua respiração em minha pele e procurei não pensar. Se eu pensasse iria magoá-lo mais uma vez, e Arthur não suportaria mais uma decepção, tanto quanto eu não suportaria causar essa dor... Mais dor.

Ele roçou os lábios nos meus vagorosamente, depois parou. O calor de sua boca pairou sobre a minha, suavemente, mas não se mexeu um milímetro. E entendi o que ele buscava. Arthur buscava minha resposta. Uma resposta que ele nunca teve, e sua gentileza diante da minha incerteza me desarmou. Levantei minha mão com um gesto hesitante e toquei seu rosto. Com os dedos trêmulos, eu o trouxe para mais perto, pressionando meus lábios nos dele, dando-lhe o que eu oferecera. Ele separou os lábios levemente e, nesse ponto, era tarde para

voltar. Eu respondi ao seu beijo. Podia sentir sua incredulidade ao experimentar meus lábios reagindo aos seus... e, então, um batalhão adormecido acordou em meu estômago, batendo asas frenéticas, me deixando sem ar. Sem esperar, eu estava arfando em seus lábios e nem eu entendi a vontade que ardia nos meus por esse beijo.

Os formulários se esparramaram pelo chão, meus braços se cruzaram em seu pescoço e Arthur me apertou com a veemência da realização. O beijo contido por tanto tempo explodiu com um entusiasmo que nem eu sabia possuir. Surpresa, me perdi no momento e nos sentidos. Senti seu toque ansioso subir por minha cintura, por meus braços, meu rosto... e, instigada pela curiosidade, minhas mãos exploraram a forma atlética à minha frente. Seu corpo me espremeu contra uma prateleira e, quando sua boca libertou meus lábios para pousar em meu pescoço, despertei desse sonho alucinado.

– Arthur – eu o chamei, mas ele parecia em transe, concentrado nos contornos da minha orelha. – Arthur... O que estamos fazendo?

Arthur se afastou arfando e segurou meu rosto entre as mãos.

– O que deveríamos ter feito há muito tempo – disse com um sorriso reluzente, beijando-me novamente. Mas agora, era diferente... inevitavelmente, o arrependimento me alcançou. Eu me afastei e Arthur me fitou intensamente, seu sorriso dissolvido na mágoa. Lá estava o rosto torturado novamente. – Você se arrependeu?

– Não – disse duvidosa entre minha respiração afetada. – Mas acho que não é o melhor momento para discutirmos as consequências disso – eu o fitei confusa. – Temos de ir... estão espertando por nós... sua festa.

Arthur concentrou-se em meus olhos e, de alguma forma, pareceu convencido. Ele ajeitou meu cabelo bagunçado e se afastou, sorrindo. Como meu vizinho travesso. Como meu amigo sincero. Mais uma vez, não consegui me conter ao ver sua felicidade... antes que percebesse, estava sorrindo em resposta.

– Obrigada.

– Eu que agradeço. Foi o melhor presente de aniversário que já ganhei – disse, ainda sorrindo, e se aproximou para beijar meus lábios delicadamente.

Borboletas entusiasmadas bateram asas frenéticas em meu estômago, mas um sentimento poderoso as esmagou. Sabia que isso era um grande engano... ia me machucar, magoar Arthur... de novo! E me esforcei para sustentar o sorriso, mascarando minha culpa, esperando ser convincente. *O que eu fiz?*

A caminho da casa azul, espiei o sorriso no rosto de Arthur com o coração apertado, enquanto minha consciência gritava em um tom

ensurdecedor... *GRANDE ENGANO! GRANDE ENGANO!*

Olhando além do vidro, fitei a chuva de flores que descia das árvores... elas pintavam o céu do entardecer, e o cenário primaveril não poderia ser mais conflitante com as sombras que escureciam minha alma. Fechei os olhos, me escondendo da ilusão dessa felicidade, tentando imaginar como arrumaria essa burrada sem machucar Arthur. E isso parecia impossível. Eu iria machucá-lo. Milagres não aconteciam, nem mesmo com magia. E, falando dela, senti o calor esquecido crescer em meu peito... com a raiva que sentia de mim mesma.

Aniversários

Arthur estacionou na frente da casa azul, e pulei da caminhonete respirando pausadamente, contendo o calor que corria para meus braços. Alguns passos pela rua e senti sua mão segurar meu braço... virei para contemplar mais uma dose de felicidade. Nesse ponto, tentava entender como pude ser tão cruel. A raiva cresceu dentro do meu peito, elevando o calor que lutava para controlar, e já estava cogitando a hipótese de torrar a mim mesma, como fiz com a blusa branca... eu merecia.

– Você está bem? – Arthur perguntou preocupado, olhando para meu braço ele soltou a mão, colocando-a em minha testa. – Você está quente. Sente-se bem?

Respirei profundamente, afastando-me, e não segurei a expressão desolada.

– Arthur... eu... O que aconteceu...

Ele colocou a mão sobre minha boca e se aproximou.

– Mel, eu sei. Não vou cobrar nada. Foi um beijo – ele sorriu. Escorregando os dedos por meu rosto, ajeitou meu cabelo atrás da orelha e deixou os dedos ali, afagando meu pescoço. – Acalme-se.

Respirei profundamente mais uma vez, controlando o calor e minha culpa. Avaliando sua tranquilidade, franzi os olhos... Seria o milagre? Será que era como Rose havia dito? Apenas uma curiosidade? Algo que ele precisava fazer para entender que o que ele sentia por mim era uma fantasia? Segurei sua mão entre as minhas, tentando entender sua reação.

– Você... está bem com isso? – perguntei duvidosa.

Ele riu sonoramente, balançando a cabeça.

– E por que não estaria? Eu queria, você queria. Não vejo nada de errado nisso. Você vê?

Franzi os olhos mais uma vez, a lista em minha mente não tinha fim. Engoli em seco, rezando para ele não insistir na pergunta. Mas Arthur entendeu. Ele se aproximou, beijando minha testa.

– Relaxa, Mel. Temos uma festa para ir agora... e, pensando bem, eu que deveria estar na defensiva.

Soltei os ombros, relaxando. Ele tinha razão... o jantar, Lucila, George, Alice... Este não era o melhor momento para reduzir minha existência a uma pilha de pó. Concentrando-me nas expectativas dentro da casa azul, segurei seus braços, buscando seu olhar.

– Por favor, seja gentil. Eles só querem lhe agradar.

Nesse momento, Arthur baixou os olhos.

– Foi por isso que você me beijou? Porque queria me agradar?

Olhei no fundo dos desertos dourados, sentindo o calor voltar ao meu peito, atizado pela culpa... Não poderia magoá-lo antes de sua festa. Eu era uma *idiota*!

– Eu... – gaguejei, espremendo os olhos, sabendo que neste momento eu estava fazendo exatamente o contrário. – O que aconteceu com o cara tranquilo que disse: “*não vou cobrar nada*”?

– Ele estava contente até perceber que recebeu um beijo por pena.

– Eu não beijei você por *pena*, Arthur. Mas confesso, queria ver você feliz, como estava há um minuto.

Ele fitou meu rosto, encontrando a verdade... pelo menos nisso estava sendo sincera. Arthur levantou os lábios no canto com um olhar travesso.

– Hum... Não posso negar, você sabe mesmo como fazer um cara feliz. – Ele fechou os olhos, em uma encenação convincente, como se lembrasse de cada detalhe do beijo.

Eu lhe dei um tapa no braço, corando. Arthur segurou minha mão, puxando-me para ele. Rapidamente seu outro braço estava me segurando apertado. Levantando o rosto, soube que estava diante do antigo Arthur... o que não perdia uma oportunidade. Ele se inclinou, olhando-me nos olhos com um ar atrevido.

– Arthur... – eu o repreendi – a festa.

Ele me soltou com um sorriso brincalhão, fazendo um floreio para que eu seguisse na frente. Eu respirei uma, duas vezes, e caminhei para a porta... rezando para que ele realmente não me cobrasse nada.

Arthur encarou muito bem o grito de *surpresa*! E pareceu mesmo surpreso com os chapéus de papelão e a decoração de balões azuis. A alegria no rosto de Lucila era contagiante, o jantar foi perfeito e a animação de George e Alice quase compensou minha culpa. O ravióli caseiro de abóbora estava divino e o *tiramisù*, realmente, animou a todos. Com essa dose extra de energia, Lucila se preparou para voltar ao restaurante. Quando Arthur se levantou para acompanhá-la, eu respirei aliviada... A noite havia acabado. E, como o beijo na adega, ficaria apenas na memória. Agradecida pelo desfecho satisfatório da noite, me prontifiquei a limpar os vestígios da festa. Lucila ficou ainda mais agradecida e, depois de um abraço apertado, seguiu o filho porta afora. George tentou me ajudar, mas como Alice ficou sonolenta... logo estava sozinha com a pilha de louças na pia.

Mergulhada em meus pensamentos, eu raspava os restos de massa seca de uma travessa... Aquilo ia demorar dias para desgrudar. Como a sensação de um beijo ensolarado e curioso. Com uma lufada de ar, coloquei mais vontade na tarefa, inconformada com a persistência da lembrança. O movimento descuidado espirrou água suja de molho em minha roupa e, observando o estrago, desejei alguns truques mágicos... um que talvez ajudasse a lavar a louça. Lembranças de um mago, chocolate quente e uma casa de vidro foram impossíveis de conter e apertaram meu coração sem piedade. Voltando à minha tarefa, rezei para que essas memórias também fossem esquecidas... Buscando a fórmula mágica da amnésia, soltei um grito ao notar Arthur atrás de mim.

– Ah... O que faz aqui?

– Eu moro aqui – disse divertido. Satisfeito por me assustar.

– Pensei que ia ficar com sua mãe... na Taberna – gaguejei, de repente, muito nervosa.

– Ela suspeitou que fosse muita coisa para você cuidar sozinha – ele sorriu, avaliando a lentidão do serviço. – Pelo visto, estava certa.

Pegando um avental da gaveta, Arthur o estendeu à frente da minha barriga e, contornando-me com os braços, demorou-se na tarefa de ajustá-lo à minha cintura. Eu segurei a respiração, contendo qualquer vestígio de lembranças recentes.

– É um pouco tarde para isso – disse afastando-me propositadamente para mostrar a blusa manchada de molho.

Arthur entortou um sorriso silencioso e balançou a cabeça. Virando-me novamente, puxou as tiras de tecido com mãos firmes, concluindo o laço em minhas costas. Depois, procurou por outro avental e, fazendo um beicinho para os babados vermelhos, chegou bem perto, estendendo-o para mim.

– Importa-se?

Fiquei imóvel por um segundo e, finalmente, conectei meu cérebro aos pensamentos racionais. Peguei o avental de suas mãos e ele se virou. Com agilidade, estiquei o tecido ao redor de sua cintura e dei um laço, voltando-me para a pia. Senti suas mãos em minha cintura e, pelo calor em minhas costas, sabia que ele estava muito... muito próximo.

– Você é muito devagar, Mel, nesse ritmo vamos ficar aqui até amanhã. Não que eu me importe – a voz suave falou em meu ouvido.

Controlei um arrepio e escapei pelo lado contrário ao seu rosto.

– Mas eu me importo. – Inspirando profundamente, agarrei um guardanapo de pano. – Já que pode fazer melhor... Fique à vontade. Você lava, eu seco.

Arthur não se abalou, arregaçou as mangas e partiu para o trabalho. E,

precisava admitir, ele era mais eficiente. Circulando pela cozinha, mantive uma distância segura, focando a agilidade para acabar logo com meu constrangimento. Em pouco tempo, estava tudo limpo e guardado.

– Bom... é isso. Espero que tenha gostado da festa – falei aliviada. Dobrando o guardanapo, deixei-o sobre o fogão e caminhei para a sala de jantar.

Meus passos foram interrompidos por um puxão em minhas costas. Desenrolando-me como um novelo, girei descontrolada e acompanhando a faixa de tecido em minha cintura, parei amparada pelos braços de Arthur. Ele riu, satisfeito por minha expressão atordoada. E aproveitando nossa proximidade forçada, tirou o cabelo de meu rosto, deslizando um carinho por meu pescoço... afastei-me, corando. Entendi o que Arthur estava fazendo. Ele iria me provocar, aproveitando cada chance para incitar um novo beijo. E o sorriso atrevido que se esticava em seus lábios só confirmava minha teoria. Engoli em seco, tentando entender por que estava ficando nervosa com a possibilidade.

– Eu preciso ir – disse enquanto dava alguns passos para trás.

– Você não vai me ajudar com os balões? – perguntou com uma careta que tentava parecer inocente. Arthur enrolou meu avental nas mãos, tombando a cabeça para avaliar minha reação. Depois tirou seu avental e me seguiu. – Minha mãe me contou que você teve a ideia da festa – ele levantou os ombros, aproximando-se. – Acho justo que fique para me ajudar com a bagunça. – Arthur entortou um sorriso, encurralando-me na mesa de jantar – Afinal, sou o aniversariante... e já lavei toda a louça.

Virando rapidamente, agarrei uma cadeira e, usando-a como escudo, passei por ele.

– Muito bem. Então vamos acabar logo com isso.

Posicionando-a abaixo de uma penca de balões, eu subi e, na ponta dos pés, me esforcei para retirar a fita adesiva da parede. Quando os balões caíram no chão, eu me adiantei para a próxima penca. Vi Arthur recolher os balões, levando-os para a cozinha e me dirigi à última tarefa da noite.

– E com estes... acabamos... aqui – falei com um gemido, esforçando-me ao máximo para alcançar a fita adesiva, imaginando se o grau de dificuldade seria obra de George. Quando finalmente a desgrudei da parede, percebi que o gesto foi mais fácil. E levei um segundo para notar que a cadeira não estava abaixo dos meus pés. Eu estava levitando! Despenquei na mesma velocidade que subi e, pisando fora da cadeira, a derrubei.

O tombo foi fenomenal. Caí de costas, e a pancada tirou o ar dos meus pulmões. Arthur correu ao ouvir o barulho e depois de um palavrão rápido, correu os dedos por meu rosto para conferir se estava de olhos abertos. Ele me girou nos braços, trazendo-me ao encontro do seu peito.

– Sabia que isso ia acontecer – disse balançando a cabeça.

Eu gemi. Retomando a respiração com dificuldade, empurrei seus braços.

– Se sabia, por que pediu minha ajuda?

Arthur me trouxe para seus braços mais uma vez, afagando minhas costas.

– Porque pensei que você ia cair em meus braços, mas assim está bom.

Eu o empurrei mais uma vez e ele riu. Com outro gemido, tentei me levantar e Arthur me ajudou, apoiando-me com cuidado. Eu endireitei as costas, tentando colocar os músculos doloridos no lugar, e a tarefa impossível retorceu meu rosto. Ele observou incomodado.

– Está doendo muito?

– Por quê? Está se sentindo culpado?

– Bom... estou.

Soltei o ar, ele estava falando sério. Ajeitei minhas feições, esfregando a região dolorida.

– Um pouco. – E me peguei imaginando que algumas aulas de magia para controlar as levitações não fariam mal.

– Sente-se aqui, vou pegar uma pomada para dor muscular.

Eu me sentei no sofá e Arthur logo estava de volta, girando-me levemente, levantou minha blusa... eu pulei para a frente.

– O que está fazendo?

– Você espera que eu aplique isso sobre a camiseta? Acho que não vai funcionar. – Seu tom sério me fez voltar à posição anterior. Arthur espalhou a pomada enquanto o cheiro forte de mentol tomava o ar... A massagem aliviou o incômodo, mas seu toque começou a causar outro, que não poderia ser resolvido com remédios. – Percebeu que sou sempre eu quem cuida de seus ferimentos? – interrogou sério. Sério demais. E entendi a sugestão de duplicidade em sua pergunta.

Eu me levantei rapidamente, ajeitando a blusa na cintura.

– Obrigada, já está bom. – Desviando os olhos do rosto intenso, caminhei para a porta. – Preciso ir.

– Eu te levo.

– Não precisa.

Arthur ignorou minha recusa e, cruzando a porta, conduziu-me pela rua escura até a casa amarela. Debaixo do alpendre, adiantei-me para a porta, mas ele me segurou. Esticando o pescoço para a janela da sala avaliou a luz da TV que piscava na cortina, e sorriu quando os roncoss de George tornaram-se audíveis do lado de fora. Ignorando minha reserva, Arthur se aproximou.

– Obrigado pelo dia. Pelo presente. Pela festa. E pela ajuda.

Desvencilhando-me de suas mãos, eu recuei incomodada.

– Fiz isso porque me importo e quero que fique bem, Arthur. Quero que saia dessa depressão, retome sua vida. É o que todos nós queremos.

Ele entortou os lábios brevemente.

– Estou disposto a tentar, se você fizer o mesmo.

Eu pisquei duas vezes.

– Não estou em depressão. É que... foi difícil – fechei os olhos, ajeitando os cabelos – ainda é.

– Percebi – disse avaliando-me.

– Tem muita coisa acontecendo ainda. É complicado.

Arthur se aproximou o suficiente para eu recuar mais uma vez, encostando-me na parede.

– Podemos descomplicar.

Balancei a cabeça, apoiando as mãos em seu peito, tentei segurá-lo no lugar.

– Não, Arthur, isso só vai complicar *mais*. O que aconteceu entre nós foi... foi um...

Ele levantou uma mão até minha boca.

– Não diga *engano*.

Segurei a palavra na boca e, imprudentemente, encontrei os desertos dourados reluzindo na luz fraca da arandela.

– Eu estava lá, Mel, e seu beijo... disse alguma coisa, eu senti – ele falava baixo, a voz sincera tentando despertar uma reação. Abaixei os olhos, fugindo daquele olhar, mas Arthur não deixou. Ele escorregou os dedos até meu queixo e levantou meu rosto, forçando-me a olhar para ele. – Você sabe do que estou falando.

Algo tremeu em meu peito, no vazio onde antes ficava meu coração. Minha respiração acelerou... ele estava certo, eu não queria admitir. Não poderia. Mas agora também sabia. Eu gostava de Arthur, queria sua felicidade mais do que qualquer coisa. Sentia-me confortável com sua presença, segura. Ele mexia comigo de um jeito inquietante e... parei, confusa. De onde veio essa atração – ou – isso era atração? Que tipo de sentimento era esse?

Contemplando o silêncio paciente nos olhos dourados, mergulhei em meu coração. E o que encontrei lá não era em nada parecido com o que eu sentia por Vincent. Disso tinha certeza. Eram emoções diferentes. Formas diferentes de amar... Amar? Amor? Pisquei e o choque cruzou meu rosto, adormecendo meu corpo... Arthur era meu primeiro amor!

Ele observava minha expressão e pareceu satisfeito.

– Acho que já chegou aonde eu queria. Quero saber como se sente?

Eu arfei... Isso era bom, mas muito ruim ao mesmo tempo. Tinha consciência de que retribuí o beijo do meu primeiro amor, um beijo que neguei por muito tempo. E foi muito bom sentir meu coração batendo novamente, com o carinho que sentia por esses olhos dourados. Mas muito ruim me sentir uma traidora. E, mesmo que o encontro com os oceanos turquesa no bosque viesse depois, mesmo que Vincent não estivesse mais aqui... seu amor era incomparável. E ainda estava dentro de mim, gritando com todas as forças, mostrando seu poder sobre meu coração.

– Bem e mal. Ao mesmo tempo.

Arthur assentiu e, escorregando os dedos por meu pescoço, segurou uma mecha de cabelo em meu ombro. Com um suspiro, levantou a outra mão e, apoiando meu rosto, aproximou-se ainda mais. Seu rosto estava muito perto e a respiração doce ressoava em minha boca. Arthur parou ali, fitando longamente meus lábios.

– Então, acho que está na hora de decidir – ele levantou os olhos, sustentando os meus. – Eu já roubei seus beijos, já pedi seus beijos... não vou escolher por você novamente. – Arthur roçou os lábios nos meus e recuou. – Você precisa decidir, Mel, entre o que está na sua frente e o que não vai voltar.

Suas palavras suaves eram um comando, um ultimato. Sim, eu precisava me decidir... E o tempo parou nesta tarefa. Nesse lapso, eu me afastei avaliando minha vida. E vi as duas faces do meu coração. Uma delas era poderosa e desafiava o impossível, acreditando que Vincent poderia voltar e teríamos um futuro imprevisível em um mundo perigoso e fascinante. A outra parte desejava a vida frágil, simples, de um mundo físico e seguro. O futuro previsível, comum. Com todas as suas pequenas felicidades. Nesse longo hiato eu me vi em uma encruzilhada olhando os dois caminhos do meu destino. Vi decisões do passado e do presente se cruzando diante dos meus olhos... nesses caminhos encontrei Angelina. George. Alice.

Eu sabia o que iria acontecer se escolhesse o amor de Arthur, vi minha mãe escolher esse caminho seguro e ela foi feliz. Mas nem imaginava o que aconteceria se continuasse presa ao amor de Vincent. A esse amor avassalador que desafiava a morte. E me peguei desejando o futuro incerto, que fascinava minha alma. Sua felicidade ou... dor. Seus momentos, suas lembranças. As sombras de seu mistério ou a luz de suas revelações. Sonhar com esse amor fazia com que eu me sentisse viva. E era isso que eu queria... saber que ainda estava viva.

– Eu ainda tenho esperança... – falei com um sopro de voz, e Arthur estreitou os olhos, lendo a verdade em minha alma. Com um longo suspiro, levantei as mãos de seu peito para segurar o rosto ensolarado do meu primeiro

amor. – *Você* escolheu meu primeiro beijo, Arthur, e ele sempre vai ser seu. Agora sei como foi importante para mim e sou agradecida a você por ele. Mas *eu* escolhi a quem vou dar meu último beijo. E ainda tenho esperança de um dia entregá-lo a Vincent.

Arthur esquadrinhava meu rosto e algo nos desertos dourados mudou. A luz ainda estava lá, mas agora brilhava mais profunda. Ele meditou por um momento silencioso, perdido em seu próprio hiato de tempo. Depois, piscou uma vez e soube que a compreensão o tinha alcançado. Ele afagou meu rosto demoradamente... e este toque não foi incômodo. Devolvendo meu suspiro, Arthur se aproximou para tocar meus lábios suavemente.

– Foi uma honra ter seu primeiro beijo. Obrigado.

Eu sorri e o abracei. Retribuindo o carinho emotivo, ele me apertou com força.

Um longo minuto depois, murmurei:

– Fico feliz que tenha sido com você.

– É bom ouvir isso. Finalmente.

Sorri em seus braços, entendendo perfeitamente a emoção e o carinho que ainda nos mantinha abraçados. E isso jamais mudaria o sentimento profundo que tomava conta do meu coração. O amor que eu sentia por Arthur sempre estaria ali, aquecendo minha memória. Ele era como o mar sereno, com pequenas marolas de águas mornas em uma noite enluarada. Mas o sentimento que Vincent fazia aflorar em mim era muito diferente. Se amar Arthur era como o mar sereno, Vincent era um oceano revolto... gigantescas ondas de água gelada num dia quente de muito sol. Eu ficava ansiosa para estar com ele, para ser arrebatada por sua força, como a pele ardente ansiava pelo frescor da brisa. O desejo pelo alívio. A necessidade de sobrevivência. Algo extremo e profundo, como o destino. A eternidade... o amor verdadeiro. Vincent me deu o amor da minha vida. E, mesmo não estando aqui, seu amor ficaria comigo até o fim dos meus dias. Dentro do meu coração.

Arthur deu um passo para trás com um sorriso torto, não poderia dizer que ele estava triste. Acho que era mais resignado. Ele se virou silenciosamente, deixando-me na varanda. Olhando-o se afastar inspirei com a sensação prazerosa de alívio. O aperto que cultivava a culpa me libertou... e lutei por muito tempo com ela, com a negação que se tornou raiva. Eu não sentia mais raiva do menino encenqueiro, sentia um carinho profundo. Agora estava feliz por expor a sinceridade do meu coração, por assumir esse amor que um dia fez parte de mim. Estiquei um sorriso, certa de que Arthur entendeu isso.

Havia três dias não via Arthur... E a distância não era negação, culpa ou

conformidade. Era apenas adaptação. Ele entendeu que esse amor ficou no passado, como nosso primeiro beijo. E agora precisava aceitar suas conclusões. Pensar em sua vida olhando para a frente, para o futuro, em suas novas decisões. E eu estava tentando fazer o mesmo. Seguir adiante, carregando o amor avassalador de Vincent em meu peito, confiando no poder do destino. Convencendo-me de que ele não me condenaria à solidão.

De qualquer maneira, a proximidade do aniversário de Alice não me permitiu nenhum sentimento solitário... Os preparativos da festa ocupavam minhas horas livres, e eu tentava manter tudo longe dos olhos curiosos de minha irmã. Afinal, parte da magia da festa era a expectativa do aniversariante, e não queria estragar isso... mais uma vez.

Lucila chegou com o bolo pronto no começo da tarde e fiquei eternamente grata por seus dotes de confeitadeira. Ela era observada de perto pelo gigante cinzento e, para a minha alegria, não se atentou às lufadas críticas do cão metido a *chef*. Heros podia discordar dos ingredientes, de suas técnicas, ou da receita... de tudo, na verdade... mas eu era grata pela disposição e auxílio maternal de minha vizinha. E, com as horas passando, nenhum olhar canino irritado me faria dispensar sua ajuda! Mas também não iria exagerar.

Para não comprometer a noite de sexta na Taberna Casella, programei a festa de Alice para o fim da tarde. O tempo voou... e, mais uma vez, estava em cima de uma cadeira agarrada a uma penca de balões. Mas, usando das experiências recentes, fui cuidadosa, evitando que meus esforços provocassem uma levitação acidental. Afinal, ainda tinha o hematoma da última queda e não poderia correr o risco de me expor diante da plateia novamente.

George era meu ajudante e, depois de sobrecarregar a pequena varanda com dezenas de balões rosa, foi se ocupar com as mesas alugadas no quintal. Eu o segui, espiando o céu azul salpicado de nuvens pesadas, rezando para que nenhum mago da montanha se aborrecesse... *muito*. Uma buzina estranha na frente da casa desfez minha concentração, fazendo-me correr mais uma vez... o pula-pula alugado! O castelo inflável chegou atrasado e, vendo o tamanho daquilo, realmente não sabia onde enfiá-lo.

Durante o momento analítico, uma caminhonete prata estacionou na rua. Arthur atravessou o jardim admirando a lona colorida, como eu.

– Acho que precisa de ajuda.

Sorri para seu tom amigável.

– É, eu preciso.

Uma troca de olhares foi suficiente. Ele não estava magoado nem chateado, parecia apenas constrangido... como eu.

Arthur retribuiu meu sorriso esfregando as mãos e alongando os braços

com gestos espalhafatosos, preparando-se para a tarefa. Soltei o ar, agradecida por seu esforço em deixar tudo mais leve. Desviamos dos assuntos sérios propositadamente e, em equipe, arrastamos o castelo gigante para perto da garagem. Infelizmente, ou felizmente, bloqueamos a saída da caminhonete de George... Por precaução, era melhor que meu avô nem cogitasse a ideia de me deixar com uma dúzia de crianças enlouquecidas pelo açúcar.

A festa começou com muita gritaria e a aniversariante se divertiu muito até o escurecer, quando a ausência repentina de um determinado cão peludo a deixou amuada. Heros ficou de babá a tarde toda, aturou puxões de orelha e bancou o pônei pacientemente... mas pela expressão atordoada do cachorro, não via a hora de ir embora. E seria a primeira vez. Previsivelmente, Alice estava triste ao soprar as velas. E rezei para que isso fosse apenas saudade de seu amigo. Mas havia outros motivos. Eu sabia. Como a ausência de nossa mãe, de seu pai... E problemas delicados, como a presença de sua tutora.

Eu convidei Aristela pessoalmente, mas sabia que, para a maga de longos cabelos acinzentados, uma visita com tantos curiosos seria um transtorno. Abracei minha irmã com carinho para compensar as ausências e, esforçando-me na alegria, partimos o bolo. Enquanto Lucila servia o bando impaciente, fugi para o jardim, só precisava de um minuto de silêncio para meus tímpanos. E, do lado de fora, encontrei Arthur escondido perto do castelo de lona inflável. Já estava preparando uma piada, quando notei seu olhar compenetrado em uma folha de papel marcado. Percebendo minha chegada, ele a dobrou, guardando-a rapidamente no bolso.

– Está tudo bem?

Arthur suspirou.

– Sim... só precisava de silêncio. Estas crianças, definitivamente, não são como sua irmã.

Concordei, com uma careta, ele nem imaginava o quanto! Cansada, sentei-me ao lado dele.

– O que era tão interessante? – perguntei curiosa, indicando o bolso do seu jeans. Arthur me olhou cuidadosamente, o rosto ficando vermelho sem nenhuma razão. O silêncio perdurou e achei melhor relevar. – Desculpe, não é da minha conta – disfarcei constrangida.

Já ia me levantar, temendo que minha invasão resultasse em uma reação negativa, mas Arthur me segurou, soltando-me rapidamente.

– Não, espere – ele me olhou mais uma vez, avaliando meu rosto metodicamente, depois suspirou. – Eu lhe mostro.

Isso parecia muito importante e me ajeitei, dando-lhe total atenção. Arthur se contorceu, tirando o papel do bolso e o desdobrou com cuidado.

– Recebi ontem – disse, entregando-o a mim.

Corri meus olhos pela letra elegante, absorvendo as palavras afetuosas... Quando elas se encaixaram com o quadro em minha mente, eu sorri.

“Arthur^[KGRM2],

Quando o conheci, nasceu dentro de mim um sentimento que antes era apenas esperança. Desde então, ele cresceu, tornando-se algo impossível de traduzir em palavras.

Em nossos abraços esperava que você descobrisse, olhando em meus olhos, como eles realmente brilhavam. Mas o destino colocou nossas vidas em caminhos opostos e, talvez, aquele não fosse o momento de preencher o espaço ao seu lado.

Como o tempo, contemplei seu rosto, encontrei as marcas da vida... E descobri dentro de mim que elas não apagaram a imagem deste sonho.

Queria lhe dizer que a distância me faz perceber sua presença a todo o momento, revelando a todos o que tento esconder dentro dos olhos.

Provando a mim mesma que ainda posso vê-lo tão perto, mas o sinto cada vez mais longe.

Sei que tuas palavras doces chamam por alguém que compreenda o que elas não dizem. Mesmo que para mim elas pareçam tão claras e sem mistérios. Por isso, silenciosa vou permanecer, apenas observando. Tentando decifrar o que vejo. Aceitar o que recebo. E equilibrar o que sinto.

Esperando o dia que consiga entender por que esse sentimento ainda vive em meu coração.

*Deixo um beijo, mas peço que só o receba se assim o desejar também.
Rose.”*

Era uma carta de Rose. A carta. Ela, finalmente, encontrou a coragem para enviá-la!

Abri um sorriso descontrolado, lembrando-me vagamente de seu último e-mail... quando disse que a viagem estava ajudando a clarear seus pensamentos, e como as coisas pareciam mais fáceis a distância. E era sobre isso que a carta falava... sobre olhar os sentimentos com olhos de espectador. E, narrando seus sentimentos a Arthur, ela deixou claro sua importância. Como sentia sua falta... Confesso que me identifiquei muito com a descrição. E, lembrando de Vincent, meus olhos ficaram mareados.

Levantei o olhar para Arthur, ainda sorrindo, mas ele continuava sem expressão, e corou mais uma vez.

– O que você vai fazer?

Ele abaixou os olhos.

– Nada.

– Nada?

– Eu... não sei o que fazer.

Observei o papel em minhas mãos... pelas marcas das dobras ele havia sido manuseado muitas vezes, lido muitas vezes. Arthur pegou a carta de minhas mãos e a dobrou cuidadosamente, devolvendo-a no bolso. Analisei o rosto do meu amigo... Ele não era mais o espantalho, mas também estava diferente daquele Arthur brincalhão. Parecia centrado, mudado. Ainda assim, uma luz brilhava em seus olhos. Clareando possibilidades.

Busquei seu olhar perdido e falei com convicção.

– Você sabe, sim. – Eu aponte para a carta. – Mas está com medo.

Arthur começou a chutar a grama em silêncio e eu esperei. Depois de alguns minutos, o crepúsculo virou noite e ele finalmente falou.

– Faz muito tempo... não imaginei que ela ainda sentia – Arthur se interrompeu. – Confesso que pensei nisso quando voltei. Mas aí...

– Aí eu apareci – completei, assumindo seu constrangimento como o meu. – E a fantasia do passado o distraiu.

Arthur levantou os olhos e os abaixou novamente. Depois de um longo suspiro, murmurou baixo.

– Estou pensando sobre isso, e em outras coisas, desde ontem.

– Então, como eu disse... Você sabe o que fazer.

Ele levantou os olhos. E, desta vez, não os baixou. No rosto ensolarado vi a dúvida se tornar certeza. Arthur era um homem decidido, e o olhar dourado, profundo e determinado garantia isso. Ele ia falar algo, mas sua boca parou aberta enquanto os olhos se desviavam para algo atrás de mim.

Arthur tombou a cabeça, em dúvida, e indicou a varanda com o dedo. Virei rapidamente, e três silhuetas iluminadas pela arandela aguardavam ao lado da porta de entrada. Surpresa, levantei-me às pressas, correndo ao encontro deles.

– Aristela... Armand! – e de perto identifiquei a terceira silhueta... um enorme cachorro cinza de pelúcia. – Vocês vieram!

Os magos receberam meu entusiasmo com sorrisos, mas estava claro o conflito em seus rostos. Armand ajeitou o bicho de pelúcia no braço e Aristela espiou a porta, disfarçando sua apreensão.

– Não poderia decepcionar Alice – ela disse.

Segui seu olhar e a porta se abriu. George acompanhava duas mães e seus respectivos filhos para a saída e todos pararam estupefatos com a visão da maga de longos cabelos acinzentados do lado de fora. Dei um passo à frente, precisava

resolver isso.

– Olha quem chegou, *Opa*, Alice vai ficar muito feliz!

George reorganizou sua expressão rapidamente e cumprimentou os visitantes, influenciado por minha animação. Com cautela, parou o olhar em Armand.

– George... Que bom revê-lo. Este é meu filho. – Aristela disse indicando o belo rapaz atrás dela.

Armand se aproximou, ignorando o olhar embasbacado das mães no hall... Sim, ele era *muito* bonito, alto, com intensos olhos azuis acinzentados e um ar imponente que combinava com seus cabelos exóticos. Ele estendeu a mão para George de forma respeitosa.

– Armand Poe, é um prazer falar com o senhor. – A voz rouca carregava certo sotaque e, pela primeira vez, entendi sua saudação.

Segurei um sorriso, lembrando o dia em que conheci Armand no Bistrô das Sombras. Deveria ser frustrante não poder falar com as pessoas que estavam ao seu lado. E imaginei que Armand gostaria de falar muitas coisas, como Heros... principalmente que George desistisse de lhe oferecer ração para cachorro.

George parou os olhos franzidos no rapaz, estudando-o rapidamente, depois devolveu o cumprimento.

– George Wels, avô de Alice e Melissa. O prazer é meu.

E, finalmente, George conhecia o mago encantado.

Com um sorriso no rosto, tomei Aristela pelo braço e, desviando das mães atônitas, conduzi a maga pelos visitantes até a aniversariante. Armand nos seguiu de perto, como uma escolta, e foi impossível não perceber que o silêncio tomou a casa com a chegada dos ilustres convidados.

No quintal, iluminado por centenas de luzinhas, Alice se despedia de mais alguns amigos da escola, e esqueceu-se de todos os outros ao ver sua estimada professora de magia. A alegria no rosto de minha irmã me roubou um suspiro. Depois de um longo abraço, Aristela colocou-se de lado, dando passagem para Armand, mas ele parou relutante. Segurando o imenso cachorro de pelúcia nas mãos, o mago imponente pareceu inseguro. Ele e Alice se avaliaram por um longo momento e, como de costume, Alice se escondeu atrás da saia de Aristela.

Armand soltou o ar, com uma lufada tristonha, e estendeu a pelúcia gigante.

– Só queria lhe dizer “feliz aniversário”, Alice.

Olhando o rosto decepcionado do mago, fiquei sensibilizada. Imaginei como seria terrível ter um amigo especial e nunca poder “falar” com ele. E,

quando conseguisse tal proeza, descobrir que não era seu amigo, e sim um estranho. Contornei Armand e me agachei à altura de minha irmã, com um tom suave, tentei entender sua desconfiança:

– Alice... Você conhece o Armand. Ele é o filho da Aristela. Seja gentil, ele lhe trouxe um presente de aniversário.

Minha irmã esticou um olhar interessado até o cachorro sintético e percebi sua relutância. Logo seus olhos esmeralda estavam brilhando e, sem conseguir conter o impulso, Alice esticou os braços. Com um breve sorriso ela aceitou o presente.

Acariciando a cabeça do cachorro gigante murmurou:

– Obrigada... Parece com o Heros.

Armand sorriu, aliviado.

– Imaginei que iria perceber. Ele vai lhe fazer companhia à noite.

Alice espremeu o cachorro cinza nos braços com dificuldade, afinal, ele era pouca coisa menor do que ela. Com mais uma espiada em Armand, ela voltou para a proteção da saia de sua tutora. Aristela se curvou brevemente.

– Fico feliz que tenha gostado, *chérie*. E tenho outra surpresa... Que tal uma segunda festa de aniversário?

Os olhos esverdeados brilharam e minha boca se abriu.

– Jura? – a menina ruiva saltitou com o cachorro nos braços. – Na sua casa? E vamos poder usar... – Alice olhou em volta, certificando-se de que estávamos sozinhos no quintal e, mesmo assim, abaixou a voz – *magia*?

Aristela afirmou, com um amplo sorriso. E alcançou meu pensamento rapidamente. Voltando o rosto para mim, esclareceu:

– Adorariamos comemorar o aniversário de Alice na montanha, e não vai ser incômodo algum. – Ela aprofundou sua pesquisa e espremeu os olhos. – Entendo que para você ainda seja doloroso voltar, Melissa. Se preferir, posso pegar Alice... Mas gostaríamos muito que fosse. Todos estão com saudades.

Eu pisquei, encontrando o olhar mendicante de minha irmã manipuladora. Soltei o ar, rendida.

– Como não iria à *segunda* festa de aniversário de Alice! – ironizei, sustentando o olhar esmeralda.

Alice deu um salto atrás da saia de Aristela e a maga telepata riu divertida... o resto de nós perdeu a piada, claro.

– Ótimo. Faremos a festa amanhã à tarde. Não se preocupe com nada, *chérie*, cuidaremos de tudo.

– Inclusive do bolo. – Armand adiantou atrás de mim.

Girei para o mago com dotes de *chef* e não segurei o riso bem-humorado, imaginando a obra de arte que teríamos abaixo das velas. Aristela apoiou o filho

com um olhar orgulhoso e percebi outro sorriso, relutante, se esticar no rosto ansioso de Alice.

– Agora, precisamos ir – Aristela disse com um carinho nos cabelos de minha irmã.

Alice baixou os olhos e comoveu a todos com sua expressão tristonha.

– Eu a acompanho – falei compreensiva.

Girei para a porta da cozinha, mas a maga me impediu.

– É melhor sairmos pelo quintal, Melissa. Evitaremos mais comentários. Já estamos na saída do bosque e vamos usar a passagem mais uma vez – esclareceu. Eu assenti e, só então, percebi que eles nunca usavam o BMW. Aristela cruzou um olhar com Armand e o voltou para mim. – Armand se livrou do SUV há algum tempo, conforme você pediu. – Aristela franziu as sobrancelhas com o meu grito mental. – Você é a *consorte*... tem o controle sobre os bens de Vincent. Além disso, não queríamos trazer mais lembranças tristes.

– Ah.

Resmunguei sem emoção e a maga mordeu o lábio, percebendo que já havia trazido as tais lembranças à tona naquele exato momento. Disfarçando um suspiro, voltou à menina ruiva.

– Até amanhã, *chérie* – disse, deixando um beijo em sua testa.

Aristela também me beijou brevemente e afastou-se pelo quintal. Armand tentou esticar um cumprimento à Alice, mas minha irmã já estava atrás de mim. Tentei confortá-lo com um sorriso, e ele segurou a decepção, partindo atrás da mãe.

Observando os magos se afastarem, abracei minha irmã...

– Alice, por que você não gosta do Armand?

Minha irmã espremeu o cachorro cinza nos braços.

– Eu gosto quando ele é o Heros.

Arfei chocada, procurando o rosto da astuta menina maga com um movimento descrente.

– Ah? Você sabe que ele é... o Heros? Como... Quem te contou?

– Ninguém. Eu percebi há algum tempo. – Avaliando minha reação, ela girou os olhos no ar. – Por que vocês sempre acham que eu não vou entender as coisas? Só porque sou criança? Eu sei prestar atenção, sabia?

Eu estava sem palavras, a boca aberta, chocada, impressionada... mas, acima de tudo, orgulhosa.

– Se você entende que o Armand é o Heros, por que foge dele?

– Porque ele não deixa o Heros em paz! Se esse homem não aparecesse, o Heros seria cachorro o tempo todo... E não precisaria ir embora.

Sabia que a explicação não cabia a mim, que Armand não gostaria disso,

mas minha irmã já sabia da pior parte e precisava esclarecer o resto. Eu me curvei, exigindo sua atenção.

– Alice, não é Heros que está preso no homem. É Armand que está preso na forma de cachorro durante o dia. Ele não pode controlar a transformação, foi enfeitiçado.

Minha irmã analisou a informação por um longo momento. Com tristeza, disse:

– Então... vou ter de dividir o Heros com ele?

Afirmar, era uma forma de entender isso.

Minha irmã não disse mais nada, mas a expressão contrariada era evidente. Ela abraçou seu cachorro sintético e voltou para casa, cabisbaixa. Eu a segui, esperando que a revelação não magoasse Armand.

A debandada do fim de festa aconteceu em seguida. Com a saída de um, todos emendaram despedidas e a casa finalmente ficou silenciosa. Alice se fechou em seu quarto com os presentes, e Arthur foi ajudar George com as mesas. Lucila ofereceu ajuda com a louça, mas eu a libertei do trabalho... ela já havia feito muito! Tentei voltar ao assunto de Rose com Arthur, descobrir o que ele faria a respeito da carta, mas nunca ficávamos sozinhos e, pelo visto, ele não estava ansioso... nem disposto a dividir o assunto. Ainda não. O olhar dourado continuava profundo, decidido, e rezei para que ele tomasse uma atitude. Qualquer atitude. De preferência, que deixasse minha amiga feliz.

Logo meus vizinhos também estavam a caminho da porta, teriam a noite toda pela frente no restaurante. E depois de mais um zilhão de agradecimentos, alguns abraços e acenos de adeus, eu estava mais uma vez sozinha na cozinha com a louça... e muito resto de bolo. Arregacei as mangas e parti para o trabalho, imaginando que ainda teria mais uma festa de aniversário pela frente. Nesta estava ansiando pelo auxílio da magia.

No dia seguinte, nos arrumamos para a segunda festa de Alice. E subir a montanha foi um desafio para meu coração. Cada curva aparecia com uma nova lembrança, e cheguei ao portão de ferro retorcido com os olhos mareados.

Encarar a construção de pedra foi outro golpe e, desta vez, precisei esconder o rosto para disfarçar as lágrimas. Era um dia de festa e me esforcei para fazer meu coração se lembrar disso. Estacionei o sedã no pátio ao lado do chafariz... apesar das bandeirolas e dos arranjos de flores, meu carro era o único ali. Isso me fez ter ideia da origem dos convidados.

Na escadaria fomos recepcionados por Nicolau. Seu cumprimento formal foi substituído por um abraço afetuoso... precisei segurar minha emoção mais uma vez.

Dentro do hall de pedra fui surpreendida por muitos outros rostos, alguns conhecidos, e *muitos* completamente estranhos. Mas, pelos sorrisos receptivos, todos conheciam minha irmã. Uma salva de palmas deixou Alice constrangida, ela se escondeu atrás de minhas pernas e, percebendo os olhares mudarem o foco, entrei em combustão. Para minha alegria, Heros veio ao nosso encontro, a língua pendurada mostrava sua animação canina e, imediatamente, Alice se jogou em seu pescoço. Fiquei aliviada ao perceber que não havia rancor em nenhuma das partes. Os olhares acompanharam minha irmã mais uma vez, enquanto ela era conduzida pelo amigo peludo. Por onde eles passavam, bolhas de sabão despencavam de... de algum lugar, e estouravam com esguichos de purpurina rosa. Eu sorri tristonha, aí estava minha purpurina. Alice caminhou entre bolhas e brilhos, esquecendo-se de seu constrangimento. Ela recebeu muitos cumprimentos e observei tudo de longe, espantada por sua popularidade mágica.

– Uma maga criança é coisa rara em nosso mundo. – Nicolau soprou em tom conspiratório. – Além dos amigos, temos muitos admiradores aqui hoje – ele me espiou de soslaio – e curiosos também. Você sabe... Muitos gostariam de conhecê-la.

E entendi que ele estava se referindo a mim, não a Alice. Girei meu anel no dedo, respirando profundamente. Com um sorriso tímido, levantei os olhos, passando pelos rostos desconhecidos, até recordar a grandiosidade do lugar. E tudo pareceu... diferente.

Admirei o colorido das bandeiras de tecido que cobriam as paredes de madeira escura, os arranjos florais suspensos por fitas que subiam a grande escada até o mezanino... e parei os olhos no hipnotizante vitral da árvore. Mesmo com todo o colorido jovial, o palacete jamais deixaria de ser intimidador. E entendi que a diferença não estava na construção de pedra, mas em mim. Eu não tinha mais medo dos seus corredores nem receio dos seus habitantes. Estar aqui era como voltar a uma memória de outra vida... como expectadora. E eu era muito diferente daquela Melissa do passado.

Testando minha teoria, um duende se aproximou com as mãos entrelaçadas nas costas, o olhar negro, atento, o rosto taciturno. Ele não lembrava os duendes do ataque, mesmo assim, minha reação foi imediata... por precaução, recuei. O pequeno homem levantou a cabeça para Nicolau, que interveio rapidamente.

– Está tudo bem, Melissa. Este é Ronie, líder dos duendes e representante do *Reino da Terra*. Ele está aqui como convidado.

Nicolau arqueou as sobrancelhas como um aviso... ou um pedido de desculpas. O homem pequenino curvou-se formalmente e, controlando a voz

acelerada, falou empolado:

– O que aconteceu foi um equívoco. E procuramos corrigir os comportamentos desonrosos que quase mancharam nossa reputação.

Franzi os olhos, entendendo a expressão de Nicolau... *quase*? Minha reação não pareceu agradar ao duende e, com esforço, fechei a boca. Balançando a cabeça, endireitei os ombros, aceitando sua explicação... Precisava colaborar com a diplomacia na montanha. O homem baixinho não perdeu tempo e girou nos calcanhares, desviando o olhar, como se tivesse gastado tempo demais com o que não era interessante. Sua atitude soberba evidenciou um traço marcante dos duendes, eles jamais admitiriam estar equivocados.

Atenta ao andar pomposo do pequenino, meu olhar cruzou com o de Félix. Ele meneou a cabeça com um cumprimento, enquanto ouvia algum monólogo de outro convidado perto da escada, pela aparência, elfo. Estiquei um sorriso breve e procurei por outras figuras conhecidas... uma logo se destacou na sala do piano. O temível Anasor estava entretido com alguns pequeninos, e a cena dos opostos levantou meus lábios. Balançando a cabeça com um sorriso divertido, desviei os olhos para a outra sala. Ao lado da grande lareira encontrei Aristela, conversando com uma figurava angelical... Lorelei ajeitou os cabelos castanhos nos ombros e encontrou meus olhos. Algo na *Deva* lembrou uma imagem perdida em minha memória. Ela devolveu meu sorriso e nos observamos mutuamente, até que Nicolau se aproximou.

– Desculpe por não avisar dos curiosos. Espero que isso não a deixe desconfortável – disse cauteloso.

Soltei os ombros, espiando a *Deva* mais uma vez.

– Antes, poderia me incomodar. Mas depois de tudo que vivi nestes últimos meses... algo mudou.

Sorri conformada, girando meu amuleto no dedo anular mais uma vez.

– A propósito, Melissa... não tivemos a chance de conversar desde a noite na Sala dos Portais. – Nicolau se interrompeu e abaixei os olhos, não havia necessidade de reabrir antigas feridas. Ele limpou a garganta e continuou. – Gostaria de parabenizá-la pela evolução do gene mágico. – Eu assenti de olhos baixos, incerta se isso merecia ser comemorado. – Aristela nos contou que você não pretende desenvolvê-los, e não vamos julgar sua decisão. Mas recomendo uma avaliação... um teste. Coisa simples. Apenas para saber se um treinamento é necessário. – Levantei os olhos, duvidosa. Ele espiou minha irmã que pulava com Heros perto da grande lareira, e falou cuidadosamente. – Pelo que ela disse, você pode levitar sem apoio... e isso é ótimo. Um dom maravilhoso. Mas achamos que pode haver outro... *oculto*. E queremos apenas identificar essa possibilidade.

O mago voltou os olhos atentos para mim e pareceu ansioso de repente. Confesso que isso me incomodou.

– Você suspeita de algum... problema? Há algo errado, Nicolau?

A resposta demorou a vir e o incômodo se tornou preocupação. Eu já ia repetir a pergunta quando ele continuou... a voz baixa, firme, mas discreta.

– Não havia vestígios de armadilha na passagem que você e Vincent usaram para chegar à Terra da Luz. Nem dos duendes, nem de Lúcius. E, depois de investigar minuciosamente cada detalhe, posso afirmar... nunca houve tal armadilha.

Pisquei, encaixando meus pensamentos.

– Então, um de nós fez o feitiço de transferência?

– Eu duvido que seja um feitiço. – Nicolau se ajeitou ainda mais ansioso, esforçando-se para conter alguma informação. – Para proferir um é necessário certo aprendizado, palavras de condução mágica. Pelo que entendi, Vincent não o fez e você não saberia como. Então, isso nos leva a outro caminho...

Espremi as sobrancelhas, confusa. Se não havia armadilha, então, como houve a transferência de poder? Como eu... *oh...* Mas não poderia ser. Pisquei mais uma vez, encarando o sábio mago de olhos atentos. Um dom oculto? Meu dom? *Eu absorvi o poder de Vincent?* Por um momento, fiquei sem ar, aprisionada pela revelação. Imagens e lembranças rodavam minha mente e eu lutava com cada uma delas, afastando a certeza iminente.

– Eu fiz aquilo? Você acha que tenho o dom da absorção... Eu machuquei Vincent?

Nicolau me amparou rapidamente e, correndo os olhos ao nosso redor, enfatizou uma expressão que pedia cautela.

– Não – titubeou. – Não podemos afirmar sem antes fazer alguns testes. Não tenho certeza sobre a absorção. Afinal, você não machucou Vincent. Apenas o deixou fraco.

Nicolau estava me protegendo, e isso confirmou o que temia. Sua dúvida estava mais para uma certeza. Arfei e senti os braços de Aristela ao meu redor. Ela encarou o marido com reprovação e me afastou dele.

– Nicolau! Você não podia ter esperado pelo menos partirmos o bolo?

– Já se passou muito tempo, Aristela. Quanto mais tempo esperarmos, mais forte seu poder vai ficar. E, se este for o caso, ela precisa aprender a controlá-lo o mais rápido possível. – Nicolau falava baixo, mas a voz era firme. Ele fixou os olhos na esposa e inspirou longamente, voltando-se para mim. – Desculpe, Melissa, não queria assustá-la.

– Eu... Eu. Eu estou bem – encontrei Alice, que me olhava de longe, e com esforço saí do choque. – Você tem razão, Nicolau. Se... se isso pode ferir

alguém, precisamos saber o que é – Levantei a cabeça. – Estou à sua disposição.

O mago sorriu aliviado e devolveu um olhar de “*você viu, foi simples*” para Aristela.

Nicolau caminhou entre os convidados, dividindo sua atenção, e Aristela voltou os olhos para mim ao perceber minha nova perturbação. Isto eu não podia controlar... As novas informações me deixaram apreensiva, apavorada. Culpada.

– Acalme-se, *chérie*. É necessário pesquisar mais sobre a origem da herança de vocês. O dom de Alice é diferente do seu, e isso é tudo o que sabemos. Por isso precisamos dos testes. – Aristela olhou em volta, abaixando o tom. – E, se for mesmo o dom da absorção, isso pode ser contornado com algum treinamento. – Ela se interrompeu para espiar Lorelei rapidamente, como se lesse algo interessante em seus pensamentos, depois voltou o olhar duvidoso para mim. – E... Ah... – murmurou, concentrando-se. – O que aconteceu com Vincent foi um acidente, você não tinha como saber.

Fitando os olhos acinzentados da maga, viajei a um tempo distante e lembrei-me de algumas palavras de Vincent, ditas quando ele me explicava sobre os tipos de dons... “*alguns magos fazem coisas terríveis... algumas vezes por acidente e, na maior parte das vezes, por vontade.*” Se eu possuía o dom da absorção, sabia que era um dos dons perigosos, tentadores. E, sem saber como controlá-lo, poderia mesmo causar muitos acidentes. Mas também poderia ferir alguém por vontade, como Ludwig. Levei as mãos à cabeça... Eu tinha o mesmo poder de Ludwig!

Fui escoltada pela maga de cabelos acinzentados até uma poltrona e logo alguns olhos familiares estavam ao meu redor.

– Eu avisei que o assunto iria causar esse tipo de reação. – Alex disse ao meu lado. – Você está bem?

O elfo avaliou meu estado, constatando minha integridade e confirmando o pânico.

– Você desconfiou disso, não foi? Você sentiu o poder em mim... na Sala dos Portais.

– Sim. – Alex confirmou prontamente, sem hesitar. – Na verdade, minha desconfiança sobre isso só aumenta e... – ele levantou os olhos até um dos rostos ao meu redor e se calou.

– Este não é o momento. – Viviana disse logo atrás de mim, ela trazia Alice pela mão e parou com uma expressão esclarecedora. – Estamos em uma festa de aniversário. Lembram-se? Mais tarde, depois da festa, poderemos conversar com calma. Além disso... – ela levantou os olhos – há muitos curiosos aqui.

Aristela e Alex afirmaram com a cabeça prontamente, esticando sorrisos

para a menina maga que me olhava preocupada.

– Tem alguma coisa errada com você, *Tata*?

Suspirei longamente.

– Ainda não sabemos, meu amor. – Fui sincera, firmando minha determinação de não esconder mais nada de minha irmã. – Mas vamos descobrir. E, se tiver, eles vão me ajudar. Não há com o que se preocupar. Vá se divertir. É sua festa... e aqui, você pode usar sua magia. Lembra-se?

Alice entortou os lábios, fitando-me seriamente, mas logo sorriu. Girando a cabeça pelos arredores, encontrou o cão cinzento, camuflado ao lado da grande lareira. Com um grande sorriso, correu para ele. Alice esmagou Heros pelo pescoço, em um longo abraço e o cão lhe devolveu algumas lambidas. Concentrando-se em um arranjo, ela produziu uma chuva de flores sobre os dois, e Heros ergueu-se em duas patas para dar algumas bocadas, assustando dois duendes que se afastaram com resmungos indignados. As gargalhadas de Alice eram contagiantes.

Inspirei lentamente, mais calma, e me ajeitei na poltrona ao lado de Aristela.

Viviana estava certa... aquele não era o momento. Eu já conseguia identificar o calor, sabia que ele era a manifestação do poder mágico, e também conseguia controlar a levitação... o suficiente para evitá-la. Mas esse outro dom, ou habilidade, *se existia*, ainda era um mistério. Tinha algumas lembranças de quando tentei devolver o poder de Vincent e, naquela hora, o calor estava presente, mas aquilo não pareceu funcionar. E tirando o calor nas mãos... não sabia como identificar o resto. Uma coisa estava clara, qualquer sinal desse poder mágico se iniciava com meu descontrole emocional, portanto, era uma questão de permanecer calma e aguardar. Aguardar... A revoltante inércia parecia uma nova constante em minha vida.

Perdi a linha dos pensamentos melancólicos ouvindo as risadas de minha irmã. E algo fora da minha tristeza pareceu urgente. Espiei Aristela, imaginando que seria melhor mandar um recado a Armand sobre as recentes descobertas de Alice. Mais uma espiada e mordi o lábio, torcendo para que o mago intempestivo não ficasse zangado por eu ter confirmado seu segredo.

Toquei a maga de cabelos acinzentados, e ela virou para me atender com uma expressão onipresente.

– Está tudo bem. Armand já suspeitava disso.

– O quê?

Aristela riu condescendente.

– Ele sabe que ela sabe – ela riu confusa –, mas continua em negação. Principalmente porque a reação dela é compreensível. – Aristela virou o rosto

para observar a menina maga e o cachorro enfeitado. – O egocentrismo infantil de Alice não quer dividir Heros. Por isso ela repele sua forma humana, Armand. Ele não está feliz com isso... Você sabe, Armand tem um ego muito grande para aceitar ser rejeitado – ela levantou os ombros. – Ainda assim, ele tem grande consideração por sua irmã. Armand se afeiçoou a Alice, a considera uma grande amiga e gostaria de falar com ela. Mesmo sendo compreendido como cão, expressar-se pela fala é algo humano... e ele é humano. – Aristela espremeu os olhos. – O curioso é que ambos entraram em um acordo silencioso. Eles preferem ignorar o conhecimento do outro e aproveitar, da melhor maneira que puderem, seus momentos juntos.

Olhei para a menina e o cachorro que brincavam com as flores flutuantes. Aristela tinha razão, minha irmã voltou a ser ela mesma diante do cachorro gigante e nem pareceu lembrar que ele era um homem.

Soltei os ombros, percebendo que compreendia perfeitamente sua *negação*. Pelo visto, nossa herança deixou uma coisa em comum... a teimosia.

Pacto de Futuro

Todos ao meu redor dividiam a mesma inquietação velada. Curiosos ou ansiosos para desvendar o novo problema que *eu* representava.

De alguma forma, minha determinação de negar a magia ajudava nestas horas. Embora soubesse dos riscos, confiava em mim mesma... o necessário para ter certeza de que não sugaria o poder de ninguém de propósito, e o suficiente, para identificar um possível descontrole. Aos poucos, minha serenidade acalmou os demais. A família da montanha se dispersou entre os visitantes e procurei ficar invisível no meio deles.

Desviando de rostos estranhos, bolhas e purpurinas, concentrei-me nas delícias cobertas de chocolate que se espalhavam sobre bandejas pela sala. Mas a todo o momento esbarrava em um olhar admirado, que logo se transformava em solidariedade indesejada. Percebendo meu desconforto, Viviana tornou-se minha guarda-costas. Graças a ela, consegui escapar de algumas conversas incômodas, que, em sua maioria, questionavam com espanto meu compromisso com o falecido mago das sombras. Estava ficando sufocada. Pedi licença à elfo de luz e escorreguei escada acima, fugindo do burburinho lá embaixo. Sem rumo, apenas caminhei pelos corredores de pedra, admirando a vista do jardim de inverno pelas janelas, os quadros a óleo, a tapeçaria, as portas entalhadas... Quando dei por mim, estava diante do quarto de Vincent.

Revoltada, olhei para meus pés, como se a culpa fosse deles.

Pensei por uma fração de segundo e, com um movimento decidido, empurrei a porta. Meu coração acelerou até bater em minha garganta e, com passos curtos, entrei no quarto escuro. A sensação misturava ansiedade, saudade e tristeza... uma péssima combinação para qualquer alma suportar.

Demorei uma eternidade para chegar à outra extremidade do cômodo e, com uma longa inspiração, estiquei as mãos até a cortina, puxando o tecido grosso. Sobressaltei-me com os carretéis deslizando nos trilhos, mas virei lentamente, absorvendo os detalhes do cenário familiar. Perdi meus olhos nas combinações de preto e cinza... na porta entalhada do quarto de banho, nos móveis sóbrios... Enquanto deixava meu coração se iludir com as lembranças, meus olhos pararam em um objeto prateado de dorso florido, esquecido sobre a cama.

Eu me aproximei, sentando-me vagarosamente tomei o espelho nas mãos, como se ele fosse a mais preciosa das relíquias. E simplesmente contemplei meu reflexo... imaginando se havia alguma imagem por trás dele que mostrasse Vincent vivo.

– E você acredita mesmo nisso, *chérie*?

Eu pulei na cama, assustada com a voz da maga telepata. Voltando os olhos para o espelho, o devolvi à cama.

– Sempre vou ter esperanças... elas vão me acompanhar para o resto da vida. – Encontrei o rosto compassivo de Aristela e procurei conter minha emoção. – Sei que todos o consideram morto, mas não posso acreditar nisso. Ainda não – olhei em volta. – Nem sei por que estou aqui. Isso só vai piorar o que sinto.

– Você está aqui para se lembrar dele. Porque precisava senti-lo. Crer que seu amor ainda está em você. – Aristela disse precisa, lendo cada sentimento destacado com bandeiras em meu coração. Ela deu a volta na cama e se aproximou, tomando o espelho nas mãos. – E, como eu, tem medo de descobrir a prova irrefutável de sua morte... um corpo. Por isso, agradece seu desaparecimento.

Meus olhos encontraram o rosto absorto da maga e, mesmo sabendo que ela já tinha a resposta da pergunta que eu nem havia pronunciado, precisava exteriorizá-la *para mim mesma*.

– Você também tem esperanças de encontrá-lo vivo?

Aristela sentou-se ao meu lado, acariciando a moldura prateada.

– Tornei-me mãe de Vincent no dia em que Christine nos deixou. Ter esperança de encontrá-lo vivo é minha obrigação de mãe. Jamais desistirei dele... de sua vida ou de sua memória. Devo isso à minha melhor amiga, que se tornou minha irmã – ela soltou o ar. – Mas o tempo está passando, cada dia a mais é uma prova de que minha missão acabou. E agora tento me convencer que fiz o melhor como mãe dele.

Ficamos em silêncio por um tempo, apenas olhando o precioso objeto prateado em suas mãos.

– Você fez – murmurei, girando o anel em meu dedo. Um longo olhar para a pedra negra e tomei coragem para questionar o alicerce de minha esperança. – Este anel... ele carrega a magia de Vincent?

Aristela esticou os olhos até minha mão.

– Esse tipo de anel carrega uma magia diferente, *chérie*. – ela levantou uma das mãos, mostrando um aro muito fino em seu dedo anular e, com atenção, notei que ele era dividido por uma pequenina pedra transparente. O acessório era muito discreto, quase imperceptível, mas Aristela o olhava como se fosse o maior e mais precioso dos diamantes. Ela fechou a mão, apertando-a junto ao peito. – O compromisso com o destino.

– Então... não é a magia de Vincent que faz isso – eu tirei meu anel do dedo, mostrando como ele aumentava de tamanho, depois o devolvi ao dedo

anular, vendo-o se ajustar novamente.

Aristela sorriu tristemente, entendendo a dúvida em minha mente.

– O Pacto de Futuro é muito poderoso. Nele, o mago concentra suas esperanças, sua crença, sua lealdade... seu amor. Estes sentimentos são grandiosos e, aliados a uma joia de família, representam o compromisso com seu destino. A escolha da *consorte*.

Olhei para minha mão, segurando as lágrimas nos olhos.

– Então... é o anel, não ele.

– Vincent alimentou a magia do anel com seus sentimentos e, para isso, precisou usar seu poder... provavelmente criando uma cúpula de juramento. Mas esse tipo de joia tem sua própria magia. Quando identificou seu destino, tornou-se seu, de mais ninguém. Por isso não aceita ser trocado de dedo. – Aristela levantou o próprio dedo, retirando seu anel, e ele agiu da mesma forma, crescendo em tamanho depois ajustando-se novamente. Ela continuou. – O dedo anular representa o compromisso, *chérie*.

Abaixei os olhos, foi bom entender a seriedade de sua decisão, mas decepcionante não ter aproveitado melhor um momento tão importante. Suspirei como se o ar fosse doloroso para meus pulmões. E, mesmo querendo sentir raiva de Vincent, por ele não ter me explicado a grandiosidade do gesto, ou seu significado... não consegui. Porque ter o símbolo do seu amor ainda era meu grande presente.

A memória da sua declaração trouxe a saudade, como um carrasco impiedoso, para torturar de forma doce e agonizante cada centímetro do meu corpo. Eu funguei.

– Então... esse anel também é da família de Vincent, como o espelho.

Aristela suspirou, refletindo minha dor.

– Sim. E gostaria de lhe mostrar uma imagem de Christine com ele... Mas, como sabe, para ser solicitado o espelho obedece apenas aos comandos da família à qual pertence – ela me olhou nos olhos, depois fitou longamente o anel em minha mão. Colocando o espelho entre nós sobre a cama. – Sei que você não se considera senhora dos pertences dele... e, sem ele aqui, a ideia de família pode ser confusa. Mas o Conselho reconheceu seu título de *consorte*, então... você pode, se quiser. – Ela indicou o espelho e arregalei os olhos.

– Isso é possível? Mas por que não disse antes?

E, mesmo não sendo telepata, entendi a resposta em forma de angústia no rosto da maga. Porque a imagem poderia mostrar o que não queríamos ver. Um corpo.

Engoli em seco, fitando o vidro reflexivo ao meu lado, e imaginei Vincent o segurando para me ver pela primeira vez. Eu não era a mesma

Melissa, havia mudado muito nestes meses. Como ele. Esse amor nos transformou de muitas formas, mostrou novos caminhos, novas possibilidades... nos ensinou a ter esperança, a crer no destino. E acreditava nele, como Vincent. Ele era meu e eu era dele. O amor nos tornou um, e o anel era o símbolo desse compromisso. Ele representava o título de companheira, que demorei a aceitar, mas agora entendia seu significado em meu coração. A promessa do futuro, do amor para a vida inteira. O sempre. Até o momento eu o havia negado, pensando apenas na posse de seus pertences. Mas dividir o que era dele, como o anel, era ter uma parte de Vincent que me pertencia. Isso representava a união, a construção de nossa família... E eu queria ser sua família.

Fechei os olhos com força, meu compromisso perduraria, mesmo que ele não estivesse aqui. Simplesmente porque não podia aceitar que havia acabado. Esse não era o fim dessa história.

Com os dedos trêmulos, toquei o espelho, e murmurei apressada. – Quero ver a última imagem de Vincent.

O vidro reflexivo brilhou, reunindo cores, e abaixei os olhos para o anel, piscando algumas vezes. Eu havia aceitado a jura de amor de Vincent... e aceitá-lo realmente me tornou sua família! Pisquei mais uma vez, agora, acompanhando as cores que se reuniam para compor uma imagem no vidro reflexivo. Atenta, vi algumas pessoas amontoadas... depois... *Vincent*. Arfei, sentindo o coração acelerar. Aquela era exatamente a cena que não queria ver, a morte de Vincent na Sala dos Portais.

Cobri o rosto com as mãos, a decepção tomando meu peito, acompanhando uma penosa onda de dor e tristeza que varreu meu corpo. De que adiantava ter sua promessa, se não o teria mais.

– Oh, *chérie*... – senti a mão de Aristela tocar meu ombro, e levantei o rosto, ela havia virado o espelho na cama, e a luz que escapava dele desapareceu. Por sua expressão, ela sentia a mesma decepção que eu. – Acho que não deveria ter sugerido isso. Desculpe.

Balancei a cabeça, tentando dizer que eu também quis ver... mas as palavras ficaram presas na emoção. Precisava esconder meu pesar e recolhi uma lágrima. Mas Aristela podia ver em minha mente o tamanho da devastação.

– Os outros estão certos, Melissa. Acho que precisamos parar de nos machucar. Isso só vai piorar com o tempo. Como mãe, preciso libertá-lo. Vincent fez o melhor enquanto estava aqui, por caminhos certos ou errados ele seguiu seu coração, por amor. E isso me enche de orgulho. Essa é a memória que quero ter dele – a voz da maga tremeu pela emoção.

– Acho... acho que está certa – sussurrei.

Aristela enxugou o rosto, levantando o queixo.

– Precisamos nos concentrar no que podemos resolver. Sua herança, o treinamento de Alice. – Com um suspiro, ela continuou. – E, falando nela, está na hora do bolo! – Aristela levantou e, olhando-me atentamente, compreendeu. – Você precisa de mais um minuto – verbalizou o que viu em minha mente.

Mesmo assim, assenti. Ela sorriu timidamente. Culpada.

– Não vou procurar novas ilusões, *chérie*, eu prometo – disse solene, virando para a porta.

Continuei ali, girando o anel em meu dedo... sentindo a presença de Vincent por todos os lados. Em cada pequeno detalhe. Meus olhos foram atraídos para as tramas florais no dorso prateado do espelho, e desejei uma ilusão para confortar meu coração... Sabia como o *Espelho de Nereu* poderia ser perigoso, tinha consciência da dimensão do estrago por apenas ver uma imagem de Vincent, principalmente a cena que não queria de ver. Mas a saudade sempre corrompia minha determinação. E era exatamente por causa dela que eu estava ali... em seu quarto.

Fechei os olhos e tomei fôlego, esticando os dedos toquei o espelho mais uma vez, como uma despedida. – Queria muito ver seu dono vivo – murmurei num sopro quase inaudível.

Um, dois, três segundos... e concluí que uma tentativa frustrada iria me machucar ainda mais. Vagarosamente me levantei, afastando-me do desejoso devaneio. Com dois passos cheguei à porta, ainda podia ouvir o farfalhar do vestido de Aristela no corredor... ia segui-la, mas parei o movimento quando um brilho reluziu em minhas costas, chamando-me de volta.

Espiei por cima do ombro e contemplei o espelho iluminando a cama. A luz escapava pela moldura, lutando com a trama do tecido... Agoniada para rever o rosto do meu amor, corri, tomando o espelho nas mãos, o coração pulsando em minha boca. A imagem já estava em movimento e vi algumas pessoas... depois... *Vincent*. Caí sentada, reconhecendo a imagem anterior na Sala dos Portais. Apertando o espelho em minha mão, congelei os olhos na imagem que seguia. Desta vez, sem desviar. Por mais que me ferisse, por mais que me torturasse... Eu precisava ver.

Vincent estava no chão de pedra, os olhos fechados. Apenas uma silhueta continuava curvava sobre ele, e desapareceu rapidamente. Como se alguém a tivesse arrancado dali. O corpo de Vincent ocupou o vidro reflexivo novamente e, dessa vez, a mancha vermelha em sua roupa era bem visível. A imagem parou ali... na cena que torturava minha memória. Isso era muito ruim, pior do que me lembrava. E não precisava sofrer nessa magnitude. Quase fechei os olhos. Quase. Mas, ao invés disso, os arregalei ao notar algo surpreendente... O peito de Vincent, subindo e descendo em uma longa respiração.

Um segundo de olhos atentos e a imagem desapareceu. Gritei um sonoro “NÃO!” para o objeto inanimado em minhas mãos. A revelação terminou e meu rosto atordoado era a única coisa refletida.

Aquela cena mostrava exatamente o que pedi... *uma imagem de Vincent vivo! Respirando!* Ayla não estava enganada. Ele estava respirando!

– Melissa? – Aristela chamou do corredor.

Girei o rosto sobre os ombros... ela ouviu meu grito.

Quase chamei seu nome para avisar da descoberta, mas parei com a boca aberta. As imagens do espelho mostravam visões... avisos... que poderiam ou não ser alterados. Um frio escorregou por meu corpo com a ideia racional. Precisava ter certeza de que isso não era mais uma ilusão. Se fosse, me machucaria sozinha. Desejei ver a imagem mais uma vez, mas meu coração dizia que eu estava certa. Na verdade, ele parecia até raivoso com minha descrença, e gritou dentro de mim... *Vincent está vivo!*

Atordoada, esforcei-me para deixar o espelho sobre a cama e, com passos duvidosos, segui para a porta com o coração frenético dentro do peito... e respirei fundo, controlando a ansiedade. Isso era sério demais, mas precisava ter certeza antes de criar mais dor e confusão. E sabia exatamente como confirmar isso... Falando com *alguém* que não estava aqui!

Eu precisava deixar o palacete. Mas como faria isso com uma barreira telepata no corredor? Uma maga preocupada e atenta, que se entregaria à esperança, mas também, sucumbiria ao desespero se isso não fosse verdade... Levei as mãos ao cabelo, concentrando-me... precisava me esforçar nesse plano arriscado. Soltei o ar com uma lufada determinada, eu era capaz! Antes de atravessar a porta, foquei meus pensamentos em Alice, meu perigoso dom mágico, suas implicações... Isso era sério, o suficiente, para mascarar minha agitação. Assim eu esperava. Rezando para ser competente, caminhei o mais rápido possível, cruzando com Aristela depois de alguns metros. Ela espremeu os olhos perspicazes, mas não disse nada. Dei as costas para a maga, concentrando-me ainda mais no calor que começava a rodar em meu peito e rapidamente adiantei-me pelo corredor.

No fim da escadaria, vi a movimentação nas salas... e ela ajudou a distrair. Rapidamente me afastei de Aristela, procurando por Alice ou qualquer outro mago ou elfo que não lesse meu pensamento. Para meu alívio, Viviane retomou seu lugar em minha escolta e me acalmei, arquitetando um plano para deixar a festa o mais rápido possível. De qualquer forma, ela chegou ao seu auge quando Lume empurrou um carrinho de apoio com um lindo bolo rosa de três andares. Alice ficou tão perplexa quanto eu ao ver aquilo, e um latido orgulhoso ecoou entre os convidados. Depois do minuto de admiração foi tudo muito

rápido... o coro irregular que cantava o universal *Parabéns a você* e as bandejas que circulavam com fatias generosas de quatro camadas. Comi meu pedaço sem sentir o paladar. Agitada e angustiada demais até para controlar a respiração.

Coloquei meu prato de louça na mesa aparadora mais próxima e, reunindo minha esperança, procurei minha irmã.

– Alice... sua festa está linda, mas eu preciso ir. Você gostaria de ficar?

– Eu quero! Quero brincar com Heros até escurecer! – exclamou agitada... muito açúcar.

– Está bem... Vou pedir para Viviana ou Aristela deixá-la em casa – limpei a boca de minha irmã, retirando o excesso de confeito rosa, concentrada nas esmeraldas brilhantes, sorri, expondo parte da minha esperançosa felicidade.
– Feliz segundo aniversário, Alice. Eu te amo!

Minha irmã retribuiu meu sorriso e, depois de um beijo carinhoso, desapareceu entre os figurinos exóticos. Aproximei-me de Viviana, seria mais fácil contornar a verdade sem me preocupar com uma invasão mental.

– Viviana... – a elfo virou solícita –, gostaria de ir agora, mas não quero tirar Alice de sua festa... – espiei minha irmã e o inseparável cachorro cinza. – Será que você pode levá-la pela passagem do bosque até nossa casa, quando tudo acabar?

Viviana sorriu compreensiva, mas logo espremeu os reluzentes olhos prateados, suspeitando de algo... Gelei da cabeça aos pés.

– Você desistiu do teste de Nicolau?

Droga... o teste!

– Não. Eu quero fazê-lo, mas... Mas é que hoje... – eu me enrolei.

E, para meu alívio, Viviana balançou a cabeça, completando meu pensamento com um sopro doce.

– Foram recordações demais, não é mesmo?

Afirmei sincera. E ela pareceu convencida.

– Eu entendo. E quero que saiba que tenho a mesma opinião de Aristela... Não acho que sua herança e as habilidades dela sejam um problema. Peço desculpas pela reação de Alex e Nicolau, mas eles estão apenas cautelosos. Querem uma avaliação antes de comunicar a existência de uma nova maga na montanha. – Assenti complacente, e a referência me pegou desprevenida... *Eu era uma maga da montanha*. Ainda estava entorpecida pela nova realidade quando Viviana continuou. – É melhor descansar. A burocracia é apenas o começo. Vai precisar de energia para enfrentar a extenuante avaliação de Nicolau. E, acredite, usar magia pode ser muito cansativo.

Pisquei uma vez... *burocracia*? Isso parecia sinônimo para o “Conselho Mágico”. Mordi o lábio, entendendo que todas as ações na montanha dependiam

da autorização deles.

– É... imagino – falei relutante, imaginando que Nicolau contornou os detalhes para, realmente, não me assustar.

– Não se preocupe, direi a Nicolau que você vai voltar para o teste – a elfo de luz espiou minha irmã correr pela sala e presenteou-me com um sorriso reconfortante. – E fique tranquila com Alice, cuidaremos bem dela.

Suspirei agradecida.

– Eu sei. Obrigada.

Sem perder tempo, caminhei pelos convidados de cabeça baixa, desviando de qualquer rosto conhecido. Não poderia arrumar mais argumentos, portanto, os benefícios da omissão seriam bem empregados agora.

Imaginei o que aconteceria após confirmar minha visão... Será que ela era prova suficiente para justificar uma equipe de resgate? Será que eles acreditariam nas suspeitas de Vincent? Em minhas suspeitas? Ludwig poderia ser incriminado? Hum. Era evidente que precisaria enfrentar a *burocracia* do Conselho neste caso também, e isso me preocupou.

Lembrei-me das traições... primeiro Piro, depois Lúcius... De alguma forma, o poderoso mago das sombras tinha uma teia invisível de influência na montanha. Seu poder pessoal, mágico ou material de acuar ou persuadir era indiscutível. E isso levava a uma possibilidade “quase certa” de outro informante. Ludwig sabia de todos os movimentos que aconteciam aqui... e tivemos provas disso. Mas o maior dos problemas era outro, ninguém admitiria seu envolvimento no ataque da Sala dos Portais sem provas.

Firmei o passo, decidida... Eu teria Vincent de volta. E arrumaria as tais provas... concretas e irrefutáveis, para tirar Ludwig de uma vez de nossa vida!

Do lado de fora do palacete, corri para o sedã, sem pestanejar acelerei montanha abaixo. Depois de algumas curvas, diminuí a velocidade, girando o rosto para o bosque fechado dos dois lados do carro, tentando identificar o local certo. E isso foi difícil. Na terceira tentativa, reconheci um canteiro florido à beira da estrada, onde Alice havia feito uma colheita de flores. Encostei o carro e saltei apressada. Com passos trôpegos penetrei no bosque escuro, caminhando em linha reta, como me lembrava. Depois de mais alguns tropeços, cheguei ao meu destino... A clareira do riacho na encosta da montanha.

Girei os olhos, estava diferente. As árvores tinham folhas verdes e as flores primaveris pintavam o chão, multicoloridas. Ouvi o barulho da cachoeira e soltei o ar, liberando minha ansiedade... era aqui. Ignorei a beleza ao meu redor e, com uma corrida, cheguei à queda-d’água. Debruçando-me nas pedras do pequeno lago de águas cristalinas, enchi os pulmões, e gritei alto:

– Ayla! Ayla! Preciso falar com você! É importante!

Esperança

Minha voz ecoou pelo vale coberto de verde à minha frente. Parei por um momento, aguardando. O Sol começava a baixar, a brisa soprava fresca e o silêncio era interrompido apenas pelo som contínuo da água corrente.

Bufei irritada.

– Ayla! Sei que está aí! Não me ignore!

Um segundo depois, a água tremulou límpida como um espelho. Alguns centímetros abaixo da superfície, uma imagem conhecida tornou-se visível e emergiu com graça, em uma dança envolvente, orquestrada por pequenas ondas. A sereia colocou um pé descalço sobre a pedra da margem e, literalmente, pulou para fora do lago... completamente seca.

– Não estou ignorando você. E nem poderia, com toda essa gritaria – disse sem vontade.

Eu me levantei apressada, ignorando sua acidez.

– Sei que não somos as mais indicadas para melhores amigas, mas preciso da sua sinceridade agora.

A sereia me olhou torto e foquei meus olhos na marca em seu pescoço.

– Você não está sob o juramento do Conselho agora, Ayla... Preciso que me diga o que acha que viu na sala do portal.

A sereia remexeu as curvas, agitando os cabelos flutuantes no ar.

– Para que recordar isso? Já não é difícil o bastante? Você imagina como me sinto sabendo que não fui competente para defender o corpo dele?

– E você imagina como me sinto sabendo que não consegui defender a vida dele?

Os olhos negros e profundos se fixaram em meu rosto.

– Eu não sei o que vi. Como disse antes... talvez era o que eu quisesse ver.

– E se eu lhe dissesse que vi a mesma coisa. Que vi por um breve segundo uma respiração de Vincent.

Ayla arregalou os olhos negros, a boca aberta para a surpresa tremeu, emocionada. Mas logo depois mudou a postura, assumindo uma expressão ríspida, defensiva.

– Eu diria que você está inventando algo que só vai aumentar a dor dos que gostavam dele.

Nesse momento, estreitei meus olhos, confirmando uma antiga suspeita. Ela gostava dele. De outra forma.

– Se você *gosta* dele, entende como é importante confirmar essa esperança.

– Eu gosto dele. E isso me faz ser cautelosa com o que posso fazer para machucar a lembrança do meu *amigo*.

A provocação foi direta. Era a hora da minha vingança... de deixar claro a escolha de Vincent. Inspirei longamente, e isso não pareceu divertido. Eu me senti mal, iria magoá-la.

– O espelho de Vincent se revelou para mim. Com a cena da sala do portal. E vi o mesmo que você, Vincent respirando.

Os olhos negros e profundos ficaram opacos. O rosto da ninfa perdeu vida e tive um pequeno vislumbre do estrago que a novidade fez com *suas* esperanças. Isso incomodou. Hesitante, Ayla procurou as palavras.

– O *Espelho de Nereu* da família de Vincent... ele se revelou à você?

– Sim.

A sereia abaixou os olhos negros e os fechou. Desta vez, controlei minha ansiedade e esperei. Ela merecia ficar em paz com seu minuto revelador. E, mais uma vez, algo naquele rosto furta-cor me fez lembrar Arthur. Com um movimento corajoso, Ayla levantou o rosto e só depois abriu os olhos. Agora eles brilhavam com a sombra da minha ansiedade.

– O que mais você viu na imagem?

– Se quer saber do seu atacante... Não, eu não o vi. A imagem focava Vincent, por isso notei seu movimento ao respirar. – Eu me aproximei da ninfa, determinada. – Por favor, Ayla, só preciso que confirme.

Ela suspirou.

– Sim. Acho que o vi respirando. Mas foi muito rápido, não pude confirmar. No segundo seguinte, alguém me atacou, e a dor queimante levou meus sentidos. Eu não vi mais nada.

Assenti sorridente e, sem poder controlar a emoção, agarrei a sereia em um abraço apertado.

– Obrigada. Muito obrigada.

Ela se desvencilhou do meu abraço, ajeitando os cabelos.

– Isto não basta, Melissa. É apenas uma suposição. As visões do *Espelho de Nereu* podem mudar. De qualquer forma, ele continua desaparecido. E, depois de tanto tempo, pode estar...

– Não. Ele não está. E isso não é uma suposição, é um fato. Você sabe disso – falei firme e a sereia estreitou os olhos negros, achando brechas na minha certeza. – Eu tinha esperanças, Ayla... elas eram brasas que me mantiveram viva, mas agora, labaredas queimam meu coração. Vincent pode estar desaparecido, mas está vivo! Tenho certeza. Acho que sempre tive – sustentei os olhos negros.

– Você é minha confirmação – eu me aproximei mais uma vez. – Eu preciso encontrá-lo... Vincent deve estar com algum problema, ou já teria voltado.

– Como sabe que ele quer voltar?

Muito bem, segunda provocação. Engoli com dificuldade, mas respondi concentrada.

– Eu sei – apertei a mão, sentindo o anel em meu dedo. – Apenas sei. Preciso encontrá-lo, Ayla, e espero que me ajude.

A ninfa das águas mordeu o lábio e deu alguns passos ao meu redor. De costas para mim, murmurou:

– Por que não pede ajuda para os Von Berg?

Soltei o ar, incomodada com sua hesitação.

– Eu precisaria convencê-los de que Vincent está vivo, haveria burocracia, e eles, com certeza, envolveriam o Conselho na busca... e depois da última traição, não sei quantos informantes o... “raptor” tem nesta montanha. E, se ele ainda estiver com Vincent, todo esse alarde pode afugentá-lo – dei um passo, tocando a pele fria da sereia. – Não quero machucar Aristela com uma ilusão. Já “você” tem sua prova. E, se eu estiver errada, terá o raptor, seu atacante. E sei que quer encontrá-lo tanto quanto eu. – Levantei o queixo – Se me ajudar, podemos ir atrás de Ludwig.

A sereia virou bruscamente, tocando a cicatriz em seu pescoço.

– Por que acha que é ele?

Encarando o rosto surpreso, girei o pescoço e, afastando meu cabelo, expus minha cicatriz, que poderia fazer um par gêmeo com a dela.

– Eu sei. E essa não é uma suspeita minha. Era a suspeita de Vincent. Ele achava que Ludwig estava nos cercando na montanha... E confio em Vincent, mais do que qualquer coisa.

A ninfa das águas deu um passo para olhar de perto. Depois, saltou os olhos nos meus.

– Ir ao encontro de Ludwig sem provas não é uma atitude inteligente. Ele tem seus meios para ser temido. Além disso, nunca ninguém conseguiu provar nada contra ele... E seus acusadores sempre acabam punidos por difamação.

Eu bufei.

– Não tenho medo dele.

Ayla balançou a cabeça.

– Você é mais imprudente do que ele dizia – disse ácida, mas meus lábios se esticaram, contraditórios ao seu humor. Eu sabia de quem ela estava falando. A sereia reprovou meu sorriso. – Não é uma questão de ser corajosa, Melissa, como disse, isso não é inteligente – finalizou provocativa.

Abri a boca para lhe dar uma resposta, mas logo a fechei, concentrando-

me em meu objetivo. Ajuda. No fundo, ela tinha razão... Ir atrás de um mago das sombras poderoso era estupidez, eu sabia disso. Mas ainda achava que a força cega do meu amor era meu melhor argumento. E não poderia brigar com a ninfa das águas, ela era minha única alternativa! Alex, Viviana, Félix, muito menos Anasor concordariam com isso. Ainda mais sem uma prova concreta... E nem precisava mencionar Aristela e Nicolau!

Inspirei profundamente.

– Se você não quer ir comigo... diga apenas onde encontrá-lo. É a única coisa que lhe peço.

A sereia se fechou, e a dúvida estampava seu rosto.

– Esconder isso dos Von Berg aumenta sua tolice a níveis hediondos.

– Os Von Berg não me deixariam ir... mas eu preciso localizar Ludwig – endireitei os ombros, ela poderia chamar isso de burrice, mas eu chamava de amor. – Por Vincent, por mim.

– E como acha que vai enfrentar um mago das sombras?

– Não pensei nisso ainda... mas, se for preciso, uso meus poderes – argumentei, tentando convencer a sereia a me dar uma pista. E vi seu queixo cair.

– Você... Você? Como?

Eu sorri, finalmente consegui deixá-la sem voz.

– Algo com minha herança... – soltei o ar – o desenvolvimento desse poder provavelmente foi retardado pela absorção de Ludwig – gesticulei para a cicatriz no pescoço. – E voltou naquele dia, na Terra da Luz. Eu acho – inspirei longamente. – O problema é que, sem querer, absorvi parte dos poderes de Vincent. Foi um acidente. Mesmo assim, foi por minha causa que ele estava fraco durante o ataque – meus ombros caíram com a carga da culpa. – Por isso preciso ir buscá-lo... entende?

O choque no rosto da sereia virou fúria. Seu olhar revoltado ampliou minha culpa, abaixei o rosto e vi suas mãos se fechar em punho... mesmo assim, fiquei quieta. Seu julgamento não poderia ser questionado. Depois de um longo minuto de silêncio, ela sibilou:

– Eu avisei que esse amor era um chamado da maldição, mas ele não quis me ouvir. Estava iludido com a ideia de felicidade. Uma felicidade que não pode ter.

Levantei o rosto, quase concordando com ela. Mas meu coração deu um grito em meu peito... e ele estava certo. Ainda acreditava que a tal maldição já havia sido quebrada há muito tempo. E Vincent tinha o direito de sonhar com a felicidade, como qualquer um! Ele merecia um futuro. E eu desejava esse futuro ao seu lado.

– Ele pode – mergulhei na escuridão líquida dos olhos que me fuzilavam.

– E, se você *gosta* mesmo dele, também deseja sua felicidade. – Levantei o queixo – Eu posso fazê-lo feliz, Ayla... Só preciso de uma chance. Não estou pedindo que venha comigo. Apenas me diga onde e vou buscá-lo. Mesmo que, para isso, tenha de dar minha vida a Ludwig.

A sereia sustentou meus olhos por mais alguns segundos e algo neles a fez mudar de postura. Ayla abaixou o rosto, com movimentos inquietos, deu alguns passos até o lago de águas cristalinas, em silêncio fitou a cadeia de montanhas menores do outro lado do vale. Eu aguardei torcendo as mãos, ansiosa para saber se havia conquistado uma aliada. Sem dizer uma palavra, ela movimentou os braços e a água do lago recuou, revelando uma escadaria forjada nas pedras.

– Venha comigo.

Olhei para a silhueta voluptuosa da sereia que descia os degraus e medi a profundidade daquele buraco... mais uma espiada para a cortina de água que pingava nas laterais e engoli em seco. Ela não gostava de mim, e isso poderia ser uma armadilha. Vacilei, lutando para me mover enquanto meu cérebro gritava alertas e xingamentos. Rangendo os dentes, dei um passo à frente. E ouvi uma vozinha... lá no fundo... me chamando de louca. Justifiquei ao meu descrente senso de preservação que isso era um treinamento, afinal, estava disposta a enfrentar um mago das sombras! O que era uma visita às profundezas? E a vozinha repetiu... *louca!*

Depois de alguns degraus, a claridade mudou ao meu redor, à medida que a luz externa ia diminuindo, uma luz na parede de água brilhava entre o branco e o azul fluorescente. Aquilo não parecia bom. Mais alguns degraus e tive de colocar a mão sobre os olhos... Ayla me espiou sobre o ombro e, com um gesto dela, a luz diminuiu, ou, se afastou.

Olhei com atenção para o outro lado da cortina de água, seguindo o contorno brilhante até que ele se moveu. Engoli em seco mais uma vez, travando os pés no degrau de pedra.

– O que é aquilo?

Ayla seguiu meu dedo e levantou os ombros.

– Segurança – disse sem acrescentar mais nada.

Meus olhos continuavam presos na forma arredondada que se movia para lá e para cá pulsando a luz brilhante através da água. O guarda-chuva gigante se aproximou mais uma vez, e desta vez cresceu... deveria ser maior do que uma pessoa. Recuei um degrau e parei de novo. Congelada. A coisa se afastou, mas continuei ali, ponderando... Caminhos estreitos, paredes de água, ninfas... sim, eu poderia lidar com isso. Mas monstros? Com uma espiada para cima, avalei a distância da superfície e cheguei a cogitar a hipótese de subir correndo.

Ayla percebeu meu receio e parou, voltando-se para mim com a expressão debochada.

– Onde está sua coragem, senhora “*Eu vou enfrentar um mago das sombras, sozinha e sem nenhum plano?*”

Estreitei os olhos para a sereia, mas eles logo se arregalaram.

Aqui embaixo as coisas eram diferentes. Muito diferentes. A sereia parecia ainda mais bonita... se isso fosse possível. Seus olhos não eram mais pretos, agora assumiam um verde-claro brilhante, destacando-se na pele rosada. Seus cabelos flutuantes desciam sobre as costas, acobreados e brilhantes, revelando seu comprimento, que chegava perto dos joelhos... A roupa quase transparente escondia as mesmas formas insinuantes e destacava a pele delicada ... Abri a boca, mas não disse nada.

Ayla girou os olhos no ar.

– Esta sou eu. A superfície não permite que minhas cores sejam vistas – ela suspirou. – Você vai continuar? Sim ou não?

Pisquei algumas vezes.

– Sim – afirmei duvidosa. – Mas... aquilo vai permanecer lá, não é? – apontei para a forma arredondada, pulsando sua luz na água.

O guarda-chuva de luz chegou bem perto e tentáculos dançaram nos limites da parede... brilhantes e ameaçadores... aquilo parecia uma água-viva gigante!

– Claro – disse com descaso, voltando a descer os degraus. – Nossos guardiões são agressivos com estranhos. Se sobreviver às queimaduras, não escapará do veneno... é mortal – de costas, levantou um dedo para a parede. – Eles, normalmente, não ficam aqui, mas depois da invasão dos duendes concluí que o “espelho das águas” precisava de mais segurança.

Desviei rapidamente os olhos da forma brilhante, entendendo o passeio até as profundezas... O espelho da sereia ou “espelho das águas”! Ele poderia me levar a qualquer outro espelho que tivesse tamanho suficiente... era um tipo de portal! Atentando-me ao caminho, desci rapidamente os degraus molhados de pedra até colar na sereia. Depois de um minuto ouvindo o eco dos meus passos no chão molhado, chegamos a uma sala gotejante. Derrapei no chão escorregadio, e fui parar nas costas da sereia... Ela me firmou com uma careta e apontou para uma poltrona esculpida na rocha.

– É melhor ficar longe das paredes.

Eu obedeci, mas levantei rapidamente ao notar o volume ao meu lado envolto em um manto negro. Ayla parou ao lado dele e puxou o tecido, revelando um grande espelho cravado na pedra.

– Você pode me levar até um espelho da casa de Ludwig? – perguntei

animada.

A sereia estalou os lábios, olhando-me com reprovação.

– Primeiro... eu não sei onde Ludwig está. Sei que ele tem propriedades na Terra das Sombras e já ouvi alguns dizerem que ele passa boa parte do tempo no mundo físico. Segundo... não acho que um mago das sombras ardiloso como *ele* esconderia um prisioneiro em sua casa. – Levantei os ombros, não custava nada sonhar, e Ayla girou os olhos. Sabia que estava julgando minha inteligência mais uma vez. – *Terceiro...* – desta vez, eu girei meus olhos... Havia um terceiro empecilho? Ela ia ajudar ou não? A sereia ignorou minha ansiedade e continuou. – Como sabe, meu espelho é um portal... e, desde o ataque dos duendes à sua casa, está sob a vigilância do Conselho. Não posso transpor nada nem ninguém por ele sem que o Conselho fique sabendo. E, pelo que entendi, não quer que eles fiquem sabendo da sua busca.

Soltei meu corpo na poltrona de pedra novamente.

– Não. Ainda não. Se eles souberem, todos saberão... e ainda acredito que Ludwig tenha informantes aqui – levei as mãos aos cabelos, forçando minha concentração. – Se ele está mantendo Vincent prisioneiro, pode desaparecer com qualquer pista... ou pior, Ludwig está confiante que ninguém irá atrás dele sem provas e, por isso, nem sonha com uma visita. E meu único trunfo é o efeito-surpresa – eu bufei. – Mas que *droga*, Ayla, pensei que você ia ajudar! O que estamos fazendo aqui, afinal?

– E me pergunto com *quem* aprendeu a ser impaciente... – A sereia ajeitou as mechas acobreadas nos ombros, indignada com minha falta de fé. – Não podemos atravessar, mas podemos olhar – disse astuta.

Eu me levantei mais uma vez, quase batendo palmas para a sereia... entendendo finalmente por que Vincent a admirava. Ayla ignorou meu olhar de idolatria e levou a mão aos fios acobreados, soltando o ar, pensativa.

– Vincent me disse, uma vez, que os magos usam a fragilidade do mundo físico para se proteger... para se esconder entre os normais. E se Ludwig está envolvido nisso – ela me olhou de soslaio –, e sabemos que está –, completou esfregando sua cicatriz –, imagino que em momentos de tensão sintasse-se mais seguro onde possa controlar tudo e todos ao seu redor.

Voltando para o espelho, Ayla ergueu as mãos, fitando o próprio rosto, depois tocou o vidro suavemente, na altura da cabeça. A sereia fechou os olhos, mas em seu reflexo, eles continuavam abertos... aquilo era perturbador. Ela estalou os lábios mais uma vez, produzindo um som estranho, como um canto desafinado... e seu reflexo virou no espelho, caminhando para as profundezas do infinito. Afastei-me um passo, temerosa com o resultado da magia. Quando seu reflexo desapareceu na distância, algo mudou... todo o resto das imagens

refletidas se dissolveu. O vidro reflexivo não mostrava mais a sala, apenas tremulava, como a água de um lago cristalino.

A sereia afastou a mão da superfície e ela pingava, molhada. Levantando o queixo, ela pronunciou baixo:

– A casa de Ludwig Dukell no mundo físico.

A água tremulou ainda mais forte e se acalmou, até ficar serena e reflexiva... como um espelho. Uma imagem começou a ficar nítida, revelando uma sala vazia. Ayla aproximou a mão do espelho, tocando-o, e outra sala apareceu, nela havia alguns móveis cobertos por um lençol branco. A sereia estalou os lábios, repetindo sua solicitação em voz alta. Como antes, a água dentro da moldura tremulou, até compor uma imagem nítida. Desta vez, a sala refletida estava apinhada por uma decoração requintada. A sereia se aproximou curiosa, tocando a superfície líquida do espelho, e tudo foi encoberto por uma névoa cinza que surgiu do nada. Repelindo a sereia, que foi jogada para longe.

Apressei-me em ajudá-la.

– Você está bem? – perguntei, endireitando a sereia no chão molhado. Ela afirmou atordoada, depois olhou para o espelho, cautelosa. Eu segui seu olhar. – O que foi aquilo?

– Magia das sombras... – disse quase debochada. – É claro que um mago como Ludwig teria um escudo de proteção ao redor de sua casa. Ele impede que qualquer coisa se aproxime... mas confirma que ele está *nesta* casa – ela sorriu – ou que está protegendo algo que está lá.

Eu retribuí seu sorriso, sentindo meu coração galopar no peito.

– E onde fica? – perguntei afobada.

A sereia girou o rosto com desprezo.

– Não tenho ideia, Melissa, isso é um espelho, não um mapa.

Senti as rédeas da decepção frear meu coração. Apertei os olhos com o indicador e o polegar... a magia e suas travas inconvenientes. E o *insight* me fez abrir os olhos.

– Como você disse, podemos olhar, não podemos? – falei eloquente, e a sereia encontrou meus olhos com um sorriso, levantando meu status em seu conceito. – Você pode espiar todos os espelhos da casa?

– Sim.

A resposta curta acelerou minha respiração mais uma vez. Ayla levantou do chão e, apressando-se até o espelho, aproximou as mãos da água... sem tocá-lo. Murmurando mais algumas palavras incompreensíveis em seu canto desafinado, fez a superfície tremular... e a imagem refletida fazia jus a um palacete. Nesta outra sala, ainda mais requintada, havia um horrendo tapete vermelho, grandes lustres de cristal e poltronas de couro escuro. A sala possuía

vidraças amplas, mas estavam camufladas por cortinas... o que tornou imprecisa a visão das edificações de tijolos mais próximas. Suspirei impaciente e Ayla cantou mais uma vez. Agora, um espelho de tamanho médio refletia uma janela estreita, do outro lado, o céu cinza... e o topo de uma torre que lembrava uma igreja. Balancei a cabeça com a ironia e pulei para trás quando um vulto cruzou a imagem. Voltei ao espelho com um sorriso e Ayla levantou a mão sinalizando que não era quem eu imaginava. Rapidamente, ela recomeçou seu canto de sereia.

Duas tentativas depois e finalmente encontramos um espelho de tamanho considerável que refletia uma bela sacada... *aberta*. Eu me aproximei, tentando registrar todos os detalhes do reflexo. Nele havia muitas árvores, mas também espaços amplos, canais sinuosos... e, um pouco distante, um monumento rodeado por um jardim redondo.

– Parece um parque... – eu cheguei mais perto, apontando o monumento sem tocar a água. – Isso não é estranho – disse confusa.

A sereia também se aproximou e, levantando o dedo, indicou o movimento de alguns pontos coloridos.

– O que é isso?

– Bicicletas – respondi espantada. E subindo os olhos para o topo do espelho, foquei os predinhos espremidos de arquitetura familiar. – Eu já vi esse lugar...

Antes que eu dissesse qualquer coisa, a névoa cinza tomou a imagem. Ayla agiu rápido, cantarolando algo em seu tom esgoelado. Ela apoiou as mãos na superfície líquida e escorregou ao chão, parando de joelhos. Uma careta contorceu seu rosto e ela fechou os olhos, espremendo um gemido... e entendi que aquilo não era mais um canto.

Aflita com o sofrimento da sereia, agarrei o manto negro, jogando-o sobre o espelho. Ayla caiu de costas, arfando. As mãos sangravam com queimaduras profundas.

– Oh... Ayla, Ludwig a descobriu?

– Não. Acho que não. Ele identificou um intruso e intensificou a magia... Se suspeitasse de algo, teria feito algo mais definitivo – ela avaliou as mãos. – Mas isso deve bastar para deixá-lo alerta. – Os olhos verdes prenderam os meus. – Você tem certeza de que quer continuar com isso? Podemos tentar falar com os Von Berg... Talvez eles aceitem fazer uma busca em sigilo.

Apoiei a ninfa, levantando-a com cuidado.

– Não, Ayla. Nicolau e Aristela não podem esconder nada do Conselho... E, se isso alertou Ludwig, qualquer murmúrio sobre uma visita pode destruir qualquer chance de resgate. – Sondei seus ferimentos e escondi meu pesar,

Levantando o queixo, falei com convicção. – Agradeço sua ajuda, as imagens ajudaram muito... acho que já vi aquele lugar. E, se for onde imagino, tenho meios de chegar até lá. Desculpe por ter se arriscado. Nunca foi minha intenção que se machucasse.

A sereia abaixou as mãos.

– Você não vai me dizer onde é esse lugar?

Encarei os olhos verdes, extremamente brilhantes, e baixei o olhar até suas mãos. Minha consciência culpada pulava de um lado para o outro, avisando que eu não deveria fazer isso com ela... Mas minha determinação alegava que a ninfa poderia avisar alguém. Ou se arriscar nessa empreitada sozinha. E, no fundo, eu ainda não confiava nela.

– Desculpe – murmurei de olhos baixos.

As mãos da sereia se fecharam e um grunhido ecoou ao meu redor, agudo... contínuo. Eu tapei os ouvidos.

– Você é muito mais imprudente do que ele falou! Como espera conseguir convencer Ludwig de lhe dizer o paradeiro de Vincent? Você não tem ideia do que ele é capaz!

Nesse ponto ela estava certa. Eu não podia argumentar... por isso, simplesmente lhe dei as costas.

– Obrigada mais uma vez, Ayla. Espero ter boas notícias em breve. Quando souber onde Vincent está... lhe aviso.

– Melissa! Melissa... espere!

Ouvi os passos da sereia me seguindo e subi os degraus de pedra correndo. Rezando para que ela não me impedisse... rezando para que aquele bicho não me atacasse... e para que a cortina de água continuasse em seu lugar. E o mais importante, para não tropeçar em minha ansiedade e escorregar pelos degraus de pedra até a ninfa furiosa.

Com o coração acelerado, mirei o topo da escadaria... Vincent estava vivo e nada me impediria de ir ao seu encontro.

Maldição

Vincent Dippel

Eu andava alguns passos à frente dela... guiando-nos para a Torre do Conselho. Concentrado no pouco de energia que me restava, caminhei com os olhos fixos nos brasões esculpidos no chão... tentando decifrar meus pensamentos. Queria encontrar uma explicação qualquer para o que tinha acabado de acontecer. E, simplesmente, não encontrava uma resposta porque ela não existia. Se Melissa viu a cor de meu poder, ela tinha o gene mágico. Não havia outra resposta. Espiei a bela garota de cabelos amendoados... o rosto angelical... ela ficava ainda mais bonita sob a luz rosada, na verdade, parecia diferente... Resplandecente. Ela lembrava um... não. Não. Não podia ser. Balancei a cabeça rapidamente, buscando pensamentos coerentes. De alguma forma, isso era resultado da transferência de poder. Eu a espiei sobre o ombro mais uma vez... e seria mesmo uma transferência de poder?

Agarrei a mão de Melissa, atento a qualquer mudança de temperatura, e a reboquei pela porta de madeira da torre até a sala do sino. Empurrei o pêndulo uma vez, com toda a força que me restava, apressado para resolver as burocracias do Conselho... de uma vez! Isso porque agora tínhamos coisas muito mais importantes para discutir. O som metálico ecoou ao nosso redor, refletindo nas paredes de pedra, despertando-me para uma possibilidade... que responderia a tudo. Engoli em seco.

Os doces olhos amendoados encontraram os meus, incomodados com a minha perturbação. E ela nem imaginava como estava perturbado.

– Diga qual é o problema, Vincent.

– Há algo errado – falei devagar, recuperando o fôlego. Melissa me respondeu com um olhar irônico, o humor afiado que a deixava ainda mais bonita... Com um suspiro cansado, concentrei meus pensamentos. Mas era fato, de alguma forma, seus encantos aumentaram na Terra da Luz. E isso alimentava a ideia quase impossível. Os olhos amendoados focaram meu rosto, e neles vi a angústia por respostas. – Melissa... mesmo com o feitiço de transferência, você não deveria ver meu poder.

Eu vi a aflição tomar seu corpo. Melissa era racional demais quando o assunto era magia, e, pelo visto, sua incredulidade tornaria o processo um tanto traumático. Mas precisávamos esclarecer isso... E poderia fazer o teste novamente, fulgir minha aura de poder. De propósito desta vez.

Busquei o calor em meu peito, chamando-o. E tudo o que recebi foi um

tremular tímido. Eu ainda estava fraco... E só a tentativa de reunir meu poder me deixou ainda pior. Apoiei-me na viga do sino, cansado pelo esforço, avaliando a bela garota de olhos apavorados.

– Isso quer dizer... que posso ser uma...

Antes que as palavras de Melissa confirmassem a ideia em minha mente, a voz de Nicolau ricocheteou nas paredes de pedra.

– Que bom que chegaram!

Nicolau abriu a porta diáfana da Sala dos Portais com um sorriso exagerado nos lábios. Claro, Aristela já deveria ter contado sobre o Pacto de Futuro... para a montanha toda! Eu nem havia falado com o responsável pela garota e Aristela já deveria estar preparando a recepção de anúncio! Meu tutor se aproximou para um abraço emocionado e, de repente, lembrei-me que um assunto era mais importante até que a união com a mulher que eu amava. Fixei os olhos em Melissa, pedindo sigilo sobre nossa conversa, mas ela estava dispersa demais para entender... típico.

Nicolau se afastou com o mesmo olhar emocionado, mirando a garota de olhos apavorados.

– Sei que não foi fácil chegar aqui, mas acho que finalmente temos a chance de provar que essa reserva à presença de Vincent é infundada.

Para minha alegria, Nicolau relacionou a apreensão de Melissa à recepção da vila ou ao depoimento ao Conselho. E isso era bom. Esse não era o local adequado para desvendarmos possibilidades. Conhecendo a irritante Lorelei, ela convenceria o Conselho a colocar Melissa em quarentena... até descobrir “como” e “por que” seu poder se desenvolveu tão tarde. E isso seria apenas o começo, depois viriam testes exaustivos que analisariam a origem de seu poder... seu dom... Levantei os olhos até ela. *Seu dom!*

Fui atropelado por essa possibilidade, literalmente. Sentindo o peso de seu significado me esmagar, desliguei-me da conversa e apenas os segui. Melissa pareceu se controlar e encheu Nicolau com perguntas enquanto ele respondia alegremente, como todo bom mestre, ansioso para dividir seu conhecimento. Incomodado com minha fadiga, e com os pensamentos cada vez mais improváveis, desfiz minha capa de proteção, precisava economizar energia... e desejei, mais do que nunca, um bom pedaço de chocolate.

As explicações de Nicolau progrediam a todo vapor... tudo o que temi revelar a Melissa por um mês inteiro foi jogado sobre ela em alguns minutos. E, para meu espanto, ela parecia aceitar os fatos com naturalidade... contorci o rosto. Talvez, ela estivesse certa... eu era o problema. E jurei a mim mesmo não omitir mais nada à mulher que amava.

Uma exclamação alegre chamou minha atenção. Melissa relatava sua

experiência na Terra da Luz, o rosto ainda mais resplandecente... e eu a observava, entorpecido, atraído por essa força além do meu controle. Apesar de todos os meteoros que ainda nos atingiam, era extremamente grato por ter essa garota incrível ao meu lado. Como mulher, companheira... consorte. Até o fim de meus dias.

Lendo meus pensamentos, Nicolau aprumou-se, no rosto a expressão diplomática de admiração.

– Você possui qualidades valorosas, Melissa. E, acima de tudo, é muito gentil. Imagino que a recepção na vila foi pouco convidativa, tanto ou mais que na Terra das Sombras. E fico feliz que, mesmo no meio dessa confusão, sua experiência no Mundo Mágico não deixou más impressões. Sou agradecido por sua disposição. E, principalmente, por nos ajudar a mudar a receptividade que o Mundo Mágico oferece a Vincent. – Meu bom tutor, o homem que merecia o título de meu pai, dançou os olhos entre Melissa e eu. – Estamos muito felizes por Vincent ter escolhido alguém tão especial. É uma honra tê-la em nossa família.

Ouvir sua bênção me deixava muito satisfeito, e foi importante o suficiente para fazer Melissa corar. Como sempre, em sua dificuldade eterna de aceitar suas próprias qualidades. Mas ela manteve o rosto erguido e, neste momento, minha vontade era me ajoelhar e repetir o discurso de Nicolau, acrescentando ao final minha devoção. Ela era tudo o que faltava em mim: modéstia, bondade, amor, coragem... E, acima de tudo, aceitação. E como eu era grato por ela simplesmente aceitar meu amor.

– Também estou muito feliz. – Melissa falou docemente, confirmando meu pensamento apaixonado.

Ela encontrou meu rosto e os olhos amendoados brilharam perspicazes, e o momento emocionado desapareceu. Esse olhar tinha o poder de fazer minha paixão virar pó. Em segundos, ficou claro, ela ia jogar toda a cautela pela janela. E o temperamento impaciente de Melissa era um convidado indesejado agora. Aproximei-me, mas não rápido o suficiente...

– Ah... Aproveitando o assunto, Nicolau.... bem, na verdade, nossa recepção aqui foi um pouco mais complicada. Mas isso não tem nada a ver com a vila – ela disse. Não segurei a careta.

Nicolau mudou de postura no mesmo instante, e eu já estava ao lado de Melissa e, depois de um olhar repreensivo, assumi o controle.

– Eu usei uma das passagens dos duendes para vir pela sombra com Melissa... e havia uma armadilha nela. Nada grave, apenas um feitiço que capturou parte de meu poder. Só estou fraco. Mas isso se resolve com descanso... Um pouco de elixir revigorante de Alex e *muito* chocolate – concluí, ansioso

pela parte do chocolate.

Nicolau veio para meu lado, avaliando-me cautelosamente, como era de se esperar. Deixei outro longo olhar reprovador sobre Melissa, mas ela nem o notou. Nicolau afastou-se, esfregando o queixo... Como eu gostaria de esclarecer tudo. Meu tutor, com certeza, teria a resposta certa para cada dúvida, mas uma espiada no Portal de Fogo e mudei de ideia. O problema era esclarecer isso *aqui*.

– Armadilha? – Nicolau irrompeu duvidoso. – As armadilhas dos duendes foram desativadas desde o incidente no Jardim Vermelho. Eu mesmo dei a ordem. E, depois do ataque à casa de Melissa, o domínio deles na Terra da Luz está em suspensão. O *Reino da Terra* está em quarentena, os duendes estão proibidos de usar magia até segunda ordem.

E este era justamente o esclarecimento de que eu precisava.

Procurei o rosto de Melissa e, pelo olhar horrorizado, ela, com certeza, chegou à mesma conclusão. Era ela o tempo todo! Sim, havia poder nela... e não era o meu. Isso abria um leque muito maior de probabilidades, que incluíam grandes descobertas e possíveis problemas. Segurei um suspiro, mais problemas. E o maior deles: sua origem. Isso tudo, definitivamente, não deveria ser discutido aqui.

Melissa aproximou-se de Nicolau, em seus olhos vi o temor pelo desconhecido ativando seu escudo de negação.

– Mas os duendes podem ter desobedecido às ordens, não podem? Eles podem ter deixado uma armadilha?

– Podem. Eles podem. Possivelmente. Isso é típico. Mas que... – Nicolau controlou-se antes de esbravejar algo pejorativo demais para ser pronunciado na frente de uma dama, principalmente uma que o veria como pai. Ele segurou a mão da garota de olhos arregalados, ignorando a aflição por trás da dúvida. – Desculpe, minha cara. – Ele me encarou brevemente, mas entendi o aviso, “*não falem sobre isso até que eu tenha respostas*”... eu quase sorri. Era tudo o que eu queria. – Fiquem aqui. Vou avisar o Conselho que chegaram. Preciso tomar algumas providências.

Nicolau bateu as mãos em minhas costas, afastando-se. Pensei em avisá-lo para não comentar sobre o Pacto de Futuro com o Conselho, não queria constranger Melissa com questionamentos... que provavelmente aconteceriam... mas não houve tempo. De qualquer forma, se quisesse fazer isso da maneira certa, seria melhor usar a oportunidade para solicitar a aprovação da união. E, então, poríamos fim a tantos olhares desconfiados. Soltei o ar, concentrando-me em Melissa, mas ela nem me notou ao seu lado. Como sempre, estava distraída e, desta vez, pelos feitos mágicos do Portal de Fogo.

– Precisamos conversar – falei firme, trazendo seriedade para minhas

palavras.

Ela virou cautelosa, encolhendo-se em um abraço amedrontado.

– Você não está achando que eu sou... que eu tenho algum... – gaguejou, mas não continuou.

Aproximei-me com cuidado, não queria assustá-la ainda mais, mas estava claro, ela mesma já sabia. O que me espantava agora era como um fato desses passou despercebido diante dos meus olhos.

– Não posso afirmar nem descartar a possibilidade. Afinal, você tem magos na família e não temos pistas da origem da linhagem de Alice... Ou – eu parei, não queria chocá-la com suposições do seu passado, mas uma olhada para o rosto angelical, os cabelos amendoados... e a ideia se tornou mais lógica do que nunca – da sua. Ao contrário dela, que se desenvolveu antes, algum fator pode ter sido responsável pelo atraso no seu desenvolvimento.

E, de repente, os fatos se alinharam com rapidez... Um pai desconhecido. O encontro com Ludwig no bosque. A idade certa. A absorção. O tempo que levaria para esse poder se restabelecer longe das propriedades curativas da Terra da Luz. E outros pequenos detalhes, como o mirante, estava tudo claro. Fitando os olhos amendoados, eu os vi clareando para os dourados magnéticos. Era o poder. Que sempre esteve ali. Com ela. Melissa sustentou meus olhos e explodiu ao acompanhar a descoberta em meu rosto.

– Vincent, isso é loucura! Eu não me sinto diferente. Além disso, ouviu o que Nicolau disse? Os duendes podem ter desobedecido às ordens.

E lá estava a negação novamente, como um escudo. Melissa estava apreensiva, nervosa e entendi que talvez esse fosse seu único medo. Magia. Com uma longa inspiração, resolvi ajudá-la a enfrentar a mudança... Tentei chamar meu poder mais uma vez, e era frustrante não ter resposta. Sem o apoio mágico, ficaria mais difícil argumentar com sua teimosia.

– Por isso, precisamos investigar. Não vou criar alarde sem antes ter uma resposta concreta. Principalmente aqui. Este não é um bom lugar para falar coisas da qual não temos certeza. Precisamos descobrir por que isso só surgiu agora. Portanto, se puder segurar sua ansiedade... Isso é muito sério, Melissa.

– Acha que não sei que isso é sério, Vincent? – retrucou mais nervosa do que deveria – Está acontecendo comigo!

E a culpa me alcançou. Eu deveria ter percebido isso antes, eu tinha o conhecimento mágico. E agora ela estava perdida, sentindo, pela primeira vez, como era ser “diferente” do seu normal.

– Eu sei, desculpe. Mas quero que confie em mim, estou aqui com você – estiquei um afago carinhoso em seu rosto. – Estarei ao seu lado, Melissa. Sempre. Não importa o que aconteça. Eu prometo. Vamos resolver isso. Juntos.

Ela colocou sua mão sobre a minha em seu rosto, inspirando calmamente. Aceitando meu amor. Desta vez não segurei o sorriso satisfeito. Mergulhando no dourado magnético de seus olhos, imaginei que ela logo entenderia as coisas incríveis que a esperavam no mundo da magia... e como essa mudança a tornaria mais forte. Mais forte do que ela já era. E, então, fui tomado pela plenitude da felicidade, consolidada pela honra de ter como consorte a mulher à minha frente.

Melissa entortou os lábios, acompanhando meu humor.

– Algo me diz que você está ficando feliz com essa possibilidade.

– Um homem pode sonhar, não pode? Isso resolveria muitos problemas – ao ouvir minhas próprias palavras, o pensamento de felicidade foi extinto. E agora, sobre mim, pesava a sombra mortífera de uma maldição. A ideia da origem do poder de Melissa era absurda, mas a ausência de uma aura que fulgisse sua cor era indiscutível. Eu engoli em seco... e falei à meia-voz, quase que para confirmar meu pensamento: – Mas, dependendo de sua origem, poderia criar muitos outros. Unir opostos seria um desastre.

Melissa franziu os olhos.

E eu estreitei os meus, percebendo um movimento nas sombras da parede de pedra.

– Opostos? O que você quer...

Coloquei minha mão em seus lábios. Não era o momento de dividir esse assunto com os outros. Ainda mais com Lúcius.

– Não estamos sozinhos, depois continuamos essa conversa – falei baixo, depositando um beijo em sua testa para acalmá-la.

Meus olhos seguiam o contorno do elfo das sombras, que se deslocava com agilidade pela escuridão das paredes de pedra. E, para usar a carona das sombras, ele deveria estar atrasado... isso não combinava com Lúcius. Mais um ponto para somar às minhas desconfianças. Nunca esperei ter de desconfiar de alguém tão próximo, mas depois de Ludwig, aprendi a olhar qualquer comportamento suspeito com olhos atentos. E a insistência... somada ao abandono da escolta na noite anterior, que coincidiu com a visita de um mago das sombras, era muito suspeita. Além disso, a reação de Lúcius esta manhã, quando contei do Pacto de Futuro com Melissa, não foi nada receptiva. Na verdade, sua aparente irritação com o assunto foi uma grande decepção, quase a confirmação de minha suspeita. Eu precisava esclarecer algumas coisas com o elfo.

– Você está atrasado – falei com um tom firme. A sombra de Lúcius circulou a parede atrás de Melissa, contornando os feixes de luz no chão, vindo ao nosso encontro. – Pensei que já estaria aqui nos esperando. Agora que

chegou, podemos...

Meu ar foi roubado pelo golpe certo. Eu arfei, mais de surpresa do que de dor.

Mas o segundo golpe foi diferente... nele eu senti a lâmina rompendo a pele, perfurando músculos e órgãos... o agudo de agonia balançou meus joelhos. Apoiado em Melissa, tentei me concentrar no pouco de poder que me restava, reuni-lo na região do ferimento, precisava dar resistência ao meu corpo... e recebi o terceiro golpe. Depois deste, a dor já se alastrava pelo abdômen, roubando meu fôlego. E era tão forte que mascarou outro golpe. Melissa me apoiava com esforço, sem entender o que acontecia. Levantando uma das mãos, assustou-se com meu sangue... Os olhos dourados focaram meu rosto, apavorados, sem entender de onde ele estava vindo.

– Vincent... você está ferido.

A afirmação dela respondia a minha própria incredulidade. O quinto golpe atingiu a lateral do meu tronco, perto das costas... desta vez desabei no chão. Melissa caiu sobre mim, olhando em volta. Ela tentava me proteger com o próprio corpo, e minha aflição foi maior que minha dor. Lúcius poderia atacá-la também!

– Melissa, ele... – eu tentei preveni-la, mas o elfo escondido nas sombras me golpeou repetidas vezes... e parou. Eu estava tonto e, por um rápido momento, achei que ia ficar inconsciente.

– O que está acontecendo? Fale comigo!

Ouvi a voz dela, chamando-me de longe... e a segui. Precisava protegê-la. Não poderia deixá-la.

Com toda a minha determinação, invoquei o poder que me restava para criar um escudo – *Schild*....

– Vincent... Não faça magia, você está fraco. Isso só vai piorar.

... Para proteger a vida da mulher que amava – *Schützen, was ich liebe*.

O escudo cresceu ao redor de Melissa e o alívio momentâneo mascarou a agonia que tremia meu corpo. Ainda sentia a lâmina cravada em minhas costas e, sabendo que Melissa estava segura, rastejei para o feixe de luz mais próximo... precisava arrancar aquela coisa de mim! Com um movimento, que pareceu me rasgar em dois, curvei-me, apalpando a pele. Melissa veio para cima de mim, aflita, lutando com minhas mãos, ainda descrente do que via. O escudo dela oscilou e tentei afastá-la, procurando pelo contorno do elfo das sombras, ele ainda poderia estar aqui. Tentei falar mais uma vez, mas não consegui coordenar os sons... Um agudo de dor espalhou uma onda sufocante, tomando o controle das minhas ações e, com um último grande esforço, curvei-me, procurando o cabo da lâmina cravada em minhas costas. A dor aguda anestesiou meu corpo...

mas também parou meus pulmões... toquei em algo com a ponta dos dedos, sem pestanejar trinquiei os dentes e o arranquei.

O alívio mortal não compensou o esforço.

Tentei me aproximar de Melissa e, para meu alívio, ela veio ao meu encontro.

– Sombra – murmurei, e o sopro de voz descontrolada confirmou a gravidade do meu estado... Isso apavorou.

– *Shiii...* eu sei, há um mago das sombras aqui. Ele está fazendo isso.

– Não – tombei a cabeça, indicando o chão... na esperança de que Melissa pudesse ver a silhueta de Lúcius. – Na sombra – sussurrei com esforço.

Tentei continuar, mas algo espesso subiu por minha garganta, afogando minha voz. Melissa falou comigo e a voz dela ficou distante. Pisquei, focando o rosto angelical e o terror passou por meus olhos... o escudo não estava mais lá. Ela falou algo sobre sair e só pensava que Lúcius estaria esperando por ela. – Não – soprei a palavra sem saber se ela me ouviu.

– Volto em um segundo. Não vou abandoná-lo, eu juro. Mas preciso buscar ajuda.

Senti seu rosto contra o meu e ela me deixou. Em seguida, o som agudo do sino se espalhou pela grande sala dos portais... E um grito aflito ecoou no meio dele.

O rosto perolado de minha amiga apareceu ao meu lado. Ayla gritava algo a plenos pulmões, mas eu estava entorpecido, sem controle para ouvir ou responder.

– Vincent! Sou eu. Voltei. Abra os olhos! Abra os olhos!

Um toque conhecido correu meu rosto, meus braços... e meu corpo seguiu seu comando.

Ayla desapareceu, e agora, vozes conhecidas se misturavam. Mas nada mais importava. Queria apenas me concentrar no calor ao meu redor, que crescia a cada segundo, impulsionado por seu poder... Meu anjo, minha doce maga de olhos dourados apertou-me nos braços, murmurando em tom aflito:

– Fique comigo... fique comigo.

Eu sabia que esse era o fim. E estava satisfeito por ser apenas o *meu* fim. O preço que paguei por ousar viver minha felicidade. Por enfrentar a maldição dos magos das sombras. Ainda assim, não me arrependi. Eu me entregaria à punição sem remorsos, pagaria seu preço. Daria minha vida e ainda seria feliz por tê-la amado. E essa foi a melhor escolha que fiz em minha vida, amá-la. Melissa foi o presente que o destino me reservou e levaria seu amor como a doce lembrança de um sonho... uma vida sem medo.

Pisquei, focando o rosto da mulher que amava uma última vez.

– Sempre.

A inconsciência era constante. Pacífica. Nela eu navegava... esperando o ponto de onde não haveria volta. Mas fui resgatado pelo toque de uma brisa doce, que aqueceu meus lábios. E se tornou um tufão.

Um raio rompeu meu peito, trazendo alguns quilowatts de energia por meu corpo. Essa explosão espalhou uma onda de poder, senti o calor voltar, girando, crescendo. E imediatamente o direcionei para meus ferimentos, formando um escudo contendor. A consciência ainda estava distante, mas eu sentia o ar ir e vir em meus pulmões, estava respirando, portanto, não estava morto.

Concentrado no ar que fluía, ouvi gritos abafados, que se tornaram grunhidos de dor. Logo depois, resmungos hostis. Uma voz poderosa soou seca e mortal, pondo fim à discussão. Eu conhecia essa voz e não quis acreditar em meus ouvidos.

Mais um gemido gutural e este silenciou abruptamente. Eu conhecia esse som, o presenciei algumas vezes... O som do fim de uma vida. A Morte.

Lutei com a escuridão, mas meus ferimentos exigiam muito poder... e ele não parecia suficiente para conter os estragos em meu corpo. Estava me perdendo, enfraquecendo de novo. A voz seca, aquela que aterrorizava minha memória, falou próxima. Reavivando meu ódio. Senti sua onda de poder ao meu redor, tocando minha pele como uma névoa gelada... O poder das sombras.

O cheiro pungente entrou em meus pulmões enquanto o vento rodopiava ao meu redor... eu o conhecia muito bem, não restava dúvidas... Ludwig estava me levando. Não queria acreditar que acabaria assim, sem poder lutar, nas mãos vingativas do meu inimigo.

Sombras da Primavera

Pulei para fora do buraco cercado de água e não deveria ficar surpresa por encontrar o céu escuro. Sem tempo para respirar, disparei para o bosque, sem olhar para trás. Guiando-me pela escassa claridade do crepúsculo.

Devo ter dado uma volta enorme, pois, mesmo com os muitos tropeços, demorou mais do que me lembrava para chegar à estrada. Ao lado do sedã, eu mal sentia as pernas. Esforcei-me para encaixar a chave na porta, e todo o resto foi uma sequência de reações mecânicas. Mas não era o cansaço que me abalava, e sim um único pensamento... *Eu conhecia aquele lugar.*

Hipnotizada pela sombra da esperança, acelerei nas curvas, sentindo o carro estalar na estrada de terra. Os poucos minutos do percurso foram suficientes para alinhar meus pensamentos. E sabia exatamente o que fazer.

Parei o sedã na frente da casa azul ao confirmar a presença de uma caminhonete prata na garagem. Apressada demais para qualquer comportamento polido, empurrei a porta, controlando minha ansiedade para não levitar.

– Arthur? Lucila? Arthur? – chamei afobada, caminhando pela sala.

Sem esperar uma resposta, segui a música alta. Controlando meus nervos, abri a porta do quarto de Arthur, mergulhando no rock compassado. Só depois fui me lembrar que isso poderia ser inapropriado... Cheguei a levantar a mão até os olhos, mas, para minha alegria, vi Arthur sentado no chão, devidamente vestido de calça e camisa. Ele estava concentrado, com um bloco e uma caneta em suas mãos, ao seu redor, uma coleção de fotografias. Parei ao ser notada. E soltei o ar, aliviada, por ser recebida com um sorriso.

Com um toque no controle remoto, ele abaixou o som e, franzindo os olhos, falou devagar:

– Oi, Mel... Você não estava em uma festa?

– Estava... – segui seu olhar e só então notei os galhos e folhas presos à minha roupa parcialmente molhada. Levei as mãos ao ar. – É uma longa história – suspirei. Girei os olhos pelo quarto e sorri ao encontrar meu objetivo. – Arthur... Eu posso usar seu computador? – indiquei o notebook ligado sobre a cama. – Queria ver alguns e-mails, mas não gostaria de esperar até amanhã para usar o computador da revendedora.

Ele franziu os olhos. Mas logo esticou as mãos oferecendo o notebook em cima da cama.

– Claro, fique a von... – Arthur parou a frase, pois durante o gesto eu já havia me jogado sobre a cama, sem me preocupar com os galhos, folhas... muito

menos com a roupa molhada. – Está tudo bem?

– Humhum... – afirmei, correndo os dedos pelo teclado entre *login* e senha.

Aguardando a caixa de entrada carregar os e-mails de Rose, abaixei os olhos para o chão e, finalmente, notei do que se tratava. As fotos espalhadas formavam uma coletânea dos melhores momentos adolescentes de Arthur. Havia fotos minhas, de Helena e muitas de... Rose. Levantei meus olhos até os desertos brilhantes, mas tive de desviá-los quando os e-mails se enfileiraram na tela do computador. Antes de mais nada, precisava confirmar a visão que enchia meu coração. Abri alguns arquivos anexos... pulando entre as fotos com uma análise minuciosa. Os minutos se arrastaram e atraí a atenção de Arthur.

– O que é tão importante?

Olhei para ele, mordendo o lábio.

– Eu... ah... queria confirmar um lugar – desviei os olhos para mais uma foto e arfei ao encontrar o que desejava. Era uma foto de Rose. Ela estava encostada na janela do seu prédio em Amsterdã, ao fundo, um parque... árvores, espaços amplos, canais sinuosos... e um monumento rodeado por um jardim redondo. *Era a imagem do “espelho das águas”!* Eu me levantei em um salto, pulando pelo quarto. – É o mesmo lugar! Eu sabia... Eu sabia!

Voltei para o computador, queria confirmar os detalhes da imagem enquanto listava mentalmente um milhão de providências práticas a tomar... e parei tudo ao reparar no olhar dourado ao meu lado, fixo na foto do computador. Eu respirei fundo.

– Você estava escrevendo para ela? – apontei o bloco esquecido no chão. Arthur, desviou os olhos, e o constrangimento ganhou cor em seu rosto.

– Eu estava... ah... – Ele espiou o bloco esquecido no chão e enrolou a desculpa que não veio, depois buscou outro foco. – Por que esse lugar é importante? O que quis dizer com: *“é o mesmo lugar”*?

E foi minha vez de pensar em uma desculpa. Mas... ela era necessária? Fiquei em dúvida. Bom... uma das providências práticas era arrumar uma justificativa para uma viagem repentina ao exterior. E percebi que não precisava mentir sobre isso, principalmente se a viagem alcançasse seu objetivo. Inspirei longamente, encontrando as palavras certas.

– Acho que Vincent pode estar em Amsterdã... com *problemas*. E preciso ir ao encontro dele. Preciso ajudá-lo.

Arthur saltou da cama. Girando pelo quarto, parou ao meu lado, o rosto indignado.

– Não acredito que vai correr atrás dele depois de tudo o que ele fez você passar. Depois de ficar dois meses sem dar sinal de vida!

Encarei o olhar dourado... irritado, empático... protetor. Arthur e Vincent nunca seriam melhores amigos, e meu amigo tinha motivos de sobra para implicâncias. Mas ele nem imaginava como eu estava radiante por esse simples sinal de vida. Sabia que essa parte seria difícil. E, se essa foi a reação de Arthur, imaginei o que ouviria de George. Ajeitei os cabelos com outra longa inspiração.

– Ele precisa de mim, Arthur. Não foi escolha dele ir, e tenho certeza de que já estaria aqui se pudesse – girei o anel no dedo. – Vincent jamais ficaria longe de propósito.

Arthur soltou o ar, escorregando as mãos pelos cabelos sem tirar os olhos do meu rosto. Depois, fitou longamente a foto de Rose na tela do computador.

– Muito bem. Vou com você.

Eu quase caí da cama.

– O quê?

Arthur se concentrou em meu rosto surpreso, a expressão séria. Desta vez, não estava corado ou sem jeito... Os desertos dourados brilhavam, decididos.

– Eu também preciso encontrar uma pessoa em Amsterdã – ele levantou o queixo e o meu caiu. – Pensei muito naquilo que você disse sobre o primeiro e o *último* beijo. Bom, eu escolhi meu primeiro beijo... – falou circunspecto, fitando-me sem comédia na voz. – E sei a quem vou dar meu último. Acho que sempre soube que era ela... mas achava que era cedo para tomar essa decisão. O que você me mostrou – ele levantou o canto dos lábios –, e continua mostrando, é que não preciso ter medo de viver isso.

Sustentando os desertos dourados, fechei minha boca. Depois me levantei calmamente e, com os olhos mareados, estiquei-me para abraçá-lo.

– Estou muito feliz por você, Arthur. E por Rose! Ah, como estou feliz! – afastei-me sorrindo, ainda emocionada. – Eu sabia, desde o dia em que vi seu olhar para ela no baile da cidade – enxuguei os olhos com outro sorriso. – Vai ser maravilhoso ir com você!

Ele deu um passo de lado com uma careta.

– Mas já vou avisando... Se esse cara, o tal Vincent, não tiver uma boa desculpa para o que fez... ou fizer você chorar de novo... – Arthur levantou o punho fechado, e tive dúvidas se isso era uma encenação. – Vai levar uns sopapos!

Enfiei as mãos nos bolsos, olhando para o chão. Não poderia dar garantias a Arthur. Na verdade, gostaria de ter alguma garantia para mim. Portanto, era melhor mediar.

– Acho que isso não vai ser necessário.

Depois de um suspiro conformado, Arthur voltou para o computador.

Com agilidade, consultou os voos disponíveis e seus valores astronômicos. Fiquei triste por ter perdido o voo da noite, mas conseguimos duas poltronas... na econômica, claro, do voo que partiria de São Paulo na tarde do dia seguinte. Ele faria escala em Paris, era mais demorado, mas, em compensação, consideravelmente mais barato. E, lembrando que minhas economias eram finitas, sim, precisávamos pensar nisso.

Para facilitar o planejamento apressado, alguns detalhes explicados por Rose nos e-mails anteriores contaram a favor. Como a isenção de visto e a tolerância dos locais ao idioma inglês. Apesar de conhecer algumas palavras em alemão, depois de uma rápida pesquisa, descobri que ele era bem diferente do holandês. Algumas apreensões foram resolvidas com mais uma hora na frente do computador... por fim, corremos para checar o limite internacional do cartão de crédito de Arthur e a validade dos passaportes. Eu me lembrava que o meu fora tirado no ano anterior para uma viagem da faculdade, que nunca aconteceu. Já Arthur possuía o dele havia alguns anos, desde que viajou com os pais para a Itália. E, para nossa alegria, por alguns meses ainda estaria dentro da validade. Com mais alguns detalhes burocráticos resolvidos, imprimimos os *vouchers* da empresa aérea. Anotei o endereço de Rose no bloco de Arthur e escrevi um rápido e-mail, avisando que iria ao seu encontro. A pedido dele, não mencionei seu nome. Não havia tempo para aguardar uma resposta, e esperava que minha amiga estendesse o grande gesto por trás da omissão de uma surpresa destas.

Com tudo pronto, meu amigo e eu trocamos um olhar ansioso. Estava muito, mas muito agradecida por sua ajuda, ainda mais pela companhia nesta viagem. Arthur insistiu em me acompanhar até a casa amarela para ajudar nas explicações, caso George criasse empecilhos, mas ele mesmo não havia falado com Lucila, e sabia que tirar alguns dias longe do restaurante seria problemático.

Mal entramos no pequeno hall, e batidas suaves sinalizaram companhia. Arthur voltou-se rapidamente para a porta, com seu jeito sem cerimônia, e parou com a mão na maçaneta... o queixo caído. Viviana o olhou com a mesma curiosidade, mas sem o choque. Escoltada por Armand, procurou meu rosto no interior da casa. O mago de olhos acinzentados segurava alguns pacotes e encarou Arthur com uma expressão de poucos amigos... e logo entendi o porquê. Alice deu um passo para dentro, visivelmente incomodada com a companhia do homem ao seu lado. Ela nunca aceitaria dividir Heros com Armand, e o ressentimento aparente havia se tornado antipatia. Pela expressão de Armand, isso era difícil de contornar.

Puxei Arthur pelo braço rapidamente, liberando o acesso para a porta.

– Viviana... Armand – cumprimentei enquanto a menina maga corria para trás das minhas pernas. – Obrigada por trazer Alice. Pelo visto a festa foi

animada.

Indiquei os pacotes de presente nos braços de Armand e Viviana assentiu com um sorriso, que logo morreu ao espiar a carranca do mago ao seu lado. Com um suspiro, voltou os olhos para a menina ruiva atrás de mim.

– Foi muito... divertido. Não foi, Alice? – perguntou sustentando o sorriso, mas Alice se escondeu ainda mais, deixando apenas os cachos ruivos visíveis. Uma lufada impaciente me fez levantar os olhos para o mago de cabelos acinzentados, e não consegui nem mesmo uma sombra de simpatia. Armand entregou-me os presentes e deu um grande passo para trás. Voltei os olhos para a elfo de luz, agradecida pela paciência. Ela respondeu minha compreensão com mais um suspiro. – Acho que está na hora de ir... – Viviana indicou o bosque e sabia que estava se referindo ao portal para a Terra da Luz.

– Claro.

Armand tombou a cabeça na minha direção, sem uma única palavra. Sabia que era difícil aturar a teimosia de minha irmã... e imaginei que o bom humor era exclusividade do cachorro agora. Estiquei um olhar solidário a Viviana, que teria de acompanhá-lo, e mordi o lábio, lembrando de outras providências práticas.

– Viviana? – A elfo parou no degrau da varanda, espiando-me com atenção. – Preciso lhe pedir mais um favor... – espiei minha irmã, puxando-a com o braço livre ao encontro das minhas pernas. Era hora de prometer a mim mesma ser o mais cautelosa possível e voltar inteira para cuidar dos que eu deixaria para trás. Determinada, levantei o queixo. – Você pode avisar Aristela de que vou viajar? – Viviana franziu os olhos, e Armand virou no jardim, voltando com a mesma expressão confusa da elfo. Tomei fôlego. – Vou encontrar com uma amiga... devo ficar alguns dias fora, mas volto para meus compromissos. Na montanha. Com Nicolau.

A elfo de luz suavizou a expressão, entendendo que não havia me esquecido dos testes do meu dom, mas Armand continuava desconfiado. Para falar a verdade, pareceu ainda mais aborrecido.

– Acho que Heros não vai poder ficar sem você aqui – a voz rouca de Armand ecoou na varanda, e senti minha irmã se afastar de minhas pernas. Ela levantou o rosto, duplicando a expressão dele.

Soltei o ar... mais providências práticas.

– Mas ele pode ir, com Aristela, buscar Alice na escola. Para as aulas... – espiei Arthur sobre ombro, com uma careta para sua cara abobada, e mudei a palavra na boca – ...aulas na montanha. George vai agradecer a ajuda. E eu também – parei pensativa. Mesmo vendo a feição do mago rabugento mudar, precisava checar. – Se não for incomodar, claro.

– Não será incômodo algum. – Armand escondeu o sorriso e, pela primeira vez, vi minha irmã sorrir para ele. – Acho que ele e minha mãe ficarão satisfeitos em ajudar. Na verdade, pode deixar, eu mesmo acerto os detalhes com ela.

Assenti agradecida. Muito agradecida.

O mago enfeitado caminhou para o jardim, sorridente, e a elfo de luz o seguiu, visivelmente aliviada pelo bom humor da companhia. Fechei a porta com um longo suspiro, entregando a pilha de presentes para minha irmã.

– Você vai viajar para onde, Tata?

– Para outro país. Vou encontrar com... – parei, fitando as esmeraldas brilhantes. Embora soubesse que Alice era muito boa com segredos, não queria preocupar minha irmã, nem colocar sobre ela uma responsabilidade grande demais, ao pedir que escondesse seus pensamentos de Aristela. Meu coração apertou, pela primeira vez, em muito tempo, omitiria algo de Alice. Isso doeu mais do que imaginava – a tia Rose.

Alice pensou por um segundo, lendo algo em meus olhos, e franziu as sobrancelhas.

– Eu não posso ir... não é?

– Não desta vez.

Alice não discutiu. Sua sabedoria e astúcia captaram algo grande demais para ser compartilhado, e seu coração amoroso entendeu que eu só a estava protegendo. Pensativa, ela foi para o quarto com seus presentes. Observei minha irmã em silêncio... mais uma vez.

Apoiando as mãos na cintura, girei para a estátua no hall. E Arthur, finalmente, fechou a boca.

– Pensei que você tinha escolhido a quem dar seu último beijo – falei em tom reprovador para o olhar embasbacado.

Arthur limpou a garganta, recompondo-se.

– Deixa disso, Mel, você sabe que eu estava falando sério quanto a Rose. Jamais brincaria com isso – disse solene. E piscou, apontando a porta fechada. – Mas ela é... – ele parou, abaixando o dedo, e mudou rapidamente de assunto. – Por que não disse à sua irmã ou a eles que ia encontrar seu namorado? Se ele ainda é seu namorado. Afinal... era a família dele. Se ele está com problemas, eles deveriam saber.

Espremi os olhos para a pergunta, *muito* inapropriada... Mais uma vez, a semelhança entre Arthur e Ayla pairou no fundo da minha mente.

– Ele é mais importante que um namorado, Arthur – murmurei baixo. – E os problemas... são... – suspiro. – É complicado – apontei para o corredor, indicando o quarto de Alice. – Buscar Vincent é assunto meu. Eles não precisam

saber. Ainda.

De qualquer forma, Arthur não pareceu atento à resposta. Com o olhar pensativo, balançou a cabeça.

– Como eles vão e voltam da montanha? Eu nunca os vejo de carro... O único que andava de carro era o Vincent e, depois que ele foi, nunca mais vi o carro dele.

Mordi o lábio, imaginando que ele não seria o único a questionar o paradeiro do BMW.

Disfarçadamente, levantei os ombros... Como explicar portais no bosque e asas de borboleta? Fugindo de uma resposta que não poderia dar, fui buscar minha irmã para levá-la ao banheiro. Seria melhor tirar o excesso de cobertura de bolo do seu cabelo antes que o estrago fosse irremediável. Minutos depois, eu ainda esfregava o xampu nos cabelos de Alice, lutando com a massa rosa... julgando a origem mágica dos ingredientes de Armand. E, de dentro do banheiro, ouvi vozes alteradas. Deixei minha irmã de molho, debaixo da água quente, e espreitei pela porta para confirmar minhas suspeitas.

Na sala, George agitava as mãos no ar. Ao me ver, levantou um dedo.

– Você... Não vou deixar *você* fazer isso. Você não vai atrás dele!

Olhei do rosto vermelho de meu avô para o rosto encabulado de Arthur... Isso seria difícil de qualquer maneira, mas *eu* queria dar a notícia. Bufei, saindo do banheiro, e voltei minha atenção para George e seu dedo acusador.

– Desculpe, *Opa*, mas preciso ir. A passagem já está comprada... gastei todas as minhas economias nela e não vou cancelar agora – suspirei longamente. – Não se preocupe, já cuidei de todos os detalhes aqui. Aristela vai buscar Alice na escola e vai cuidar dela à tarde para não ocupá-lo e...

George jogou os braços no ar mais uma vez.

– O problema não é o dinheiro... ou Alice! – exclamou alterado. – Melissa, ele a abandonou. Não foi capaz de honrar seu compromisso! Como espera que eu aceite isso?

Estreitei os olhos, atenta ao seu discurso. Depois baixei o olhar para minha mão e vi que meu avô fez o mesmo. Como... *Como* ele poderia saber do *compromisso*? Nem eu sabia que o anel era um compromisso! E demorei muito tempo para descobrir. Pisquei, buscando justificativas... Tinha certeza de ter ficado com Vincent todos os momentos daquele dia, portanto, mesmo que pretendesse fazê-lo, ele não falou com George. Levantei os olhos, espantada, e meu avô ajeitou a calça na cintura, incomodado. Com uma careta, tomou fôlego, voltando gradativamente à sua cor normal.

– Sei que estes meses foram difíceis, Mel, mas ficar longe dele vai ser melhor para você. – a voz de George era esperançosa. – Pense melhor, minha

filha.

Aturdida com as lacunas de sua irritação, levantei o queixo.

– Eu já pensei muito, *Opa*. Há dois meses só penso nisso. Sei que ele o desagrada... e peço desculpas por decepcioná-lo. Mas eu o amo. Vincent está precisando de mim e eu vou ao encontro dele. Este é o meu compromisso.

Meu avô não escondeu a careta, ele girou para Arthur, buscando apoio... Mas meu *amigo* ouvia tudo de olhos baixos. E permaneceu assim. De qualquer forma, eu o fuzilei pela falta de tato, alertando-o para permanecer fora da discussão. Com o silêncio confirmando meu argumento, voltei para o banheiro... rezando para que Arthur não piorasse o que já não tinha conserto.

Aquela foi a noite mais longa da minha vida, não preguei os olhos um único minuto. Não só pela ansiedade ou pelo temor de que Ayla me impedisse, mas também pelo plano inconsistente que me faria bater à porta de um mago das sombras.

Nunca fui boa com planos, mas deixar esse a cargo da espontaneidade estava fora de cogitação. Pensei racional e magicamente no assunto... se Ludwig morasse nas proximidades do parque, haveria algum vestígio de magia em sua casa, principalmente se houvesse um escudo. E agora que eu podia ver a magia, isso facilitava parte do problema. Ou não. Fazer parte do mundo mágico era arriscado, ainda mais sem experiência, e precisava ter cautela para que Ludwig não sentisse meu poder, já que ninguém parecia vê-lo. Mas, enquanto fosse inferior a ele, não representaria uma ameaça. E essa parecia a melhor parte do plano – aumentar as chances de sair dele viva!

Como meu senso de preservação precisava da certeza de que eu voltaria para cuidar de minha irmã, passei todos os minutos restantes da noite treinando o controle do calor em meu peito. Afinal, ele deveria vir rápido, caso precisasse reduzir algo a pó. Quando os primeiros raios de sol brilharam no céu, fechei a janela do quarto, por trás do vidro olhei satisfeita as marcas chamuscadas na cerca do quintal. Esperava que isso fosse suficiente para nos defender. A Vincent e a mim.

Arrumei Alice para a escola e, depois de um abraço apertado, ainda dentro do sedã, tive certeza de que minha irmã desconfiava da seriedade da minha viagem. Eu a observei subir os degraus da escola de coração apertado e voltei para casa, ainda mais nervosa.

Nem sabia o que ia enfrentar, e preparar uma mala com opções de vestuário pareceu desnecessário. Separei algumas peças de roupa, meus documentos, carreguei meu *iPod* e vesti calça jeans, tênis e um agasalho. Olhei para o espelho e concluí que minha aparência poderia assustar um temível mago das sombras. Perto da hora do almoço, Arthur chegou com a mesma cara insone

e imaginei que dormir foi difícil para ele também, por outros motivos. Agarrei minha mochila, enquanto George enchia meu companheiro de viagem de recomendações. Ainda distante, ouvi algo, como um murmúrio, que garantia ao meu preocupado avô alguns *sopapos* em... o nome morreu na boca de Arthur assim que cheguei à porta. Com um abraço frouxo me despedi de George, rezando para voltar logo... na companhia de meu odiado namorado, para muitos olhares zangados e sermões irritados.

Arthur brigou pelo direito de dirigir *meu* carro até o aeroporto e, enfático, alegou que *não* poderíamos nos atrasar. Ainda precisávamos fazer uma visita a uma casa de câmbio antes do *check-in*.... por isso, concordei. Tive de aturar duas horas de reclamações sobre o estado dirigível do sedã e já estava quase arrependida de ceder o espaço ao volante. Na sala de espera para o embarque internacional, estava a ponto de explodir... Tentando imaginar uma forma de sobreviver à viagem, conectei meus fones e aumentei o som concentrando-me nas músicas do inseparável *iPod*.

Horas depois, estávamos em voo. Acomodei nossas mochilas no *bin*, mas Arthur demorou para se acomodar... e reconheço, as poltronas da classe econômica não ajudavam com nossa agitação. Ele negou a refeição, como eu, e nos contentamos com queijos e pães. Aos poucos, o cansaço nos alcançou e adormecemos ao zunido das turbinas. Acordamos com o serviço de bordo em algum lugar do Hemisfério Norte. Nosso voo tinha escala em Paris, mas tudo o que vimos da França foi o tapete da sala de espera do aeroporto Charles de Gaulle. Mais uma hora, entre filas e mais espera, e finalmente estávamos dentro de outro avião a caminho do nosso destino final.

As coisas no aeroporto de Amsterdã foram rápidas e, graças às nossas mochilas, pulamos a etapa da esteira de bagagem e deixamos Schiphol dentro de um trem para a Estação Central da cidade. Meia hora depois, chegamos a uma estação centenária, com seus espaços amplos, pouca iluminação e decoração detalhada... A primeira providência foi comprar um mapa da cidade. E, para nossa felicidade, constatamos que o inglês era bem aceito em todas as partes. Descobrimos o nome do parque das fotos e, usando-o como referência, buscamos informações, que nos colocaram em um *Tram* que cruzou a cidade.

Descemos em uma avenida ampla, movimentada pela confusão de carros e bicicletas, e imediatamente fechamos os casacos. Era começo da tarde na hora local, e o sol fraco do começo de outono não conseguiu espantar o ar gelado. Com algumas indicações, seguimos a pé... em poucos minutos, estávamos cruzando os portões de ferro do *Vondelpark*. Depois de um longo momento com o mapa no nariz, contornamos o muro do parque e seguimos ansiosos, mais uma avenida e, finalmente, chegamos ao fim da rua sem saída.

Em silêncio, Arthur encarava o prédio de tijolos com janelas brancas à sua frente, retorcendo o mapa nas mãos. Mas eu olhava além da grade do outro lado da rua, contemplando as árvores de folhas amareladas do parque, tentando ver algo além delas.

– É isso... chegamos – falou tenso, ecoando meu pensamento.

Desviei os olhos do parque e encontrei o homem apreensivo, que me acompanhava havia quase quinze horas em uma viagem maluca até uma cidade instigante do outro lado do globo. Suspirei longamente, controlando minha própria ansiedade.

– Eu cuido disso. Apenas respire – falei preocupada, acompanhando o nervoso crescer nos desertos dourados.

Arthur assentiu e me aproximei da caixa de interfone dourada, confirmei o número do apartamento na folha de papel amassada e apertei duas vezes o botão. Uma voz conhecida atendeu antes do terceiro toque.

– Rose, sou eu... Melissa.

A voz suave na caixa dourada engasgou.

– Melissa? Eu não acredito que está aqui! Fiquei na dúvida se seu e-mail era uma piada... Ah! Eu não acredito! Um minuto e chego aí embaixo.

E foi tudo. Eu me virei para Arthur e ele ajeitou a mochila nas costas, agora, segurava algo dobrado nas mãos.

– Está preparado?

A pergunta chegou tarde. Arthur tombou a cabeça e antes que formulasse uma resposta irônica o trinco da porta de madeira estalou atrás de mim. Virei apressada, deparando-me com uma Rose chocada.

– Ah... Desculpe não avisar no e-mail, mas não vim sozinha – falei risonha.

Nem sei se Rose chegou a me ver, pois tudo que seus olhos focavam era o homem de olhos dourados à sua frente. Com alguns passos, afastei-me, impressionada com a energia daquele olhar. Parei na grade do outro lado da rua, dando-lhes espaço... e observando o par silencioso, cruzei os dedos.

Os segundos se passaram e Arthur, finalmente, se mexeu, ainda concentrado no rosto rosado à sua frente.

– Vim lhe entregar isso – Arthur estendeu o papel dobrado. – Achei que sua carta precisava de uma resposta.

Rose abaixou os olhos para o papel e o pegou em câmera lenta, piscando algumas vezes. Ela o abriu e, correndo os olhos pelas linhas, balançou na porta. Arthur apressou-se em segurá-la. Com um movimento lento, arrumou seu cabelo para longe do rosto. Rose ergueu os olhos amendoados, e eles estavam mareados.

Arthur suspirou longamente, espremendo um sorriso.

– A propósito, eu desejo muito aquele beijo do fim da sua carta.

Rose soltou o ar, como se o estivesse segurando há algum tempo... e sorriu. Arthur não duvidou nem mesmo por um segundo e, inclinando-se para ela, tocou seus lábios devagar. Ela esticou os braços em seu pescoço, respondendo ao beijo, e podia afirmar que colocou nele toda a intensidade de seu amor. Arthur a levantou pela cintura, satisfeito, fundindo os dois em um beijo *muito* revelador. Neste ponto, desviei os olhos, aquilo era lindo, mas pessoal demais para ser compartilhado com a plateia.

Alguns instantes depois, levantei o rosto ao som de risadas. E não pude deixar de sorrir também. Arthur girava Rose no ar e a felicidade deles encheu meu coração com uma energia poderosa. Amor. Quando Arthur a libertou, minha amiga caminhou até mim... os passos trôpegos e, no rosto, um sorriso exageradamente justificado. Ele pintou sua pele de vermelho, isso poderia ser vergonha... mas algo me dizia que era só emoção.

– Obrigada – disse com os olhos brilhantes, apertando-me em um abraço.

Eu sabia tudo que essa palavra significava. Neste momento, não precisava de mais.

– À disposição – respondi com a voz embargada.

Arthur baixou o rosto quando voltamos à porta do prédio, o olhar de soslaio e o sorriso espremido diziam o mesmo *obrigado* do abraço de Rose, um pouco mais constrangido, é verdade... compreensiva, eu apenas sorri, satisfeita pela sua felicidade.

Subimos ao apartamento e corri para o grande *janelão* da sala, deixando os pombinhos para trás. Confirmando a vista da foto, encontrei o monumento no meio do parque e constatei o que minha memória lembrava... o canal da vista da casa de Ludwig ficava na frente, e não atrás da estátua. Então, ele estava realmente do outro lado do parque. Corri os olhos pelos telhados dos palacetes, alinhados à beira do bosque amarelado, estava perto do meu objetivo agora.

Rose me tirou da janela, oferecendo sanduíches de pão e queijo e, enquanto comíamos, recebemos boas e más notícias. A boa era que Rose estava sozinha no apartamento, os outros estudantes com quem ela o dividia já haviam deixado a cidade, portanto, não haveria problema em acomodar novos hóspedes. A má notícia é que ela também deixaria a cidade... em três dias. Abaixei meu sanduíche no prato, isso colocava minha busca contra o relógio.

Arthur não entendeu minha aflição e argumentou que nossas passagens de retorno poderiam ser antecipadas, mas eu me levantei às pressas, ansiosa por um banho que me reanimasse. Era justamente por isso que eu precisava

encontrar Vincent o quanto antes!

Ludwig

Com meu mapa em mãos e algumas explicações de Rose, saí para a rua com a desculpa de dar alguma privacidade aos pombinhos. Nenhum deles discutiu.

Logo na esquina, encontrei um acesso para o parque e, rapidamente, cheguei ao monumento cercado por um jardim circular. Olhando com atenção para o lado oposto ao apartamento de Rose, encontrei o canal sinuoso, atrás dele, construções imponentes. Alguns minutos de caminhada, seguindo a margem tortuosa, e atravessei uma ponte estreita... testando a direção do monumento, afastei-me ainda mais. Quando as árvores atrapalharam a visão do meu ponto de referência, imaginei que estava perto... Pensei que seria bom levitar, para ter uma visão panorâmica, mas descartei a ideia ao registrar o movimento dos frequentadores do parque. Além de não ter controle sobre a levitação, não era inteligente me expor. Bufei para mim mesma... como se encontrar Ludwig fosse a *mais* astuta das decisões!

Depois de certa confusão com os caminhos, encontrei a saída para a rua do outro lado. De frente para uma igreja, fiquei em dúvida se estava no lugar certo. E lembrei de outra visão de um dos espelhos de Ayla... Torres! Que pareciam com torres de uma igreja! Segurei o ar nos pulmões, ansiosa, e segui pela rua a passos vagarosos, os olhos atentos nas construções ostentosas, mas os palacetes, adornados com detalhes característicos da arquitetura da cidade, não deixavam transparecer nada de anormal. Depois de cruzar com alguns, já estava duvidando da minha capacidade de ver a magia das sombras... Até que, a poucos metros, uma nuvem cinza surgiu ao redor de um casarão. Primeiro como uma névoa clara, contornando a construção de três andares... *eu esfreguei os olhos, a racionalidade lutando com o calor em meu peito...* e, conforme me aproximava, a barreira enfumaçada tornava-se mais densa. Com uma longa inspiração, assumi o que meus olhos viam.

Parei na frente do portão de ferro, analisando a nuvem cinza do outro lado. Ela contornava a construção sem deixar uma única brecha. Um minuto ou uma hora depois, reuni a coragem suficiente para esticar um dedo... e apertar o interfone.

A resposta demorou alguns segundos.

– *Dag!* – uma voz fria falou em holandês do outro lado. Estremeci, olhando a caixinha de ferro... e a voz continuou – *Wie is?*

Não fiquei certa de ter entendido aquilo e, com um inglês gago, pulei

meu nome, perguntando por outro.

– *Could I speak... with Ludwig?*

Não houve resposta, e eu já pensava em recuar. Mordi o lábio, levantando os olhos para a nuvem cinza. Ou talvez... invadir. Mas, então, o portão de ferro se abriu sozinho. Minha primeira reação foi dar um passo para trás. Olhando em volta, constatei a falta de movimento na rua... apenas um carro contornava a igreja, já distante, e imaginei se haveria socorro rápido caso eu gritasse. Por via das dúvidas, permaneci parada, sentindo o pulso disparar com o medo que correu meu corpo, alojando-se na base da coluna. Eu odiava essa sensação. Fitando a nuvem cinza mais uma vez, respirei fundo, imaginando do que ela era capaz.

Antes que a covardia me convencesse de que essa era uma decisão insana, a porta de entrada da casa se abriu... Meus olhos pararam no rapaz bem-apessoado no meio dela e engoli em seco. Tarde demais para correr.

O rapaz moreno, de pele muito branca, colocou um pé para fora. Em segundos a nuvem abaixou, desaparecendo como se fosse soprada. Ele gesticulou com a cabeça em um cumprimento formal, afastando-se da porta e, com outro gesto, sugeriu que eu prosseguisse. Olhei para os dois lados da rua, esperando que uma boa alma me convencesse a não fazer aquilo... mas não havia ninguém. Abaixei a cabeça, fechando os olhos. Por um segundo, coloquei a imagem de Vincent como um escudo... e reuni minha coragem, ele só tinha a mim. De olhos abertos, fitei meus pés, e dei um passo à frente. Depois outro. E outro... outro... Nos degraus da casa, levantei meu queixo, encarando os olhos negros e felinos do rapaz. Eu sabia o que ele era... um elfo das sombras.

– *Welkom Melissa* – disse sério. – Ludwig a espera – emendou em um português enrolado.

Eu pisquei. Ele me conhecia? Senti meu estômago tremer. Com a boca seca, fechei as mãos em punho. Determinada, subi os degraus e cruzei a porta.

Do lado de dentro, o ostentoso palacete era como imaginava: intimidador.

Reconheci a primeira sala da visão do espelho de Ayla... o papel de parede, a mobília requintada fazendo par com lustres de cristal e o horrendo tapete vermelho. Ao fundo, portas altas com entalhes míticos enfileiravam-se, intercalando grandes espelhos de moldura dourada que refletiam as cortinas ao meu lado. O rapaz de olhos felinos fechou a porta de entrada com um único movimento, e passou por mim a caminho das outras portas... *Muito bem, isso é só uma casa...* repeti para mim mesma. *Respira. Apenas uma casa.*

Eu o segui, correndo meus olhos por cada detalhe pomposo, procurando vestígios de Vincent. Mas cada quadro a óleo ou vaso de porcelana parecia ecoar as palavras de Ayla, e precisava lhe dar razão... esse lugar não combinava com

um cárcere. Uma porta, um corredor e um lance de escada depois, chegamos a outra sala. Escura, fria e muito, *muito* intimidadora. Este lugar combinava com um cárcere. As paredes revestidas de madeira escura eram ocupadas por grandes estantes de livros, grossas cortinas cobriam as janelas e a mobília se resumia a duas grandes poltronas, posicionadas na frente de uma lareira. O fogo dentro dela bruxuleava, tímido, como se também sentisse... *medo*.

– Isso é tudo Hector – a voz seca ecoou na sala ao meu redor com um sotaque carregado, marcando o português enferrujado... acelerando meu coração.

O elfo de olhos felinos virou nos calcanhares e parei, correndo os olhos pela sala vazia, temendo encontrar o dono da voz. E quase pulei no lugar quando uma silhueta esguia levantou-se de uma das poltronas. O homem de meia-idade, vestido de preto, fechou um livro e caminhou para uma das estantes, acomodando-o nela. Virando-se com elegância, veio ao meu encontro, mas parou no meio da sala. Colocando as mãos nos bolsos, tombou a cabeça. Dois olhos perversos brilharam nos meus, analíticos, e neles encontrei o brilho da morte. Eu conhecia aquele olhar... era *ele*, Ludwig!

Meu corpo chacoalhou com um longo tremor e precisei fazer muito esforço para *não* sair do lugar, rendendo-me à tentação de correr.

– Olá, Melissa – a voz seca arrastou meu nome, e aquilo irritou o fundo do meu estômago. – Confesso que cogitava a hipótese de receber uma visita. Mas não a sua – disse sem emoção.

Avaliei as linhas sérias do rosto maduro, concentrando-me no brilho azulado dos olhos mortais. Ele poderia não demonstrar, mas, realmente, o surpreendi com a visita. Senti o calor brotar no peito, lutando com o medo... com a ajuda dele, levantei o queixo.

– Como sabe meu nome?

– Da mesma forma que sabe onde moro – respondeu desafiador. O tom intimidou, e apertei as mãos, fechando-as em punho, mas permaneci de queixo erguido. Ludwig avaliou minha postura e deixou escapar uma risada gutural, que ecoou pela sala. – Isso vai ser muito divertido – disse, entre o sorriso bestial, e voltou para as poltronas.

Percebendo-me imóvel, ele levantou uma das mãos e, com um gesto, convidou-me a acompanhá-lo. Vacilei por um segundo, espiando a porta de saída, mas o segui... já estava longe demais para recuar. Eu me sentei na ponta da poltrona de couro, enrijecendo cada músculo do corpo, e Ludwig acomodou-se à minha frente, as pernas cruzadas, uma mão descansando no braço da poltrona, enquanto a outra apoiava o queixo quadrado. O cabelo escuro, muito curto, brilhava com a luminosidade fraca e os olhos azulados não eram mais mortais... apenas focavam meu rosto, atentos, tornando sua expressão menos ameaçadora

Ele parecia relaxado, e entendi que realmente me via como uma diversão. E isso era bom. Enquanto não representasse uma ameaça estaria segura.

Ele esticou um dedo, girando-o no ar, depois, o voltou ao queixo.

– Estou muito curioso com o motivo de sua visita.

– Vim resgatar Vincent.

A tenebrosa risada gutural escapou por entre seus dedos, enquanto seu corpo chacoalhava na poltrona. Estreitei os olhos, contendo o calor em meu peito. Ludwig soltou o queixo com uma convincente encenação indignada.

– Aqui? – ele levantou os olhos, correndo-os pela sala. – Sozinha? – debochou. Afirmei com os dentes cerrados, e o mago das sombras não escondeu o sorriso, divertindo-se com minha insensatez, provavelmente. – Por que acha que ele precisa ser resgatado?

O terrível costume de responder com uma pergunta, e entendi com quem Vincent aprendeu isso. Segurei o ar nos pulmões, controlando-me.

– Porque você o sequestrou – afirmei controlando o tremor na voz.

Algo em meu rosto turvou o brilho nos olhos azulados.

– Eu não o sequestrei. Eu o salvei daquele elfo ambicioso – disse seco.

Endireitei-me na poltrona, quase caindo dela.

– Então admite que o levou.

– Eu o levei até um lugar especial, onde o acesso é restrito aos magos das sombras.

– Então... Vincent não está aqui – murmurei confusa.

O mago ardiloso voltou a se divertir com meu choque.

– Não, minha cara. Mas fique tranquila, ele vai restabelecer seu poder com muito mais eficiência onde está. E quero que isso aconteça o mais rápido possível, assim como você – Ludwig gesticulou no ar, como se estivesse aceitando um agradecimento que nunca fiz. E eu deveria fazê-lo? Afinal... ele acabou de dizer que salvou Vincent! E confirmou que ele está *VIVO*! Pisquei uma vez, sem palavras, o mago de olhos azulados balançou a cabeça, incomodado por outro motivo. – Depois do que aquele idiota fez, Vincent ficaria *anos* na Terra da Luz para se recuperar. E isso está fora de cogitação agora – disse, convicto. Franzi os olhos, ainda mais confusa... Por que Ludwig estava preocupado com a recuperação de Vincent? Neurônios colidiam em minha cabeça, procurando uma linha de pensamento aceitável, quando Ludwig aproximou-se em tom conspiratório. – Sabe, Vincent é o mais novo dos magos das sombras... – ele balançou a cabeça – e ainda é muito inocente. Confia em qualquer um que demonstre o mínimo de compaixão. – O olhar perverso encontrou o meu e Ludwig levantou os ombros, obviamente referindo-se ao fato de Vincent ter confiado nele como seu mestre. Eu travei os dentes, revoltada. O

mago dissimulado voltou à sua postura relaxada, como se estivéssemos falando do tempo. – Confiar seus bens àquele elfo das sombras foi um grande engano. Mas é claro... se soubesse que Lúcius trabalhava para mim, acho que sua opinião seria diferente.

– Você também confiou nele – especulei e a expressão apática do mago me fez continuar. – Lúcius era seu informante, mas fez algo que o desagradou, e você o matou – o olhar inerte não negou o fato.

– Tentar matar minha galinha dos ovos de ouro? Sim, isso, com certeza, me desagradou. – o mago das sombras tombou a cabeça, girando a mão no queixo para me olhar melhor. – Estou curioso com a pergunta... Você deveria entender meu desapontamento – disse, como se meus olhos esbugalhados fossem, de alguma forma, solidários. Ludwig apontou para ele mesmo, franzindo os lábios. – Eu, realmente, não entendo a motivação que leva alguém a me desafiar. Seria muito mais simples se todos seguissem minhas ordens.

A arrogância palpável não deveria surpreender, e fiquei triste ao perceber quantas coisas Vincent carregava de seu passado. Mas tinha coisas mais urgentes para avaliar, como o motivo que fazia Vincent ser o tesouro precioso do mago assassino. Mesmo sabendo que estava diante de um sádico, precisava aproveitar minha chance. Ele estava disposto a conversar, e precisava descobrir uma forma de encontrar esse tal lugar onde ele havia deixado Vincent.

– Muitos na montanha parecem seguir suas ordens – sugeri com a voz trêmula, usando a lógica que funcionava com o outro mago das sombras.

– O respeito é uma conquista – disse levantando os ombros – que se impõe por poder e...

– Medo – completei, erguendo o queixo.

Ludwig sorriu, fitando-me... intrigado.

– Esta é a primeira lição que um mago das sombras deve aprender. Pelo visto, ele lhe ensinou isso.

– Existem outras formas de ganhar o respeito de alguém – falei no impulso, apertando os lábios em seguida. *Eu era louca? Estava nessa guerra psicológica com o senhor psicopata e resolvi provocá-lo? Eu era louca, claro. Eu estava aqui!* Ludwig levantou uma sobrancelha, alisando o canto do lábio com o dedo e esperou por um segundo, depois sinalizou para que eu continuasse, desafiando-me. Respirei fundo e balbuciei – com integridade, consideração, dedicação... amizade. E Vincent conquistou meu respeito, de todas estas formas.

– E agora entendo onde ele se perdeu – concluiu ácido. Entendi isso como uma crítica pessoal. – Sempre ensinei a ele que atitudes definitivas são necessárias – ele estreitou o olhar, com desprezo – e, pelo que observei, ele se tornou uma decepção neste aspecto – a voz seca assumiu um tom ameaçador. –

Um mago das sombras não deve ser questionado, o medo, a força e o poder garantem o respeito. Isso é imprescindível quando lidamos com seres inferiores. E não pense que sou injusto, sempre recompenso bons trabalhos. Mas tenho por convicção que a incompetência deve ser punida. Todos ao meu redor sabem disso. E quem me desafia deve servir de exemplo – disse com o olhar mortal.

Engoli em seco.

– Piro e o duende do Jardim Vermelho... eles também foram *seus* exemplos – eu não fiz uma pergunta.

Ludwig levantou os lábios, aceitando *meu* desafio.

– Piro foi punido por me desrespeitar, por deixar sua ira se sobrepor às minhas ordens. O duende, por não ser eficiente em sua missão. E Lúcius, por colocar seus interesses acima dos meus – ele pausou. – Esqueci alguém?

Fitei o rosto hipnótico, concentrando-me na frieza dos olhos azulados. Estava claro que suas palavras não eram provocação, a lista *era* muito maior. Incluindo os pais de Vincent e muitos, *muitos* mais. O intrigante era a expressão de tédio. Ludwig não escondia a rigidez de sua voz e a total falta de remorso, o conjunto deixava claro que ele não se importaria em listar os outros assassinatos. E isso levava a uma curiosidade mórbida.

– Você não se importa em dividir essas informações detalhadas comigo? Afinal, eu posso levá-las ao Conselho.

A gargalhada gutural chacoalhou a poltrona de couro.

– Você não vai fazer isso – Ludwig mudou a posição e, colocando os cotovelos nos joelhos, prendeu meu olhar. Encarando os olhos perversos, senti o arrepio de medo cruzar meu corpo, alojando-se em minha coluna. Enrijeci. Contornando o português enferrujado, ele falou pausadamente. – Não vai porque não pode prová-las. E agora sabe que será punida pelo Conselho se falar sem argumentos, se sobreviver à punição deles, não sobreviverá a mim. Não tolero traidores. A esta altura, acho que já entendeu isso.

Apertei os braços da cadeira, cravando minhas unhas no couro macio.

– Não lhe devo lealdade – cuspi entre os dentes.

– Mas deve ser leal aos que você quer bem. E pelo visto, a lista é longa. – Ludwig assistiu o pavor tomar conta do meu rosto e sorriu satisfeito, encostando-se no couro macio novamente. – Mas também, porque espero reciprocidade. Afinal, eu a recebi com hospitalidade. E, apesar *disso* não fazer parte dos planos, estou me divertindo muito. Você não?

Sequei os olhos mareados, sentindo a revolta agitar o calor em meu peito. Ele crescia cada vez mais, correndo por meu corpo, precisava me controlar. Estaria segura se não cometesse mais nenhuma loucura. Concentrando-me em suas palavras, entendi o que Vincent disse certa vez... “*Houve um planejamento.*”

Ardiloso. Um cuidado paciente ao uni-los. Quem arquitetou isso está por perto, nos observando, acompanhando os detalhes... usando os fatos que acontecem ao nosso redor... criando oportunidades... E seu plano parece englobar algo maior. Me afastar da montanha é apenas uma parte, não o fim.” Era hora de aproveitar minha chance, usar minha aparente insignificância para reunir o máximo de informações que pudesse.

– Você queria Vincent ao seu lado... depois quase o matou. Fez a montanha persegui-lo e quase expulsá-lo... Depois o salvou. Você brinca com a indecisão. E para quê? Absorver seus poderes mais uma vez?

Ludwig voltou a mão ao queixo, correndo os olhos por meu rosto, e levantou o sorriso perverso nos lábios.

– Admito que meus planos mudaram muito nos últimos meses. Eu sabia o fim, mas não sabia os meios... É difícil ser preciso usando apenas possibilidades – ele franziu a testa, como se estivesse ofendido. Mas mudou rapidamente de expressão, tombando a mão, sinalizou meu corpo congelado. – E imagine minha surpresa ao constatar que o caminho estava bem à minha frente. – Ludwig espremeu um sorriso prazeroso. – E, pensando melhor sobre as falhas dos meus subordinados, foram elas que mostraram a solução. Talvez devesse agradecê-los – ele ampliou o sorriso –, mas é um pouco tarde.

Engoli em seco, atordoada com seu discurso e chocada com o cinismo dele. Rindo do próprio humor, o mago das sombras endireitou-se, a voz assumindo um tom diabólico.

– Acompanhar os acontecimentos na montanha abriu meus olhos para algo muito simples, escondido nas entrelinhas, que mudou minha perspectiva – com uma expressão que ressaltava sua indiferença, ele fixou os olhos em mim, subindo e descendo, como se avaliasse uma aquisição. Esse olhar girou meu estômago, inflando a chama que queimava em meu peito com revolta e raiva. Senti o poder correr para os braços e fechei a mão, apertando firme. Indiferente ao meu descontrole iminente, Ludwig continuou, muito sério. – Ao longo dos anos, trabalhei duro para alcançar meu objetivo, e esbarrar em obstáculos nunca me desmotivou. Como deve ter notado, sou um homem persistente. E para um bom estrategista o fracasso não é o fim, mas um aprendizado. Com eles descobri a paciência da observação. E observar vocês na Terra das Sombras revelou esse pequeno detalhe. Algo natural e previsível, que faz tudo voltar ao princípio. Único. Poderoso. Supremo.

Ludwig estreitou os olhos e eles brilharam de forma diabólica. Com um único movimento ele se curvou, esticando o braço para me tocar. Os dedos longos escorregaram por meu rosto e, antes que pudesse desviar, o choque de calor correu por minha pele. E soube... ele sentiu meu poder. Mas, ao contrário

dos outros, não demonstrou surpresa, ao invés disso, abriu seu sorriso perverso.

– Vê-la de perto me deixa *muito* satisfeito com minhas decisões. E pensar que quase a eliminei dos meus planos.

Eu me encolhi na poltrona, aflita por ser o foco de sua atenção. Vincent estava certo mais uma vez... *Havia algo maior! Sempre houve! E Ludwig só iria parar quando alcançasse seu objetivo!* Meu corpo estremeceu... *E eu fazia parte dele.*

– O que você quer de nós?

Ludwig voltou à sua posição relaxada e apoiou o queixo, rindo entre os dedos.

– Por enquanto, apenas que fiquem saudáveis. Juntos e felizes.

Eu arfei.

– Você acabou de dizer que queria me matar... E também quase o matou... No bosque da montanha! Levou Vincent para esse lugar misterioso – busquei meu fôlego, tentando me controlar. – Nos mantêm separados por dois meses! E quer que eu acredite que não fez nada com ele? Que nos quer... *saudáveis?*

– O prejulgamento é uma coisa terrível – ele estalou os lábios. – Pensei que o compromisso com um mago das sombras faria você ver nossa linhagem com outros olhos. Mas, pelo visto, me enganei. – Ludwig levantou a mão livre no ar. – Já disse que estou satisfeito com o fracasso do duende. Mas preciso admitir, estava bravo com Vincent no bosque da montanha – ele soltou o ar com um som enfadonho. – Entenda, eu o acolhi como a um filho. Dediquei *anos* de conhecimento àquele rapaz ingrato, sou o responsável pela supremacia do seu poder... E o que recebo? Ingratidão. Uma traição deixa marcas – disse girando os olhos. – Mas faz anos! Ninguém vai esquecer isso?

Levei a mão, inconscientemente, até minha cicatriz. Ludwig percebeu o gesto e pareceu gostar.

– Hum. É verdade... Havia me esquecido deste detalhe. Imagino que seu poder tenha demorado muito para evoluir novamente – disse absorto. – E isso é muito irônico, se pensarmos naquela tarde, fui o responsável pelo encontro entre vocês. E nem imaginava o quanto isso seria satisfatório. – Deslizando os dedos pelo lábio inferior, Ludwig curvou-se mais uma vez, e chegou mais perto. Assisti à sua aproximação travando o queixo e mergulhando ainda mais na poltrona. Ele levantou uma das mãos até meu pescoço, afastando meus cabelos. Quando encontrou a marca de seus dedos, sorriu orgulhoso. – A propósito, meu *toque pessoal* ficou muito bem em você.

A piada de sua crueldade me enojou. Segurei os braços da poltrona, sentindo o calor escapar de minhas mãos e queimar o couro, eu queria queimar outra coisa agora, mas não podia arriscar atacá-lo... Levantei-me num salto.

Ludwig se levantou também, ficando muito próximo, mais do que meu estômago podia suportar. Ele colocou os dedos em meu queixo, levantando-o na direção do seu rosto, nele os olhos azuis faiscaram... letais.

Congelei por um único motivo... medo.

– É uma lástima precisar *dele* para meus planos – disse com o tom seco.
– Mas, depois, ele não terá mais utilidade. Essa é a graça de ser estrategista, combinar vantagens. – Ludwig apertou os dedos em minha pele. – Vou considerar isso como uma comemoração final – concluiu ainda sério, afrouxando os dedos enquanto se afastava.

Eu vacilei e quase caí sentada. Com uma longa inspiração, me aprumei rapidamente.

– Quero ver Vincent!

Ludwig baixou os olhos, acompanhando o movimento de meus lábios, e sorriu, deliciando-se com meu desespero.

– Controle sua ansiedade, vou providenciar o encontro de vocês quando ele estiver completamente recuperado – ele apontou para meu anel. – Uma união assim é rara e não gostaria que nada a impedisse.

O mago de olhar perverso caminhou até a porta e parou, aguardando. Com a respiração descontrolada, eu o segui. Meu senso de autopreservação dizia que a coisa estava ficando perigosa demais... e mandou eu aproveitar a oportunidade para sair dali enquanto houvesse tempo. Mas meu coração me culpava por ser covarde e ir embora sem Vincent.

Cruzei a porta e Ludwig segurou meu braço, fazendo-me voltar com um tranco. Ele se curvou, o rosto sombrio... ameaçador, chegando perto. Eu me encolhi, empurrando seu braço.

– É melhor não se arriscar de novo, Melissa, ou vou esquecer de que preciso de sua integridade também. Não quero ter de reorganizar minha estratégia, mas terei o maior prazer em tê-la como hóspede, se assim for necessário – articulou com voz calma e mortal.

Meus joelhos tremeram, minha boca secou e tudo o que consegui fazer foi arrancar meu braço de sua mão e correr escada abaixo. Senti o calor se agitar meu peito, empurrando a onda de poder até minhas mãos que ardiam, prontas para deixá-lo fluir em minha defesa. Cruzei o corredor com outra corrida, sem olhar para trás, e encontrei com Hector na porta do hall interno. Eu parei, derrapando os tênis no assoalho. O poder fluía livre agora e, instintivamente, levantei minha mão. O elfo das sombras levantou uma sobrancelha, avaliando minha postura de ataque... e esticou os lábios. Divertindo-se com minha insignificância, sinalizou para a sala ampla, indicando a saída. Passei rapidamente por ele e cruzei o horroroso tapete vermelho em quatro passadas

largas, deixando os ostentosos lustres de cristal para trás.

Cheguei à porta da rua com o coração na garganta e tomei um susto quando o elfo atravessou minha frente, pegando carona em minha sombra. Com um sorriso cínico, ele abriu a porta e pulei para fora, literalmente, voando pelos degraus. E, pela primeira vez, minha levitação foi intencional. Pousei no chão descoordenada e passei pelo portão de ferro com passos trôpegos, só depois de pisar na rua me permiti respirar novamente.

Com uma breve espiada sobre o ombro, constatei que a nuvem cinza havia voltado ao redor da casa... Sem pestanejar, corri mais uma vez, e só parei na ponte do canal sinuoso.

A Busca

Apoiada no parapeito de ferro, tentei recuperar o fôlego, e isso foi mais difícil do que imaginei. Não era só o esforço da corrida, era a adrenalina do poder que ainda corria em meu corpo, o medo que tremia em minhas veias e a exuberante notícia que roubava meu ar... *Vincent estava vivo!* Ignorando o público do parque, escorreguei para o chão e, de costas para a grade, apoiei a cabeça, tentando arrumar meus pensamentos, tentando acreditar no que tinha feito... Tentando descobrir uma forma de juntar as informações para encontrar Vincent...

– Sabia que mais cedo ou mais tarde você passaria por aqui.

Se eu não estivesse no chão, com certeza, teria caído.

Virei sobressaltada, buscando a dona da voz irritada, e Ayla estava dentro do córrego sinuoso, atrás de mim. O tronco para fora da água e os cabelos flutuando com o vento gelado. Ao seu lado, a outra ninfa, Néri.

– O que está fazendo aqui? – gaguejei, correndo os olhos ao meu redor, confirmando a ausência de testemunhas para a moça que falava com as sereias na água.

Ayla cruzou os braços, evidenciando as curvas fartas em seu peito, o olhar negro e profundo cresceu no rosto furta-cor.

– O mesmo que você – disse ríspida. Virando-se para a outra ninfa, ela fez um sinal com a cabeça. – Certifique-se de que não há ninguém nos vigiando, Néri – disse com voz autoritária.

– Sim, senhora.

Néri levantou os olhos negros até os meus com um breve sorriso e afundou rapidamente, deixando a soberana furiosa para trás. Ayla encontrou meus olhos, ainda muito irritada.

– Achou mesmo que eu não conseguiria encontrar o lugar certo? – a sereia entortou os lábios. – O senhor destas águas tem uma comunidade muito tradicional de ninfas e, graças aos canais, elas estão espalhadas por toda a cidade. Foi uma questão de tempo falar com a ninfa certa... mas, infelizmente, o *tempo* no Mundo Mágico não corre em meu favor.

Levantei o queixo, aproximando o rosto da grade.

– Você falou com alguém... que eu estou aqui? Ou por que estou aqui? – perguntei apreensiva.

Ayla soltou os braços, mergulhando as mãos na água.

– Não – cuspiu indignada. O olhar negro ainda mais reprovador.

Se eu não tinha a simpatia da sereia antes, poderia esquecer qualquer migalha agora.

– Agradeço por isso... e sei que está brava... mas, por favor, Ayla, saia da água. Alguém pode ver você – falei aflita. E, espiando entre as poucas árvores que nos cercavam, avalei a distância do grupo mais próximo.

– Eu não posso – murmurou ácida. – Este não é meu território. Não tenho permissão de deixar os canais. Por isso, vamos ter de calcular muito bem esse plano – a voz irritada baixou um tom. Com um suspiro, Ayla procurou controlar o mau humor e isso parecia uma tarefa impossível. – Eu entendi seus motivos para vir aqui, Melissa, mas quero que *você* entenda, falar com Ludwig é arriscado demais! Principalmente sem apoio e planejamento. Se vamos continuar com *isso*... Preciso. Que. Confie. Em. Mim! – a sereia destacou cada palavra, levantando o tom mais uma vez.

Afirmar, baixando os olhos... e os levantei rapidamente.

– Ayla. Eu já falei com Ludwig. A história é longa. Mas o que importa é... *Vincent está vivo!*

A sereia abriu a boca e, pelas marolas ao seu redor, soube que vacilou. Alguns segundos depois, piscou os olhos negros, a boca ainda aberta... sem som. Estava me tornando especialista em surpreender a ninfa das águas.

– Você foi... até Ludwig... sozinha? – confirmou em um sopro gago.

– Sim. Acabei de sair de lá – aponte para as árvores de folhas amareladas que encobriam os palacetes à margem do parque. – Eu reconheci a casa pela névoa de poder cinza... Você tinha razão, a casa dele tinha um escudo de proteção. E não era somente sobre isso que estava certa – suspirei longamente, rendendo-me ao olhar negro estupefato. – Vincent nunca esteve lá – mais um suspiro e estreitei os olhos, procurando a proficiência em meu cérebro. – Ludwig disse que o levou da sala do portal para ajudá-lo... nem cogitou seu ataque, mas confirmou que matou Lúcius, justamente por ele ter ferido Vincent. E, pelo que entendi, ele fez isso por conta própria. Confesso que *tudo* isso não faz muito sentido. Por que ele se preocuparia com a integridade de Vincent? – divaguei quase que para mim mesma e, ignorando a perturbação no rosto furta-cor, continuei. – Ludwig disse que levou Vincent para um *lugar especial*. Onde o *acesso é restrito* aos magos das sombras. Disse que lá ele vai se *recuperar* do ataque de Lúcius com mais *eficiência*, como aconteceria na Terra da Luz – franzi os olhos. – Sua preocupação com a recuperação de Vincent era evidente, embora não faça sentido, mas uma coisa ficou clara em nossa conversa... fazemos parte de um plano *maior*.

A sereia me olhava fixamente e, com um gesto expansivo, levantou os braços, para depois batê-los na água. Uma onda muito maior que a reação de

seus braços subiu até a ponte, surpreendendo-me em um banho gelado. Muito gelado.

– Você é louca! – ela esbravejou. – Inconsequente e irresponsável!

Levantei-me rapidamente, chacoalhando o casaco, e encarei o rosto furioso da sereia com o olhar mortificado... *meu único casaco!* Mas, vendo o descontrole nos olhos negros, entendi que o frio era o menor dos meus problemas. A água no canal ainda se agitava ao redor dela, seus cabelos flutuantes dançavam ao seu redor, como serpentes enlouquecidas, enquanto os olhos me fuzilavam. Olhei para os lados, espreitando os frequentadores do parque entre as árvores... Talvez fosse possível explicar uma alucinação nesta cidade, ainda assim, não pretendia arriscar. Levantei as mãos com um gesto inútil, tentando acalmá-la.

– Ayla... controle-se...

– Tem ideia do risco que correu indo lá sozinha? – esbravejou.

Girei a cabeça ao nosso redor mais uma vez, preocupada com o espetáculo, e minha paciência diplomática se esgotou.

– Sim, tenho sim. Mas alguém precisava fazer isso! E você acabou de dizer que não poderia sair do seu *laguinho!* Então... *eu* teria de fazer de qualquer jeito! – desta vez, fui eu quem se descontrolou. – Eu não representava um ameaça para ele... Ludwig estava me vendo como um passatempo, uma diversão. E, justamente por isso, estava segura. Acho que *você* não teria a mesma recepção – falei convicta e a sereia contorceu-se, incomodada. Ela sabia que eu tinha razão. – Sei que foi loucura, mas não me arrependo de ter ido... agora temos uma pista de onde Vincent está. Melhor, temos a certeza de que ele está *VIVO!* – exultei.

Ayla soltou o ar, os olhos negros fixos nos meus.

– Você pode ter sobrevivido a Ludwig, mas há outro mago das sombras que vai matá-la quando souber desse encontro. E sabe o que é pior? Vincent nunca vai me perdoar por não a ter impedido... – ela balançou os braços, apoiando as mãos na cintura. – Você pode posar de corajosa, arriscando “a vida” por seu *amor...* mas, para Vincent, *ele* não vale o risco. E a culpa será da *sereia!*

Engoli em seco, avaliando seu ponto de vista. E a lembrança da destruição na casa de vidro me fez compreender a perturbação de Ayla... por usar um termo que repelia para intitular a si mesma. Dei um passo em sua direção, apoiando as mãos na grade de ferro da ponte. Com um suspiro, abaixei o rosto.

– Desculpe. Sei que ele vai enlouquecer, mas prefiro ter Vincent e sua ira a não tê-lo ao meu lado – fixei os olhos tensos do rosto furta-cor –, e sei que você também prefere assim.

A sereia finalmente desistiu de sua irritação. Levando as mãos às

têmporas, massageou-as com movimentos circulares. De olhos fechados, também suspirou longamente, acalmando-se. Depois falou em longas pausas.

– Você disse que... Ludwig levou Vincent... para um lugar *especial*. Onde o acesso é *restrito*... aos magos das sombras. Então, ele provavelmente estava se referindo a um lugar especial para *eles* – divagou.

– Sim – confirmei. – Um lugar que pode restabelecer o poder de Vincent com mais *eficiência*.

Ayla ficou em silêncio por alguns segundos, avaliando as informações. Quando abriu os olhos, eles eram profundos, vazios.

– A Dimensão das Sombras – disse devagar. – O Território do Demônio das Sombras. É a terra natal deles, por herança. Por isso o restabelecimento do poder das sombras é mais rápido.

Eu não entendi a expressão entorpecida da sereia, porque, em meu rosto, havia um sorriso enorme! Agora sabíamos onde Vincent estava. E poderíamos ir buscá-lo!

– E como chegamos lá?

– Não chegamos.

Franzi as sobrancelhas.

– Mas essa tal “Dimensão” faz parte do Mundo Mágico. E você está nele – sinalizei para a água ao seu redor. – Então deve haver um meio... Vincent me disse, certa vez, que é na Dimensão das Sombras que ele se desloca em uma viagem pela sombra e... – e a ficha caiu. Finalmente entendi o olhar vazio de impotência da sereia. O acesso à Dimensão das Sombras era exclusividade do Demônio das Sombras e de seus herdeiros. Só magos das sombras, como Vincent e Ludwig, poderiam entrar nela. Pelas sombras! Arfei, angustiada. – Tem de haver um jeito. Um portal... uma passagem... qualquer coisa!

A sereia esfregou os olhos com uma careta.

– Estou pensando, Melissa... estou pensando. O problema é a lenda. Ela diz que o Demônio das Sombras fechou os acessos ao seu reino para que seu herdeiro não retornasse depois de ser expulso. Só é possível entrar na Dimensão das Sombras com um convite! – ela jogou as mãos ao ar. – Dizem que quem deseja não consegue entrar. Mas, se estiver lá dentro, e for seu desejo, você é livre para sair.

Meu pensamento lógico funcionou rápido.

– Então precisamos de um convite.

Ayla levantou os olhos negros, repreendendo-me.

– Melissa... Se você chegou à casa dele com um convite, dificilmente sairá de lá.

Mordi o lábio, pensativa.

– A lenda... a maldição dos magos das sombras... há várias formas de interpretação para ela – a sereia cruzou os braços, aguardando meu objetivo. – Se o Demônio das Sombras quisesse seu herdeiro longe do seu reino, não teria dado a ele o acesso à viagem pelas sombras... e, pelo que entendi, ela é um dos únicos meios de se chegar à Dimensão das Sombras. Portanto, há brechas que ele mesmo criou.

Ayla girou os olhos.

– Claro que há brechas... Estamos falando do “Demônio das Sombras” – destacou irônica. A sereia fechou os olhos, concentrada nos pensamentos distantes. – Há muitas histórias sobre ele nestes canais... preciso conversar com algumas ninfas, relembrar algumas delas... – depois de alguns segundos angustiantes, ela abriu os olhos e neles havia um brilho diferente. O brilho que eu esperava. Ayla levantou um dedo com um gesto duvidoso. – E uma se encaixa na *segunda* interpretação. – a sereia pausou, concentrando-se, e me aproximei da grade da ponte para ouvir melhor. – É sobre um mago que viveu perto daqui, e relata sua tentativa de reabrir um dos portais fechados pelo Demônio das Sombras. – Ayla levantou os olhos brilhantes. – O fim da história não é feliz, por isso, ele pode ter tido sucesso.

– Para mim, é plausível – abri um sorriso.

A sereia afirmou, segurando o sorriso satisfeito.

– A história é antiga, e preciso averiguar se o lugar ainda existe. – Ayla focou meu rosto. – Mas, se houver mesmo um portal para a Dimensão das Sombras, irei com você. O mais perto que puder chegar. Não faremos nada sem um plano. E, acima de tudo, vai ter de confiar em mim!

– Eu confio – afirmei solene.

– Ótimo. Então espere aqui, vou confirmar isso e volto o mais rápido possível.

Ayla abaixou os olhos para a água e marolas a envolveram enquanto afundava suavemente. Concordei, e algo urgente me fez curvar o corpo sobre o parapeito de ferro.

– Ayla – chamei antes que seu rosto desaparecesse na água. Ela apenas levantou os olhos. – Obrigada – falei com emoção.

O sorriso no rosto furta-cor foi escondido pela profundidade da água.

Suspirei longamente, sentindo o coração acelerar pela ansiedade... A herança das sombras e o próprio Vincent eram a prova que todas as lendas tinham base em fatos reais. Portanto, só precisava esperar e logo estaria indo ao encontro dele. O problema era *esperar*. Escorreguei para a ponte mais uma vez, o corpo exausto pela tensão. Abracei-me ao meu casaco molhado... E estremei com o vento gelado do outono europeu. Depois de avaliar meu figurino, levantei

os olhos para o sol inexistente, deveria ser o meio da tarde agora e, se estava assim de dia, imaginei como ficaria à noite. Eu não tinha ideia de *como* nem *quanto* tempo levaria a próxima etapa da busca na Dimensão das Sombras e, por isso mesmo, precisava trocar de roupa. Isso trouxe outros detalhes... comuns e normais. Na verdade, dois detalhes. Rose e Arthur.

A Dimensão das Sombras pertencia ao Mundo Mágico, portanto, minha busca poderia demorar *muito* tempo, talvez dias! E precisava cogitar a hipótese de não voltar com eles para o Brasil. O problema era encontrar justificativas para isso. Com uma careta, espiei as pessoas comuns caminhando despreocupadas pelo parque... indiferentes à minha angústia. E me surpreendi ao perceber que a barreira invisível da magia estava por todos os lados. Por todo o mundo. Assim como Nicolau mencionou.

Uma hora depois, entre tremores e xingamentos a uma sereia descontrolada, o barulho de água corrente cresceu atrás de mim. Levantei-me às pressas, apertando-me para espantar o frio enquanto admirava o corpo cheio de curvas, quase desnudo, emergir do canal.

Ayla encontrou meus olhos e soltou o ar dos pulmões lentamente, como se estivesse aliviada por eu, realmente, ter esperado. Sem perder tempo, foi direta:

– O mago vivia nos arredores da cidade. Pelo que as ninfas disseram, o castelo ainda existe. Mas se ele conseguiu ou não abrir o portal para a Dimensão das Sombras, é o que vamos descobrir – ela levantou o braço, estendendo um pequeno papel enrolado. Estiquei-me sobre a grade, agarrando o rolinho encharcado com a ponta dos dedos. Era um tipo de anúncio, com foto e legenda... em holandês. Ótimo. – Este é o nome do lugar. Encontro com você lá.

Arregalei os olhos, procurando o rosto furta-cor.

– Espere... Pensei que iríamos juntas. Que tínhamos um plano!

– O plano é deixá-la viva até que encontre Vincent – a sereia suspirou. – Não posso sair dos canais porque este não é meu reino, Melissa. E as ninfas daqui obedecem a outro regente, não tenho controle sobre elas... o encantamento *delas* funcionaria em você. Eu e Néri não poderíamos contê-las. Já estamos correndo riscos suficientes, não vou colocá-la no meio de um monte de ninfas vaidosas – Ayla ajeitou os cabelos flutuantes, e soube que estava se incluindo no grupo. – Não vou irritar ainda mais o outro mago das sombras. Por isso, terá de chegar até o castelo pelo mundo físico – ela apontou para o papel em minha mão. – Acha que consegue?

Fechi minha boca, indignada com seu tom desafiador. Estava apavorada por ter de me aventurar sozinha em um país completamente desconhecido, mas o

que seria pior que enfrentar Ludwig? Ou o próprio Demônio das Sombras? Levantei o queixo.

– Eu cheguei até aqui, não cheguei?

A sereia engoliu minha decisão e começou a afundar novamente. Sustentamos o olhar uma da outra, até que ela desapareceu completamente.

Era fato... Por mais que me esforçasse, não conseguia simpatizar com ela.

De volta ao apartamento de Rose, contornei detalhes apavorantes – e explicações impossíveis sobre minha roupa molhada –, concentrando-me apenas em convencer Rose e Arthur de que havia encontrado um amigo de Vincent em meu passeio. E que ele me informou onde encontrá-lo. Puxei meu papel molhado do bolso e o entreguei à Rose, afirmando que Vincent estava hospedado em um lugar próximo ao castelo do anúncio... o que não deixava de ser verdade. Mordi o lábio, na esperança de que ela já tivesse visitado o lugar, afinal, era um castelo! Mas, para minha decepção, Rose informou que existiam cerca de 150 castelos espalhados pela Holanda. Ela tinha visitado alguns, mas não este em particular. Minha dedicada amiga procurou alguns guias de viagem e, com rapidez, localizou meu destino. A seção de destaque era algo promissor, como “passeios assombrados”... Por algum motivo, isso não me surpreendeu.

E, então, veio a parte complicada, comunicar que provavelmente ficaria mais tempo que o previsto e voltaria com Vincent para o Brasil. *Assim eu esperava.*

A reação dos meus amigos passou por vários estágios... da alegria, por eu ter encontrado meu namorado, pela preocupação por eu ficar sozinha em um país estranho e, por fim, chegou à desconfiança de que Vincent me abandonasse de novo. Confesso que, por mim, poderíamos ter parado na primeira parte.

Tanto Rose quanto Arthur tinham suas reservas quando o assunto era “meu namorado mal-humorado” e o esforço deles em unir seus argumentos, que justificavam opções melhores, foi a primeira prova de que haviam se tornado um casal. Eu ouvi paciente. Em determinado momento, a compreensão os alcançou... Eu estava decidida, não adiantaria discutir com *meu amor*.

Deixei Rose e Arthur absorvendo a solidez da revelação e fui ao encontro da minha mochila, vasculhando-a em busca de um milagre. Minha calça jeans estava quase seca no corpo, mas precisei colocar meu casaco perto do aquecedor em uma tentativa desesperada de recuperá-lo. Enquanto me decidia entre as três opções de camisetas, Rose se aproximou... horrorizada.

– Você vai revê-lo vestida assim? – ela tirou as camisetas de minhas mãos, devolvendo-as à mochila. – Você não o vê há dois meses, Melissa... Dois meses! Precisa vestir algo mais apresentável. E, se for ficar com ele na cidade,

faça-me um favor, vá fazer compras! Esqueça essa mochila!

Rose me arrastou para o quarto, sem dar chance para argumentações, e me largou de frente para o espelho de moldura na parede. Talvez propositadamente. Depois de uma espiada, não discuti. Enquanto ela separava opções do seu guarda-roupa, montando figurinos elaborados sobre a cama, observei seu sorriso largo... que fazia par com os olhos brilhantes.

Sua felicidade era contagiante, e meu coração se aqueceu. Por isso mesmo precisava ser honesta. Com um longo suspiro, encostei a porta do quarto, aproximando-me cautelosa.

– Rose... sei que você e o Arthur se acertaram... e estou muito, “muito” feliz com isso – abaixei os olhos. – Mas preciso lhe contar uma coisa que aconteceu lá no Brasil.

Rose virou lentamente, jogando os cabelos sobre os ombros.

– Eu sei Melissa. O Arthur me contou. E não me importo com o beijo – a dona da voz doce encontrou meu rosto envergonhado. – Foi depois dele que Arthur descobriu a vontade de encarar o amor com seriedade. E era essa seriedade que eu esperava. – Rose esticou uma das mãos em meu ombro, os olhos mareados. – Você tem ideia de quantas coisas fez por mim? – fiz uma careta, mas ela continuou assim mesmo. – Você me incentivou a escrever a carta, a falar sobre meu sentimento. Ensinou a Arthur a importância de fazer uma escolha. E o trouxe para mim! Melissa... eu não tenho como agradecer por tudo isso.

Sequei os olhos. Com um sorriso largo girei para a cama, apontando para as echarpes de seda.

– Deixe-me escolher a roupa... e estamos quites.

Rose soltou uma gargalhada, abraçando-me com vontade. Depois, mostrou as opções que *ela* permitia serem escolhidas. Suspiro. Enquanto experimentava suas opções, pensei em algo muito perturbador... Eu precisaria contar sobre o beijo a Vincent também. E tinha certeza de que a reação dele não seria nada parecida como a de Rose.

Tentei, a todo custo, explicar à minha “agradecida amiga” que meu encontro com Vincent combinaria mais com calças jeans, mas não a convenci. Imaginando uma noite requintada em algum bistrô medieval, ela separou opções que incluíam salto alto. Mais um suspiro. Recusei as saias microscópicas que desapareceriam por baixo do casaco e, lutando por minha dignidade, fiquei com um vestido azul de mangas compridas que ia até os joelhos. Confortável e simples. O que ajudava nas lacunas do novo destino. Para fechar o conjunto, Rose tirou um *trench coat* de lã preto do armário... desta vez abri um sorriso. Agora estávamos falando a mesma língua.

Bem agasalhada, reuni meus pertences principais em uma bolsa de tamanho médio... sem esquecer o guia de viagem de Rose. Preparada para meu “passeio assombrado”, apressei-me para a rua. Era fim de tarde e pretendia chegar ao meu destino antes do anoitecer. Os pombinhos me acompanharam até a estação central da cidade e esperaram comigo a chegada do trem amarelo. Agradecida pelo empréstimo das roupas e pelas informações turísticas, abracei minha amiga... e com um olhar significativo entre os rostos vermelhos, desejei cuidado. *Aos dois.*

Deixando o constrangimento de lado, Arthur também se aproximou para um abraço, e aproveitei a oportunidade para lhe fazer uma exigência:

– Não a magoe. Nunca.

Ele se afastou com o rosto concentrado, os olhos dourados brilhando, decididos. Espremendo um sorriso, Arthur assentiu solene. De dentro do trem, presenciei um beijo apaixonado na plataforma... isso foi inspirador. E rezei para ser um bom presságio.

Acomodei-me na poltrona e, para ajudar com a ansiedade, posicionei a primeira *playlist* do *iPod*... Meia hora, duas paradas... e quase perdi a estação onde deveria descer. Depois de certa dificuldade para ser compreendida em meu inglês nervoso, acomodava-me em *outro* trem, listando motivos para afogar uma sereia. Mais meia hora, e muitas paradas que me deixavam cada vez mais confusa, descobri que teria mais uma jornada... *De ônibus!*

Atravessando a passarela até o lugar indicado, espiei o céu escuro. Por mais perdida que estivesse, o medo por trás da noite ainda era maior. Dentro do ônibus para *Gorrr..ri...nch...* Suspiro. Para algum lugar impronunciável, testei o calor em meu peito. E me assustei com a onda de energia que senti em meus braços. Quase derreti a poltrona à minha frente e fechei as mãos com uma careta, contendo o calor queimante. Imaginava que isso poderia ser resultado do meu nervoso, da minha ira com a sereia, ou a soma dos dois. Mas, depois, lembrei-me do que Nicolau disse lá no palacete... *meus poderes estavam ficando mais fortes*. Respirei fundo. Este não era o melhor momento para eles saírem do meu controle.

A viagem foi rápida. Em menos de quinze minutos estava olhando para uma cobertura de acrílico. No meio do nada com coisa nenhuma. A noite chegou implacável, e deixei o ponto de ônibus, seguindo as luzes até as casas mais próximas. Pessoas eram raridade, e me aproveitei das que, provavelmente, voltavam do trabalho. Fiz duas tentativas... e tive o mesmo problema. Minhas perguntas eram simples, mas os habitantes do vilarejo insistiam em dizer que o castelo estava fechado ou que não poderia ser visitado. Muitas vezes, em holandês, o que não ajudava. Duas esquinas depois encontrei meu terceiro alvo.

Depois de ouvir minha pergunta, o senhor idoso estudou meu rosto e simplesmente ergueu a mão, indicando o caminho com mímicas. Assenti alegremente, mais do que deveria levando-se em conta o tipo de lugar para onde estava indo.

Segui a rua deserta observando as construções se distanciarem. A planície nesse lugar era angustiante e, mais do que nunca, senti falta da minha montanha. Abraçada ao *trench coat* de lã, levantei os olhos para um moinho no estilo holandês... a noite escura não lhe dava o charme turístico, e com uma lufada apertei a bolsa no ombro, acelerando o passo. Metros depois, a escuridão revelou uma construção com torres altas que despontavam entre as árvores. Meu coração acelerou, fazendo o poder girar em meu peito... tinha de ser aqui!

Cruzei com uma casa de luzes apagadas, um portão destrancado e uma represa de águas negras... que corria para trás do castelo. O lugar estava deserto e a atmosfera sombria arrepiou minha nuca. Eu parei. No pátio central encarei as janelas cravadas nos tijolos aparentes, esperando algo horripilante como um fantasma arrastando correntes. E não segurei o grito quando um barulho alto de água se agitou no silêncio da noite. Com a respiração ofegante, busquei concordância para os acontecimentos, e disparei ao redor do castelo.

Do outro lado, com meio corpo para fora da água, a sereia de expressão impaciente agitava as marolas... mechas do cabelo flutuante brilhavam pelo comprimento, enaltecendo o efeito da pele furta-cor. A visão noturna de Ayla era hipnotizadora.

– Você demorou – ela reclamou, correndo os olhos negros por meu figurino. Pisquei uma vez, prestes a lhe dar uma resposta mal-educada, irritada e cansada, depois de ter chacoalhado por todos os meios de transporte da Holanda... Mas a sereia foi mais rápida. – Mandei Néri vigiar para que não sejamos interrompidas. E, enquanto esperava, procurei por portais ou magia das sombras... e encontrei isso – ela se moveu na água, indo ao encontro da parede ao fundo do castelo. Levantando o dedo, fez um gesto em forma de arco, acompanhando o contorno desalinhado dos tijolos acima do lago. – É como se alguém tivesse fechado uma porta.

Avaliei o contorno iluminado por seus cabelos.

– Pode ser apenas uma porta desativada, vi marcas assim ao lado das janelas na frente da construção. Um portal deve estar escondido no calabouço... ou em algum lugar inacessível dentro do castelo – argumentei, indicando a torre.

A sereia levantou os lábios no canto com desdém.

– Não coloque dentro de sua casa o que não pode controlar – disse torcendo o nariz. Ayla levantou as mãos e um jato de água se chocou contra a parede... Forte o suficiente para deslocar alguns tijolos. Ela se aproximou e suas

mechas cintilantes iluminaram um arco de pedra muito familiar. A sereia soltou uma risada baixa. E repetiu o jato, desta vez para eliminar os tijolos restantes. – Acho que tenho mais experiência no Mundo Mágico do que você. Não acha?

Com os olhos vidrados no portal, engoli em seco, sem me importar com a ironia provocativa da ninfa.

Era a hora. Com uma longa inspiração, abaixei minha bolsa na margem. Levantando as mãos até a parede de tijolos, apoiei o peso do corpo e caminhei com cuidado... atenta ao barranco estreito que acabava no lago de água fria. Agarrada ao arco de pedra do portal, procurei os olhos negros da sereia.

– Você deve procurar por ajuda, caso eu não volte. Não podemos provar que Vincent está lá, por isso, leve meus pertences... – falei, indicando a bolsa no chão com o queixo – os recibos das passagens são a prova suficiente de que *eu* estive *aqui*. E quem vier por mim pode ajudar a nós dois.

Ayla afirmou com a cabeça. Os olhos negros deixando escapar alguma emoção. Eu me ajeitei, colocando a ponta dos sapatos sobre o contorno de pedra no chão.

– Melissa – a sereia chamou, e virei a cabeça sobre o ombro, equilibrando-me –, as coisas lá não são o que aparentam. Tenha cuidado. – O tom sério excluiu qualquer provocação.

Eu sorri para ela, fechei os olhos e, com um impulso, mergulhei no arco de pedra.

Dimensão das Sombras

Meus sapatos estalaram no chão de pedra... Abri os olhos, e a visão do cenário levou minha respiração a um ritmo frenético. Deste lado, encontrei exatamente o que o nome prometia: sombra.

O ar gelado rodopiou ao meu redor, provocando espasmos... eu me abracei, girando o rosto. O portal atrás de mim estava fixo no chão, bem no meio de uma praça circular de pedra. E todo o resto se resumia a silhuetas na escuridão. Com mais atenção, reconheci o contorno de casebres em ruínas, misturando-se a longos galhos de árvores secas, que pareciam arranhar o céu... violeta. Pisquei algumas vezes adaptando-me à visibilidade turva, constatando a ausência de movimento. Eu estava sozinha. A brisa fria, a ausência de som e a escuridão perturbadora lembravam um leito de morte. Apertei meu abraço, buscando mais oxigênio para meus pulmões e, com um passo bambo, repeti um único pensamento... *Como encontrar Vincent?*

A visibilidade à minha frente era de poucos metros e segui, vagorosamente, ouvindo meu salto estalar no chão irregular de pedra. O som ecoava pelas ruínas e, aparentemente, estava tudo... calmo. Eu parei, concentrando-me. E engoli em seco quando o aviso de Ayla se tornou um alerta, a calma não era real. Um arrepio em minha nuca ativou meu instinto de defesa. E soube... algo espreitava meus movimentos. Espremi meus olhos para a noite turva, buscando a forma camuflada do perigo, e depois de um segundo a silhueta se revelou, grandiosa demais para ser algo humano. Um par de olhos me encarou com um brilho espelhado e recuei com um passo bambo, quase tropeçando nas pedras irregulares... tudo o que sabia é que aqueles olhos também eram grandes demais para pertencer a qualquer animal conhecido.

Com um impulso de sobrevivência eu corri, na maior velocidade que pude, rompendo a escuridão cega à minha frente. Rezando para não tropeçar. Outros olhos grandiosos surgiram no caminho, acompanhando formas ameaçadoras, e uma sequência de sons guturais se misturara aos meus passos... antes que percebesse, estava fora do chão. O medo, o nervoso, talvez os dois, ativaram a levitação. E, desta vez, agradei o dom mágico. Empenhando-me no esforço do movimento, subi um metro, ganhando mais velocidade.

As ruínas se distanciaram... e no meio da escuridão fui surpreendida por um grande portão de madeira. Eu me choquei com violência e fui atirada de costas no chão. Atordoada, levantei-me com cuidado, testando algum osso quebrado, mas, além da dor latejante, só a paisagem incomodava. As árvores

secas se apinhavam ao meu redor, esticando seus galhos pela noite, e alguns deles estavam agarrados à barra do meu vestido. Eu me livrei deles, quebrando a madeira seca com violência para atirá-los longe. Ainda ofegante, aproximei-me do meu obstáculo, avaliando o gigantesco aglomerado de madeira e suas figuras repelentes, que contornavam os puxadores de cobre... *Tinha de ser aqui!*

Um muro alto de pedra estendia-se por seus limites, e a altura dele era algo inacreditável para qualquer engenheiro. A observação foi interrompida por outro som, arrastado, que ecoava como um gemido. Levantei os olhos e percebi que eram os galhos secos, roçando uns nos outros em uma dança sinistra... eu estava encurralada! Com um arfar desesperado, empurrei o grande portão, apoiando as mãos em seus entalhes imperiosos, mas ele nem sequer rangeu. Pensei em levitar, talvez usando as árvores secas como apoio... mas, então, lembrei-me do que Ayla disse sobre o convite.

Eu já estava na Dimensão das Sombras, mas não parecia correto invadir uma casa. Muito menos a casa do Demônio das Sombras. Mordendo o lábio, segurei o puxador, estudando o monstro de três cabeças esculpido no cobre... isso me fez olhar sobre o ombro e, sem pestanejar, bati três vezes. Impaciente, girei os olhos pelas silhuetas esqueléticas das árvores, recebendo a brisa gelada no rosto. Ela acompanhou um cheiro forte, pungente... como suor misturado a carne em decomposição. Forcei mais três batidas apressadas, que ecoaram no breu, misturando-se ao som de galhos estalando. O chão de pedra foi arranhado a alguns metros dali, por algo afiado, e desta vez não olhei para trás. Com os olhos fixos na porta, senti minha nuca arrepiar. Um tremor correu por minha coluna e o mesmo instinto de autopreservação me mandou ficar imóvel. Eu não estava sozinha e, realmente, não queria saber o que estava ali. Apavorada, bati mais três vezes... desta vez, o portão abriu.

Com um movimento rápido, agarrei a madeira, forçando a abertura para passar por ela. Pela visão periférica, vi algo grande cruzar minhas costas, asas disformes açoitaram o ar e dentes pontiagudos se destacaram na escuridão. Aquilo estava se aproximando! A madeira pesada rangia devagar, mesmo com meu esforço... assustada, segui meu instinto e, levantando a mão, liberei o calor que se acumulava em meu braço. O clarão dourado iluminou algo que eu não gostaria de ver... mas o ronco monstruoso indicou que acertei meu alvo. Com um grito exasperado, espirei meu corpo pela fresta do portão, deixando um pedaço da minha saia nele. Do lado de dentro, apoiei as costas na madeira pesada e empurrei com toda a minha força, fechando-o novamente. Com a respiração descompassada, procurei uma tranca, mas não havia nenhuma, e depois de ouvir o grunhido raivoso que acompanhou alguns arranhados do outro lado, eu me afastei... os olhos vidrados.

Dei dois passos para trás, tentando trazer o ar até meus pulmões, e caí sentada em uma depressão. A fuligem cobriu o ar e o cheiro de cinzas subiu ao meu nariz, enquanto luzes baixas tremulavam à minha volta. Antes de entender o que era, o ardor em minhas pernas me fez pular. Levantei-me desesperada, livrando-me do *trench coat* em chamas. Com movimentos agoniados, eu checava a integridade dos meus cabelos, enquanto meus olhos registravam a visão à minha frente. Arfei, surpresa. Aquilo era... lindo!

Pequenas chamas se espalhavam pelo solo, milhares delas, formando desenhos irregulares... como um jardim. Sim, o “*Jardim de Fogo*”, tinha de ser isso. Dei alguns passos, contornando os pontos luminosos aos meus pés. A claridade das flores de fogo revelou uma construção opulenta, cercada por colunas de granito. Estudei a segurança do muro de pedra atrás de mim, o vasto jardim brilhante e seus arredores... e me aproximei da mansão de granito cautelosa. Estava em território perigoso, e agora sabia que toda sensação de segurança era uma armadilha. Antes que chegasse à porta, ela se abriu. Estremeci, sabendo que não era de frio. O medo era algo subentendido, em se tratando de demônios das sombras, castelos e noite escura.

Uma garota pálida, de longos cabelos platinados deu um passo para fora, avaliando-me com indiferença. Seu vestido preto cintilou, como escamas, refletindo as chamas do jardim, enquanto olhos violeta encontravam os meus. Intimidadores. Inconfundíveis. Travei meus pés no chão, buscando meu controle inexistente, esperando que ela dissesse alguma coisa. Mas ela apenas aguardou, como se *minha* presença merecesse uma explicação. Engoli em seco, e merecia. Afinal, *eu* estava batendo à sua porta.

Fechando as mãos em punho, senti o calor se agitar junto com o nervoso em meu peito.

– Gostaria de saber se o mago das sombras, Vincent Dippel, está aqui.

A garota estreitou os olhos, como que para enxergar melhor, sem demonstrar nenhuma emoção soltou as palavras em um português antigo, colonial.

– És a senhora dele?

Senhora? Que tipo de pergunta era essa?

– Não.

– A genitora dele?

– Não!

Ela estava brincando comigo?

– Sua filha?

Bufei, incomodada com o questionário sem cabimento.

– Vim buscá-lo.

– Se não tens uma ligação sanguínea com ele, nem posse... O que lhe dá o direito de requerê-lo?

Meus olhos brilharam. Adiantei-me um passo, surpreendendo a geladeira loura.

– Então, ele está aqui – afirmei com um sorriso, sentindo o coração acelerar de alegria. E depois de tanto tempo a sensação era muito boa. Revigorante!

A garota de olhos violeta endireitou os ombros, se esforçando na expressão indiferente.

– Não és uma maga das sombras e não tenho ideia de como chegaste aqui ou como dispensaste as quimeras... Mas debes voltar da mesma maneira que veio.

Ela já estava se virando quando a urgência quase me fez pular na sua frente. Segurando o braço da garota, exasperei apressada:

– Sou sua consorte. Sou a consorte de Vincent Dippel!

Ela se livrou de minha mão enquanto algo perturbador mudava os contornos do rosto pálido. Mas, quando levantei minha mão para mostrar meu anel, ganhei a atenção dos olhos violeta. Fitando-o compenetrada, outra expressão deu vida ao seu rosto. E, como todos os outros, ela demonstrou choque.

– Compromisso – deixou escapar entre os lábios. Voltando os olhos para meu rosto, ela exteriorizou algo muito distante da indiferença. A garota piscou, recompondo-se. – Venha comigo.

Com um suspiro aliviado, segui a loura platinada até uma sala de granito preto completamente vazia. Arandelas medievais pendiam das paredes, e isso era tudo. Com um gesto, a garota interrompeu minha caminhada, indicando que deveria esperá-la ali. E continuou, desaparecendo por uma porta em arco. Contorci as mãos nervosamente, agitada demais para ficar quieta. Três segundos depois, um eco transpirou pelo granito, retumbando em meus ouvidos.

– Uma consorte!

A voz poderosa contornou as paredes de pedra, tirando-me do chão. A levitação ainda estava ativada... e foi bom saber disso. Estudei os arredores e dobrei os joelhos antes de bater os pés no chão de pedra. O salto alto não ajudou no equilíbrio, principalmente quando um homem vestido de preto emergiu aos meus pés. Ele parou a poucos centímetros, materializando-se completamente. Tropecei para trás, desequilibrada, o corpo tremendo com o calor do poder que agitava minhas veias... E meu pavor aparente não abalou o intimidante olhar contemplativo.

– Vincent Dippel tem uma consorte! Ele não nos contou sobre isso – “a

voz” finalizou surpresa, quase maravilhada com a novidade. Sem dar aviso, o homem tomou minha mão, primeiro avaliando o anel, depois, com certo espanto, avaliando-me com os olhos incandescentes. Com um movimento que não vi, ele encostou a testa em minha mão em um cumprimento respeitoso. – Há muito tempo não fico surpreso com uma visita, e você me surpreende de várias formas, *Anjo* – ele se endireitou, olhando-me fixamente. – Então, diga-me o que quero ouvir, *consorte de Vincent*...

O Homem deu um passo para trás, aguardando. Ele era alto, forte e bem-apegoado para ser o... Minha boca ficou seca e eu a fechei, esforçando-me para não demonstrar o tamanho do meu medo. Senti seu cheiro adocicado na língua, sim, doce, muito doce... enjoativo, na verdade. Tirei minha mão da sua com a pulsação descontrolada, lutando para usar minhas palavras a meu favor, e não contra mim.

– Você quer... saber meu nome? Ou o que vim fazer aqui? – gaguejei.

Ele sorriu divertido-se com o temor que transparecia claramente em minha voz.

– Faça-me feliz.

– Sou Melissa Wels e vim buscar Vincent – finalizei decidida, levantando o queixo.

O homem tombou a cabeça, como se visse algo além da minha pele. E seu olhar foi intimidador o suficiente para me fazer recuar. Mas não poderia, não agora, que estava tão perto. Lutando com os alertas em minha cabeça, fixei meus olhos nos dele, que brilhavam em um violeta profundo... tremulando como labaredas. Ousados, provocativos... Sábios. Era ele. O Demônio das Sombras. Não havia dúvidas. Vacilante, firmei meus pés no chão, colando os punhos no corpo para esconder meu tremor. E, imediatamente, senti o poder se acumular em meus braços, pulsando em minha defesa. Curiosamente, o homem piscou, endireitando-se.

– Você possui mesmo uma herança corajosa, não é Melissa Wels?

A pergunta cética me desestruturou. Primeiro com indignação, depois, com revolta ao lembrar de tudo o que tinha passado para chegar ali. Endireitando os ombros, apertei minhas mãos, sentindo o calor queimar em minha palma fechada.

– Corajosa ou tola, jurei amor àquele homem. E quem jura amor segue seu amor... a qualquer lugar. Dá sua vida por ele. E não vou sair daqui sem Vincent.

O Demônio das Sombras arqueou uma sobrancelha, mais pasmo do que curioso. Sua risada abafada ecoou no granito, mas foi interrompida pela voz poderosa.

– É. Acho que não há dúvidas – disse mais uma vez, em tom descrente. E continuou, emendando uma expressão convidativa. – Mas saiba, todo ato de bravura acompanha uma boa dose de tolice para desmerecer o perigo. É como um elixir mágico! – disse provocativo, levantando uma sobrancelha para marcar o humor duvidoso. – Mas só funciona para os realmente desesperados.

– Acredito que o desespero move a fé, e eu creio no meu amor.

Um longo momento se passou enquanto os incandescentes olhos violeta sustentaram os meus. A expressão de dúvida no rosto do homem tornou-se saudosa. Ele tomou minha mão entre as suas, mais uma vez, sem me dar chance de recuar.

– Há muito tempo conheci uma *Deva* que me disse algo muito parecido, mas fui um tolo por não acreditar em suas palavras... por isso perdi um filho. – Ele estudou meu rosto por um momento, compreendendo que minha falta de choque confirmava o entendimento da lenda. Não demorou para um sorriso perspicaz tomar seu rosto. – Desta vez vou fazer um convite diferente... em vez de pedir grosseiramente que se retire, vou pedir educadamente que fique. Vincent é meu convidado e adoraria tê-la conosco.

Puxei minha mão da dele, mais uma vez, recuando um passo.

– Convidado? Ele não é seu prisioneiro?

O Demônio das Sombras estreitou os olhos, a expressão ganhando traços de ironia.

– Sei que minha fama me precede, mas qualquer mago das sombras pode ser considerado meu... – ele parou pensativo – *tatara-* e muitos outros *tara-neto* – depois de um segundo fitando meu rosto absorto, continuou. – *Seu* mago, Vincent, chegou aqui todo retalhado... na verdade, quase morto. Não poderia negar auxílio a um herdeiro das sombras. Então, eu o convidei a ficar. Para se restabelecer. E, bem, ele não recusou minha oferta – finalizou levantando os ombros.

Perdi o ar.

– Então, Vincent está aqui porque escolheu ficar?

O Demônio das Sombras assentiu, e meu coração caiu no chão. De repente, o propósito da jornada tornou-se completamente sem sentido. Tudo ao meu redor perdeu o sentido... o perigo, a determinação... e a única coisa que martelava em meus ouvidos era que Vincent decidiu ficar *longe* de mim.

– Já que é minha convidada, gostaria de encontrá-lo?

Assenti atordoada, a certeza em meu peito abafada pela dúvida.

– *Sim... Senhor* – falei gaga, reavaliando minhas decisões.

Acabara de aceitar o convite do Demônio das Sombras, mas outras perturbações ocupavam meus pensamentos. “*Como sabe que ele quer voltar?*”,

a pergunta da sereia se repetiu, alarmando-me ainda mais. Ayla tinha razão, mais uma vez. Eu não sabia. E o que Vincent queria, pelo visto, era bem diferente do que eu imaginava. O tempo todo concentrei-me no que *eu* queria... *E eu queria que ele voltasse!* Foi meu desejo cego que me trouxe até aqui. O desejo de crer em seu amor.

Avaliando meu estado catatônico, o demônio das sombras tomou meu braço, passando-o pelo dele e me conduziu pelo salão de granito.

– A propósito... sou o *Senhor* da Dimensão das Sombras, mas pode me chamar de Victor.

Levantei os olhos para o rosto anguloso, estranhamente atencioso, que se esforçava para ser amigável. Eu, provavelmente, não deveria, mas o torpor me fez encará-lo... cabelos pretos, muito curtos, completavam o ar sério da figura perigosamente envolvente... pisquei uma vez, julgando a veracidade em suas ações. Lutando com as vozes em minha cabeça, fixei meus olhos nas incandescentes órbitas violeta.

– É um prazer conhecê-lo, Victor – falei mais por educação do que pelo discernimento das minhas palavras.

Victor estendeu um sorriso amplo. E algo no sorriso do Demônio das Sombras pareceu reconfortante... para ele, ou para mim.

Sáímos pela porta em forma de arco para um corredor amplo, mais uma vez, ausente de decoração. Eu caminhava nele havia quase um minuto quando percebi que estava *mesmo* de braços dados com o Demônio das Sombras. Levantei meus olhos para o rosto atento sem conseguir segurar minha apreensão.

– Está tudo bem, *Anjo*... – a voz tranquilizadora piorou meu nervoso.

Victor parou ao lado de uma porta, empurrando-a suavemente, dando-me passagem. Entrei na sala gelada de granito com a respiração presa na garganta. Meu olhar ávido correndo por cada centímetro... até que encontrei o que procurava. Grandes janelas evidenciavam o céu violeta e circulavam um leito simples, nele, um corpo repousava. Imóvel.

A visão parou o ar em meus pulmões.

Vincent estava de olhos fechados, coberto apenas por uma manta púrpura que se equilibrava em sua cintura. Ao lado dele, a loura de expressão apática.

– Dalilah está cuidando dele.

A garota de olhos violeta encarou Victor por um breve segundo e afastou-se a passos lentos. E, neste momento, pouco me importei com sua presença. Com os olhos vidrados, cruzei a sala, a cada passo meu coração gritava, enlouquecido, exultante... toda apreensão sendo dissolvida no prazer daquela visão. Era ele, meu príncipe negro, meu cavalheiro carrancudo. O amor avassalador que golpeava meu peito em ondas gigantescas... Sereno, inerte...

Embalado pela noite violeta. Mas ao meu alcance.

Aproximei-me cautelosa, e meus olhos arderam, emocionados. Determinada a averiguar se aquela imagem era real, estiquei a mão, tocando seu rosto... e senti as terminações nervosas de meu corpo acenderem como lâmpadas. Era ele. O ar ansioso entrou em meus pulmões, trazendo-me à vida. Mas o sorriso extasiado congelou em meu rosto quando não houve reação. Meus olhos ansiosos correram seu corpo, passando pelo tórax musculoso e pararam nos cortes vermelho arroxeados, ainda inchados, que contornavam sua cintura. Eram muitos, alguns sobrepostos, e marcavam a pele irritada com sangue seco. Estreitei os olhos. Mas... ele estava aqui havia muito tempo, isso deveria estar curado. Ou, não? Levantei o rosto até Victor, que nos observava atentamente.

– Há quanto tempo ele está aqui?

– O outro mago das sombras o trouxe há algumas noites – Victor espiou minha reação desolada e balançou a cabeça. – Imagino que para você já passou bastante tempo.

Senti a umidade transbordar em meus olhos e enxuguei o rosto. Voltando-os para Vincent, afaguei seus cabelos, deixando minha mão em seu rosto mais uma vez.

– Muito – murmurei em um misto de alívio e preocupação. Sentindo... apenas sentindo sua presença. Ainda assim, tudo o que mais desejava era seu abraço protetor. Foi com ele que sonhei. – Ele está... – a palavra engasgou em minha boca. – Ele... deveria estar desacordado?

Victor deu um passo em minha direção, levantando o queixo para a loura apática.

– Dalilah está cuidando para que ele durma o maior tempo possível. Isso ajuda. Mas fique à vontade para ajudá-lo à sua maneira, se quiser.

Franzi a testa, procurando o dono da voz poderosa... Aquilo não parecia uma provocação, e sim uma opção. Será que ele sabia da minha tentativa de ajudar Vincent na sala do Portal? De qualquer forma, embora eu soubesse que era maga agora, continuava sem saber como realizar feitiços. Mordi o lábio, mais uma vez arrependida por não ter treinado com Aristela.

Sustentei os olhos violeta e tive receio de revelar a farsa que eu representava.

– Eu não... conheço feitiços. Tenho linhagem mágica, mas tive problemas no meu desenvolvimento. Meu poder ainda está... ou melhor... ele não está... pronto – falei indecisa.

Victor tombou a cabeça, a curiosidade atijando as labaredas violeta.

– Ah, mas isso é uma pena. Adoraria ver a herança de sua linhagem ajudá-lo – disse eloquente. Encarei o rosto atencioso... *Minha herança poderia*

ajudá-lo? Ele conhecia minha linhagem? Abri a boca para questionar, havia muitas lacunas sobre meus poderes e informações novas eram bem-vindas, mas, fitando seus olhos sagazes, suspeitei que isso fosse uma armadilha. Enrolei a pergunta na boca antes que ela saísse, e Victor tombou a cabeça, demonstrando sua curiosidade já familiar. – Você já é adulta. O que aconteceu com seus poderes?

Eu ia aceitar o aviso do acaso. Mesmo ansiosa por respostas, minha herança ou minha linhagem não eram assuntos para se discutir com o Demônio das Sombras. Já outras coisas eram evidentes... e poderia aproveitar o momento para descobrir mais sobre Ludwig. Com a mão livre, levantei meus cabelos, mostrando minha cicatriz.

– O outro mago, o que trouxe Vincent... ele absorveu meus poderes uma vez. E fez isso com Vincent também. – Soltei meus cabelos e, com a tristeza que transbordava dos olhos, corri meus dedos pelas costelas de Vincent, contornando cada cicatriz deixada por Ludwig com um carinho lento. – Ludwig nunca vai nos deixar em paz – funguei.

Sem pestanejar, Victor se aproximou. Com o primeiro gesto brusco da noite, agarrou meu ombro para levantar meus cabelos com a outra mão. Ele avaliou minha cicatriz e me soltou em seguida. Para meu espanto, a ira transformou o rosto anguloso, contorcendo cada linha em algo realmente demoníaco. As chamas nos olhos violeta brilharam hostis, saltando das órbitas, fazendo-me tremer. Eu me aproximei do corpo inerte ao meu lado, mais para protegê-lo do que para me proteger, enquanto assistia à agitação transformar a postura do Demônio das Sombras. De envolvente para muito assustador.

Com espasmos seus ombros cresceram, e saliências disformes encheram a camisa, quase rasgando o tecido. Victor ganhou pelo menos trinta centímetros e, ignorando o terror em meu rosto, bufou feroz:

– O que eles fazem entre si não é problema meu! – rugiu, apontando o peito de Vincent. – Sempre soube que Ludwig deseja unificar o poder da magia, ter o controle sobre ele, mas não é o único ambicioso do Mundo Mágico... E isso também não é problema meu! – Victor levantou as mãos no ar e raios cruzaram as vidraças, estremecendo o chão de granito. – Mas aquele mago presunçoso achou *mesmo* que iria me lograr? Achou que não ia perceber seu propósito? – cuspiu apontando meu pescoço. – E o que isso me torna? Um tolo em meu próprio reino? Eu? O dono da Dimensão das Sombras? – uivou enlouquecido. Outro raio chocou-se contra a janela, estilhaçando um dos vidros ao meu lado. O som ensurdecedor tremeu meu corpo e me encolhi ao lado de Vincent, desta vez para me proteger também. Vendo o terror aumentar em meu rosto, o Demônio das Sombras soltou o ar, fechando as pálpebras para conter as labaredas violeta

e, rapidamente, voltou à sua forma habitual. Controlado, falou calmamente, a voz firme e robusta, como se nunca tivesse se irritado na vida. E entendi a bipolaridade hereditária de Vincent... – A sede de poder de Ludwig é visível a qualquer ser menos dotado de experiência mágica. E, em algum momento, vou precisar tomar providências sobre isso – disse com indiferença. Ignorando meus olhos arregalados ele se aproximou, chegando muito perto. – Cá entre nós, não gosto de competição.

Engoli em seco, duas vezes, soltando o ar preso nos pulmões enquanto avaliava seu humor. Meu coração ainda galopava no peito, assustado, mas tentei controlar meu temor, convencendo-me de que estávamos fora de perigo. E aqui ficava a lição: não irrite um demônio.

Com a voz trêmula, fiz a pergunta que poderia esclarecer as intenções de Ludwig.

– Por que ele iria querer competir com você?

Victor espremeu um sorriso irônico. Com a voz acetinada, continuou:

– Poder, *Anjo*. Ter a linhagem das sombras instiga a ambição. O desejo de ter além do seu direito... de desafiar as impossibilidades. – Victor cintilou os olhos incandescentes nos meus. – Eu não tenho um herdeiro. Meu filho negou a sucessão e morreu como um mago. Sendo assim, alguns magos acham que podem assumir a Dimensão das Sombras – ele desviou o rosto para a vidraça quebrada. – Mas Ludwig quer ir além... alterar um equilíbrio que não deve ser perturbado – ele voltou os olhos incandescentes para mim. – E esse tipo de concorrência deve ser eliminada logo no início, para garantir a segurança de muitas alianças.

Alianças? Já havia entendido que o Conselho da Tradição não exercia muita influência aqui... mas, de alguma forma, havia um pacto. E suas palavras comprovavam que ele deixava as coisas sobre uma tênue linha de tolerância. E enxerguei nisso minha oportunidade... Fitei o rosto anguloso, avaliando... Meu lado racional achando que tinha perdido os miolos de vez, mas o lado esperançoso já o imaginava como um promissor aliado.

– Isso... já aconteceu antes?

Victor levantou o lábio no canto, algo como um sorriso debochado.

– De tempos em tempos sempre aparece alguém – ele espremeu o sorriso, tornando-o realmente diabólico. – O dono do portal que você usou é um exemplo, aquele mago era incansável e me deu muito trabalho. – Victor levantou as mãos no ar. – Mas não posso negar, isso torna a eternidade um pouco mais emocionante.

– Imagino que sim – afirmei com o pensamento longe e arranquei uma gargalhada do Demônio das Sombras.

Concentrei-me nas labaredas violeta que tremulavam, satisfeitas. Pelo visto, nada poderia abalar seu tom confiante... nem mesmo Devas e conselheiros. Isso me fez imaginar a possibilidade *remota* de convencê-lo a depor contra Ludwig no Conselho Mágico. Victor seria nossa melhor testemunha, uma que não poderia ser intimidada. E, se o Demônio das Sombras não fosse prova suficiente para acusar Ludwig, nada mais seria. Abaixei os olhos, avaliando o corpo em minhas mãos... Antes, precisava tirar Vincent daqui! Mordi o lábio, lembrando-me das palavras de Victor: “*fique à vontade para ajudá-lo*”. Estava claro que usei minha magia em Vincent antes e, se ele estava vivo, de alguma forma ela funcionou. A diferença é que *agora*, eu sabia que tinha alguma magia para doar. Avaliei os ferimentos do mago adormecido, subindo os olhos por suas cicatrizes até o rosto inerte, afirmando a mim mesma que o fato de ele estar vivo garantia que eu não tinha o dom da absorção de Ludwig. Para confirmar meu pensamento, o calor girou veloz em meu peito, correndo por meu corpo com intensidade, dizendo que ele estava ali para ajudar, não para machucar. Respirei fundo, acreditando nisso com toda minha força. Eu precisava tentar mais uma vez.

Levantando o rosto, encontrei o olhar observador à minha frente. E o mesmo alerta de perigo arrepiou minha nuca... não deveria fazer isso na frente de Victor. Com a voz controlada, falei baixo:

– Eu poderia ficar sozinha com Vincent? Por favor?

Victor franziu o cenho, pensativo. Mas logo seu olhar atento encontrou a resposta que procurava. Ele levantou o olhar para a loira apática, sem dizer nada, e ela contornou o leito até a porta. Victor a seguiu, mas virou-se antes de cruzá-la.

– Fique à vontade, *Anjo* – a voz poderosa arrastou o mesmo tom perspicaz.

Meu coração acelerou... ele sabia o que eu ia fazer. E estava em dúvida se isso me apavorava ou acalmava. Ajeitando-me ao lado de Vincent, concentrei-me em seus traços serenos, a respiração suave... E rezei para não fazer a coisa errada.

Determinada, abaixei-me vagarosamente, fitando seus lábios, e meu coração parou antes que eu os tocasse. Um milésimo de segundo depois, tudo se descontrolou. Sentir seus lábios nos meus depois de tanto tempo fez uma explosão chacoalhar meu peito, e aquilo era intenso demais para conter. A emoção fluía por meu corpo elevando a intensidade do poder que corria pleno, imperioso, exultante. Era como flutuar em uma doce nuvem de purpurina dourada, e me deixar aproveitar esse segundo foi a recompensa por tudo o que passei para chegar até aqui. Mas, no segundo seguinte, eu pensei nele... apenas

nele. E, como da primeira vez, direcionei o calor crescente para acompanhar minha respiração. Senti o fluxo de energia me deixar, lentamente, e soube que estava fazendo o que era certo. Quando a última onda de calor escapuliu por meus lábios, um arrepio correu meu corpo. Estava frio agora. Muito frio.

Afastei-me oscilante e estremei. Esfregando os braços, sentei-me ao seu lado. Minhas pernas estavam fracas e o ar vinha com dificuldade, como se eu tivesse corrido uma maratona. Cansada, fixei meus olhos no rosto primoroso e, um minuto depois, nada havia mudado. Eu falhei de novo? Com um suspiro fechei os olhos, buscando meu equilíbrio... e senti um toque em minha mão. Quente, reconfortante. Conhecido. Capaz de ressuscitar borboletas em meu estômago. Meu corpo conhecia aquele toque. Abri os olhos, instantaneamente, hipnotizada pelos poderosos oceanos violeta. Minha respiração ficou presa, o corpo tensionando cada músculo... e meu coração parou mais uma vez, apenas para contemplar a expressão surpresa no rosto que eu amava.

Um sorriso duvidoso levantou os lábios que eu acabara de beijar.

– Estou no céu... ou isso é uma tortura do inferno? – ronronou com a arrepiante voz grave.

– Vincent!

Meu coração pulsou alegremente ao som de seu nome e não contive meu sorriso, nem o soluço que rompeu meu peito, muito menos as lágrimas que transbordavam dos meus olhos. Ouvir sua voz bastou para desestruturar minhas emoções, derreter meus ossos e enfeitiçar meu coração... mais uma vez. Atirei-me sobre o corpo do meu mago das sombras, sentindo braços incrédulos se fechar em minhas costas. Apertando-me contra ele, soltei o ar, libertando-me de qualquer vestígio de dor. Não havia mais medo, só alegria. Ele estava em meus braços. Vivo. De olhos abertos. E falando! Tudo o que desejava com minha alma havia longos dois meses. O o ar logo escapuliu dos meus pulmões, expulso pelo seu aperto... Mas quem precisava respirar? E só consegui sorrir.

Duvidoso, Vincent me segurou pelos ombros, levantando-me para olhar melhor. Não me importei com seu olhar incrédulo, eu sorria e chorava, afagando seu rosto com as duas mãos... afastando minhas próprias dúvidas de que isso era um sonho.

– Pode apostar que isto não é o céu – levantei os olhos para a vidraça, e para o céu violeta depois dela –, mas também não estou certa se é o inferno.

Vincent sentou com uma expressão incômoda, que logo se dissolveu, tornando-se contemplativa. Suas mãos afagaram meu rosto, da testa ao queixo, e escorregaram por meu pescoço enquanto seus olhos subiam e desciam, estudando cada detalhe. Ele voltou o olhar para o meu, fixando-o por um breve segundo, depois o baixou até meus lábios.

– Você está aqui. Isso é o céu.

Ao final da palavra, sua boca tocou a minha, descrente, cuidadosa, apaixonada. Em segundos, suas mãos estavam em meu cabelo, trazendo-me mais perto, para que eu respondesse à avidez de seus lábios. Dobrei meus braços em seu pescoço, espremendo-me contra ele, esquecendo de onde estava, esquecendo de seus ferimentos, da urgência do momento... porque *nesse momento* eu só queria matar minha saudade. Escorreguei minhas mãos por seus braços poderosos, testando a pele macia... descendo por seu peito, contornando músculos firmes até sua cintura... e Vincent gemeu em meus lábios. Mas o som não foi de prazer. Afastei minhas mãos de seu corpo e ele nos separou com uma careta.

– Desculpe – murmurei, levantando minhas mãos para afagar seu rosto, enquanto checava o ferimento. – Como você está? Como se sente?

– Como um queijo suíço – Vincent rosnou disfarçando outra careta. E logo esticou os lábios aproximando-se mais uma vez. Mas atrás do sorriso eu vi a dor que o incomodava e recuei, meus olhos procurando o ferimento inchado em sua cintura, agora escondido por uma de suas mãos. – Está melhor... Melissa.

Levantei os olhos ao ouvir meu nome e fiquei presa na profundidade do olhar violeta. Lágrimas transbordaram mais uma vez, descontroladas, e Vincent enxugou meu rosto. Neste momento, pude jurar que os olhos violeta também estavam mareados. Nós nos abraçamos em silêncio, por um tempo imensurável... e, aos poucos, a mágoa tomou o lugar da felicidade dentro do meu coração. Eu me afastei, a dor tentando tomar meu ar. Vincent me olhou em dúvida, mas logo o entendimento o alcançou. Acompanhando meu pensamento, a mudança chegou a seus olhos também. Mas em um mix de raiva, preocupação e desapontamento. Até que a ira ferveu nos oceanos violeta.

– Melissa... Como chegou aqui? – a voz grave soou seca.

E esta foi minha vez de responder com uma pergunta. Não deixaria sua superproteção ofuscar o ponto principal. *Ele escolheu ficar.*

– Você tem ideia do que eu passei? – falei alterada e Vincent se calou, fitando meu rosto. Incomodado com as lágrimas que brotavam com velocidade. – Todos lá acham que você está morto!

– Eu... sinto muito. Mas não tive escolha. Precisava fazer a coisa certa, me recuperar para enfrentar Ludwig. Melissa, eu estava quase... – ele esfregou a nuca sem pronunciar a palavra que me atormentou nos últimos meses. Desviando os olhos, avaliou seu ferimento. – E continuava mal da última vez que acordei. Nem conseguia me sentar – disse surpreso. Voltando os olhos para meu rosto, Vincent esticou a mão, hesitante. – Não sei por que Ludwig me deixou aqui, mas preciso ficar forte para encerrar esse assunto de uma vez. Não

vou deixar que aquele louco interfira em nossa vida, nunca mais. Ele não vai roubar nossa felicidade.

Eu me afastei, levantando-me. Depois, enxuguei o rosto, a mágoa se unindo à raiva em meu peito.

– *Nossa felicidade?* Você escolheu ficar longe de mim! – esbravejei. – Como isso pode ser “*nossa felicidade*”? Como espera que eu fique *feliz* pensando que está *morto*?

– Admito que essa não foi a melhor decisão... Mas eu não tinha alternativa! – exclamou endireitando a manta na cintura, subitamente incomodado. Estiquei os olhos para os ferimentos inchados, cobertos pela camada de sangue seco e não pude argumentar, Vincent não tinha o controle da situação. Vir para a Dimensão das Sombras não foi uma decisão dele. Mas ficar, foi. Compreendendo meu olhar indignado ele continuou. – Estava pensando em nosso futuro, em seu bem-estar. Enquanto estivesse longe de mim, estaria segura.

– Você acha, realmente, que fiquei *bem* longe de você? – um riso rouco explodiu com o humor irônico, espelhando uma reação dolorida no rosto do mago das sombras. – E você? Acha que está seguro aqui? – dobrei o braço sobre o ombro, indicando a porta com o dedo. – E se ele lhe entregasse à Ludwig antes de eu chegar?

Vincent estreitou os olhos.

– O que me faz voltar à minha pergunta... Você tem ideia do “quanto” se arriscou vindo até aqui?

Cruzei os braços, não iria deixá-lo mudar o foco da discussão.

– Você se lembra do que me contou sobre a lenda? O primeiro mago das sombras preferiu ser infeliz ao lado de quem amava a ficar separado dela... Você não aprendeu nada com isso?

Vincent soltou o ar, enfurecido.

– A que preço? Se você sabe essa parte da história, também sabe o fim dela. E se Lúcius tivesse atacado você primeiro? E se ele fosse atrás de você... O que *eu* faria?

Lembrei-me das palavras da *Deva Lorelei*: “*fico feliz que essa maldição não a levou*”. Era curioso ver que Vincent concordaria com ela agora. Fiquei em silêncio, mas depois de um segundo, a revolta girou em meu peito. E senti falta de algo... o calor do poder.

– A lição aqui, como na lenda dos magos das sombras, é que devemos enfrentar nossos medos *juntos*. E você me prometeu isso... *Juntos*. Lembra?

Minha voz entrecortada era quase inaudível agora. E o rosto enfurecido do mago retomou seu contorno dolorido.

– Se tomei a decisão errada foi por medo de perdê-la. Fui imprudente por muito tempo, Melissa, vi a morte de perto... duas vezes. Não poderia escolher a ideia de arriscar *sua vida*. E fiquei aqui porque quero ter o direito de lutar, de colocar essa maldição longe de nós. Não quero dar a você o futuro dos meus pais.

– Foi Ludwig, não a maldição. E ele confessou a mim que fez todo o resto... todas as mortes. Ele está nos espreitando na montanha, desde o começo, e o trouxe aqui porque você e eu fazemos parte de um plano maior – eu busquei uma longa inspiração –, nisso você tinha razão... Há algo maior!

– Justamente, Ludwig sempre tem um... – Vincent fixou os olhos nos meus e ficou em silêncio, até que o olhar violeta se tornou sombrio. Nesse momento, entendi que ele ligou alguns pontos. – Você se encontrou com Ludwig? – a voz grave estremeceu e as palavras sibilavam entre seus dentes.

Levantei o queixo, não ia deixar ele me intimidar. Fiz tudo isso por ele. Por nós!

– Fui até a casa dele em Amsterdã.

– O quê? – grunhiu irado. Vincent tentou descer de seu leito, mas percebeu algo muito sutil... e, antes que a manta púrpura escorregasse completamente por seu corpo, ele a enrolou na cintura, logo abaixo dos ferimentos. Com um gesto ágil, puxou as pontas em um nó. Confesso que a importância de sua fúria se perdeu completamente ao admirar a cena. – Você encontrou com Ludwig? Sozinha? – berrou as perguntas com voz grave.

Levei alguns segundos para levantar meus olhos e voltar minha atenção para a fúria do rosto que se aproximava.

– Sim – falei dispersa e contendo um suspiro, continuei –, ele não me viu como uma ameaça, por isso não corri riscos. E consegui informações. Sem elas seria impossível, para nós, encontrá-lo. Mas depois conversamos sobre isso... com calma.

– Ameaça? Calma? – ele pausou, a respiração trêmula. – Nós? – A cada palavra, Vincent chegava mais perto. Ver esse homem belamente furioso apenas em uma manta espantava todo o receio de sua fúria. Desta vez eu suspirei, e ele pareceu ainda mais irritado com minha distração. – Quem a ajudou nesta loucura, Melissa?

Subi os olhos dos músculos de seu peito para os oceanos em tempestade. A sereia tinha razão, ele nunca veria meu ato de bravura, apenas os riscos que corri. E culparia qualquer um que me ajudasse, porque ele achava que um mago das sombras não valia o risco. Eu precisava me concentrar antes que compromettesse alguém, e não queria deixar um alvo para sua cólera. Dei um passo à frente, sentindo seu perfume único tomar meus sentidos... Com esforço,

encarei seu rosto sem me atentar à beleza por trás da carranca de mau humor.

– Quem me ajudou gosta de você... e também sofreu quando você se foi – levantei o queixo, apertando as mãos em punho. – Eu me arrisquei, Vincent, como você faria se fosse o contrário. Surpresa seria se eu não fizesse a mesma coisa. – E, então, senti o anel em meu dedo. A mágoa voltou galopante e recuei, abaixando os olhos. – Você disse que ia ficar ao meu lado... Você me deu isso – levantei a mão para mostrar o anel. – E para quê? Para me deixar para trás sem explicar o que ele representava? Tem ideia do que senti ao entender o significado disso? Do quão *chocante* foi descobrir que era sua *consorte*? A consorte de um mago morto?

Ele franziu a testa, surpreso.

– Você não... – ele abriu e fechou a boca. A expressão mudando da irritação para o desolamento. Engolindo em seco, Vincent continuou. – Mas você... Você aceitou dividir o futuro comigo.

Cruzei os braços, soltando o ar, todo o aborrecimento guardado voltando de uma única vez.

– Eu aceitei uma linda declaração de amor, Vincent! Não sabia o que isso significava porque você nunca me explica nada do Mundo Mágico! – exasperei-me na pior versão do meu mau gênio. – Como espera que eu entenda um Pacto de Futuro sem saber o que ele significa?

Vincent endireitou os ombros, ajeitando a manta na cintura. No rosto, a expressão mortificada foi substituída pela muralha que o separava do mundo.

– Mas agora você entende – falou frio. – E não quer dividi-lo comigo. É isso? – a voz grave ganhou um tom mais duro, encobrindo qualquer sinal de amargura.

Eu bufei, jogando as mãos para o alto.

– É claro que eu quero! Você acha que estaria na Dimensão das Sombras, se não quisesse? – fixei meus pés no chão, pois minha vontade, naquele momento, era, literalmente, avançar para bater nele. – Só estou dizendo que, se for me pedir em “casamento” usando a linguagem do *seu* mundo, por favor, faça isso com legendas do *meu*... para que eu entenda! E o mais importante, não deixe uma mulher depois de um pedido destes!

Vincent ficou em silêncio, o alívio mudando sua expressão mais uma vez, mas isso durou pouco. Logo os olhos violeta estavam muito perto. Ele se moveu tão rápido que eu nem vi o movimento. Sem me dar tempo para recuar, segurou meus ombros, puxando-me para um beijo aflito. Fiquei indiferente a princípio e, segurando seus braços, tentei afastá-lo... Mas quais seriam minhas chances de negar um beijo ao homem pelo qual arrisquei a vida para resgatar? Depois de ter minha resposta, Vincent segurou meu rosto, beijando minha testa,

meus olhos, minhas bochechas... e pairou sobre meus lábios, antes de encaixá-los nos seus com um beijo doce e perfeito.

Buscando meu olhar, falou com um sopro de voz:

– Perdoe-me.

– Acho que já fiz isso... Mas nunca vou esquecer, Vincent. Minha dor deixou uma cicatriz, e ela sempre vai estar lá para me lembrar o que senti. – Falei da forma mais suave que consegui, expondo a mais pura verdade do meu coração. – Você não tem ideia do que eu passei ao cogitar a hipótese de não te ver mais. E foi a esperança de vê-lo vivo que me manteve viva, que me trouxe aqui.

Vincent estava atento, seus dedos acariciavam meu rosto lentamente, secando as lágrimas que escapuliam sem permissão. O rosto deslumbrante contorcido pela dor das *minhas* lembranças.

– O que eu posso fazer?

– Nunca, nem em sonho, pense em me deixar novamente.

Ele me abraçou apertado.

– Eu juro. – Soltando o ar em meus cabelos, Vincent falou bem devagar. – Nem em sonho eu me afastarei de você. Nunca. – E recuou apenas o suficiente para que eu olhasse em seus olhos. E lá estava... o olhar penetrante. Decidido. – De todas as minhas escolhas ruins, esta, com certeza, foi a pior. Prefiro ser um infeliz que vai morrer para protegê-la a ficar longe de você de novo. Deixá-la nunca foi uma opção, mas permanecer longe foi uma péssima ideia. Aprendi minha lição. De hoje até o fim dos meus dias estarei ao seu lado, Melissa. É uma promessa.

Não saberia dizer se estava sorrindo àquela altura ou apenas perdida naquele olhar... A única coisa que sabia é que era isso que eu queria ouvir. Era isso que eu *precisava* ouvir. Inspirei lentamente, acalmando meu coração. Vincent me apertou em seus braços mais uma vez. Com um carinho, escorregou os dedos por meu rosto, descendo por meu braço até tomar minha mão.

– Venha, vamos sair daqui.

Era tudo o que eu mais desejava e, desta vez, tinha consciência de que estava sorrindo.

Na porta, Vincent reforçou o nó da manta em sua cintura, apertando-o com força, enquanto espiava o corredor.

– Você não vai colocar suas roupas? – questionei com um suspiro. Por mim não precisava, mas isso ajudaria seus movimentos e minha concentração.

Vincent encontrou meu rosto e pareceu encabulado. Desviando os olhos, voltou sua atenção para o corredor.

– Dalilah as deve ter levado... eu estava vestido da última vez que

acordei.

Estreitei os olhos, cruzando os braços. Dizer que eu estava irritada era mentira, eu estava *muito* irritada.

– Isso quer dizer que ela tirou suas roupas enquanto você dormia? *Toda* sua roupa? Mas isso é um... – eu me interrompi, apertando os lábios e contornando Vincent, bati o salto pelo corredor. – Então, devemos perguntar a *Dalilah* onde elas estão.

Já tinha dado alguns passos, quando Vincent segurou meu braço.

– Melissa... espere. Não vai querer ver Dalilah irritada. Estamos em território perigoso e ela é um Demônio das Sombras muito instável.

Vincent pareceu preocupado e franzi as sobrancelhas, confusa. Ele estava com receio *dela* ou de *mim*? Porque eu realmente estava disposta a dar um chega pra lá na garota que tirou as roupas do meu... *consorte*.

– Só vou ter uma conversinha com ela, esclarecer algumas coisas – falei entre os dentes, puxando meu braço. Mas Vincent estreitou o aperto.

– Ajudaria se eu dissesse que foi ela quem colocou a maldição em Armand?

Meu queixo caiu e tinha certeza que minha boca fazia um redondo “O”. A loura apática e Armand? Concentrando-me no fato, pensei na novidade por um breve segundo, e a irritação rapidamente deu lugar a uma ideia sublime.

– Então... deveríamos falar com ela. Talvez ela retire a maldição!

Vincent me segurou mais uma vez, abaixando o tom de voz, chegou bem perto.

– Melissa, o próprio Armand já tentou isso. Não é assim que funciona. Mesmo que ela queira, isso não é possível. Um feitiço conjurado em forma de maldição só pode ser quebrado quando cumprir seu objetivo. – Vincent fixou os olhos violeta nos meus. – Não depende de nós... nem dela. Apenas de Armand.

Soltei o ar, decepcionada com os entraves mágicos. Vincent levantou o rosto para o corredor, a mão segurando meu braço firmemente, e começou a andar.

– Agora vem a pior parte... Como vamos sair?

– Somos convidados e, pelo que entendi, se estamos aqui, podemos sair quando quisermos. Algo me diz que Victor não vai nos impedir.

Vincent parou de supetão no corredor, olhando-me com a cabeça tombada. Vendo o movimento intempestivo ressaltar seus músculos, tive de suspirar.

– Nem vou perguntar como sabe do resto, mas... Victor? Ele lhe deu seu nome? – Respondi à pergunta com um maneio de cabeça, sem desviar o olhar de seu peito, e Vincent pareceu engasgar. – Não acredito. Você espalhou seus

encantos sobre ele também?

O tom rude em sua voz me despertou, puxei meu braço de sua mão com uma lufada, levantando os olhos.

– Eu não espalhei nada por lugar nenhum. Apenas conversamos e ele foi, na maior parte do tempo, gentil.

Vincent subiu e desceu o olhar por meu vestido. Com um dedo, apontou para o sapato de salto.

– E isso tudo? Serviu para quê?

Ajeitei os cabelos, encabulada.

– Isso foi para você... afinal, eu não o vejo há muito tempo.

Vincent sorriu. Descendo o olhar mais uma vez, demorou-se em minhas pernas.

– Eu gostei muito.

E já que estávamos falando de vestuário, foi impossível não notar a ausência do seu... perdi meus olhos em seu peito mais uma vez, descendo pela manta púrpura que acabava em seus pés descalços.

– Eu também... – falei baixo, corando. – Na verdade, acho que preciso agradecer à Dalilah.

Vincent girou os olhos no ar, incomodado, e com um gesto automático apertou o nó na manta. Depois agarrou minha mão, levando-me com ele.

– Deixe aquele demônio fora disso. Na verdade, quanto menos demônios, melhor. Agora, vamos! Se eu gostei de ver você assim, imagino o Demônio das Sombras. É melhor encontrarmos a saída antes que ele resolva nos manter como convidados pela eternidade.

Depois de um minuto de caminhada, freei o mago apressado.

– É aqui – indiquei a porta em arco que levava à sala vazia de granito preto... como quase tudo aqui. Vincent girou os olhos pela sala e os voltou para mim. – Tenho certeza, Vincent, confie em mim.

Sem pestanejar ele atravessou a porta. Respirei aliviada, pelo visto todo o tormento dessa viagem me rendeu alguma credibilidade. Depois do primeiro passo, Vincent parou, colocando-me atrás dele. E soube que ele estava sentindo a presença de alguém. Esticando os braços, ele franziu os olhos, parecia buscar sua concentração, ou seu poder.

– Você ainda está fraco?

Ele abriu os olhos com uma careta descontente.

– Meu corpo parece melhor, mas ainda sinto dores. Posso sentar, andar, me mover... coisas que nem sonhava fazer quando cheguei – ele esticou e encolheu os braços. – Mas, para manter a melhora, meu poder está concentrado em meus ferimentos, e isto gasta muita energia. – Vincent buscou meu rosto,

quase envergonhado. – Não serei eficiente em uma luta, Melissa. Isso significa que não poderei protegê-la como deveria. É melhor esperar aqui enquanto abro caminho. Se houver problema, você deve... – ele parou de falar quando comecei a me mover. Vincent me agarrou pelo punho com força. – Melissa, escute... Juntos somos vulneráveis!

Ele olhava em volta, preocupado, e segurei sua mão balançando a cabeça, lembrando-me, de repente, que ele não sabia das novidades.

– Juntos seremos fortes – tomei fôlego, espremendo um sorriso. – Você estava certo... – girei os olhos – mais uma vez. – Vincent sustentou meus olhos, confuso, e se esforçou para acompanhar meu pensamento. – O que você sentiu lá na Terra da Luz foi meu poder. Ele... ele se desenvolveu depois que você se foi. – Focando os estupefatos olhos violeta, continuei. – Descobri que posso torrar alguém, se quiser... Eu destruí minha blusa branca! E levitei! – recordei alegremente, incoerente, mas orgulhosa de mim mesma. Mas o olhar confuso me encheu de culpa. – Fui eu quem pegou seus poderes depois da viagem pela sombra... mas tentei devolvê-lo. E acho que consegui. Pelo menos parcialmente... Como fiz agora, para acordá-lo. – Fechei os olhos, buscando algum calor em meu peito, e apenas uma brasa respondeu lá no fundo, tímida. – Pensando bem, imagino que foi assim que conseguiu sobreviver – pisquei algumas vezes, contemplando o choque congelar o rosto do mago das sombras. – Porque, quando faço isso, o calor demora a voltar. Como agora. Mas sei que ele ainda está aí, portanto, se houver uma maneira de juntar o que sobra de nossos poderes... podemos nos defender!

Vincent piscou os olhos estalados e, fechando as mãos em meus ombros, trouxe-me para bem perto.

– Sua linhagem... Você descobriu sua linhagem?

Espremi os olhos para sua aflição.

– Não. O que sabemos é que veio da minha mãe, mas nada além disso. Nicolau quer fazer alguns testes, mas vim para cá antes disso.

Vincent girou os olhos pela sala, a aflição aumentando nos olhos violeta.

– Você falou sobre seus poderes com Victor?

– Ele sabe... todos sabem, assim que me tocam. Mas não falei sobre minha linhagem com ele. Imaginei que não seria prudente.

Vincent assentiu e pareceu inesperadamente orgulhoso. Não sei se isso me alegrava ou chateava.

– Ótimo. Então, nem mais uma palavra – ele deu um passo –, preciso tirá-la daqui!

Vincent me arrastou pela mão, cruzando a sala de granito.

Há alguns metros da porta, uma figura conhecida emergiu do chão.

Vincent parou bruscamente, girando-me para trás dele.

– Vejo que cuidou dele – Victor disse com sua voz poderosa. – E como se sente, mago das sombras?

Vincent endireitou os ombros, segurando meu braço com firmeza, colocou-me ao seu alcance.

– Muito bem. Por isso, gostaria de solicitar nossa partida.

Victor deu um passo calculado em nossa direção, e vi o peito de Vincent subir e descer com a respiração alterada. Se ele estava nervoso, eu deveria ficar mais. O Demônio das Sombras começou a andar em círculos ao nosso redor, os olhos atentos, avaliando cada respiração.

– Você parece bem o suficiente. E isso é espantoso. – Victor estalou a língua. Com um floreio rápido, tomou minhas mãos. – Trabalhou bem, *Anjo*.

Vincent se moveu para impedi-lo, mas um olhar meu o parou. Encontrei os perspicazes olhos violeta do Demônio das Sombras e travei a respiração. Victor sorriu e, concentrado em meu rosto, continuou:

– Você também deseja partir?

Soltei o ar junto com a resposta.

– Sim.

Victor olhou dentro dos meus olhos por um longo segundo.

– Não vou negar que gostaria que ficasse. Além disso, aqui vocês seriam mais fortes que qualquer um.

Levantei o queixo, encarando seu rosto sério, e descartei a oferta de pronto.

– Escolhemos partir.

O Demônio das Sombras se afastou com outro sorriso espremido, soltando minha mão.

– Se este é o desejo de vocês – ele indicou a porta.

Sem pensar duas vezes, Vincent agarrou minha mão, arrastando-me para a saída. Podia ouvir sua respiração ansiosa e, quando cruzamos a porta, ele parou mais uma vez. Os olhos vidrados miravam nosso novo obstáculo. Acompanhei sua apreensão e soltei o ar, incrédula. Hector!

O elfo das sombras, ajudante de Ludwig, estava parado no meio do jardim de fogo.

– Onde pensa que vai, mago? – perguntou ríspido em seu português enrolado. Os braços estendidos movimentavam-se em círculos, agitando uma nuvem negra. Ele não pretendia nos deixar passar.

– Não é da sua conta. – Vincent respondeu grosseiro, empurrando-me para o lado. Eu cambaleei, quase caindo na depressão do jardim de fogo.

– Você sabe para quem ele trabalha? – perguntei duvidosa.

Vincent espremeu os olhos para mim. A fúria tomando os oceanos violeta.

– Sei. E, pelo visto, você também sabe.

Usando a distração de Vincent, Hector levantou os braços. A massa negra tomou forma, deslocando-se com velocidade, chocando-se contra o peito do mago. Vincent foi arremessado alguns metros para trás, passando por mim, até estatelar-se no chão. Corri ao seu encontro, mas o elfo pegou carona nas sombras do chão e chegou antes. Hector emergiu à minha frente, estreitando os olhos felinos. O reflexo me fez levantar as mãos, chamando pelo calor do poder. O instinto tentava reunir o pouco de energia que restava em meu peito e algo tímido correu por meu braço. Mas o chispar dourado nem chegou a abalar o elfo das sombras. Hector entortou os lábios em uma careta aborrecida.

– Você. É. Irritante – disse um segundo antes de sua mão me atingir em cheio. O tapa me jogou no chão e eu arfei, massageando o maxilar que latejava, enquanto procurava meu ar. O elfo voltou para Vincent, que se levantava com uma fúria letal.

– Vou fazer você se arrepender disso, elfo.

– Mesmo? Não vejo maneiras de você fazer isso. O que prova que deve obedecer a Ludwig e ficar aqui. Nem que para isso eu precise abrir seus cortes de novo – Hector ameaçou, contornando o sotaque arrastado.

As mãos do elfo giraram no ar enquanto outra névoa negra cobria o rosto de Vincent, que caiu novamente, debatendo-se aflito. Indiferente à agonia, Hector o acertou com um chute, fazendo seus ferimentos sangrar. Vendo o vermelho vivo escorrer, o elfo se afastou, admirando o estrago. Eu gritei horrorizada e rastejando-me para perto de Vincent, tentei arrancar a máscara que o sufocava. Mas minha mão passava pela nuvem negra sem esforço... eu me desesperei, assistindo à agonia crescer em seu rosto.

– Pare. Ele está fraco!

O elfo não notou minha presença e girei meu pescoço, procurando ajuda. Encontrei Victor parado à porta de sua mansão, a expressão divertida revelava que ele estava aprovando o *show*. Eu me levantei, correndo ao encontro dele.

– Por favor... faça alguma coisa! Ele vai matar Vincent!

O rosto anguloso não se desviou nem por um milímetro. Arfei, incrédula... entendendo que ele estava se divertindo justamente com essa possibilidade. Desesperada por sua atenção, entrei na sua frente. E, levitando brevemente, bloqueei sua visão. Victor baixou os olhos violeta, aborrecido por deixar seu prazer de lado. Senti minha pulsação martelar nos ouvidos ao encarar a mudança demoníaca deformar as curvas do seu rosto, estava arriscando tudo agora, mas não cheguei tão longe para desistir. Assistindo à mudança de forma,

travei os dentes, levantando o queixo.

– Você mesmo disse que ele é como um herdeiro... Não pode deixá-lo morrer!

Victor espremeu os olhos esbugalhados, atento, e algo em *meu* rosto pareceu mais importante que a luta de vida e morte à sua frente. A dúvida na expressão deformada do Demônio das Sombras congelou meus joelhos. E, com um suspiro pesaroso, suas feições voltaram ao rosto amigável... Seus olhos violeta se encaixaram nas órbitas e Victor levantou uma das mãos, contrariado. Logo depois, ouvi um baque no chão.

Girei a cabeça e vi o elfo das sombras estirado, como se estivesse desfalecido. Imediatamente, a nuvem negra deixou o rosto de Vincent e ele sentou-se, tossindo, engasgado. Eu despenquei, pousando no chão, curvando-me com o impacto, e apoiei as mãos nos joelhos para me recuperar da taquicardia que chacoalhava meu peito. Levantando-se com dificuldade, Vincent caminhou ao meu encontro... e no terceiro passo, o elfo das sombras levantou também. Hector mirava o rosto de Victor e bufou. Com um grito irado, partiu para cima de Vincent, agarrando-o pelas costas. Os dois caíram no chão e me endireitei rapidamente, procurando o rosto do Demônio das Sombras. E me desesperei ao notar que Victor tinha a mesma expressão divertida de antes.

– Pensei que você iria ajudar!

Victor levantou os ombros, inocente.

– Não tenho nada a ver com a briga deles. Apenas deixei as coisas mais justas. E pensei que era essa sua preocupação – ele levantou um dedo para os dois homens que se engalfinhavam no chão –, mas fique tranquila... estou torcendo pelo meu herdeiro.

Arfei, voltando os olhos para a briga de socos e gemidos à minha frente. Eu tentei me aproximar e um som gutural exasperou um sonoro “NÃO”, lampejos violeta deixaram meus olhos e voltaram para seu rival. E entendi que a honra do mago das sombras estava sendo testada agora. Com os olhos grudados em Vincent, eu recuei. Uma cotovelada certa do mago atingiu Hector, empurrando o elfo para o jardim de fogo. Enquanto ele se debatia, Vincent rolou, colocando-se de pé. Hector tentou se levantar e recebeu um soco poderoso do mago das sombras. Os dois se afastaram, tomando fôlego em posição de espera... As caretas de Vincent confirmavam que ele estava enfraquecido pelos ferimentos abertos, já o elfo, parecia perdido ao experimentar, pela primeira vez, a ausência de seus dons mágicos. Mas isso não impediu novos golpes. Hector concentrava seus socos de baixo para cima, mirando os cortes na cintura de Vincent. E ele se defendia, juntando os braços na frente do tronco, mas não conseguiu se esquivar de todos... Depois de uma sequência de revides e esquivas, o sangue, antes seco,

agora escorria vermelho vivo, por toda sua cintura.

Eu me retorcia ao lado de Victor a cada gemido, e não me conformava com seu sorriso. Alguns golpes cruzados depois e já estava pensando em fechar os olhos... mas um grunhido gutural me fez prender a respiração. Vincent se abaixou e reunindo a potência de seus músculos poderosos, explodiu um soco de baixo para cima no maxilar do elfo, jogando-o no chão. O elfo não levantou e Vincent caiu de joelhos.

Enquanto Victor batia palmas, corri até ele.

– Vincent! – Eu o apoiei enquanto ele se curvava para o ferimento manchado de vermelho – Você... pode andar?

– Não – ele gemeu, levantando os olhos, o rosto sujo pela fuligem do chão. – Mas, para sair daqui... posso até correr – disse entre a respiração oscilante.

Eu o ajudei a levantar e Vincent segurou a careta enquanto se apoiava em mim para caminhar. Perto do portão eu parei. Olhando sobre o ombro, chequei se meu mago conseguiria ficar de pé sozinho, e tentei voltar ao encontro do Demônio das Sombras. Mas uma mão forte segurou meu pulso. Sob o olhar severo do “mago das sombras”, eu recuei... apenas para argumentar. Vincent estava bravo, por muitos motivos, mas, depois de ver a verdadeira forma de Victor, nada poderia ser mais assustador. Engoli em seco... Quase nada.

Mirei os oceanos violeta, sabendo que esse homem poderia ser letal com ou sem magia.

– Eu preciso me despedir, Vincent. Ele acolheu você... foi simpático comigo. E, ironicamente, o salvou. Não é educado sairmos assim.

A lufada que recebi em resposta não me surpreendeu.

– O trunfo dele é ser simpático, Melissa. Ainda assim, revelou sua natureza doentia ao deixar aquele elfo vir para cima de mim, mesmo sabendo que não estava em condições de lutar. Isso se não foi ele quem o chamou – disse indignado.

Vincent se apoiou no portão de madeira, exteriorizando uma careta, depois ajeitou o nó frouxo da manta que pendia perigosamente em sua cintura. Segurei um suspiro e estiquei um carinho por seu rosto, limpando-o da terra e da fuligem. Chequei a intensidade do sangramento e, com a ponta da manta, tentei contê-lo. Vincent segurou minha mão, encolhendo-se.

– Desculpe, sei que está doendo... – mordi o lábio e soltei o ar. – Acho que deveríamos ficar mais um pouco, para você melhorar. – O olhar violeta cortante me calou, explicando o que eu não via... e, finalmente, entendi o objetivo de Victor com tudo isso. Se Vincent não estivesse em condições de ir, ficaria por vontade própria. *Novamente*. E eu também. – Está bem, sei que ele

fez de propósito. Mas tem de admitir que, se Victor quisesse você mal mesmo, não teria me deixado ajudá-lo... nem retirado os poderes do elfo. De alguma forma ele sabia que eu conseguiria ajudá-lo a melhorar, como sabia que você conseguiria se defender com os próprios punhos. Victor é um tipo de benfeitor bipolar... ele não vai fazer nada grandioso, mas acredito que uma parte dele queira ajudar.

Recebi outro olhar cortante, e este foi ainda mais feroz.

– Acho mais plausível acreditar que ele estava nos testando. Apenas por diversão.

Levantei o olhar além do jardim de fogo, em dúvida.

– Eu sei o que você pensa sobre ele e sobre estarmos aqui, mas não devemos destrutá-lo. George sempre diz que a diplomacia é a melhor saída... Pense bem, Vincent, quando voltarmos, ainda não teremos provas. Mas Victor pode ser nossa prova! Não podemos descartar sua amizade, “ele” é nossa única testemunha contra Ludwig! E não acho que teremos algo melhor para apresentar ao Conselho da Tradição – levantei o queixo e os oceanos violeta permaneceram imóveis. – Precisamos falar com ele – pedi esperançosa. Vincent expirou o ar dos pulmões demoradamente, como se quisesse prolongar o momento de dúvida. – Confie em mim.

O mago das sombras avaliava a determinação em meu rosto, primeiro incrédulo... depois, pensativo. E soube que em algum momento ele me daria razão, simplesmente porque não havia outra saída. Se voltássemos sem justificativas ou provas, Vincent seria acusado... ninguém acreditaria em sua palavra, ou na minha! Mordi o lábio, aguardando ansiosa enquanto os olhos violeta espiavam o corpo inconsciente do elfo no chão. Um segundo depois, Vincent balançou a cabeça sutilmente, e isso foi suficiente para eu me afastar, mas uma mão forte escorregou por meu braço, fechando-se em meu punho. Virei para meu mago de olhos agoniados e ele tentou me deter, reavaliando o risco. Mas algo em meu rosto fez sua mão me soltar.

Contido, ele murmurou com fervor:

– Tenha cuidado.

Afirmei solene e caminhei apressada ao encontro do Demônio das Sombras. Com a visão periférica, percebi uma figura envolta em uma manta púrpura me seguir, arrastando-se com dificuldade. Perto das colunas de granito, encontrei um rosto anguloso que me recebeu com um sorriso satisfeito. Espiei a carranca do meu mago sobre o ombro e voltei os olhos para Victor, mais certa da minha inconsequência do que da minha educação.

Com uma longa inspiração, estiquei a mão.

– Gostaria de lhe agradecer. Obrigada por nos ajudar.

Victor tomou minha mão, apertando-a com cuidado.

– Foi meu prazer, *Anjo*. Sei que minha casa não agrada a *seu* mago das sombras, mas é minha convidada para voltar quando quiser – disse com um sorriso, que era espantosamente sincero. – Adoraria revê-la.

Pensei nas quimeras do lado de fora do portão, na loura apática, e espiei o corpo do elfo no chão... para finalizar, encontrei os flamejantes olhos violeta do Demônio das Sombras. Engoli em seco, só os monstros já eram um bom motivo para não voltar, imagine somar o resto. Mas o convite significava que ele não fecharia a passagem do castelo na Holanda, e isso me lembrou de uma parte da lenda.

– Victor, você não fechou as passagens... deixou brechas, como a viagem pela sombra... tudo para seu filho voltar, mesmo como um mago. Mas ele preferiu ficar com seu amor. Então... Foi por isso? Por isso colocou a maldição nos magos das sombras? Por raiva? Para forçá-lo a voltar?

Victor abaixou os olhos por um segundo, e depois afagou minha mão com um sorriso saudoso. Fitando-me seriamente, esforçou-se para que a voz poderosa fosse contida em uma fala mansa:

– Como lhe disse, fiquei muito irritado com meu filho. Por ele abandonar nosso reino, seu trono e, principalmente, por se unir a algo tão – ele me olhou de soslaio – enfim. Mas, como pai, eu não o puni. Pelo contrário, se notar vai ver que retirar sua imortalidade foi a forma que encontrei de dar a ele a escolha de viver seu amor com sua escolhida – ele endireitou os ombros, assumindo uma postura que parecia mais altiva do que ameaçadora. – Claro que isso o deixou vulnerável perante a morte. Mas... se o preconceito e a mediocridade o encontraram do outro lado, só posso culpar suas escolhas por isso. E, pelo que soube, ele foi forte o suficiente para suportar – Victor baixou os olhos até Vincent – por algum tempo.

Uma silhueta envolta em sua manta nos alcançou e, com um suspiro, Victor voltou a falar:

– Meu filho aprendeu suas próprias lições, *Anjo*, e é uma pena que seus herdeiros não tiveram a mesma felicidade. – O demônio das sombras ainda encarava algo acima dos meus ombros. – O medo é a maldição de quem ama. O amor atormenta o coração com insegurança, desconfiança, rejeição... perda. Meu filho descobriu isso depois que deixou nossa casa, mas enfrentou seu destino. E quem ousar amar deve ser corajoso para enfrentar o seu. Seja ele qual for. Ilude-se aquele que vê o amor como resposta para a felicidade – ele pausou, desviando os olhos até meu rosto novamente, e de relance vi o “meu” mago das sombras se aproximar por minhas costas. – O amor é um caminho longo e penoso, cheio de desafios dolorosos que fazem muitos desistir. – Victor se aproximou em tom

conspiratório, dando tapinhas de leve em meus dedos – e aí está o segredo... é impossível enfrentá-los sozinho. Os que conseguem entender isso tornam-se especiais, capazes de gerar muito poder.

Eu o olhei desconfiada, tinha certeza de que suas palavras escondiam outro segredo... Algo que ele fez questão de deixar subentendido. E se isso era uma isca, eu era um peixinho faminto.

– Você está falando metaforicamente ou quer dizer que o amor de um mago das sombras é mesmo capaz de...

O Demônio das Sombras jogou a cabeça para trás com uma gargalhada, soltando minha mão. Eu me assustei com sua atitude, mas me refiz rapidamente, não queria demonstrar insegurança diante dele. Quando Victor controlou seu acesso, levantou os olhos para Vincent e depois os parou em mim.

– Ah, meu doce *Anjo*... o que posso dizer? O amor amedrontado pode causar desgraças, mas a perseverança nele o torna muito poderoso. Isso a satisfaz?

Eu parei com a boca aberta, interligando os possíveis significados de suas palavras... iria continuar com esse jogo de metáforas até descobrir seu objetivo e, pelo olhar instigante de Victor, ele esperava que eu continuasse. Mas um toque em meu cotovelo foi o sinal de que eu estava me desviando do “outro” objetivo. Eu pisquei duas vezes, libertando-me da tentadora vontade de questioná-lo. E assenti rapidamente.

– Eu... Agradeço a explicação, Victor.

O Demônio das sombras pareceu decepcionado com minha evasiva, mas não tirou o sorriso do rosto. Ele se curvou e, tomando minha outra mão, fez uma longa medida. Surpreendi-me quando meus lábios se esticaram em resposta. De alguma forma, estar ao lado dele não pareceu tão alarmante agora.

– Fico feliz pelo seu interesse, *Anjo*. A maioria despreza essa história, e o restante não a compreende.

– Uma história sempre tem dois lados. E acredito no seu – falei confiante. – Na verdade, estou aprendendo muitas coisas com ela.

Victor inclinou a cabeça, satisfeito.

– Pode ter certeza de que estou me tornando um admirador de *sua* história também.

Mordi o lábio, sua simpatia era minha chance.

– Victor... você aceitaria um convite meu?

Um sorriso amplo tomou conta do rosto do Demônio das Sombras. Ele me fitava em puro deleite, indiferente à lufada de um mago furioso. Vincent olhou-me com a boca aberta, se estivesse em condições, sabia que já estaria me carregando nos braços para bem longe dali.

– Um convite seu, *Anjo*? Ah... isso me daria imensa satisfação.

– Gostaria muito que fosse nos visitar na montanha – engoli em seco, avaliando a sinceridade por trás dos olhos violeta incandescente. – E, aproveitando a visita, gostaria que confirmasse ao Conselho da Tradição que foi o mago Ludwig que trouxe Vincent para cá.

Victor pareceu decepcionado.

– Estou na dúvida se isso é um pedido, um convite ou uma forma de manipulação – disse com um tom cético, a voz poderosa elevando-se com a mudança de humor. Ele levantou o rosto, finalmente dando importância à presença de Vincent. – Ela é sempre confusa assim?

– Normalmente é pior. – Vincent falou entre os dentes, incomodado por ter de se pronunciar na conversa. Curvando-se ligeiramente, colocou o braço livre sobre meus ombros. Senti seu peso descer sobre mim e entendi que ele estava fazendo isso mais para se apoiar do que para me proteger. Procurei seu rosto e encontrei os sinais da exaustão. Mas seus traços cansados foram escondidos pelo olhar reprovador... furioso e indignado. Como argumentar com isso? Vincent limpou a garganta. – Mas isto não é manipulação, Victor. Pretendo comemorar nosso Pacto de Futuro assim que voltarmos. Vamos festejar a união com o Mundo Mágico e também com o Mundo Físico. Você é nosso convidado.

Um sorriso bobo se perdeu em meus lábios e, por um breve segundo, esqueci toda a seriedade do momento. Os planos do *meu* mago das sombras para festejar nosso... *compromisso* me pegaram de surpresa. Mas com um suspiro me concentrei na intenção do convite. Vi a satisfação voltar ao rosto do Demônio das Sombras e, nesse instante, uma ideia brilhou no horizonte, como uma gota de chuva no deserto. E, rapidamente, embarquei no plano de Vincent.

– Gostaria muito de revê-lo em nossa comemoração, Victor – falei apressada. – Sei que no Mundo Mágico o termo e os costumes são diferentes, mas em meu mundo, esse tipo de anúncio é formalizado com uma festa... – eu levantei o rosto, espiando Vincent de soslaio e ele assentiu, escondendo um sorriso no canto dos lábios. Respirei fundo e continuei. – Com bolo, dança, presentes... Mas nada disso vai acontecer se o Conselho culpar Vincent pelas atrocidades que Ludwig cometeu. Você entende?

– Então, vocês vão fazer uma festa de casamento? – ele levantou o olhar para Vincent –. Eles ainda usam esse termo? – pela visão periférica, vi Vincent assentir e não consegui controlar o frio polar que se espalhou por todo meu corpo... Meu Deus! Estávamos mesmo convidando um Demônio das Sombras para meu casamento! *Meu casamento!* Senti minha respiração ficar irregular e, por um breve momento, não era mais eu que apoiava Vincent, mas ele que me apoiava. Indiferente à minha desordem emocional, Victor bateu as mãos,

animado – Ora ora... Preciso escolher algo especial para um presente de casamento – ele esfregou o queixo, distraído. – Deixe-me ver... Uma joia? Um licorne? Uma profecia talvez... – Neste momento, lembrei-me de que estávamos falando com o Demônio das Sombras, e antes que ele cogitasse algo pior, precisava finalizar o plano.

– Seu esclarecimento ao Conselho seria nosso melhor presente.

Victor assentiu, sem disfarçar a careta contrariada.

– Farei o relato, *Anjo*, mas este não será meu presente – disse misterioso.

Eu sorri agradecida, ignorando a síncope do mago envolto em uma manta púrpura. Apertei Vincent pela cintura para que continuasse calado e ele gemeu. Murmurei minhas desculpas e o apoiei... se não fosse por seu peso voltando aos meus ombros, eu abraçaria o Demônio das Sombras.

– Obrigada mais uma vez, Victor.

Vendo-me apoiar o mago de um metro e noventa com dificuldade, Victor adiantou-se.

– Acho vai precisar de ajuda para sair daqui.

O movimento do Demônio das Sombras ressuscitou o mago, que se endireitou, alerta.

– Não. Não é necessário. Em breve enviarei detalhes sobre a comemoração.

Victor se apurou, no rosto a expressão divertida que beirava o deboche. Sabia que aquilo irritava ainda mais o meu mago das sombras, e como previsto, Vincent ignorou a dor de seus ferimentos. Com movimentos ágeis tomou a dianteira, recuando sem demora. Com alguns sorrisos cordiais meus e uma silenciosa reverência de Vincent, deixamos o Demônio das Sombras no jardim de fogo e voltamos ao portão de madeira. Contra a vontade do mago, eu o apoiei, cuidadosamente, para não piorar o sangramento. À frente do portão, encarei os entalhes imperiosos, lembrando-me do que havia do outro lado.

– Vincent... eu usei um antigo portal, deixado por um mago lá na Holanda, para chegar aqui. O arco de pedra está em um tipo de vila em ruínas do outro lado. Mas lá também tem monstros, com dentes e garras... eu usei a levitação antes, mas não sei se consigo agora – falei com uma careta preocupada... muito preocupada. – Meus poderes estão indo e vindo. E você não está em condições de enfrentar aquilo.

Victor se afastou para ajeitar a manta, o olhar voltando a ficar zangado.

– Eu sei o que há do outro lado, Melissa. E não sei se fico aliviado ou ainda mais irado com você por ter encontrado apenas as quimeras... Pelo visto, não conhece essa parte, mas há muitas outras coisas lá – ele escorregou uma mão pelos cabelos, fechando os olhos violeta, depois os abriu, mirando meu rosto. –

Vou ter pesadelos para o resto da vida só de imaginar isso... É um milagre estar viva! – disse num silvo baixo. Se ele queria me assustar, conseguiu. Desviei os olhos rapidamente para o portão e engoli em seco, realmente não queria imaginar o que mais existia lá. Vincent levantou um dedo apontando-o para o portão, depois o voltou para mim. – Não pense que vou esquecer sua imprudência para chegar aqui!

Dei um tapa em seu dedo, tirando-o da minha frente, irritada por ser tratada como criança depois de tudo o que passei para resgatá-lo. Tinha consciência das minhas imprudências, e eu mesma teria pesadelos com cada uma delas, mas “todas” foram necessárias! Soltei o ar entre os dentes, sabia que Vincent estava ferido, visivelmente vulnerável... mas mal acabamos de nos reencontrar e seu mau humor já estava me enlouquecendo!

– Eu vim salvá-lo! E você não pode admitir, nem mesmo por um segundo, que tive sucesso em minha busca? – questionei alterada. – Se é tão... tão... autossuficiente, arranje outro jeito de sair daqui! Pois eu posso muito bem voltar e aceitar a ajuda de Victor. Sem problemas!

Vincent bufou, espiando sobre os ombros encontrou o sorriso divertido de Victor que ainda estava à frente do jardim, assistindo à discussão.

– Não quero dever mais nenhum favor a ele. Já não basta ter ficado aqui esse tempo todo como hóspede! E, pode ter certeza, ninguém sai daqui com essa facilidade... Se ele não cobrou o preço pela estadia, pode acrescentar em uma conta futura. – Vincent voltou os oceanos em tempestade para o meu rosto. – E graças a “você” vamos receber um presente *especial* de casamento... diretamente do Demônio das Sombras!

– Ei... foi você que teve a ideia da festa e de convidá-lo!

– Eu estava consertando sua tentativa de ser diplomata!

– O que você esqueceu de dizer é que graças a “mim” vamos ter o depoimento dele e poderemos ficar livres de Ludwig para sempre!

Vincent ficou sério, mas sabia que ele estava contendo sua irritação.

– Não queria esse tipo de tensão em nossa *festa de casamento*. Não foi essa a comemoração que planejei.

Embora estivéssemos em uma discussão acirrada, ouvir Vincent falar da comemoração do nosso “casamento” como um plano anterior a toda essa confusão mexeu com minhas emoções. E, confesso, a palavra do meu mundo era muito mais significativa aos meus ouvidos do que o tal Pacto de Futuro. O frio polar assolou meu estômago e Vincent percebeu a mudança em meu rosto. Ele se aproximou, ainda com os olhos duros.

– Preparada para ir?

Encarei o rosto sombrio, entendendo como sairíamos dali.

– Você ainda está muito machucado, Vincent, não vai conseguir nos levar pela sombra até a Montanha... e não deve se exceder.

Baixei meus olhos até seu ferimento e ele levantou meu queixo com a ponta dos dedos.

– Não vamos até a Montanha.

Antes que eu argumentasse de novo, Vincent me laçou com o outro braço, encostando-me na lateral do seu corpo que não estava ferida. Ele me levou ao encontro de seu peito e, envolvida pelos músculos de seus braços, esqueci dos nossos tormentos. Antes que percebesse, estava hipnotizada pelos fascinantes oceanos violeta... e não notei a viagem começar.

Acerto de contas

Tudo o que eu sabia é que estava onde desejava estar... em seus braços, sufocada por um abraço sem fim, sentindo o perfume amadeirado e cítrico tomar meus sentidos. Levantei os braços até seu pescoço apertando-me contra seu corpo e aproveitando *meu* momento, enrosquei meus dedos em seus cabelos, sentindo sua textura, enquanto respirava profundamente. Ah... como senti saudade disso.

Os poderosos oceanos violeta estavam fixos, concentrados, quase torturados. A escuridão flutuava ao nosso redor, enquanto o vento corria por nossos corpos. Sabia que a viagem estava tomando muito de sua força, e sua concentração era essencial para não fazê-la acabar antes de seu propósito. Por isso, e apenas por isso, não me rendi ao impulso de beijá-lo.

Quase um minuto depois, Vincent arfou, agoniado. Suas mãos se apertaram em minhas costas, buscando apoio e a careta comprovou que ele estava em seu limite. Meu reflexo foi me espremer nele... para apoiá-lo. Preocupada, desejei doar mais energia, mas sabia que um beijo poderia acabar com o fio de concentração que lhe restava. Então, segurei seus braços com força, sentindo seu calor me guiar, e por ele tentei levar qualquer fluxo de energia que me deixava como descargas elétricas. Vincent me apertou, como se me quisesse mais perto, talvez meu plano estivesse funcionando. Fechei os olhos, reunindo as migalhas do meu poder, procurando por mais calor... e depois de mais alguns pequenos choques, senti o frio glacial ocupar meu corpo. Isso doeu em meus ossos. Desta vez, *eu* estava em meu limite.

Arfei sem ar quando o chão tocou meus pés e tudo o que notei é que estava escuro ao nosso redor... Eu pisquei, tonta, apoiando-me nos braços fortes.

– Você fez de novo... não fez? – A voz grave era fraca, comprovando que ele não estava melhor do que eu.

Não consegui responder, apenas assenti, entendendo a pergunta. E se não fosse por suas mãos, teria tombado quando seus lábios ferozes ocuparam os meus. O calor daquele beijo preencheu meu corpo com o desejo contido, e sua ânsia de espantar a saudade aqueceu meu peito com amor... simplesmente amor. Desci minhas mãos por seu peito, agarrando os músculos de seu braço, equilibrando-me enquanto seu beijo intenso me curvava como se eu fosse uma folha indefesa na tempestade. Com outro arfar doloroso, Vincent me colocou em pé. Apoiando-se na parede atrás dele, deixou escapar um grunhido de dor enquanto levava a mão ao ferimento aberto.

Eu me afastei, cambaleante. Abalada pelo beijo, mas também pela transferência de poder. Com uma careta confusa, tentei controlar minha respiração ofegante.

– Vincent... você está sangrando... não deveria...

– Ah, Deveria – ele disse tão ofegante quanto eu.

Os olhos turquesa brilhavam, fitando-me intensamente. Eu sorri fascinada por *meus* oceanos turquesa. Com um suspiro contemplativo, estiquei um carinho até seu rosto, rendendo-me às lágrimas. Deslizei meus dedos pelo contorno de seu rosto até que Vincent pegou minha mão, curvando-a para beijar a palma. Com um gesto lento, ele secou meu rosto e, segurando minha mão firmemente, aproximou-se, fitando meus lábios... Meu coração estava acelerado, meus lábios ardiam pelos seus, mas eu me afastei.

– Você está sangrando... por favor, não se esforce. Não quero que piore.

Ele parou o movimento. Dançando os olhos turquesa nos meus, Vincent largou minha mão para me segurar pela nuca, avisando que ele não iria recuar. Aproximando-me novamente ele levantou meu rosto e parou a um centímetro da minha boca.

– Pode ter certeza que isso vai me fazer melhorar – em um segundo, seus lábios estavam nos meus, vagarosos... Deslizando lentamente, saboreando o tempo perdido. E como não corresponder à minha própria saudade? Quando os braços de Vincent me levantaram pela cintura, colando-me ao seu corpo... ouvi outro longo gemido. E ele me devolveu ao chão. – Airr... ou vai me matar de vez – murmurou entre os dentes, contorcendo o rosto enquanto as mãos voltavam ao ferimento.

– Vincent!

– Eu estou... – gemido – bem.

Balancei a cabeça, apoiando-o. Enquanto ele controlava a respiração, que desta vez foi descompassada pela dor, eu corri meus olhos ao nosso redor, situando-me. Estávamos encostados em uma casa de dois andares... pela arquitetura típica, os tijolos aparentes nas paredes, as grandes janelas de madeira branca, o jardim impecável e o frio que cortava meus ossos... soube que ainda estávamos longe, muito longe de casa.

– Onde estamos?

– Em *Goch*... Alemanha. Na casa dos meus pais.

– O quê? – meu queixo caiu.

Vincent endireitou-se com dificuldade, apontando para a casa atrás dele.

– O portal da casa não é usado há muito tempo... mas, se você conseguiu usar o portal daquele mago na Holanda para a Dimensão das Sombras, espero que ainda haja magia neste. Vou tentar usar um feitiço de direcionamento para

nos levar à casa dos Von Berg.

– E você acha que consegue? – perguntei inocente, avaliando o corte que ainda sangrava.

Vincent soltou o ar, desencostando-se da parede. A expressão de desafio confirmava minha suspeita, ele odiava se sentir fraco... inferior. Segurando meu braço, ele me puxou para um beijo rápido, mas esclarecedor. E, disfarçando a careta, afastou-se de cabeça erguida, ajeitando a manta na cintura.

– Seu compartilhamento de poder ajudou – de repente, a expressão de Vincent tornou-se preocupada. – E sobre isso... Acho melhor parar. Não sabemos como pode lhe afetar. E, antes que eu conclua... algo, quero que faça os testes de Nicolau – ele parou pensativo. – E espero estar enganado.

Franzi os olhos, abraçando-me para espantar o frio polar da noite.

– Você está me deixando preocupada. Enganado sobre o quê? O que pode ser tão ruim?

– Não é ruim. É... – Vincent tocou meu rosto com um carinho suave, o rosto apreensivo completava a lacuna... *muito ruim*. Eu me remexi, alarmada. E ele retomou o carinho. – Não é o momento para discutirmos isso. Logo estaremos em casa. Só preciso de um minuto para me recuperar da viagem das sombras – ele espremeu os olhos, ajeitando o nó frouxo mais uma vez. – E calças. Preciso de calças! Não vou voltar assim, ainda me resta alguma dignidade.

Abaixei meus olhos e a cena conseguiu dissipar parte da minha inquietação.

Meus poderes ainda eram um mistério, isso era um fato, mas esperava resolver esse impasse com os testes de Nicolau. Vincent tinha razão, não era o lugar nem o momento para discutirmos o que não poderíamos resolver. Ele ainda me fitava, sem humor, mas avaliando a imagem, tive de sorrir. Fitando-o preguiçosamente, subi os olhos por seus braços poderosos, descendo o tórax largo, contornando cada músculo do abdômen... parando no começo da manta enrolada em sua cintura. Ele estava abatido, com muitas dores pelos ferimentos abertos e também pelos novos hematomas da luta, além do cansaço que aumentava com a falta de poderes, mas, ainda assim, a visão era sublime! Tive de suspirar. Tê-lo de volta já era um presente incalculável, mas vê-lo só com aquela manta era como receber um pagamento com prêmios e juros. Muitos juros!

Aumentando meu sorriso contemplativo, esqueci de qualquer problema imediato.

– Não me incomodaria em voltar com você assim.

Quando meus olhos encontraram os dele, Vincent engoliu em seco. De

repente, todo o humor se perdeu em um lugar muito distante.

– Não piore as coisas, Melissa – a voz grave ronronou meu nome com uma seriedade que tremeu o fundo do meu estômago.

Com um movimento decidido, Vincent fechou as mãos em punho e girou nos calcanhares, chegando até a porta.

– *Öffnen...* – murmurou e o trinco deslizou na fechadura. Ele abriu a porta e, depois do primeiro passo, parou na sala decorada apenas com cortinas e tapetes. Com um longo suspiro, falou com a poderosa voz grave. – Há muito tempo não venho aqui. É bom voltar. – Ele me espiou sobre os ombros por um longo segundo, e uma ideia brilhou com ansiedade em seus olhos. Levantando o dedo, apontou os cômodos: – Sala [\[KGRM3\]](#) de estar, sala de jantar... uma cozinha e alguns quartos... – disse, movimentando a mão da esquerda para a direita, indicando algumas portas além da sala ampla – O que acha?

Dei um passo adiante, parando no meio do tapete. Movendo os olhos, abri um sorriso.

– É perfeita.

Vincent afirmou satisfeito. Caminhando para a direita, fez um sinal para que eu o seguisse até a escada.

– No andar de cima há mais quartos, O Portal... e um quarto de banho – ele me espiou, parando no primeiro degrau. – Quero limpar este sangue, mas antes – ele esticou a mão para mim, um pouco encabulado – preciso de ajuda para subir as escadas.

Adiantei-me alegremente.

– Engraçado como os papéis se inverteram aqui.

Vincent ignorou minha ironia e se apoiou em meus ombros, segurando a careta enquanto subíamos os degraus. No andar de cima, ele me conduziu pela mão até um quarto de portas duplas. Arandelas circulavam as paredes e, sem movimentos mágicos, ele apenas acendeu um interruptor. No meio do cômodo, uma cama de dossel se recostava em uma das paredes, à frente dela, uma porta com gravuras florais.

– Ainda deve haver roupas dos meus pais aqui – disse, adiantando-se para a parede de madeira.

Com um toque, a porta de um guarda-roupa camuflado se abriu, revelando um cômodo oculto. Do lado de dentro um espelho refletiu minha imagem. E quase gritei de horror. Se a ideia era ficar apresentável para agradar a Vincent, não poderia ter fracassado com mais honras. Eu estava imunda de fuligem, o cabelo desgrenhado e o lindo vestido azul de Rose estava todo sujo, com alguns rasgos na saia. Eu passei por Vincent com um murmúrio revoltado, aproximando-me do vidro reflexivo para admirar o estrago.

Tentando entender meu aborrecimento, ele se aproximou cuidadoso.

– O que foi?

– O vestido... era emprestado. *Era*. Não vou poder devolvê-lo assim – soltei uma lufada indignada enquanto batia no tecido engomado pelas cinzas. – Por que não disse que eu estava *neste* estado?

– Estávamos na casa do “Demônio das Sombras”, Melissa, lutando com elfos e desviando de feras... Não achei que esse tipo de detalhe era importante – disse irônico, sinalizando para ele mesmo.

– Mas você não ia voltar sem calças – argumentei com seriedade.

Vincent ainda me olhava confuso e soltei o ar mais uma vez, não adiantaria explicar. Voltando meus olhos para o espelho, esfreguei a manga do vestido em meu rosto e consegui me sujar ainda mais. Vendo meu martírio, Vincent esticou o braço dentro do guarda-roupa secular e, com um gesto duvidoso, estendeu-me algo comprido.

– É antigo e talvez esteja com cheiro de mofo, mas não está sujo – peguei o vestido de veludo preto de sua mão, abrindo-o na frente do corpo para ver se o tamanho era adequado... e instantaneamente notei que ele não cheirava a mofo. Na verdade, possuía um cheiro cítrico muito familiar. Observei os bordados em linha violeta que contornavam o decote e levantei os olhos para Vincent, surpresa com minha conclusão. – Sim... era de minha mãe. E, se não se importar, pode ficar com ele.

Eu arfei, surpresa e honrada.

– Adoraria. Obrigada. – falei com emoção, entendendo o quanto aquele vestido deveria significar para ele.

Vincent beijou minha testa e, com algumas peças de roupa nas mãos, caminhou sozinho, desaparecendo pela porta à frente da cama. Logo depois, ouvi barulho de água. Queria segui-lo... para ajudar, claro. E para me limpar também. Mas, sabendo do seu estado por baixo da manta, não era um bom momento para testar meu autocontrole. Ou o *dele*. Parei ao lado da cama, segurando o vestido enquanto girava o anel em meu dedo. Perdida em meus pensamentos descontrolados senti minha respiração acelerar.

Com movimentos ágeis, tirei meu vestido, deixando-o sobre a cama e deslizei o veludo macio pelo corpo. O vestido de Christine era realmente lindo! Com pesar, voltei os olhos para o que restava do vestido de Rose... e me acalmei ao imaginar que minha amiga estaria desfrutando da sublime felicidade para se preocupar com isso. E isso levou a uma lembrança muito desconfortável, que contorceu meu rosto... Eu precisaria contar a Vincent sobre o beijo em Arthur. O problema era... como?

Girei pelo quarto, aflita, e parei diante da cama, mais uma vez. Eu

deveria deixar isso para depois, estava incerta sobre sua reação e, se ele se alterasse, poderia piorar os ferimentos. Somando a covardia à culpa, o pensamento tornou-se impiedoso. A ideia de omitir o fato foi tentadora, mas tornaria minha vida um martírio todas as vezes que encarasse os olhos turquesa. Além disso, havia aprendido minha lição sobre a omissão e não pretendia repetir o episódio da casa de vidro. Suspirei longamente, tomando minha decisão enquanto apertava as mãos até que as unhas machucassem minha palma... Por pior que fosse a notícia, não esconderia mais nada de Vincent. Nunca mais.

Enquanto limpava o rosto, da melhor maneira que podia, Vincent voltou. Os cabelos molhados... vestindo uma calça preta, ainda descalço e com o fabuloso peito à mostra. Ele comprimia uma peça de roupa na cintura e, pela expressão sofrível, estava tentando estancar o sangue. E, se sobrepondo a dor, seu rosto ganhou um olhar contemplativo.

– Você está linda, Melissa, como uma maga da tradição.

O olhar turquesa penetrante amoleceu meus ossos, dissipando qualquer pensamento urgente.

Com um sorriso encabulado, adiantei-me para ajudá-lo, puxando-o até a cama para ter melhor acesso ao seu ferimento. Afastando suas mãos, tomei a camisa enrolada e, com movimentos cuidadosos, apertei os cortes. Minutos silenciosos se passaram nessa tarefa, até que o ar começou a ficar escasso entre nós. Minha respiração vinha com dificuldade conforme Vincent se movia para mais perto, vagarosamente. Suas mãos detiveram as minhas e levantei meu olhar até os oceanos turquesa, que brilhavam... hipnóticos.

Ironicamente, o rosto fascinante pareceu inseguro.

– Desculpe por não explicar sobre o Pacto de Futuro. Eu estava tão... ansioso, queria planejar tudo, e acabei esquecendo de um detalhe óbvio. Você não pertencia ao meu mundo. Ainda. – Vincent segurou meu rosto com uma das mãos enquanto a outra segurava a mão do anel. – Em meu mundo – ele se interrompeu, fitando-me longamente, de cima a baixo –, que agora também é seu, o Pacto de Futuro representa a união definitiva entre um homem e uma mulher. Ele lhe dá o título de consorte, a companheira de mesmo destino. A cerimônia é pessoal, particular... Anunciá-la ou comemorá-la é apenas um complemento. Opcional.

Vincent sustentou meu olhar, em seu rosto brilhava o olhar intenso, o turquesa penetrante, que congelava o fundo do meu estômago. Engoli em seco, buscando o ar que escapuliu com dificuldade.

– Eu... Eu entendi o que o título de *consorte* representa – falei com dificuldade, sentindo o rosto corar. – E o Conselho o aceitou mesmo depois que você... – segurei a palavra na boca e continuei, presa nos oceanos turquesa. – Por

causa do título, pediram minha autorização para nomear Armand o curador de seus bens, e foi por aceitar o título que seu espelho me reconheceu como parte de sua família. O pacto... naquela manhã... ele foi... – eu gaguejei – como nosso *casamento*.

O glorioso sorriso afirmativo fez meu corpo adormecer em uma onda de nervosismo e deslumbramento. Vincent desceu um carinho por meu rosto e levantou a mão do meu anel para beijá-lo demoradamente, os oceanos turquesa fixos nos meus.

– Esse é um termo do Mundo Físico. Mas, sim, para o Mundo Mágico estamos casados. – ele disse em meus dedos, fazendo-me estremecer. Minha respiração acelerou mais uma vez, respondendo ao desejo que se tornava cada vez mais claro em seus olhos. Com uma longa inspiração, Vincent abaixou minha mão. – Mas, como antes, tenho planos de anunciar nossa união para seu mundo também. Eu havia marcado um encontro com George naquele dia... E acho que ele ficou muito decepcionado com minha ausência – ele espremeu os olhos, duvidoso. Mordi o lábio... ele nem imaginava o quanto. Concentrando-se novamente, Vincent prendeu meu olhar, a voz grave tomando um tom sério. – E agora, eu entendo... faltou uma coisa. Não sei ao certo como fazem isso no seu mundo, mas vou tentar improvisar da melhor maneira que puder.

Os olhos turquesa se aproximaram e Vincent se esticou para beijar minha testa. Sem soltar minha mão, ele se abaixou, vagorosamente, colocando um dos joelhos no chão. Entendendo seu gesto, meu coração parou. Vincent apertou minha mão nas dele enquanto os oceanos turquesa arrebatavam minha alma.

– Melissa, você aceita viver seu futuro ao meu lado, dividir minha sorte, meu destino, ter o poder sobre meu coração, como minha companheira... minha consorte. Aceita se casar comigo?

O sussurro grave deixava transparecer a emoção de cada palavra e o melhor de tudo, entendi o significado de cada uma delas.

Por longos segundos, fiquei presa na intensidade daquele olhar. Nele vi, com clareza, o temível mago das sombras; o homem instável que buscava fazer as escolhas certas; o garoto revoltado, que sentia medo... e todos eram um. Aquele diante de mim, que aprendeu a amar. Mergulhando nos oceanos cristalinos, meu coração aqueceu, e seu calor abrasador tomou meu corpo. Eu não tinha dúvidas nem medo. Só uma certeza: queria estar com Vincent pelo resto dos meus dias. Jamais o abandonaria. A coragem me dominou com algum tipo de força sobre-humana e já não importava quando, não queria saber onde, nem como. Só queria estar ao lado do homem que amava. Para sempre.

Tentei sorrir, mas sabia que estava chorando e, tentando falar, engasguei com uma palavra simples. Que oferecia tudo o que tinha ao homem à minha

frente. Meu coração.

– Sim.

Um sorriso amplo reluziu no rosto do mago das sombras, e Vincent levantou-se com agilidade... provavelmente abrindo seus cortes.

Colando os lábios nos meus, ele me girou, apoiando-me na cama. Minhas mãos contornavam seus músculos e eu o trazia para mais perto... Era nosso momento. Finalmente, nosso momento! E como era bom me perder em seus braços e esquecer de tudo. Mas... eu deveria esquecer de tudo? Minha cabeça começou a ficar barulhenta. Algo perturbador tomou meu momento como um ladrão inescrupuloso, martirizando-me exatamente como havia previsto. E, de repente, me dei conta de que o beijo em Arthur aconteceu depois do Pacto de Futuro... Oh.

Concentrado em um beijo poderoso, Vincent laçou minhas pernas para me aconchegar em seu colo. Perdida no calor de seu abraço e envolvida pela força de suas mãos, ouvi uma parte do meu cérebro que dizia que esse era nosso momento, nele não havia passado, nem futuro. Apenas nosso merecido presente. E que deveria apenas me entregar ao amor que queimava nossos corpos... fazê-lo feliz. Mas o outro lado gritou alto, dizendo que Vincent não seria feliz sem minha honestidade. Afinal, acabara de lhe entregar meu coração.

Com um gesto que precisou de toda minha força de vontade, apoiei minhas mãos em seu pescoço, tentando me afastar... mas seus braços me detiveram. Suas mãos corriam meu corpo e seu perfume estava por todos os lados, eu estava atordoada. Lábios quentes deslizavam por minha pele, explorando, testando... arrebatando meus sentidos, fazendo-me esquecer de qualquer urgência. Senti seus dedos abrindo caminho entre os botões do meu vestido, e tentei me lembrar de algo importante. Mas... O que era mesmo? Seus lábios se encaixaram perfeitamente nos meus e não tive alternativa a não ser retribuir esse beijo. Outros beijos desceram por minha pele, da curva da orelha até o decote aberto e arfei... atormentada.

E, com tristeza, entendi que esse sentimento era a única coisa que iria recordar dessa noite.

Vincent voltou os lábios para meu pescoço, mas desta vez eu segurei seu rosto, afastando-o para encontrar seus olhos.

– Vincent... Espere... eu preciso contar uma coisa. Quero estar inteira aqui... porque não há meio futuro – eu falava com dificuldade, ofegante e Vincent sustentou meus olhos, confuso. Tentei escapulir de seus braços, mas ele não deixou. Os faiscantes oceanos cristalinos brilhavam com uma nova dor, implorando, e meu coração se despedaçou, mas precisava resistir. – Preciso lhe contar uma coisa que aconteceu enquanto você estava na Dimensão das

Sombras... e isso não pode esperar – falei de uma vez, depois precisei parar para recuperar o fôlego, ou minha coragem. Ele avaliou minha afobação e, controlando a própria respiração, olhou-me com cautela, preparando o olhar reprovador. Nervosa, parei com a boca aberta, sem conseguir continuar... Segurando o ar nos pulmões, abaixei os olhos, enquanto as palavras escapuliam... sem volta. – Eu beijei o Arthur.

Senti os músculos de seus braços enrijecerem ao meu redor, e o silêncio que acompanhava a respiração pesada foi pior que qualquer xingamento. Levantei os olhos, envergonhada, culpada, temerosa... e a decepção que encontrei nos oceanos violeta foi pior que qualquer uma destas coisas.

– Não me olhe assim, Vincent. Eu... eu sei que foi uma burrada sem tamanho, mas naquele momento estava triste, confusa... só queria que aquela dor que eu arrastava me deixasse por um único instante – levantei as mãos de seu peito, jogando-as para o alto. – Estava lutando com uma fagulha de esperança... E quase acreditei que você estava morto!

Vincent fechou os olhos e senti suas mãos se apertando em nós em minhas costas. Ele respirava pesadamente, buscando o ar, como se, de repente, ele estivesse escasso ao seu redor.

– Foi só o... – a voz grave era quase inaudível – beijo? Ou vocês...

– Claro que não! – exasperei apressada, quase ofendida, e senti suas mãos relaxarem em minhas costas. Mesmo assim, precisava esclarecer – Foi só um beijo. Talvez dois...– suspirei ao ouvir seu gemido e, por pior que isso fosse, senti a dignidade voltar ao meu coração. – Eu sinto muito por magoar você, mas graças a esse beijo Arthur entendeu que as coisas não são assim para nós. Ele e Rose estão felizes agora. E, se quer saber, não me arrependo, por eles – falei baixo, mas Vincent abriu os olhos violeta, e eles fulminavam meu rosto. Desta vez, estreitei os meus. – Você também fez coisas que me magoaram, Vincent... como me pedir em casamento sem eu saber, ou me deixar acreditar que estava morto! – eu cruzei os braços em seu colo. – E nunca vou esquecer que você foi despedido por uma “Demônio das Sombras”! – falei na pior versão do meu mau gênio.

Minha irritação venceu a máscara do mago das sombras que quase sorriu, quase. Ele continuou me fitando em silêncio, depois ajeitou meus cabelos e me pegou em seus braços para me sentar na cama, ao seu lado. Eu o fitava, devastada. Sabia o que seu gesto significava e antes que meu tormento se transformasse em palavras, Vincent levou uma mão aos meus lábios.

– Sei que fiz uma *burrada* ao escolher ficar longe. Mas sempre soube que meu maior erro foi deixar *ele* fazer você feliz. Eu deveria fazer isso. Não ele.

Eu suspirei longamente, concentrando-me.

– Vincent... Eu só sou feliz ao seu lado. Por isso escolhi me casar com você, para ser feliz o resto da minha vida. – Desci meus dedos com um carinho lento por seu rosto. – Por isso prometi a você meu último beijo.

Vincent levantou os lábios no canto, deliciando-se com a sinceridade da minha declaração. Mas seu sorriso se desmanchou rapidamente com a compreensão de um detalhe. Ele estreitou os olhos por um instante, depois, com uma expressão incrédula os arregalou, e eles ferviam nas águas violeta.

– Não me diga que esse tal Arthur tem seu primeiro beijo – rosnou, elevando a poderosa voz grave.

Fiquei em silêncio... afinal, ele me pediu para não dizer. Vincent se levantou da cama abruptamente, levando a mão para o ferimento com um grunhido de dor.

– Eu odeio esse sujeito! Já deveria ter me livrado dele!

Eu me levantei atrás dele, ajeitando os botões abertos.

– Isso é passado, Vincent... Arthur está com Rose agora, os dois finalmente se entenderam. Você pode não gostar dele, mas minha amiga merece ser feliz. Não vou admitir que faça algo contra eles. Nunca!

Vincent encontrou meu rosto decidido e bufou com outro grunhido. Depois, escorregou uma das mãos pelos cabelos enquanto soltava os ombros e o ar, controlando-se.

– É melhor irmos logo. Você não imagina como quero anunciar esse casamento agora. Para não restar dúvidas que... *você é minha*.

Vincent procurou mais uma camisa no guarda-roupa de seus pais e a vestiu com cuidado, mas uma mancha tímida de sangue logo ficou evidente no tecido. Franzi os olhos, preocupada, seu esforço não estava ajudando... E soltei o ar, culpada, meu incentivo também não. Ele me levou pela mão até o quarto vizinho, ele era menor, sem portas extras ou janelas. No meio do cômodo havia um tecido pesado cobrindo algo volumoso... O portal. Ajudei o mago a descobrir o elevado de pedra em formato circular, fitando-o amargurada. E já não sabia se estava feliz ou triste por não ter perdido todas as rédeas de controle naquela noite. Vincent jogou o tecido pesado para o canto, espiando-me com a mesma expressão torturada. Nossos pensamentos andavam em sincronia, e sabia que ele estava no mesmo dilema agora. Com um suspiro, ele desviou os olhos, avaliando o estado do portal, e estendeu a mão sem olhar diretamente para meu rosto.

– Pronta para ir.

Eu sabia que isso era um comunicado, mas desejei que fosse uma pergunta.

– Você quer ficar?

Vincent não respondeu, tomou minha mão na dele, levantando-a até os

lábios e beijou-a demoradamente. Sua devoção agitou *muitas* borboletas em meu estômago. Quando encontrei seu olhar penetrante, meus joelhos tremeram.

– Quero. Mais que tudo. Mas, antes, vou esclarecer algumas coisas – ele inclinou a cabeça, descendo o olhar até meu decote, os oceanos turquesa borbulhando com o desejo contido. – E quero esclarecê-las o mais rápido possível.

Com um movimento esforçado, ele subiu no elevado de pedra, puxando-me com ele. Vincent me segurou pela cintura e endireitou o corpo. Fechando os olhos concentrou-se ao máximo para falar com a voz firme:

– *Path of Von Berg.*

Epílogo

Retorno

Um calor brando formigou meu corpo por um segundo, enquanto um barulho conhecido crepitava ao nosso redor. A chama rosa subiu da pedra rapidamente e não vi mais nada, a claridade era tão forte que precisei fechar meus olhos. Senti a mão de Vincent apertar minha cintura e a viagem levou o tempo de três batidas do meu coração. O calor suave formigou meu corpo mais uma vez, descendo até a pedra com o mesmo som de fogo consumindo pólvora... quando a claridade diminuiu em minhas pálpebras fechadas, abri os olhos... e lá estava minha nova família.

Rostos atordoados nos encaravam, sem piscar, e um segundo foi necessário para que eles entendessem que nós não éramos uma miragem. Ou fantasmas.

Enquanto Vincent descia do elevado de pedra, corri meus olhos pelas figuras mais próximas... Os elfos continuavam estáticos. Alex e Viviana, Félix e Anasor, um ao lado do outro... luz, força e escuridão. Todos com a mesma expressão incrédula. Depois, encontrei o olhar negro da sereia, que esboçava uma expressão aliviada. Por fim, parei nos magos. Armand parecia um boneco de cera, os olhos congelados em Vincent... duvidando do que via. Até Nicolau pareceu desacreditado e deixou cair alguns mapas de suas mãos, entregando a intensidade de sua surpresa. E, finalmente, Aristela. Fixei meu olhar no dela e forcei um pensamento claro: *Sempre há esperança*.

Respondendo meu pensamento com um sorriso, ela foi a primeira a romper a barreira do choque. Soltando-se do apoio de Lume, a maga correu ao encontro de seu *filho*, envolvendo-o em seus braços sem esconder a emoção.

– *Mon fils!*

Seu choro aliviado era comovente, assim como seus gestos que acarinhavam o rosto do mago das sombras, revezando-se em uma sequência de abraços ansiosos. Ela apertava o filho, e Vincent pareceu sufocar, e isso era curioso, já que ele era muito maior que os braços de sua tutora.

– Estou bem, Aristela e, com certeza, estou vivo. – Vincent disse suavemente, acalmando-a em voz alta, o rosto escondendo a dor do aperto.

Ouvir sua voz, provavelmente, comprovou que ele não era uma miragem, e os outros finalmente se aproximaram. Sorrisos exultantes se misturavam com exclamações aliviadas e, depois de uma sequência de abraços, Vincent não resistiu e soltou o primeiro gemido.

Alex imediatamente avaliou o ferimento e Armand o colocou sentado em uma das poltronas, enquanto o elfo de luz desaparecia por uma das portas. Alex retornou em um piscar de olhos, com faixas, emplastros e vidros de elixires mágicos. Enquanto ele e Lume trabalhavam em um curativo decente, Viviana derramava uma sequência de líquidos espessos em uma taça. A mistura não tinha um cheiro nem uma cor apetitosa, mas Vincent entornou até a última gota sem reclamar. Ele parecia apenas incomodado com o olhar assustado de Lume, mas o suportou, assim como o aperto dos curativos de Alex. Depois de alguns minutos de cuidados essenciais, ele se aprumou na poltrona, oferecendo aos rostos atônitos a explicação sobre sua milagrosa sobrevivência.

Com a voz desgastada pelo esforço, Vincent começou o relato de como deixamos a casa do Demônio das Sombras... aparentemente, sem mais sequelas. Assistindo à aflição no rosto de Armand ao ouvir o nome de Dalilah, o mago das sombras estendeu a mão até o ombro do amigo, sem interromper o monólogo. Não segurei o suspiro pesaroso.

Na primeira pausa, Nicolau e Félix assolaram o mago das sombras com uma sequência de perguntas, e intervim, completando detalhes como a misteriosa generosidade de Ludwig e sua confissão dos crimes na montanha. A conversa com Victor e a chegada inesperada do elfo das sombras na hora de nossa partida mereceu detalhes, dos dois lados... Confesso que em alguns momentos achei que Vincent iria explodir, mas até que ele aguentou bem as recordações.

Anasor se aproximou durante o relato da luta com Hector, mais incomodado do que aturdido. Já Ayla se surpreendeu com minha tentativa de enfrentá-lo. Os olhos negros da sereia estavam admiravelmente arregalados, e isso indicava que finalmente ganhei seu respeito. Ela completou nossas lacunas e, apontando para minha bolsa, esquecida em uma das poltronas, explicou que os *tickets* da viagem convenceram Nicolau de que eu estava realmente na Holanda, perdida em um antigo portal para a Dimensão das Sombras. E informou que minutos antes eles estavam reunindo contingente para uma viagem de resgate.

Neste momento, precisei interrompê-la para formalizar meu agradecimento.

– Ayla... Eu... Agradeço tudo o que fez por nós. Mas, principalmente, agradeço o que fez por mim. Obrigada. – Estiquei-me rapidamente em sua direção, pois sabia que ela se afastaria se percebesse minha intenção. Surpreendendo-me, mais uma vez, a sereia ficou constrangida com meu abraço, mas não se afastou.

Vincent observou nossa cumplicidade com os olhos espremidos, entendendo *onde* consegui minha misteriosa ajuda. Eu me afastei da sereia

cruzando seu olhar com uma potente expressão reprovadora, não era hora para sua fúria superprotetora. Continuando as explicações, comuniquei à família da montanha que receberíamos a visita iminente do Demônio das Sombras. E, percebendo o silêncio incrédulo – na verdade, temeroso – dominar a sala, informei sua promessa de depor em favor de Vincent, contando detalhes ao Conselho sobre o envolvimento de Ludwig em seu desaparecimento.

Quando o silêncio perdurou, com algumas arfadas, entendi que a notícia não ajudou. Franzi os olhos para as expressões aflitas... Eu era a única aliviada por ter a amizade do Demônio das Sombras?

– Melissa... Você tem certeza disso? – Nicolau duvidou, a voz potente pronunciando as palavras de forma precisa. – O Demônio das Sombras não é o tipo de ser que se presta a favores... não sem uma *grande* recompensa.

Vincent soltou o ar sonoramente. Olhando-me com a costumeira expressão reprovadora, levantou-se com mais um suspiro. Desta vez, impotente.

– Sim, Nicolau. Eu tentei avisá-la disso... Entretanto, ele não requereu nenhum pagamento. Até o momento. – Rostos se curvaram, trocando olhares ainda mais questionadores. – Eu sei, parece inacreditável, mas ela conseguiu uma promessa do Demônio das Sombras. E ele virá à montanha para uma declaração ao Conselho assim que receber meu aviso. Esta é nossa única chance de acusar Ludwig e acabar de uma vez com sua farsa.

Nicolau deu alguns passos ao redor de uma cadeira, muito agitado, e apontando para os elfos, falou apressado:

– Temos de elaborar nosso depoimento sobre o retorno de Vincent... – ele parou um tanto confuso, girando o dedo esticado para a sala. – Arrumar uma forma de explicar “tudo isso”... – e, abaixando a mão, encontrou meu olhar. O mago robusto engoliu em seco. – E avisar o Conselho da chegada do Demônio das Sombras.

Vincent deu um passo em sua direção, apoiando uma das mãos no curativo, enquanto a outra apertava o ombro do mago preocupado.

– Os elfos podem cuidar disso, Nicolau, preciso de sua ajuda para outra coisa... muito mais urgente. – Vincent estendeu a mão para Aristela, que veio ao seu encontro rapidamente. Ele sorriu, voltando os olhos para Nicolau. – Vamos anunciar o Pacto de Futuro ao Mundo Mágico... e nosso “casamento” ao Mundo Físico. – Vincent fixou os potentes olhos turquesa nos meus, e a intensidade deles me fez corar. Aumentando seu sorriso, ele continuou. – E quero fazer isso o quanto antes.

Vi muitos rostos animados com a notícia, apenas um se desviou para o chão... e mesmo agradecida pela ajuda da sereia, não permiti que sua relutância em aceitar nossa união diminuísse a felicidade que compartilhávamos com a

família. Aristela foi a primeira a me abraçar, seguida de Viviana e Lume, que não pareceu tão animada. Elas falavam todas juntas, fazendo planos, e o zunido das vozes ao meu redor concordava em uma coisa... a comemoração seria algo grandioso. Já estava atordoada, e um tanto aflita, quando uma voz decidida me retirou do burburinho.

– Ei... ei... Não vamos exagerar – eu sorri para Vincent, agradecida pela intervenção. Com um carinho em meu rosto, ele devolveu meu sorriso. – Queremos algo discreto, temos de lembrar que isso será compartilhado com pessoas comuns do Mundo Físico – eu afirmei, aliviada pela sua percepção do que eu imaginava como comemoração. Vincent piscou para mim e levantou o rosto, recrutando as organizadoras, fez sua exigência. – O anúncio deve acontecer em, no máximo, três dias, e o Demônio das Sombras será nosso convidado. Portanto, precisamos de um isolamento mágico.

Aristela quase engasgou, a alegria se transformando em aflição.

– *Mon Dieu!* Já era ruim tê-lo na Terra da Luz, diante do Conselho... Mas, pelos portais mágicos... Vincent! Como pôde convidá-lo para sua comemoração?

Amparei a maga de longos cabelos acinzentados com delicadeza.

– Aristela, foi preciso... O convite foi a forma de convencê-lo a vir até aqui para depor em favor de Vincent.

Nicolau se aproximou. Contornando os elfos chocados.

– Eu sabia que o Demônio das Sombras não faria algo assim sem um interesse maior.

– Por enquanto, ele se contentou em participar da comemoração, Nicolau – Vincent se remexeu ao meu lado, correndo os olhos pelos rostos que o julgavam. – Mas sei que isso pode ser um truque. Por isso preciso de você, depois nos entendemos com o Conselho, quando chegar a hora. Mas agora é essencial cuidarmos da segurança da montanha e das pessoas comuns que estiverem ao nosso redor.

Nicolau balançou a cabeça, e seu movimento foi repetido por Aristela.

– Controlá-lo é impossível, Vincent. Você sabe disso. – O mago robusto procurou o apoio de uma poltrona. Reclinando-se no encosto, tombou a cabeça... subitamente cansado. – Perante o Conselho, ele, provavelmente, honraria suas alianças, mas nem isso é certo... e esse é o problema. Nada é certo ou previsível em se tratando do Demônio das Sombras.

Eu contornei Aristela e Viviana, aproximando-me de Nicolau para confortá-lo.

– Victor demonstrou sua simpatia por nós, não acho que ele vai criar problemas.

Nicolau se desencostou da poltrona com a boca aberta enquanto murmúrios ecoaram pela sala. Em um piscar de olhos, Aristela estava ao meu lado.

– *Mon cher...* Como sabe o nome dele?

Ouvi um suspiro impotente atrás de mim, provavelmente do mago das sombras.

– Ele me disse.

– Pelas profundezas de Nereu... GAROTA, você não tem ideia de onde se meteu, não é? – a voz exaltada da sereia veio ao meu encontro, e me virei para encontrar seus olhos negros, censurando-me duramente. E eles não eram os únicos.

Félix deixou o grupo de elfos aturdidos e, caminhando com passos firmes, parou no meio da sala ao lado de Ayla. Seu olhar flamejante conteve a promissora enxurrada de críticas da sereia.

– O que está feito está feito. O importante é que teremos uma prova contra Ludwig e poderemos, finalmente, puni-lo pelos crimes que cometeu na montanha – o elfo de fogo soltou o ar, decidido. – O mago das sombras está certo, precisamos nos preparar – seu tom me surpreendeu, principalmente porque ele não usou de desprezo ao se referir a Vincent. – Nicolau, deixe o Conselho comigo. Você precisa dar a ordem para reunir os guardiões dos jardins, do Portal das Sombras e das Águas Profundas também... Temos de unir todos e criar o bloqueio mágico o quanto antes!

Nicolau assentiu, tomando ânimo. O mago robusto deu um breve tapinha nas costas de Vincent e foi ao encontro de Armand, que ainda parecia abalado. Alex e Anasor se uniram a Félix, trocando murmúrios baixos, os elfos elaboravam outros afazeres, enquanto Aristela e Viviana arrastaram Lume na direção de Ayla. Todos na sala pareciam subitamente ocupados, esquecendo-se momentaneamente de um par de olhos turquesa, que me fitavam, contemplativos.

– Acho que criamos uma confusão sem fim – murmurei encabulada.

Vincent chegou mais perto, esticando o braço para um carinho lento em meus cabelos.

– Eles são bons em resolver confusões, não se preocupe.

Eu já ia retribuir seu carinho, mas o grupo de organizadoras chegou por suas costas... duas elfos, uma maga e a sereia nada feliz.

– Acho que conseguiremos fazer o *impossível* em três dias – Aristela comunicou convicta –, mas precisamos saber onde vocês desejam fazer a comemoração do Pacto de Futuro.

A maga falou no plural, mas seu rosto estava voltado para mim. Vincent

entrelaçou os dedos nos meus, buscando meu rosto também e entendi que a decisão era minha... Por essa não esperava. Mordi o lábio, tentando buscar a coerência que o assunto pedia, afinal, teríamos de reunir convidados muito peculiares. E descobri que esta era uma tarefa impossível, simplesmente porque não me sobrava autocontrole para isso. Por Deus! Eu dormi em um avião, atravessei um portal na Holanda, resgatei o amor da minha vida na Dimensão das Sombras e estava convidando um Demônio para minha festa de casamento horas atrás! Sem contar que acabara de ouvir meu pedido oficial de casamento – pelo menos o que eu compreendi –, e ele iria se realizar em três dias. Três dias! *Era MUITA pressão!* Como poderia decidir em segundos *onde* iria me casar?

Perdi momentaneamente o equilíbrio e esmaguei os dedos de Vincent. Ele entendeu o recado.

– Acho que podemos decidir isso mais tarde – disse, enquanto libertava seus dedos de minha mão, e segurando-me pelo braço puxou-me para o calor de seu peito. Eu respirei profundamente sem o menor constrangimento, precisava de um pouco de *Vincent* para me acalmar ou teria um colapso! Ele beijou meus cabelos e falou manso. – Preciso levar Melissa para casa agora. Temos de começar *outros* preparativos – informou, afastando-me com outro carinho.

Seu cuidado não mascarou a apreensão em seus olhos... E sabia do que ele estava falando: George! Lembrar disso não ajudou. Vincent tentou sorrir, mas eu tinha ideia do que iríamos enfrentar. Os rostos mais próximos afirmavam com veemência, ansiosos e preocupados. Quanto a mim... O que eu poderia fazer para não piorar a profecia do caos? Com um impulso urgente, procurei o rosto furta-cor.

– Ayla – chamei ansiosa e a sereia despontou atrás de Viviana com uma expressão de poucos amigos –, há quanto tempo entrei naquele portal na Holanda?

A sereia rebolou ao meu encontro... a esta altura já havia compreendido que seus movimentos sensuais eram *praticamente* incondicionais.

– Dois dias, completos esta noite.

– Sei que George não vai aceitar isso com tranquilidade, Melissa, ainda mais se levarmos em conta sua antipatia por mim... ou o tempo que se passou com minha ausência. Mas você é maior de idade. Ele não pode impedir nossa decisão – a voz grave argumentou firme.

Sabia que meu avô não iria gostar da novidade, ainda mais com o anúncio de um casamento relâmpago. E imaginei que isso só iria aumentar os boatos sobre minha gravidez... mas não era por isso que estava nervosa. George me amava e, mesmo a contragosto, ele ficaria feliz se eu estivesse feliz. E eu estava. A questão aqui era evitar um encontro indesejado. Pelos meus cálculos,

minha aventura na Dimensão das Sombras me trouxe para casa antes de Arthur e Rose e, por mais que quisesse dividir minha alegria com meus amigos, não queria complicar ainda mais a noite que prometia ser... *muito complicada*.

Apoiando os braços sobre meus ombros, Vincent me conduziu até o corredor, e a movimentação na sala do portal aconteceu logo depois. Enquanto Lume providenciava uma camisa limpa e sapatos para Vincent, magos me acompanharam até a sala do piano. Fomos seguidos pelos elfos, que se enfileiravam a caminho de seus reinos com a missão de espalhar as surpreendentes notícias. Em minutos, Vincent reapareceu. Vestido e calçado. Ele tomou minha mão e caminhamos sem demora pelo hall de pedra. Do lado de fora, ele parou. Enquanto eu me despedia da minha nova família, Vincent girava o pescoço de um lado para o outro.

Confuso, voltou-se para Armand.

– Onde está o SUV?

O silêncio ecoou até o pátio de cascalho.

Olhos se voltaram para mim e procurei auxílio na careta impotente de Armand, depois no rosto preocupado de Aristela... E entendi que, mesmo sendo minha família, nenhum deles poderia me ajudar agora.

– Ah... Vincent – chamei temerosa.

O mago das sombras virou com a expressão desconfiada e, entendendo meu desolamento, empertigou-se. Mudando de postura rapidamente, Vincent deu um passo em minha direção, olhando-me com o potente olhar aniquilador.

– Melissa... O que você fez com o BMW?

Mordi o lábio, procurando uma forma de dar a notícia sem enfurecê-lo. Mas isso parecia impossível. Endireitando os ombros, Vincent fechou as mãos em punho, aguardando que eu continuasse.

– Desculpe, mas ela me trazia muitas recordações e... – parei, incapaz de continuar.

– Eu não acredito! – ele jogou as mãos no ar, voltando-se para Armand. – Como pôde fazer isso, Armand? Como pôde dar ouvidos a ela?

Armand levantou os ombros, esquivando-se da responsabilidade.

– Ei... Foi você que a nomeou consorte, não eu.

Vincent rangeu os dentes com um grunhido em alemão. Focando o olhar furioso em meu rosto, agarrou meu pulso. E, caminhando apressado, voltou para o palacete... Deixando nossa família para trás.

Com mais um grunhido, ele cruzou a sala da lareira, abrindo uma das muitas portas que se enfileiravam ao fim dela. Ouvi Nicolau dizer algo do hall, mas não pareceu importante para atrair a atenção do mago enfurecido. Abraçando minha cintura, Vincent deu um passo para a escuridão, ao mesmo

tempo que me trazia ao encontro de seu peito. Imediatamente, mergulhamos na sombra gelada. O vento rodopiava veloz ao nosso redor... e tudo o que sentia era a respiração pesada do mago das sombras em meu ouvido. Antes que a viagem pela sombra terminasse, ele se acalmou.

Apertando as mãos em minhas costas, Vincent encostou os lábios em meu ouvido, subindo e descendo com uma carícia vagarosa... depois suspirou longamente.

– Sei que foi errado ter ficado longe por tanto tempo, mas destruir o BMW foi golpe baixo – a voz ronronada arrepiou minha nuca –, eu gostava daquele carro.

– Então... que isso sirva de lição. E nunca mais fique longe de mim – falei com um sussurro provocante.

Apoiando as mãos em sua nuca, eu o puxei para perto até que senti seus lábios roçar os meus. Sem hesitar, moldei meus lábios nos dele com um beijo delicado, que poderia durar a vida toda. Mas, quando o chão tocou meus pés, o reflexo me fez recuar. Tentei olhar em volta, para ver onde estava, mas Vincent levantou as mãos para segurar meu rosto. Os olhos turquesa brilhando contidos, dominando meu mundo.

– Nunca.

Seus lábios voltaram aos meus, com a intensidade do seu desejo, e fechei meus olhos. Estava em seus braços e este era o único lugar em que desejava estar.

Agradecimentos,

Mais uma vez, agradeço à minha pequena família, Luis André e Sophia, por aturar minha ausência com apoio e amor.

Meu amor e agradecimento à minha irmã, Rosana, por sua disposição em desbravar esse Mundo Mágico, fantástico, gigantesco e especial. É um prazer sonhar ao seu lado, te amo.

Ao querido Ronie, nosso consultor de magia, luta, modelo e entusiasta! Obrigada.

E meu MUITO OBRIGADA aos meus pais, João e Maria. A ele por ser meu exemplo de persistência e tornar-se meu paciente motorista. A ela pelas inúmeras fornadas de cookies... o carinho ao cuidar da minha casa e amor incondicional à minha ratinha.

Não tenho palavras para agradecer a dedicação de vocês. Amor sempre.

Deixo, também, meu agradecimento a TODAS as amigas do blog CamomilaRosa e Alecrim. O apoio de vocês foi e é muito importante para me manter nesta jornada. Guardo o carinho de cada uma em meu coração. *Beijos Nutellados!*

Por falar em coração... AGRADEÇO o entusiasmo dos meus queridos leitores, amigos e parceiros dos Blogs Literários. Foram “vocês” que me conquistaram e conquistam, a cada dia, com palavras, carinho e apoio. Acho que nunca poderei dimensionar o quanto sou grata. Essa energia construiu essa sequência, e este livro é para o divertimento de VOCÊS.

Espero, de coração, que a história de *Sombras da primavera* encante corações e traga muitas emoções!

Harmonia e bênçãos sobre *todos*, e assim seja!

Considero a música parte desta saga. Ainda me inspiro na potência vocal dos nossos queridos nacionais... principalmente no *folk* talentoso de Victor Chaves e Leo Chaves. Seus shows “energéticos” já se tornaram um ritual para mim e minha *Tata* (te amo, irmã)!

Mas algumas emoções são despertadas apenas com meu querido *rock*. E, para quem gosta, deixo uma *playlist* internacional que acompanha o ritmo de *Sombras da primavera*..

If Today was Your Last Day – Nickelback
Walking Far from Home – Iron & Wine
Pelican – Maccabees
Hands Open – Snow Patrol
Away in Silence – Creed
Heartbreak Warfare – John Mayer
Holding On To Heaven – Nickelback
Faceless Man – Creed
With Arms Wide Open – Creed
By the Time – Mika
Kings and Queens – 30 Seconds To Mars
One Last Breath – Creed
You Could Be Happy – Snow Patrol
Don't Cry – Guns N' Roses
Lullaby – Nickelback
Who Knew – Pink
Go – Boys Like Girls
Move Along – The All-American Rejects
Trying Not To Love You – Nickelback
You're All I Have – Snow Patrol
Closer To The Edge – 30 Seconds to Mars
Another Heart Calls ft. The Pierces – The All-American Rejects
Cosmic Love – Florence and The Machine
My Sacrifice – Creed
Breakin' – The All-American Rejects

O chocolate tem uma participação especial nesta saga e, como algumas receitas *necessitam* ser compartilhadas, deixo uma que animou minhas horas na frente do computador.

Cookies de Baunilha e Chocolate

2 xícaras (chá) de farinha de trigo

$\frac{3}{4}$ de xícara (chá) de açúcar mascavo

$\frac{3}{4}$ de xícara (chá) de açúcar cristal

2 ovos grandes

2 colheres (sopa) de margarina

1 colher (chá) de fermento em pó

1 colher (chá) de essência de baunilha

1 pitada de sal

1 (ou *mais**... muito *mais**) barra de chocolate meio amargo picada (180

g)

Preparo:

Misture todos os ingredientes até obter uma massa firme e homogênea. Por último, acrescente o chocolate picado e misture novamente. Com a ajuda de uma colher, coloque porções pequenas em um tabuleiro untado e enfarinhado. Asse em forno, temperatura média (180 °C), por 20 a 25 minutos.

Enjoy!

[\[KGRM1\]](#) Prefiro que o termo seja usado em inglês.

[\[KGRM2\]](#) Sendo uma carta, gostaria de destacar a letra em modo cursivo.

[\[KGRM3\]](#) Este trecho faz parte do diálogo, e o retomei, como antes.

Table of Contents

[SOMBRAS](#)

[Keila Gon](#)

[Copyright ©2016 de Keila Gon](#)

[Revisão: Mundo Uno Editora](#)

[Leonardo Da Vinci](#)

[Índice](#)

[PRÓLOGO](#)

[Escolhas difíceis](#)

[Jardim Vermelho](#)

[Febre do Dragão](#)

[Déjà-vu](#)

[Ex-amigo](#)

[Renegociação](#)

[Futuro](#)

[Escolta](#)

[Coragem](#)

[Visitas noturnas](#)

[Detalhes importantes](#)

[Família](#)

[Compromissos](#)

[Terra da Luz](#)

[Conselho da Tradição](#)

[Buraco negro](#)

[Herança](#)

[O presente](#)

[Aniversários](#)

[Pacto de Futuro](#)

[Esperança](#)

[Maldição](#)

[Sombras da Primavera](#)

[Ludwig](#)

[A Busca](#)

[Dimensão das Sombras](#)

[Acerto de contas](#)

[Epílogo](#)